

ISSN:2318-4817

ALTUS

REVISTA ACADÊMICA MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO

CIÊNCIA



v.2
n.2
jan. a dez.
2014

ALTUS CIÊNCIA

Revista Acadêmica Multidisciplinar
da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

H918

ALTUS CIÊNCIA -Revista Acadêmica Multidisciplinar da
Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP, ano 2. n 2. v.2. Jan a Dez.2014.
508p.
Anual

1.Ciências da Saúde 2.Ciências Sociais

ISSN 2318-4817

CDU: 3

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da FCJP

Estrutura Organizacional
Direção Geral:
Dr. Paulo Cesar de Sousa

Instituição de Ensino
Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

Diretorias

Direção de Projetos: Dr. Sandro Pereira de Carvalho

Direção Jurídica: Dr. Cláudio Márcio Pessoa Giansanti

Coordenação Acadêmica: Msc. Estanislau Gonçalves Jovtei

Direção de Clínicas: Dr. Paulo César Segundo de Sousa

Coordenação do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica:

Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

ALTUS CIÊNCIA

Revista Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP
ISSN 2318-4817

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

EDITORA RESPONSÁVEL

Profa. Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

CONSELHO EDITORIAL:

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento- UFRRJ

Profa. Dra. Anna Christina de Almeida -UFMG

Profa. Cléria Botelho da Costa- UnB

Profa. Dra. Cristina Pissetti- UFTM

Profa. Ms. Giselda Shirley da Silva - FCJP

Profa. Dra. Jeane Medeiros Silva -UFRN

Profa. Dra. Letícia Costa Rodrigues Vianna - Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

Prof. Dr. Luiz Síveres - Universidade Católica de Brasília – UCB

Prof. Dr. Marcelo Santiago Berriel- UFRRJ

Profa. Dra. Margareth Vetis Zaganelli-UFES

Prof. Ms. Vandeir José da Silva -FCJP

Profa. Dra. Vera Lúcia Caixeta - UFT

Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo - UFU/FACED

REVISÃO FINAL:

Cristiane Maria Galvão

CAPA:

Marcelo Ferreira de Araújo

Projeto gráfico e Editoração eletrônica:

Gráfica Côrtes

Elielda Soares

Correspondências e artigos para a publicação deverão ser encaminhados a
ALTUS CIÊNCIA

Av. Zico Dornelas, 380 - Santa Cruz II - CEP 38770-000 - João Pinheiro/MG

Fone: (38) 3561-3900 - E-mail: altuscienca.fcjp@gmail.com

CONSULTORES AD DOC

Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro- UFMA

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior –UnB

Prof. Dr. Carlos Roberto de Oliveira- Unesp

Prof. Dr. Frederico Alexandre Hecker –Mackenzie/ Unesp

Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira- UnB

Prof. Dra. Vanessa Maria Brasil – UnB

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
EDITORIAL	13
CADERNO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	19
PREVALÊNCIA DE ENTEROPARASIToses NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO-MG	21
Karenyne Thácylla de Paiva Oliveira	
ANÁLISE MICROBIOLÓGICA EM AMOSTRAS DE LEITE <i>IN NATURA</i> DO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO-MG	33
Marcelo Aguiar Ferreira	
A IMPORTÂNCIA DAS ORIENTAÇÕES E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM QUANTO AS CONSULTAS PRÉ-NATAL PARA AS GESTANTES ACOMPANHADAS EM UM PSF DE JOÃO PINHEIRO (MG)	49
Mariane Camila Alves de Souza Cristiana Mourão da Fonseca Aline Evangelista de Almeida	
QUALIDADE DE VIDA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL MUNICIPAL NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO - MG	75
Maria Inês Flausino Sabino da Silva Cristiana Mourão Fonseca	
RECURSOS EM FISIOTERAPIA RESPIRATÓRIA - TAPOTAGEM, VIBROCOMPRESSÃO E DRENAGEM POSTURAL: TRATAMENTO DE PACIENTES PEDIÁTRICOS COM PNEUMONIA EM UM HOSPITAL NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO (MG)	95
Ariane Santos Lucas Vânea Fidelis Nascimento Gonçalves	

IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA ERGONÔMICO COM ÊNFASE NA GINÁSTICA LABORAL EM UMA EMPRESA DE SILVICULTURA	119
Eliana da C. M. Vinha	
GENÉTICA MOLECULAR DO CÂNCER.	135
Cristiana da Costa Luciano	
CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS	149
ANÁLISE SOBRE OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DO PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO: UM ESTUDO DE CASO NA EMPRESA FERROJOP FERRO E AÇO	151
Jéssica Noely Mendes Luiz	
Renata Suzelli Souza Gonçalves	
USO DO MARKUP COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO ESTRATÉGICA DO PREÇO DE VENDA: UM ESTUDO DE CASO DA EMPRESA ORIONE MAGAZINE	177
Luiz Orione Fernandes	
Unilson Gomes Soares	
A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA LIDERANÇA DA EMPRESA RACCO NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO-MG COMO FERRAMENTA DE ESTRATÉGIA	203
Núbia Lafaiete da Silva Amaral Fernandes	
Mírcia Adriana de Oliveira Melo	
PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL APLICADA NA CÂMARA MUNICIPAL DE JOÃO PINHEIRO-MG.	243
Osnir Martins Rodrigues	
A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.	261
Marilda de Souza Almeida	
Raquel Fernandes da Silva Batista	

SIGNIFICADOS E SIGNIFICANTES NA CONSTITUIÇÃO COGNITIVA DO ALUNO, DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA PRIVADA NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO	291
Maria Conceição Ferreira	
O PROCESSO (DES)MOTIVACIONAL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS COM ENSINO FUNDAMENTAL II/MÉDIO DA ZONA URBANA DE JOÃO PINHEIRO-MG NOS ANOS DE 2012 a 2013 NA AMBIÊNCIA EDUCACIONAL	325
Maria de Lourdes de A. Ferreira	
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NO CONTEXTO SOCIAL	361
Mônica Abadia Rodrigues Teixeira Saulo Gonçalves Pereira Daniela Cristina Silva Borges	
O PROCESSO DE CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DOS PROFESSORES DE ENSINO SUPERIOR	383
Rosângela Soares Braga Indelécio	
EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA.	407
Giselda Shirley da Silva Maria Célia da Silva Gonçalves	
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL IMATERIAL: IDENTIDADE/ALTERIDADE, NA ESCOLA SEBASTIÃO SIMÃO DE MELO 2013	439
Vandeir José da Silva	
POR UMA DEFINIÇÃO PEDAGÓGICA DE COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA	465
Marcelo Marques Araújo Rafael Duarte Oliveira Venancio	

CADERNO DE RESENHAS.	475
A BUROCRATIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS. ...	477
Resenhado por/Reviewed by: Rosa Jussara Bonfim da Silva	
CUIDAR DA VIDA, SAÚDE, EDUCAÇÃO: CONDIÇÃO PARA PROMOVER A SUSTENTABILIDADE E A CONTINUIDADE DA TERRA	489
Resenhado por/Reviewed by:	
Bárbara Donnária da Silva Gonçalves	
Maria Célia da Silva Gonçalves	
Maria Rita Ferreira Dias de Souza	
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO	505

APRESENTAÇÃO

A nossa instituição refletindo sobre a filosofia freiriana, acredita que não está aberta para ensinar as pessoas a se adaptarem ao mundo, mas transformá-lo, pois uma sociedade que tem mais acesso ao conhecimento, torna-se mais preparada para enfrentar as adversidades, com uma visão mais crítica e ao mesmo tempo mais humana. A princípio éramos, apenas um sonho, no entanto estamos consolidando nosso projeto institucional de transformação social de um município, de um estado e até mesmo do país. Nos doze anos de nossa existência plantamos a semente da possibilidade.

É possível plantar o sonho e fazer desse sonho uma realidade concreta, não mudando o homem, mas preparando-o para acreditar em seu potencial e tornando-o apto a transformar sua realidade, bem como a de seu entorno. Por isso instigamos nossos docentes e discentes à iniciação científica e conseqüentemente a publicação da revista **ALTUS CIÊNCIA**. Acreditamos que as reflexões compartilhadas por eles possam auxiliar os leitores da revista a participarem, a acreditarem que é possível melhorar sua visão de mundo, a qualidade de vida, o bem estar psicossocial, a convivência ética com o próximo, o que gera efetivamente mais compromisso com as transformações sociais de que nossa sociedade é tão carente.

Dr. Paulo Cesar de Sousa
Diretor Geral da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP

EDITORIAL

A continuidade de um projeto editorial é sempre motivo de alegria e orgulho para uma instituição, pois demonstra o seu compromisso como o ensino/pesquisa. Baseada nessa premissa orgulhosamente a Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) apresenta a toda a comunidade acadêmica e ao público geral o 2º número da revista ALTUS CIÊNCIA, composta por 19 artigos e 02 resenhas que buscam demonstrar o perfil de multidisciplinariedade e interdisciplinaridade da referida instituição.

A FCJP acredita que a interdisciplinaridade é a forma correta de se superar a fragmentação do saber instituída no currículo formal. Por meio desta visão ocorrem interações recíprocas entre as disciplinas. Estas geram a troca de dados, resultados, informações e métodos. Essa perspectiva transcende a justaposição das disciplinas, é na verdade um processo de coparticipação, reciprocidade, mutualidade, diálogo que caracterizam não somente as disciplinas, mas todos os envolvidos no processo educativo e para demonstrar essa prática pedagógica de seus cursos é que a instituição estabelece a liberdade de expressão dos autores como um dos norte da revista **ALTUS CIÊNCIA**.

Pelo fato da FCJP ser uma instituição que oferece cursos das áreas de ciências da saúde e das ciências sociais, optou-se por organizar a revista em três momentos: um **Caderno de Ciências Saúde**, um de **Ciência Sociais** e um de **Resenhas**.

O primeiro caderno, que abre este número, é o de **Ciências da Saúde** e está constituído de artigos que abordam as diversas ciências da referida área, para facilitar a leitura optou-se pela distribuição dos artigos em seções temáticas: **Biomedicina, Enfermagem e Fisioterapia**.

A primeira seção foi elaborada a partir de artigos oriundos da **Biomedicina** e está assim composta:

O primeiro artigo foi escrito pela biomédica **Karenyne Thácylla de Paiva Oliveira** e teve por objetivo avaliar a prevalência de parasitos intestinais em pacientes de um laboratório do município de João Pinheiro MG, por meio de exames coproparasitológicos.

O segundo artigo elaborado pelo biomédico **Marcelo Aguiar Ferreira** é um trabalho de cunho quali/quantitativo realizado no município

de João Pinheiro-MG- versa sob o leite in natura que por não ser industrializado e conservado de maneira correta traz em si a presença de microorganismos prejudiciais à saúde de quem o consome.

A segunda seção está constituída por dois artigos da **Enfermagem**, a saber:

As enfermeiras **Mariane Camila Alves de Souza, Cristiana Mourão da Fonseca e Aline Evangelista de Almeida** abordaram assuntos sobre a importância do acompanhamento, assistência e orientações diante às consultas de pré-natal realizadas pelo enfermeiro, sobre a qualidade prestada pelo mesmo juntamente com o interesse das gestantes sobre a continuidade do pré-natal.

Maria Inês Flausino Sabino da Silva e Cristiana Mourão Fonseca objetivaram analisar a qualidade de vida dos profissionais de enfermagem de um Hospital Municipal no Município de João Pinheiro-MG em que estiveram trabalhando durante o ano de 2012.

A enfermeira **Cristiana Costa Luciano** apresenta um artigo com resultados de uma pesquisa de mestrado sobre o câncer, numa contribuição científica efetiva realizada para a descoberta e mapeamento de casos.

A terceira seção desse caderno foi composta por dois artigos da **Fisioterapia**:

As fisioterapeutas **Ariane Santos Lucas e Vânea Fidelis Nascimento Gonçalves** investigaram a necessidade do trabalho fisioterapêutico em pneumonias se e como ele reflete na recuperação mais rápida do quadro patológico e no menor tempo de internação hospitalar. Este trabalho foi realizado através do atendimento fisioterapêutico de quatro crianças internadas em um Hospital Municipal na cidade de João Pinheiro, no período compreendido entre agosto a novembro de 2011.

Eliana da C. M. Vinha teve como objetivo identificar os benefícios de um Programa Ergonômico implantado em uma empresa de silvicultura no Noroeste de Minas Gerais em 2008-2012, destacando a GL como método de prevenção de doenças ocupacionais e sua contribuição para melhora do bem estar físico, emocional e social dos trabalhadores.

O Caderno de **Ciências Sociais** nesse volume foi agraciado com artigos da **Administração, Educação e da História**.

A primeira seção desse caderno foi elaborada com quatro artigos da **Administração**.

Jéssica Noely Mendes Luiz e Renata Suzelli Souza Gonçalves buscaram demonstrar que em meio a alta carga tributária imposta às

empresas, gerenciar as obrigações tributárias deixou de ser uma necessidade cotidiana, para se tornar uma estratégia de crescimento e busca por melhores resultados, independente do setor de atividade.

Luiz Orione Fernandes e **Unilson Gomes Soares** tiveram como objetivo, analisar o uso do Markup na formação de preço de venda dos produtos da empresa Orione Magazine. Utilizou-se como base, os custos, o mercado, a concorrência e a competitividade no comércio varejista de João Pinheiro.

A Inteligência Emocional (IE) tem merecido destaque nas organizações, e nos últimos anos os olhos têm se voltado para líderes emocionalmente inteligentes que lideram pessoas de forma eficaz. Pautado nesse pressuposto o objetivo desse estudo foi avaliar a influência da inteligência emocional na liderança da empresa, como ferramenta de estratégia numa empresa da Racco Cosméticos de João Pinheiro-MG, no ano de 2013. Essa foi a colaboração de **Núbia Lafaiete da Silva Amaral Fernandes** e **Mírcia Adriana de Oliveira Melo**.

O administrador **Osnir Martins Rodrigues** buscou identificar o grau de satisfação e insatisfação dos servidores da Câmara Municipal de João Pinheiro, como também o conceito que estes têm da organização onde trabalham e de suas lideranças.

A segunda seção desse caderno está composta por artigos da **Educação**:

Marilda de Souza Almeida e **Raquel Fernandes da Silva Batista** propuseram uma reflexão sobre a importância do ato de ler como um dos grandes desafios que as escolas enfrentam. Essa preocupação tem levado professores a refletirem sobre seus métodos exigindo uma busca incessante de estratégias que despertem na criança o desejo e interesse de ler.

A pedagoga **Maria Conceição Ferreira** investiga a importância dos significados e significantes na constituição cognitiva do aluno em Processo de Alfabetização, visto que é no lugar do outro que se desenrola a cadeia significativa que nos determina, que fazem parte de todos nós e, em especial, da vida da criança, pois a linguagem é propulsora do desenvolvimento cognitivo dos alunos e está presente tanto no aspecto social como no escolar e propiciam novas experiências potencializando a aprendizagem.

Maria de Lourdes de A. Ferreira buscou elucidar os motivos que levam alguns professores a exercerem insatisfeitos à profissão, o porquê das reclamações de estresse, da ansiedade e da fuga à própria profissão; conhecer os fatores que (des)motivam professores da Rede Pública Estadual,

diagnosticar aportes que apontam os fatores sociais e no ambiente escolar como propulsores do adoecimento psicossocial do Educador; as patologias geradoras do adoecimento em educadores; analisar as ressonâncias derivadas da desmotivação por meio da investigação e resultados com dados estatísticos. Para isso, a metodologia escolhida foi de cunho quali/quantitativo.

Mônica Abadia Rodrigues Teixeira, Saulo Gonçalves Pereira e Daniela Cristina Silva Borges estabeleceram como objetivo apresentar o histórico da educação no Brasil, além de descrever os principais momentos que influenciaram esse processo educativo, dando ênfase aos principais responsáveis pela educação, salientando, dessa maneira, a importância, do governo, da família, dos professores e de toda a sociedade neste contexto.

Rosângela Soares Braga Indelécio tem como objetivo, discutir a docência, observando sua tessitura no mundo contemporâneo, através do movimento vivo e dinâmico de (re) construção identitária dos (as) professor (as). Como cerne da questão, na tentativa de polemizar a concepção de um único perfil e ou identidade fixa para um novo profissional, que busca a experiência docente, cujas histórias de vida e subjetividade são marcas presentes e não menos importantes, enquanto uma possibilidade potencializadora no exercício de sua prática.

Marcelo Marques Araújo e Rafael Duarte Oliveira Venâncio discutem a inserção das mídias na educação e trazem uma contribuição sobre a utilização de ferramentas multimidiáticas na educação.

A terceira seção desse caderno contempla a **História** e está composto por dois artigos:

Giselda Shirley da Silva e Maria Célia da Silva Gonçalves elaboraram um estudo que consiste em uma breve incursão sobre a educação étnico-racial estabelecendo como recorte de trabalho alguns termos e conceitos importantes usados na contemporaneidade. Para a historiadora é importante que tenhamos ciência desses conceitos para podermos atuar de forma mais significativa no nosso espaço de vivência contribuindo para minimizar o racismo e discriminação racial em nossa sociedade.

O historiador **Vandeir José da Silva** objetivou partilhar o resultado da experiência pesquisada com a comunidade escolar e com moradores de Cana Brava. Esta comunidade é um dos distritos da cidade de João Pinheiro MG. Ele Justifica o interesse da pesquisa **por compreender que** há pouca produção de trabalhos científicos que envolvam a participação sobre Educação Patrimonial no Noroeste Mineiro.

O **Caderno de Resenhas** conta com duas resenhas, sendo a primeira elaborada por **Rosa Jussara Bonfim**, suas reflexões sobre a obra "**Educação Básica: política e gestão da escola**" propõe uma discussão em torno das legislações e da política educacional brasileira e a sua extensão efetivamente comentada no conjunto dos temas do livro resenhado.

Bárbara Donnária da Silva Gonçalves, Maria Célia da Silva Gonçalves e Maria Rita Ferreira Dias de Souza resenharam o livro de Leonardo Boff intitulado: "**O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade.**" Elas procuram demonstrar que o livro enfatiza a espiritualidade não pelo fato do autor ter formação na Teologia, mas pelo fato de que como ser humano ele percebe a urgência do cuidado de tudo, de todas as coisas, da vida e da Terra, sobremaneira de nossa espiritualidade, pois segundo o autor resenhado "sem essa água cristalina a semente não germina e a mais bela flor não floresce."

Agradecemos aos (as) colaboradores (as) dessa edição que muito nos honrou com o seu trabalho. Desejamos a todos (as) uma boa leitura e, mais uma vez, esperamos a colaboração de nossos leitores como multiplicadores e disseminadores desta proposta editorial.

CADERNO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PREVALÊNCIA DE ENTEROPARASITOSES NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO-MG

Karenyne Thácylla de Paiva Oliveira*

Resumo: O presente trabalho avaliou a prevalência de parasitos intestinais em pacientes de um laboratório do município de João Pinheiro MG, por meio de exames coproparasitológicos (HPJ) com o objetivo de avaliar a prevalência de parasitos intestinais em crianças e adultos de um município do noroeste de Minas Gerais. Para a realização do trabalho, fez-se análises de dados de 323 amostras de exames parasitológicos de crianças com até 13 e adultos com idade superior a 13 anos de idade, além de revisão bibliográfica para suporte teórico. Os resultados mostraram que 34% dos pacientes examinados albergavam pelo menos uma espécie de parasito intestinal e, entre esses, 10% dos parasitados apresentavam poliparasitismo. Os principais organismos encontrados foram os protozoários *Entamoeba coli*, *Endolimax nana* e *Giardia lamblia*. Pacientes infectados por helmintos intestinais apresentaram baixa prevalência, sendo detectados ovos de *Enterobius vermicularis*, *Ascaris lumbricoides*, *Ancilostomídeo duodenalis* e larva de *Strongyloides stercoralis*. Os resultados obtidos indicam que os pacientes avaliados, provavelmente, fazem uso de água não tratada e alimentos contaminados e não têm acesso à educação em saúde devido à prevalência de protozoários intestinais. Estima-se que devem ser implementadas, na região estudada, medidas de controle das parasitoses intestinais, como o saneamento básico e a educação em saúde.

Palavras-chave: Parasitoses intestinais. Prevalência. Enteroparasitas. Saneamento básico.

Abstract: This study evaluated the prevalence of intestinal parasites in patients from a laboratory of the city of João Pinheiro MG through fecal examinations (HPJ) in order to assess the prevalence of intestinal parasites in

* Biomédica graduada pela Universidade de Uberaba – UNIUBE; Pós Graduada em Análises Clínicas pela UNIASSELVI/ Instituto Máximo Passo 1. Patos de Minas, MG. Professora nos Cursos de Biomedicina, Enfermagem e Fisioterapia da Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail: karenynepaiva@hotmail.com.

children and adults from a municipality in northwestern Minas general . To perform the work, made up data analysis of 323 samples of parasitological examinations of children under 13 and adults older than 13 years old , and literature review for theoretical support . The results showed that 34% of patients examined harboring at least one species of parasite gut and among these, 10% had infected the poliparasitism . The main bodies found were protozoa *Entamoeba coli* , *Giardia lamblia* and *Endolimax* nails . Patients infected with intestinal helminths showed low prevalence being detected eggs *Enterobios vermicularis* , *Ascaris lumbricoides*, hookworm and duodenale larvae of *Strongyloides stercoralis*. The results indicate that the studied patients probably make use of untreated water and contaminated food and lack access to health education due to the prevalence of intestinal protozoa. That should be implemented in the study area, measures to control intestinal parasites, such as sanitation and health education are estimated .

Keywords: Intestinal Parasites. Prevalence. Parasites. Sanitation

1 INTRODUÇÃO

As enteroparasitoses constituem um grave problema de saúde pública no Brasil e nos demais países em desenvolvimento, sofrendo variações de acordo com as condições de saneamento básico, nível socioeconômico, grau de escolaridade, idade e hábitos de higiene, entre outras variáveis.

As parasitoses intestinais possuem como os seus agentes etiológicos protozoários ou helmintos que, em uma das suas fases do ciclo biológico, ocorrem no sistema *digestório* do hospedeiro. Os protozoários mais prevalentes em seres humanos são: *Giardia lamblia* *Entamoeba coli*, *Entamoeba histolytica/díspar* e *Endolimax nana*. Dentre os helmintos destacam-se os prevalentes em humanos que são: *Ascaris lumbricoides*, *Trichuris trichiura*, *Enterobios vermiculares*, *Ancilostomídeos* e *Strongyloides stercoralis*.

A contaminação por parasitoses intestinais geralmente ocorre pela ingestão de alimentos e/ou água contaminados com ovos e cistos. Esta contaminação em seres humanos segue por um processo de infecção que resulta em danos como: quadros de diarreia crônica e desnutrição que comprometem o desenvolvimento físico e intelectual, particularmente, nas faixas etárias mais jovens da população mais acometidos por esta condição por sua vulnerabilidade biológica associada às precárias condições de vida

e/ou à falta de informação sobre a profilaxia dessas parasitoses. (OLIVEIRA et al., 2000, in BONEBERGER, 2007).

Parasitas Causadores De Doenças Parasitárias

Strongyloides stercoralis

O parasito apresenta distribuição mundial, especialmente nas regiões tropicais (COSTA-CRUZ, 2005). Este geo-helminto é responsável pela incidência elevada de infecções em regiões de clima tropical ou com saneamento básico precário (MELO et al, 2004).

1.1.2 Enterobius vermiculares

Trata-se de um helminto nematódeo que tem de 0,3 a 1,0 cm, conhecido como oxiúrus que apresenta nítido dimorfismo sexual (NEVES, 2005). No hospedeiro, localiza-se preferencialmente no ceco e no reto Os mecanismos de transmissão dessa parasitose podem ser descritos como transmissão pessoa a pessoa ou por fômites. Pode ocorrer transmissão indireta quando os ovos o presentes na poeira, alimentos ou em utensílios domésticos, atingem o mesmo hospedeiro que os eliminou (MELO et al, 2004).

1.1.3 Hymenolepis nana

Trata-se de uma espécie cosmopolita, atingindo roedores, humanos e outros primatas, estimando-se que atinja 75 milhões de pessoas que vivam em precárias condições sanitárias (NEVES, 2005). A transmissão ocorre quando há a ingestão de ovos do meio externo ou por autoinfecção a partir da liberação intraluminal de ovos. As larvas cisticercóides se abrigam nos linfáticos das vilosidades intestinais, depois regressam ao lúmem e se tornam adultas. O ciclo pode durar até 30 dias (MELO et al, 2004).

1.1.4 Giardia lamblia

A giardíase segundo MELO et al (2004) é uma parasitose de distribuição cosmopolita. Sua transmissão é fecal-oral e também pode ser considerada um grande problema na transmissão pessoa-pessoa, principalmente entre os escolares. A Giardia lamblia é um protozoário que de

acordo apresenta duas formas evolutivas: o trofozoíto e o cisto. O trofozoíto é a forma presente no duodeno, esta que se multiplica e fixa na mucosa (LLOYD; WALLIS, 2001) O cisto é a forma infectante, é excretada nas fezes do hospedeiro, e é responsável pela disseminação do parasito. A transmissão ocorre quando há a ingestão de água contaminada com fezes contendo o cisto, e com menor frequência, por alimentos contaminados pelas fezes (SOGAYAR;GUIMARÃES, 2005).

1.1.5 Ancilostomideo duodenale

O nematoda *A. duodenale* é responsáveis pela Ancilostomíase, uma parasitose intestinal (FERNANDES, 2006). Ambos são geo-helminhos e suas fêmeas produzem cerca de 10 a 20 mil ovos por dia, os quais são eliminados junto com as fezes (MELO et al, 2004).

No solo, sob determinadas condições de temperatura, umidade e oxigenação, os ovos eclodem e passam por alguns estágios até atingirem a forma infectante, esta capaz de penetrar na pele do hospedeiro, e por via linfática ou venosa, chegar até os pulmões. Nos alvéolos, ascende à árvore respiratória e é então deglutida. Durante o caminho para o intestino delgado, o parasito vai evoluindo até alcançar o estágio de verme adulto (machos e fêmeas), (FERNANDES, 2006). O *A. duodenali* também pode alcançar o hospedeiro por outra via de transmissão, através da ingestão da larva (MELO et al, 2004), Os vermes adultos se fixam a parede intestinal e ali fazem intensa espoliação sanguínea, além de lesionar o tecido. A eliminação de ovos nas fezes demora por volta de 8 a 12 semanas após a infecção (FERNANDES, 2006).

Em alguns casos a infecção pode ser assintomática, porém quando ocorrem os sintomas, a gravidade dos mesmos dependerá da carga infectante, da espécie do ancilostomídeo, e da sua localização (REY, 2001) da capacidade imunológica e nutricional do hospedeiro (WAETGE et al, 1996).

1.1.6 Ascaris lumbricoides

É um nematelminto, vulgarmente denominado lombriga, responsável pela Ascariíase, uma parasitose intestinal. Segundo NETO et al (2006) este é o maior nematóide parasita do homem, o macho mede cerca de 15 a 30 cm de comprimento e a fêmea, de 35 a 40 cm. A fêmea elimina cerca de 200.000 ovos fecundados/dia nas fezes do hospedeiro, que em condições favoráveis sofrem

transformações larvárias em 3 semanas. Quando os ovos infectantes são ingeridos, após a passagem dos mesmos pelo suco gástrico, os mesmos eclodem e liberam as larvas, na altura do duodeno; que migram até o ceco e penetram pela mucosa, chegam ao sistema porta, atingem o fígado, daí alcançam os pulmões. Ao romperem os capilares, se dirigem a árvore brônquica, traqueia e laringe, podendo ser eliminadas pela expectoração ou deglutidas.

A infecção pode ser assintomática, no entanto quando os sintomas ocorrem podem ser devido a uma infecção mais numerosa de vermes ou larvas, ou localizações migratórias anômalas, e facilmente descobertas quando no intestino por exames parasitológico.

1.1.7 Entamoeba coli

É um ameba comensal, que não traz doença ao hospedeiro. Trata-se de um protozoário da cavidade intestinal, local onde se nutre de bactérias e detritos alimentares. Tanto os cistos quanto os trofozoítos podem ser encontrados nas fezes, sendo que os primeiros, conforme o grau de desenvolvimento contém de cinco a oito núcleos e, à medida que o número de núcleos aumenta, o diâmetro nuclear e a quantidade de cromatina do cisto reduzem, observando-se sempre um cariossomo irregular e excêntrico (REY, 2001).

Devido à semelhança existente entre os cistos de *E. histolytica* e os de *E. coli*, é preciso fazer o diagnóstico diferencial através da morfologia e do número de núcleos do organismo, entretanto a diferenciação de cistos por quantidade de núcleos nem sempre é conclusiva.

As parasitoses intestinais são frequentemente transmitidas via orofecal, no consumo de alimentos ou água contaminados com ovos embrionados ou cistos, advindos de um saneamento básico e higiene precários. Dessa forma, fica evidente que é de primordial importância para a população o levantamento e desenvolvimento de pesquisas que evidenciem esta relação para que possam apontar medidas para que o problema das parasitoses seja pelo menos minimizado, melhorando a qualidade de vida dessa população.

O Ministério da saúde (Brasil, 2005, p.20 e 21), por meio do Plano Nacional de vigilância e controle das enteroparasitoses afirma como atribuições da assistência à saúde:

Notificar surtos de enteroparasitoses à área de vigilância epidemiológica, quando do conhecimento ou acesso à informação;

Estabelecer protocolos padronizados para terapêutica das principais enteroparasitoses;
Participar das ações de planejamento com as áreas integrantes da equipe de investigação epidemiológica, com vista ao estabelecimento de estratégias e definição das medidas de controle frente aos casos e aos surtos de enteroparasitoses;
Formular hipótese diagnóstica do agente etiológico com base na história clínica do paciente;
Realizar tratamento e acompanhamento de portadores de enteroparasitoses, de acordo com hipótese diagnóstica e normatização técnica;
Solicitar exames complementares de acordo com hipótese diagnóstica e orientação técnica;
Utilizar informações sobre ocorrência de enteroparasitoses como critério para a disponibilização de medicamentos para atendimento aos portadores de enteroparasitoses;
Disponibilizar e dispensar os medicamentos específicos ao tratamento das enteroparasitoses;
Orientar os pacientes quanto às medidas de prevenção e controle de enteroparasitoses;
Desencadear medidas de prevenção e controle de comunicantes, quando indicado; participar das discussões e conclusões da investigação epidemiológica, para elaboração do relatório final;
Capacitar e apoiar a capacitação de recursos humanos. Além de realizar e apoiar o desenvolvimento de pesquisas técnico-científicas específicas.
Envolver os agentes do Programa de Agentes Comunitários de Saúde e Programa de Saúde da Família).

No entanto, segundo (VISSER et al., 2011) mesmo com estas atribuições a situação ainda apresenta-se com gravidade, ainda há falha nas políticas públicas para uma educação sanitária profunda. Isso se mostra mais evidente, ao analisarmos o elevado número de infectados em nosso país com parasitoses intestinais, principalmente aquelas residentes em locais com infraestrutura deficiente (PEREIRA et al, 2011).

Concordam com Visser (2011) Neghme & Silva (1971, apud FREI et al, 2008)

A prevalência de uma dada parasitose reflete, portanto, deficiências de saneamento básico, nível de vida, higiene pessoal e coletiva. Três fatores, a clássica tríade epidemiológica das doenças parasitárias são indispensáveis para que ocorra a infecção: as condições do hospedeiro, o

parasito e o meio ambiente. Em relação ao hospedeiro os fatores predisponentes incluem idade, estado nutricional, fatores genéticos, culturais, comportamentais e profissionais. Pesa para o lado do parasito: a resistência ao sistema imune do hospedeiro e os mecanismos de escape vinculados às transformações bioquímicas e imunológicas ao longo do ciclo de cada parasito. As condições ambientais associadas aos fatores anteriores irão favorecer e definir a ocorrência de infecção e doença.

Para controle das parasitoses intestinais são necessários investimentos em saneamento básico e educação. No entanto, até que medidas mais eficazes para a melhoria da qualidade de vida sejam implementadas, considera-se importante a realização de exames coproparasitológicos para o diagnóstico correto e tratamento adequado destas doenças. (CARRILO et al., 2005).

Segundo Neves (2005).

A maioria dos parasitas intestinais é diagnosticada pelo exame das fezes, sendo que os estágios usuais de diagnóstico são os ovos e as larvas de helmintos e os trofozoítos, cistos e oocistos de protozoários. Na realidade, uma identificação correta e segura de um parasita depende de critérios morfológicos, os quais estão sujeitos a uma coleta bem feita e a uma boa preservação das espécimes fecais.

O método de sedimentação espontânea tem sido de fundamental importância para o diagnóstico das parasitoses intestinais, sendo um dos meios mais vantajosos de diagnosticá-los, uma vez que apresenta técnicas simples, de baixo custo e com especificidade bem definida. Contudo, nenhum processo ou método laboratorial é bastante eficaz para, isoladamente, proporcionar resultados seguros e definitivos. (MACEDO, 2005).

1.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para o estudo, fez-se análises de dados de 323 amostras de exames parasitológicos de crianças com até 13 e adultos com idade superior a 13 anos de idade, população essa de ambos os sexos, de um Hospital localizado no município de João Pinheiro MG, no período de julho a agosto de 2013.

Para a coleta de dados, realizada de forma retrospectiva, utilizou-se principalmente os prontuários dos pacientes, registros do laboratório,

resultados parasitológicos do referido hospital. Inicialmente, foi realizado um levantamento dos resultados de exames parasitológicos, o que permitiu a seleção dos pacientes portadores de parasitoses.

Por se tratar de uma pesquisa, cujas informações foram retiradas em bancos dados e registros retrospectivos do hospital em estudo, sem nenhuma abordagem a pacientes ou qualquer tipo de intervenção pessoal, sendo assim, não necessitou a submissão à Comissão de Ética.

O método utilizado para a realização das amostras foi o método de Hoffman, Pons e Janer (HPJ), que é um método qualitativo, que permite o encontro de ovos e larvas de helmintos e de cistos de protozoários.

1.3 RESULTADOS

Nas análises dos exames parasitológicos de rotina no período de julho a agosto de 2013, no laboratório do Hospital.

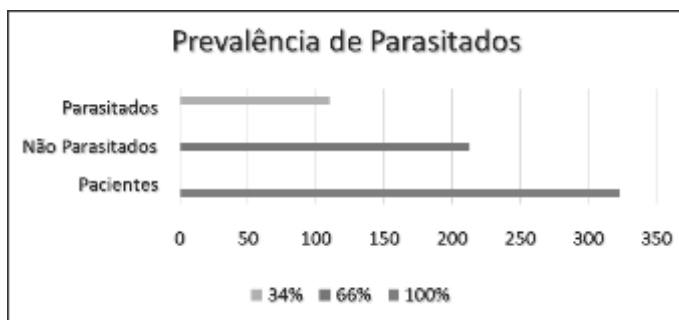


Gráfico 01

Fonte: Do próprio autor

Nos exames dos 323 pacientes que perfazem o total de 100%, foram encontradas prevalência de 34% parasitados, 66% não parasitados.

Dentre os 34% pacientes parasitados, aproximadamente 3,4% apresentaram-se com associações de mais de um parasita, pacientes com bioparasitismo com um total de dez pacientes e um com poliparasitismo, tendo assim paciente que albergava três ou mais espécies de parasitos.

A redução das condições físicas e de atividades de cada indivíduo parasitado representa uma perda óbvia previsível em dias de trabalho, diminuição da capacidade de aprendizado e atraso no desenvolvimento físico, mental e social (VINHA, 2005)

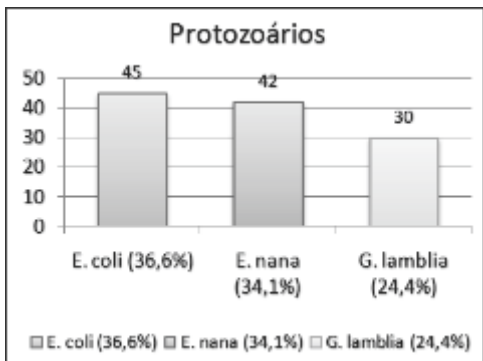


Gráfico 02 – Fonte: Do próprio autor

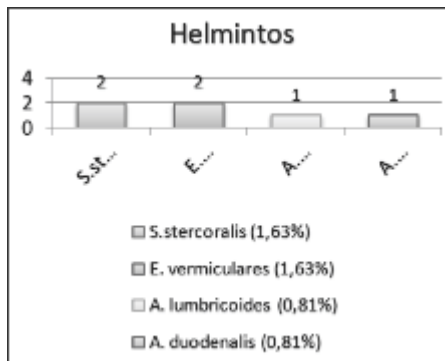
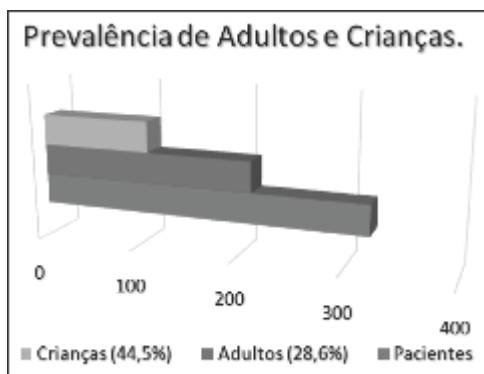


Gráfico 03– Fonte: Do próprio autor

Os parasitas mais encontrados foram os protozoários intestinais que são à *E. coli* (36,6%), *E. nana* (34,1%) e *G. lamblia* (24,4%). O índice de infecção por helmintos intestinais nos pacientes foi baixo, sendo encontrados amostras infectadas com *S. stercoralis* e *E. vermiculares* com prevalência de cada uma delas de 1,63% e *A. lumbricoides* e *A. duodenalis* com prevalência para ambas de 0,81%.

Gráfico 04
Fonte: do próprio autor



Dos 323 pacientes, 213 eram adultos e 110 eram crianças. Do total de adultos, 28,6% encontravam parasitados e de crianças 44,5%. A faixa etária com maior índice de positividade, entre os pacientes avaliados foi das crianças.

CHIEFFI, GRYSCHER & AMATO Neto (2001) afirmam que essas parasitoses são responsáveis por diarreia persistente com graves consequências sobre o estado nutricional e desenvolvimento físico e mental, principalmente nas crianças.

Contudo, quando se analisou a prevalência de parasitoses intestinais entre faixas etárias dos indivíduos parasitados de até 13 anos de idade, uma diferença estatisticamente significativa foi demonstrada em relação a indivíduos parasitados com mais de 13 anos de idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As parasitoses intestinais constituem um importante e constante problema de saúde pública nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil. As maiores prevalências são encontradas em populações de baixo nível socioeconômico e com condições precárias de saneamento básico, sendo as crianças, mais acometidas por essas infecções.

Os resultados dos exames coproparasitológicos realizados no laboratório do Hospital Municipal Antônio Carneiro Valadares no município de João Pinheiro – MG mostraram um índice de parasitismo de 34% em 323 amostras analisadas, sendo a frequência de protozoários intestinais e um número significativamente superior aos helmintos.

Das amostras examinadas no município de João Pinheiro MG encontrava-se positiva para *E.coli* (36,6%), *E. nana* (34,1%), *G. lamblia* (24,4%), *S. stercoralis* e *E. vermiculares* (1,63%) e *A. lumbricoides* e *A. duodenalis* (0,81%). As maiores taxas de prevalência de pacientes infectados foram de crianças (44,5%) com relação à adultos (28,6%).

A maior intensidade de parasitismo representado pelo protozoário intestinal *E. coli* (36,6%) encontrada neste estudo é indicativo de precárias condições sanitárias da população e elevada contaminação ambiental, reforçando a necessidade por educação em saúde, que enfoque medidas de higiene, junto com investimentos em serviço de saúde pública.

Foi detectado uma baixa prevalência de helmintos intestinais, *S. stercoralis* e *E. vermiculares* (1,63%) e *A. lumbricoides* e *A. duodenalis* (0,81%),

quando a disseminação das helmintoses está em estreita dependência da temperatura e umidade do solo, que seja uma das circunstâncias limitantes para a proliferação e para a manutenção de infecções pelos helmintos.

Entretanto, apenas o tratamento dos parasitados como medida profilática não resulta na diminuição e persistência de baixa prevalência das parasitoses intestinais. É necessário o estabelecimento de uma política de saúde que vise à eliminação das fontes de infecção. Portanto, o controle dessas parasitoses passa por melhorias de condições socioeconômicas, saneamento básico e na educação sanitária da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONEBERGER, Rodrigo. **Levantamento epidemiológico de prevalência de parasitoses intestinais em escolares do município de Parobé-RS.** Especialização em Análises Clínicas e Toxicológicas, 2007. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 20/06/13.

CANTUARIA, FD, Cocco J, Bento RR, Ribeiro F. **Avaliação de parasitoses intestinais em escolares do ensino fundamental no município de Coração de Jesus em Minas Gerais, Brasil.** Revista Brasileira de Análises Clínicas 2011;43(4):277-83.

CARRILO MRGG, Lima AA, Nicolato RLC. **Prevalência de enteroparasitoses em escolares do bairro Morro de Santana no município de Ouro Preto, MG.** Revista Brasileira de Análises Clínicas 2005; 37(3): 191-3.

CHIEFFI PP, Gryscek RCB, AMATO Neto V. **Parasitoses Intestinais: diagnóstico e tratamento.** São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

COSTA-CRUZ, J.M. *Strongyloides stercoralis*. In: NEVES, D.P. **Parasitologia Humana.** 11.ed.. São Paulo: Editora Atheneu. Cap. 32, p.275-284, 2005

MELO M.C.B; KLEM V. G.Q.; MOTA J.A.C.; PENNA, F.J. **Parasitoses intestinais.** Revista. Med. Minas Gerais. Minas Gerais. Vol.14, p.3-12, 2004.

FERNANDES, F.O. **Ancilostomíase**. In: VERONESI, R. **Tratado de Infectologia**. 3ed. rev.atual. São Paulo: Editora Atheneu, cap.100, P.1654-1659, 2006.

LLOYD, D.; WALLIS P.A. Giardia feast. **Trends in Parasitology**. Danvers, USA, v.17, n.3 p.115-117, 2001.

NEVES, David Pereira. **Parasitologia Humana**. 10 ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

PEREIRA, Maria Fernanda et al. **Ocorrência de enteroparasitos e comensais em crianças do ensino fundamental no município de Pindamonhangaba, SP, Brasil**. Revista Biociências Unitau. v. 17. n. 1, 2011. p. 40 – 49.

REY, Luis. **Bases da Parasitologia médica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.

SOGAYAR, M.I.T.L.; GUIMARÃES, S. Giardia. In: NEVES, D.P. **Parasitologia Humana**. 11. Ed.. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.14, p.121-126

VISSER, Silvia et al. **Estudo da associação entre fatores socioambientais e prevalência de parasitose intestinal em área periférica da cidade de Manaus (AM, Brasil)**. Revista Ciência e Saúde Coletiva. v. 16. n. 8, 2011. p. 3481 – 3492.

ANÁLISE MICROBIOLÓGICA EM AMOSTRAS DE LEITE IN NATURA DO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO-MG

Marcelo Aguiar Ferreira*

Resumo: O presente artigo de cunho quali/quantitativo realizado no município de João Pinheiro-MG- versa sob o leite in natura que por não ser industrializado e conservado de maneira correta traz em si a presença de microorganismos prejudiciais à saúde de quem o consome. Foram coletadas 10 amostras do leite em estudo que são comercializados na referida cidade, amostras essas cujas análises foram feitas no Laboratório Escola de Medicina Diagnóstica da Faculdade Cidade de João Pinheiro, para assim identificar microbiologicamente os tipos de microorganismos presentes e a quantidade dos mesmos. Nas referidas amostras foram encontrados espécies de Salmonella, Shigella, Enterobacter, bactérias estas provenientes do trato gastrointestinal e causadoras de doenças infecciosas.

Palavras-Chave: Leite in natura . Intoxicação Alimentar .Análise Microbiológica do Leite.

Abstract: This imprint qualitative / quantitative Article conducted in the city of João Pinheiro, Minas Gerais versa under the fresh milk that not to be industrialized and stored incorrectly carries the presence of microorganisms harmful to the health of those who consume it. 10 milk samples were collected in a study that is marketed in that city, those samples whose analyzes were performed at the Laboratory School of Diagnostic Medicine, School City of João Pinheiro, thus microbiologically identify the types of microorganisms present and their quantity. In these samples species of Salmonella, Shigella, Enterobacter, these bacteria from the gastrointestinal tract and causing infectious diseases have been found.

* Biomédico graduado pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. Pós-Graduando em Análises Clínicas pela UNIASSELVI/ Instituto Máximo Passo 1. Patos de Minas, MG. E-mail: marceloaguiar1988@yahoo.com.br

Keywords: fresh milk . Food Poisoning . Microbiological . Analysis of Milk.

1. INTRODUÇÃO

O leite, que é indiscutivelmente um excelente alimento para o ser humano, um fluido biológico de grandioso valor nutricional, é da mesma forma um excelente meio de cultura para microorganismos, podendo ser contaminado por doença do animal, ou por falhas no desenvolvimento da ordenha manual ou mecânica.

Para Nero (2003) e Sousa (2005), o consumidor reconhece o leite cru como um produto “mais barato”, “mais forte”, “mais puro” e “mais saudável” que o beneficiado, além disso, a maioria da população desconhece os riscos. Este leite não recebe nenhum tratamento prévio antes da comercialização, desconhece-se também qualquer controle de qualidade a ele oferecido. Sua venda é proibida no Brasil desde 1952, através do decreto nº30.691, Art. 509 do Regulamento Industrial de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Riispoa), exceto em cidades que não contenha Laticínios ou comercialização de leite pasteurizado.

1.1 Riscos Provenientes do Leite

O leite *in natura* refrigerado ou natural está entre a maioria dos produtos de leite comercializado no país, mesmo os consumidores desconhecendo os riscos.

Dentro de perspectivas nacionais, os produtores vêm tendo que se adequar com a melhora na produção e qualidade do leite fornecido, pois o melhoramento da qualidade é essencial dentro da nova realidade. Para uma melhor adequação, indústrias vêm baseando o pagamento na qualidade do produto, para obter melhores características bromatológicas, organolépticas, físicas e químicas, para ditar a permanência da boa qualidade nos produtos. Mas deve-se ressaltar também, que parte desse leite sem tratamento e resfriamento prévio se dá pela má organização administrativa de grandes empresas e política, que não proporciona ao produtor rural acessibilidade e disposição de entrega de leite à cooperativa, e muitas vezes, falta também energia elétrica em suas fazendas, impossibilitando o processo de resfriamento.

Segundo Fonseca (2000):

Entre as limitações para o cumprimento da Instrução Normativa 51, destacam-se: deficiências na eletrificação rural, que inexistem em algumas regiões ou é de má qualidade - comprometendo o resfriamento do leite nas fazendas -, falhas na estrutura viária - inviabilizando a chegada dos caminhões para coleta do leite -, custo elevado do equipamento de refrigeração do leite e falta de capacitação e treinamento dos produtores para a melhoria da qualidade do leite.

É indispensável uma excelente qualidade no manuseio de produtos lácteos desde a ordenha à chegada do leite nas indústrias lácteas, evitando a contaminação microbiológica do produto primário para a produção de seus derivados, como o queijo, por exemplo, na maioria das vezes, que é produzido e comercializado sem inspeção sanitária, derivado do leite cru, possui também uma carga microbiana alta, causada pela má higienização desde a ordenha do leite ao término do produto, podendo transmitir também uma série de doenças ao consumidor.

Carvalho (2001) in Vieira K. P. et al (2008 p.202).

Um dos alimentos que podem causar toxinfecção em humanos é o queijo Minas frescal, quando contaminado por bactérias patogênicas, em razão das péssimas condições de higiene nas quais é produzido e comercializado. A contaminação microbiana do queijo pode ser clandestina, gerada pela ordenha feita manualmente em currais.

A segurança alimentar do Brasil deveria ter um maior controle, pois o país é um grande produtor e exportador de alimentos produzidos em áreas rurais, alimentos consumidos muitas vezes *in natura*, visto que podem estar contaminados por bactérias patogênicas causadoras de toxinfecção e intoxicações, dentre elas podem ser citadas as mais encontradas como *Staphylococcus*, coliformes totais e fecais.

A salmonelose é uma doença infecciosa provocada por bactérias do gênero *Salmonella*, que pertencem à família *Enterobacteriaceae*. Segundo Franco e Landgraf (2005. p 33-80), *Salmonella* é um dos agentes mais frequentemente envolvidos em surtos de doenças originadas por alimentos, e que inúmeros destes surtos foram causados por alimentos como: leite cru ou inadequadamente pasteurizado, queijo, saladas a base de ovos e sorvetes.

O gênero *Shigella*, também pertence à família das enterobactérias, é constituído por bastonetes, diferenciando-se por serem imóveis no teste

padrão de motilidade, não esporulados, Gram negativos e anaeróbios facultativos. As espécies deste gênero são os agentes causais da disenteria bacilar no homem, e em alguns primatas. Estas espécies têm como principal proliferação a poluição fecal, que é sua principal via de contaminação e dispersão. As bactérias após serem ingeridas, tem a capacidade de atravessar a barreira epitelial do intestino, e quando fagocitadas por macrófagos acabam por destruí-lo.

Segundo Campos (2005), a *Shigella* é altamente infecciosa, e são necessários cerca de 10 a 100 microorganismos administrados oralmente para causar a infecção. Aparentemente, esta pequena dose infectante é dependente da maior resistência que a *Shigella* apresenta ao suco gástrico.

A Instrução Normativa 51 foi criada para melhorar a qualidade do leite produzido no Brasil, estabelecendo critérios de higiene, manejo sanitário, armazenamento e transporte do leite. Estabelecendo um limite para uma contagem Bacteriana total de 100.000 UFC/ml a partir de janeiro de 2011. Com o prazo dado pelo Ministério da Agricultura, muitos produtores não conseguiram se adequar à nova realidade, e o Ministro prorrogou as datas estabelecidas anteriormente para o final do ano de 2011 e se caso necessário, posteriormente, uma nova prorrogação, como ocorreu quando sancionou a nova Instrução Normativa, substituindo a IN 51, para a IN 62, publicada em 29 de dezembro de 2011.

A nova lei já está em vigor desde 2012, e preveem novos parâmetros, para contagem bacteriana total passando a ter como limite máximo 600.000 UFC/ml, e a escalonando os prazos e limites para a redução de CBT até o ano de 2016, chegando a esta data com um limite de 100.000 UFC/ml.

1.2 Tratamentos Térmicos Disponíveis no Mercado de Leite.

Uma medida importante é o resfriamento imediato do leite a baixas temperaturas, recomendando-se que o leite esteja a 4°C, dentro de 2 horas após o término da ordenha, e inferior a 10°C durante a adição de leite da ordenha seguinte. Portanto o resfriamento deve sempre estar combinado com boas práticas de manejo e higienização dos utensílios, e deve-se ter uma atenção ainda maior quando há uma captação do leite na fazenda a cada 48 horas para que não ocorra uma proliferação de microorganismos resistentes a baixas temperaturas.

A pasteurização é um tratamento térmico com o objetivo de destruir os germes patogênicos transmissores de doenças e a maioria dos outros

microrganismos existentes no leite, alterando o mínimo possível a sua composição e estruturas físico-químicas, consiste no aquecimento rápido do leite na temperatura de 72°C, seguido de resfriamento brusco. É utilizada nos laticínios para grandes volumes de leite, exigindo equipamentos especiais.

Segundo o Ministério da Agricultura e do Abastecimento:

Entende-se por leite UAT (ultra-alta temperatura) ou UHT (ultra high temperature) é o leite homogeneizado, submetido durante 2 a 4 segundos a uma temperatura entre 130°C e 150°C, mediante processo térmico de fluxo contínuo, imediatamente resfriado a uma temperatura inferior a 32°C e envasado sob condições assépticas em embalagens estéreis e hermeticamente fechadas.

O leite tratado pelo método UAT, também conhecido como “longa vida”, vem sendo adotado por grande parte da população pelo seu tempo de validade, praticidade e por não precisar de refrigeração antes de ser aberto. Vem também sendo erroneamente denominado pela indústria como leite “estéril”. Schocken-Iturrino et al, (1996) expõe em estudos realizados que apesar do tratamento UAT eliminar totalmente as formas vegetativas de microrganismos presentes no leite, existem formas esporuladas, altamente resistentes ao calor, podem estar presentes no produto, devido as péssimas condições de obtenção da matéria-prima. Burton (1986 apud Alves et al. 2004) relata que a carga microbiana do leite depende do número de microrganismos que entram em contato com o leite antes da ordenha ou através de contaminações subsequentes, ressaltando-se que a multiplicação microbiana depende do tempo e temperatura de estocagem do leite.

2. Materiais e Métodos

O presente artigo analisa tanto qualitativamente quanto quantitativamente para assim identificar microbiologicamente os tipos de microrganismos presentes e a quantidade dos mesmos. Foram coletadas 10 amostras de diferentes vendedores, sem especificação dos mesmos por questões éticas, as quais foram analisadas no Laboratório Escola de Medicina Diagnóstica da Faculdade Cidade de João Pinheiro, no período de Abril a Agosto de 2011. Também foram realizadas entrevistas com 23 famílias de

diversos pontos da cidade, por meio de questionários com seis questões fechadas, podendo assim esclarecer o possível motivo de consumo do leite.

As amostras foram semeadas em meios de cultura específicos, e levadas a estufa de crescimento bacteriano a 37°C de 18 a 24 horas, assim foram contadas as colônias e isoladas cada tipo pelas suas cores e morfologias, fazendo a retirada das mesmas com a alça de platina estéril e sendo assim colocadas em um eppendorff com caldo BHI (brain heart infusion) suplementado com glicerol a 30%, protegendo a célula bacteriana, e armazenando-as no congelador até o término do trabalho.

Como comparação às amostras de leite recolhidas e analisadas no ano de 2011, foram pesquisados no período de Maio a Agosto de 2013, tanto os pontos das amostras analisadas anteriormente, quanto novos pontos de venda.

3 Análises Microbiológicas

A partir das amostras coletadas, realizados o semeamento, foram identificadas as bactérias e montado uma tabela com a relação de todas as 10 amostras de leite, na qual foi evidenciando a espécie, morfologia e quantidades encontradas. Para a quantidade de bactérias presentes nas amostras, foram contadas a partir do primeiro semeamento em placas de ágar, contando a quantidade de UFC (Unidades Formadoras de Colônias), com o número da quantidade de colônias foi multiplicado pelo fator da alça de platina utilizada. A tabela 01 demonstra Morfologia, Bactéria encontrada e a quantidade.

A partir das amostras analisadas e das bactérias dispostas na tabela 01, fez-se a comparação entre as espécies. Das 10 amostras de leite *in natura*, verifica-se que foram encontradas uma predominância de bactérias GRAM negativa das espécies: *Enterobacter sp.*, *Salmonella sp.*, *Shigella sp.*, e GRAM positivas foram encontrados tanto cocos coagulase positiva, quanto coagulase negativa.

Amostra	Morfologia	UFC/ml	Bactéria Identificada
Amostra 01	Bacilos Gram -	1.000.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
Amostra 02	Bacilos Gram -	1.000.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
Amostra 03	Bacilos Gram -	1.000.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
Amostra 04	Cocos Gram +	1.000.000 UFC	<i>S. aureus sp.</i>
		1.000.000 UFC	<i>S. epidermidis sp.</i>
		1.000.000 UFC	<i>S. saprophidius sp.</i>
	Bacilos Gram -	1.000.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
		100.000 UFC	<i>Shigella sp.</i>
Amostra 05	Bacilos Gram -	1.000.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
	Cocos Gram +	1.000.000 UFC	<i>S. epidermidis sp.</i>
Amostra 06	Cocos Gram +	10.000 UFC	<i>S.epidermidis.</i>
		100.000 UFC	<i>Salmonela sp.</i>
	Bacilos Gram -	10.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
		5 UFC	<i>Proteus sp.</i>
Amostra 07	Cocos Gram +	1.000.000 UFC	<i>S. epidermidis.</i>
	Bacilos Gram -	100 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
		100 UFC	<i>Shigella sp.</i>
Amostra 08	Cocos Gram +	1.000.000 UFC	<i>S.epidermidis.</i>
	Bacilos Gram -	10 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
Amostra 09	Bacilos Gram -	1 UFC	<i>Serratia sp.</i>
		10.000 UFC	<i>Salmonela sp</i>
		1.000.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>
Amostra 10	Cocos Gram +	1.000.000 UFC	<i>S epidermidis</i>
	Bacilos Gram -	1.000 UFC	<i>Enterobacter sp.</i>

Tabela 01: Relação de bactérias obtidas após a identificação.

Pôde-se notar também, uma quantidade superior de Bacilos GRAM negativos em relação a Cocos GRAM positivos, sendo que 67% e 33% respectivamente. Com relação das bactérias GRAM negativas encontradas, sendo 05 espécies, com uma predominância de 62,5% *Enterobacter*. Foi encontrado também 12,5% de *Salmonella* e também 12,5% de *Shigella*, já as bactérias *Serratia* e *Proteus* foram encontradas na proporção de 6,25%.

Como citado anteriormente por Campos (2005), a *Shigella* é altamente infecciosa, e são necessários cerca de 10 a 100 microorganismos administrados oralmente para causar a infecção. Segundo a ANVISA (BRASIL 2001) esta bactéria deve estar ausente em amostras de leite e alimentos em geral, no entanto averiguou-se que nas amostras de leite contaminadas por *Shigella* cerca de 100.000 e 100 UFC/ml (nas amostras 04 e 07 respectivamente),

As entrevistas foram realizadas com 23 famílias de diversos pontos da cidade, por meio de questionários com seis questões fechadas, no entanto os entrevistados fizeram questão de justificar suas respostas oralmente, as quais foram fundamentais para a análise dos nossos gráficos.

Para iniciarmos, fizemos a seguinte pergunta: Você ou alguém de sua casa já comprou leite comercializado in natura em vendas, supermercados ou ate mesmo na rua?



Gráfico 1.
FONTE DIRETA:
Pessoas que compram
o leite in natura.

Os consumidores, na sua maioria (91%), e os mesmo durante a entrevista oralmente disseram que sim, pois consideram o leite um produto importante no seu dia a dia, sendo o do tipo *in natura* o viável para seu consumo por ser também o mais “forte e mais barato”.

Na pergunta: Com qual frequência compra o leite in natura?

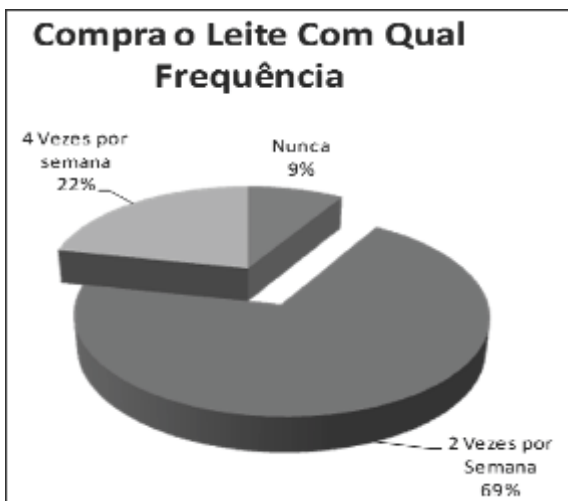


Gráfico 2.
FONTE DIRETA:
Compram o leite com
qual frequência.

Dos entrevistados, 69% disseram comprar apenas duas vezes por semana, pois eram os dias disponíveis para ficar a espera do vendedor, mas que o compravam e armazenavam, ou seja, congelavam ou refrigeravam em vasilhas menores e o usava de acordo com a necessidade. Já 22% compram mais vezes por terem crianças em casa que gostam de tomar o leite com mais frequência e o restante quando precisam comprar o leite pasteurizado.

Dando continuidade fizemos a seguinte pergunta: Vocês fervem o leite antes de consumi-lo? Para tal interrogação obtivemos a seguinte resposta:

Gráfico 3.
FONTE DIRETA:
Pessoas que fervem o leite
antes de consumi-lo



Dos entrevistados, 70% disseram ferver, por ter este costume de muitos anos, 26% disseram que às vezes, dependendo de sua disponibilidade, e 4% que gostam do gosto do leite natural, e que não gostam de encontrar natas no leite.

Ao serem perguntados se alimentam as crianças com o leite in natura, obtivemos como resposta:

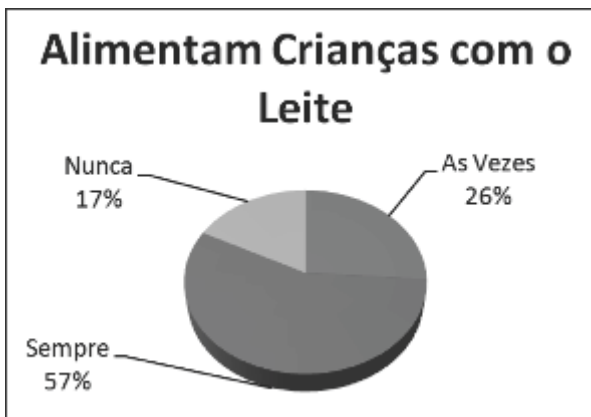


Gráfico 4.
 FONTE DIRETA:
 Famílias que alimentam crianças com o leite in natura.

Para a seguinte pergunta, 57% dos entrevistados responderam que sempre alimentam crianças, pelo fato de já terem o costume de comprar o leite, 26% disseram que os alimentam às vezes, já 17% falaram que nunca alimentam, por não possuírem crianças em casa.

Para a próxima pergunta, foram questionados, se já ingeriram o leite sem nenhum tratamento térmico (Fervura, Pasteurização, UHT):

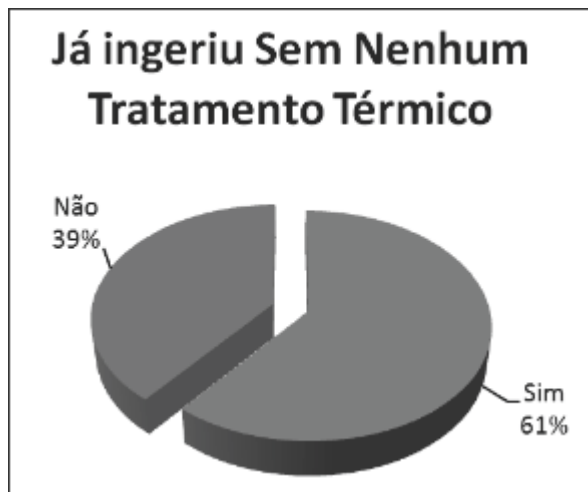


Gráfico 5.
 FONTE DIRETA:
 Pessoas que já tomaram o leite in natura sem fervê-lo.

Para a pergunta acima, 39% das pessoas responderam que não, por não terem coragem de o consumir, ou por não gostarem, já 61% afirmaram que sim, evidenciando que alguns o preferem desta maneira, por acreditarem que o sabor sofra alteração após os tratamentos citados, e gostarem do sabor “original”.

Questionados se sabem dos riscos de adquirir alguma doença através deste alimento, os entrevistados responderam:

Gráfico 6.
FONTE DIRETA:
Pessoas que sabem dos riscos de adquirirem doenças ao ingerirem o leite in natura.



A partir deste questionamento, 35% dos entrevistados não sabem, e nunca ouviram falar que o leite possa transmitir doenças a que o consuma, 30% responderam que sabem dos riscos, mas acreditam que a fervura do leite *in natura* possa combater todas elas, e 35% responderam que já ouviram falar, mais não conhecem e não sabem como possa acontecer.

Conforme o questionamento pode-se perceber que cerca de 70% não conhecem e não sabem como pode ocorrer uma intoxicação alimentar a partir do leite, com isso podemos unir as informações fornecidas pelo Ministério da Saúde, e citado no trabalho de Vieira K. P. et al.2008, que no Brasil, apesar das limitações do sistema de informação, há registros de que a toxinfecção alimentar causou a internação de 26.588 pessoas, em 2000, com isso podemos perceber que já a alguns anos faltam informações à população brasileira, sobre segurança alimentar,

Mais recentemente Soares et al (2009), em pesquisas feitas em Janaúba – MG, relata que mais de 43% da população que consome “leite cru” desconhece a existência de doenças causadas pelo mesmo.

3.1 Análise dos dados Colhidos em 2013.

Procurados os pontos de venda das amostras analisadas no ano de 2011, foi constatado que todos os mesmos continuam vendendo ilegalmente o leite sem nenhum tratamento.

Também foram procurados novos pontos de venda, e encontrados mais 12 pontos de comércio ilegal, dentre mercearias, casas e vendedores ambulantes, totalizando 22 pontos de venda encontrados facilmente pela cidade.

3.2. Contribuições das Entrevistas para o Trabalho

Essas entrevistas contribuíram muito para o estudo, pois elas demonstraram que a população, ou grande parte dela não tem um conhecimento concreto e específico sobre o que pode ou não fazer mal a saúde de idosos, jovens e principalmente crianças, e a partir deste trabalho podemos alertar sobre estes riscos.

A cidade e o município de João Pinheiro têm como fator principal econômico a agropecuária, e muitos de seus pequenos produtores rurais não têm subsídio para o avanço tecnológico como a compra de tanques para armazenamento do leite ou para a ordenha mecânica, visto que produzam pouco, e muitos deles apenas para manter a sobrevivência da família, por isso, vendem o leite na própria cidade, pois isso reduz os gastos e podem ainda lucrar um pouco mais, já que o pagamento do mesmo pelas fábricas de laticínios é baseado na qualidade do leite fornecido, e como esses produtores rurais muitas vezes não tem muitos recursos os lucros vindos dos laticínios não pagam muitas vezes o gasto com o gado, obrigando-os a procurarem outros recursos, e sendo comercializado nas ruas, o pequeno produtor pode oferecê-lo pelo dobro do preço, e lucrar um pouco mais.

Por outro lado, temos o consumidor, que também por ter baixa renda, procura um produto mais barato, no caso o leite *in natura*, que o favorecerá a compra de maior quantidade. Como o *in natura*, dentre os leites fluidos, é o que possui menor preço, há, assim, uma maior preferência por parte dos consumidores de tal produto, especialmente àqueles consumidores de menor poder aquisitivo, além de tais trazerem consigo a crendice de que o leite pasteurizado passa por processos que possa alterar o sabor do leite ou diminuir suas proteínas, e também por terem a comodidade de muitas vezes receberem o leite na porta de suas casas.

A partir dos questionários realizados, podemos perceber que grande parte da população realmente faz o uso do alimento, mesmo alguns sabendo dos riscos do consumo do mesmo. Portanto podemos perceber que o estudo realizado a partir das amostras de leite *in natura* é de grande valia para a formação de novos conceitos e informação a pessoas que não sabem ou não importam com os riscos provenientes de alimentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa observou-se de modo geral que tanto os comerciantes quanto os consumidores de leite *in natura* não possuem conhecimento da dimensão do grau de periculosidade da comercialização e consumo do leite *in natura* para a saúde e é em vão a mudança de datas pelo Ministério da Agricultura para melhoria da qualidade do leite vendido sem antes conscientizar a população e ainda sem um real subsídio para os produtores, visto que muitos não têm acessibilidade a entrega de leite, outros sequer energia elétrica em suas propriedades rurais.

Portanto, torna-se necessário a adoção de medidas que visem a conscientização da população sobre o uso indevido do leite sem tratamento, maior vigilância da Secretaria Municipal de Saúde, com visitas continua nos pontos de vendas, que como comprovado na primeira visita em 2011 até os dias de hoje não foram coibidas essa comercialização para que evite assim o crescimento microbiano na cadeia produtiva do leite, a fim de que haja uma melhor qualidade do leite na região e que os consumidores possam tomar um leite que realmente fará bem à sua saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVISA. Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, **Resolução nº 12, de 02 de Janeiro de 2001**. Aprova o regulamento técnico sobre padrões microbiológicos para alimentos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 02 jan. 2001. 51 p.

ALVES, L M C et al. **Qualidade Microbiológica do leite cru e de queijo de coalho comercializados informalmente na cidade de São Luís - MA**. Pesquisa em Foco, v. 17, n.2, p. 01-13, 2009.

BRASIL. MINISTERIO DO ESTADO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal**. Aprovado pelo Decreto Nº 30.691, de 29 de março de 1952. PORTARIA Nº 370, DE 04 DE SETEMBRO DE 1997. **D.O.U., 08/09/1997**.

BRASIL. MINISTERIO DO ESTADO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 62, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2011**. Aprovado D.O.U., 30/12/2011 - Seção 1.

BRASIL. MINISTRO DE ESTADO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Regulamento técnico de identidade e qualidade do leite UHT (UAT)**. PORTARIA Nº 370, DE 04 DE SETEMBRO DE 1997.

CAMPOS, L. C; **Livro de Microbiologia**. 4^od. São Paulo: ED. Atheneu, 2005.

DOWNES & Ito, 2001 in LISITA M O. **Evolução da população bacteriana na linha de produção do queijo minas frescal em uma indústria de laticínios**. Piracicaba, Estado de São Paulo - Junho 2005

FONSECA, L. F. L. **As potenciais limitações para a implantação do novo Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite**: parte 1/2. Disponível em www.milkpoint.com.br. Acesso em 01 agosto 2011, setembro 2013.

FRANCO, B. D. G. de M.; LANDGRAF, M. **Microbiologia dos Alimentos**. São Paulo: Atheneu, 2005. p 33-80

NERO, L A; MAZIERO, D; BEZERRA, M M S. **Hábitos alimentares do consumidor de leite cru de Campo Mourão. PR. Semina: Ciências Agrárias**, 2003. p.21-26.

SCHOCKEN-ITURRINO, R P; et al. **Ocorrência de bactérias esporuladas dos gêneros *Bacillus* e *Clostridium* em amostras de leite longa vida.** Higiene Alimentar, v.10, n.42, p. 25-27, 1996.

SOARES et al (2009), **leite cru – fervura doméstica e conhecimento de possíveis doenças transmitidas pelo seu consumo.** UNIMONTES- Universidade Estadual de Montes Claros. 2010 p.002.

SOUSA, D D P. **Consumo de produtos lácteos informais, um perigo para a saúde pública. Estudo dos fatores relacionados a esse consumo no Município de Jacareí-SP.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia Experimental e Aplicada às Zoonoses) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. p.114.

VIEIRA, K P.- et al.. **Contaminação de queijo Minas frescal por bactérias patogênicas: um risco à saúde.** ConScientiae Saúde. 2008, p 203

A IMPORTÂNCIA DAS ORIENTAÇÕES E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM QUANTO AS CONSULTAS PRÉ-NATAL PARA AS GESTANTES ACOMPANHADAS EM UM PSF DE JOÃO PINHEIRO (MG)

Mariane Camila Alves de Souza^{*}
Cristiana Mourão da Fonseca^{**}
Aline Evangelista de Almeida^{***}

Resumo: Este estudo tem por objetivo abordar assuntos sobre a importância do acompanhamento, assistência e orientações diante às consultas de pré-natal realizadas pelo enfermeiro, sobre a qualidade prestada pelo mesmo juntamente com o interesse das gestantes sobre a continuidade do pré-natal. Realizou-se neste trabalho a pesquisa de campo, que possibilita informações e conhecimentos sobre as gestantes que fazem acompanhamento do pré-natal no Programa de Saúde da Família (PSF), estudo de abordagem qualitativa, no qual se torna um referencial do cuidado holístico ideal para abordar os fenômenos humanos, foram realizadas entrevistas para um grupo de 10 gestantes contendo questões abertas e de múltipla escolha. Foi utilizado também o método quantitativo ao se aplicar gráficos no estudo, para o profissional de enfermagem por meio de aplicação de questionário com apenas questões abertas, no período de abril a novembro de 2013. Essas ações têm como finalidade prevenir, identificar e corrigir problemas fetais e maternos, bem como informar, alertar as gestantes no que diz respeito ao momento da gestação, parto, nascimento, puerpério e cuidados ao recém-nascido. Envolvendo também essas intervenções à família, ao pai da criança e aos demais integrantes, para saberem lidar com o processo da gestação e quaisquer intercorrências.

Palavras-chave: Enfermeiro. Pré-natal. Orientações. Assistência.

^{*} Graduada em Enfermagem pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) E-mail: marianeenf@live.com

^{**} Graduada em Enfermagem pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) Professora no curso de Enfermagem da FCJP. E-mail: cristianamourao@hotmail.com

^{***} Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Minas Gerais, Mestre em Atenção à Saúde pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Coordenadora e Professora do Curso de Enfermagem da FCJP.

Abstract: This study aims to address issues about the importance of monitoring , assistance and guidance on the pre -natal consultations by nurses on the quality provided by the same along with interest of pregnant women about the continuity of prenatal care. This work was performed fieldwork , allowing information and knowledge that make up pregnant prenatal care in the Family Health Program (PSF) , qualitative study , which becomes an ideal framework of holistic care to address human phenomena , interviews for a group of 10 pregnant women with open and multiple choice questions were conducted . Quantitative method was also used to apply graphics in the study , for professional nursing through a questionnaire with open questions only in the period April-November 2013. Such actions are intended to prevent, identify and correct fetal problems and maternal as well as inform, warn pregnant women with regard to the time of pregnancy, labor , birth , postpartum and newborn care . Also involving these interventions to the family , the child's father and other members to know how to handle the process of pregnancy and any complications .

Keywords: Nurse. Prenatal. Orientations. Attendance.

INTRODUÇÃO

O estudo destaca a importância da assistência e orientações prestadas pelo enfermeiro diante as consultas de pré-natal para as gestantes acompanhadas em um Programa de Saúde da Família (PSF) de João Pinheiro-MG.

O pré-natal é uma fase de preparação física e psicológica para o parto e para a maternidade, sendo assim, é um momento de intenso aprendizado, uma oportunidade para que os profissionais da equipe de saúde desenvolvam a educação em saúde como um processo de cuidar (LORENZI et al, 2001, p, 141).

É muito importante logo que a mulher identifique a gravidez, saber que é o momento para estar mais atenta com sua saúde, durante os nove meses será um período onde terão mudanças corporais importantes que exigirá cuidados especiais. Assim, a futura mamãe deve procurar o quanto antes o serviço de saúde, para já dar início ao pré-natal, onde estará

realizando os primeiros exames, tomar as vacinas, e ter as devidas orientações e assistência do profissional de enfermagem.

Cabe ao PSF à cobertura para todas gestantes garantindo os princípios de universalidade, equidade e integralidade neste ciclo importante da vida de uma mulher a consulta de pré-natal, bem como o acompanhamento, é fundamental para a continuidade da assistência, do atendimento e avaliação e da promoção da saúde da mãe e do feto.

A Pesquisa tem como objetivo geral enfatizar as principais orientações de enfermagem prestadas durante todo o período pré-natal, definindo os conceitos e importância da educação em saúde, demonstrar intervenções, ações e orientações que o enfermeiro deve estar apto para prestar durante o pré-natal.

Essas ações têm como finalidade prevenir, identificar e corrigir precocemente problemas que possam resultar em risco para a saúde da gestante e feto, bem como informar, alertar as gestantes no que diz respeito ao momento da gestação, parto, nascimento, puerpério e cuidados ao recém-nascido.

Este artigo teve como objetivos específicos destacar a conscientização da sociedade sobre a necessidade da continuidade do pré-natal onde são consultas fundamentais para garantir uma gestação saudável, sendo um período que antecede o nascimento do bebê, como também é a preparação saudável para o parto, onde um conjunto de intervenções e ações é aplicado tanto na saúde da mãe, como na saúde do feto, de um modo pessoal, individual como também familiar, coletivo das gestantes.

Da importância da assistência que atende as gestante, onde todas tem direito de um atendimento harmonioso, respeitoso, sempre humanizado, sem preconceitos religiosos, crenças, cor, condições econômicas e sociais, focando na qualidade de vida das mesmas.

E para os profissionais é a conscientização de que a educação permanente é fundamental, pois além de ser capacitado, este tem que sempre atualizar seus conhecimentos e também mostrar compromisso e interesse por esse assunto e tomar frente nessa assistência que sempre deve ser humanizada, mudando os hábitos e os más costumes das mulheres e garantir uma vida mais saudável para o recém nascido e para a mulher.

De acordo com (SANTOS, 2004, p, 81) “Durante esse período é importante que a equipe de saúde se comprometa com a gestante, garantindo informação suficiente para que ela possa ter uma gestação tranquila e confiante.”

A pesquisa foi realizada no período de abril a novembro de 2013, em um PSF do bairro Santa Cruz I, da cidade de João Pinheiro-MG. O PSF que foi realizado a presente pesquisa está situado em João Pinheiro-MG atende a moradores do bairro Santa Cruz I e circunvizinhos, foi inaugurado em 10 de setembro de 2002, é formado por uma equipe de saúde composta por um médico, um enfermeiro, um técnico de enfermagem, sete agentes de saúde, uma recepcionista e uma pessoa responsável pela limpeza. A estrutura física do PSF é composta por recepção, sala de triagem, sala de vacinas, consultório médico, consultório de enfermagem, consultório odontológico e copa.

Para a referida pesquisa propõem-se o seguinte questionamento: as gestantes estão seguindo corretamente o acompanhamento do Pré-natal? Quanto aos profissionais, estão devidamente qualificados para passarem essas informações à sociedade?

A presente pesquisa partiu da hipótese de que um maior índice de gestantes realizando as consultas, um melhor esclarecimento sobre os benefícios que o pré-natal proporciona a mãe/feto, uma busca de melhor capacitação dos profissionais os quais passam essas orientações para a sociedade.

No desenvolvimento do estudo, fiz o uso da pesquisa qualitativa, sempre visando à qualidade de vida das gestantes entrevistadas, mas utilizei também instrumentos quantitativos ao se aplicar questionários às gestantes acompanhadas no PSF e á profissional de enfermagem que atua no mesmo.

De acordo com (PATRÍCIO, 2005, p, 6) “esse referencial tem orientado profissionais na perspectiva de que seus estudos e práticas possam contribuir, direta e indiretamente, com a qualidade da vida individual-coletiva, em cooperação com o ambiente natural”.

Desta forma a pesquisa qualitativa se torna um referencial do cuidado Holístico, ideal para abordar fenômenos humanos.

No decorrer da pesquisa foi utilizada a pesquisa de campo, que possibilita informações e conhecimentos sobre as gestantes que fazem acompanhamento do pré-natal no PSF. Foi pesquisado também sobre a capacitação, responsabilidade e humanização dos profissionais de enfermagem que atua no PSF quanto à assistência que é dada nas consultas pré-natal. O questionário aplicado para um total de dez gestantes e composto por questões abertas e de múltipla escolha, para o profissional de enfermagem foi aplicado um questionário contendo apenas questões abertas.

CONCEITOS SOBRE O PRÉ-NATAL

A assistência pré-natal nada mais é que um conjunto de intervenções que deve ser de forma humanizada, com finalidade de identificar e tratar riscos, intervir com medidas que possam garantir a saúde da mulher e do conceito, acolhendo-os desde o início da gravidez até seu fim, possibilitando um nascimento saudável e bem estar a essas vidas. A gestante tem acesso ao cartão desde a primeira consulta, onde já será agendado a próxima visita.

A Consulta pré-natal são encontros das gestantes com a equipe de saúde, para garantir que a gestação ocorra de forma saudável, o mais indicado que seja com a enfermeira, que começa assim que se descobre a gravidez onde sinais e sintomas são evidenciados e vai até alguns dias após o nascimento do bebê, orientando assim com os primeiros cuidados com o recém nascido, onde são passadas orientações acerca do manejo adequado à amamentação, importância do leite materno, cuidados na hora do banho, garantir conforto no momento do sono sempre orientando quanto ao posicionamento correto do bebê, alertar sobre as vacinas que devem ser tomadas, e em caso de intercorrências com o neonato procurar atendimento na unidade de saúde.

Tão logo uma mulher suspeite estar grávida, deve marcar uma consulta médica para iniciar a assistência anteparto para si própria e para seu filho. Embora a gravidez seja um processo fisiológico normal, as várias alterações que ocorrem no corpo da mulher resultam numa menor distância entre saúde e doença do que quando ela não está grávida. A prevenção ou pelo menos, diagnóstico precoce dos sinais anormais, seguido por tratamento imediato e eficiente, evitara muitas complicações associadas á parturição, não somente durante o período anteparto, como também durante o trabalho de parto, nascimento e o puerpério. Portanto, a assistência anteparto é essencialmente uma assistência preventiva para a mãe e o feto. (ZIEGEL, 1985, p, 169).

Visando sempre a qualidade da vida materna e fetal, nesse período ocorre sempre algumas alterações e mudanças no corpo da mulher que são comuns mudanças psicológicas e emocional, variando de gestante para gestante, a equipe de enfermagem deve se atentar e ter aptidão para resolução de intercorrências, buscando sempre a saúde desses indivíduos, e mimizando as altas taxas de morbidade e mortalidade materna e fetal.

De acordo com (ZIEGEL, 1985, p, 163) a gestante apresenta no transcurso da gravidez uma série de necessidades que a enfermeira precisa estar apta a preencher.

Elas incluem:

- História patológica pregressa e atual e avaliação do estado físico.
- Avaliação do estado fisiológico da mãe e do seu feto.
- Nutrição adequada para manter a saúde materna assegura um bom desenvolvimento do bebê.
- Apoio emocional/psicológico.
- Educação e orientação referente ao que está acontecendo no corpo o trabalho do parto, para o próprio parto e para assistência ao bebê.

Essas orientações é um bom caminho para garantir uma gravidez saudável, tranquila e prazerosa, assim dependendo de cada caso, o enfermeiro saberá os procedimentos mais apropriados para cada gestante.

A consulta de pré-natal vai além de um exame físico, há uma interação do profissional com a gestante, há o apoio emocional para que a mulher sintase segura, são nessas consultas que as gestantes são informadas sobre a higidez do feto, sobre seu estado de saúde, onde detectam sinais e sintomas comuns da gravidez e aqueles que não são comuns, se iniciam os exames e as vacinas necessárias, tem acesso a assistência nutricional, orientações sobre exercícios físicos, orientações sobre atividades que podem estar fazendo e as que devem ser evitadas, cuidados higiênicos, descrevem a importância da participação do pai e da família, orientações sobre os tipos e sinais de parto, informações sobre os primeiros cuidados com o recém nascido e a importância da nutrição com o próprio leite materno, onde é fundamental para um bom desenvolvimento da criança e evita varias patologias.

CALÉNDARIO DE CONSULTAS

Após a confirmação da gravidez, dar-se o inicio ao pré-natal, ao acompanhamento as gestantes. As consultas são geralmente de rotina, obedecendo a uma sequência.

De acordo com (SANTOS, 2004, p. 82) “A periodicidade deve variar de acordo com a rotina local, orientação e conduta médica e de enfermagem, principalmente quanto ao estado clínico geral da gestante”.

O cuidado a gestante e ao feto durante o pré-natal, constitui um fenômeno da atenção á saúde ocidental. No modelo de atendimento biomédico ocidental, as mulheres são encorajadas a procurá-lo o mais cedo possível. (REBEN, 2008, p, 596).

O cuidado com a gestante e a saúde do feto deve ser iniciado logo após a confirmação da gravidez, os profissionais devem encorajar e informar a importância da participação delas nas consultas pré-natal, acolhendo elas desde o início da gravidez até o momento do parto e os primeiros cuidados com o recém-nascido (RN).

No modelo de Santos, (2004) as consultas seguem uma rotina mensal até a 29ª semana de gestação, partindo para quinzenalmente da 29ª semana em diante, e semanalmente acontecendo no último mês da gestação.

Segundo Reben, (2008) as intervenções de saúde desenvolvidas durante o pré-natal devem dar cobertura para todas as gestantes de toda população, dando o direito ao acompanhamento, a continuidade das consultas atendimento e assistência. Onde estabelece como critérios para o cuidado a gestantes e ao feto o seguinte:

- 1) Primeira consulta até o 4º mês de gestação;
- 2) Garantir a realização dos seguintes procedimentos:
 - No mínimo, seis consultas de pré-natal;
 - Uma consulta no puerpério, até quarenta e dois dias após o nascimento;
 - Exames laboratoriais;
 - Oferta de testes de HIV, com um exame na primeira consulta, naqueles municípios com população maior que cinquenta mil habitantes;
 - Aplicação de vacina antitetânica até a dose imunizada (segunda) do esquema recomendado, ou dose de reforço em mulheres já imunizadas;
 - Atividades educativas;
 - Classificação de risco gestacional a ser realizada na primeira consulta e nas consultas subsequentes;
 - Atendimento às gestantes classificadas como de risco, garantindo o vínculo e acesso à unidade de referência para atendimento ambulatorial e/ou hospitalar à gestação de alto risco.

A anamnese, o exame físico, exames laboratoriais, também fazem parte da rotina do pré-natal.

Diante a primeira consulta pré-natal, as gestantes terão acesso ao cartão individual da gestante, tornando tão importante como qualquer outro documento, nele será registrado nome, idade, endereço, história de patologias pessoais e na família, hábitos sociais, sua história ginecológica, gestações anteriores, inclusive a data da próxima consulta.

ASSISTÊNCIA E ORIENTAÇÕES DE ENFERMAGEM

Para Ziegel, (1985) a confirmação da gravidez é a primeira tarefa da assistência pré-natal e anteparto para o profissional de saúde e para a mulher e sua família. Para a maioria das mulheres, no entanto, o diagnóstico da gravidez é feito por causa da manifestações de certos sinais e sintomas.

Desde o conceito alguns sinais e sintomas são evidentes, alguns começam antes mesmo da confirmação da gravidez e podem persistir até a 40ª semana. A mulher deve estar atenta com os sinais e sintomas, confirmar quanto antes melhor a gravidez para já estarem dando início á assistência pré-natal.

Para (ZIEGEL, 1985, p, 164) “Tradicionalmente os sinais da gravidez são classificados sob três rubricas: Sintomas e sinais presuntivos (amenorréia, alterações nas mamas, náuseas e vômitos, polaciúria, fadiga...) sinais de probabilidade (aumento do abdome, alterações uterinas, sinal de Hegar, sinal de goodell, confirmação no teste de gravidez) e sinais de certeza (ausculta dos batimentos cardíacos fetais, percepção de movimetos fetais, vizualização fetal por raio-x ou ultra-som).

EXAMES LABORATORIAIS

De acordo com (SANTOS, 2004, p, 87) “Alguns exames laboratoriais fazem parte da complementação da avaliação da gestante, entre os quais podemos destacar”:

- Exames de sangue: Hemograma completo, hemoglobina e hematócrito, leucometria, sorologia para rubéola, sorologia para HIV, triagem para TORCH;
- Exames de Urina: Urina tipo I, cultura para urina;
- Toxoplasmose.

De acordo com Santos, (2004) são realizados também outros exames como a Ultra-sonografia: Do útero e do feto, realizado para detectar a (IG) idade gestacional, posição, tamanho e a atividade do feto, integridade e maturidade da placenta, e também condições do líquido amniótico. E um exame que auxilia em todos os diagnósticos possíveis da gestação.

VACINAS

De acordo com Santos, (2004) a gestante deve ficar atenta e não tomar nenhuma vacina sem o conhecimento médico. A grande maioria das vacinas é contra-indicada as gestantes, por constituírem vírus ativo, onde não é aconselhável para a formação do feto.

DESCONFORTOS COMUNS DA GRAVIDEZ

Em geral as gestantes sofrem alterações que causam desconfortos, indisposição, mal estar e dores por todo o corpo, sendo presente em grande maioria das gestantes. Os profissionais de enfermagem devem estar preparados e capacitados, sempre buscando novos conhecimentos acerca desses desconfortos para assim poderem atender as necessidades de cada uma das gestantes, orientando e utilizando práticas e assistências que aliviem esses incômodos.

São eles: Náuseas e vômitos, pirose, mal-estar, flatulência, cólicas, obstipação intestinal, hemorróidas, leucorréia, fadiga, dispnéia, câibras, varicosidade, estrias, cloasma gravídico, lombalgia dentre outras.

Para Ziegel, (1985) todos os distúrbios citados fazem parte do ciclo gravídico, variando de gestante para gestante, podendo ocorrer os nove meses da gestação, mais como dito muitos desses desconfortos podem ser evitados, amenizados e corrigidos por uma boa assistência médica e de enfermagem durante o pré-natal. A enfermagem tem um papel fundamental sobre esses distúrbios, proporcionando uma gravidez mais tranquila, dando sequência ao tratamento para manutenção e promoção da saúde, trazendo satisfação, alegria e o bem-estar físico das gestantes.

ASSISTÊNCIA NUTRICIONAL

Para se alcançar e desenvolver um bom acompanhamento pré-natal deve ser dar uma atenção especial na qualidade nutricional das gestantes, durante toda gestação, os profissionais de enfermagem devem dar uma atenção maior e alertar as gestantes sobre a importância de adquirir uma alimentação saudável, equilibrada, contendo todos os nutrientes essenciais para uma boa formação e crescimento fetal, orientando sobre os hábitos alimentares e quantidades necessárias, alertando que o consumo excessivo pode ser prejudicial tanto para a mãe como para o feto, colocando em risco a

saúde e podendo ocasionar várias doenças gestacionais.

De acordo com Santos, (2004) a profissional de enfermagem deve contar com a assistência e orientações de uma nutricionista, levando sempre em consideração as preferências e aversões alimentares de cada gestante, oferecendo um parâmetro de nutrientes suficientes tanto para o feto como para a mãe.

O peso das gestantes deve ser acompanhado e verificado mensalmente, comparando com o mês anterior, para se avaliar as necessidades de alguns nutrientes, ou o consumo em excesso.

De acordo com o Brasil, (2005) estima-se o ganho de peso para as gestantes utilizando o esquema abaixo. Fonte: (BRASIL, 2005, p, 46):

- Gestantes com baixo peso: 12,5 a 18,0 kg
- Gestantes com peso adequado: 11,5 a 16 kg
- Gestantes com sobrepeso: 7,0 a 11,5 kg
- Gestantes com obesidade: 7,0 kg

Contudo de acordo com o IMC inicial de cada gestante, será especificado o peso que poderá acumular-se durante a gestação, sempre respeitando o limite de saúde de cada gestante.

De acordo com Santos, (2004) a dieta das gestantes deverá conter todos os tipos de nutrientes adequados, garantindo o consumo de vitaminas, aminoácidos, sais minerais, carboidratos, proteínas, lipídios, cálcio, fósforo, ferro, ácido fólico, iodo, cobre, cromo, selênio, líquidos e optar por dietas pobres em gorduras, evitar consumo de álcool.

ORIENTAÇÕES GERAIS DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL

Promover orientações sobre o estado geral das gestantes é compromisso da equipe que participa das consultas pré-natais, principalmente do enfermeiro, que deve manter as gestantes bem informadas, dedicar-se totalmente a elas.

1. Exercícios Físicos: A prática de exercícios físicos durante a gravidez auxilia no trabalho de parto, melhora a circulação além de proporcionar tranquilidade e bem-estar. Mais devem tomar cuidado para não exceder, e a medida que a gravidez avança, o ritmo das atividades físicas deve ser diminuído.

2. Repouso e relaxamento: De acordo com Ziegel, (1985) a medida que a gestação evolui o abdome aumenta de tamanho, volume e peso, exigindo assim um esforço maior das grávidas, o repouso frequente se torna

necessário durante o dia, o indicado é de 10 a 15 minutos para cada repouso a fim de se evitar cansaço e fadiga desnecessários, durante a noite o esperado que seja 8 horas de sono.

3. Cuidados com as mamas: Manter as mamas sempre secas, não usar sabonetes, cremes ou pomadas, tomar banho de sol sobre as mamas, e corrigir a posição da pega ajuda na prevenção de fissuras e rachaduras, recomenda-se também tratar as fissuras com o próprio leite materno, no término de cada amamentação. O posicionamento correto na hora da amamentação é mamilo-aureolar.
4. Aleitamento materno: É preciso orientar as gestantes sobre a importância do leite materno para o recém-nascido, orientações que devem ser passadas durante o período pré-natal, para já garantirem conhecimento, informações da sua importância, sua necessidade e vantagens.
De acordo com Santos, (2004) além de o leite humano proteger a criança de infecções como diarreias e pneumonias, garante parte da imunização do recém-nascido, também favorece o desenvolvimento neuropsicomotor da criança, diminui índices de mortalidade, reduz a taxa de desnutrição, e o mais importante é que proporciona uma profunda relação entre a mãe e o bebê.
5. Vestuário: Conforme Ziegel, (1985) qualquer tipo de roupa que restrinja a circulação deverá ser evitadas e proibidas durante a gravidez, pois retardam a circulação, favorecendo assim o aparecimento e desenvolvimento de varicosidade e câimbras musculares. Deve-se recomendar a elas que usem roupas confortáveis leves, mais folgadas, se adaptando ao corpo conforme desenvolvimento da gravidez.

IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E FAMILIARES DURANTE O PRÉ-NATAL

Segundo Brasil, (2005) a participação do pai e cada vez mais frequente durante o pré-natal, devido sua presença esta sendo estimulada durante as atividades de consulta e entre grupos de preparo do casal para o momento do parto. A gestação e carregada de sentimentos profundos, de construção como tendências de criar um forte vínculo provocando transformações pessoais, sendo comprovada os efeitos benéficos que o acompanhante traz a gestação.

Assim, a experiência do homem com a gravidez é intrinsecamente diferente daquela da mulher; contudo, existem muitas semelhanças quando o casal compartilha a gravidez e planeja em conjunto a paternidade. (ZIEGEL, 1985, p, 222).

De acordo com Ziegel, (1985) é importante resaltar também a presença do marido ou algum familiar, para fornecer apoio a mulher, assim a gestante se sentirá mais a vontade com sua gestação e trará um vínculo maior com sua família, mostrando a importância deles na participação com sua gestação.

Na busca de atender as necessidades e dúvidas das gestantes está implícita a valorização dessas orientações e assistência durante o pré-natal.

ANÁLISE DE DADOS OBTIDO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO APLICADO PARA AS GESTANTES

Conforme explicitado anteriormente, este estudo teve como objetivo demonstrar os resultados de dados que obtive através da pesquisa de campo aplicado para as gestantes onde as questões discutidas sobre orientações e assistência de enfermagem durante o pré-natal com as gestantes, procura descrever o objetivo proposto da minha pesquisa.

A pesquisa teve como amostra 10 gestantes todas faz acompanhamento do pré-natal no PSF de origem do estudo, as gestantes foram informadas sobre métodos e finalidades da pesquisa, o questionário formulado contém questões abertas e de múltipla escolha, os resultados obtidos são demonstrados abaixo em forma de gráfico e respostas abertas, segue também a leitura e análise obtidos através do questionário.

O gráfico I tem como finalidade analisar o questionário respondido pelas gestantes que são acompanhadas no PSF sobre a faixa etária.

Gráfico 1.
Faixa etária das gestantes;
Fonte: Pesquisa direta, 2013.



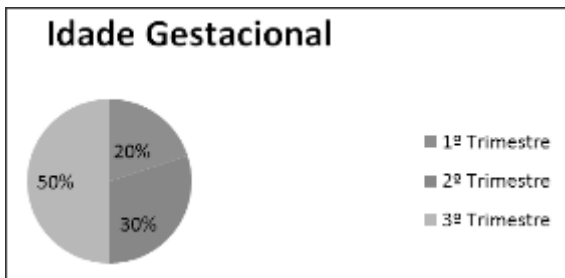
O gráfico acima demonstra que 17% das gestantes entrevistadas têm entre 15 a 20 anos, 33% têm entre 26 a 30 anos, e 50% têm entre 21 a 25 anos de idade, percebemos que 50% das gestantes entrevistadas estão em uma faixa etária ideal para desenvolver uma boa gestação, visto que idades abaixo de 17 anos e acima de 35anos é considerado como de risco.

A idade é um fator importante a ser avaliado durante o pré-natal, para estabelecer riscos e cuidados que a idade pode gerar, podemos observar no gráfico uma porcentagem favorável das gestantes entrevistadas, parte delas corresponde os paramentos adequados para desenvolver uma boa gestação.

Segundo Ziegel, (1985) as mulheres com idade próxima aos vinte anos têm sido consideradas como á melhor idade biologicamente capazes para reprodução saudável, melhor idade para se planejar uma gravidez com baixa taxa de riscos e problemas maternos e fetais.De acordo com Santos, (2004) a idade abaixo de 17 anos e a idade acima de 35 é considerada como fator de risco na gravidez.

O gráfico II tem como finalidade analisar o questionário respondido pelas gestantes acompanhadas no PSF sobre o trimestre de gravidez que estão.

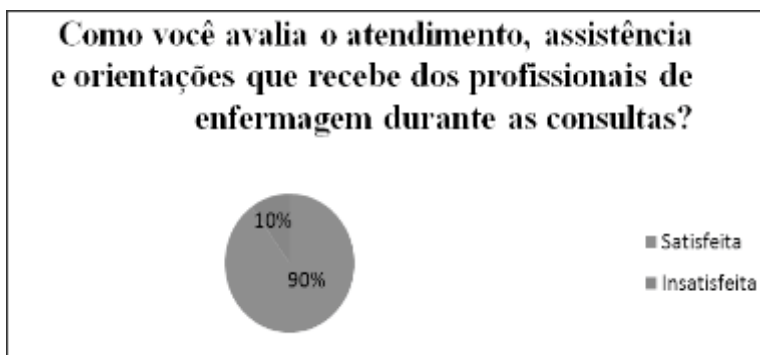
Fonte:
Pesquisa direta,
2013



O gráfico acima nos mostra que das 10 gestantes entrevistadas 20% delas no primeiro trimestre da gravidez, 30% estão no segundo trimestre e 50% das gestantes estão no terceiro trimestre da gravidez.

O cálculo da idade gestacional pode ser obtido de duas maneiras de acordo com Santos, (2004) pelo método da idade ovular, onde é calculado pela data da última ovulação, e pelo método da idade menstrual, onde se calcula pela a data do último fluxo menstrual, a proposta de analisar o trimestre da gestação, e para confirmar se as gestantes estão cientes das alterações fisiológicas normais que acontecem durante as etapas da gravidez, revendo as necessidades de orientações de acordo com cada trimestre gestacional.

O gráfico III tem como finalidade analisar o questionário respondido pelas gestantes que são acompanhadas no PSF sobre o atendimento das consultas, das orientações e assistência prestada pelo profissional de enfermagem.



Fonte:
Pesquisa direta,
2013

No gráfico III percebemos que a maioria das gestantes está satisfeita com o atendimento que recebem do profissional de enfermagem, cerca de 90% estão satisfeita e apenas 10% dizem esta insatisfeita com o atendimento.

De acordo com Rios, (2007) o atendimento de enfermagem diante as consultas se torna de grande importância para garantir extensão e a melhoria do atendimento nas consultas pré-natal, principalmente orientando as gestantes de forma preventiva e promocionais. Do profissional requer competência técnica, capacidade para compreender o ser humano como um todo, respeitando seu modo de viver, cultura, linguagem, sempre buscando o

melhor diálogo e simpatia com as gestantes. Isso garante o começo de uma ótima relação da gestante com o profissional. Para que assim os profissionais possam atender as reais necessidades de cada gestante, passando confiança e segurança.

Conforme Lima, (2008) além disso, os enfermeiros devem realizar as atividades com competência, conhecimento e compromisso profissional, independentemente das condições de estrutura física, recursos humanos ou matérias.

Durante a entrevista foi perguntado às gestantes quando elas iniciaram as consultas pré-natais e quantas já haviam realizado desde então, pode se observar as seguintes respostas obtidas por elas:

Dei início às consultas assim que descobri a gravidez, acredito que estava com um mês e alguns dias, logo então confirmei que estava mesmo grávida e já iniciei logo o pré-natal, até o momento já realizei nove consultas dentre elas com o médico e com o enfermeiro local. (Gestante 01)

Assim que descobri que estava grávida, foi no primeiro trimestre de gravidez, realizei uma consulta com a enfermeira e uma com o médico. (Gestante 02)

Comecei a realizar as consultas de pré-natal assim que tive em mãos o teste de gravidez! Com a consulta que vou realizar hoje se completa oito. (Gestante 03)

No primeiro mês de gravidez. Já realizei sete consultas até o momento. (Gestante 04)

Acredito que estava no primeiro mês da gestação, não me recordo muito bem à data. Já se completaram nove consultas desde então. (Gestante 05)

Logo no início da minha gravidez, como vou ser mãe pela primeira vez quis vim logo tirar minhas dúvidas, eu estava muito ansiosa para saber como estava à saúde do meu bebê. (risos). Mais de nove consultas, pois minha gestação deu algumas complicações no início. (Gestante 06)

Já estava completando dois meses, demorei a realizar o exame pra confirmar se estava mesmo grávida, então acabou que me atrasou a

*marcar a primeira consulta. É a segunda consulta que realizo.
(Gestante 07)*

Assim que descobri que estava grávida marquei minha consulta. Hoje realizei minha primeira consulta. (Gestante 08)

Marquei minha primeira consulta logo no primeiro mês. Realizei duas consultas até agora. (Gestantes 09)

Quando descobri que estava grávida. Quatro consultas. (Gestante 10)

Feito o análise das respostas se tem a conclusão que todas gestantes entrevistadas marcaram a primeira consulta do pré-natal assim que descobriram a gravidez, ainda no primeiro trimestre da gestação, e estão atingindo a meta de consultas necessárias para garantir um pré-natal de qualidade, destacando que se torna necessário no mínimo seis consultas até o momento do parto.

O período de assistência pré-natal deve ser iniciado quando a mulher percebe os primeiros sintomas da gravidez. Esse período tem início na concepção e termina quando a mulher entra em trabalho de parto. (SANTOS, 2004, p, 81)

Assim que a mulher confirmar sua gravidez já deve iniciar as consultas pré-natais, o quanto antes melhor, se possível ainda no primeiro trimestre da gestação, garantindo informações e saúde desde o conceito até o parto.

Segundo Brasil, (2005) toda gestante tem o direito de realizar as consultas e exames durante sua gravidez, sendo importante que realize um número mínimo de seis consultas até o trabalho de parto.

Conforme Santos, (2004) a avaliação deve ser contínua durante toda gravidez, seguindo basicamente uma rotina de consultas mensais até a 29ª semana de gestação, de quinze em quinze dias da 29ª semana em diante, e seguir as consultas semanalmente no último mês de gestação.

Terceira questão aberta aplicada as gestantes entrevistadas: Foi perguntado para as gestantes acompanhadas no PSF se durante as consultas foi solicitado a elas a realização de exames laboratoriais, informações sobre cartão de vacina, informações sobre o estado de saúde materno e fetal, com a aplicação do questionário se obteve as seguintes respostas:

Sim, foram solicitados vários exames durante o decorrer da gestação, já realizei todos e alguns se repetiram, sobre o cartão de vacina também foi falado, mais o meu estava em dia por causa da última gravidez que não tem muito tempo, está em dia minhas vacinas, e durante as consultas sempre me informam sobre a saúde do meu bebê. (Gestante 01)

Foi sim, foram pedidos exames de sangue, urina, sobre DST, toxoplasmose, e vários outros que não estou me lembrando agora, coloquei meu cartão de vacina em dia, e estou sendo bem informada sobre minha gravidez. (Gestante 02)

Sim a enfermeira solicitou vários exames e explicou a finalidade de cada um e foram realizados todos até o momento, sobre vacinas também, toda consulta me informam o estado da gravidez. (Gestante 03).

Na primeira consulta mesmo já fazem os pedidos de exame, já coloquei meu cartão de vacina em dia também, estou sendo bem orientada sobre minha gravidez, tudo está correndo bem graças a Deus. (Gestante 04).

Já me solicitou o cartão de vacina e marcarão uma vacina que estava faltando, os exames também a maioria já fiz. Sim estou sendo bem informada. (Gestante 05).

Já sim, vários pedidos de exames! Tomei as vacinas que faltava, e por minha gravidez ser considerada de risco minhas consultas sempre foram frequentes, sempre me avaliava com muita atenção, sempre me manteve informada sobre o real estado do meu bebê e sobre o meu também. (Gestante 06).

Durante a primeira consulta já solicitarão alguns exames, me pedirão meu cartão de vacina para fazer revisão e nas consultas me disseram que esta tudo bem comigo e o neném. (Gestante 07)

Sim foi falado sobre os exames que tenho que realizar, foram solicitado exames de urina, hemograma completo, toxoplasmose e outros exames, me pediu pra trazer meu cartão de vacina na segunda consulta e por enquanto está tudo correto com minha gravidez. (Gestantes 08).

Sim me explicou a finalidade de cada exame, marcou a data para tomar a vacina e estou sendo bem informada sobre minha gravidez. (Gestante 09)

Já realizei alguns exames, minhas vacinas estão em dia e estou sendo informada sobre o meu estado de saúde e a do bebê. (Gestante 10).

Quando perguntado as gestantes sobre a solicitação de exames laboratoriais, cartão de vacina e informações sobre o estado de saúde pode se analisar com base nas respostas obtidas a participação dos profissionais de enfermagem e das gestantes na realização dos exames, revisão e preenchimento do cartão de vacina e informação sobre estado de saúde materno e fetal. Os exames laboratoriais são necessários para confirmação do verdadeiro estado de saúde da gestante e faz-se necessário nas consultas pré-natais.

De acordo com Ziegel, (1985) os exames laboratoriais seguem uma rotina, os exames são realizados uma vez, geralmente na primeira consulta pré-natal. Alguns são repetidos na 28^a e 36^a semana de gravidez, quando a fisiologia alterada poderá exercer sua influencia sobre certos sistemas orgânicos.

O esquema de vacinação de acordo com Santos, (2004) deve ser avaliado por um profissional, a gestante não deve tomar nenhuma vacina sem o conhecimento médico, pois a maioria das vacinas é contraindicada na gestação por conterem vírus ativo, não sendo aconselhável para o desenvolvimento fetal.

Segundo (SANTOS, 2004, p, 82) É importante associar as consultas aos exames para garantir á gestante segurança, confiança, e bem-estar durante toda gestação, quanto á sua saúde e a saúde de seu bebê.

Sendo assim toda equipe de saúde deve manter as gestantes bem informadas, assegurando a elas informações sobre seu real estado de saúde.

Quarta questão aberta aplicada ás gestantes entrevistadas, com objetivo de analisar se algum membro da família ou o pai da criança participa das consultas juntamente com a gestante, com a aplicação do questionário se obteve as seguintes respostas:

Não, sou casada mais meu marido não pode me acompanhar por causa do trabalho. (Gestante 01)

Minha mãe me acompanha em todas as consultas, já o pai não pode acompanhar por causa do serviço dele. (Gestante 02).

Sempre venho sozinha, meu marido diz que não e necessário ele vim, fica em casa com os outros filhos até acabar a consulta, quando eu chego ele vai trabalhar. (Gestante 03)

Sempre que dá meu marido vem comigo e participa das consultas, mais não e toda vez que ele vem (Gestante 04).

Algumas vezes, mais a maioria venho sozinha. (Gestante 05)

Somente uma vez, quando realizei os exames pedidos, o horário das consultas com o trabalho dele não coincide. (Gestante 06).

Não, as duas vezes vim sozinha, o pai da criança não demonstrou interesse em me acompanhar. (Gestante 07).

Minha mãe veio comigo hoje, não sei se pode me acompanhar nas outras, gostaria que sim, fico mais tranquila. (Gestante 08)

Sim todas as gravidez que tive ele sempre me acompanhou, sempre mostrou interesse em participar. (Gestante 09).

Na primeira consulta minha mãe veio comigo, nas outras não segui sozinha, quanto ao pai não pode participar. (Gestante 10).

Através das respostas obtidas foi possível analisar que os pais e familiares se mostram muito ausentes nessa questão, poucas foram às gestantes acompanhadas por algum membro da família durante as consultas, pode se observar que seis gestantes em algumas das consultas realizadas tiveram ao lado alguém que a acompanhasse e mostrasse interesse pelas consultas, quatro delas em momento algum foi acompanhada.

Orientações devem ser passadas para os pais e as famílias dessas gestantes sobre a importância de estar ao lado delas, incentivando e apoiando nos momentos mais difíceis, a gestação em si requer muito equilíbrio emocional por parte das gestantes, e um momento de imenso aprendizado e é nessa hora que pessoas próximas devem entrar e mostrar carinho afeto e dedicação.

De acordo com (ZIEGEL, 1985, p, 169) a Presença do marido ou de outra pessoa que a apoie poderá ajudar a mulher a sentir-se mais à vontade e fará com que a família se sinta incluída e importante.

Segundo Brasil, (2005) cada vez mais se torna essencial a participação de familiares nas consultas gestacionais, visto que a gestação, momento do parto e o nascimento do bebê são eventos carregados de sentimentos

profundos, momentos de crises construtivas do saber, tendo forte potencial positivo para estimular a formação de vínculos e transformações pessoais da gestante.

Os companheiros devem atuar nesse aprendizado junto com as gestantes, cada um assumindo um importante papel na gravidez, estimulando e incentivando a gestante a realizar uma melhor gravidez possível, se tornando prazerosa e agradável para todos.

Segundo Ziegel, (1985) devido às enfermeiras terem dificuldade de encontrar e falar com os pais de suas clientes grávidas, frequentemente ela pode estar ajudando de forma indireta, estimulando as mulheres grávidas a falarem de sua gravidez para seu companheiro, falar dos momentos de medo, sobre as dúvidas e o que estar ocorrendo no seu interior, para que de um modo meio indireto eles participem da gravidez junto com elas.

ANÁLISE DE DADOS OBTIDO ATRÁVES DO QUESTIONÁRIO APLICADO PARA O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM

Como citado no capítulo anterior, a pesquisadora optou por aplicar questionários para as gestantes e para os profissionais de enfermagem com finalidade de confirmar se as gestantes estão sendo bem acolhidas bem orientadas, se o profissional está capacitado para assumir o cargo e realizar as consultas de pré-natal, de se obter informações acerca do preparo, desempenho e assistência de enfermagem prestada para as gestantes que fazem acompanhamento no PSF.

A entrevista foi realizada no próprio PSF, na data combinada com a enfermeira, de forma de entrevista verbal, o questionário e composto por questões abertas.

Na primeira pergunta realizada ao profissional de enfermagem foi perguntado: Na sua visão, qual é o papel dos profissionais de enfermagem nas consultas pré-natal? Pode se observar a seguinte resposta obtida através do questionário:

O papel de enfermagem envolve todo o processo de acolhimento, cadastramento, vinculação e a assistência de enfermagem a essas gestantes.

Pode se perceber que a profissional de enfermagem busca acolher as gestantes desde o primeiro contato, desde já realizando o cadastro e iniciando a assistência de enfermagem, garantindo informações acerca da gestação e orientações sobre a fisiologia normal da gravidez.

Segundo Santos, (2004) os profissionais de saúde deve se comprometer com a gestante garantindo informações suficientes para que ela possa ter uma gestação tranqüila e confiante, assegurando um bom crescimento e desenvolvimento fetal, evitar complicações maternas e fetais, proteger a saúde materna e fetal e garantir orientações sobre a gestação para a gestante.

Na terceira pergunta realizada para o profissional de enfermagem foi perguntado: Quais são as orientações passadas para as gestantes? Pode se observar a seguinte resposta:

Desde a importância do pré-natal e sua continuidade, orientações acerca da realização de exames, alimentação adequada, cartão de vacina, as queixas mais frequentes da gestação, desconfortos comuns, sexualidade, atividade física, fatores de risco, gestação de alto risco e cuidados gerais. Lembrando que devemos atender as gestantes na sua integralidade. Às vezes abordamos assuntos sociais e psicológicos, sendo bem proveitosa para as gestantes como para o profissional.

Através da resposta obtida pelo questionário aplicado para o profissional de enfermagem, as gestantes estão sendo orientadas sobre todos os aspectos que envolvem a gravidez, orientando as gestantes sobre a importância de realizar as consultas pré-natais corretamente, dando continuidade e assistência durante toda gestação, conforme a resposta obtida o profissional aborda orientações as gestantes sobre a nutrição, os desconfortos comuns da gestação, cuidados gerais e também fatores de risco, onde sua meta profissional e estabelecer uma meta de bem estar às gestantes.

De acordo com Ziegel (1985), durante o transcurso da gravidez a gestante necessita de uma serie de cuidados oferecido pelo enfermeiro dentre eles, o levantamento da história patológica pregressa e atual, a avaliação do estado fisiológico materno e fetal a nutrição da mãe e concepto, o apoio emocional e psicológico, bem como orientações pertinentes ao ciclo gravídico.

Santos (2004) pontua que durante o período que envolve o pré-natal, as metas dos cuidados dos profissionais de enfermagem e promover o bem estar da gestante, a adaptação da família ao novo membro e atenuar sobre desconfortos comuns durante toda gestação, devendo sempre orientá-las a ficar atentas há qualquer sintoma que não é comum na gravidez.

Na quinta questão realizada para o profissional de enfermagem foi perguntado: As gestantes mostram interesse pelas consultas e seguem corretamente o cronograma? Pode se observar a seguinte resposta obtida pela pesquisadora:

Sim as gestantes mostram compromisso, interesse e segue corretamente as consultas de pré-natal, dizem gostar muito das consultas de enfermagem, estão satisfeitas e cada vez mais procura nossa ajuda. Procuro sempre incentivá-las mostrando a importância de realizar corretamente as consultas para desenvolver uma gestação saudável, tranquila e prazerosa.

Feito a análise da resposta adquirida através do questionário respondido pelo profissional de enfermagem, percebe-se que há também um interesse e responsabilidade por parte das gestantes que são atendidas e acompanhadas no PSF, as gestantes mostram interesse em participar, seguem corretamente o esquema de consultas, interage com o profissional e no fim dizem estar muito satisfeita com a avaliação de enfermagem.

Segundo Brasil, (2000) as gestantes estão sendo estimuladas a fazerem o pré-natal e estão atendendo a esse chamado. As gestantes acreditam que terão benefícios ao procurar os serviços de saúde, mostram confiança e entregam sua gestação aos cuidados de pessoas capacitadas e autorizadas a realizar essa assistência.

Na sexta questão realizada para o profissional de enfermagem foi abordado à seguinte pergunta: Qual é o processo para incentivar familiares e o pai da criança a participar das consultas junto com as gestantes? Pode se perceber a seguinte resposta obtida através do questionário.

A maioria das gestantes vai acompanhada pela por suas mães, principalmente as gestantes de menor, mais a participação dos pais nas consultas são muito ausente, muito difícil receber uma gestante acompanhada por seu parceiro, ainda mais quando se trata das classes

mais baixas, são poucas as gestantes privilegiadas. Pela falta de comparecimento por parte deles fica mais difícil ainda incentivá-los então procuro incentivar a própria gestante a falar de sua gravidez ao parceiro, falar da importância dele junto a esse momento, desse modo fazendo com que ele participe do ciclo gravídico.

A participação de familiares e o pai do bebê nas consultas pré-natais são indispensáveis, tornando-se tão importantes para a gestante como a eles, para que assim possam já se adaptando ao novo membro que está pra chegar. Na resposta obtida através do questionário mostra que essa participação principalmente do pai da criança é muito deficiente, poucas são as gestantes que recebem esse apoio durante a gravidez.

As gestantes constituem o foco principal do processo de aprendizagem, porém não se pode deixar de atuar, também entre os companheiros e familiares. A posição do homem-pai na sociedade está mudando tanto quanto os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres. É necessário que o setor saúde esteja aberto para as mudanças sociais e cumpra de maneira ampla o seu papel de educador e promotor da saúde. (BRASIL, 2000, p, 9).

É necessário que a família e o pai da criança acompanhem o período gestacional juntamente com a gestante, transmitindo confiança e assumindo seus papéis diante a sociedade, se adaptando a suas funções, onde os papéis dos homens hoje em dia estão iguais aos das mulheres, cabe ao profissional orientá-los e incentivá-los a participar desse momento, transmitindo mais segurança para as gestantes até o momento do parto.

Segundo Brasil, (2005) a participação dos pais é cada vez mais frequente no pré-natal, onde sua presença deve ser estimulada durante a realização das consultas, para assim o casal se prepararem para o momento do parto.

Na sétima questão realizada para o profissional de enfermagem foi abordado à seguinte pergunta: você está sempre se atualizando e buscando conhecimentos sobre o pré-natal? Pode-se perceber a seguinte resposta obtida através do questionário.

Sim, é muito importante se preparar, buscar novos conhecimentos, se capacitado para atender as reais necessidades das gestantes, há também disponível vários cursos, cartilhas do ministério da saúde que nos possibilita mais conhecimento e atualização sobre o pré-natal.

O profissional de enfermagem deste PSF esta sempre se atualizando e buscando conhecimentos sobre os assuntos mais requisitados da gestação, através de cursos, cartilhas que o ministério da saúde disponibiliza e através da educação permanente.

Segundo (BRASIL, 2000, p, 11) A educação permanente deve ter como objetivo central da transformação do processo de trabalho, orientando-o para uma constante melhoria da qualidade das ações de saúde.

A educação permanente permite ao profissional construir novos conhecimentos, ganhar experiências e crescer profissionalmente, passando esse conhecimento para as gestantes e garantindo assim uma gestação saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa acadêmica, posso concluir que não tenho palavras para descrever o imenso prazer que é de buscar a sabedoria daquilo que se gosta, mais prazeroso ainda é saber que o esforço e dedicação foram reconhecidos, deixando-a aberta para que cada momento de retomada seja feita novas reflexões.

Durante a pesquisa percebi o quanto as orientações e assistência de enfermagem e importante para a realização contínua do pré-natal sendo fundamental para garantir as mulheres uma gestação saudável e tranquila. Se tornando indispensável para um crescimento e desenvolvimento seguro da gestação, trazendo inúmeros benefícios fetais e maternos. Considero que para garantir sucesso no acompanhamento pré-natal e obter uma gestação favorável e necessário uma junção de interesse por parte das gestantes juntamente com o apoio e compromisso dos profissionais e neste universo do enfermeiro, onde ambos possam buscar novos conhecimentos, trocar experiências e buscar o melhor bem-estar possível, tornando-se importante os encontros com grupos de gestantes e com o apoio e participação da equipe multidisciplinar do PSF.

Através da análise dos dados obtido pela pesquisa de campo aplicado as gestantes acompanhadas no PSF, percebeu que a maioria delas segue corretamente as consultas de pré-natal, mostrando interesse e compromisso com a gestação, todas estão sendo bem acolhidas e orientadas pelo profissional de enfermagem.

O profissional de enfermagem através do questionário aplicado a ele demonstrou compromisso e interesse pelos assuntos mais requisitados do pré-natal, está sempre buscando novos conhecimentos e atualizações sobre o mesmo, passando informações e orientações indispensáveis que envolvem todas as etapas da gravidez, com finalidade de prevenir, identificar e corrigir possíveis problemas fetais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde **Assistência Pré-natal: Manual técnico/equipe de elaboração**: Janine Schirmer et al. - 3ª ed. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde - SPS/Ministério da Saúde, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico/Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Ed Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

LORENZI, D. R. S. et al. **A natimortalidade como indicador de saúde perinatal**. Cadernos de Saúde Pública, 2001.

LIMA, Y. M. S; MOURA, M. A. V. **A percepção das enfermeiras sobre a competência social no desenvolvimento da assistência pré-natal**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n4/v12n4a10.pdf>

PATRÍCIO, Zuleica Maria. **Introdução á Prática de Pesquisa Socioambiental**. Cusro de Especialização em Gestão de Recursos Hídricos. Florianópolis: UFSC/UFAL/FUNIBER, 2005.

REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Qualidade da atenção ao pré-natal na estratégia saúde da família em Sobral, Céara.** Vol.61, núm 5, Set-out; Brasília, 2008.

RIOS, C. T. F; VIEIRA, N. F. C. **Ações educativas no pré-natal: reflexão sobre a consulta de enfermagem como um espaço para educação em saúde.** Ciência saúde coletiva 2007

SANTOS, Nívia Cristina Moreira, **Assistência de enfermagem Materno-infantil.** 1^a ed. São paulo: Íátria, 2004.

ZIEGEL, Erna.E, e CRANLEY, Mecca. S. **Enfermagem obstétrica.** 8^o Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

QUALIDADE DE VIDA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL MUNICIPAL NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO – MG

Maria Inês Flausino Sabino da Silva^{*}
Cristiana Mourão Fonseca^{**}

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar a qualidade de vida dos profissionais de enfermagem de um Hospital Municipal no Município de João Pinheiro-MG que estiveram trabalhando durante o ano de 2012. Foi utilizada uma linha de pesquisa observatória e distribuído um questionário contendo 12 questões a serem respondidas individualmente por cada participante da pesquisa. Nem todos se dispuseram a respondê-lo dificultando a conclusão da análise proposta já que são parte direta do estudo. Na análise foi utilizado métodos qualitativos e, quantitativos apresentados através de gráficos. O resultado da pesquisa mostrou que estes profissionais consideram que o trabalho não afeta a sua qualidade de vida e certas situações lhes trazem uma reflexão positiva perante a vida.

Palavras-chave: Qualidade de Vida. Profissionais. Enfermagem.

Abstract: The objective of this work was to analyze the quality of life of nursing professionals in a Municipal Hospital in the municipality of João Pinheiro-MG who were working during the year of 2012. Was used a line of research Observatory and distributed a questionnaire with 12 questions to be answered individually by each participant of the research. Not all were willing to answer it hindering the completion of the proposed analysis since they are directly part of the study. The analysis was used qualitative methods, quantitative and presented through graphs. The result of the survey showed that these professionals consider that the work does not affect their quality of life and certain situations will bring a positive reflection towards life.

^{*}Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP).
E-mail: mariainesflausino@gmail.com

^{**}Enfermeira do Programa Saúde da Família, Especialista em Saúde Pública. Docente do Curso de Enfermagem da FCJP - Faculdade Cidade de João Pinheiro. E-mail: cristianamourao@hotmail.com

Keywords: Quality of life. Professionals. Nursing.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca uma análise da qualidade de vida (QV) dos profissionais de enfermagem de um Hospital Municipal no Município de João Pinheiro - MG, um município brasileiro que esta localizado no noroeste do Estado de Minas Gerais. A cidade conta com um quantitativo de 33 estabelecimentos de saúde sendo 21 desses público e 12 privado desses, 10 com fins lucrativos e 2 sem fins lucrativos. (IBGE,2010).

A pesquisa teve por finalidade uma análise dos 10 enfermeiros, 18 técnicos e 26 auxiliares de enfermagem que trabalharam no referido Hospital Municipal no ano de 2012, propondo assim uma avaliação em relação à sua qualidade de vida, tendo em vista a observação da forma de desempenho de suas tarefas, pois se fez curioso o porquê da insatisfação expressada por alguns indivíduos em relação a seu exercício profissional em determinados momentos e em contrapartida a satisfação expressa em outros momentos o que se pôde verificar controvérsias bastante significativas nas expressões manifestadas por esses indivíduos.

A vontade de se fazer esta pesquisa ocorreu no quarto período de enfermagem quando então se iniciou, através da disciplina de metodologia científica, a elaboração do projeto de pesquisa onde a pesquisadora buscando informações sobre assuntos que fossem relevantes ao seu curso e que focassem mais a atualidade decidiu-se por pesquisar a qualidade de vida, que hoje faz parte da vida de qualquer ser humano, mas enfatizou o profissional da enfermagem por razões já descritas acima.

O termo "qualidade" é entendido como atributos, como características ou propriedades de determinado fenômeno ou objeto que o qualificam como tal. Qualidade de vida, enquanto produto e processo, diz respeito aos atributos e propriedades que qualificam essa vida e ao sentido que tem para cada ser humano; diz respeito às características do fenômeno da vida, como esta se apresenta como se constrói e como o individuo sente o constante movimento de tecer o processo de viver nas interações humanas. (PATRICIO,2005,p.11)

A qualidade de vida passa a ser nos dias atuais uma aliada favorável ou não a vida humana; através de uma boa ou má qualidade de vida o

individuo fará fluir em seu meio emoções positivas ou negativas à sua vivência. Por essas emoções conseguirá ter uma sobrevivência de qualidade se considerado os aspectos positivos da palavra que poderá alavancá-lo para rumos progressistas onde terá alcançado seus objetivos frente às realizações da vida no que diz respeito aos desejos materiais e ou imateriais. Se considerado os aspectos negativos deixará transparecer frustrações adquiridas pelas perdas e não realizações dos tão almejados sonhos das grandes conquistas.

Essas conquistas não se manifestam somente em ter, mas sim e principalmente, no ser. Um ser de grandes qualificações reverenciado e respeito por sua sapiência. O ser humano se apega fortemente a status, e é preciso vir dos seus semelhantes para engrandecimento de seu ego manifestações verbais que o qualificam cada vez mais em suas ações. Assim para muitas pessoas isso se resume em uma boa qualidade de vida.

Predominantemente o alcance dessas tão desejada qualidade de vida por consenso só poderá ser obtida através do trabalho, não o trabalho por trabalhar, ou seja, aquele em que o individuo esta preocupado somente com a remuneração, mas sim, o trabalho feito com dedicação, onde se é colocado o amor ao exercício profissional, diria até que seria o trabalho vocacional.

Com isso observando de forma mais interrogativa a escolha de alguns indivíduos pela profissão de enfermagem ficou evidenciado que em muitos momentos a tão sonhada profissão escolhida não estava condizente com a realidade vivida.

A qualidade da vida esta relacionada ao processo humano de busca por felicidade e prazer. Esta envolve o atendimento de necessidades de ser, estar, ter, sentir, conhecer e fazer, exigindo recursos físicos e sociais do ambiente, concretos ou em potencial. (PATRICIO, 2005, p.16).

Diante disso, podemos observar que o trabalho se torna o elemento central para se pensar em qualidade de vida, porque é através dele que as pessoas procuram satisfazer seus sonhos.

Foi com o objetivo geral de analisar a qualidade de vida (QV) dos profissionais de enfermagem de um Hospital Municipal no Município de João Pinheiro – MG que as pesquisadoras com esta presente pesquisa procurou:

- Investigar os principais motivos que levaram os referidos profissionais a escolherem uma profissão na área de enfermagem.
- Identificar a média de anos que eles atuam nessa profissão.
- Avaliar o grau de satisfação desses profissionais no seu exercício profissional.
- Analisar se este trabalho tem influências positivas/negativas na vida dos referidos profissionais.

Eis que em determinado momento das evoluções e revoluções históricas surgiu em meio às devastações do ser humano os primeiros cuidados que dará origem a enfermagem. Esta área onde atuam diferentes profissionais tem seu início histórico pela pessoa de Florence Nightingale, enfermeira que criou o conceito moderno de enfermagem.

Se antes nesses remotos períodos esta prática era tida como um serviço doméstico, caracterizado pelo trabalho feminino e, quem se submetia a realizar tais cuidados não era vista com bons olhos, pois estavam praticando uma ação indigna, desqualificada e mulheres da alta sociedade não se submetiam a realização deste tipo de ação, para não macular a sua honra; hoje esta prática é considerada a arte do cuidar devido à coragem e determinação da rica Florence Nightingale que enfrentou a tudo e a todos na determinação de estar a frente dos desfavorecidos e necessitados de cuidados assim; nasce a enfermagem. Com isso podemos dizer que “o cuidado não se esgota num ato que começa e acaba em si mesmo. É uma atitude, fonte permanente de atos, atitude que se deriva da natureza do ser humano” (BOFF, 2012, p.28).

Passados os tempos a enfermagem passa a ser vista não mais como uma atividade empírica, desvinculada do saber especializado, mas como uma ocupação assalariada que vem atender a necessidade de mão-de-obra nos hospitais, constituindo-se como uma prática social institucionalizada e específica.

Hoje nota-se um grande avanço da profissão em diversos meios institucionais, o que torna um atrativo almejado por um grande número de pessoas de diferentes raças, religiões, culturas e padrões sociais.

Mesmo com o passar dos anos desde o surgimento da profissão com muitas conquistas alcançadas e várias atribuições cabíveis somente ao profissional da enfermagem evidencia-se que estes têm uma dura realidade a enfrentar no exercício laboral o que nos incita a investigar os principais motivos pelos quais um indivíduo escolhe uma profissão na área de enfermagem.

Após estarem inseridos ao meio é difícil sair fora desta profissão por isso na enfermagem é comum encontramos profissionais com décadas de atuação, exercidas com satisfação ou não, mas permanecem trabalhando com a mesma fidelidade e dedicação inicial tanto pelo fato de ser por onde conseguem seu sustento como pelo fato de estarem lidando com vidas e isso requer uma responsabilidade ímpar o que diferencia esta profissão de algumas outras. Buscou-se com esta pesquisa uma média dos anos em que estes profissionais estão a serviço da enfermagem para focalizarmos o grau de permanência nessa profissão.

Trabalhar como um profissional de enfermagem requer não somente um preparo técnico - científico, mas sobre tudo um psicológico bem trabalhado, o profissional deve estar emocionalmente “sadio” para conseguir lidar com os dissabores daqueles que necessitam de seus serviços.

O cuidado também estabelece um sentimento de mútua pertença: Participamos satisfeitos, dos sucessos e vitórias, bem como das lutas, riscos e destino das pessoas que nos são caras. Cuidar e ser cuidado são duas demandas fundamentais de nossa existência pessoal e social. (BOFF, 2012, p.29).

A permanência na profissão se concretiza muitas das vezes devido ao amor pela mesma e em outros casos isso ocorre pela relevância do aprendizado adquirido e até mesmo pela falta de outras oportunidades de seguimento na carreira profissional. O comodismo pode ser um dos fatores que levam alguns indivíduos a permanecerem na qualificação profissional já atuante e com isso não têm interesse em alçar outros caminhos.

Os trabalhadores de enfermagem desempenham a prestação dos cuidados de forma holística para com o paciente. Em decorrência da sobrecarga de trabalho e do sofrimento psíquico podem mudar de lado na estória e deixarem de serem os prestadores dos cuidados para serem os necessitados de cuidados. Junto a tais fatores, encontram-se as dificuldades sócio-econômicas enfrentadas pelos profissionais, pois como o trabalho de enfermagem recebe baixa remuneração, torna-se necessário que o funcionário mantenha duas ou mais jornadas de trabalho para poder sustentar sua família e ter uma vida digna. Neste contexto, há uma baixa qualidade de vida no trabalho da enfermagem, além de aumentar os riscos de iatrogênias e acidentes no trabalho o que nos leva a pensar se este trabalho tem influências positivas ou negativas na vida desses profissionais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que foi elaborada em etapas através das quais será aqui exposto o modo de vida dos profissionais de enfermagem. Os dados foram obtidos pela observação da pesquisadora e por meio de um questionário entregue a esses profissionais para que os mesmos o respondesse de forma clara e objetiva. Foi usado também diferentes fontes como artigos, periódicos, revistas, livros e tudo aquilo que continha algo significativo sobre o tema desta pesquisa.

Segundo Demo (1985, p.19) Metodologia é uma preocupação instrumental... cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos.

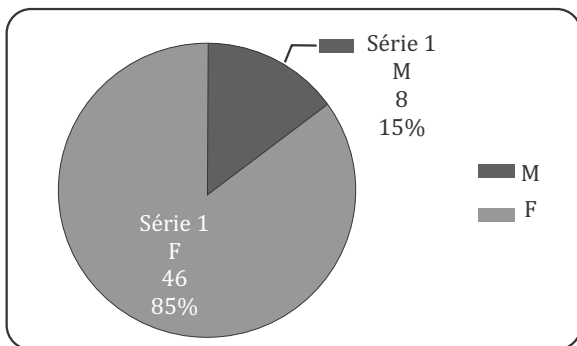
ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a referida pesquisa foi utilizado um questionário composto por questões abertas e fechadas num total de 12, onde a pesquisadora de forma compactada tentou considerar pontos significativos da qualidade de vida aqui pesquisada. Este questionário foi distribuído em todo o Hospital Municipal para apreciação dos 54 profissionais ali atuantes e conforme o interesse e a disponibilidade deles que fosse respondida suas questões. Após um determinado tempo estes foram recolhidos ficando evidenciado para a pesquisadora a grande dificuldade que teria em obter os dados referidos através dos próprios profissionais. Por essa razão, foi necessário realizar outra fonte de busca para coleta dos dados quantitativos apresentados nesta pesquisa ficando assim difícil de analisar de forma mais sucinta a qualidade de vida desses profissionais.

É inconcebível pensar no homem sem receber, gerar e transferir informações sobre si mesmo e sobre o seu mundo, porque é por meio desses processos que (re)constrói sua sociedade, onde toda prática informacional é tida como uma prática social, pois “toda interação humana pressupõe recepção, geração ou transferência de informação” (ARAÚJO, 1999, p.166).

A primeira questão proposta foi que o profissional assinalasse com um X a situação que melhor se enquadrasse a ele, apresento aqui uma análise desse quantitativo:

GRÁFICO 1.
Em relação ao gênero -
FONTE: Pesquisa direta,
2013

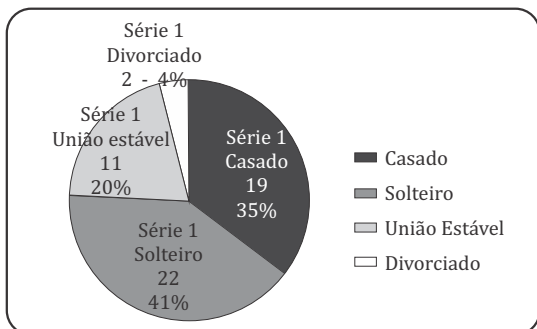


Observamos nesse GRAF.1 que 85% desses profissionais são mulheres enquanto que os homens ficam com a minoria de 15% destacando a predominância feminina nessa profissão.

A enfermagem é distintivamente um trabalho de mulheres... mulheres estão peculiarmente adaptadas para a onerosa tarefa de cuidar hábil e pacientemente do doente, obedecendo fielmente ordens médicas. Habilidade para cuidar do doente é uma natureza distintiva da mulher. Enfermagem é servir de mãe a.... pessoas adultas quando muito doentes são como crianças. (MEYER, 1993, p.48).

Implica-se nesse processo a inserção cada vez maior de homens nessa profissão, hoje temos visto que as escolas sejam de cursos técnicos ou superiores recebem uma grande presença masculina inserida a esse meio feminino, o que pode daqui a alguns anos influenciar uma reviravolta em relação à predominância das mulheres na enfermagem.

GRÁFICO 2.
Referente ao estado civil -
Fonte: Pesquisa direta, 2013



Observa-se no GRAF.2 uma porcentagem de 35% de profissionais casados, 41% solteiros, 20% união estável e 4% divorciados.

Visto que muitos deles possuem companheiros, o que poderia ser dito como união estável, mas preferem a condição de solteiro, mesmo porque a cobrança por sua atenção e presença constante é menos por parte dos companheiros o que diante da profissão exercida facilita a convivência visto que esta exige muito deste profissional que se envolve cada vez mais com ela do que com qualquer outra coisa pertinente a sua vida.

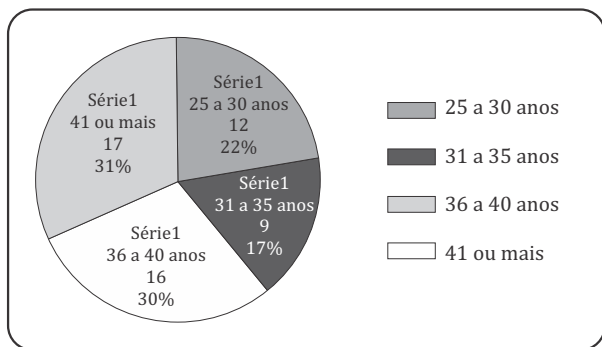


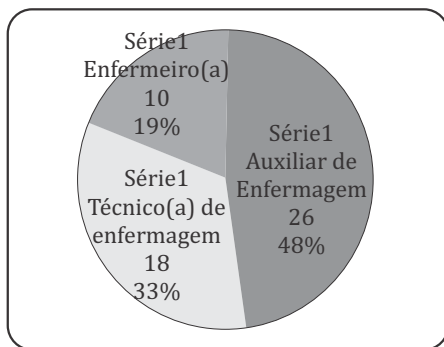
GRÁFICO 3:
Em relação a idade dos profissionais
Fonte: Pesquisa direta, 2013

Evidenciamos neste GRAF.3 22% dos profissionais com idade entre 25 a 30 anos, 17% entre 31 a 35 anos, 30% entre 36 a 40 anos e 31% com 41 anos ou mais.

Rosa e Carlotto (2005, p.12) reportaram achados análogos e propuseram que profissionais de enfermagem brasileiros que se encontram em início de carreira podem se mostrar frustrados com o trabalho - e, como consequência, apresentar sensação de alienação - basicamente porque possuem um entendimento irrealístico sobre os alcances e limites de suas práticas.

A segunda questão apresentada foi: Qual sua categoria profissional?

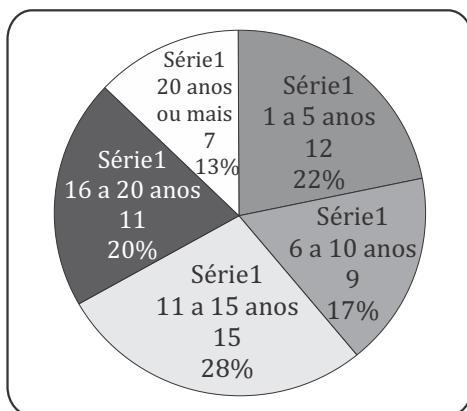
GRÁFICO 4:
Referente a categoria
profissional
Fonte: Pesquisa direta, 2013



O GRAF.4 mostra que 48% dos profissionais são auxiliares de enfermagem, 33% são técnicos de enfermagem e apenas 19% enfermeiros. Os atos mais técnicos e socialmente mais qualificados herdados da prática médica são realizados pelos (as) enfermeiras(os), responsáveis pela chefia, coordenação e supervisão do trabalho dos técnicos e dos auxiliares de enfermagem. As tarefas realizadas pelos técnicos e auxiliares de enfermagem são mais intensas, repetitivas, social e financeiramente menos valorizadas (ELIAS; NAVARRO, 2006).

**Terceira questão apresentada:
Há Quanto tempo exerce a profissão de enfermagem?**

GRÁFICO 5:
Referente ao tempo de exercício
profissional
Fonte: Pesquisa direta, 2013.



Conforme o GRAF. 5 acima demonstra 22% dos profissionais exercem a profissão de enfermagem entre 1 a 5 anos, 17% de 6 a 10 anos, 28% de 11 a 15 anos, 20% de 16 a 20 anos e 13% têm 20 anos ou mais de exercício na área. Podemos verificar com esse gráfico que os profissionais têm uma vasta experiência em relação a profissão visto que na sua maioria pode-se claramente notar que possuem mais de 11 anos de profissão.

Quarta questão: Que tipo de horário faz?

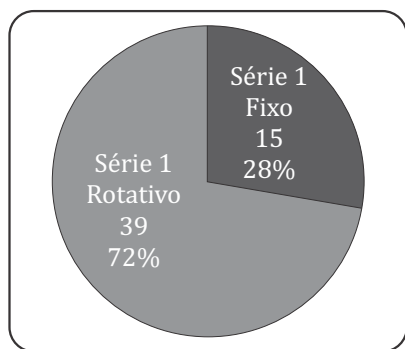
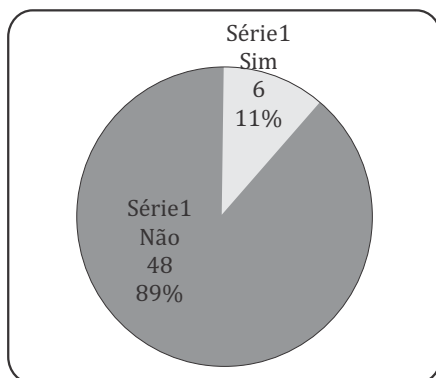


GRÁFICO 6:
Em relação ao tipo de horário
que eles fazem
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Neste GRAF. 6 observa-se que 72% dos profissionais fazem um horário rotativo enquanto que 28% têm horário fixo. Mendes (1988, p.446) em seu livro o impacto dos efeitos da ocupação sobre a saúde de trabalhadores descreve que nesse sentido, frequentemente, esses trabalhadores estão sujeitos a condições inadequadas de trabalho, como por exemplo, jornadas prolongadas, excesso de tarefas, ambiente físico inadequado, entre outros. Esses fatores prejudicam o profissional, levando-o a realizar seu trabalho mecanicamente, sem tempo para desenvolver seu conhecimento, competências e habilidades. Essas condições repercutem na assistência aos pacientes e, principalmente, na QV dos profissionais envolvidos.

Quinta questão apresentada: Você trabalha em outro local?

GRÁFICO 7:
Referente ao trabalho
em outro local
Fonte: Pesquisa direta, 2013.



O GRAF. 7 acima mostra que 89% dos profissionais não trabalham em outro local enquanto que 11% sim trabalham em outro local. Este período dedicado a outro trabalho, decorrente do aumento da jornada, contribui para a redução do tempo de convivência desse profissional com sua família. Segundo Carvalho (2004, p.292) uma pesquisa realizada sobre Enfermagem em setor fechado- estresse ocupacional, contribuindo a centralidade que o trabalho assume na vida cotidiana dos indivíduos, diminui a disponibilidade tanto do homem quanto da mulher para a vida familiar, inclusive no que concerne a sua relação com os filhos.

Ressaltamos aqui que a individualidade e a privacidade dos profissionais pesquisados foram resguardadas conforme normas e resoluções aplicadas a todos os trabalhos desse gênero e que, estes tomaram conhecimento da proposta metodológica e finalidade deste estudo por meio da pesquisadora e do termo de conhecimento livre e esclarecido o qual os profissionais de forma espontânea e consciente assinaram.

Como já informado que para obtenção dos dados quantitativos foi necessário uma fonte alternativa, para análise das questões qualitativas teremos apenas a avaliação de 9 profissionais (08 técnicos

(as) de enfermagem e 01 enfermeiro) que, entre os 54 profissionais que ali trabalharam, se dispuseram a responder o questionário com as seguintes respostas aqui analisadas:

Pergunta 06 – Se respondeu afirmativamente a questão anterior em qual área trabalha e qual horário faz?

Profissional 4. *“Clínica cirúrgica, ortopédica e pediatria, 40 horas semanais”.*

Profissional 8. *“Na mesma área, 08 às 17 hs”.*

Percebe-se que dos nove profissionais que responderam ao questionário apenas 2 afirmaram trabalhar em outro local e esse trabalho também é feito na área da enfermagem, o que da continuidade a sua rotina e nos faz pensar se reflete aí a baixa remuneração da categoria, a necessidade de complementação salarial ou o prazer de estar sempre em atuação.

Pergunta 07 – Você pratica atividade física? Qual?

Profissional 1. *“Não, estou precisando muito, mas não tenho tempo”.*

Profissional 2. *“Não pratico”.*

Profissional 3. *“Sim, caminhada”.*

Profissional 4. *“Sim, futebol”.*

Profissional 5. *“Não”.*

Profissional 6. *“Não”.*

Profissional 7. *“Às vezes realizo pequenas caminhadas”.*

Profissional 8. *“Sim, caminhada, bicicleta, gostaria de fazer musculação e hidroginástica”.*

Profissional 9. *“Não, tenho pretensão de fazer hidroginástica”.*

Vimos que alguns desses profissionais praticam uma atividade física seja por busca na melhoria da saúde, manutenção da mesma ou necessidade de exercitar o corpo como uma terapia pra se livrar do stress inerente ao seu exercício laboral.

Pergunta 08 – Você se considera uma pessoa saudável? Justifique?

Profissional 1. *“Não”.*

Profissional 2. *“Não, sou muito estressada pelo descaso que é o serviço público”.*

Profissional 3. *“Sim, porque faço boa alimentação, exames de rotinas e atividade física”.*

Profissional 4. *“Sim, tenho uma boa alimentação, só preciso melhorar a prática de exercícios físicos”.*

Profissional 5. *“Sim. Porque não tomo nenhum tipo de remédio e não sinto nada, passo anos sem tomar um analgésico”.*

Profissional 6. *“Sim, porque não faço uso de medicação uso contínuo, às vezes tenho insônias”.*

Profissional 7. *“Sim, porque me alimento bem, durmo bem, não faço uso de medicamentos, e apesar de estar acima do peso ideal possuo boa resistência física”.*

Profissional 8. *“Não muito, devido às vezes o horário de alimentação deixa a desejar”.*

Profissional 9. *“Não”.*

Verifica-se nas respostas que os profissionais consideram o fato de ser saudável somente o estado físico, a avaliação feita não considerou outros pontos necessários a vida humana, ficando difícil analisarmos se realmente estes profissionais são saudáveis num contexto mais amplo.

Pergunta 09 – O que levou você a escolher uma profissão na área de enfermagem?

Profissional 1. *“Porque gosto e também saber que você está ajudando a amenizar a dor de outras pessoas é muito gratificante”.*

Profissional 2. *“Porque eu gosto e é gratificante você poder ajudar a salvar vidas”.*

Profissional 3. *“Devido ter cuidado da minha mãe com câncer isso me levou ao incentivo de me aprofundar na enfermagem”.*

Profissional 4. *“Mercado de trabalho”.*

Profissional 5. *“No início foi por falta de opção, mas tomei tanto gosto, que hoje gosto demais”.*

Profissional 6. *“Porque sempre gostei de ajudar o próximo, e na enfermagem você está cuidando das pessoas e salvando vidas, é muito bom ver o paciente evoluir”.*

Profissional 7. *“Acho toda área de saúde boa para se trabalhar, me identifiquei com a enfermagem porque gosto de cuidar das pessoas, lidar com vidas é gratificante”.*

Profissional 8. *“Primeiro foi por necessidade, depois acabei gostando, na época eu tinha duas opções: Professora ou auxiliar de enfermagem; optei por enfermagem”.*

Profissional 9. *“Primeiro porque gosto da área, segundo por que me sinto útil, ajudando as pessoas que estão com algum problema de saúde”.*

Nota-se que a maioria das respostas relaciona-se com o gostar de cuidar das pessoas, isto reforça bem a parte humana da prestação de cuidados enfatizado na enfermagem, é preciso gostar, é preciso se doar, nesse meio onde a lida com doença e a busca por saúde estão no mesmo patamar verificamos que estes profissionais estão inseridos até a alma no sentido de devolver a saúde aos que perderam, seja pelo fato de terem tido experiências de perda de ente queridos, seja pelo fato de que foi a oportunidade que tiveram na vida, ou mesmo por um chamado vocacional, não importa, para eles o importante é servir as pessoas.

Pergunta 10 – Qual o grau de satisfação no seu exercício profissional?

Profissional 1. *“É muito prazeroso o meu trabalho só não é melhor que falta algumas coisas”.*

Profissional 2. *“Somente do paciente, quando vejo melhora dele”.*

Profissional 3. *“Muito satisfatório dou nota 10”.*

Profissional 4. *“Médio”.*

Profissional 5. *“Fico muito feliz quando vejo um paciente que chega passando muito mal, e tem melhora e vai para casa e diz um muito obrigado”.*

Profissional 6. *“Fico Satisfeita quando um paciente, chega na unidade em estado grave e recebe alta com boa melhora”.*

Profissional 7. *“Sou muito realizada com a minha profissão, tenho*

um bom salário e convívio no meu ambiente de trabalho”.

Profissional 8. *“É inexplicável. Mais vem lá de dentro a felicidade que sinto, quando vejo alguém dizendo ou até mesmo agradecendo pelo meu atendimento. Fico muito feliz.”.*

Profissional 9. *“Total, faço por prazer, me sinto bem cuidando das pessoas que estão necessitando de ajuda”.*

Mais uma vez deparamos com a satisfação no servir, existe entre o profissional e o paciente uma forte ligação que une o ser dotado pelo dom do cuidar e o ser que no momento precisa desses cuidados, assim infere nessa relação sentimentos sólidos transmitidos de humanos para humanos em forma de doação, servidão, dedicação e gratidão.

Pergunta 11 – O seu trabalho tem influências positivas/negativas em sua vida?

Profissional 1. *“Positiva, aprendo muito com as histórias dos pacientes é deles que tiro o meu sustento”.*

Profissional 2. *“Positivas quando vejo a satisfação do paciente quando ele é bem atendido, negativa o descaso de alguns profissionais com a vida dos outros”.*

Profissional 3. *“Positivas, porque é muito gratificante você ver o paciente saindo da unidade hospitalar satisfeito com o acolhimento e tratamento”.*

Profissional 4. *“Como em todo serviço tem influencias positivas e negativas. Depende muito da forma que as pessoas observam as coisas”.*

Profissional 5. *“Positivas, aprendi a dar muito valor em minha vida, em tudo que eu tenho, cada segundo para mim é único, para morrer nem precisa estar doente ou internada”.*

Profissional 6. *“Positivas, pois de tanto ver os problemas de outras pessoas, dou muito valor a minha vida, ao meu trabalho e salário, gosto do que faço e necessito para sobreviver”.*

Profissional 7. *“O meu trabalho tem influencia positiva em minha vida, pois enquanto deparo com tantos problemas de outras pessoas esqueço os meus, trabalhar além de fazer bem ao corpo nos da o sustento para o dia a dia”.*

Profissional 8. *“Para minha vida pessoal foi e é só positivas. Influencias negativas só quando quero ajudar alguém e não está em meu poder”.*

Profissional 9. *“Positivas, é através dele que tiro o meu sustento e da minha família”.*

A esta visão de positividade relatada verifica-se que os exemplos, as diversas situações vividas por estes profissionais contribuíram e contribuem para uma reflexão da sua vida buscando com isso ensinamentos de crescimento pessoal tanto para a sua existência quanto para a forma de ver e lidar com os acontecimentos do dia a dia.

Pergunta 12 – Comente detalhadamente como é o seu momento de lazer?

Profissional 1. *“Não tenho muito momento de lazer, a cidade não oferece”.*

Profissional 2. *“Meu momento de lazer é com meus filhos em casa mesmo”.*

Profissional 3. *“Não tenho muito tempo pro lazer devido ao trabalho e a faculdade por isso o tempo passa e o hoje fica para trás”.*

Profissional 4. *“Visitas aos familiares, sair à noite para bares e restaurantes, jogar futebol com os amigos, descansar em casa com esposa e cachorro, passear sem destino, ver TV, etc.”.*

Profissional 5. *“Gosto muito de dançar, para mim não espero chegar o fim de semana para tomar uma cerveja bem geladinha, uma carne assada bem gorda, já que final de semana para mim e a mesma coisa de não ser. Procuro sair do trabalho e deixar tudo o que vivi aqui”.*

Profissional 6. *“Gosto de passear, dançar, viajar, ficar junto com minha família, ouvir uma boa música, ver filmes”.*

Profissional 7. *“Os meus momentos de lazer habitualmente são em família, gosto de pescar, ir para fazendas e para o clube, sempre com meus filhos e esposo”.*

Profissional 8. *“Quando ando de bicicleta, ando a cavalo, ou nado na piscina? Estou brincando mais é sonho que pretendo realizar”.*

aprender nadar será que ainda consigo? Eu penso que vai ser meu maior lazer”.

Profissional 9. *“Não tenho lazer, quando não estou trabalhando ,estou cuidando das tarefas domesticas do dia a dia”*

Não há como evidenciar se há felicidade nessas formas de lazer, podemos sim estar nos divertindo e felizes quando em família, entre amigos, mas e a individualidade o momento do eu com o eu mesma, o momento da intimidade; onde ficam? Será que lazer é somente estar reunidos? Vejamos de uma forma mais ampla os momentos da vida, sejamos mais exigentes com os acontecimentos, precisamos sim de alegria, risos, jogar conversa fora, mas também necessitamos de carinho, amor, prazer que encontramos quando somos completados por outra pessoa.

Porque não esquecer um dia que tenho de arrumar isso, aquilo e colocar um pouco de aventura com uma dose de loucura a esse dia nem que seja por um instante. Se o que eu gosto é de dançar, então hoje eu vou dançar, se gosto de passear sem destino, então agora vou passear, mas eu gosto é de namorar então foi namorar. Vamos esquecer só por hoje que tenho horários a cumprir, afazeres a terminar; vidas a cuidar e vou cuidar só hoje de mim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim buscou se com esta pesquisa uma análise da qualidade de vida dos profissionais de enfermagem de um Hospital Municipal do Município de João Pinheiro propondo investigar os principais motivos que levaram os referidos profissionais a escolherem uma profissão na aérea de enfermagem onde foi observado que muitos se ingressaram nessa profissão por necessidade ou pela vontade de ajudar o próximo; procurou avaliar o grau de satisfação desses profissionais no seu exercício laboral ficando claramente exposta a satisfação de poder servir e ajudar aos que necessitam de seus cuidados e, por fim foi analisado se este trabalho tem influencias positivas/negativas na vida desses profissionais o que nos surpreendeu o fato de termos nos

deparado com respostas positivas a tais influencias, significando com isso um favorecimento relacionado ao exercício dessa profissão.

Devido a pouca adesão á proposta pelos profissionais pesquisados ficou como alternativa para a pesquisadora outras fontes de dados, o que tornou possível a pesquisa quantitativa, para a pesquisa qualitativa além do resultado obtido pelos questionários respondidos fez se necessário o uso do tempo de conhecimento e convivência da pesquisadora com os pesquisados. Verifica-se nessas respostas que os profissionais de enfermagem aqui pesquisados entendem por qualidade de vida o fato de estarem bem fisicamente, não foi mencionado ou mesmo questionado pelos mesmos outros elementos da qualidade de vida humana como, por exemplo, o bem estar emocional e espiritual; foi citado por eles apenas o fato de no momento não apresentarem nenhuma doença ou mesmo não estarem fazendo uso de medicamentos.

Entende-se aqui que qualidade de vida foca-se na percepção de cada individuo em relação a si e ao que o cerca, mas também infere nesta percepção as necessidades humanas básicas, o que para a enfermagem chega a ser uma palavra de ordem no exercício laboral e, analisando até então cada um desses profissionais conclui se que pessoalmente eles deixam de dar a devida atenção à integralidade do conjunto para obtenção de uma boa qualidade de vida.

O trabalho é o foco principal de suas preocupações, seja pelo fato de ser o meio de sustento, tanto pessoal como familiar, seja pelo amor dispensado ao trabalho. Muitos estão com uma ou mais férias vencidas, passam maior tempo no local de trabalho do que em casa, cumpre seu plantão e faz mais um ou dois outros a pedido da instituição ou de um colega, permanecem se pudermos assim dizer escravos da profissão; o que dificulta, para a maioria, a prática de alguma atividade física, o equilíbrio e a manutenção de uma alimentação saudável. Quando se atentam para os momentos de lazer geralmente estão em família ou em grupo de amigos, são momentos curtos, e passa tão rapidamente que em alguns casos o profissional volta ainda mais cansado dessa pequena “pausa”.

Em um apanhado geral podemos concluir que os profissionais pesquisados não possuem uma qualidade de vida considerada dentro dos padrões de um ser saudável, pelos motivos citados acima e pelo principal motivo a falta de tempo para si mesmo. O que também se pode observar, entre esses profissionais, não ser esta uma condição de insatisfação pela vida ou profissão já que estão sempre atuantes de forma dedicada e comprometida às vezes extremamente felizes, chateados, irritados, satisfeitos ou em uma mistura de sentimentos indecifráveis para a ocasião, mas estão ali firmes e prontos a ajudar aos que deles precisam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E. A. de. **Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras.** Ci. Inf. [online]. 1999, vol.28, n.2, pp. 155-167. ISSN 0100-1965. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v28_n2/28n2a08.pdf Acesso em: 28/09/2013.

BOFF, Leonardo. **O Cuidado Necessário.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARVALHO, D.V, et al. **Enfermagem em setor fechado - estresse ocupacional.** Rev.Mineira de. Enf. 2004.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência,** 2.ed., São Paulo-Atlas, 1985.

ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. **A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola.** Rev. Latino-am Enfermagem. 2006. Disponível em: <www.scielo.com.br> Acesso em: 30 de Setembro de 2013.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acessado em 25/05/2013.

MENDES, R. **O impacto dos efeitos da ocupação sobre a saúde de trabalhadores. Morbidade.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 22, n. 5, p. 441-457, 1988.

MEYER, D.E.E. "... **Por que só mulheres?**" - gênero da enfermagem e suas implicações. Rev. Gaúcha de Enf., Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 45-52. jan. 1993.

PATRÍCIO, Zuleica Maria, **A Pesquisa: Mudando a Consciência, Redefinindo Abordagens**, 2005.

ROSA, C., & CARLOTTO, M. S.. **Síndrome de burnout e satisfação no trabalho em profissionais de uma instituição hospitalar.** Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, 2005.

RECURSOS EM FISIOTERAPIA RESPIRATÓRIA - TAPOTAGEM, VIBROCOMPRESSÃO E DRENAGEM POSTURAL: TRATAMENTO DE PACIENTES PEDIÁTRICOS COM PNEUMONIA EM UM HOSPITAL NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO (MG)

Ariane Santos Lucas*
Vânea Fidelis Nascimento Gonçalves**

Resumo: A pneumonia é caracterizada como um processo inflamatório bronquialveolar que não escolhe grupos específicos para atingir. Porém é comum acometer crianças, principalmente nos primeiros anos de vida. Através de técnicas manuais de tapotagem e vibrocompressão, associadas à drenagem postural, o fisioterapeuta visa promover um padrão respiratório normal, controlar a respiração com o mínimo de esforço, deslocamento e expectoração das secreções e reexpansibilidade pulmonar, gerando alívio e conforto respiratório. A necessidade do trabalho fisioterapêutico em pneumonias se reflete na recuperação mais rápida do quadro patológico e no menor tempo de internação hospitalar. Este trabalho foi realizado através do atendimento fisioterapêutico de quatro crianças internadas em um Hospital Municipal na cidade de João Pinheiro, no período compreendido entre agosto a novembro de 2011. Cada paciente foi analisado de forma individualizada através de uma ficha de avaliação e recebeu atendimento na presença dos pais, os quais fizeram parte desta pesquisa, por meio de um questionário aplicado, dando confirmação do estado do paciente antes e após o atendimento da fisioterapia, bem como conceituando o mesmo atendimento oferecido aos filhos. Os resultados perante a Fisioterapia foram bons, uma vez que os pacientes responderam bem as técnicas manuais de tapotagem e vibrocompressão, referenciadas neste trabalho, através da eliminação

* Fisioterapeuta, formada pela Faculdade Cidade de João Pinheiro FCJP em 2011. Atua na área de traumato – ortopedia, RPG e Pilates.

** Fisioterapeuta Pública Municipal. Especialista em Fisioterapia Clínica e Metodologia do Ensino Superior; Professora Universitária na Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) e Faculdade Patos de Minas (FPM). E-mail: vaneafidelis@yahoo.com.br

de secreção. Além do mais, através deste trabalho, famílias puderam conhecer o trabalho da Fisioterapia Respiratória em ambiente hospitalar, o que representa o cumprimento de um objetivo importante da pesquisa. Porém, os resultados poderiam ser diferentes caso o número de pacientes atendidos fosse maior, abordando o achado sobre a diminuição dos casos.

Palavras - chave: Fisioterapia Respiratória. Pneumonia. Crianças. Técnicas Manuais

Abstract: Pneumonia is characterized as bronchial alveolar inflammatory process that doesn't affect specific groups. But it is commonly found in children, especially in the first year of life. Through manual techniques of tapping and vibrocompression associated with postural drainage, the physiotherapist aims to promote a normal breathing pattern, controlling breathing with minimal effort, displacement and expectoration of secretions and pulmonary reexpansibility, causing respiratory relief and comfort. The need for physical therapy in pneumonia is reflected in faster recovery of the pathological picture and shorter hospital stay. This work was carried out through physiotherapeutic attendance of four children admitted to the Hospital Municipal, in the city of João Pinheiro, within August to November 2011. Each patient was analyzed individually using an evaluation form and was treated in the presence of parents, who were part of this research through a questionnaire, giving confirmation of the patient's condition before and after the physiotherapy treatment as well as conceptualizing the care provided to their children. The physiotherapeutic results were satisfactory since patients responded well to the manual techniques of tapping and vibrocompression referenced in this work by the removal of secretions. Moreover, through this work, families could know the role of the Respiratory Physiotherapy in the hospital, which represents the fulfillment of an important goal of the research. However, the results could have differed if the number of patients seen were larger.

Keywords: Respiratory Therapy. Pneumonia. Children. Manual Technique.

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o tratamento fisioterapêutico com crianças internadas no em um Hospital na cidade de João Pinheiro (MG), associado ao tratamento médico, de forma individual, durante o período de agosto a novembro do ano de 2011.

Este trabalho teve o envolvimento de quatro pacientes pediátrico, atendidos em um Hospital Municipal, bem como seus pais ou responsáveis.

Foi utilizado um questionário com sete questões fechadas, referentes às características que o paciente apresentou em relação à pneumonia. Este questionário foi aplicado aos pais ou responsável pela criança internada, durante a avaliação, juntamente com um termo de autorização para publicação do mesmo. Antes da aplicação do questionário os responsáveis foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a fim de que eles pudessem contribuir com as informações necessárias, porém antes da coleta de dados os participantes assinaram um termo de livre esclarecido. Os dados coletados permitiram uma reflexão acerca do tema, colaborando com o tratamento fisioterapêutico oferecido aos pacientes.

Para contribuir com o trabalho prático e teórico, foram analisados os dados oferecidos pelo Hospital sobre cada paciente, bem como prontuários médicos, exames complementares, como as radiografias de tórax e outros exames disponíveis do paciente pediátrico. Os dados colhidos foram colocados numa ficha de avaliação do paciente. Posteriormente todas as informações da ficha de avaliação e do questionário, foram analisadas sob forma de porcentagem e representadas em gráficos, a fim de fazer comparações dos resultados obtidos com a literatura.

O presente trabalho teve como objetivo um estudo sobre a contribuição de algumas técnicas de fisioterapia em pacientes pediátricos com quadro de pneumonia. O estudo deste tema é de grande relevância social e acadêmica, por apresentar a importância da

fisioterapia na área respiratória, tão necessária no Hospital Municipal da cidade de João Pinheiro, tanto para os pacientes, quanto para as famílias, acadêmicos e profissionais da área da saúde.

A FISIOTERAPIA APLICADA AO SISTEMA RESPIRATÓRIO

A principal função dos pulmões é promover a troca gasosa contínua entre o ar inspirado e o sangue da circulação pulmonar, fornecendo oxigênio (O₂) e removendo o dióxido de carbônico (CO₂). A manutenção da vida depende deste processo, mesmo em condições alteradas por doenças ou por ambiente desfavorável conforme Regatieri (2002, p. 01).

Sabe-se que o sistema respiratório possui mecanismos eficientes de defesa pulmonar e de condicionamento do ar inspirado. Todavia, pode ocorrer alguns distúrbios desses mecanismos ou alguma condição patológica que comprometa a fisiologia normal do sistema respiratório, por obstrução e acúmulo de materiais nas vias aéreas. Um exemplo de patologia, muito comum, é a pneumonia, em discussão neste trabalho, e que, segundo Gava (2007, p. 65), por meio do acúmulo de secreções nas vias aéreas, pode gerar aumento da resistência ao fluxo aéreo, diminuição da ventilação pulmonar, aumento do trabalho da musculatura respiratória, diminuição da captação de oxigênio, dificuldade de saída do gás carbônico, entre outras.

A pneumonia é caracterizada como um processo inflamatório bronquialveolar produzido por microorganismos adquiridos fora do ambiente hospitalar ou até 48/72 horas após internação. Febre, tosse com expectoração ou seca, dor torácica, síndrome de condensação ao exame físico, dispnéia, radiografia de tórax com condensações com ou sem distribuição segmentar, são características para o diagnóstico de pneumonia (Cardoso, 2001 p. 95), sendo a maioria destas, identificadas num mesmo caso. Segundo Martins e Montemezzo (2006), dentre as doenças que atingem o sistema respiratório, a pneumonia é a mais frequente e muitas vezes, grave; pode ocorrer em todas as idades, porém a prevalência é acentuada nos primeiros anos de vida; e quando diagnosticada precocemente, em geral, apresentam boa resposta ao tratamento.

A Fisioterapia é uma especialidade com ampla atuação em ambiente hospitalar, tanto na prevenção, quanto no tratamento de doenças respiratórias, em especial, a pneumonia. A Fisioterapia está inserida na área da saúde como uma ciência que disponibiliza de métodos e técnicas com o objetivo de aprimorar, conservar e restaurar as capacidades físicas de um indivíduo, ressalta Serafim e Rosa (2006), e tem sido usada, conforme Tartari (2003) como forma de tratamento coadjuvante de doenças respiratórias em adultos, com quadros agudos e crônicos, desde o século passado.

Tosse ineficaz, produção excessiva de muco, diminuição da ventilação ou surgimento de ruídos adventícios, taquipnéia, padrão respiratório fora dos padrões de normalidade, são características indicativas de acúmulo de secreção pulmonar e da necessidade de técnicas fisioterapêuticas para higienização brônquica, como descrevem Serafim e Rosa (2006).

A Fisioterapia Respiratória envolve técnicas passivas, assistidas e ativas. As técnicas propostas pelo fisioterapeuta ajudam o paciente manter o controle e o condicionamento físico, evitando crises agudas da doença, através de exercícios respiratórios. Além do mais, promover um padrão respiratório normal, controlar a respiração com o mínimo de esforço, deslocamento e expectoração das secreções e reexpansibilidade pulmonar são objetivos desejados através dos exercícios respiratórios, de acordo com Oliveira (2002, p. 717), a fim de garantir um conforto respiratório e restabelecer a normalidade do mesmo sistema.

A Fisioterapia Respiratória é um dos principais recursos terapêuticos no tratamento de pneumonia em ambiente hospitalar, pois oferece técnicas manuais, posturais e cinéticas dos componentes tóraco-abdominais de baixo custo, mas de grande importância para melhora desse quadro de infecção. Dentro desses recursos, incluem-se técnicas de higiene brônquica: vibração, percussão ou tapotagem e drenagem postural, tratadas neste estudo. Manter a higiene brônquica é uma função de suma importância da Fisioterapia, que pode desde prevenir e aliviar desconfortos respiratórios até salvar vidas.

A vibrocompressão, também chamada de vibratocompressão ou vibração manual, tem como objetivo a transferência de vibrações e oscilações mecânicas através da parede externa do tórax para as vias aéreas. Esta vibração pode ser realizada por aparelhos eletromecânicos; porém, há preferência dos terapeutas pela forma manual, uma vez que a vibração produzida pelos aparelhos, não chegam a atingir a árvore brônquica conforme Gava (2007, p.73).

Conforme Kisner e Colby (2005, p. 762) a vibração deve ser feita com as duas mãos do fisioterapeuta sobre o tórax, ou com uma mão sobreposta à outra, comprimindo levemente e vibrando rapidamente a parede torácica, durante a expiração do paciente, realizando contrações isométricas dos membros superiores.

A tapotagem, também conhecida como percussão, é, segundo Gava (2007, p. 71), uma das técnicas mais conhecidas da Fisioterapia Respiratória. Geralmente, a tapotagem é associada às posições de drenagem postural. Essa manobra é realizada com mais frequência com as mãos do fisioterapeuta em forma de concha, apesar de apresentar outras variações, como por exemplo, punho-percussão, percussão cubital ou através de aparelhos elétricos.

Ao percutir com as mãos sobre o tórax, o fisioterapeuta transmite uma energia mecânica ao paciente. Essa energia alcança a árvore brônquica, causando vibração e descolamento da secreção do parênquima pulmonar. Dessa maneira, a manobra atinge seu principal objetivo, que é, segundo Yokota *et al* (2006), facilitar a retirada de muco ciliar.

A drenagem postural, técnica também conhecida como postura de higiene brônquica, foi descrita pela primeira vez por Ewart, em 1901. A drenagem postural é um recurso terapêutico simples, porém amplamente empregado na fisioterapia respiratória e é associada às demais técnicas convencionais de higiene brônquica. Ela não é necessariamente um recurso mecânico, nem tampouco manual, mas sim um processo da própria natureza, baseado em um princípio físico, que é a ação de gravidade, facilitando o transporte de secreção. (Gava, op.cit, p.67).

Neste trabalho, a drenagem postural foi associada às técnicas manuais de vibração e tapotagem. Esta associação, conforme Ike *et al* (op.cit, p. 14) tem como objetivo produzir uma onda de energia mecânica que será transmitida ao tórax desprendendo o muco. A drenagem postural, juntamente com a tapotagem exerce papel importante na limpeza das vias aéreas de crianças, principalmente menores de cinco anos.

O mais importante, antes de qualquer escolha técnica e intervenção fisioterapêutica é realizar a avaliação do paciente a fim de localizar a área do pulmão acometida, além de quantificar e qualificar o quadro clínico do mesmo, para traçar um tratamento individual conforme as suas necessidades.

ANÁLISE DE DADOS COLHIDOS NA AVALIAÇÃO DOS PACIENTES

Para a realização deste trabalho, cada criança foi analisada dentro das suas individualidades, bem como sua história e características clínicas para o diagnóstico médico de pneumonia.

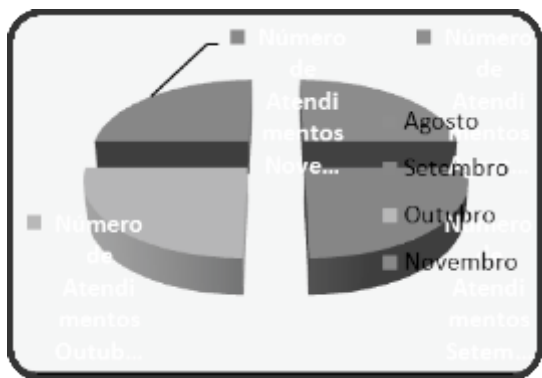
O público selecionado foi composto por crianças com idade entre 0 (zero) a 10 (dez) anos, internadas no Hospital universo dessa pesquisa com diagnóstico clínico-pediátrico de pneumonia, no período de agosto a novembro de 2011.

Em cada atendimento foi realizado um estudo individualizado de cada paciente, após aplicação da ficha de avaliação. Durante a anamnese, além dos dados pessoais da criança, foram identificadas as características que as mesmas apresentavam para o quadro clínico de pneumonia. Os dados vitais também foram avaliados, bem como as condições ambientais, alimentação e sono.

Foram realizados quatro atendimentos em pacientes pediátricos com quadro diagnóstico para pneumonia, no período de agosto a novembro de 2011. O período de atendimento foi maior que o proposto a princípio (agosto a outubro), devido à baixa demanda de pacientes pediátricos com pneumonia internados neste período. Dentro deste período, um atendimento foi realizado no mês de agosto, outro no mês de setembro, um atendimento no mês de outubro e outro no mês de novembro. O

Gráfico 01 demonstra estes atendimentos e representa grande importância devido à possível análise da baixa demanda de pacientes.

Gráfico 01 - Número de Atendimentos de Pacientes Pediátricos com Diagnóstico de Pneumonia



Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de ficha de avaliação – 2011. O gráfico acima representa o número de atendimentos realizados durante a coleta de dados.

Conforme Paiva *et al* (1998, p. 101), a poluição atmosférica aumenta o risco de infecções respiratórias, principalmente em vias aéreas inferiores em crianças expostas a determinados poluentes. Geralmente, os períodos de tempo seco e quente, fazem com que a mucosa fique mais vulnerável a infecções, devido a sua, então, baixa umidade, e, juntamente com a poluição atmosférica, abaixam a imunidade da criança favorecendo a pneumonia.

Há a hipótese que um bom trabalho preventivo entre as unidades de saúde da cidade de João Pinheiro esteja sendo realizado, uma vez que, neste período de final de inverno, com clima predominantemente seco, que compreende os meses de agosto, setembro, há sempre um número maior de internações de crianças por pneumonia, no hospital pesquisado.

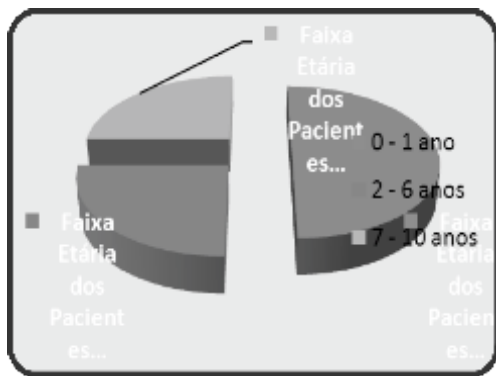
A partir da presente pesquisa foi possível levantar esta questão bastante relevante para saúde pública, que enfatiza medidas de saúde em nível primário, ou seja, o trabalho preventivo, pois, a partir dos dados alçados, sugere-se que medidas preventivas realizadas pelo Programa de Saúde da Família- PSF da cidade de João Pinheiro tem apresentado resultados positivos neste sentido, justificando a decrescente demanda de

pacientes pediátricos com diagnóstico de pneumonia nesta época do ano, o que instiga uma pesquisa mais apurada acerca destas ações.

Segundo Sarmento (2007, p. 38) a idade da criança é um dos fatores de risco mais importantes, onde existe alta suscetibilidade para infecções pulmonares, principalmente em menores de um ano de idade. Do total de atendimentos, a idade predominante foi de crianças com idade média de um ano, conforme representa o Gráfico 02.

Gráfico 02 - Faixa Etária dos Pacientes Atendidos

Gráfico 02 -
Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de ficha de avaliação – 2011. O gráfico acima representa a faixa etária dos pacientes atendidos durante a coleta de dados.



Paiva *et al* (1998, p 101) também relata que em crianças com menos de um ano de idade, há maior predominância de casos de pneumonia, principalmente no gênero masculino. Confirmando a linha de pensamento dos autores quanto a faixa etária, 50% do total de atendimentos, representam crianças com idade igual ou menor a um ano.

Os outros dois atendimentos também foram direcionados a crianças com idades variadas, sendo que 25% apresentavam de 02 a 06 anos; 25% entre o grupo de 07 a 10 anos de idade.

Gráfico 03 - Gênero

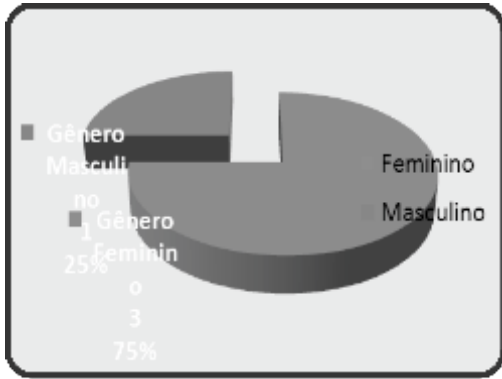


Gráfico 03 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de ficha de avaliação – 2011. O gráfico acima representa a porcentagem sobre os gêneros, feminino e masculino, dos pacientes atendidos durante a coleta de dados.

Quanto ao gênero Paiva *et al* (1998, p.101) afirmam que há predominância em crianças do sexo masculino, logo nos primeiros anos de vida. Em contrapartida, a partir deste estudo foi possível verificar que o maior número de crianças internadas com quadro de pneumonia foi do gênero feminino, gerando um total de 75% das crianças, conforme a representação do Gráfico 03. Apenas uma das crianças, de 05 (cinco) meses de idade, representado 25% dos atendimentos, é do gênero masculino, contradizendo com a literatura.

Avaliação dos dados referentes a prontuários médicos e exames complementares: radiografia de tórax e ausculta pulmonar

Analisou-se primeiramente, para cada atendimento, o prontuário médico, para colher as informações necessárias ao caso clínico. Através da análise do prontuário, é possível identificar as características para o quadro de pneumonia que o paciente apresentou antes e durante a internação hospitalar. Também é possível fazer o acompanhamento da evolução de enfermagem, o que ajuda muito no trabalho fisioterapêutico, ressaltando a importância da união da equipe multidisciplinar.

Durante a análise das radiografias, todas apresentaram hipotransparência em diferentes áreas do parênquima pulmonar, demonstrando

através da imagem, a presença de secreção. Estes dados eram confirmados através da ausculta pulmonar, exame utilizado pelo fisioterapeuta durante a avaliação e conduta fisioterapêutica.

A ausculta pulmonar deve ser feita sempre de maneira comparativa entre as áreas dos dois pulmões, analisando o murmúrio vesicular, ou a diminuição dele devido a algum ruído adventício. A ausculta pulmonar era realizada antes, durante e após a sessão, e sempre revelava sons pulmonares adventícios, sendo os roncos e os estertores subcrepantes os mais comuns, em todos os casos.

Durante os atendimentos, foi avaliada a frequência respiratória de cada paciente, sendo que 75% dos resultados coincidiram com a Organização Mundial de Saúde (OMS) que define em crianças de um a cinco anos de idade, a frequência respiratória acima de 40 incursões respiratórias por minuto, e em crianças acima de cinco anos, que apresentam acima de 30 incursões respiratórias por minutos, é indicativa de pneumonia.

As crianças atendidas, com cerca de um ano de idade, apresentaram um resultado de cerca de 30 incursões respiratórias por minuto. Outros dois pacientes com 06 e 10 anos de idade, representando 50% dos atendimentos, obtiveram os resultados com cerca de 28 incursões respiratórias por minuto.

Antes da realização das manobras fisioterápicas manuais propostas neste trabalho, foram conferidas as temperaturas de cada paciente, a fim de garantir que nenhum estivesse com febre durante o atendimento. Também foi inspecionado, o estado geral da criança, se a mesma sentia dores, se estava aceitando a alimentação, se a mesma apresentava inquietação para dormir, ou ainda, se permanecia muito agitada ou muito quieta durante o dia. Estes dados foram colhidos a partir da evolução de enfermeiros e confirmados com os pais da criança.

Ambiente / Moradia em que os Pacientes Atendidos Residem

Os fatores ambientais, sem dúvida, vêm influenciando cada vez mais a saúde do ser humano. Em se tratando de crianças, a situação ainda se complica, uma vez que as características anatômicas, fisiológicas e imunológicas são diferentes e mais frágeis que as de um adulto.

Gráfico 04 - Moradia

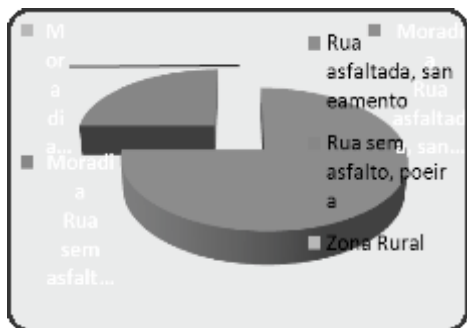


Gráfico 04 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de ficha de avaliação – 2011. O gráfico acima representa a porcentagem sobre o ambiente e moradia dos pacientes atendidos durante a coleta de dados.

Os resultados apontados no Gráfico 04 revelam que 25% dos pacientes moram em rua sem asfalto, mantendo contato direto com muita poeira, todos os dias. Os outros 75% residem em ruas asfaltadas, distante de outras ruas sem asfalto. Apesar de que ainda assim, todos inspiram a poeira oriunda do ar, de acordo com este dado, este último grupo, teria menor chance adquirir problemas respiratórios devido ao ambiente.

Rodrigues *et al* (2010) também ressaltam uma maior incidência de casos de pneumonia em pessoas com condições de vida e moradia mais baixas, por falta de saneamento básico, condições socioeconômicas, medicamentos, falta de cuidados com a saúde, entre outros.

Sinais e Sintomas da Pneumonia

Seguindo a avaliação das crianças, durante conversa com os pais, foi questionado quanto às características clínicas que as crianças apresentaram, antes da internação hospitalar. Todas as crianças, apresentaram os sinais clássicos para pneumonia, como tosse, com ou sem secreção, sendo que em um dos casos, com presença de sangue, febre, dor abdominal e ou dor torácica, dispnéia, frequência respiratória acima do valor normal ou fisiológico.

CONDUTAS FISIOTERAPÊUTICAS MANUAIS

Há, hoje no mercado, diversos instrumentos mecânicos disponíveis à Fisioterapia, como por exemplo, os vibradores elétricos que podem ser usados na área respiratória. Porém, muitos estudos, como citado por Gava (2007, p. 74) revelam a preferência e melhor eficácia das técnicas manuais, já que a vibração gerada por aparelhos não chega a atingir a árvore brônquica. Além do mais, as mãos do fisioterapeuta se adaptam ao tórax do paciente, o que não ocorre com o uso de aparelhos.

A tapotagem, manobra utilizada com maior facilidade, foi realizada em todos os atendimentos, após a ausculta pulmonar, com paciente em decúbito lateral, direito e esquerdo.

Em 75% dos casos, durante a realização da manobra de tapotagem, percebiam-se resultados positivos, uma vez que a criança apresentava o reflexo de tosse e liberava secreção. A expulsão da secreção para fora do organismo é significado de que a manobra foi realizada corretamente, atingindo seu objetivo. Em um dos atendimentos, 25% dos pacientes, a criança estava muito agitada, por receio de ambiente hospitalar, não contribuindo com o atendimento em geral. Estes 25%, representam o atendimento com menos resultados, uma vez que o paciente não permanecia na posição de drenagem postural.

Em 50% dos atendimentos, utilizou-se a vibrocompressão após a realização da tapotagem. Para melhor efeito, essa manobra precisa ser feita com auxílio do paciente, uma vez que o mesmo deve manter, ao máximo, a sua expiração, pois, a vibrocompressão só pode ser realizada nesta fase respiratória. Os outros 50% dos pacientes, não compreendiam a técnica devido à baixa idade. Destes últimos 50%, um paciente, 25%, não permitiu a realização da manobra, devido à sua agitação. Os outros 25%, dormiram durante a manobra de tapotagem, não sendo realizada a vibrocompressão, devido à diminuição do reflexo de tosse. Porém, este paciente apresentou bons resultados após a manobra, visto que, ao acordar, liberou secreção. Além do mais, o paciente dormiu melhor, segundo a mãe, após o atendimento fisioterapêutico.

Todas as manobras foram realizadas, vale ressaltar, após a ausculta pulmonar, quando foi identificada a presença e localização de secreção, podendo, assim, associar as técnicas às posições de drenagem postural.

As posições de drenagem postural e seu grau de inclinação variam de acordo com a posição da área a ser drenada, e tomam como base o ângulo ou o somatório das angulações formadas entre segmentos brônquicos e traquéia, devendo sempre ser levadas em consideração as condições clicas do paciente (SARMENTO, 2007, p. 53).

Em se tratando de crianças, é importante um monitoramento maior, quanto ao posicionamento das mesmas. Para associação com as técnicas manuais, os pacientes foram colocados em decúbitos laterais, sem travesseiros e com a maca reta, sem inclinação da parte superior. Essa posição colaborou muito para a criança eliminar secreção, diminuindo a ação da gravidade.

Os objetivos do trabalho fisioterapêutico realizado com as técnicas manuais descritas, foram melhorar a expansibilidade pulmonar, eliminar secreção, manter as vias aéreas funcionais, melhorar a ventilação pulmonar e prevenir complicações respiratórias.

ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

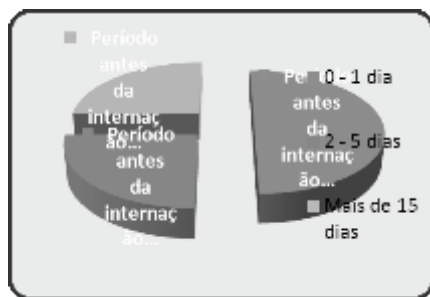
Um questionário com sete questões fechadas, referentes às características da pneumonia, foi aplicado ao responsável pela criança internada, durante a avaliação da mesma, mediante um termo de autorização para publicação no presente estudo. Antes da aplicação do questionário, os responsáveis foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a fim de que pudessem contribuir com as informações necessárias.

A terapêutica de pacientes com pneumonia deve ser iniciada imediatamente após o diagnóstico, e, como já é sabido, quase todas as crianças com pneumonia não têm identificação etiológica específica, e a terapia, na maioria das vezes, é realizada de maneira empírica (SARMENTO, 2007, p. 47).

A fim de identificar a agilidade para o início do tratamento, e a influência do tempo na gravidade da pneumonia em cada criança internada, na pergunta número 01, foi questionado ao responsável pela criança, há quanto tempo o (a) paciente apresentou os sinais e sintomas da pneumonia, antes da internação hospitalar. Conforme os resultados representados pelo Gráfico 05, 50% dos pacientes foram atendidos e internados em um dia após apresentação dos sinais e sintomas; 25% receberam atendimento após três dias, e, os outros 25%, após quinze dias com as características da pneumonia.

Gráfico 05 – Período Antes da Internação

Gráfico 05 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de questionário – 2011. O gráfico acima representa o período em que as crianças atendidas apresentaram características da pneumonia, antes da internação hospitalar



A fisioterapia funciona como um tratamento auxiliar de grande importância na área respiratória. Não é objetivo deste trabalho, detalhar a escolha médica de antibióticos utilizados no tratamento dos pacientes atendidos, porém, é importante mencionar que os medicamentos podem indicar a gravidade ou estágio da doença, ou ainda, por automedicação, pode mascarar as características da doença, como por exemplo, cessar a febre.

Por isso, na questão de número 02, o (a) responsável respondeu sobre a utilização de medicamentos antes da internação hospitalar, a fim de compreender as verdadeiras características que o paciente apresentava. De acordo com o Gráfico 06, houve três tipos de respostas diferentes, sendo que duas confirmaram a ingestão de medicamentos, podendo ser, com ou sem orientação médica.

Gráfico 06 – Medicação Antes da Internação Hospitalar

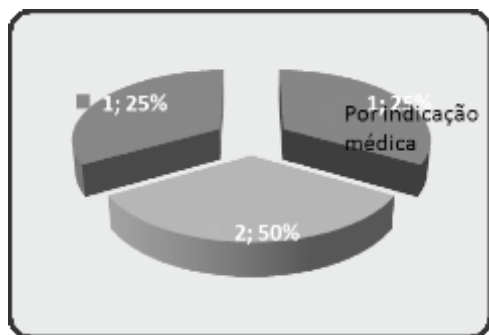


Gráfico 06 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de questionário – 2011. O gráfico acima representa a utilização de medicamentos antes da internação hospitalar

Em cada atendimento, houve uma resposta diferente em relação ao uso de medicamentos. É importante que os pais ou responsáveis tenham a consciência de não prescrever medicamentos à criança por conta própria. Em casos de pneumonia, por exemplo, a etiologia da doença determina o tipo de medicamento. Ao oferecer a medicação errada ou administração inadequada, o responsável pode, não apenas prejudicar o tratamento certo, mas também fazer com que o organismo da criança desenvolva resistência ao medicamento.

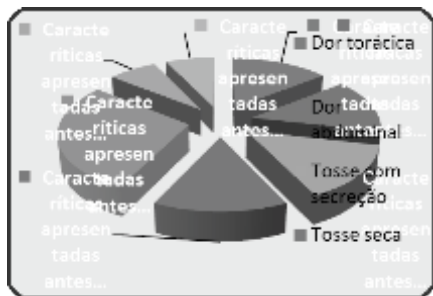
Entre as alternativas oferecidas no questionário, dois casos, 50% dos atendimentos, ofereceram medicação à criança por responsabilidade própria. Provavelmente, este número seria maior, caso a amostra de atendimentos também fosse.

Entender as características individuais da criança, em relação ao quadro de pneumonia é de suma importância na escolha do tratamento de toda a equipe multidisciplinar. Para entendê-las, na terceira pergunta do questionário, foram colocadas as principais características clínicas, indicativas de pneumonia. Foram questionados aos responsáveis, quais delas, a criança apresentava antes da internação hospitalar. Os resultados da questão estão representados no Gráfico 07, o qual revela que dentre as quatro crianças atendidas, a paciente A.L.V.S.D apresentou dor abdominal, tosse seca e vômitos; a paciente A.L.G.S apresentou dor torácica, tosse com secreção e febre;

paciente Y.S.F.D com dor abdominal, tosse seca, febre e dispnéia e, por fim, o paciente N.M.B, com dor torácica, tosse com secreção e febre.

Gráfico 07 – Características Apresentadas antes da Internação Hospitalar

Gráfico 07 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de questionário – 2011. O gráfico acima representa os sinais e sintomas que as crianças atendidas apresentaram antes da internação hospitalar.



As características apresentadas foram analisadas individualmente, a partir da aplicação do questionário ao responsável pela criança internada. A análise individual das características permite a equipe multidisciplinar, incluindo médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, traçar um plano de tratamento conforme as necessidades de cada paciente.

Com relação ao conhecimento acerca da fisioterapia, em geral, as pessoas que responderam o questionário já ouviram falar em fisioterapia, e muitos já precisaram de atendimento em outra área, exceto a respiratória. Através do Gráfico 08, percebe-se os resultados da pergunta número 04 do questionário, referente à necessidade por algum outro tipo de atendimento fisioterapêutico, já que um dos objetivos deste trabalho é a divulgação da fisioterapia em suas diversas áreas de atuação, com ênfase na área respiratória. Apesar de que, todos os que responderam ao questionário conheciam diversas áreas da fisioterapia, 50% deles nunca precisaram de algum serviço referente à fisioterapia.

Gráfico 08 – Necessidade de Fisioterapia em Outra Ocasão

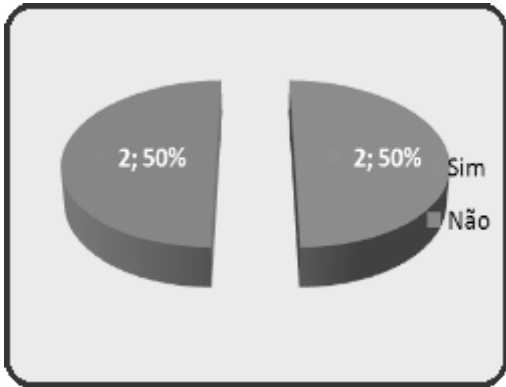


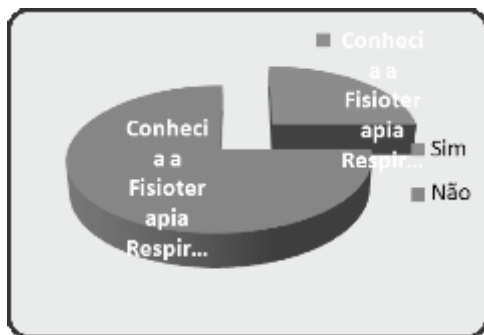
Gráfico 08 - Fonte:
Pesquisa direta através da aplicação de questionário – 2011.
O gráfico acima representa o conhecimento da Fisioterapia, por parte dos pais ou responsáveis, fora da área Respiratória.

Quando uma criança é internada com o diagnóstico de pneumonia, os pais ou acompanhantes têm a certeza de que seus filhos receberão atendimento médico e de enfermagem, mas, quase nunca sabem que os seus também receberão atendimento fisioterapêutico. Por isso, é necessária a divulgação deste trabalho, enfatizando e valorizando a importância do fisioterapeuta em ambiente hospitalar, dentro da área pneumológica.

De certo, em todos os atendimentos, houve maior conforto respiratório após a realização das manobras fisioterapêuticas manuais. Devido à importância destes atendimentos, na questão de número 05, o (a) responsável foi interrogado (a) sobre o conhecimento, e principalmente, sobre o reconhecimento da fisioterapia na área respiratória. Conforme os resultados representados no Gráfico 09, apenas 25% dos casos conheciam este tipo de atendimento, e os outros 75% nunca tinham ouvido falar no assunto.

Gráfico 09 – Conhecia a Fisioterapia Respiratória

Gráfico 09 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de questionário – 2011. O gráfico acima representa a quantidade de pais ou responsáveis que tinham conhecimento do trabalho fisioterapêutico na área Respiratória.

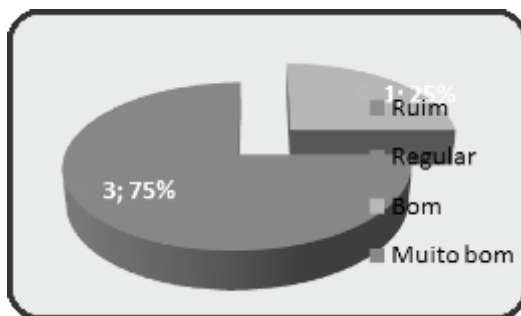


Principalmente no que diz respeito àqueles que não conheciam a fisioterapia na área respiratória, o resultado do trabalho fisioterapêutico foi de grande importância, uma vez que eles puderam criar um conceito sobre o atendimento.

O conceito dos pais é um dos fatores principais para a realização e divulgação do trabalho fisioterapêutico na área respiratória, e, justamente por isso a pergunta de número 06 do questionário aplicado retrata a opinião dos pais ou responsáveis, durante o atendimento fisioterapêutico, e, no Gráfico 10, os resultados podem ser observados.

Gráfico 10 – Conceito da Fisioterapia Respiratória Durante o Atendimento

Gráfico 10 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de questionário – 2011. O gráfico acima representa o conceito dos pais ou responsáveis, em relação ao atendimento fisioterapêutico, durante a internação da criança.



Das quatro alternativas, as quais eram: ruim, regular, bom e muito bom, apenas as duas últimas foram marcadas. Compreendendo um total de 75% das respostas, foi marcada a alternativa: muito bom. O conceito, bom, responsabilizou-se pelos 25% restantes, entre as alternativas.

Garantir um bom conceito foi um grande desafio, uma vez que, através do atendimento que estava, então, sendo prestado, uma nova visão sobre a fisioterapia na área respiratória podia estar sendo construída entre as famílias dos internos. Um ponto importante para que isso acontecesse, foi a manifestação de carinho e atenção ao paciente e responsáveis, além de responsabilidade, conhecimento e segurança durante as manobras fisioterapêuticas aplicadas.

O conceito do atendimento fisioterapêutico foi dado, principalmente, devido aos resultados alcançados após a realização das manobras. Apresentar o estado do paciente após o atendimento é de grande relevância, uma vez que a partir dessa representação, observada no Gráfico 11, pode-se compreender os resultados dos atendimentos e comprovar a importância dos mesmos.

Todos os atendimentos apresentaram alguma resposta positiva, sendo que um dos atendimentos, representado 25% do total, obteve melhora no quadro respiratório, principalmente durante o sono.

Os outros 75% dos atendimentos representam uma leve melhora no quadro respiratório, sendo que os mesmos apresentaram uma respiração com menos esforço e mais tranquila logo após a aplicação das manobras, devido às eliminações imediatas de secreção, além de um conforto maior para dormir.

Gráfico 11 - Estado do Paciente, Após Atendimento Fisioterapêutico

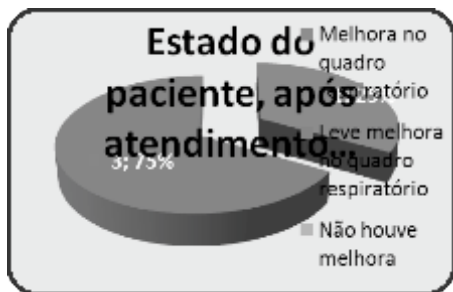


Gráfico 11 - Fonte: Pesquisa direta através da aplicação de questionário - 2011. O gráfico acima representa o estado dos pacientes atendidos, após a realização das técnicas manuais propostas para este trabalho.

Em todos os casos, tanto os pacientes quanto seus respectivos responsáveis, perceberam alguma melhora no quadro respiratório, uma vez que em todos os atendimentos houve eliminação de secreção, gerando conforto respiratório ao paciente, atingindo assim o objetivo principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fisioterapia tem grande contribuição em problemas respiratórios, em especial, em casos de pneumonia. Em pacientes pediátricos é necessário ter uma atenção maior em relação à aplicação das técnicas manuais de tapotagem e vibrocompressão, e até mesmo quanto às posições de drenagem postural, uma vez que, a idade da criança pode ser fator que interfira nos resultados esperados caso ela não entenda os comandos ou dificulte a realização das técnicas.

Ao término do trabalho prático, pode-se dizer que, as características apresentadas nos casos atendidos de pneumonia, seguiram a linha de pensamento dos autores referenciados no trabalho, como por exemplo, Cardoso (2001) e Peres e Gava (2007).

Quanto à utilização da Fisioterapia na área Respiratória, através das técnicas manuais, pode-se afirmar perante os atendimentos realizados, que as mesmas oferecem grandes benefícios para o paciente, uma vez que, permitem melhoras no quadro patológico de cada paciente, gerando conforto respiratório aos mesmos, após eliminação de secreções.

Além do mais, um dos principais objetivos da pesquisa foi fazer com que a Fisioterapia Respiratória dentro do ambiente hospitalar fosse reconhecida e apreciada tanto pelos pacientes, quanto pelos seus familiares. Esse objetivo foi concluído com êxito em relação aos atendimentos, visto que, vendo os bons resultados da fisioterapia, sem quaisquer procedimentos invasivos ou que gerassem dor ao paciente, todo o público alvo desse objetivo foi atingido de forma relevante à pesquisa.

Ao término desta pesquisa acadêmica, pode-se afirmar que não há final para as reflexões acerca do tema. De certo, há necessidade de mais estudos, sobretudo, quanto à diminuição da demanda de pacientes neste período do ano e sobre o trabalho preventivo para a pneumonia realizado pelas unidades de saúde da cidade de João Pinheiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, T.C.; FAGUNDES, A.A. **Prevalência das Manobras Fisioterapêuticas Empregadas em Crianças com Diagnóstico de Pneumonia Adquirida na Comunidade**, 2009.

CARDOSO, Alexandre Pinto. **Pneumonias**. In: **Pneumologia: Aspectos Práticos e Atuais**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

COSTA, Dirceu. **Fisioterapia Respiratória Básica**. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.

DIVAN *et al.* **Protocolo de Assistência Médico Hospitalar da Clínica Pediátrica do Hospital Municipal infantil Menino de Jesus – PMSP**, 2002

GAVA, Marcus Vinícius. **Manobras de Higiene Brônquica**. In: **Fisioterapia Pneumológica**. Barueri, SP: Manole, 2007.

GAVA, Marcus Vinícius; PICANÇO, Patrícia Salerno de Almeida. **Fisioterapia Pneumológica**. 1. Ed. Barueri, SP: Manole, 2007.

GUYTON, Arthur C. **Fisiologia Humana**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

IKE *et al.* **Drenagem Postural: prática e evidência**. Revista Fisioterapia em Movimento, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 11 – 17, jan./març. 2009.

KISNER, Carolyn; COLBY, Lynn Allen. **Exercícios Terapêuticos: Fundamentos e Técnicas**. 4. Ed. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIEBANO *et al.* **Principais Manobras Cinesioterapêuticas Manuais Utilizadas na Fisioterapia Respiratória: Descrição das Técnicas**.

Revista Ciências Médicas. Campinas, vol. 18, p. 35-45, jan/fev. 2009.

MARTINS, Michel; MONTEMEZZO, Dayane. **Tratamento Fisioterapêutico em Crianças Portadoras de Pneumonia**. 2006.

OLIVEIRA, Josete de. **Fisioterapia Respiratória**. In: **Pneumologia: Aspectos Práticos e Atuais**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

PAIVA *et al.* **Pneumonias na Criança**. *Jornal de Pneumologia*, p. 101 – 108; març/abr, 1998.

PERES, José Augusto, GAVA, Marcus Vinicius. **Fisioterapia nas Infecções Pulmonares**. In: **Fisioterapia Pneumológica**. Barueri, SP: Manole, 2007. p. 255 – 267.

RODRIGUES, Renata Estela; NOVAES, Régis Ferraz Goiana; GUIMARÃES, Vladimir Yuri Monteiro. **Fatores de Risco para Pneumonia em Home Care**, 2010. Disponível em: <http://interfisio.com.br/?artigo&ID=420&url=Fatores-de-Risco-para-Pneumonia-em-Home-Care>. Acesso em: 15/11/2011

SARMENTO, Gorge J. Vieira. **Fisioterapia Respiratória em Pediatria e Neatologia**. Editora Manole, 2007.

SERAFIM, Saionara Rabelo; ROSA, George Jung. **Fisioterapia Respiratória: Técnica de Escolha**. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 2006.

YOKOTA, Carla de Oliveira; GODOY, Armando C. Franco de; CERIBELLI, Maria Isabel P. de Freitas. **Fisioterapia Respiratória em Pacientes sob Ventilação Mecânica**. *Revista Ciências Médicas, Campinas*, v. 15, n. 4, p. 339 – 345, jul/ago, 2006.

IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA ERGONÔMICO COM ÊNFASE NA GINÁSTICA LABORAL EM UMA EMPRESA DE SILVICULTURA

Eliana da C. M. Vinha^{*}

Resumo: A Ginástica Laboral – GL vem sendo utilizada como um método de prevenção aos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. Suas atividades são fundamentadas basicamente nos exercícios de aquecimento, alongamento, relaxamento e consciência corporal, compensando as estruturas solicitadas durante o trabalho, contribuindo para a melhora do bem estar do trabalhador. O presente estudo teve como objetivo identificar os benefícios de um Programa Ergonômico implantado em uma empresa de silvicultura no noroeste de Minas Gerais em 2008-2012, destacando a GL como método de prevenção de doenças ocupacionais e sua contribuição para melhora do bem estar físico, emocional e social dos trabalhadores. Os dados coletados foram adquiridos por meio dos registros da empresa, que serviu como base para a análise documental, ficha de avaliação individual do funcionário, questionários de avaliação da GL e Questionário Nórdico de Sistemas Osteomusculares (QNSO). O estudo foi composto por uma amostra de 38 funcionários exercendo atividades diversas na produção florestal, todos do gênero masculino, com idade média de 41 anos, tempo médio de 15 anos na empresa. No início as principais queixas eram nos seguintes segmentos corporais: coluna lombar (53 %), coluna cervical (11 %), pescoço (10%), ombro (13 %), joelho (8 %) e cotovelo (5 %). Após 24 meses, houve melhora geral de 84% dos desconfortos, sendo que a coluna, ombro e joelho totalizaram 16% de melhora significativa. Quanto à prática da GL: 92% disseram gostar de executar os exercícios, 54% relataram que gosta de todos os exercícios, 46% preferem o relaxamento e exercícios pra

^{*} Especialista em Fisioterapia do Trabalho, Ergonomia, Segurança e Saúde do Trabalhador. Professora nos cursos de Fisioterapia e Educação Física da Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail: elianafisio@gmail.com

coluna e 95% disseram que a GL trouxe benefícios pra suas atividades laborais e de vida diária. Os resultados apresentados mostram que a relação entre os desconfortos mencionados, tem significado atribuído à junção da ergonomia e ginástica laboral, levando a empresa influenciar nos comportamentos da própria organização. Portanto, a GL associada às melhorias ergonômicas e a correção postural, promove o alívio das sintomatologias, além de preparar o funcionário para a carga diária de trabalho proporcionando melhora na qualidade da realização do trabalho e no seu bem estar.

Palavras chave: Ergonomia. Prevenção. Doenças ocupacionais. Ginástica laboral

Abstract: The Labour Gymnastics – GL has been used as a prevention method to work -related musculoskeletal disorders. Its activities are based primarily on warm-up exercises, stretching, relaxation and body awareness, offsetting the requested during work structures, contributing to the improvement of the welfare of the worker. The present study aimed to identify the benefits of an Ergonomic Program deployed in a forestry company in northwestern Minas Gerais in 2008-2012, highlighting the GL as a method of prevention of occupational diseases and their contribution to improved well being, emotional and social workers. Data were acquired through company records, which served as the basis for document analysis, individual assessment of the official record, the GL assessment questionnaires and Nordic Musculoskeletal Questionnaire Systems (QNSO). The study consisted of a sample of 38 employees performing various activities in forest production, all male, mean age 41 years, mean duration of 15 years with the company. Earlier the main complaints were the following body parts: lumbar spine (53 %), cervical spine (11 %), neck (10 %), shoulder (13 %) , knee (8 %) and elbow (5 %) . After 24 months, there was an overall improvement of 84 % of the discomforts, and the spine, shoulder and knee totaled 16 % of significant improvement. Regarding the practice of GL : 92 % said they would like to perform the exercises,

54 % reported that like all exercises, 46 % prefer the relaxation and exercise for spine and 95 % said that GL has brought benefits to their work activities and life daily . The results show that the relationship between the discomforts mentioned, has meaning attributed to the junction of ergonomics and gymnastics, leading the company to influence the behaviors of the organization itself. Therefore, GL associated with postural correction and ergonomic improvements, promotes the relief of symptoms, in addition to preparing the employee for the daily workload and improved the quality of the job done and their well being.

Keywords: Ergonomics. Prevention. Occupational disease. Gymnastics

INTRODUÇÃO

Atualmente as condições de trabalho refletem as tensões à que estão submetidos os trabalhadores na sua rotina diária. As pressões internas e externas a que são impostos, a competitividade e as exigências de qualidade do mercado, a eficiência e a velocidade na realização, implicam em adequação dos sistemas de produção à realidade e flexibilidade de atendimento aos clientes.

Para Poletto (2002) os trabalhadores, submetidos a tais situações, somadas às exigências normais de suas atividades, podem provocar o surgimento de doenças e/ou queixas relacionadas com o trabalho.

A carga e forças excessivas no trabalho, a postura inadequada, as repetições de mesmos movimentos e as condições críticas de materiais, equipamentos e instalações nas empresas, contribuem para o desconforto físico geral. A origem desses males é responsável pelo surgimento de doenças e afastamentos temporários ou permanentes do trabalho.

Nesse contexto se faz necessário reconhecer as situações do homem no seu ambiente de trabalho. Na busca de medidas preventivas e corretivas, surge a Ergonomia, ciência multidisciplinar que estuda a

relação do homem com o seu trabalho, seu objetivo básico é a humanização e a melhoria da produtividade do sistema de trabalho. Para tanto procura fornecer meios para a melhoria do bem estar físico, psicológico e social dos trabalhadores, adaptando o trabalho às características anatômicas, fisiológicas e psicológicas destes, utilizando da ciência, como a ergonomia e de métodos como a ginástica laboral (GL).

A maioria dos efeitos atribuídos à GL está relacionado aos benefícios fisiológicos proporcionados pelos exercícios, levando em consideração que as questões ergonômicas não podem ser ignoradas, sempre buscando adaptar o trabalho às características físicas e psíquicas do homem.

Embasado nessas premissas, esse trabalho objetiva identificar os benefícios de um programa ergonômico implantado em uma empresa de silvicultura no noroeste de Minas Gerais, destacando a ginástica laboral como método de prevenção de doenças ocupacionais e sua contribuição para melhora do bem estar físico, emocional e social dos trabalhadores.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Augusto et al (2008) descrevem as doenças ocupacionais como uma síndrome de origem profissional composto por doenças que afetam os membros superiores, região escapular e pescoço a Lesão por Esforços Repetitivos (LER), e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) foram introduzidos e regulamentados em utilizar a expressão LER / DORT para estabelecer o conceito da síndrome e afirmar que LER / DORT não provêm exclusivamente a partir de movimentos repetitivos, mas também pode ocorrer, porque partes do corpo permanecem em posições estáticas por um longo período de tempo. A necessidade de concentração e atenção dos trabalhadores para a realização das suas atividades, e as pressões impostas pela forma como está organizado o trabalho são fatores que têm grande influência sobre a ocorrência dessa síndrome.

Segundo Soares (2006) a GL aparece na literatura como uma das

medidas para o enfrentamento de distúrbios físicos e emocionais na saúde do trabalhador, tais como: LER/DORT, estresse, lombalgias etc. Tem como objetivo a prevenção e reabilitação das doenças que o trabalho repetitivo e monótono pode acarretar aos trabalhadores.

No Brasil, de acordo com Militão (2001) a difusão da GL ocorreu na segunda metade da década de 1980, com uma adesão ainda maior nos anos 1990, coincidindo com o crescente número das LER/DORT e com as práticas da qualidade total adotadas em inúmeras empresas. A GL, então, foi introduzida com finalidades diversas: prevenção de doenças ocupacionais, diminuição dos acidentes de trabalho, aumento da produtividade, melhora do bem-estar geral dos trabalhadores.

Maciel et al (2005) sugere que a GL pode ser adotada, conforme os momentos em que acontece e seus objetivos: (1) preparatória: visa ao aquecimento, à preparação da musculatura e das articulações que serão utilizadas no trabalho, prevenindo acidentes, distensões musculares e doenças ocupacionais; (2) compensatória: previne a fadiga naqueles que realizam movimentos repetitivos, atividades com sobrecarga muscular ou, se o ambiente é estressante, tem o objetivo de diminuir as tensões musculares provocadas pelo trabalho; e (3) relaxante.

Ao implantar um projeto de prevenção em empresas, deve-se evidenciar todo o processo da empresa, nesse contexto a análise ergonômica do trabalho (AET), metodologia de intervenção e estudo das situações de trabalho, segundo Assunção (2001) tem como centro a análise da atividade do homem e integra conhecimentos psicofisiológicos para recomendar melhorias e identificar elementos críticos sobre a saúde do trabalhador. A AET ultrapassa as relações simplistas de causa e efeito. A principal diferença entre a abordagem ergonômica e a GL é que a primeira propõe medidas de prevenção a partir do que fazem os trabalhadores para proteger a sua própria saúde contra os riscos presentes nos locais de trabalho e a segunda apresenta uma gama de exercícios físicos que preparam o trabalhador para assumir suas atividades laborativas.

Para Matiello Júnior et al (2008) é fundamental incentivar a participação dos trabalhadores na produção do conhecimento, pois o

domínio do saber é uma fonte de poder, o que colabora com o projeto de transformação social. É possível auxiliá-los a identificar de maneira crítica seus próprios problemas e a encontrar soluções viáveis para sua superação a partir da organização coletiva e da responsabilidade de outros órgãos.

Goedert e Machado (2007) dizem que a GL é um programa que está sendo cada vez mais adotado pelas organizações no combate do *stress* e melhoramento da saúde física dos funcionários. A conceituação da GL pode ser definida, como um conjunto de práticas físicas, elaboradas a partir da atividade profissional exercida durante o expediente, visando compensar as estruturas mais utilizadas no trabalho e ativar as que não são requeridas, promovendo também o relaxamento. A GL trás benefícios para a empresa e para os funcionários, pois além da promoção da saúde, aumenta a disposição para o trabalho e melhora a integração entre os funcionários.

Independente de onde venha a iniciativa, o importante é que empregadores e empregados estejam cientes que o investimento na saúde é diretamente proporcional ao lucro, seja este medido em reais ou em melhorias na qualidade de vida de acordo com Martins e Michels (2001).

Outra atribuição feita à GL, além dos efeitos físicos, são relacionadas aos aspectos psíquico e social, justificada por favorecer a descontração, estimular o auto-conhecimento e auto-estima, proporcionar possíveis melhora no relacionamento interpessoal e do homem com o meio, além das atribuições de benefícios fisiológicos à GL, existem também os ganhos relativos à satisfação de quem a executa no ambiente de trabalho, conforme Longen (2003).

CASUÍSTICA E MÉTODOS

Área de estudo

A empresa estudada situa-se numa região propensa para atividade de silvicultura no noroeste de Minas Gerais, está a 29 anos na região com atividade de produção florestal. É uma multinacional

cumpridora de todas as legislações vigentes no país, se preocupa com o bem-estar do seu funcionário e está aberta às inovações e programas que trazem benefício não só para o ambiente de trabalho, bem como ao meio ambiente; atua no âmbito de ser uma empresa socialmente justa, ambientalmente correta e economicamente viável.

A empresa elegeu o sistema de parceria para o processo de colheita florestal, uma vez que a área de exploração é bastante pulverizada em várias frentes de trabalho para aperfeiçoar e viabilizar a operação, já que não é sua atividade fim.

A implantação de programas institucionais primeiro se dá na mantenedora, em seguida, as empresas parceiras assumem o compromisso de oferecer aos seus colaboradores manutenção da saúde, segurança e bem estar. Há um vasto *check-list* aplicados mensalmente ou diariamente, dependendo da operação, por profissionais capacitados e treinados para assegurar que todas as empresas possam adequar aos programas.

A escolha dos participantes foi aleatória, demonstrado como seria realizada a pesquisa, assinaram o termo de consentimento livre e autorizaram a publicação dos dados. Foi solicitado à empresa através de carta de anuência para que se fizesse possível o colhimento de dados para nortear o trabalho.

Conforme os dados obtidos pelos departamentos médico e pelo RH (recursos humanos) indicavam 02 funcionários afastados por doenças ocupacionais durante 12 anos na empresa, executando a mesma atividade (operador de implementos móveis – tratorista).

Deu-se o início da implantação do projeto ergonômico com avaliação fisioterápica individual dos funcionários. Após 06 meses foi aplicado o Questionário Nórdico do Sistema Osteomuscular – QNSO. A partir de março de 2008 foi feita manutenção do projeto e ajustes necessários a cada situação.

Atendendo a solicitação do gestor da empresa, a cada 12 meses, deveria ser aplicado um questionário de avaliação da GL e da implantação do projeto. O objetivo foi avaliar o comprometimento dos funcionários e se os objetivos propostos inicialmente estavam sendo alcançados. A empresa aplicou um questionário avaliando a

profissional, tendo a participação também dos supervisores e área administrativa, onde também foi aplicada a GL, porém não consta da população estudada por exercerem atividades diferenciadas do grupo participante da pesquisa.

Perfil da amostra

A amostra foi composta por 38 funcionários que exercem atividades diversas (operador de implementos móveis, motorista, mecânico, borracheiro, jardineiro, auxiliar de serviços gerais) consideradas pela empresa como operacionais, também fazem o trabalho de fiscalizar as atividades de manutenção das florestas executadas por terceiros.

Todos do gênero masculino, com idade média de 41 anos – verifica-se que a idade média dos trabalhadores é alta, o que sugere que há poucas contratações nesta ocupação. O tempo médio é de 15 anos na empresa. A média de escolaridade é ensino fundamental completo. Todos são casados, 89% são os únicos responsáveis em manter a família financeiramente.

Quanto à satisfação no trabalho, a maior queixa é com a renda salarial, há uma insatisfação de 95%, porém gostam de trabalhar na empresa, o ambiente de trabalho é descontraído, possuem bom relacionamento com os colegas, supervisores e gerência (97%).

A prioridade que a empresa tem com a segurança, saúde e meio ambiente, faz com que os funcionários a considerem uma ótima empresa para se trabalhar e extremamente organizada (100%); 95% disseram não ter sofrido nenhum tipo de acidente no trabalho com perda de tempo e orgulham-se por fazer parte de uma empresa com 23 anos sem acidente fatal e 06 anos sem acidentes relatáveis.

A prática de atividade física é pequena, apenas 5% praticam a caminhada diariamente, sem orientação de um profissional; 95% são etilistas, principalmente nos fins de ano (média de 375 ml/dia/cerveja); 11% são tabagistas (média 12 cigarros/dia). A procura pelo médico é de 95% quando sente dor muscular e 5% somente o fazem quando chega ao extremo da dor; 92% relataram que não gostam de afastar do trabalho por causa da dor, porque acumula ou sobrecarrega os colegas.

Tabela 1: Avaliação dos indicadores gerais

Variáveis	População (n=38 totalizando 100%)
Sente dificuldade para dormir	8%
Pratica atividade física	5%
Considera o trabalho repetitivo	30%
Considera o ritmo do trabalho intenso	11%
Etilista	95%
Tabagista	11%
Atividades fora da empresa	13%
Procura o médico quando sente dor	95%
Permanece afastado do trabalho quando sente dor muscular	8%
Já sofreu algum tipo de acidente no trabalho – com perda de tempo	5%
Considera a empresa organizada	100%

Fonte: Dados obtidos por meio da avaliação individual fisioterapêutica (aplicado aos participantes do projeto – abril /2008)

A GL somente iniciou após avaliação individual de todos os funcionários, conscientização por meio de palestras, folders e CIPA – TR (Comissão Interna de Prevenção a Acidentes no Trabalho Rural) e análise ergonômica do trabalho (AET).

Foi preconizado a GL no início das atividades (07:15), durante 05 dias na semana, com exercícios de aquecimento (5'), alongamento (10') e relaxamento (5'). Os exercícios foram realizados com a presença de uma fisioterapeuta 03 vezes na semana, os outros 02 dias foram monitorados por um técnico de enfermagem após ter recebido treinamentos sobre cinesiologia e biomecânica ocupacional. Utilizou-se como procedimento didático o bastão, o colchonete, elásticos e a fisioball. A prática da GL era realizada em condições locais e ambientais confortáveis, 23^o em local fechado e 32^o em local aberto.

RESULTADOS

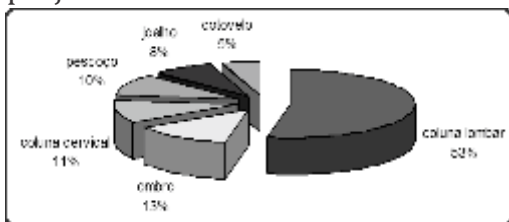
O total da amostra (n=38, totalizando 100%), caracterizando 5 % do total de funcionários estava afastado com nexos causais firmados. Os demais tinham queixas osteomusculares (76%) e estavam sem tratamento clínico medicamentoso; 11% ausentavam do trabalho por motivo de dor crônica; 10% faziam fisioterapia; 3% faziam automedicação.

Por meio de questionários individuais do departamento de saúde ocupacional (médico, fisioterapia, enfermagem) foi possível identificar quais regiões do corpo possuem maior incidência e queixas de dor, desconforto muscular ou afecções músculo-esqueléticas relacionadas ao trabalho. Esta triagem e levantamento do histórico de queixas osteo-músculoarticulares facilitou o mapeamento das regiões de risco das categorias de serviços e posturas adotadas no trabalho.

Todos os participantes da pesquisa estavam com os exames médicos em dia, sendo considerados aptos à intervenção do programa, sem restrições rigorosas.

Os casos registrados de queixas pelo departamento médico e posteriormente pela fisioterapia apresentaram manifestações ou sintomatologia nas seguintes regiões corporais (Gráfico 01): coluna lombar (53 %), coluna cervical (11 %), pescoço (10%), ombro (13 %), joelho (8 %) e cotovelo (5 %), auxiliaram na determinação das regiões do corpo onde ocorrem mais frequentemente as dores ocupacionais: coluna lombar (lombalgias); coluna cervical (cervicalgias); pescoço (torcicolos); e membros superiores (ombro, cotovelo).

Gráfico 01: Representação dos funcionários e locais com incidência de dores ou distúrbios osteomusculares – Fase inicial da implantação do projeto



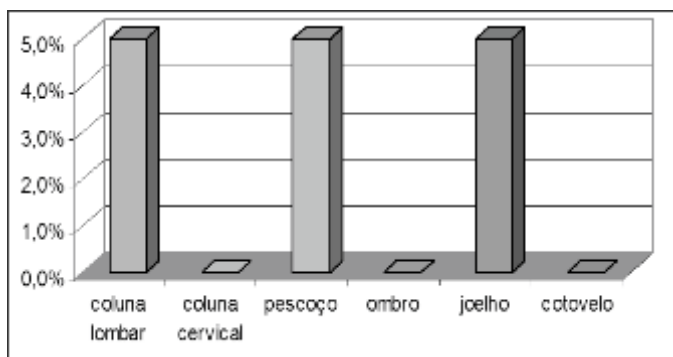
Fonte: Dados fornecidos pelo departamento de RH e Fisioterapia (março/2008)

Após 12 meses da GL implantada, os funcionários foram submetidos à nova avaliação e aplicação de um questionário com o objetivo de verificar as mudanças que aconteceram nesse período. Nesse período, 01 funcionário, auxiliar de serviços gerais, foi afastado do trabalho, sem nexos causais firmados, com queixas de dores no cotovelo (bilateral). A amostra então passou a 37 (n=37) participantes da pesquisa.

Os resultados obtidos após 12 meses foram satisfatórios, evidenciados pela melhora dos aspectos avaliados. As dores relatadas, conforme mostra o gráfico 02, as maiores queixas na coluna lombar, pescoço e joelhos tiveram melhora significativa, porém os funcionários ainda acometidos por esse desconforto, não participam com assiduidade na prática dos exercícios, 02 está com sobrepeso corpóreo, 01 já foi submetido a procedimento cirúrgico no joelho (direito), os demais, segundo o departamento médico tem a dor considerada crônica devido à má postura adotada, desvio da coluna (estrutural), desgaste ósseo, ligamentar e cartilaginoso natural (fisiológico).

Gráfico 02 – Representação dos funcionários e locais com incidência de dores ou distúrbios osteomusculares – Após 12 meses da implantação da GL

Fonte: Dados fornecidos pelo departamento de Fisioterapia (abril/2010)



O programa implantado na empresa teve uma aderência considerável de 97% porque seus funcionários foram incentivados a adicionar o exercício físico em seu dia-a-dia, inclusive no setor administrativo, de acordo com Militão (2001) não só a GL como toda a organização da empresa é uma atividade coletiva, portanto, é importante que se leve em consideração às características individuais de cada trabalhador.

No que diz respeito ao bem estar diário, todos os trabalhadores afirmaram que a GL ajudou a melhorá-lo, corroborando com Goedert e Machado (2007). A atenção ao bem estar dos funcionários não restringiu apenas à GL, pois englobava a ergonomia nos postos e setores de trabalho, correção postural, além de palestras, dicas sobre saúde em geral, com a finalidade de alterar o estilo de vida, minimizando a pressão dos supervisores, entre outros, resultando na melhora das algias do trabalhador em diversos segmentos corporais.

Além da identificação e correção das posturas, foi feito um levantamento das anormalidades psicossociais, incidentes, que possivelmente contribuíram para as afecções musculares dos funcionários, através do SESMT – Serviço Especializado de Segurança e Medicina do Trabalho e da consultoria multidisciplinar atuante, durante a implantação do projeto.

Tabela 2 – Avaliação dos aspectos psicossociais

Aspectos psicossociais	População (n=37 totalizando 100%)
Quanto A Satisfação No Trabalho	
De Maneira Geral Estou Satisfeito	11%
Sinto-Me Mais Descontraído	95%
Ambiente Do Trabalho Ficou Mais Alegre	97%
Relacionamento Com Chefia É Bom	100%
Sinto Satisfação Em Participar Da GL	95%

Aspectos psicossociais	População (n=37 totalizando 100%)
Quanto À Disposição Ao Trabalho	
Sinto-Me Mais Disposto	95%
De Maneira Geral Estou Mais Disposto	95%
Sinto Disposto Para Participar Da GL	89%
Melhora Da Dor	84%
Está Fazendo Uso De Medicamento Pra Dor Muscular	3%
Quanto A GL	
Gosta de praticar os exercícios	92%
Poderia mudar algo para melhorar a prática dos exercícios	8%
Qual Exercício te dá mais prazer	54%
O tempo para realização da GL é considerado bom	95%
A GL trouxe benefício para você	95%

Fonte: Dados fornecidos pelos questionários aplicados após 48 meses implantação da GL – abril/2012

Observa-se que a GL associada às melhorias ergonômicas e a correção postural, promove um alívio destas sintomatologias, além de preparar o funcionário para a carga diária de trabalho. Alvarez (2001) relata que a GL deve ser aplicada de maneira diversificada, criativa e principalmente, conduzida por profissionais competentes, a GL é uma forma eficaz de levar ao trabalhador a conscientização da importância da prática da atividade física regular, além de outros hábitos de saúde.

Vale ressaltar que os funcionários levaram para casa, familiares e amigos os conhecimentos adquiridos após a implantação desse projeto.

CONCLUSÃO

Durante a pesquisa bibliográfica, não se encontrou nenhum estudo epidemiológico comprovando os efeitos da GL na prevenção de

doenças relacionadas ao trabalho nem fundamentação teórica sobre os seus alcances e limitações. Os teóricos que pesquisam e implementam a ginástica laboral são unânimes em afirmar que os distúrbios de saúde dos trabalhadores ocasionam-se na organização do trabalho (pressão, ritmo, tarefas fragmentadas, monotonia etc.) porém, quando se elabora os programas ou descreve seus resultados, parece não levar em consideração tais fatores e a aplicam independentemente de uma análise mais aprofundada do problema e do contexto em que ele se coloca.

Ao implantar um programa de ginástica laboral devem-se levar em consideração aspectos fundamentais da prevenção como o que a ergonomia chama de relação homem – tarefa, envolvendo o ser humano dentro de um complexo contexto de trabalho, passando desde os equipamentos e materiais utilizados, ambiente disponível para desenvolver o trabalho, chegando até as condições organizacionais.

Os achados do presente estudo sugerem que um Programa Ergonômico englobando a GL, dicas e palestras é uma opção que pode ser eficiente, contribuindo para o bem-estar, estilo de vida e conhecimento sobre a saúde dos funcionários que participam voluntariamente.

Todavia, a fim de não esperar pela empresa para adotar hábitos saudáveis, o próprio trabalhador pode ter atitudes que influenciarão positivamente em seu bem estar, tais como: fazendo pausas regulares; evitando levar trabalho para casa; buscando informações sobre saúde em geral; realizando exercícios de alongamento e relaxamento, principalmente quando sentir cansaço, dor e/ou estressado; ajustando seu posto de trabalho às suas características e necessidades.

Independente de onde venha a iniciativa, o importante é que empregadores e empregados estejam cientes que o investimento vale à pena para todos os envolvidos.

AGRADECIMENTO

À gerência da empresa e aos disciplinados funcionários que participaram ativamente de todas as fases do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, B. R. **O papel da ginástica laboral nos programas de promoção da saúde.** In: Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 3; 2001, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2001. p. 17-18.

ASSUNÇÃO, A. A. **Os DORT e a Dor dos DORT.** Conferência apresentada no XI Congresso da Associação Nacional de Medicina do Trabalho, Belo Horizonte, 29 de abril a 3 de maio, 2001. p. 1-10.

AUGUSTO, V. G., et al. Um olhar sobre as Lesões por Esforços Repetitivos e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho no contexto da fisioterapia clínica. ISSN 1413-3555. **Revista Brasileira de Fisioterapia.** São Carlos, v. 12, n. 1, p. 49-56, jan./fev. 2008. Revista Brasileira de Fisioterapia.

GOEDERT, F.; MACHADO, M. M. Qualidade de vida no trabalho na empresa Plasvale Indústria de plásticos do Vale Ltda. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada.** Blumenau, v.1, n.2, p.01- 19, Sem I. Edição Temática TCC's - IISSN 1980-7031, 2007.

MATIELLO JÚNIOR, E. et al Superando riscos na atividade física relacionada à saúde. **Movimento.** Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 39-61, janeiro/abril de 2008.

LONGEN, W. C. **Ginástica laboral na prevenção de LER/DORT: um estudo reflexivo em uma linha de produção.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. 2003. Impresso.

MACIEL, R. H. et al Quem se beneficia dos programas de ginástica laboral? **Caderno de Psicologia Social do Trabalho.** 2005, vol. 8, pp. 71-86. ISSN 1516-3717. Arquivo digital em PDF.

MARTINS, C. O.; MICHELS, G. Saúde x lucro: quem ganha com um programa de promoção da saúde do trabalhador? **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. Vol 3 – Número 1 – p.95-101. 2001.

MILITÃO, A. G. **A influência da ginástica laboral para a saúde dos trabalhadores e sua relação com os profissionais que a orientam**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Dissertação de Mestrado. FLORIANÓPOLIS, 2001. Impresso.

POLETTTO, S. S. **Avaliação de implantação de programas de ginástica laboral, implicações metodológicas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2002. Impresso.

SOARES, R. G. A baixa adesão ao programa de ginástica laboral: buscando elementos do trabalho para entender o problema. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo, 31 (114): 149-160, 2006. Arquivo digital em PDF.

GENÉTICA MOLECULAR DO CÂNCER

Cristiana da Costa Luciano*

Resumo

A genética molecular está promovendo uma revolução no estudo das Ciências Biológicas. Estamos vivendo uma nova era: a era da genética molecular da ciência. O câncer é considerado uma doença genética desencadeada por alterações na molécula do DNA, não sendo considerada uma doença hereditária, devido influências de fatores ambientais e genéticos. O genoma humano constitui em toda informação presente na macromolécula do DNA. O presente estudo aborda uma revisão bibliográfica de artigos em bases de dados, sendo delimitado entre o ano de 2005 até 2011, após leitura e análise dos autores destaquei as atualidades de genética molecular do câncer. Conclui que apesar da genética ser um assunto atual ainda necessita de muitas pesquisas no desenvolvimento de algumas neoplasias. Contudo, conhecer as variações genéticas para que possa dar melhor suporte aos programas de melhoramento, é uma alternativa viável, uma vez que estudos neste sentido ainda são poucos com pequenos ruminantes no Brasil. Assim, a detecção de alterações moleculares no câncer é de grande interesse para um sucesso na terapêutica do câncer.

Palavras – chave: câncer, genoma humano, mutações.

Abstract

Molecular genetics fostering a revolution in the study of Biological Sciences. We are living a new era: the era of molecular genetics science. The cancer is considered a genetic disorder triggered by changes in the DNA molecule and is not considered a hereditary disease, because the influence of environmental and genetic factors. The human genome in

* ¹Enfermeira. Pós-graduada em Oncologia pela ASSEVIM/Instituto Passo 1. Patos de Minas, Minas Gerais. Professora Convidada da FEN/UFG. Mestre em Genética – PUC- Góias e Doutoranda em Enfermagem FEN/UFG. crisgenetica@gmail.com

all the information present in the DNA macromolecule. This study addresses a literature review of articles in databases, being delimited between the years 2005 to 2011, after reading and analysis of the authors highlighted the updates to the molecular genetics of cancer. Concludes that although genetics is a current subject of much research still needs to develop some cancers. However, knowing the genetic variations that can better supertime provement programs is a viable alternative, since studies in this direction are still few with small ruminants in Brazil. Thus, detection of molecular changes in cancer is of grat interest to a success in the treatment of cancer.

Keywords: cancer, human genome, mutations.

1 INTRODUÇÃO

“A era genética teve início em 1866 com os experimentos de Mendel, com o cruzamento das ervilhas. Nascia nesse momento a Genética Clássica e os conceitos de genes, genótipo, fenótipo e transmissão de caracteres” (GRIFITHS et al. 2001 apud DOLINSKY, 2007).

Esses achados marcaram a era na revolução na Genética, podendo assim contribuir para outros pesquisadores com a ampliação da ciência, bem como o desenvolvimento de outras descobertas da Genética molecular do câncer.

“Após Mendel, Watson e Crick propuseram um modelo para o DNA que compunha o gene e Garroud evidenciou que um gene era responsável pela síntese de uma proteína (enzima)” (GRIFITHS et al. 2001 apud DOLINSKY, 2007) **(FIGURA I)**.



Fonte: (<http://tragodefilosofia.blogspot.com/2010>)
Figura I: Watson e Crick na descoberta da estrutura do DNA.

O organismo humano encontra-se exposto a múltiplos fatores carcinogênicos, com efeitos aditivos ou multiplicativos. A predisposição individual tem um papel decisivo na resposta final, porém quando apresenta uma alteração genética na molécula do DNA pode se aumentar a essa predisposição (GUERRA et al., 2005).

Abordam Piazza et al. (2010) “que as neoplasias constituem o crescimento anormal de massas de tecidos e classicamente foram identificadas como benignas ou malignas dependendo do seu aspecto estrutural e das suas características de crescimento”.

Este trabalho desempenha como objetivo principal conceituar e analisar a patologia do câncer diagnosticado por alterações genéticas moleculares, além de contribuir para os profissionais da saúde sobre o entendimento e a complexidade da genética molecular do câncer.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata de uma revisão bibliográfica de artigos, nos quais selecionamos os artigos obedecendo aos seguintes critérios de seleção: artigos nacionais e publicações em português e inglês que tragam em seu conteúdo genética molecular do câncer.

Os artigos foram encontrados na base de dados BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), indexados no LILACS (Literatura latino-americana e do Caribe em ciências da saúde), PubMed e que preenchem os critérios acima estabelecidos.

Em seguida os artigos foram lidos e analisados. Os principais tópicos foram selecionados e concatenados de forma a produzir uma seqüência lógica de idéias, permeados por inserções próprias dos autores, todas baseadas nas pesquisas de autores renomados e esclarecidos sobre a temática.

Para este estudo, aceitei o desafio de aprofundar a discussão atual da genética molecular do câncer. Assim, espero contribuir para os estudos atuais e para uma melhor compreensão deste tema de grande importância para os profissionais da área da saúde.

3 GENÉTICA DO CÂNCER

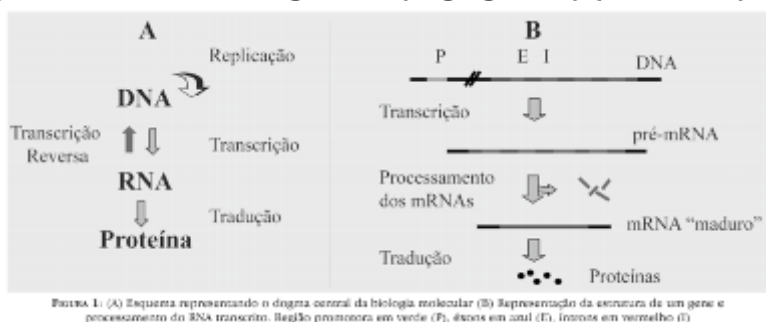
‘Conforme Guerra et al. (2005) “o câncer é um problema de saúde pública em países desenvolvidos e em desenvolvimento, sendo responsável por mais de seis milhões de óbitos a cada ano, representando cerca de 12% de todas as causas de morte no mundo”.

O câncer pode ser considerado uma doença genética uma vez que é desencadeado por alterações no DNA da célula. No entanto, ao contrário das demais síndromes genéticas humanas, o câncer não é necessariamente uma doença hereditária. Os cânceres humanos são, na sua maioria, de origem somática resultantes da interação de fatores genéticos e ambientais (GUEMBAROVSKI; CÓLUS, 2008).

Algumas interações ambientais são responsáveis pelo aparecimento de células neoplásicas, sendo esses interagidos com fatores genéticos, podendo assim levar a compreensão do aparecimento da patologia como o câncer.

Enfatiza Gallo et al. (2004) “que pesquisas de alterações genéticas e sua associação com fatores ambientais podem levar a compreensão dos mecanismos envolvidos na etiologia desta doença, assim como auxiliar no diagnóstico e tratamento”.

Segundo Martinez et al. (2006) o câncer é doença causada por mutações genéticas que conferem às células algumas características especiais, como capacidade ilimitada de proliferação, perda de resposta a fatores de inibição de crescimento, evasão de apoptose (morte celular programada), capacidade de invadir outros tecidos (metástases) e produção de novos vasos sanguíneos (angiogênese) (**FIGURA II**).

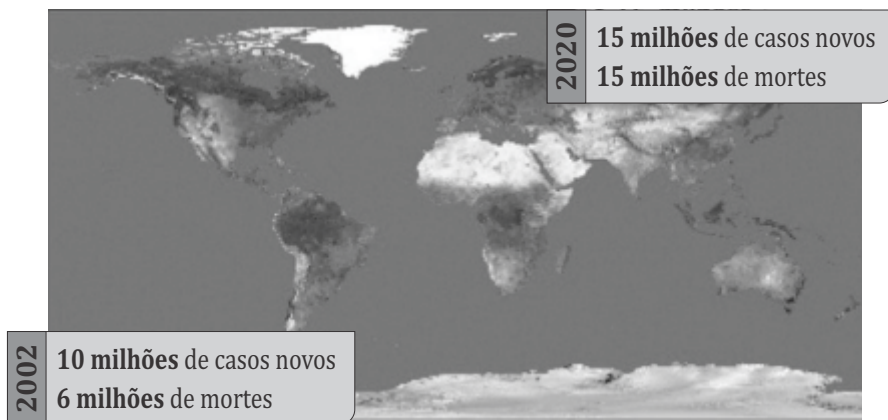


Fonte: Modificado <http://www.scielo.br/pdf/abd/v81n5/v81n05a03.pdf>

Figura II: Esquema do Dogma Central da biologia Molecular

Quando ocorre alteração no esquema do dogma central, gerando uma incapacidade da tradução de uma proteína, pode ser decorrente a mutações genéticas. Essas mutações que são decorrentes de interação de fatores genéticos levam ao aparecimento de células neoplásicas, como o câncer.

No Brasil (**FIGURA III**), a estimativa de câncer vem aumentando com o decorrer dos anos, constituindo o problema de saúde pública. Conforme estatísticas disponibilizadas pelo INCA, Instituto Nacional de Câncer, em 2020 serão 15 milhões de casos novos de câncer e 15 milhões de óbitos por câncer (INCA; 2006).



Fonte: A situação do Câncer no Brasil – INCA- (INCA, 2006)

Figura III: Estimativa de câncer segundo o INCA, Instituto Nacional do Câncer.

4 GENÉTICA MOLECULAR

Há duas classes de oncogenes: dominantes e recessivos (ou genes de supressão tumoral). Oncogenes dominantes, diferentemente dos recessivos, são facilmente identificados, pois têm efeito genético dominante em converter uma célula normal em maligna. Para isto basta afetar somente um de seus dois alelos, diferentemente dos recessivos, que necessitam que a mutação afete o par de genes para a carcinogênese ocorrer. Mecanismos moleculares de ativação de oncogenes incluem amplificação, mutação pontual, translocação e hiperexpressão da proteína ou do nível de transcrição do gene (DUARTE; PASCHOAL, 2005).

A genética molecular do câncer encontra-se cada vez mais ampla, devido inúmeros eventos em que ocorrem na transcrição do gene e que possivelmente pode acarretar o aparecimento do câncer. Alguns fatores carcinogênicos são mais abrangentes podendo produzir mutações do DNA (INCA; 2006).

Entre os agentes químicos carcinogênicos, citamos as aminas aromáticas, nitrosaminas, clorocarbonados, agentes alquilantes, hidrazinas e diversos metais pesados como o cobalto, cromo e o níquel. Entre os agentes físicos que também são carcinógenos referimos as radiações ionizantes, como os raios ultravioletas e o raio X, que produzem mutações do DNA (PIAZZA et al. 2010).

Conforme o autor supracitado “as alterações das expressões gênicas é que contribuem para o desenvolvimento destas neoplasias, mas estas mudanças são tempo-dependentes. A configuração da progressão em vários estádios tem mostrado que estes tumores originam-se na sequência de uma hiperplasia, displasia, carcinoma *in situ* e carcinoma invasor”.

Segundo Piazza et al. (2010) as alterações genéticas nas células vão depender dos genes supressores de tumor e dos oncogenes. Muitas vezes, estas mutações dos genes supressores dos tumores alteram a sequência de bases e a codificação das proteínas é truncada, o que induz vários tipos de mutações (**TABELA I**).

Tabela 1 – Genes supressores de tumores e suas relações com diversos cânceres humanos

Gene	Localização cromossômica	Função	Cânceres hereditários	Cânceres esporádicos
RB1	13q14	regula ciclo celular	Retinoblastoma Osteosarcoma	Retinoblastoma-sarcomas
WT1	11p13	fator de transcrição	Tumor de Wilms	Tumor de Wilms
TP53	17p13	fator de transcrição	Síndrome de Li-Fraumeni	
APC	5q21-q22	Transdução de sinal	Polipose adenomatosa familiar	Neoplasias gástricas ou colorretais
VHL	3p26-p25	Alongamento de transcrição	Síndrome de V. Hippel Lindau	Neoplasias renais
MSH2	2p21-3p21	Reparo do DNA	Câncer colorretal c/ não polipose	Câncer colorretal e endometrial
MUT1	7p22-3p21			
MSH2				
MSH6				
BRCA1	17q12-21	Reparo do DNA Fator de transcrição	Neoplasia mama-ovário	Neoplasia ovário rara
BRCA2	13q12	Reparo do DNA Fator de transcrição	Neoplasia mama-ovário	Neoplasia ovário rara
NF1	17q11	Regulador negativo do RAS	Neurofibromatose	-
DPC4	18q21	Sinalizador do TGF-beta	-	Tumor do pâncreas
CDKN2A	9p21	Regulador negativo da ciclina D	Melanoma	Diversos
PTEN	10q24	Fosfatase	Síndrome de Cowden	Diversos

Fonte: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n11/a575-582.pdf>

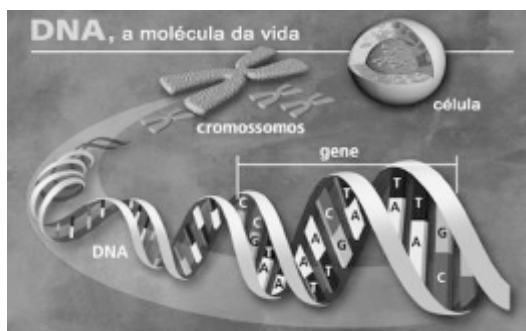
Tabela I: Genes supressores de tumores e suas relações com diversos cânceres humanos.

5 GENOMA HUMANO

O termo “genoma é designado para representar o conjunto de genes e seqüências regulatórias de um dado organismo.

Os genes por sua vez, carregam informações genéticas que determinam todas as características de um organismo e a sua existência foi inicialmente inferida nos experimentos realizados por Gregor Mendel em 1865” (FERREIRA; ROCHA, 2010).

Segundo Goulart et al. (2010) o genoma é o conjunto de toda informação de um determinado organismo, contido em seu material genético DNA (ácido desoxirribonucléico) ou mesmo RNA (ácido ribonucléico) no caso de alguns vírus. O DNA é uma macromolécula orgânica que possui a informação contida na seqüência de suas bases (adenina, timina, guanina e citosina); quando necessário essa informação é disponibilizada para a célula na forma de uma molécula de RNA mensageiro (cópia de uma pequena porção do DNA total). Essa molécula de RNA mensageiro será posteriormente lida e traduzida na forma de uma proteína, no citoplasma da célula (**FIGURA IV**).



Fonte: <http://nossoblogdoatalaia.blogspot.com/2011>

Figura IV: Projeto Genoma Humano

O Projeto Genoma Humano (PGH) iniciou-se em 1990 para decifrar o código genético humano e suas alterações e em 2003 concluiu-se o sequenciamento dos três bilhões de bases do DNA da espécie humana. Os objetivos do PGH em saúde envolvem a melhoria e simplificação dos métodos de diagnóstico de doenças genéticas, otimização das terapêuticas e prevenção de doenças multifatoriais (GOULART et al., 2010).

Enfatiza Goulart et al. (2010) “que o genoma humano é propriedade inalienável de toda a pessoa e, por sua vez, um componente fundamental de toda a humanidade. Dessa maneira, ele deve ser respeitado e protegido como característica individual e específica, pois todas as pessoas são iguais no que se refere aos seus genes, afinal unicidade e diversidade são propriedades de grande valor da natureza humana”.

O DNA humano contém aproximadamente 3,1 bilhões de pares de bases (A – adenina; G – guanina; C – citosina; T – timina) divididos em 20-25 mil genes. Após transcrita, a sequência de nucleotídeos de cada gene é traduzida em uma sequência polipeptídica, dando origem a uma proteína específica. O genoma humano contém quase 10 milhões de polimorfismos de núcleo único (SNPs – single nucleotide polymorphisms). No entanto, nem todo os SNPs são reconhecidos como funcionais, ou seja, nem todos têm potencial em afetar a expressão de um gene ou a função da proteína codificada por um gene mutante. Sendo assim, dentre as quase 10 milhões de variantes genéticas existentes, apenas uma parcela delas poderia influenciar um fenótipo específico (DIAS; 2011).

6 MUTAÇÕES

Aborda Pasternak (2007) que o “câncer é o termo abrangente para o crescimento celular não contido. Em geral, uma célula cancerosa é uma célula somática com acúmulo de mutações em genes diferentes que coletivamente causam uma perda de controle da proliferação celular. Como consequência forma-se uma massa de células (tumor)”.

Muitos pesquisadores acreditam em que a “causa do envelhecimento celular se encontra na genética. Como o desenvolvimento do organismo, desde sua fecundação até sua maturidade sexual, é controlado pelo material genético” (GAVA; ZANONI, 2005).

Esse envelhecimento celular pode desencadear algumas alterações na estrutura do DNA, gerando consequências drásticas como mutações. Essas mutações podem originar posteriormente a

presença de células neoplásicas que tem uma grande capacidade de proliferação, ocasionado assim o câncer.

O câncer é uma doença cuja iniciação e progressões envolvem passos nos quais o DNA acumula uma série de mutações. Em geral, as mutações incluem alterações de seqüência, perdas, ganhos e rearranjos cromossômicos (simples ou extremamente complexos). Evidências do envolvimento de mutações em casos de câncer surgiram inicialmente da observação de alterações genéticas recorrentes e específicas em determinados tipos tumorais, a partir da observação de alterações em nível cromossômico. Hoje se sabe que estas alterações afetam diferentes passos nas vias que regulam os processos de proliferação, diferenciação e sobrevivência celular (GUEMBAROVSKI; CÔLUS, 2008).

Características	Oncogenes	Supressores de tumor
Mutação	Dominante (ganho de função)	Recessiva (perda de função)
Mecanismo de ativação/inativação	Mutação pontual, translocação, amplificação gênica e inserção viral	Mutação pontual, perda alélica, metilação e inserção viral
Eventos mutacionais necessários	1 evento	2 eventos
Associação com câncer hereditário	Raramente (EX: Neoplasia Endócrina Múltipla tipo 2)	Freqüentemente (EX: Síndrome de Li-Fraumeni)
Funções das proteínas codificadas	Fatores de crescimento, receptores de fatores de crescimento, proteínas de transdução de sinal, fatores de transcrição	Proteínas envolvidas no controle do ciclo celular, no reparo do DNA e na indução da apoptose
Exemplos	<i>ABL1, MYC, K-RAS, RET</i>	<i>RB1, TP53, BRCA1, MLH1</i>

Fonte: <http://www.geneticanaescola.com.br/ano3vol1/2.pdf>

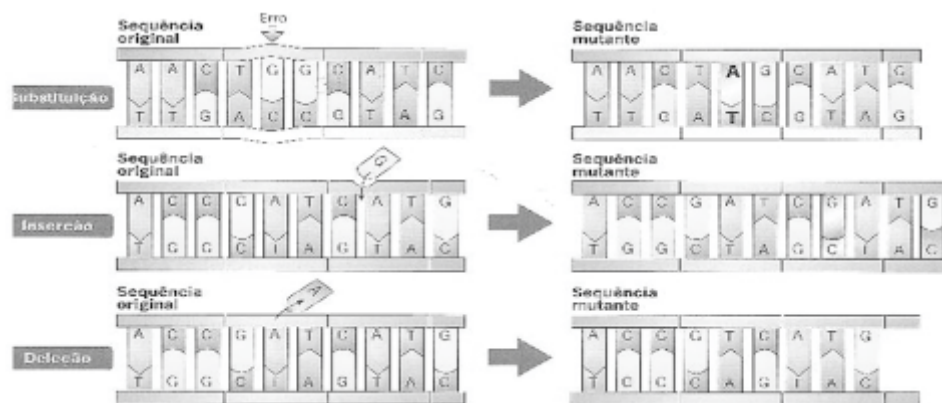
Tabela II: Características principais dos oncogenes e genes supressores de tumor.

Segundo o autor supracitado existem vários tipos de mutações que afetam diferentes passos nas vias que regulam os processos de tradução de uma proteína. Quando identificado o gene mutado, podemos associar aos eventos acondicionados, como mencionado na tabela anterior.

Abordam Gallo et al. (2004) que as diferentes mutações podem ser separadas segundo seu possível papel, alterando ou não a estrutura da p53, e conseqüentemente a sua função. Essas alterações podem ser

do tipo que resultam em troca de aminoácidos ou troca de sentido, não importando a sua localização (sítio de ligação ao DNA) mutações que provocam alterações do quadro de leitura (deleção, inserção e sem sentido, ou seja, com formação de códon de parada) e mutações que possivelmente não provocam alterações na estrutura da proteína (silenciosas, localizadas em íntrons).

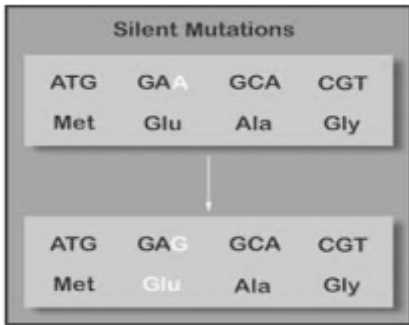
Conforme mencionado anteriormente, quando ocorrem alterações no quadro de leitura e porque ocorreu uma mutação onde a expressão da proteína teve uma alteração, sendo expressa de forma alterada, levando assim a perda da função do gene mutado. Dessa forma, essa troca de aminoácido é suscetível ao aparecimento do câncer (**FIGURA V**).



Fonte: <http://anaines12b.blogspot.com/2011/04/mutacoes>

Figura V: Mutações de substituições, inserções e deleções.

“Mutações que apresentam códon de parada, deleção e inserção podem acarretar uma alteração drástica na estrutura da proteína e perda função. Quando estes tipos de mutações estivessem presentes, o tumor, conseqüentemente, expressaria um maior grau de agressividade” (GALLO et al. 2004).



Fonte: <http://o-outro-universo.blogspot.com/2010>

Figura VI: Mutações que não alteram a estrutura – silenciosa.

Demonstrado na **(FIGURA VI)**, observamos que quando ocorre uma mutação onde não altera a sequência da estrutura não ocorre alteração da proteína expressa, porém chamada de mutação silenciosa.

Segundo Inca (2006) o tempo para a carcinogênese ser completada é indeterminável, podendo ser necessários muitos anos para que se verifique o aparecimento do tumor. Teoricamente, a carcinogênese pode ser interrompida em qualquer uma das etapas, se o organismo for capaz de reprimir a proliferação celular e de reparar o dano causado ao genoma. Seria redundante salientar que a suspensão da exposição a agentes carcinogênicos é condição para a interrupção da carcinogênese **(FIGURA VII)**.



Fonte: www.inca.com.br

Figura VII: Etapas da Carcinogênese

Diante a ativação de um agente carcinogênico, podemos ter várias alterações celulares que podem demorar vários anos a serem manifestadas, podendo ocasionar alterações genéticas como as neoplasias (INCA 2006).

Várias alternativas têm sido efetuadas através de diferentes técnicas para determinar deleções, inserções ou substituições de nucleotídeos que induzem mutações, podendo assim condicionar a doenças, entre elas o câncer. Elas estão fulcradas em técnicas de mobilidade eletroforética, susceptibilidade à clivagem com enzimas de restrição e mesmo a detecção de desalinhamento com proteínas específicas e, com isto, a produção de proteínas truncadas (PIAZZA et al. 2010).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da ampliação do conhecimento atual sobre a genética molecular dos principais tipos de câncer, ainda se sabe pouco sobre o papel dos inúmeros oncogenes, genes supressores e vias de transdução de sinal na gênese e no desenvolvimento dessas neoplasias.

A compreensão dos mecanismos que promovem instabilidade genômica, como ganhos ou perdas de seqüências e translocações cromossômicas, pode, num futuro próximo, não só auxiliar no estadiamento tumoral como também no estabelecimento de novas terapias que irão beneficiar milhões de doentes diagnosticados anualmente em todo o mundo. A detecção de alterações moleculares pode auxiliar no diagnóstico e tratamento do câncer, o que tem estimulado a busca de biomarcadores com ampliações clínicas potenciais. A era da genômica, com o desenvolvimento do genoma humano tem melhorado significativamente a compreensão da fisiologia dos tumores resultando na rápida identificação de novos alvos moleculares para o diagnóstico, prevenção e tratamento do câncer.

Neste sentido, conhecer as variações genéticas para que possa dar melhor suporte aos programas de melhoramento, é uma alternativa viável, uma vez que estudos neste sentido ainda são poucos com pequenos ruminantes no Brasil. Assim, a detecção de alterações moleculares no câncer é de grande interesse para um sucesso na terapêutica do câncer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- DIAS, G. R. Genética, performance física humana e doping genético: o senso comum versus a realidade científica. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**. São Paulo: 2011.
- 2- DOLINSKY, L.C.B. As diversas aplicabilidades da Genética Molecular no século XXI: uma nova era nas ciências biológicas: artigo de revisão. **Revista Saúde e Ambiente**. Duque de Caxias: 2007.
- 3- DUARTE, R.L.M; PASCHOAL, M.E.M. Marcadores moleculares no câncer de pulmão: papel prognóstico e sua relação com o tabagismos. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**. Rio de Janeiro: 2005.
- 4- FERREIRA, C. G; ROCHA, A. C. **Oncologia molecular**. Editora Atheneu. 2° Ed. São Paulo: 2010.
- 5- GALLO et al. Mutações no gene TP53 em tumores malignos de mama: associação com fatores de risco e características clínico-patológicas, inclusive risco de óbito, em pacientes residentes no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. v.7, n°2. Rio de Janeiro: 2004.
- 6- GAVA, A.A; ZANONI, J.N. Envelhecimento celular. **Arquivo da Ciência da Saúde Unipar**. Umuarama: 2005.
- 7- GUEMBAROVSKI, R.L; CÓLUS, J.M.S. Câncer: uma doença genética. SBG. **Genética na Escola**. Universidade Estadual de Londrina: 2008.
- 8- GUERRA et al. Riscos de câncer no Brasil: tendências e estudos epidemiológicos mais recentes. **Revista Brasileira de Cancerologia**. São Paulo: 2005.
- 9- GOULART et al. Manipulação do Genoma Humano: ética e direito. **Ciência e Saúde Coletiva**. Bauru. São Paulo: 2010.
- 10- MARTINEZ et al. Genética molecular aplicada ao câncer cutâneo não melanoma. **Anais Brasileiro de Dermatologia**. São Paulo: 2006.

11- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). **A Situação do Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro, 2006. 119 p.

12- PARTERNAK, J.J. **Uma introdução à genética molecular humana: mecanismos para doenças hereditárias**. Editora Guanabara. Rio de Janeiro: 2007.

13- PIAZZA et al. *Biologia molecular: aspectos básicos da genética: parte 1. Femina*. v.8. n°.38. Paraná: 2010.

CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANÁLISE SOBRE OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DO PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO: UM ESTUDO DE CASO NA EMPRESA FERROJOP FERRO E AÇO

Jéssica Noely Mendes Luiz*
Renata Suzelli Souza Gonçalves**

Resumo: Em meio a alta carga tributária imposta às empresas, gerenciar as obrigações tributárias deixou de ser uma necessidade cotidiana, para se tornar uma estratégia de crescimento e busca por melhores resultados, independente do setor de atividade. Este trabalho apresenta técnicas e ferramentas implantadas em uma empresa de Ferragens localizada no município de João Pinheiro (MG), sendo estas elaboradas por meio de um estudo preventivo que promove a difusão de métodos lícitos, permitindo a empresa reduzir o valor recolhido de seus impostos. Visa apresentar aspectos gerais da legislação tributária brasileira, os benefícios e principais conceitos acerca do planejamento tributário.

Palavras-chave: Gestão tributária. Redução de tributos. Elisão fiscal.

Absract: Amid high tax burden imposed to the companies, to manage the tax obligations stopped being a daily need, to turn a growth strategy and search for better results, independent of the activity section. This work presents techniques and tools implanted in a located company of Ironworks in the municipal district of João Pinheiro (MG), being these elaborated through a preventive study that it promotes the diffusion of lawful methods, allowing the company to reduce the collected value of their taxes. Lens to present general aspects of the Brazilian tax legislation, the benefits and main concepts concerning the tax planning.

Keywords: Tax administration. Reduction of tributes. Fiscal Elisão.

*Bacharel em Administração pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP).

E-mail: jessicanoely.msn@hotmail.com

** Especialista em Didática e Metodologia Ensino Superior pela FCJP e Auditoria pela UNIMONTES.

Professora e Contadora na Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). E-mail renatassg@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A existência dos tributos e da elevada carga tributária brasileira vem exigindo por parte das organizações maior preocupação e atenção à área, dando importância para estudos que possibilitem a interpretação das leis, de modo que através desse ato obtenham-se ideias e planos que permitam uma conciliação entre os interesses comerciais e fiscais, voltados para o alcance dos objetivos do planejamento tributário, que são: anulação, redução ou adiamento do ônus tributário.

Essas ideias e planos provenientes da prática do planejamento tributário baseiam-se no direito à economia de impostos e na adoção de ações que resultem em meios menos onerosos, uma vez que devido a grande concorrência do negócio e frequentes mudanças mercadológicas em que as empresas estão inseridas, se torna evidente a correta administração do ônus tributário das organizações já que os tributos (impostos, taxa, contribuição de melhoria), representam grande parte dos custos de uma empresa, senão a maior.

Pesquisas e estudos de entidades como o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) tem evidenciado o quanto a carga tributária no país cresce a cada ano.

O Estado, com o intuito de financiar as obrigações e os gastos públicos, vem elevando a carga tributária nacional, entretanto, tais aumentos tendem a aumentar os custos das empresas, onerando o setor produtivo. Esse fato tende a afetar a competitividade e permanência das empresas no mercado, podendo até mesmo dificultar o crescimento da economia brasileira.

Conforme situação, se faz necessária à atenção por parte dos gestores das organizações a fim de que elaborarem estratégias baseadas em meios técnicos e jurídicos que resultem em menor carga tributária. E como ferramenta para as empresas, surge o planejamento tributário, que visa a diminuição da quantidade de dinheiro a ser pago ao poder público por intermédio de meios lícitos.

Este estudo surge com o objetivo geral de analisar os benefícios auferidos pela prática do planejamento tributário por intermédio de um estudo de caso. Como objetivos específicos pode-se identificá-los sendo: definir o conceito de planejamento tributário e seus objetivos; apresentar os aspectos gerais da legislação tributária brasileira e analisar quais as circunstâncias e ferramentas utilizadas para a elaboração do planejamento tributário.

A presente pesquisa pretende responder aos seguintes questionamentos: Quais os principais conceitos acerca do planejamento tributário? Quais os aspectos gerais da legislação tributária brasileira? A elaboração do planejamento tributário resultou em quais benefícios? Quais as ferramentas utilizadas para elaboração do planejamento tributário?

Já que se espera a resposta para tais questionamentos, o meio mais adequado a ser utilizado é a pesquisa científica, onde observou ser esta, fonte de conhecimento e formação profissional que tem em vista contribuir com novas descobertas e respostas para questionamentos existentes.

Com a escolha do tema destinado ao trabalho, onde o mesmo teve início com questionamentos, é de responsabilidade da pesquisadora a escolha de métodos relacionados aos procedimentos que envolvem a elaboração do trabalho, resultando em melhor compreensão e identificação de possíveis mudanças nos resultados da empresa.

Segundo Richardson (1989, p. 29) "(...) método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos". Assim sendo, para a execução de um trabalho de pesquisa deverá haver planejamento e ser executado conforme as normas estabelecidas por cada método.

Este trabalho será orientado ora pela observação e análise de fatos não quantificáveis, ora por análises matemáticas e estatísticas para demonstração de resultados e para melhor análise dos dados colhidos, os métodos escolhidos para elaboração desta pesquisa é a qualitativa e quantitativa, já que os processos utilizados serão feitos através de referenciais teóricos e análise de cálculos, resultando em

maior credibilidade aos aspectos abordados.

O trabalho parte do princípio de um estudo de caso introspectivo, uma vez que serão realizados análise e acompanhamento dos processos implantados pelo planejamento tributário. Uma vez que a pesquisadora acompanhará os processos implantados na elaboração do planejamento, a mesma terá acesso as informações contábeis que se fizerem necessárias, observando e realizando análise dos dados apresentados e consultando a pesquisas bibliográficas afim de contribuir e aumentar o conhecimento da pesquisadora acerca do assunto. Com o intuito de aumentar a legitimidade da pesquisa, será realizada uma entrevista com o proprietário da empresa em estudo, o qual dará esclarecimentos sobre a prática do planejamento tributário.

2. A CARGA TRIBUTÁRIA BRASILEIRA

2.1 Breve histórico sobre o surgimento dos tributos

Desde a antiguidade, a sociedade demonstrou a prática de pagamento de tributos ao deixarem alguns resquícios, sinais e fatos que apontam a incidência da arrecadação.

No regime dos faraós existem indícios de desenhos que apontavam tal atividade. Dessa forma, grande parte da “elite religiosa” era sustentava pelo arrecadamento, enquanto o interesse das demais classes era atendido pela pequena parte que restava.

Uma prática comum era de se cobrar pesados tributos dos povos que eram vencidos em guerras. Tais aldeias e povoados eram subordinados à nação vitoriosa e a fim de evitar novos conflitos, continuavam pagando tributos, demonstrando a evidente situação de subordinação.

Enquanto as guerras se estendiam, com a intenção de subjugar povos, para que deles se pudessem cobrar tributos, outra maneira encontrada pelas classes dominantes que buscavam se sustentar com o trabalho das pessoas desprivilegiadas, era a colonização, surgindo então a clássica dependência tributária do Brasil para com Portugal.

Desde então, nosso país foi forçado ao pagamento de tributos à Coroa portuguesa, visto que a finalidade da colonização do Brasil era a riqueza e crescimento de sua metrópole, para assim financiar suas expedições colonizadoras e proporcionar-lhe lucros.

A partir do surgimento dos tributos em nosso país, podemos observar distintas situações a partir da divisão dos três modelos políticos já adotados: Colônia, Império e República.

Com o passar do tempo a sociedade atravessou profundas transformações e o Brasil é exemplo disso. A colonização e o monarquismo deixaram de existir, dando espaço para o surgimento de uma sociedade independente e republicana, que segundo Prado:

O antigo sistema colonial, fundado naquilo que se convencionou chamar Pacto Colonial, e que representa o exclusivismo do comércio das colônias para as respectivas metrópoles, entra em declínio. (PRADO, 2006, p. 123).

Com o acontecimento de tal fato, era de se esperar que os altos índices tributários diminuíssem, no entanto a situação não foi muito diferente. O novo governo concedeu total autonomia para províncias determinarem seus próprios impostos, onde pode-se observar intensa desordem, já que as províncias cobravam impostos sobre produtos já tributados pela União, sem levar em consideração que os demais impostos eram numerosos e abusivos. Logo se percebeu a importância da utilização de emendas constitucionais para regular a situação, estabelecendo os impostos destinados a União e as Províncias.

Com a chegada da República, a carta constitucional de 1891 discriminou minuciosamente os tributos que pertenciam a cada nível do poder público. No entanto o marco de maior importância que devemos citar neste período é a consolidação da Lei nº 5.172/66, possibilitada pela emenda Constitucional nº 18 de 1965, também conhecida como Código Tributário Nacional. Essa obra é resultado do trabalho de vários juristas, que assim possibilitou mencionar um “sistema tributário” no Brasil.

2.2 O estado como agente regulador do poder tributário

Para que o ser humano pudesse viver em sociedade, necessitou-se de uma entidade com força superior no qual este domínio se fizesse necessário para elaborar regras de conduta e garantir o direito de cada indivíduo, assim surgiu o Estado, que para Groppali (1962, p.277) “Constitui na pessoa jurídica soberana, constituída de um povo organizado sobre um território, sobre um comando de um poder, para fins de defesa, ordem e bem estar do progresso social”.

Segundo o Preâmbulo da Constituição Da República Federativa Do Brasil (CF) de 1988:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.CF/88).

Mediante as atribuições do Estado, entende-se que para a realização de ações próprias de acordo com as necessidades de se obter recursos com a intenção de atender ao interesse da sociedade, se torna evidente que o Estado pode através do poder de suas normas utilizar-se de sua competência fiscal decretando normas que possam exigir que a sociedade em determinadas situações venham a pagar tributos para custear nas despesas da União. Para Machado:

A primeira preocupação do legislador foi de estabelecer que se trata de prestação pecuniária, ou seja, é através dela que o estado angaria fundos para manutenção da maquina administrativa e a conseqüente execução de suas atividades. (MACHADO, 2000, p. 48).

Além da descrição das atividades que devem ser exercidas pelo Estado, simultaneamente se observa o surgimento de outra, sendo esta a execução de atividades financeiras, com o objetivo de arrecadar recursos de forma a gerenciá-los e aplicá-los conforme se estabelecem na CF.

O Governo utiliza-se de um instrumento de justiça social, conhecido como tributo, com o propósito de exercer o seu papel e auferir os recursos necessários para a manutenção e equilíbrio econômico, transformando esses valores arrecadados em obrigações sociais, prestação de serviços e execução de obras públicas, como escolas, hospitais, creches, obras, que através da intervenção nas atividades econômicas possa alcançar a justiça social.

Para Sousa (1954, p. 119) o seu conceito geral de tributo é: "a receita derivada que o Estado arrecada mediante o emprego da sua soberania, nos termos fixados em lei, sem contraprestação diretamente equivalente, e cujo produto se destina ao custeio das atividades próprias do Estado".

2.3 Aspectos gerais da legislação tributária

O CTN em seu art. 96 afirma que a expressão "Legislação Tributária" compreende as leis, os tratados e as convenções internacionais, os decretos e as normas complementares que versem, no todo ou em parte, sobre tributos e relações jurídicas a elas pertinentes.

A Legislação Tributária pode ser caracterizada por sua amplitude e complexidade, e por isso se torna difícilimo conhecê-la totalmente. Mesmo assim verifica-se a importância para o gestor de uma empresa, conhecer os tributos que incidem sobre suas atividades bem como verificar continuamente quais dispositivos da legislação tributária estão relacionados a elas. Outro aspecto pelo qual se deve ter extrema importância se refere à interpretação das leis que colaboram

para uma boa gestão tributária buscando formas lícitas que visam à redução do pagamento de tributos, estando sempre atento às mudanças da legislação tributária, já que isso é uma necessidade indispensável para a busca de otimização dos lucros das empresas.

Entender o Sistema Tributário Nacional (STN) é tarefa árdua e difícil, onde podemos comprovar através de um estudo realizado no ano de 2010 pelo **IBPT**, onde indicou que desde que a atual Constituição Federal que entrou em vigência em 1988, foram editadas **249.124 normas tributárias**, o equivalente a seis normas por hora e 46 por dia útil. Desse total, 7,4% está em vigor.

A dificuldade que as empresas encontram em entender a extensa e vasta legislação tributária, juntamente com a alta carga contribui para o aumento da sonegação por parte das empresas, fazendo com que o governo tome medidas a fim de fiscalizar com maior eficiência, travando uma verdadeira luta contra a sonegação.

No entanto, o gestor da organização deve ter conhecimento a respeito da existência de meio lícitos que possam ser aplicados na empresa para que resulte em economia fiscal e mesmo que se esteja inserido em um cenário extenso para pesquisa, se torna necessário destacar os principais conceitos acerca da legislação tributária, já que o direito tributário aponta algumas considerações que servem como base do ordenamento jurídico tributário e não podem escapar ao conhecimento do gestor. Um deles é a Constituição Federal de 1988 (CF/88), por ser a base do ordenamento jurídico brasileiro, compreendendo regras infraconstitucional que não se pode desrespeitar.

2.3.2 Conceitos de tributo

Outro conceito de grande importância para o meio tributário ocorre mediante às situações descritas pelo governo que origina a obrigação tributária, onde se relaciona um credor (Estado) e um devedor (indivíduo contribuinte).

Para Alexandre (2009) a relação jurídico-tributária é eminentemente obrigacional, tendo como credor um ente político (União, Estado, Distrito Federal ou Município) ou outra pessoa jurídica de direito público a quem tenha sido delegada a capacidade ativa e, como devedor, um particular obrigado ao cumprimento da obrigação tributária. O CTN em seu art. 114 e 115, afirma respectivamente que:

Art. 114/115 - O fato gerador da obrigação principal é a situação definida em lei como necessária e suficiente à sua ocorrência, e o da obrigação acessória é qualquer situação que, na forma da legislação aplicável, impõe a prática ou a abstenção de ato que não configure obrigação principal.

A obrigação tributária aplicada aos indivíduos e pessoas jurídicas, que visa o recolhimento de valores para o Estado, ou entidades equivalentes denomina-se tributo e pode ser classificada segundo o art. 3º do CTN como:

Art. 3º - Tributo é toda prestação pecuniária, compulsória em moeda ou cujo valor nela possa exprimir, que não constitua sanção de ato ilícito, instituída em lei e cobrado mediante atividade administrativa plenamente vinculada.

Pode-se dizer que o tributo é cobrado somente pelo Estado, que no uso de sua soberania utiliza da lei para fazer com que este seja legítimo e devido. Ao tributar, o Estado percebe que tem nas mãos além de uma ferramenta de receitas, um importante instrumento que pode interferir na situação econômica através da arrecadação de dinheiro.

Segundo o Art. 5º do CTN, “os tributos são impostos, taxas e contribuições de melhoria”. É o que podemos identificar para alguns autores como Hugo de Brito Machado e Vitório Cassone, existem três tipos de tributos, aonde os classificam como impostos, contribuição de melhoria e taxas. Como se pode observar na figura a seguir:

3. PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO

3.1 Prática de planejamento nas empresas

É evidente a procura que as empresas tem por melhores resultados, percebida ainda mais após o acirramento da concorrência proveniente da globalização, das tecnologias de ponta e do alto nível de cobrança dos clientes internos e externos.

Diariamente, as empresas possuem a árdua tarefa de atender exigências ora por parte do mercado consumidor (que requer uma melhor qualidade por um preço baixo), ora por parte do Estado (que em muita das vezes tende a limitar a permanência das organizações pela alta carga tributária a qual insere).

Para as organizações que estão preocupadas em se sobressair diante dessas dificuldades e se manter no mercado, uma solução pode ser o desenvolvimento de planejamentos que possibilitem a criação de um diferencial competitivo, como podemos perceber segundo Maximiliano:

Há três tipos de necessidades que levam as organizações a investir na atividade de planejamento: necessidade ou vontade de interferir no curso dos acontecimentos e criar o futuro, necessidade de enfrentar eventos futuros conhecidos ou previsíveis e necessidade de coordenar eventos e recursos entre si. (MAXIMIANO, 2000, p. 179).

Com o intuito de intervirem nos resultados da empresa, se formula planejamentos a curto e longo prazo, a fim de que possa alcançar os objetivos e metas estabelecidas anteriormente.

O planejamento é um método de origem antiga e universal, onde se pode observar que a busca incessante por aspirações e desejos acompanhou a trajetória histórica da humanidade. Durante toda a história se ressalta a luta que o homem teve por seus propósitos, pois ele sonhou, pensou e imaginou algo na sua vida.

Para o mundo empresarial, essa situação não seria diferente já que a busca que os profissionais tem por melhores resultados, vai ao encontro com a busca pela elaboração de um planejamento que possa

contribuir para o crescimento da empresa, já que este, corresponde ao estabelecimento de uma série de providências a serem tomadas, de modo que o futuro possa diferir do passado. Segundo Drucker (1997, p. 47) “Quando a empresa traça objetivos e metas, e busca alcançá-los, ela tem claramente definido do porque ela existe, o que e como faz, e onde quer chegar”.

Um planejamento bem realizado oferece inúmeras vantagens à empresa, pois segundo Drucker (1997) “Preparar - se para o inevitável, prevenindo o indesejável e controlando o que for controlável” é uma das maneiras mais cabíveis para se adquirir bons resultados, além de benefícios, tais como:

- Controle apropriado das atividades;
- Produtos e serviços entregues conforme condições exigidas pelo consumidor;
- Redução custos;
- Apresentação de resultados positivos ao longo do tempo;
- Obtenção de resultados;
- Propicia um grau mais elevado de assertividade nas tomadas de decisão;
- Produção de alternativas adequadas;
- Resolução antecipada de problemas e conflitos, entre várias outros benefícios.

Embora o planejamento não elimine os riscos e nem assegure o sucesso de uma empresa, ele pode servir de apoio e auxílio para as tomadas de decisões, possibilitando que detectem as ameaças ou fraquezas, antecipando prováveis transtornos.

3.2 Importância do planejamento tributário

Há tempos a expressão “alta carga tributária” tem ganhado espaço no cotidiano dos brasileiros. É comum ouvir principalmente empresários criticando a elevada carga tributária, os encargos sociais, a falta de recursos e investimentos do governo, os juros elevados e falta de incentivos. Reconhece-se que esses são fatores que contribuem para que uma empresa não obtenha os resultados desejados, todavia,

quando se analisa o cenário do mercado brasileiro, observa-se em muitas das vezes que os resultados podem estar sendo influenciados não somente por medidas adotadas pelo governo, mas também pela má gerência e pelas decisões tomadas sem critério, dados ou informações confiáveis. Por trás de uma incorreta administração se encontra uma contabilidade sem planejamento, em decorrência de ter sido elaborada a fim de atender às exigências fiscais, sem levar em consideração a tomada de ações lícitas, que resultem em menor onerosidade.

Embora a realidade tributária brasileira seja caracterizada por sua complexidade e grande volume de informações que podem onerar os custos empresariais, os mesmos permitem combinações que se realizados de forma lícita podem fazer com que a gestão tributária seja fonte de minimização de custos, criando condições favoráveis para as empresas desenvolverem novos projetos e visarem crescimento econômico.

Para que isso se torne possível, a empresa precisará fazer uso de uma ferramenta gerencial denominada de planejamento tributário, capaz de efetuar um estudo antes da ocorrência do fato gerador do tributo. Fabretti e Fabretti escrevem que:

[...] devemos estudar e identificar todas as alternativas legais aplicáveis ao caso ou à existência de lacunas ('brechas') na lei que possibilitem realizar essa operação da forma menos onerosa possível ao contribuinte, sem contrariar a lei. (FABRETTI; FABRETTI, 2004, p. 139).

Sendo o planejamento tributário a maneira que o contribuinte opta por práticas legais que lhe acarretará em menor onerosidade tributária, esta se demonstra como peça chave para a redução do impacto acarretado pelos altos custos, onde segundo Oliveira:

[...] além da escrituração fiscal e do controle dos tributos que incidem sobre as atividades de uma empresa, uma das mais importantes funções da Contabilidade Tributária corresponde ao conjunto de atuações e procedimentos operacionais de uma

empresa(especialmente os contábeis) que levaria a uma redução legal do ônus tributário empresarial, fazendo com que venha a obter um patamar superior de rentabilidade e competitividade. (OLIVEIRA, 2009, p. 189).

O planejamento tributário é a atividade preventiva que estuda os atos e negócios jurídicos que pretende realizar e sua finalidade é obter a maior economia fiscal possível, estudando e identificando, assim, todas as alternativas legais aplicáveis.

3.3 Diferença entre elisão e evasão fiscal

O exercício de atos lícitos com a finalidade de evitar a concretização do fato gerador é o que tecnicamente se denomina elisão fiscal (mais conhecida como planejamento tributário). Esta técnica difere da evasão fiscal, já que esta é caracterizada pela prática de atos ilícitos que podem caracterizar sonegação ou fraude. A sonegação fiscal é toda ação ou omissão que tendente a impedir ou retardar, total ou parcialmente, o conhecimento por parte das autoridades fazendárias da ocorrência do fato gerador da obrigação tributária principal, sua natureza ou circunstâncias materiais das condições pessoais do contribuinte.

Para Fabretti (2001, pág. 133.) “a elisão fiscal é legítima e lícita, uma vez que é alcançada por escolha feita de acordo com o ordenamento jurídico, adotando-se a alternativa legal menos onerosa ou utilizando-se de lacunas da lei”.

Para Oliveira:

A elisão fiscal pressupõe a licitude de comportamento do contribuinte que objetive identificar as consequências fiscais de uma decisão, resultando em uma economia de tributos, haja vista que, dentro do direito de se auto-organizar, está inserida a Liberdade do contribuinte organizar seus negócios do modo menos oneroso sob o aspecto fiscal. (OLIVEIRA, 2009, p. 193).

Já que a elevação da carga tributária para as empresas só tende a aumentar, uma das “supostas” soluções encontradas pelos empresários é a sonegação ou evasão fiscal.

Evasão fiscal difere da elisão fiscal, já que ela se caracteriza por uma prática de transgressão à lei. Geralmente, é feita após o fato gerador de o encargo tributário acontecer e com objetivo de reduzir ou ocultar a obrigação tributária.

Logo, a evasão é a economia ilícita de tributos, porque a sua utilização passa inevitavelmente a ser sonegação fiscal evidentemente caracterizada pelo ato do contribuinte resistir conscientemente à lei, omitindo-se da obrigação tributária conforme o Art. 71, do CTN:

Sonegação é toda ação ou omissão dolosa tendente a impedir ou retardar, total ou parcialmente, o conhecimento por parte da autoridade fazendária:

I - da ocorrência do fato gerador da obrigação tributária principal, sua natureza ou circunstâncias materiais;

II - das condições pessoais de contribuinte, suscetíveis de afetar a obrigação tributária principal ou o crédito tributário correspondente.

De certa forma, podemos caracterizar a prática de sonegação fiscal como crime, tendo inclusive sua conduta tipificada em nossa legislação. Confirmamos isso pela obra de Contabilidade Tributária de Fabretti (2001), onde é citado que a evasão fiscal é crime e está prevista e capitulada na Lei dos Crimes Contra a Ordem tributária, Econômica e contra as Relações de Consumo (Lei 8137/1990).

Apesar de todas as controvérsias, debates e questionamentos sobre o tema elisão x evasão fiscal, fica a dúvida: o crime tributário é ou não viável? Acredita-se que não, já que agir pela legalidade e cumprimento das leis é um dos princípios fundamentais que uma boa empresa deve zelar para o crescimento e respeito pela sociedade.

3.4 Opção pelo regime de tributação

A decisão tributária ou forma de enquadramento a qual uma empresa opta, é de grande importância por ser um fator que influencia sua permanência no mercado competitivo. Sendo assim é necessário que os empresários procurem seus assessores ou contadores com o intuito de analisarem a situação contábil e financeira da empresa, a fim que a tomada de decisão seja a mais apropriada.

3.4.1 Simples Nacional

A Lei Geral Instituída pela Lei Complementar n. 123, de 14 de dezembro de 2006 é o novo Estatuto Nacional das Microempresas (ME) e das Empresas de Pequeno Porte (EPP), que estabelece normas gerais relativas ao tratamento diferenciado e favorecido a ser dispensado às MEs e EPPs no âmbito dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nos termos dos artigos 146, III, “d”, 170, IX e 179 da Constituição Federal. Esta lei sofreu importantes ajustes pela Lei Complementar n. 127, de 14 de agosto de 2007 e também pela Lei Complementar n. 128, de 19 de dezembro de 2008, e ficou conhecida como a “Lei Geral das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte” ou Simples Nacional, que através da Lei Complementar:

Art. 1º: Esta Lei Complementar estabelece normas gerais relativas ao tratamento diferenciado e favorecido a ser dispensado às microempresas e empresas de pequeno porte no âmbito dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, especialmente no que se refere:

I - à apuração e recolhimento dos impostos e contribuições da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, mediante regime único de arrecadação, inclusive obrigações acessórias;

II - ao cumprimento de obrigações trabalhistas e previdenciárias, inclusive obrigações acessórias;

III - ao acesso a crédito e ao mercado, inclusive quanto à preferência nas aquisições de bens e serviços pelos Poderes Públicos, à tecnologia, ao associativismo e às regras de inclusão.

Alexandre entende que o Simples Nacional:

(...) não é um sistema de imposto único nem uma etapa de migração paratal sistema. Trata-se, (...) de um regime de tratamento diferenciado efavorecido a ser dispensado às microempresas e empresas de pequeno porte no âmbito da União, dos Estados e dos Municípios. (ALEXANDRE, 2009, p. 637)

3.4.2 Lucro real

O lucro real é o regime mais complexo de tributação se comparado aos demais, pois o lucro líquido - base de cálculo do IRPJ e da CSLL - é apurado com base na escrituração contábil e com observância das normas da legislação comercial, ajustado no Livro de Apuração do Lucro Real (LALUR) pelas adições, exclusões e compensações prescritas ou autorizadas pela legislação tributária (arts. 247, 249 e 250 do RIR/99). Segundo Silva; Rodrigues:

Lucro Real é o lucro líquido do período, apurado com observância das normas das legislações comercial e societária, ajustado pelas adições, exclusões ou compensações prescritas pela legislação do Imposto de Renda. (SILVA, RODRIGUES, 2006, p.01).

3.4.3 Lucro presumido

As Leis de nº 9.249/95 e 8.981/95 apresentam alguns conceitos relacionados às empresas tributadas pelo regime de lucro presumido e à base de cálculo para aplicação do percentual incidente sobre a receita bruta em sua respectiva atividade econômica. Para Fabretti o regime do lucro presumido:

[...] tem a finalidade de facilitar o pagamento do IR, sem ter que recorrer à complexa apuração do lucro real que pressupõe contabilidade eficaz, ou seja, capaz de apurar o resultado antes do último dia útil do mês subsequente ao encerramento do trimestre. (FABRETTI, 2006, p. 219).

Constata-se que este é uma forma de tributação (trimestral) simplificada para determinação da base de cálculo do IR e da CSLL à apuração do lucro. As empresas que podem optar pelo regime do lucro presumido estão estabelecidas na lei 10.637, 2002, art. 46 e são:

Art. 46. A pessoa jurídica cuja receita bruta total, no ano-calendário anterior, tenha sido igual ou inferior a R\$ 48.000.000,00 (quarenta e oito milhões de reais), ou a R\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de reais) multiplicado pelo número de meses de atividade do ano-calendário anterior, quando inferior a 12 (doze) meses.

4. O PAPEL DO GESTOR DA EMPRESA

O gestor da empresa exerce papel fundamental nos resultados e na viabilidade do negócio por caber a ele as habilidades que possibilitem ter uma visão integrada da administração econômica, tributária e operacional da empresa. Ao realizar um planejamento tributário o gestor tem a oportunidade de utilizar-se de métodos e ferramentas administrativas com base técnica e jurídica, elaborando as ações indispensáveis que acarretem em redução da carga tributária na empresa, tendo como consequências a redução de custos, oferta de produtos com menores valores e aumento do faturamento da empresa.

4.1 Entrevista com o gestor da empresa

O planejamento tributário tendo como objetivo a diminuição legal da quantidade de tributos, foi questionado ao administrador quais as ferramentas utilizadas para que se chegasse a esse objetivo. Mediante uma entrevista com o gestor ele afirma que inicialmente avaliou-se as condições legais vigentes relacionadas ao pagamento de tributos e diante das alternativas expostas, adotou-se preventivamente aquelas que se demonstraram menos onerosas observando três propostas do planejamento tributário, que são: evitar a incidência do fato gerador do tributo, reduzir o montante do tributo, sua alíquota ou reduzir a base de cálculo do tributo e retardar o pagamento do tributo, sem a ocorrência da multa.

Mesmo inserido em um cenário complexo e de difícil entendimento, segundo o gestor o motivo que o levou a elaboração do planejamento, é a proposta de minimizar dentro da legalidade os custos tributários desembolsados, uma vez que o Estado oferece margem ao contribuinte para que possa reduzir o impacto dos custos tributários se essas ações forem resultados de medidas lícitas.

Uma das maiores dificuldades encontradas pelo gestor na área de gestão tributária envolve a amplitude e complexidade das leis relacionadas e para que a elaboração do planejamento fosse possível, tornou-se necessário à busca de conhecimento em relação aos tributos que incidem sobre suas atividades, bem como verificar constantemente quais dispositivos da legislação tributária estão relacionados a elas, estando atento as mudanças legislativas e suas interpretações.

Com o intuito de concluir a entrevista, a ele foi solicitado algumas orientações que podem auxiliar os empresários a respeito do tema. Sendo assim, ele sugeriu fornecer ao contador a documentação contábil necessária para fins de registro. Acreditando que o contador exerce papel fundamental como parceiro para garantir a continuidade e o sucesso de seu negócio, pois ele possui conhecimentos necessários acerca de meios lícitos que podem reduzir alguns dos inúmeros custos tributários.

5. ESTUDO DE CASO

5.1 Apresentação do estudo preventivo realizado anterior ao fato gerador

Para que se torne possível a elaboração de um planejamento tributário eficaz e que resulte em resultados positivos, se torna imprescindível considerar os tributos incidentes nas atividades da empresa, analisando-os particularmente de tal forma que mediante ferramentas gerenciais se encontre meios legais que diminuam a carga tributária. Sendo assim deve-se embasar no CTN para que as medidas adotadas garantam a diminuição do ônus, mediante estudos preventivos que evitem o fato gerador.

Mediante entrevista com o gestor da empresa em estudo e durante o período sob o qual a pesquisa foi realizada, pode-se observar a busca contínua pelo crescimento empresarial, demonstrando que a empresa não funciona na base da improvisação, já que formula estratégias que envolvem a identificação de oportunidades e ameaças.

O gestor percebendo que com a elaboração do planejamento tributário os resultados se consolidariam em vantagens competitivas, o mesmo foi implantado na empresa uma vez que o pagamento de tributos representa uma grande parte do custo empresarial apurado em 2012, como pode ser identificado segundo mostra a figura abaixo:

FIGURA 3 -

Representação dos custos da empresa em estudo durante período de 2012

Fonte: o autor



Tendo em vista o alto custo que representou os tributos nessa empresa durante o ano de 2012, este capítulo pretende destacar e comparar os principais resultados práticos acerca das atividades executadas no ano de 2013 a fim de diminuir os custos tributários, utilizando de meios lícitos.

Com o propósito de revelar os resultados obtidos por meio da elaboração do planejamento tributário, será realizada uma comparação entre os valores referentes a carga tributária que antecede e precede a sua elaboração. Ressaltasse que os valores utilizados referem-se ao período de Janeiro a Outubro de 2013, momento em que se realizou-se a pesquisa e análise de dados.

A elaboração desse trabalho tem como objetivo evidenciar circunstâncias que contribuíram para a elaboração do planejamento tributário. Como tal objetivo foi consumado, realizam-se comparações a fim de evidenciar o quão importante representa esse estudo para a empresa.

	Ferramenta utilizada	Valor antecedente do tributo	Valor posterior do tributo
1	Alíquota de 4% em operações interestaduais, para mercadorias oriundas do exterior	R\$ 17.122,00	R\$ 0,00
2	Comparação sobre a diferença de alíquota de ICMS de cada estado	R\$ 2.562,00	R\$ 0,00
3	Observância de NCM	R\$ 18.856,80	R\$ 15.632,33
4	Valer-se de benefícios fiscais	R\$ 11.664,00	R\$ 0,00
	TOTAL	R\$ 50.204,80	R\$ 15.632,33
REDUÇÃO DE APROXIMADAMENTE R\$ 34.572,47			

TABELA 12 – Representação dos custos tributários que antecede e procede a prática do planejamento tributário - Fonte: o autor

Mediante apresentação da tabela acima fica constatado que a operacionalização do planejamento tributário é imprescindível para toda organização, já que pode ser constatado que a elaboração deste lhe proporcionou aumento na lucratividade; maior transparência nas negociações; o cumprimento das obrigações tributárias, leis e normas, além de uma redução considerável nos custos tributários. De acordo com o relato feito pelo gestor da empresa mediante entrevista realizada, pode-se constar que este acompanha a Legislação Tributária através de sua interpretação e aplicação das leis pertinentes a fim de reduzir de maneira lícita impostos, custos e despesas, buscando oportunidades e benefícios que em alguns casos são de difícil compreensão.

A célula cancerosa dentro das organizações não repousa nas críticas feitas pelos empresários à alta carga tributária e aos encargos sociais, mas sim na má gerência, nas decisões tomadas sem respaldo, sem dados confiáveis (MARION 2009, p. 29).

Conforme a afirmativa de Marion percebe-se que quando a empresa em estudo priorizou a prática do planejamento tributário, aliando conhecimentos técnicos e jurídicos acerca do assunto, o gestor teve propriedade de tomar decisões baseadas em dados conferíveis que o possibilitasse acatar a proposta da elisão fiscal que é minimizar dentro da legalidade cerca de R\$34.572,47 (Trinta e quatro mil quinhentos e setenta e dois reais e quarenta e sete centavos) no que se refere aos custos tributários durante o ano de 2013.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante a complexidade do sistema tributário nacional, por mais que a prática do Planejamento Tributário pareça em muita das vezes ser uma tarefa árdua e complexa, o gestor da empresa deve dar grande atenção à área, pois esta torna-se indispensável para o planejamento empresarial garantindo a redução do custo tributário e o ganho de competitividade no mercado. O planejamento tributário passou a ser de grande importância para as empresas, pois as favorece de lacunas na lei dando assim a possibilidade para a redução do ônus tributário de forma lícita, que é primordial para a sua sobrevivência.

Tendo em vista que para a empresa em estudo 51,20% dos custos representam o valor pago em tributos, esta pesquisa teve como objetivo identificar quais as ferramentas utilizadas na elaboração do planejamento tributário, onde ao realizar-se um estudo preventivo de meio lícitos pode-se abordar alternativas e/ou lacunas que resultasse em economia tributária de forma legal e planejada. Nesse contexto pode verificar as seguintes circunstâncias utilizadas pela empresa para elaborar o planejamento tributário: Redução de alíquota a 4% para operações interestaduais oriundas do exterior; Diferença de alíquota de ICMS para cada estado; Observância de Nomenclatura comum de

mercadoria (NCM) e Benefícios fiscais. Foi possível observar que através desses sistemas legais adotados, foi possível diminuir o pagamento de tributos em conformidade com a forma jurídica lícita em aproximadamente R\$34.572,47 (Trinta e quatro mil quinhentos e setenta e dois reais e quarenta e sete centavos) do mês de Janeiro a Outubro de 2013.

Com a conclusão do trabalho, que foi realizado mediante estudo de pesquisas bibliográficas e análises etnográficas, foi possível observar a importância da elaboração do planejamento tributário para a empresa, visto que sua elaboração buscou resultados mais satisfatórios do que os estabelecidos anteriormente em conformidade com a Legislação pertinente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Ricardo. **Direito tributário esquematizado**. 3.ed. Atual. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2009.

ASTI VERA, Arnaldo. **Metodologia da pesquisa científica**. 5.ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

BORGES, Humberto Bonavides. **Gerência de Impostos: IPI, ICMS e ISS**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BRASIL, Secretaria da Receita Federal. **Lei Complementar nº 123**, de 14 de Dezembro de 2006. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp123.htm
Acessado em: 18 Ago. 2013

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. 12.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

BRASIL. **Lei complementar Nº 128**, de 19 de dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 07 de set. 2013.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. CF/1988.
Disponível em:

[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/8b6939f8b38f377a03256ca200686171/509f2321d97cd2d203256b280052245a?](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/8b6939f8b38f377a03256ca200686171/509f2321d97cd2d203256b280052245a?OpenDocument)
OpenDocument Acesso em: 15 Nov. 2013

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DRUCKER, Peter. **O melhor de Peter Drucker sobre administração: Fator humano e desempenho**. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

EIZIRIK, Nelson. **A lei das S/A comentada: artigos 121 a 188** (Lei 6.404/76, p. 356). São Paulo: Quartier Latin, 2011.

FABRETTI, Láudio Camargo. **Contabilidade Tributaria**. 10.ed. São Paulo, Atlas, 2006.

FABRETTI, Láudio Camargo; FABRETTI, Dilene Ramos. **Direito tributário para os cursos de administração e ciências contábeis**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FABRETTI, Láudio Camargo; FABRETTI, Dilene Ramos. **Direito tributário para os cursos de administração e ciências contábeis**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GROPPALI, Alexandre. **Doutrina do Estado**. 2.ed. São Paulo, Editora Saraiva, 1962

http://www.fazenda.mg.gov.br/empresas/legislacao_tributaria/ricms_2002_seco/partegeral2002. Alíquota 12 % nas operações com relacionadas com mercadorias descritas. Acessado em: 05 de Mai. 2013

http://www.idealsoftwares.com.br/tabelas/aliquotas_mg.html. Lista de mercadorias sujeitas à substituição tributária - capítulos 01 a 96 da TIPI. Acessado em 16 Mar. 2013

<http://intrometeusa.blogspot.com.br/2013/06/tabelas-simples-nacional-2013.html>ç. - Tabela alíquota progressiva sobre o faturamento das empresas inscritas pelo Simples Nacional. Acessado em: 10 de Out. 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO. **Evolução da carga tributária brasileira de 1947 a 2009**. Disponível em < <http://www.ibpt.com.br>>. Acesso em 08 Jul.2013.

IPEA. **Uma análise da carga tributária no Brasil**. Rio de Janeiro, ago. 2009. Disponível em: <http://www.portalfederativo.gov.br> Acesso em: 25 de Ago. 2013.

MACHADO, Hugo de Brito. **Curso de Direito Tributário**. 18.ed. Malheiros. São Paulo. 2000.

MALKOWSKI, Almir. **Planejamento Tributário e a Questão da Elisão Fiscal**. Leme-SP, 2000.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 15.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, Sergio Pinto. **Manual de direito tributário**. São Paulo: Atlas, 2007.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Introdução à administração**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração: da escola científica a competitividade na economia globalizada**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2000.

OLIVEIRA, D.P.R. de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 22.ed. São Paulo: Atlas, 2006

OLIVEIRA, Gustavo Pedro de. **Contabilidade Tributária**. 3.ed. São Paulo: Saraiva,

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese**, 2005

RECEITA FEDERAL. **Carga Tributária no Brasil**. Disponível em <<http://www.receita.fazenda.gov.br>> Acessado em: 8 Jun. 2013

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989

SILVA, J. Miguel; RODRIGUES, Agostinho Inácio. **LALUR – Guia Prático de Escrituração do Livro de Apuração do Lucro Real 2006**. 4.ed. São Paulo, Cenofisco, 2006.

SISTEMA CONSTITUCIONAL TRIBUTÁRIO. 3.ed. São Paulo, Saraiva, 2008

SOUZA, Rubens Gomes de. **Compêndio de Legislação Tributária**. 2.ed.. São Paulo, 1954

.

USO DO MARKUP COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO ESTRATÉGICA DO PREÇO DE VENDA: UM ESTUDO DE CASO DA EMPRESA ORIONE MAGAZINE

Luiz Orione Fernandes^{*}
Unilson Gomes Soares^{**}

Resumo: Esta Pesquisa teve como objetivo geral, analisar o uso do Markup na formação de preço de venda dos produtos da empresa Orione Magazine. Utilizou-se como base, os custos, o mercado, a concorrência e a competitividade no comércio varejista de João Pinheiro. Para isso Buscou-se responder ao questionamento: Quais os impactos causados na utilização do markup para a formação do preço de venda? Foram utilizadas informações do mapa caixa, tabelas e relatórios de custos e despesas ocorridos durante o período de 12 meses. Com Análise dos dados foi possível fazer o markup e chegar a um preço de venda que garante a empresa o lucro desejado sem prejudicar o consumidor final.

Palavras-chave: Custos. Formação de preço. Markup.

Abstract: This research had as general objective to analyze the use of the Markup in the formation of the selling price of the company's products Orione Magazine. Were used as the base the costs, the market, the competition and competitiveness in the João Pinheiro retail trade. For this, we attempted to answer the question: What are the impacts on the use of markup in the selling price formation? Map box information, tables and reports of costs and expenses incurred during the period of 12 months were used. With the analysis of the data it was possible to calculate the markup and reach a sales price that assured to the company, the desired profit without harming the consumer.

^{*} Bacharel em Administração pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP)

E-mail: orionemagazine@hotmail.com

^{**} Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade: Universidade de Santo Amaro – SP. Pós-graduado: Gestão Estratégica de Recursos Humanos. E-mail: Unilsongomessoares@yahoo.com.br

Keywords: Costs. Price Formation. Markup

1 INTRODUÇÃO

O Presente estudo teve a finalidade de demonstrar o uso do Markup na elaboração do preço de venda de um produto e ou serviço de uma empresa de varejo. Segundo Cobra (1997p.239) uma das práticas mais comuns de política de preços no mundo dos negócios é o Markup. O preço de venda é determinado pela adição de uma percentagem fixa ao custo unitário de venda. O Markup é muito utilizado pelo varejo em geral. O valor do Markup varia de acordo com o ramo ou atividade varejista.

Conforme Santos (2005, p. 128)

O Markup é um índice aplicado sobre o custo de um bem ou serviço para a formação do preço de venda. Mendes (2009, p. 127) complementa ao dizer que: “pela política de Markup, o preço de venda de um produto é determinado pela adição de um percentual – geralmente fixo, mas que pode ser variável – sobre o custo unitário de produção ou sobre o preço de compra, nos casos de revenda”.

Sendo assim, o Markup funciona como um incremento adicionado ao custo, visando um preço que proporcione o pagamento do custo do produto, todos os outros custos variáveis e o lucro desejado.

O universo da pesquisa foi a empresa de confecções e acessórios, denominada ORIONE MAGAZINE e está localizada na Av. Juca Cordeiro – 574, centro, na cidade de João Pinheiro/MG no noroeste mineiro, a quatrocentos e um (401) km da capital Belo Horizonte e trezentos (330) km da capital federal, Brasília. Tem como acesso principal a BR 040, que corta a cidade ao meio e faz a ligação Rio de Janeiro à Brasília e está próxima aos trevos de Patos de Minas – MG e ao trevo de Montes Claros. Sedia quatro grandes usinas de álcool e açúcar que são a Destilaria Rio do Cachimbo (LAGES), a G5 Agroflorestal, WD Industrial e a BEVAP (Bio Energética do Vale do Paracatu), maior produtora de álcool e açúcar do Brasil.

Como fonte de emprego e renda tem também muito trabalho na área rural, agricultura familiar e pecuária de leite e corte. Merece grande destaque no setor de indústria e comércio, principalmente no setor de confecções.

Segundo dados do (IBGE, 2010), João Pinheiro atualmente tem uma população de 45.260 habitantes, com mais de 13 mil residências e 460 pontos comerciais e sua renda per capita está estimada em R\$ 900,00 por pessoa.

O período pesquisado teve o marco teórico de janeiro de 2012 a outubro de 2013, pois foi nesta época que o pesquisador sentiu necessidade de oferecer à empresa, esta ferramenta que trará grandes benefícios na elaboração do preço de custo, para a formação do preço de venda, o Markup.

O interesse desta pesquisa surgiu quando foi percebida a ineficiente forma de elaboração do preço final de custo (custo de aquisição mais encargos) de produtos dentro da empresa, evidenciando a falta de conhecimento na elaboração do preço de custo dos produtos, sugerindo assim um preço de venda inadequado ou incorreto aos seus clientes. Com a realização deste estudo, todos os clientes da Orione Magazine serão beneficiados, uma vez que o preço de venda proposto será o mais justo possível e assim, ganhará também a empresa, uma vez que oferecendo preço correto, conseguirá maior competitividade, lucratividade e fidelização dos clientes, porque se entende que estes são alguns dos fatores de maior relevância em fidelizar cliente. Neste caso, para a administração da empresa, será de grande valia, uma vez que qualquer administrador ou gestor que preze pela boa índole da empresa que está sob sua responsabilidade.

Para a disciplina de Administração, esta pesquisa foi de grande relevância, pois teve como objetivo, demonstrar para os empresários do município, o quanto é necessário uma boa elaboração do markup na formação de preço de vendas de seus produtos e ou serviços. E assim, despertar o interesse em buscar conhecimentos mais aprofundados, inclusive até mesmo ingressando em uma faculdade, em busca de mais profissionalismo.

Como ferramenta estratégica, para solucionar o problema do MARKUP, foram consultados vários livros, artigos e profissionais da área, que serão citados na hora oportuna.

Com a realização deste estudo, a empresa ORIONE MAGAZINE, foi beneficiada tanto no sentido econômico quanto social, porque na área econômica, poderá competir com eficácia no mercado local, principalmente no setor de confecção e acessórios, que é o ramo de atividade da empresa.

Na área social, essa pesquisa poderá despertar o interesse de seus funcionários a cursarem uma faculdade, ao perceberem que nos dias de hoje, quase nenhuma organização conseguirá sobreviver se não dispuser de uma gestão mais estratégica e eficiente.

A justificativa deste estudo se assenta na ideia de contribuir com a empresa ORIONE MAGAZINE, no sentido de levar esclarecimentos aos seus gestores, na formação do preço de custo do produto para assim, chegar ao preço de venda, com um percentual de lucro desejado pela empresa e poder garantir assim, sua existência no cenário empresarial por muitos anos, sempre com uma visão de competitividade e desenvolvimento sustentável, buscando sempre uma gestão que possa estar inserida também em ações que beneficiem o meio ambiente do nosso município.

Partindo dessas teorias, este estudo buscará responder o seguinte questionamento: quais os impactos da utilização do Markup para a formação do preço de venda em uma empresa varejista na área de confecções em João Pinheiro? Falta de conhecimento metodológico e científico para uma correta elaboração de preços.

Este estudo teve como objetivo geral identificar os impactos do uso do Markup para a formação do preço de venda, baseando-se nos custos, não utilizando como base o mercado, como explica Martins (2006, p. 218) trata-se de uma forma de calcular preços – de dentro para fora -, que tem como ponto de partida, o custo do bem ou serviço apurado segundo critério adotado.

Foi algo que começou a preocupar o departamento financeiro da Orione Magazine, tão logo seu gestor obteve conhecimentos mais aprofundados, adquiridos logo após seu ingresso na faculdade de

administração de empresas. Falta de informações correlacionadas desde a compra até a formação do preço de venda do produto. Pouco entendimento científico na viabilidade de lucratividade de cada produto comercializado pela empresa. Informalidade na percepção do preço de estocagem de produtos.

Os objetivos específicos foram: averiguar os custos e despesas agregados nos produtos; verificar todos os custos dos produtos para elaboração do preço final de venda; analisar a correta definição do que seja preço e despesas.

Assim como apresentar ao departamento financeiro da Orione Magazine, o quanto é importante encontrar a forma correta da elaboração do preço de venda. Assim sendo, foi usada dentro dos parâmetros da nossa legislação, a fórmula do Markup para a comercialização de seus produtos.

Ainda teve como finalidade, demonstrar a importância de se inserir no custo de aquisição do produto ou mercadoria, todas as despesas inerentes a ele, a fim de evitar prejuízos oriundos da má elaboração do preço de venda. Este preço, só pode ser elaborado corretamente, através de um Markup (índice ou percentual aplicado sobre o preço de custo de um produto ou serviço, para a formação do preço de venda).

No Brasil, a maioria das empresas, é de pequeno porte e micro empresas. Estas, geralmente nascem sem nenhuma estrutura de planejamento e sem nenhuma análise de fatores que podem influenciar no seu crescimento e, por isso, acabam encerrando suas atividades em até no máximo cinco anos. Hoje, este cenário está mudando, uma vez que atualmente muitas empresas buscam conhecimento para obterem mais competitividade de mercado, para alcançarem seus lucros e objetivos desejados.

O fator preço é crucial para que a empresa possa se destacar diante da concorrência, mas para obtê-lo é necessário conhecer o custo do produto, que segundo (MARTINS, 2006) embora seja necessário, não é suficiente. Pois além de custo é preciso saber outros fatores como: o grau de elasticidade da demanda, o preço dos produtos dos concorrentes, os preços de produtos substitutos, a estratégia de

marketing da empresa e etc.; e isso, depende também do tipo de mercado em que a empresa atua, uma vez que os preços podem ser fixados com base nos custos, no mercado ou em uma combinação de ambos. Tomando como base para a formação de preço, o custo está dentre outras formas e este trabalho toma como ferramenta, a utilização do Markup como uma alternativa, pois segundo Mendes (2009, p.127) o “Markup é uma das práticas mais comuns de política de preços”, e como explica Cogan (1999, p. 133) “é um índice aplicado sobre o custo de um bem, produto ou serviço para a formação do preço de venda”. Esse índice é tal que cobre os impostos e as taxas aplicadas sobre as vendas, as despesas administrativas fixas, os custos indiretos fixos de fabricação e o lucro.

Segundo Pereira (2002), “a produção de conhecimentos de natureza científica se faz a partir de resultados obtidos em pesquisas, as quais requerem a adoção de uma metodologia que auxilie o pesquisador na conclusão de seu trabalho”.

Esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo de caso, que segundo Antonio Chizotti (1991) apud Barros e Lehfeld (2007), o estudo de caso distingue por ser uma modalidade de estudo nas ciências sociais, que se volta à coleta e ao registro de informações sobre um ou vários casos particularizados, elaborando relatórios críticos analisados e avaliados, dando margem a decisões e intervenções sobre o objeto escolhido para a investigação, que pode ser uma comunidade, uma organização, uma empresa, etc.

O objeto deste estudo é uma micro-empresa varejista do ramo de venda de roupas, confecções e acessórios, denominada Orione Magazine. Como instrumento de informação, foi usado para a elaboração deste trabalho, a mapa caixa da empresa, uma vez que dentro desse mapa caixa, estão todas as despesas e custos incorridos durante o período de um ano.

No que se refere à abordagem do problema, esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, visto que tem como objetivo estudar o método utilizado pela empresa para a formação de preço de venda de seu produto e propor uma segunda alternativa, que no caso é o Markup.

De acordo com Richardson (1999) apud Beurenental (2009), a abordagem qualitativa não emprega um instrumento estatístico com base no processo de análise do problema, onde não se pretendem enumerar ou medir unidades ou categorias homogenias.

Este trabalho encontra-se dividido em três etapas, além da introdução. A primeira consiste em uma revisão teórica sobre a contabilidade, os tipos de contabilidade e os métodos de custeio utilizados nesta pesquisa. Logo em seguida, serão analisados os resultados obtidos com a análise do mapa caixa. Por fim, serão apresentadas as considerações finais acerca do estudo.

1.1 - ORIGEM DA CONTABILIDADE

A origem da contabilidade é tão antiga quanto o próprio homem. Assim este, na antiguidade para saber da sua riqueza e fazer a conta de seus bens usava-se pedras da seguinte maneira: Colocava em uma cumbuca para cada vaca que criava uma pedra a mais e ou para cada uma das que morrem ou trocassem tirava uma pedra. Buscando assim controle de suas posses. Assim define Marques (2006) "A origem da contabilidade é tão antiga quanto à própria civilização o homem buscou com o passar do tempo uma ferramenta que lhe permitisse ter controle de suas posses. Foi com esse pensamento futuro que o levou aos primeiros registros de operações realizadas por meio de comercio, a fim de conhecer suas possibilidades de uso de produção".

Na Orione Magazine, a contabilidade é feita de modo terceirizado. Para tal operação, contratou-se um contador para que esse desenvolva as funções de modo a adequar a empresa junto às receitas estadual e federal e assim, auxiliar no lucro desejado pela empresa.

O que se pode notar que durante a revolução industrial a forma de registrar a contabilidade era feita em cartolinas diariamente.

Mas para Leone (1995), Atualmente a contabilidade vem passando por diversas transformações nos seus fundamentos lógicos, o que se deve ao avanço da tecnologia, à expansão das sociedades anônimas e aos procedimentos reguladores da iniciativa privada por

parte do governo e também pelo desenvolvimento econômico.

À medida que surgiam as primeiras administrações particulares aumentavam-se também os valores das operações, e com isso, surgiram as dificuldades de se controlar tais posses. Desde então houve uma necessidade de criar uma forma de registro que lhe pudesse ajudar no sentido de prestar contas do que estava sendo administrado.

1.1 - DEFINIÇÃO DE CONTABILIDADE

Contabilidade são as entradas e saídas de recursos na forma de matéria prima, produtos e ou serviços, que tem como finalidade controlar o patrimônio das organizações para se ter um parâmetro para as tomadas de decisões. Para Viceconti; Neves (2006), contabilidade é uma ciência que desenvolveu metodologia própria com a finalidade de controlar o patrimônio das entidades, bem como prestar informações às pessoas que tenham interesse na avaliação da situação patrimonial e do desempenho dessas entidades.

O objeto da contabilidade é o patrimônio. Patrimônio são bens, direitos e obrigações de determinadas entidades. Logo, seu objetivo principal é estudar o patrimônio, seu campo de aplicação nas entidades econômico-administrativas. Essas entidades utilizam bens patrimoniais e necessitam de um órgão administrativo para chegar a seus fins (MARQUES, 2006).

A empresa Orione Magazine tem como finalidade, observar e garantir o seu patrimônio de forma coerente, usando esta ferramenta estratégica para analisar as possíveis ações a serem desenvolvidas dentro da empresa. De acordo Muller (2007) “A contabilidade capta dados, processa-os e os fornece aos seus usuários na forma de demonstrativos contábeis ou relatórios. Os relatórios são produzidos de acordo com as necessidades desses indivíduos, que, normalmente são usuários de caráter interno: Conselho de administração, diretoria e gerencia. Usuários de caráter externo: acionistas, órgãos fiscalizadores, clientes, bancos, assessores e analistas financeiros”.

1.3 - TIPOS DE CONTABILIDADE

1.3.1 Contabilidade Financeira

A contabilidade da empresa pesquisada é elaborada da seguinte maneira: As entradas e saídas são enviadas ao contador da empresa que por sua vez faz os relatórios para caso a empresa necessite os tenha em forma adequada para os seus usuários que necessite destas. Segundo Horngren (2007, p.2) “a contabilidade financeira concentra-se em demonstrativos para grupos externos, medindo, registrando transações de negócios e fornecendo demonstrativos financeiros baseados em princípios contábeis geralmente aceitos”.

Essa contabilidade Financeira dentro da Orione Magazine, já teve sua parcela de contribuição, uma vez que a empresa precisou de um empréstimo para aumento de capital, sem prejudicar outros setores da organização.

Segundo Jiambalvo (2009, p. 02) “a contabilidade financeira enfatiza conceitos e procedimentos relacionados com a preparação de relatórios para usuários externos da informação contábil”.

Os usuários externos da Orione Magazine são os fornecedores, bancos e sua carteira de clientes. Conforme, (JIAMBALVO, 2009), são exemplos de usuários externos, os acionistas, os investidores, o governo, o fisco, os bancos e os credores. As informações oriundas da contabilidade financeira evidenciam o resultado, o desempenho da gestão em dado exercício e perspectivas futuras, resultante de decisões de administradores na condução de seu negócio e casos fortuitos. É basicamente regulamentada por legislações específicas e pelos princípios fundamentais de contabilidade.

De outra forma, seus processos são influenciados por órgãos reguladores, pelo governo e por exigências de auditoria independente.

De acordo com a Comissão de Valores Mobiliários CVM (2011), o objetivo da contabilidade financeira é permitir a cada grupo de usuários a avaliação da situação econômica e financeira da entidade num sentido estático, bem como fazer inferências sobre tendências futuras. Para consecução desse objetivo, é preciso que as empresas

dêem ênfase à evidenciação de todas as informações que permitam não só a avaliação da sua situação patrimonial e das mutações desse patrimônio, mas, além disso, que possibilitem a realização de inferências sobre o seu futuro.

O conhecimento dessas informações trará grandes benefícios para a Orione Magazine, uma vez que a meta da empresa é uma reforma geral no seu layout e uma reformulação nos seus estoques de mercadorias buscando oferecer mais qualidade e variedade em seus produtos e gerando mais emprego e renda à população.

Na Contabilidade Financeira elabora as demonstrações contábeis e financeiras e observa os princípios fundamentais da contabilidade, a apuração do custo das mercadorias vendidas, através da contabilidade de custos.

Um passo simples e importante neste sentido para a Orione Magazine é melhorar os controles de custos e despesas para a formação do preço de venda através do Markup. Atualmente a empresa pesquisada não elabora de maneira adequada formação do preço de venda aos seus consumidores.

1.3.2 Contabilidade gerencial

A Contabilidade Gerencial é uma das ferramentas mais importantes para que os gestores possam tomar suas decisões adequadas. No caso da Orione Magazine, as tomadas de decisões são realizadas de maneira empírica, pois falta conhecimento da utilização do preço formador de venda dos seus produtos aos seus consumidores.

A contabilidade gerencial para Wagner (2004, p. 9) “é o processo de identificação, mensuração, acumulação, análise, preparação, interpretação e comunicação de informações financeiras utilizadas pela administração para planejamento, avaliação e controle dentro de uma organização”.

A contabilidade Gerencial é onde os gestores irão buscar as informações para melhorar seus investimentos de maneira adequada, difere da Contabilidade Financeira, pois para esta, demonstra dados e históricos da empresa e não servem aos seus usuários externos.

Segundo Hong (2006, p. 5) “a contabilidade gerencial é voltada exclusivamente ao público internoda organização, porque a contabilidade gerencial é desenvolvida para atender as necessidades de planejamento, controle e avaliação de desempenho. O público externo não iria compreender tais informações, pois não há uniformidade de comparação entre empresas e não são seguidas regras definidas”.

Esta modalidade de contabilidade, ainda não foi desenvolvida pela empresa pesquisada ainda, uma vez que os gestares não tinha conhecimento de tal ferramenta para tomada de decisão.

De acordo com Marion (2004, p.26).

Todas as movimentações possíveis de mensuração monetária são registradas pela contabilidade, que, em seguida, resume os dados registrados em forma de relatórios e os entrega aos interessados em conhecer a situação da empresa. Esses interessados, através de relatórios contábeis, recordam os fatos acontecidos, analisam os resultados obtidos, as causas que levaram àqueles resultados e tomam decisões em relação ao futuro.

1.3.3 Contabilidade de custos

A contabilidade de custos teve seu surgimento durante a Revolução Industrial, em um momento em que as organizações passaram a comprar matéria prima para transformar em novos produtos, demandando em controle e atribuição de custos para o processo de fabricação de uma forma mais efetiva e específica (SCHIER, 2006).

Segundo Correia (2001 apud BERTI, 2007, p. 19), a contabilidade de custos é uma parte da contabilidade financeira voltada para a apuração dos gastos ocorridos, no sentido de apurar resultados em qualquer atividade física ou mental do homem, quer com seus recursos pessoais, quer mediante a utilização de outros meios. Utiliza os mesmos mecanismos da contabilidade financeira, porém dá ênfase aos problemas de classificação dos custos, bem como ao seu controle.

Ela fornece informações para as contabilidades gerenciais e financeiras. Mede e relata informações financeiras e não financeiras relacionadas ao custo de aquisição ou à utilização de recursos em uma organização; inclui aquelas partes, tanto da contabilidade gerencial quanto da financeira, em que as informações de custos são coletadas e analisadas (HORNGREN, 2007).

Segundo Schier (2006, p. 27), “no que tange ao controle, a contabilidade de custos fornece dados para o estabelecimento de padrões, auxilia na confecção dos orçamentos e proporciona o acompanhamento dos valores orçados com os efetivamente realizados”.

Com o significativo aumento de competitividade do mercado atual, seja industrial, comercial ou de serviços, os custos tornam-se altamente relevantes para a tomada de decisão. Isso ocorre devido ao fato de as empresas não conseguirem mais definir seu preço apenas de acordo com os custos incorridos, mas também com base nos preços praticados no mercado em que atuam. Por isso, a contabilidade mais moderna vem criando sistemas de informações que permitem melhor gerenciamento dos custos, com base nesse enfoque.

2- Gestão de preços no varejo

Neste estudo é também de fundamental importância, conceituar a aspecto do varejo e o detalhamento de suas atividades-chaves e sua operacionalização, que servirão para o embasamento dos pressupostos teóricos nos quais se baseará o raciocínio de cálculo a ser adotado pelo modelo de inteligência analítica. A Inteligência Analítica (o que – onde – por que) está presente em empresas dos mais variados segmentos, nos setores demarketing e finanças. A Inteligência Analíticapermite melhorar o poder de competição das empresas, além de ser uma parte importante dos sistemas de BI – Business Intelligence – (DAVENPORT, 2007).

PARENTE (2000, p. 22) define o varejo como “[...] todas as atividades que englobam o processo de venda de produtos e ou serviços para atender a uma necessidade pessoal do consumidor final”. Sua

principal característica é o emprego das funções clássicas de operação comercial que são: procurar, selecionar e adquirir produtos; comercializar e entregar ao consumidor final.

2.1-Gerência de custos no setor de varejo

No final do século XIX, surgiu na economia americana um setor caracterizado por uma incrível variedade de produtos fabricados em massa, para produtores e consumidores. Johson e Kaplan (p.33, 1996), afirmam que dois motivos ajudaram a possibilitar tal surgimento: Primeiro, foi o desenvolvimento disseminado de tecnologias de fabricação [...]. Tais tecnologias usavam complexos maquinários e intensas fontes de energia na produção de volumes sem precedentes de artigos, em estabelecimentos industriais de larga escala e de capital intensivo [...]. Em segundo, foi o desenvolvimento do sistema ferroviário e telegráfico que em 1870, passou a interligar todas as partes dos Estados Unidos, facilitando o transporte e a comunicação de maneira mais rápida.

Na Orione Magazine, a gerência de custos no setor varejista é desenvolvido de maneira pós-moderna, utilizando de sistemas de informação modernos, como por exemplo, o Sintegra (Sistema Integrado) onde se registra entradas e saídas de mercadorias em seu estoque.

O sistema americano de mercado já não proporcionava mais meios de que fizessem com que seus fabricantes obtivessem maior rapidez e eficiência no momento de vender seus produtos aos consumidores. Os fabricantes desses produtos acabaram superando os altos custos para alcançar o consumidor, investindo recursos em seus próprios sistemas de comercialização. Surgia após a Guerra Civil, uma nova classe de distribuidores em massa, os atacadistas e os varejistas (JOHSON; KAPLAN, 1996). Ainda segundo os autores Johson e Kaplan (p.34, 1996), a ideia inicial dos distribuidores em massa era: “diminuir o hiato entre os preços cobrados por fabricantes ou distribuidores de pequenas escalas locais e os preços potencialmente mais baixos possibilitados pela economia de escala de produção e distribuição em

massa”. Os distribuidores podiam forçar a competição acirrada entre os seus fornecedores, alimentar os fabricantes com informações exatas e oportunas sobre o mercado, fornecer crédito e manutenção aos consumidores e informar aos clientes os vários tipos de mercadorias disponíveis.

Hoje isso já não é mais uma realidade, o mercado oferece produtos e ou serviços numa condição de parcerias tendo em vista que para um melhor desempenho e lucratividade das organizações, é preciso desenvolver ações que beneficiam o maior numero possível de pessoas, incluindo fabricante, distribuidor, varejista e consumidor final.

Os distribuidores em massa criaram sistemas para a administração interna, eles tinham que ter bastante conhecimento dos custos, principalmente os de aquisição e financiamentos de estoque e de concessão de crédito ao consumidor. Portanto, eles desenvolveram indicadores contábeis similares aos custos unitários das indústrias. Esses sistemas focavam principalmente no desempenho do departamento de vendas da empresa.

A Orione Magazine hoje, consta com um sistema de concessão de crédito muito eficaz, uma vez que todas as liberações de vendas a prazo da empresa passam primeiro por uma consulta de âmbito nacional, que é o SPC (Sistema de Proteção ao Crédito).

2.2 -Formação do preço de venda

A formação do preço de venda é uma questão de suma importância para as entidades, pois essa é a remuneração da empresa. Cabe ao gestor, ter em mente que esse valor deve se refletir em uma maior satisfação do cliente, pois a competição mercadológica é muito grande e é nesse cenário que o preço se torna o maior atrativo na hora de o cliente efetuar sua compra (CRAZZIOTIN, 2004).

Na empresa pesquisada, o que se verificou dentro da formação do preço de venda, foi uma grande preocupação em auferir o lucro desejado e a satisfação do cliente. Assim sendo, a gestão percebeu a importância de aplicar um método eficiente para a formação do seu preço de venda, no caso o Markup.

Segundo Horngren (2006, p. 385) “o preço de um produto ou serviço, depende da oferta e procura. As três influências que incidem sobre a oferta e a procura são: clientes, concorrentes e custos”. Clientes, no momento em que estes demandam determinado produto ou serviços; concorrentes, pois a empresa está inserida num ambiente competitivo; e custos, uma vez que estes influenciam preços por afetarem a oferta.

Esta formação do preço está ligada às condições do mercado. O cálculo do preço de venda deve levar a um valor que possibilite a entidade maximizar seus lucros, manter a qualidade dos produtos ou sérvios e melhorar os níveis de produção (SANTOS 2005).

Sendo assim, pode-se perceber que não existe um método mágico para a definição do preço de venda, pois existem diversos fatores que devem ser analisados, além disso, existem diversos setores dentro da entidade, que devem colaborar na tomada de decisões referentes a preço, o que muitas vezes, acaba acarretando em divergências interna (DOLAN; SIMON, 1998).

Observou-se que para a formação do preço de venda, a maioria das empresas tem como base os preços impostos pelo mercado. Logo, a competitividade torna-se mais acentuada. O Markup é um método que pode ser utilizado a fim de reduzir o arbitramento utilizado por tais empresas.

2.3 - Princípio do custo total

No mundo atual, a competitividade no mercado varejista vem aumentando gradativamente e, para a obtenção do lucro máximo, as empresas buscam alternativas diuturnamente. Partindo desse pressuposto, igualar seu custo à sua receita para obter lucro, vem sendo uma realidade bastante questionável. Para calcular o lucro máximo, a empresa deve ser capaz de conhecer toda a sua linha de produção ou aquisição de produtos.

Para administrar preços de venda, é necessário conhecer o custo do produto; porém essa informação não é suficiente. Além do custo, é preciso saber o grau de elasticidade da demanda, o preço dos produtos dos concorrentes, os preços dos produtos substitutos, a estratégia de marketing da empresa etc.; e tudo isso depende também do tipo de mercado em que a empresa atua, e até mesmo da concorrência. (MARTINS, 2006).

Estas estratégias dentro da Orione Magazine são desenvolvidas de modo satisfatório, uma vez que estas técnicas de venda já são bem familiarizadas com os gestores da empresa.

Diversos estudos são realizados a fim de determinar como os empresários definem o preço de venda. Entre eles, o mais popular foi o desenvolvido por um grupo de economistas de Oxford, que apresentaram em 1939, suas conclusões no artigo “Hall e Hitch”. Foram encontradas duas conclusões: primeiro observou-se que os preços eram fixados pelos dirigentes da empresa, visando à cobertura do custo mais certa margem de lucro; segundo, os preços mostravam-se bastante instáveis, o que indicava que os empresários resistiam em alterar o preço dos produtos (VASCONCELOS, OLIVEIRA 2000).

Atualmente diversos estudos já demonstram que a realidade em relação a essas conclusões não funciona mais. É necessário que a gestão das organizações ouça as opiniões dos vendedores tanto para a formação do preço quanto para uma possível liquidação de produtos, para obter boas vendas e não manter produtos em excesso em seus estoques.

2.4 -Custeio - meta

A modalidade de custeio surgiu nos anos 90, primeiramente nas indústrias japonesas, com a finalidade de se estabelecer um custo máximo permitido para determinado produto ou serviço. A colocação principal desta técnica é que os custos não são o fator predominante para fixar o preço de venda, o que quando do seu surgimento revolucionou o modo de pensar da classe atuante, que até então

considerava os custos dos produtos como fator fundamental para a fixação do preço de venda.

Segundo Martins (2006, p. 223) “o custeio meta é um processo de planejamento de lucros, preços e custos que parte do preço de venda para se chegar ao custo, razão pela qual se diz que é o custo definido de fora para dentro”.

Esse método traz uma forma de cálculo de um preço-meta, que é o estimado para um produto ou serviço que clientes em potencial poderão pagar. Essa estimativa é baseada na aceitação do cliente do valor de um produto e do preço proposto pelos concorrentes. O débito de vendas de uma empresa e a área de marketing, por meio de contato e interação com os clientes e os valores que eles aceitam pagar por um determinado produto (HORNGREN, 2007).

O preço-meta, calculado usando informações de clientes e concorrentes, forma a base para a obtenção do custo-meta. O custo-meta unitário é o preço-meta menos o lucro-meta unitário das operações. Lucro-meta unitário das operações é o lucro operacional que uma empresa deseja alcançar, por unidade, de um produto ou serviço vendido. Custo-meta unitário é o custo de um serviço, estimado no longo prazo, possibilitando que a empresa alcance seu lucro-meta das operações ao vender no preço-meta (HORNGREN, 2007).

Para a Orione Magazine, custo-meta e preço-meta são políticas de sobrevivência de qualquer empresa e precisam ser muito bem observadas e praticadas com a máxima responsabilidade, para alcançar seus objetivos econômicos e não ferir a integridade financeira dos consumidores.

2.7- Markup

Conhecendo os Tipos de Contabilidade, a Gerência de Custos no Varejo, a Formação do Preço de Venda, o Custo Total dos Produtos e o Custeio Meta, a empresa Orione Magazine percebeu a importância e a necessidade de se aplicar o Markup na formação do preço final em seus produtos.

O Markup é um método utilizado para calcular o preço de venda, tendo como base o custo. Dada a sua fácil implantação, este método se tornou um dos mais difundidos no mundo dos negócios e hoje é uma das práticas mais comuns de política de preços. Em uma tradução aproximada desse termo inglês, seria remarcar para cima. (BRAGA, 2008).

O Markup segundo Santos (2005, p.129) tem por finalidade cobrir as seguintes contas: Impostos sobre vendas; Taxas variáveis sobre vendas; Despesas administrativas fixas; Despesas de vendas fixas; Custos indiretos de produção fixos; e. Lucro.

Mendes (2009, p.127) afirma que “entre os principais fatores que podem influenciar o valor do markup podem-se citar o tamanho da planta industrial, o valor do custo fixo total (CFT) e a elasticidade- preço da demanda por esse produto. Quanto maior for o CFT, maior será o markup”. O percentual do markup é diretamente proporcional ao valor do custo fixo total, pois quanto maior for este, maior será aquele. Também quanto mais inelástica for a curva de demanda, maior será o markup.

A principal fonte de receita provém da margem de lucro (Markup) que o varejista aplica sobre o custo do produto. No entanto, em função da alta competitividade existente no setor, o comércio varejista está adequando cada vez mais os preços de seus produtos, redefinindo políticas de preços de seus artigos, de acordo com os preços praticados pelos seus concorrentes (WERNKE 2005, p. 147).

2.8- O cálculo correto do preço de venda torna uma empresa mais competitiva

Com uma frequência significativa, confrontamos com muitas empresas já estabelecidas há mais tempo e também com outras, de pouco tempo de existência no mercado, que não conseguem calcular o seu preço de venda corretamente. A observação é sempre a mesma: não vejo lucro, não sobra dinheiro, estou em atraso com os fornecedores, estou devendo o banco e outros descontroles mais.

Uma fatia considerável dos empresários de pequenas emicro empresas, não têm a preocupação de considerar todos os custos na hora de elaborar o preço de venda de seus produtos. Muitos dizem que se embutirem todas as despesas e impostos no cálculo, seus preços ficam mais caros dos que estão sendo praticados no mercado. Outro ponto de desequilíbrio é o desconhecimento ou desconsideração de suas retiradas, que geralmente não são contabilizadas como uma despesa fixa da empresa, apesar de sobreviverem delas.

A dúvida é a seguinte: de onde saem os recursos para pagamento dessas despesas e quem deve pagá-las? Logicamente eles saem do caixa da empresa ocasionando déficits e atrasos em suas obrigações eliminando assim, a lucratividade. Se o preço de venda tiver que ser muito alto, em função de custos altos, precisamente os consumidores não irão adquirir tais produtos, por encontrarem preços mais baixos nos concorrente.

O cálculo do preço de venda precisamente tem que ser bem elaborado, considerando todos os custos da empresa. Com o preço de venda correto em mãos, podemos tomar decisões estratégicas para ganhar competitividade no mercado, usando algumas alternativas como: diminuição de custos fixos, diminuição de despesas fixas, adequação do estoque, produtos alternativos, escolha de fornecedores e aumento das vendas. Para o desempenho dessas atividades, devemos buscar informações em fontes seguras, confiáveis e precisas, como livros de contabilidade de custos, finanças e órgãos renomados como o SEBRAE.

3. Análises de resultados

Esta seção trata-se da análise dos resultados obtidos com o mapa caixa da empresa Orione Magazine. A empresa estudada forma seu preço de venda através de uma análise de fatores que são: preço do produto, preço da concorrência e lucro esperado, porém a precificação ocorre sempre através de estimativas empíricas e não são usados nenhum cálculo ou método científico.

Este estudo demonstra a utilização de um método denominado

Markup para subsidiar a formação do preço de venda. A primeira etapa do processo é a separação das despesas e custos necessários para a formação do Markup, em três grupos distintos:

▶ **Custo Direto:** engloba as mercadorias para a revenda e outros custos diretos.

▶ **Impostos e Taxas de Vendas:** engloba taxas, impostos e comissões incidentes nas vendas.

▶ **Custos Indiretos de Vendas:** engloba as despesas administrativas fixas, despesas de vendas fixas e outros custos indiretos de vendas.

Depois de separadas as despesas e custos, calcularam-se os percentuais dos custos indiretos de venda com base no custo total mensal.

Para verificar e demonstrar como foi feito os cálculos para encontrar a estrutura, foram separados os custos das seguintes maneiras:

MARKUP DA ORIONE MAGAZINE	
CUSTO DO PRODUTO	R\$ 100,00
FRETE	Isento
SEGURO	Isento

Fonte: o autor

DESPESAS FIXAS - MENSAIS	
ALUGUEL	R\$ 2.000,00
IPTU (360,00/12)	R\$ 30,00
Alvará (180,00/12)	R\$ 15,00
Água/luz/telefone	R\$ 450,00
Salários	R\$4.100,00
Pró-labore	R\$ 2.000,00
Honorário contador	R\$ 339,00
Férias (4.100/12)	R\$ 342,00
13° salário (4.100/12)	R\$ 342,00
1/3 férias (1.366/12)	R\$114,00
INSS empresas/funcionários	R\$ 386,00
FGTS (8%)	R\$325,00
Total	R\$ 10.443,00

Fonte: o autor

DESPESAS VARIÁVEIS - MENSAIS	
COMISSÕES DE VENDAS	. R\$900,00
SIMPLES NACIONAL	R\$ 1.130,00
Total	R\$2.030,00

Fonte: o autor

3.1 -Estrutura do Markup divisor.

PREÇO DE VENDA	100%
SIMPLES NACIONAL	6,84%
PIS / COFINS	(Incluso no Simples Nacional)
COMISSÕES	2,05%
DESP. ADMINISTRATIVAS	26,82
LUCRO DESEJADO	20%
TOTAL do CTV (custo total de venda)	55,71%

Fonte: o autor

3.2 - Fórmulas de Markup

FÓRMULA DA MARK-UP DIVISOR	FÓRMULA DO MARKUP MULTIPLICADOR
$MKD = (PV - CTV) / 100$ $MKD = (100 - 55,71) / 100$ $MKD = (44,29) / 100$ $MKD = 0,4429.$	$MKM = (1/MKD)$ $MKM = 1/0,4429$ $MKM = 2.2578$ $PV = CUSTO \times MKM$ $PV = R\$ 50,00 \times 2.2578$ $PV = R\$ 112,89$

EXEMPLIFICANDO:

Se uma camisa tem um custo de aquisição de R\$ 50,00 e se desejar um lucro de 20%, tendo um Markup Divisor de 0,4429 (100% – 55,71% / 100), chegar-se-á ao preço de venda de R\$ 112,89. (preço de custo R\$ 50,00/0,4429 = R\$112,89) (Cento e Doze Reais e Oitenta e Nove Centavos).

Quando se compra uma calça por R\$ 90,00 e se o desejo de lucro desta peça for também de 20%, utilizando o mesmo índice do Markup anterior, deve-se dividir o valor de R\$ 90,00 por 0,4429 e terá então um preço de venda de R\$ 203,20. (Duzentos e Três Reais e Vinte Centavos).

Lembrando que com esses resultados encontrados de preço de venda, a empresa terá condições de pagar todos os seus custos, suas despesas e impostos e ainda garantir um lucro líquido de 20% dos produtos vendidos.

Portanto, pode-se perceber que as duas fórmulas de Markup, (Divisor ou Multiplicador) são eficientes na hora da elaboração do preço de venda.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o estudo, percebeu-se que apesar da empresa estudada manter um relatório gerencial detalhado dos custos e despesas incorridos, das vendas a vista, das vendas a prazo e dos recebimentos, a mesma não utiliza estes dados para a formação do preço de venda de seus produtos. Contudo, comparando a maneira como é formado o preço de venda dos produtos com alguns dos métodos estudados, nota-se que o custeio meta é o método de formação de preço de venda com que mais se aproxima da realidade adotada pela empresa no processo que auxilia a valoração de seus produtos.

Os principais fatores que foram levados em consideração no momento da elaboração dos preços de venda desta organização são os seguintes: a adoção do cliente por um valor estimado do produto com base na aceitação do mesmo por esse valor, tendo em vista o preço proposto pelos seus concorrentes e a não utilização dos custos como fator preponderante para a elaboração do preço de venda.

Após a realização desta pesquisa, propõe-se aos gestores que passem a utilizar o método elaborado por este estudo que é o Markup, devido a sua simplicidade de aplicação e de seu fácil entendimento, além de uma segurança de lucratividade garantida, desde que analisado e calculado minuciosamente, pois se trata de um percentual colocado sobre o custo da mercadoria para se chegar ao preço de venda estimado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Aidil J. da S.; ELHFELD, Neide A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**.3.ed. São Paulo: PEARSON, 2007.

BERTI, Anélio. **Contabilidade e Análise de Custos**. Curitiba: Juruá, 2007.

BRAGA, Roberto M. M. **Gestão da Gastronomia: Custos, Formação de Preço, Gerenciamento e Planejamento de Lucro**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

COBRA, Marcos Henrique Nogueira. **Marketing Básico; uma perspectiva brasileira**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

COGAN, Samuel. **Custos e Preços: formação e análise**. São Paulo: Pioneira, 1999.

CRAZZIOTIN, Gilson. **A Arte do Varejo: O Pulo do Gato Está na Compra**. 4. ed. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2004.

CVM. **Comissão de Valores Mobiliários**. Disponível em <www.cvm.gov.br>. Acessado em 6 de maio de 2011.

DOLAN, R.J. e SIMON, H. **O poder dos preços: as melhores estratégias para ter lucro**. São Paulo: Futura, 1998.

JIAMBALVO, James. **Contabilidade Gerencial**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

JOHSON, H. Thomas.; KAPLAN, S. Robert. **A Relevância da Contabilidade de Custos**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 13 agosto de 2013 às 15h20min.

LEONE, George G. **Custos, um enfoque administrativo**. 11^a Ed. Rio de Janeiro: editora da fundação Getúlio Vargas. 1995.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Básica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARQUES, Wagner Luiz. **Contabilidade Gerencial à Necessidade das Empresas**.
Paraná: Autores Paranaenses, 2004.

MARQUES, Wagner L. **Contabilidade Geral I Segundo a Lei 11638/07 das Sociedades Anônimas Passo a Passo**. 1^a Ed. Paraná: Gráfica Cianorte. 2010.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos**. 9^a Ed. São Paulo: Atlas.
ENDES, Judas Tadeu Grassi. **Economia: Fundamentos e Aplicações**. 2^a Ed. São Paulo: Pearson, 2009.

PARENTE, Juracy. **Varejo no Brasil: Gestão e Estratégia**. São Paulo: Atlas, 2000.

PEREIRA, H. J. **Bases Conceituais de um Modelo de Gestão para Organizações Baseadas no Conhecimento**. Anais do XXII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. Salvador: NPGCT/USP, 2002.

SANTOS, Joel J. **Análise de Custos**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2005.

SANTOS, Joel J. **Fundamentos de custos para formação de preço de venda e lucro**. 5^a Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SCHIER, Carlos Ubiratan da Costa. **Gestão de Custos**. Curitiba: Ibpex, 2006.

VASCONCELOS, S. A. Marco; OLIVEIRA, G.Roberto. **Manual de Microeconomia**. 2ª Ed.São Paulo: Atlas. 2000.

WARREN, Carl S.; REEVE, James M.; FRESS, Philip E. **Contabilidade Gerencial**.São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000.

A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA LIDERANÇA DA EMPRESA RACCO NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO-MG COMO FERRAMENTA DE ESTRATÉGIA

Núbia Lafaiete da Silva Amaral Fernandes*
Mírcia Adriana de Oliveira Melo**

Resumo: A Inteligência Emocional (IE) tem merecido destaque nas organizações, e nos últimos anos os olhos tem se voltado para líderes emocionalmente inteligentes que lideram pessoas de forma eficaz. Pautado nesse pressuposto o objetivo desse estudo foi avaliar a influência da inteligência emocional na liderança da empresa, como ferramenta de estratégia numa empresa da Racco Cosméticos de João Pinheiro-MG, no ano de 2013. Pode também avaliar o perfil dos colaboradores sobre a percepção da Inteligência Emocional e a sua aplicabilidade na empresa. A pesquisa se baseou sob a égide da metodologia quantitativa com a inserção de instrumentos qualitativos, por meio um questionário para colaboradores internos e externos contendo nove questões objetivas e uma descritiva, essa para avaliar a subjetividade das emoções dos entrevistados.

Palavras-Chave: Inteligência Emocional. Motivação. Liderança. Racco.

Abstract: Emotional Intelligence (EI) has been highlighted in organizations, and in recent years his eyes have turned to emotionally intelligent leaders who lead people effectively. And this assumption guided the aim of this study was to evaluate the influence of emotional

Bacharel em Administração pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) E-mail: raccojp@gmail.com

** Graduação em Psicologia – Universidade Newton de Paiva –Belo Horizonte (1990)- Especialista em psicologia Clínica- Especialização em Psicopedagogia -UEMG- Especialização em Saúde Mental Pública – Escola de Saúde de MG - Especialização em Metodologia do Ensino Superior- Faculdade Cidade João Pinheiro. Especialização em Gestão Escolar –Faculdade Pitágoras -Psicóloga clínica na Prefeitura de João Pinheiro – Psicopedagoga e psicóloga e professora na Faculdade Cidade João Pinheiro nos cursos :Administração, Pedagogia , Enfermagem, Educação Física e Biologia. E-mail: melomircia@yahoo.com.br

intelligence in business planning as a strategy tool company Racco Cosmetics João Pinheiro, MG, in 2013. You can also evaluate the profile of the employees on the perception of emotional intelligence and its applicability in the enterprise. The research was based under the aegis of quantitative methodology with the inclusion of qualitative instruments, through a questionnaire to internal and external collaborators with nine objective questions and descriptive, that to assess the subjectivity of emotions of respondents.

Keywords: Emotional Intelligence. Motivation. Leadership. Racco.

INTRODUÇÃO

Nenhuma empresa ou planejamento estratégico poderá ser desenvolvido sem o capital mais importante, as pessoas. E a Inteligência Emocional (IE), será o ponto chave para direcionar as ações a serem executadas pela a organização, em função das pessoas.

É fundamental o conhecimento da sobrevivência de uma organização, quanto à sobrevivência da inteligência emocional, pois muitas empresas são falidas por falta do persistir, continuar, esgotar as possibilidades depois do uso do manual dos administradores de sucessos. Vivencia-se a necessidade da busca do desenvolvimento pessoal pautado na inteligência e no segmento de um conjunto de ideias e normas daqueles líderes que possam facilitar o meio de se alcançar resultados de uma forma mais rápida e correta.

O tema em questão foi escolhido devido ao desejo de se criar um estudo sobre maneiras de enxergar um mundo com ângulos diferentes para serem desenvolvidas melhorias organizacionais. E buscando essas melhorias optou-se por investigar o papel da liderança na administração dos conflitos organizacionais, e como a inteligência emocional pode contribuir para melhoria nas relações intra e interpessoais, sobretudo no universo estudado.

A partir dessas análises pôde-se avaliar a influência da inteligência emocional na liderança da empresa, como ferramenta de estratégia na empresa da Racco Cosméticos de João Pinheiro-MG, no

ano de 2013. Assim, possibilitou também delinear se a inteligência emocional era contributiva para a liderança e para as pessoas que a mesma gerencia. Os objetivos específicos puderam ainda: reestabelecer uma relação da inteligência emocional no estreitamento inter e intrapessoal; traçar um perfil dos colaboradores da Racco tanto em atividade quanto os que já se desvincularam; visualizar os pontos positivos e negativos sobre a prática da inteligência emocional no ano de 2013 e; favorecer aquisição de novos saberes que podem contribuir para outras estratégias de gestão.

O Conceito de pesquisa é fundamental, porque está na raiz da consciência crítica questionadora. Entra aqui o despertar da curiosidade, da inquietude, do desejo de descoberta e criação, sobretudo atitude política emancipatória e construção do sujeito social competente e organizado (DEMO, 2005, p.82).

A pesquisa foi de suma importância, uma vez que se configurou na realidade empresarial local, podendo inclusive fornecer subsídio para estratégias de gestão no próprio Sistema Racco, pois se tratou de uma realidade nunca antes estudada, podendo ainda melhorar as relações pessoais na organização, uma vez que os resultados podem sugerir mudanças ou reforçar estratégias.

Além disso, voltado para o universo do Sistema Racco de Marketing, o presente estudo pôde criar estímulos de aprendizagem para as próximas gerações, para que elas possam aprofundar sobre o estudo da inteligência emocional nas organizações, como instrumento facilitador dos resultados desejados pela organização.

Acredita-se que a inteligência emocional possa ter sido um fator responsável pela solidez financeira e pela quantidade de colaboradores existentes que aderiram à empresa e que a influência da inteligência emocional no planejamento da empresa como ferramenta de estratégia no ano de 2013 foi positiva. Esperava-se ainda que os colaboradores pudessem delinear essa atuação assertiva e que ainda pudessem margear essa influência para o estreitamento das relações interpessoais. Estimava-se realmente que essa influência pudesse

contribuir para novas estratégias de gestão, além de proporcionar efeitos indiretos nas vendas, já que quando se sabe realmente os problemas, têm-se mais facilidade de se buscar soluções e mudanças no âmbito organizacional, tanto para os colaboradores indiretos quanto para as colaboradoras internas que estão intimamente ligadas ao sistema organizacional propriamente dito.

O ato de pesquisar traz conhecimentos e esses podem ser passados adiante como forma de experiência obtida através da pesquisa e a união da prática com a teoria. De acordo com (DEMO, 2005, p.16) “em termos cotidianos, pesquisa não é ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem”.

A pesquisa se baseou sob a égide da metodologia quantitativa com a inserção de instrumentos qualitativos, por meio um questionário para colaboradores internos e externos contendo nove questões objetivas e uma descritiva, essa para avaliar a subjetividade das emoções dos entrevistados, uma vez que a inteligência emocional está intimamente às emoções dos sujeitos. Os questionários foram aplicados a 22 colaboradores de ambos os sexos, na Empresa Racco no município de João Pinheiro-MG no período de setembro a outubro de 2013. Dessa amostragem foram dez ativos e dez que já não tinham mais vínculo com a empresa, também fizeram parte do universo amostral duas colaboradoras internas ao sistema organizacional.

A partir dos questionários aplicados pôde ser traçado o perfil da Empresa Racco Cosméticos no papel da liderança na administração dos conflitos organizacionais, a importância da inteligência emocional, bem como o perfil emocional dos colaboradores e do seu gestor.

I-NOVAS TENDÊNCIAS DE MERCADO E A GESTÃO DE PESSOAS

1.1-Perspectivas de mercado e a gestão de pessoas

O mercado de trabalho passa por transformações importantes em relação às perspectivas futuras, nota-se a partir de uma análise global, um aumento da competitividade contribuindo para uma

reformulação organizacional nas empresas buscando o desenvolvimento e aprimoramento de estratégias relacionadas à gestão de pessoas.

A principal vantagem competitiva das empresas decorre das pessoas que nelas trabalham. São as pessoas que mantêm e conservam o que já existe e são elas que geram e fortalecem as inovações. São as pessoas que produzem, que vendem, servem o cliente, tomam decisões, lideram, motivam, comunicam, supervisionam, gerenciam (JUNIOR et al, 2011, p.4).

Wright, Silva e Spers (2010) ainda colocam todos os desafios enfrentados no mercado de trabalho atualmente, onde o avanço desenfreado da tecnologia e a globalização exigem que os profissionais caminhem nessa mesma ótica, ou seja, que estejam prontos a desenvolver competências com solidez e desempenhar com profissionalismo esses novos rumos que o mercado aponta.

Quando se trata de avanços tecnológicos e sobre o mercado de trabalho que acontece de forma ascendente, não se deve esquecer que atualmente no Brasil o setor de serviços cresce satisfatoriamente exigindo um gerenciamento competente que proporcione às pessoas um direcionamento sólido nas organizações.

Além disso, percebe-se a necessidade de melhoria na qualificação desses serviços, com investimentos na qualificação pessoal e também serviços voltados à satisfação do cliente, unindo a isso o gerenciamento humano toma lugar e contribui para tais tendências (FRANCISCO, 2009).

As pessoas são de suma importância numa organização, pois são através delas que um trabalho ou um processo produtivo se desenvolve, e para que se chegasse ao modelo atual de gestão de pessoas teve-se toda uma contextualização histórica que a humanidade teve que atravessar.

Para Dutra (2002, p. 16):

Historicamente, as pessoas vêm sendo encaradas pela organização como um insumo, ou seja, como um recurso a ser administrado. Apesar das grandes transformações na organização da produção, os conceitos sobre gestão de pessoas e sua transformação em práticas gerenciais têm ainda como principal fio condutor o controle sobre as pessoas.

O processo de gerenciamento de pessoas como estratégia de gestão pode ser desafiador, “a gestão do capital humano pode ser considerada um dos maiores desafios empresariais modernos e a crescente preocupação com este tema fez as empresas desenvolverem políticas de gestão de pessoas” (PICCOLI, 2010, p.2).

Muito se fala em gerenciar conhecimentos, e as empresas que tem essas habilidades podem melhorar as estratégias de gestão e também os processos a partir das pessoas inseridas no contexto organizacional, pois com a descentralização dos processos decisivos nas empresas os funcionários acabam sendo colaboradores e ao mesmo tempo parceiros.

Mesmo diante de trabalhadores parceiros, para que a empresa tenha um desempenho otimizado torna-se indispensável uma boa liderança. A importância do líder nas organizações se reflete na capacidade do mesmo em direcionar como foco nos interesses empresariais e nos recursos humanos que regem a empresa. É necessário que ele tenha maleabilidade em lidar com situações inusitadas, sabendo administrar conflitos e tendo a capacidade para contribuir no aspecto comportamental das pessoas.

E não se trata apenas de ser um líder nas organizações, é necessário que ele tenha uma capacidade se auto liderar, que tenha inteligência intrapessoal, e que proporcione a renovação para revitalizar o contexto organizacional impulsionando o sucesso das organizações. A liderança nada mais é do que um direcionamento das organizações (RAMOS, 2010).

O líder além do papel gerencial deve estabelecer a inteligência emocional, devendo mesclar esses atributos para que a empresa possa colher resultados tanto em relação aos aspectos emocionais quanto aos resultados numéricos da empresa, ou seja, é essa junção que realmente faz o crescimento organizacional.

Na gestão de pessoas “a inteligência emocional é um fator crucial no sucesso da carreira de um líder, as emoções são fontes de poder pessoal mais poderosa do que o poder de oposição” (LAMPOGLIA, 2008, p. 27).

Isso é reforçado pelo sucesso profissional e pessoal está dentro de nós mesmos, o líder que sabe utilizar essa inteligência emocional é um gestor inteligente, pois contribui para a formação de valores, que sabe sua verdadeira atuação na gestão de pessoas. O segredo real de um líder inteligente se parte do entendimento de que o poder funciona como forma de crescimento (IBIDEM, 2008).

O verdadeiro líder tem um estilo de liderança diferenciado, que abandona o perfil autocrático e se posiciona como um líder participativo, que aproxima as relações emocionais do contexto de trabalho, pois se sabe da dificuldade de dessincronizar emoção e trabalho, pois o processo de trabalho está ligado também às emoções e vice e versa. Portanto, nessa ótica a questão emocional tem um efeito positivo.

A gestão de pessoas, tem o papel de estimular o desenvolvimento profissional de seus colaboradores, com estratégias organizacionais de modo a aflorar competências que sejam contributivas para os objetivos da organização (CARBONE et al, 2006).

Pode-se partir do entendimento de que a gestão estratégica de pessoas está ligada ao modo de gerenciamento da empresa, e as pessoas influenciam e implementam tal estratégia, pois é parte integrante do negócio. Toda essa gestão levam a resultados, aprendizagens e competências.

De tal modo, o gestor deve também colocar em prática seus conhecimentos de inteligência emocional, pois quando o mesmo utiliza tal habilidade proporciona ganhos em todos os âmbitos, tanto pessoais quanto profissionais, sendo intra e interpessoal. Toda essa administração compartilhada eleva os ganhos empresariais, pois a gestão de capital humano também reflete uma melhoria na qualidade empresarial, obtendo efeitos positivos em todos os setores organizacionais.

1.2-A Inteligência Emocional: Conceitos e Aplicações

Uma das referências em psicologia cognitiva é Howard Gardner que na sua Teoria das Inteligências Múltiplas definiu a inteligência como sendo algo particular de cada um, ou seja, uma competência intelectual. A égide dessa teoria pôde abranger outras inteligências, que se modificaram e a IE é uma delas.

Quando se investigam por que a evolução da espécie humana deu à emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociobiólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a razão [...]. Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação Homo Sapiens, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas (GOLEMAN, 1995, p. 18).

Gardner (2001, p. 20) ainda ressalta que Goleman um dos ícones sobre a Inteligência Emocional afirmava que “nosso mundo sempre ignorou um conjunto de habilidades ligadas às pessoas e às emoções”.

Sabe-se que as emoções são importantes quando e se tem controle sobre as mesmas interfere positivamente nas relações pessoais e na capacidade de lidar com outros no ambiente de trabalho.

Nota-se uma crescente valorização das competências comportamentais utilizando a inteligência emocional para subsidiar resultados positivos nas empresas, na resolução de problemas, execução de tarefas e na capacidade de relação inter e intrapessoal (FRANCISCO, 2009).

A inteligência emocional é um dos pilares para gestão de pessoas, pois canaliza a inteligência intra e interpessoal com benefícios que interferem tanto no aspecto comportamental, quanto nos resultados em quantidade e qualidade, pois não se pode ter a dicotomia do ser humano nas suas relações de trabalho, ele também se utiliza das emoções no contexto organizacional.

A IE nada mais é do que a capacidade de lidar com as emoções e de tirar um proveito, podendo ainda administrar os próprios sentimentos e dos outros de forma a estimular a capacidade emotiva para o crescimento emocional e intelectual. Ela parte de uma habilidade das relações humanas pelo uso inteligente da exploração das capacidades emocionais do indivíduo (JUNQUEIRA, COUTO e PEREIRA, 2011).

Também enfatizando essa capacidade Goleman (1995, p.46-47) define a IE como sendo:

A capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em um bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante.

Para um sucesso na organização, a Inteligência Emocional deve estar incluída como ingredientes básicos, pois ela pode contribuir de forma significativa para o desempenho de pessoal pela melhoria nas estratégias de gestão.

Esse sucesso está na capacidade de se utilizar a inteligência emocional desde o início da carreira, pois essa inteligência faz com que o profissional tenha maior vantagem com capacidade de se sobressair em relação aos outros, impulsionando a carreira. Controlando as emoções podem partir da eficiência para melhorar a produtividade (RAMOS, 2010).

Quem realmente tem um bom domínio da sua inteligência emocional se destaca, pois ele tem o autocontrole e beneficia todo o contexto organizacional, tanto na liderança quanto nas relações dos funcionários de uma empresa.

Para Goleman (1995, p. 186) “dentro da Inteligência Emocional cinco competências se destacam sendo as habilidades sociais, auto regulação, empatia, motivação e auto percepção”.

Todas juntas são pontos chave para o desenvolvimento das habilidades intelectuais humanas, que é a compreensão, controle, com capacidade de direcionar as emoções e, sobretudo no contexto interpessoal. Isso torna o indivíduo preparado para lidar não só no seu trabalho, mas nas relações com o mundo, família, amigos, contexto social, como um preparo para viver as relações cotidianas e organizacionais.

A inteligência de um líder está intimamente ligada ao talento interpessoal, compreendendo aspirações e medos a quem pode influenciar, além da boa inteligência intrapessoal que se resume na capacidade intrínseca de lidar com as emoções (GARDNER, 2001).

O perfil de um líder atualmente se resume na capacidade de lidar com essa inteligência emocional podendo utilizar ambas as inteligências que interferem no estado comportamental das organizações.

1.2.1- Inteligência Intrapessoal

O conceito de inteligência intrapessoal se refere à capacidade que o indivíduo tem de conhecer a si mesmo, ter um autocontrole das emoções e saber usar isso ao seu favor. A inteligência intrapessoal também é de suma importância no âmbito organizacional e principalmente na gestão de pessoas, pois o líder tem que ter esse autocontrole (VEIGA e MIRANDA, 2006).

A base desse conhecimento abrange o “eu”, o aspecto da natureza humana que se relaciona com as emoções internas, ou seja, se resume na capacidade de internalizar os sentimentos de modo a discriminar esses para um entendimento e orientação do próprio comportamento. Lembrando que esse aspecto comportamental pode interferir no comportamento de outras pessoas.

“É a capacidade de formar um conceito verídico de si mesmo” (FRANCISCO, 2009, p.27). E tal conceito é muito importante tanto nas relações interpessoais fora do âmbito de trabalho, quanto dentro das organizações, sendo um colaborador ou um líder que está ligado à outras pessoas de forma tão clara e necessita de filtrar esses

conhecimentos para si mesmo na tentativa de exteriorizar para resultar uma inteligência interpessoal eficaz.

1.3-habilidades de lidar com conflitos interpessoais nas organizações no foco da inteligência emocional

Para Spector (2006, p. 330) “um líder é alguém que está no comando [...] a liderança envolve influenciar as atitudes, crenças, comportamentos e sentimentos de outras pessoas”.

Para alguns autores a liderança faz parte do processo interpessoal e, sobretudo na organização de pessoas, ela tem grande relevância, pois o líder é principal articulador na influência motivacional (RAMOS, 2010).

A liderança é uma habilidade de influenciar e incentivar pessoas a trabalhar de forma estimulante, tendo realmente a autoridade, mas tendo o respeito de saber gerenciar pessoas, interferindo positivamente nos índices quantitativos da empresa.

Pode-se entender o papel importante da inteligência emocional para o líder, antes de ser um gerenciador de pessoas, ele precisa antes de tudo se autoliderar, ter a percepção pessoal das suas emoções e deve imperar o autocontrole. Isso é de suma importância, uma vez que o mercado competitivo e a busca constante do sucesso faz com que gerem relações conflituosas com desgaste emocional.

No cenário empresarial muitas são as preocupações para o sucesso corporativo, mas o que as empresas dão menos valor é nas relações entre líderes e a sua equipe a ser liderada. A valorização da inteligência emocional para o desenvolvimento estratégico da empresa é um fato que interfere no planejamento das pessoas e certamente no desenvolvimento das equipes (JUNIOR *et al*, 2011).

O sucesso da empresa depende do líder, não unicamente, mas ele é um direcionador no processo do empreendimento, assim ele deve saber analisar a inteligência emocional para guiar os métodos de trabalho. O líder deve ter um estilo participativo, abandonando o estilo autocrático de ser, para o sucesso das organizações.

O líder, sem dúvida, deve saber gerenciar suas emoções para agir no controle emocional de seus subordinados. As boas emoções têm um efeito positivo e motivador no desempenho das tarefas. Quanto se tem a inteligência emocional o progresso do indivíduo na empresa é esperado, mas a ausência dessa leva ao insucesso tanto pessoal quanto profissional (JUNQUEIRA, COUTO e PEREIRA, 2011).

Ser dotado de inteligência emocional é um verdadeiro diferencial no comportamento do líder, pois é garantia de sucesso, pois um líder emocionalmente inteligente tem a capacidade de despertar a inteligência também de seus liderados.

Para sucesso na organização, a competência da inteligência emocional deve ser utilizada desde o início da carreira de um profissional, sendo que pessoas emocionalmente inteligentes levam vantagem por assimilarem com maior facilidade as regras que regem para o sucesso na política organizacional. As pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de sentirem-se satisfeitas e serem eficientes, dominando os hábitos que contribuem na sua produtividade. As que não conseguem exercer controle sobre a vida emocional travam batalhas que prejudicam sua capacidade de se concentrar no trabalho e pensar com clareza sobre os objetivos (JUNIOR et al 2011, p.1).

Ao analisar as competências da inteligência emocional, podem-se ter inferências importantes, uma vez que não se resume apenas ao líder, mas também em relação a todos do ambiente organizacional. Todos devem utilizá-la para o sucesso tanto empreendedor da empresa, quanto nas relações pessoais, no clima organizacional.

Quando o trabalhador tem uma boa estrutura emocional, ele produz melhor, pois ele sabe discernir e controlar seus ímpetos emocionais, sabendo ouvir e falar, pois ele sempre está trabalhando suas competências comportamentais.

Assim, para Nascimento (2008, p.6) “um bom gerenciamento de equipe, que destaca a importância das relações interpessoais, pode evitar que problemas do âmbito organizacional sejam vistos como ofensas pessoais, prejudicando, além das redes de relacionamento, o resultado final do trabalho”.

O líder é importante nesse contexto, pois ele tem a competência de gerenciamento dos conflitos organizacionais, desde que ele saiba utilizar a sua inteligência emocional a seu favor para favorecer seus liderados, é um perfil do líder atual, se preocupar com as emoções e fazer delas uma estratégia de gestão.

O líder com a capacidade de utilizar a inteligência emocional no contexto organizacional pode contribuir para a redução do stress, melhora na satisfação de forma a elevar os índices de eficiência e competitividade. Um bom líder deve ter uma boa capacidade de liderança, tendo princípios de bom caráter, competência e discernimento na tomada de decisões (JUNQUEIRA, COUTO e PEREIRA, 2011).

Além desse perfil, o sistema de gestão do desenvolvimento deve ter a capacidade de analisar as pessoas na individualidade, com suas deficiências, além de analisar também a efetividade e adequação das ações de desenvolvimento, isso também deve fazer parte dos conhecimentos de um líder (DUTRA, 2002).

Muitas são as habilidades e competências de um verdadeiro líder, ele deve também ter a maleabilidade para o gerenciamento dos conflitos organizacionais, dando transparência e entendimento para resolução de problemas organizacionais, sem interferir os relacionamentos interpessoais.

Ferreira (2007) enfatiza que a pedra basilar do sucesso organizacional está pautada nos princípios da criatividade, responsabilidade e adaptabilidade, isso torna um verdadeiro líder, mas uma questão importante também está relacionada aos conflitos.

Para Machado (2011), as próprias organizações por segmentar os cargos acabam separando também as pessoas, contribuindo para o surgimento de ambientes conflitantes em potencial.

Um ponto importante ao ser focado diz respeito aos conflitos, pois já que os envolvidos não terão estrutura emocional para solucionar esse impasse, é necessária uma terceira pessoa, que nada mais é do que um mediador. Tem-se o papel do líder no gerenciamento de conflitos, pois envolve um verdadeiro conhecimento para uma diagnose e um parecer das relações conflituosas no ambiente organizacional.

Ferreira (2007, p.1), ainda enfatiza que esses conflitos nem sempre tem um efeito negativo, mas requer que haja “um gerenciamento eficaz deste processo, requer que todas as partes envolvidas conheçam a natureza do conflito dentro do ambiente organizacional”.

O conflito pode ter visões antagônicas, tanto positivas quanto negativas: a negativa parte da premissa de que devido à competitividade e aos alcances de metas sempre exigidos podem levar a conflitos; a positiva parte do pressuposto de que o conflito estimula a aquisição de conhecimentos e habilidades (CAVALCANTI, 2006).

O que importa é que independente das visões deve-se ter um bom gerenciamento desses conflitos atingindo sempre objetivos propostos. Os verdadeiros líderes devem ter essa capacidade criadora de ser um pacificador nas situações de conflito. Quando se tem essa mente que forneça essa mediação favorece o clima organizacional.

1.4- Caracterização do sistema Racco de marketing

O Sistema RACCO de Marketing é hoje um dos maiores nomes relacionado ao setor de beleza no Brasil e no mundo. A estruturação do sistema de marketing multinível, favoreceu independência financeira e, sobretudo a realização profissional por parte de seus colaboradores (RACCO, 2013).

Partindo do slogan “Você mais feliz hoje”, é um sistema voltado para o bem estar das pessoas, tanto dos colaboradores quanto dos consumidores, melhorando a autoestima e resgatando a capacidade pessoal de cada um.

A RACCO conta hoje com “quatrocentos mil consultores no Brasil e no mundo” (RACCO, 2013), trabalhando com 95% de motivação e 5% de técnica o sistema consegue alcançar uma posição de destaque no mercado da beleza.

E foi partindo dessa premissa motivacional que estimulou o fomento para tal análise, de enfatizar a importância da inteligência emocional como estratégia de gestão da empresa RACCO.

A RACCO tem uma missão, todos os nossos esforços devem convergir para proporcionar o crescimento pessoal, profissional e financeiro de nossas equipes de campo através do desenvolvimento de relacionamentos duradouros. Garantir, no ambiente interno e externo, elevado nível de motivação, engajamento, prazer e orgulho de fazer parte da Família RACCO. Com uma visão de ter o maior sistema brasileiro de relacionamento através do sistema RACCO de Marketing. Ser símbolo de ousadia e inovação no segmento de beleza, desenvolvendo pesquisas com tecnologias e ativos de última geração (RACCO, 2013).

Em 1987 um casal Luiz Felipe Rauen e Gisela Rauen, dentro de uma crise na área do Governo Collor, criou o Sistema RACCO de Marketing, onde varias pessoas de vários países e cidades fazem parte desse sistema. A pedra basilar desse negócio são as pessoas, pois vão movimentar esse sistema, e elas podem se tornar mais felizes hoje. Isso não tem preço, são o relacionamento, conhecimento e a valorização que vão fazer as organizações caminharem em direção à felicidade.

O casal tinha o sonho de criar algo que fosse voltado para o ser humano, e acreditando que o ser humano tem a solução para seus problemas e de que ele pode manter a gênese natural do processo humano o foco foi o mercado da beleza, pois ela por si só já tem a função de estimular as pessoas. Além disso, partiram da importância das vendas, onde todos compram, vendem e indicam. O olhar visionário do casal possibilitou o crescimento do sistema, que conquista a cada dia mais colaboradores e consumidores.

1.5-A Inteligência Emocional Como Estratégia de Gestão na Empresa RACCO

A RACCO é uma empresa que prioriza as pessoas, e nessa priorização do capital humano surge uma necessidade de avaliar as estratégias de gestão no que tange a inteligência emocional. Como é sabido a inteligência emocional é tido como fator consequente do sucesso, e que o líder tem esse papel na gestão das emoções e no gerenciamento dos conflitos.

Com a empresa RACCO não é diferente, analisando todo processo de desenvolvimento há uma necessidade de reviver e analisar as inteligências emocionais na administração das organizações partindo das experiências vividas para a investigação no processo de estimular as pessoas a criarem seu negócio com menos perda, risco e desequilíbrios emocionais que levam transtornos com os colaboradores por falta de conhecimento de liderança e maturidade.

Toda a análise cronológica do estudo poderá favorecer direcionamentos, mudanças de estratégias e reforço nos planejamentos que foram positivos, pode-se ainda partir da análise de experiências da gestão na cobrança de mudanças de atitude no relacionamento inter e intrapessoal.

Influenciado ora por uma inteligência, ora por nova estratégia, também pela necessidade de sobrevivência ou pelo conhecimento imposto, ou simplesmente na fusão dessas influências. Através da informação da percepção, nota-se que muitas vezes a emoção alterada pode ser um veículo de condução com pontos negativos. Na busca de aprofundamento sobre o tema, na consciência para o domínio das reações movidas pelas emoções, torna-se necessário entender a fonte dos surgimentos.

Para Davidoff (2001) as emoções estão ligadas ao processo comportamental do ser humano, e são sentimentos inúmeros como a raiva, alegria, tristeza, sentimentos esses que interferem nas relações interpessoais.

No Sistema RACCO o gerenciamento das emoções deve ser analisado tão quanto aos estímulos motivacionais, pois tem valores de humanização e ética, intimamente ligados com as emoções. O aspecto organizacional não deve ser negligenciado, já que as pessoas é o pilar central da empresa.

O processo da inteligência emocional deve fazer parte de qualquer empresa, pois é através dela que se têm os subsídios para o sucesso empreendedor, o sistema RACCO por todo o seu contexto histórico e gênese deve também ter líderes que sejam gerenciadores inteligentes beneficiando a empresa, colaboradores e consumidores, favorecendo ainda mais o crescimento empresarial, pois a empresa é visionária e valoriza as pessoas de forma notória.

II-O LÍDER COMO GERENCIADOR DE CONFLITOS E ARTICULADOR DO SUCESSO DAS ORGANIZAÇÕES

2.1-Motivação e liderança nas organizações

É sabido que nas organizações a motivação e liderança são elementos primordiais para o desenvolvimento organizacional, uma vez que a motivação está intrinsecamente voltada para as relações humanas. E são íntimas essas relações com o ambiente de trabalho, pois se não há uma realização profissional não há motivação, o que interfere no processo organizacional. Indubitavelmente, a motivação interfere na qualidade de vida das pessoas, e também está relacionada com o trabalho que as mesmas executam.

Tem se observado uma valorização do capital humano para o sucesso das organizações, pois “as organizações dependem das pessoas para dirigi-las, organizá-las, controlá-las, fazê-las funcionar e alcançar seus objetivos com sucesso e continuidade” (PEDROSO et al, 2012, p.73).

Essa valorização das capacidades pessoais é conspícua para o sucesso das organizações, tanto para os colaboradores quanto para os líderes. Pois pensar em liderança sem relacionar os processos motivacionais tanto no âmbito pessoal quanto profissional estaríamos favorecendo uma fragilidade empresarial. E essa motivação se relaciona tanto para os colaboradores quanto para o gestor, pois as relações devem ser compatíveis com os interesses organizacionais.

Entende-se que a liderar e administrar são conceitos diferentes, embora necessitam estar mesclados, pois o administrador pode ser indicado a um cargo, mas só será um líder se ele interagir com seus colaboradores (KENNEDY, 2000).

São por essas razões que os conceitos e aplicabilidades da liderança têm sido bastante difundidos nas organizações, os “chefes inatingíveis” que outrora regiam as empresas, agora são substituídos por líderes intelectualmente capazes de conviver com colaboradores e com novas ideias.

Mediante as constantes transformações que os modelos de gestão atravessam, exige de seus líderes certa mudança na filosofia gerencial. A liderança se torna um elemento indispensável para o sucesso organizacional.

O líder sem dúvida, tem o papel de centralizador dos valores da coletividade, pois “são modeladores e defensores de culturas voltadas para o desempenho” (ARRUDA; CRHISÓSTOMO; RIOS, 2010, p. 2).

Com esse papel ele tenta estimular seus colaboradores de forma que traga benefícios tanto para as pessoas que o mesmo rege, quanto para o próprio gestor. Ele deve ser seguro de suas concepções, mas deve ser flexível quanto a novos desafios empresariais. Esse novo líder deve estar preparado para os novos caminhos de liderança das organizações, elevando a sua capacidade dinâmica, estimulando seus colaboradores, sendo líder e não chefe, com capacidade de ouvir seus subordinados, de interagir formando um clima organizacional saudável, onde líderes convivem de forma harmoniosa, não sendo donos da situação e sim fazendo parte ou tomando partido de situações cotidianas no ambiente de trabalho.

Tal questão é confirmada por Voigtlaender, Beiler e Walkowski (2005, p. 98):

Quem toma à frente para buscar essa motivação e o empenho das pessoas é o líder. Presente em todas as organizações e departamentos, precisa de múltiplas capacitações para conduzir os funcionários a desenvolver o trabalho em equipe, inovar, tomar a frente de novos projetos, ensinar mas também aprender, ter conhecimento técnico da área em que atua, potencializar o crescimento dos liderados e da organização, assumir responsabilidades e tomadas de decisões.

Essas características fazem um verdadeiro líder, pois ele também além dessa capacidade de lidar com o quesito motivação, ele deve saber gerir seus próprios sentimentos para estimular sentimentos positivos em seus colaboradores, ou seja, deve utilizar a inteligência emocional a seu favor, pois ela também se torna uma estratégia motivacional, uma vez que dotado dessas habilidades o líder pode lidar com suas emoções e de seus liderados.

O líder que verdadeiramente não utiliza a inteligência emocional vive a mercê de uma infinidade de sentimentos internos não controlados que podem atrapalhar o convívio organizacional. E nem conflitos dentro da própria empresa ele poderá ser um mediador, pois não consegue gerir as emoções intrínsecas e nem estimular seus colaboradores.

Assim sendo, a inteligência emocional acaba tendo importância também nos comportamentos organizacionais de uma coletividade, de modo que um bom líder possa utilizar a inteligência emocional para sua vida e para liderar uma organização.

Ramos (2010, p. 55) salienta que “nem sempre uma mesma pessoa consegue agregar todas as inteligências em um mesmo grau de desenvolvimento, mas a junção de forças e habilidades presentes em diferentes sujeitos constitui também a tarefa de um bom líder”.

Contudo, o líder deve ter a sua inteligência emocional desenvolvida, de modo a conciliar as perspectivas do mercado com os interesses da organização e de seus colaboradores e somando ao todo conjunto, líderes e colaboradores poderão estar num mesmo nível, dialogando entre si e proporcionando o sucesso da empresa.

2.2-O perfil de um verdadeiro líder

O significado etimológico da palavra *liderar* é conduzir. O líder na verdade é o que conduz um grupo de pessoas e no ambiente organizacional, esse líder deve agir de tal forma que seus liderados o sigam de alguma forma” (LACOMBE e HEIBORN, 2008, p. 347).

As definições de liderança giram em torno de algumas definições desse complexo processo social, Maximiano (2008) esclarece que o contexto de liderança muitas vezes está atrelado às pessoas com qualidades sobrenaturais, no entanto é uma falsa premissa, pois a liderança pode estar ligada à própria habilidade pessoal. O mesmo autor salienta que não se deve levar em conta apenas essas habilidades, mas sim às características pessoais do líder, dos liderados, da tarefa e também o contexto organizacional e social da liderança.

Tal assertiva parece plausível uma vez que as dimensões da liderança não giram apenas do quesito pessoal do líder, mas de todo um contexto, pois essa liderança está ligada as pessoas envolvidas e também à organizacional, portanto, nada deve ser menosprezado.

Algumas correntes tentam explicar o processo de liderança. As três tentam evidenciar a etiologia do processo de liderança nas pessoas. A Teoria da Manifestação Natural se baseia nas próprias características natas do líder, ele já nasceu para a liderança. A Teoria da Manifestação Social como o próprio nome já diz denota o surgimento de um líder em alguma situação social. A terceira e última é a Teoria do Equilíbrio, onde o líder opera nos dois extremos, sendo um produto de fatores naturais e sociais (CARVALHO e SERAFIM, 1995).

No entanto, mediante a essas teorias e a outras tantas, o que é interessante frisar é que o líder tem importância categórica da dinâmica empresarial, assim o líder tem a sua influência interpessoal para a resolução de problemas e conflitos dentro da organização.

Lacombe e Heilborn (2008) confirmam e também ressaltam que a importância do líder não deve ser subestimada, e encaram o líder com um agente de mudança capaz de usar o seu poder maleável de contornar as situações instáveis de um grupo.

Tal atitude gera um grau de confiabilidade entre os liderados, pois significa que o líder está interado a todas as situações que giram em torno da dinâmica organizacional, oferecendo atitude tanto para a solução de problemas quanto para a tomada de decisões, melhorando o clima organizacional, criando um clima de solidariedade.

É certo que um líder não pode ser gerido apenas pelas emoções, mas elas devem ajudar no processo de liderança de um grupo, pois a personalidade do líder interfere na qualidade das relações interpessoais e conseqüentemente na qualidade do trabalho de um grupo (FERREIRA, 2007).

2.2.1-Habilidades e Competências

Sabe-se que o líder tem importância para “estabelecer e manter um sistema de comunicações” (CARVALHO e SERAFIM 1995, p.78). Os autores reforçam essa importância da comunicação dentro de uma empresa para que haja um bom desenvolvimento do clima organizacional.

Destaca-se assim a importância das habilidades e competências de um verdadeiro líder, no entanto, ressalta-se que até hoje não se conseguiu traçar um traço de personalidade padrão que seja comum a todos os líderes, embora existam algumas características que todo líder deve ter ou desenvolver para manter o seu espírito de liderança.

Pode-se mesmo diante dos estilos de liderança retratar que o líder numa conceituação mais abrangente é um idealizador dos objetivos do grupo. Lacombe e Heilborn (2008) frisam da importância da responsabilidade do líder dentro do âmbito organizacional, e ainda coloca quatro responsabilidades que são pautadas na visão visionária para os propósitos do grupo; sempre estar em comunicação com seus liderados; inspirar confiança e sempre estar aberto à novas aprendizagens.

Isso se coloca como as responsabilidades de um bom líder, mas poderia também se confundir com as habilidades e competências, pois uma coisa se funde a outra. Como alguns estudiosos preferem não traçar um modelo padrão de líder, interessa que há algumas características importantes que devem ser salientadas, embora se devam avaliar múltiplos fatores.

Voigtlaender, Beiler e Walkowski (2005) enfocam que o líder deve ter a capacidade de adaptação às mudanças, discernimento, capacidade de interação e boa comunicação com seus liderados, inspirar segurança e confiabilidade, sendo persistentes em seus objetivos colocando a sua equipe em primeiro lugar, não sendo temido em demasia, mas evocando respeito. O líder não espera ser amado por todos, mas espera o respeito, para tanto, esse deve ser recíproco.

Ele deve ser claro, objetivo, conciso, tendo a capacidade de mediar situações conflituosas, valorizando as características individuais e que essas diversas singularidades da pessoa só enriquecem e podem garantir o sucesso da empresa se forem bem trabalhadas com seus colaboradores.

Algumas pesquisas mostram que as pessoas admiram a honestidade, competência, capacidade de inspiração e olhar visionário, além do senso de responsabilidade favorecendo o feedback entre líder e colaboradores (BOWDITCH e BUONO, 2004).

Todas essas habilidades e competências tentam formar não um modelo rotulado de liderança, mas de um centralizador e articulador de um grupo, podendo estimular as pessoas, gerir as suas emoções, tentar mediar conflitos, dar autoridade com respeito sem perder a proximidade de seus liderados, andando lado a lado com seus colaboradores.

III-A VISÃO DOS COLABORADORES DA EMPRESA RACCO E A APLICABILIDADE DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO ESTRATÉGIA DE GESTÃO

3.1-contextualização da empresa estudada

A Orionúbia Cosméticos teve sua fundação aos 27 dias do mês de março de 1997, com sede provisória à Rua Geraldo Rios, 287, no centro de João Pinheiro. Está inscrita no CNPJ 08.715.689/0001-42 e I.E. nº 001.030.535-80 e tem como ramo de atividade, o comércio atacadista de cosméticos, produtos de perfumaria e suplementos alimentares. Nesta época a empresa contava com apenas um computador, uma mesa, duas cadeiras, três prateleiras de vidro, uma geladeira e um balcão. Seu estoque inicial era de R\$ 30.000,00 (Trinta Mil Reais), e não tinha nenhum funcionário, onde a proprietária desempenhava todas as funções da empresa. O arranjo físico da empresa era precário, pois estava instalada em duas salas de apenas 12m² cada uma, onde utilizava a primeira como recepção e loja e a segunda era o depósito.

Hoje já possui sua sede própria, situada na Rua Jovino Silveira – 409, no centro da cidade, local este, de fácil acesso a todos os seus clientes (consultores e Dirigentes). Um outro dado de grande relevância foi o aumento do seu estoque no decorrer desses anos, uma vez que hoje, a empresa tem estrutura para atender a cidade de João Pinheiro e mais quatorze (14) dentro do nosso município. No início de

suas atividades, a empresa contava com 40 pessoas em seu quadro de relacionamento e atualmente esse número subiu para 1.800 pessoas aproximadamente. Teve um ganho significativo em seu faturamento porque os consultores e dirigentes fazem um trabalho em equipe e isso gera bons resultados.

3.2-Metodologia

A pesquisa se baseou sob a égide da metodologia quantitativa com a inserção de instrumentos qualitativos, por meio um questionário para colaboradores internos e externos contendo nove questões objetivas e uma descritiva, essa para avaliar a subjetividade das emoções dos entrevistados, uma vez que a inteligência emocional está intimamente às emoções dos sujeitos.

A pesquisa quantitativa é voltada para apurar opiniões, é um estudo estatístico que se destinam a descrever as características de uma determinada situação, as informações são colhidas por meio do questionário estruturado com perguntas claras e objetivas, isso garante a uniformidade de entendimento dos entrevistados.

O motivo da escolha da pesquisa englobar aspectos qualitativos e quantitativos parte do entendimento de que elas são complementares e enriquecem a pesquisa de modo que exploram as duas vertentes, dando uma visão mais apurada para análise dos dados coletados.

A quantificação do universo amostral compreendeu 22 colaboradores externos de ambos os sexos, na Empresa Racco no município de João Pinheiro-MG no período de outubro a novembro de 2013, com idade entre 18 a 60 anos. Dessa amostragem foram dez ativos e dez que já não tinham mais vínculo com a empresa, também fizeram parte do universo amostral duas colaboradoras internas ao sistema organizacional.

Para o estudo preliminar, foi necessário o contato inicial com os colaboradores, onde foi apresentado o fomento para a pesquisa. Esse contato perdurou por uma semana, visto que a pesquisadora trabalha diretamente com uma amostra relativamente significativa. Um posterior contato foi agendado, onde foram dadas orientações acerca

do assunto e seguindo os preceitos éticos todos leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sendo salientada a preservação das identidades e objetivação do estudo com intuito exclusivamente acadêmico. Para efeito de preservação da identidade, os nomes dos sujeitos foram substituídos por números de “1 a 22”.

Todos se dispuseram a contribuir para o enriquecimento da pesquisa, onde a pesquisadora sistematizou as informações e pôde articular um questionário estruturado não induzindo a resposta premeditada.

A entrevista compreendeu nove questões objetivas e uma questão discursiva, essa última para abordar a capacidade subjetiva desses sujeitos englobando questões sobre a inteligência emocional na empresa estudada, uma vez que a inteligência emocional está ligada a subjetividade das emoções, além da riqueza narrativa dos entrevistados sobre algum fato situacional sobre o tema.

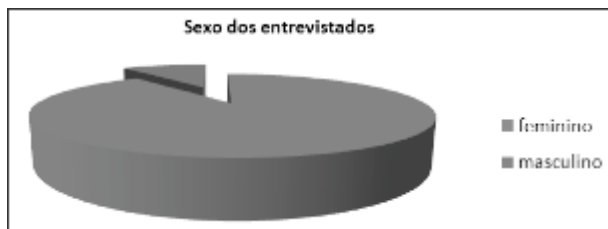
As questões objetivas foram analisadas através do percentual das variáveis, o armazenamento e apuração dos resultados foram reportados feitos através da confecção de gráficos para uma melhor visualização dos resultados.

A análise da questão discursiva, através da valoração das narrativas dos sujeitos, foi feita através de uma retomada de conteúdos, confrontando as narrativas com as realidades encontradas na literatura, podendo assim concretizar os resultados com as diversas realidades do tema envolvido.

3.3-Resultados

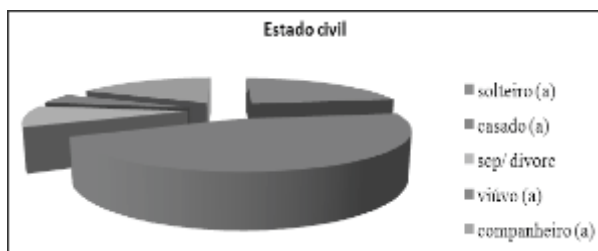
A quantificação do universo amostral compreendeu pessoas de ambos os sexos, com idade variando de 18 a 60 anos. Analisando o questionário aplicado, realizou-se um levantamento do perfil da amostra, que correspondeu 20 pessoas do sexo feminino e duas pessoas do sexo masculino, ou seja, (90%) são mulheres e (10%) são homens.

Gráfico 1-
Sexo dos entrevistados
Fonte:
Pesquisa Direta (2013).



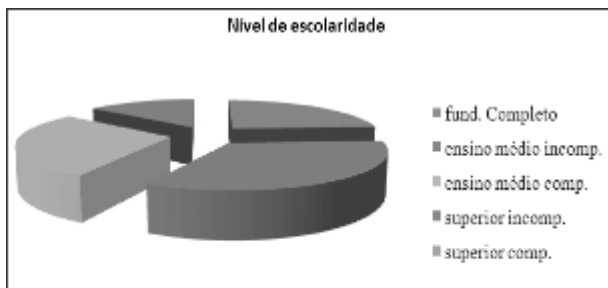
Em seguida no GRAF.2 mostra o estado civil dos entrevistados, onde (23%) eram solteiros, (45%) casados, os que se declararam separados (as) ou divorciados (as) corresponderam (9%), os viúvos (as) (5%), e os que vivem com companheiros (as) (18%).

Gráfico 2- Estado Civil dos entrevistados
Fonte:
Pesquisa Direta (2013).



O GRAF. 3 ilustra o nível de escolaridade dos colaboradores. Traçando esse perfil do nível de escolaridade temos: (4,5%) tem o fundamental incompleto, (23%) dos entrevistados tem o fundamental completo. O ensino médio incompleto e completo corresponde respectivamente (32%) e (27%). Dos entrevistados (13,5%) tinham o curso superior incompleto, e nenhum dos colaboradores tinham o curso superior completo.

Gráfico 3- Nível de escolaridade dos entrevistados
Fonte: Pesquisa Direta (2013).



Quando foram indagados no questionário sobre o nível de conhecimento sobre a inteligência emocional, os resultados foram importantes, uma vez que se notou um valor significativo para pouco conhecimento (72%). O percentual de (19%) foi atribuído para muito conhecimento o restante correspondeu (9%) que foi a alternativa de nenhum conhecimento.



Gráfico 4- Nível de conhecimento sobre a IE.
Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Não se tem evidências na literatura de estudos voltados para a inteligência emocional para colaboradores, e sim apenas para líderes, o que reforça ainda mais a importância desse estudo, uma vez que a inteligência emocional está relacionada com líderes e colaboradores.

Para Ramos (2010) a inteligência emocional é um fator de sucesso profissional, a inteligência emocional leva a uma equipe emocionalmente competente.

O GRAF. 5 corresponde a questão nº 5 do questionário onde indaga para o entrevistado sobre a importância da inteligência emocional nas empresas atualmente. Essa questão foi importante pois dos entrevistados (81%) não sabiam dizer e (19%) acham muito importante a Inteligência Emocional.

Gonzaga e Monteiro (2011,p. 12) reforçam a importância do líder para aumentar a Inteligência Emocional , pois “muitos adultos estão inseridos no contexto organizacional sem aptidões de IE necessárias para seu crescimento e das organizações”. Pode-se inferir que o líder não está estimulando seus colaboradores a cerca do conhecimento da IE, pois um grande percentual não sabia a sua importância. Tais inferências são importantes pois podem direcionar estratégias e melhorar atuações sobre o sistema de gestão.

Gráfico 5- Percepção do entrevistado sobre a importância da IE
Fonte: Pesquisa Direta (2013).



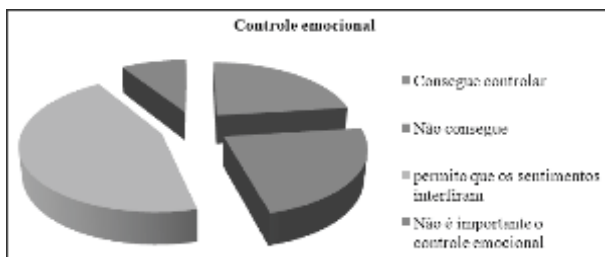
Quando foram indagados no questionário sobre o nível de conhecimento sobre a inteligência emocional, os resultados foram importantes, uma vez que se notou um valor significativo para pouco conhecimento (72%). O percentual de (19%) foi atribuído para muito conhecimento o restante correspondeu (9%) que foi a alternativa de nenhum conhecimento.

A revista *Tendências e Estratégia* (2006, p.25) comprova a importância da IE na empresa e ainda ressalta que “pessoas com a inteligência emocional bem desenvolvida têm extrema facilidade de integração e de relacionamento, adaptando-se com sucesso à dinâmica organizacional”.

Quando foram indagados sobre o controle das emoções (23%) conseguem controlar os sentimentos, (45%) permite que os sentimentos interfiram seu comportamento. Para (23%) o controle dos sentimentos não é conseguido na vida e no trabalho. O percentual de (9%) não considera que seja importante controlar as emoções.

O controle das emoções é necessariamente uma virtude e algo relativamente difícil, principalmente os sentimentos negativos. Para Goleman (2001) é imprescindível a percepção e o autocontrole, ou seja, saber controlar as emoções tanto pessoais quanto interpessoais, e isso no clima organizacional é conspícuo pois pode interferir todo o processo de trabalho, tanto para líder quanto para os colaboradores.

Gráfico 6- Visão do entrevistado sobre o controle emocional
Fonte: Pesquisa Direta (2013).



Em se tratando das alterações drásticas de humor no trabalho e quando lida com as pessoas, os entrevistados responderam que constantemente (54%) e eventualmente (37%) têm alterações de humor no ambiente de trabalho. A alternativa dificilmente obteve (9%) do percentual e alternativa nunca não foi marcada por nenhum dos entrevistados. Isso leva a dar importância a questão emocional no ambiente de trabalho, pois nenhum deles respondeu que nunca teve alterações de humor, e conseqüentemente pode interferir no trabalho e nas relações interpessoais.



Gráfico 7-
Demonstrativo das alterações de humor dos entrevistados no ambiente de trabalho
Fonte: Pesquisa Direta (2013).

No entanto, não podemos nos esquecer dos principais pilares de uma empresa, que é o líder e seus colaboradores. No presente estudo os questionamentos sobre a liderança também foram explicitados. O líder hoje ocupa um lugar de destaque no controle emocional de sua equipe, assim esse líder deve ter o autocontrole e dinamicidade para gerir as emoções de seu grupo, sabe-se que as emoções são frutos de múltiplos fatores tanto intrínsecos quanto extrínsecos, mas o líder deve ter habilidades para uma gestão emocional para agir de forma emocionalmente inteligente.

A questão nº 10 aborda sobre a percepção dos colaboradores em relação ao gestor, na indagação de que o gestor utiliza a inteligência emocional. As respostas apontam que (54,5%) acredita na aplicabilidade da inteligência emocional, enquanto (45,5%) negaram que seja aplicada a inteligência emocional. Essa questão merece destaque pois também avalia o papel do líder na gestão das emoções e na forma que ele lida com a equipe.

Para Ferreira (2007, p. 7) os novos modelos de liderança exigem um gestor preparado para resolução de problemas, “administrando suas reações em cada situação”.

Gráfico 8- Demonstrativo da aplicabilidade da IE pelo gestor
Fonte: Pesquisa Direta (2013).



As questões discursivas também foram parte integrante desse estudo, de modo que a inteligência emocional está ligada a subjetividade das emoções, optou-se pela valoração de uma questão que valoriza a capacidade narrativa dos entrevistados. As respostas foram importantes pois puderam avaliar a postura do líder como gestor, na indagação a questão foi: *“Como é o seu gestor? Acredita que ele consegue lidar com as emoções durante conflitos no trabalho? Ele tenta mediar conflitos ou é o principal causador deles?”*

As respostas foram consistentes e objetivas de modo que algumas foram positivas e outras construtivas a respeito da atuação do líder, todas elas puderam margear novas estratégias de gestão, de modo que puderam contribuir para uma visão do perfil desse líder. Sendo também uma pesquisa avaliativa do líder na organização.

Algumas questões foram coincidentes e outras que colocaram pontos importantes:

“Acredito que às vezes ela extrapola em algumas situações. Algumas vezes ela é a maior causadora” (Entrevistado nº 02).

“Ela tem dias que parece de lua, pois cada dia está de um jeito. Acho que ela deveria melhorar esse seu jeito, pois assim afasta as pessoas e ninguém vai querer trabalhar com alguém assim” (Entrevistado nº 18).

Estão citadas acima as duas respostas discursivas sobre a atuação do gestor na percepção e visão dos colaboradores, para um melhor entendimento essas questões foram divididas em visões positivas e negativas que podem dar ao líder uma visão de melhoramento sobre a atuação do líder como pessoa no gerenciamento

de suas emoções e no gerenciamento do capital humano, ou seja, qual a postura ao lidar com as pessoas, ressaltando a opinião dos entrevistados.

Como pode ser notado, existem duas visões que são críticas, salienta-se que os pontos a serem observados devem ser encarados como questões importantes, sobretudo quando tange a avaliação de desempenho do líder, pois reforça a relevância de novas estratégias de gestão sobre a IE. Não se pode deduzir que o líder não consegue uma boa atuação utilizando a IE, pois a maioria das respostas demonstrou uma boa conceituação sobre a postura do líder. Isso é comprovado pela solidez empresarial alcançada e pelas respostas de muitos dos entrevistados:

“Gosto muito da sua atuação. Ela consegue lidar bem as situações difíceis, e nos ajuda quando temos problemas, porque na nossa profissão temos sempre que ficar para cima” (Entrevistado nº 09).

“Não tenho o que falar, eu não posso criticar pois acho boa as atitudes dela. Ela lida bem com as emoções, e tenta fazer com que agente controle as nossas” (Entrevistado nº 08).

“As pessoas confundem pulso firme com falta de educação, eu não tenho o que falar da minha gestora, ela é muito boa, o que acontece é que ela cobra muito e deve cobrar mesmo, isso faz com que o resto do pessoal fique achando que ela é chata, mas tem metas a serem cumpridas e prazos para tudo, e aqui na Racco tem que ser assim com responsabilidade” (Entrevistado nº 20).

“Ela media os conflitos de trabalhos e lida bem com os problemas, pois com vendas diretas se tem que ter um jogo de cintura e ela tem para nos ajudar. O estímulo dela é muito bom, quando tem problemas ela tenta nos ajudar a resolver. Ela não fala tem que resolver e sim vamos tentar resolver da melhor maneira possível? Isso é bom” (Entrevistado nº 11)

“Ela me ajudou muito como pessoa também, por isso acho que os gestores da Racco usam demais essa inteligência emocional.

Mesmo não sabendo muito o que seja, eu sei que ela usa muito com agente, pois nos ajuda com seu jeito e nos estimula a estarmos bem. Como venderemos se não estamos bem? Como vamos passar positividade para nossos clientes?” (Entrevistado nº 22).

Nota-se um bom conceito do líder em relação a sua atuação no ambiente de trabalho da RACCO, pois a maioria colocou pontos positivos, mas não se deve esquecer das críticas que o líder deve ter como plano de ação para resolução de bloqueios pessoais e interpessoais, melhorando assim o clima organizacional.

3.4-Discussões

Quando se tenta analisar a questão da IE na empresa sob a visão dos colaboradores, se tenta sobretudo reportar a importância das emoções no clima organizacional. Esta pesquisa se mostrou importante tendo em vista que na literatura científica encontra-se um número reduzido de estudos referentes ao conhecimento dos colaboradores sobre a IE ainda mais quando se trata de traçar a visão do colaborador sobre a IE e a sua aplicabilidade também pelo líder, ou seja, explora duas vertentes que são ricas e se mesclam, tornando o tema ainda mais instigante para ser explorado.

A questão de gênero mostrou-se uma prevalência do sexo feminino, onde (90%) são mulheres, isso é extremamente justificável, pois as vendas diretas relacionadas a cosméticos e beleza são majoritariamente compostas por pessoas do sexo feminino. Para a Revista Eletrônica Pequenas Empresas e Grandes Negócios (2013), as mulheres têm como características próprias a atenção aos detalhes, e como são ligadas às emoções, reportam de forma positiva para as vendas, assim uma venda não se configura apenas uma transação comercial, mas uma experiência de compra, que cria um contato mais fidelizado com o cliente.

O estado civil dos entrevistados se mostrou bastante heterogêneo, demonstrando um perfil diferenciado dos colaboradores. Tal aspecto teve relevância pois mostra diferentes pessoas nas vendas

diretas, que é o foco central da empresa estudada. As idades também se mostraram bastante diversificadas, em se tratando de jovens é uma oportunidade rentável com flexibilidade de horário, e para as faixas superiores, entende-se que é uma estratégia para melhorar a autoestima, com senso de responsabilidade, além de criar novas expectativas para esse público que já enfrenta pela senilidade uma fase delicada de solidão e mudanças na vida. Isso reforça que a Racco é voltada para pessoas de várias idades que queiram independência financeira, e manter o controle de sua vida (RACCO).

Na primeira questão já pode fazer deduções importantes acerca da IE, uma vez que não se evidenciou trabalhos voltados para o conhecimento da IE pelos colaboradores, ou seja, para liderados, apenas para líderes, como ocorre nos trabalhos de Junqueira, Couto e Pereira (2011) e Ramos *et al* (2010). E como salienta Segundo Goleman (2001, p.337) a IE é “a capacidade de identificar nossos próprios sentimentos e os dos outros, de motivar a nós mesmos e de gerenciar bem as emoções dentro de nós e em nossos relacionamentos.”

Tal afirmativa é condizente quando se menciona os nossos relacionamentos, o que leva a crer a importância de fomentar sobre a IE, dando relevância ao estudo, uma vez que dá ênfase também aos colaboradores e ao mesmo tempo analisa as estratégias de gestão emocional do líder.

Outros trabalhos como o de Cobêro, Primi e Muniz (2006); Berrett e Depinet (1991) utilizando outras ferramentas validadas e também avaliação de desempenho, com o cruzamento de todos dados, os resultados puderam evidenciar a inteligência emocional no trabalho. Este trabalho é relevante, pois se aproximou de certa forma ao universo pesquisado, pois comprovou que a inteligência emocional está atrelada ao desempenho profissional.

Os resultados foram importantes, uma vez que se notou um valor significativo para pouco conhecimento (72%), deduzindo a necessidade de se colocar mais a IE na empresa, de modo que os colaboradores possam ter mais conhecimento. Filho e Faccioli (2013) aproxima a contextualização da realidade encontrada na pesquisa, para os autores “já que não há mais dúvida de que as relações interpessoais

entre os seus profissionais constituem um fator prioritário à conquista da excelência em todas as esferas”. Esse controle emocional na atmosfera da empresa influencia categoricamente os resultados.

Quando foi abordada a questão da importância da IE na empresa, a grande maioria não soube dizer a importância (81%), tal percentual também é um direcionador, que induz a questões sobre os conhecimentos dos colaboradores. Isso reflete a necessidade de abordagem sobre a IE de seus colaboradores, no entanto, mesmo com percentual significativo não sabendo dizer sobre a IE, todos foram unânimes em achar que a IE pode ser acrescentada em prol do sucesso da empresa. No entanto, há algumas considerações como citam Santos e Cervi (2011, p. 6) “as empresas ao se demonstrarem interessadas sobre a Inteligência Emocional no ambiente de trabalho devem em primeiro momento incentivar, mas lembrar que exige uma série de transformações de seus funcionários”.

O controle emocional dos colaboradores também foi colocado em pauta, mas quando se reporta um referencial teórico que seja concernente e se aproxime ao tema, tem-se uma escassez de evidências científicas voltadas para colaboradores e liderados, e sim apenas para líderes de grandes, pequenas e médias empresas, como se vê nos trabalhos de Junior *et al* (2011); Junqueira, Couto e Pereira (2011); Chinaglia e Galerani (2008). Não se está tirando a importância da gestão emocional, mas a IE deve ser incorporada para que as pessoas sejam entendidas na sua totalidade (NASCIMENTO, 2008).

Os dois estudos, mesmo voltado para líderes, comprovou que muitos têm dificuldade de controlar as emoções no ambiente de trabalho, o que foi evidenciado com os colaboradores, onde (23%) conseguem controlar os sentimentos, (45%) permite que os sentimentos interfiram seu comportamento. Para (23%) o controle dos sentimentos não é conseguido na vida e no trabalho, isso leva a aproximações com as realidades dos estudos anteriormente citados, o que dá mais solidez a essa pesquisa, pois líderes e liderados devem caminhar em consonância dentro da empresa.

O humor indubitavelmente influencia a produtividade no trabalho, dos entrevistados (54%) relatou constantes alterações

drásticas de humor e (37%) alterações eventuais, isso aproxima com os resultados de Junior *et al* (2011) onde (57%) não conseguem agir produtivamente quando zangados, e (61%) analisando outros critérios (38%) não consegue refletir os sentimentos negativos sem que haja perturbação.

O questionário pode avaliar dois parâmetros empresariais acerca da IE, uma visão do colaborador sobre a IE, mas também retratou uma avaliação de desempenho do líder sobre a real aplicabilidade da IE na empresa RACCO. Os resultados foram equilibrados, condizentes, embora algumas questões contraditórias a respeito das primeiras questões, pois teve um percentual significativo de pessoas que não conheciam a IE, e quando foram indagados sobre a aplicabilidade da IE pelo líder (54,5%) afirmou e (45,5%) negou a IE na empresa. Tais resultados podem ter levado ou respostas premeditadas, no receio de uma avaliação negativa do líder, ou sendo meramente otimista, acreditando na verdadeira atuação do líder, que no caso da RACCO, sendo também promotora regional de vendas, a líder tem como atribuições estimular a sua IE e de seus colaboradores.

Como a IE está intrinsecamente ligada à emoção dos sujeitos, optou-se pela valoração da capacidade narrativa para enriquecer e complementar essa pesquisa, uma vez que se trata das emoções tanto de colaboradores quanto do líder que os gerencia.

Foi percebido como havia de ser esperado, pontos antagônicos sobre a atuação do líder utilizando a IE, embora prevalecesse as respostas positivas, isso se mostrou de grande valia pois acrescentou ao trabalho uma visão opinativa dos colaboradores, isso pôde servir como já foi dito anteriormente, como uma avaliação de desempenho do líder, dando um direcionamento sobre a sua atuação, podendo corrigir falhas, reforçar estratégias e flexibilizar situações ou simplesmente servir para uma ajuda pessoal para uma liderança eficaz.

A visão dos colaboradores foi relevante pois se tratou de uma pesquisa nunca antes estudada no Sistema RACCO de Marketing, ela pôde traçar o perfil dos colaboradores e a atuação da IE e seus conhecimentos acerca do tema, abordando não só a visão do colaborador sobre o entendimento da IE, mas colocando o líder como integrante de todo o processo da gestão emocional.

IV-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi engrandecedor na aquisição de conhecimentos, pois retratou uma questão tão importante para as empresas no atual cenário contemporâneo. O que se nota hoje é uma relevância para a IE no âmbito empresarial, pois ela se torna uma aliada tanto para líderes quanto para colaboradores, pois se tornam uníssonos os objetivos da empresa.

O líder indubitavelmente deve ser um articulador e direcionador de ações, pois ele conduz um grupo de pessoas que buscam um bem comum para a empresa. A pesquisa em si, pôde retratar a aplicabilidade da IE na Empresa RACCO de João Pinheiro-MG pelo líder, além de traçar o perfil dos colaboradores sobre o entendimento dessa inteligência no trabalho.

Considerando-se o perfil dos colaboradores no período estudado, os resultados apontaram um conhecimento superficial por parte dos colaboradores acerca da IE, onde 72% não tinham conhecimento sobre a IE, e 81% desconheciam a relevância dessa inteligência.

Outra questão que merece destaque é o controle emocional, onde 45% permitem que os sentimentos interfiram suas relações no trabalho, dificultando o controle das emoções principalmente as alterações drásticas de humor (45%).

A percepção do colaborador sobre a atuação do gestor e aplicabilidade da IE foi de certa forma complementar à dinâmica estudada pois foi além de uma pesquisa campo, pois mostrou uma breve avaliação de desempenho, mesmo que sucinta, ela pôde voltar os olhos para atuação do líder. As narrativas puderam avaliar e memorizar situações dentro das vertentes positivas e as que demandaram oportunidades de melhoramento, dando dinamicidade ao trabalho.

Retratar sobre a IE dentro da Administração é adentrar em muitas ciências que estão voltadas para a mente humana sendo desafiadora, mas ela deve fazer parte do processo de gestão do capital humano, pois as pessoas precisam estar emocionalmente inteligentes, tanto líderes como colaboradores.

A pesquisa se mostrou importante, pois mostrou falhas em algumas questões que podem servir de parâmetros para novas estratégias, contribuindo para uma administração eficaz, além disso, foi uma realidade nunca antes estudada no Centro de Oportunidade RACCO, sendo notórios os resultados encontrados para serem compilados a futuros com base nesse olhar inicial de pesquisar tal tema.

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Antônio Carlos Ribeiro. **O gestor e o seu papel na gestão de conflitos**. Belo Horizonte, 2006. Dissertação (Administração)- Faculdade de Ciências Econômicas - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em:<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/.../antonio_carlos.pdf?...>. Acesso em: 26 jun. 2013.

COBÊRO, Cláudia; PRIM, Ricardo; MUNIZ, Monalisa. **Inteligência Emocional e desempenho no trabalho**: Um estudo com MSCEIT, BPR-5 e 16 PF. *Paideia*, 2006, 16 (35), 337-348. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a05.pdf>. Acesso em: 10 nov.2013.

DAVIDOFF, Linda, L. **Introdução à Psicologia**. 3.ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DEMO, Pedro. Pesquisa: **princípio científico e educativo**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DUTRA, Joel Souza. **Gestão de Pessoas**: modelo, processos, tendências e perspectivas. São Paulo: Altas, 2002.

FERREIRA, Humberto Medrado Gomes. **Conflito Interpessoal em equipes de trabalho: o papel do líder como gerente das emoções do grupo.** 2007. Disponível em: <[http:// www.aedb.br/seget/artigos07/1271_SEGET_2_2007_2.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos07/1271_SEGET_2_2007_2.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2013.

FRANCISCO, Rogério Marcos. **Inteligência Emocional no Trabalho.** Navegantes, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração)- Faculdade Sinergia. Disponível em: < www.formate.com/.../20504-inteligencia-emocional-no-trabalho.htm>. Acesso em: 20 jun. 2013.

GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformulado.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 347p.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional.** 82. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995, 370 p.

GONZAGA, Alessandra Rodrigues.; MONTEIRO, Janini Kieling. A Inteligência Emocional e a qualidade de vida em gestores brasileiros. **Aval. Psicológica.**v.10, n.2, Itatiba, ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677- =sci_arttext> Acesso em: 12. Out. 2013.

JUNIOR, Nelson Alonso, RAMOS, André Luis Ramos, EVANGELISTA, Armindo Aparecido, JUNIOR, Sergio Braga Junior. Inteligência emocional dos gestores das pequenas e médias empresas. **VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia.** São Paulo, 2011. Disponível em: <[http:// www.aedb.br/seget/artigos11/23914207.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos11/23914207.pdf)>. Acesso em 12 jun. 2013.

JUNQUEIRA, Campos Fernanda, COUTO, Elisama de Souza Aguiar, PEREIRA, Marlon Kennup da Silva. A importância da inteligência

emocional na atuação de um líder. **VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/artigos11/38814405.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

KENNEDY, Carol. **O guia dos gurus do gerenciamento**. Rio de Janeiro: Record, 2000, 286p.

LACOMBE, Francisco; HEILBORN, Gilberto. **Administração: Princípios e Tendências**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

LAMPOGLIA, Marcos Antônio. **O valor da inteligência emocional no líder das organizações**. 2008. Disponível em: <<http://www.rh.com.br/Portal/Lideranca/Artigo/5011/o-valor-da-inteligencia-emocional-do-lider-nas-organizacoes.html>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

LIMA, Keite Azevedo. COSTA, Fátima Neves do. **Educação em saúde e Pesquisa Qualitativa: Relações possíveis**. Estudo: Araraquara, v.16, 2008.

MACHADO, Agostinho de Castro. **Inteligência emocional na gestão de conflitos**. Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialista em Gestão Empresarial)- Universidade Cândido Mendes. Disponível em:<http://www.nwk.edu.br/biblioteca/ADM_2004/zanchetta.htm> Acesso em 10 jun. 2013.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Teoria Geral da Administração: da Revolução Urbana à revolução Digital**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NASCIMENTO, Gilfer dos Santos. **A importância da educação emocional na gestão de pessoas: “Gestão Emocional”**. 2008. Disponível em: <<http://www.iacat.com>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

PEDROSO, Daniel Alves de Oliveira. et.al. A importância da motivação dentro das organizações. **Revista Ampla de Gestão Empresarial**. São Paulo, ano 1, n.1, art.5, p 60-76, out. 2012.

PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS. **Mulheres tendem a ser melhores vendedoras**. 2013. Disponível em:

<[http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,, - %20MULHERES+TENDEM+A+SER+MELHORES+VENDEDORAS.html](http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,-%20MULHERES+TENDEM+A+SER+MELHORES+VENDEDORAS.html)> Acesso em: 19 nov. 2013.

RACCO. **Um pouco da história**. 2013. Disponível em: <<http://www.racco.com.br>> Acesso em: 25 jun. 2013.

RAMOS, Fábio Pestana. Liderança e Inteligência emocional no contexto da gestão das pessoas: um estudo de caso através do Filme Mestre dos Mares. **Revista de Ciências Gerenciais**. São Paulo, v.14, n.20, 2010.

REVISTA TENDÊNCIAS E ESTRATÉGIA. **Inteligência Emocional: Gerir Emoções. jun. 2006**. Disponível em: <www.futuretrends.pt/Inteligencia_Emocional.pdf> Acesso em: 19 set. 2013.

SANTOS, Solange Moreira dos.; CERVI, Carina Aparecida. **A Inteligência Emocional no Ambiente de Trabalho**. Conexão. 2011. Disponível em: <[www.aems.com.br/.../ %20EMOCIONAL%20NO...](http://www.aems.com.br/.../%20EMOCIONAL%20NO...)> Acesso em: 09 set. 2013.

SPECTOR, Paul. **Psicologia nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2006.

VEIGA, Elisabeth Carvalho da.; MIRANDA, Vera Regina. A importância das inteligências intra e interpessoal no papel dos profissionais da área da saúde. **Revista Ciências e Cognição**. Curitiba, v.09, p.64-72, 2006.

WRIGHT, James Terence Coulter. SILVA, Antônio Thiago Benedete. SPERS, Renata Giovinazzo. O mercado de trabalho no futuro: uma discussão sobre profissões inovadoras, empreendedorismo e tendências para 2020. **Revista de Administração e Inovação**. São Paulo, v.7, n.3, p.174-197, jul./set.2010

PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL APLICADA NA CÂMARA MUNICIPAL DE JOÃO PINHEIRO-MG

Osnir Martins Rodrigues *

Resumo: O presente artigo busca identificar o grau de satisfação e insatisfação dos servidores da Câmara Municipal de João Pinheiro, como também o conceito que estes tem da organização onde trabalham e de suas lideranças. A presente pesquisa tenta mostrar a importância de valorizar e respeitar melhor os colaboradores, mantendo com eles uma convivência harmoniosa, dentro de uma visão humanística, tratando estes como pessoas que tem sentimentos, emoções, vontades e uma cultura própria e não como máquinas. Aborda também aspectos ligados a qualidade do ambiente de trabalho. Será sugerido a atual Mesa Diretora do Legislativo Municipal gradativamente, implantar uma nova política de gestão de pessoas, objetivando mais produtividade e harmonia no ambiente laboral, e conseqüentemente a prestação de melhores serviços públicos aos cidadãos pinheirenses.

Palavras-Chave: Clima Organizacional. Satisfação. Harmonia. Produtividade

Abstract: This article aims to identify the level of satisfaction and dissatisfaction of the staff of João Pinheiro city council, as well as the concept they have about the organization they work in and their leadership. This research attempts to show the importance of valuing and respecting the employees in a better way, keeping a harmonious coexistence, within a humanistic vision, treating them as people who have feelings, emotions, desires and their own culture and not as machines. The research also addresses aspects related to the quality of the working environment. It will be suggested the current Officers the

* Bacharel em Administração e graduado (licenciatura) em Geografia pela Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP. Pós graduado em Administração Pública pela FINON. Pós graduado em Gestão Empresarial e Recursos Humanos pela FCJP. Professor e Coordenador do curso de Administração na Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP. Chefe de Gabinete - Prefeitura Municipal de João Pinheiro-MG. E-mail: osnirmartins2005@yahoo.com.br

opportunity of gradually deploy a new policy for managing people, to culminate with better results of public services to citizens.

Keywords: Organizational Climate. Satisfaction. Harmony. Productivity

1. INTRODUÇÃO

A História da Administração preconizada por Taylor (Administração Científica- 1856-1915) com ênfase das tarefas e Fayol (Administração Clássica – 1900-1950) com ênfase na estrutura, eram modelos de administração que direcionavam os resultados apenas e exclusivamente para o lucro.

O funcionário era considerado e tratado como uma máquina principalmente na Administração Científica, baseada nos tempos e movimentos, notadamente nas tarefas, ou seja, o funcionário tinha que cumprir de qualquer jeito as tarefas a ele atribuídas e a produção do seu trabalho era medida e monitorada constantemente.

Não se preocupava naquela época com o ambiente de trabalho tais como iluminação, ventilação, limpeza, ergonomia, segurança etc. e nem tão pouco com plano de cargos, salários e carreira. O funcionário era orientado que, para ganhar mais tinha que produzir mais. Este pensamento persistiu por muitos anos até na época do Fordismo na fábrica da FORD MOTOR COMPANY fundada pelo americano Henry Ford nos Estados Unidos (1863-1947), na época uma das 5 maiores empresas do mundo. Os funcionários da Ford conviviam com uma política salarial baseada exclusivamente na produção, no cumprimento das tarefas.

Segundo estudos que fizemos, o método mais eficaz para medir o clima organizacional dentro das organizações sejam elas públicas ou privadas é a pesquisa de Clima Organizacional.

Procura-se com esta pesquisa científica pesquisar, investigar e averiguar:

- a. O grau de satisfação dos colaboradores em relação ao ambiente da organização;
- b. O grau de insatisfação dos colaboradores em relação ao ambiente da organização;
- c. O conceito que cada colaborador tem da organização;
- d. O grau de satisfação dos colaboradores em relação às pessoas aos quais são subordinados (Presidente, Diretores etc);
- e. Quais os fatores que levam estes colaboradores a se sentirem satisfeitos ou insatisfeitos no ambiente de trabalho;
- f. As principais mudanças que os colaboradores desejam que aconteçam na organização;
- g. A avaliação que cada colaborador faz da gestão da atual presidência da organização.
- h. Qual é o verdadeiro clima organizacional presente na organização.

A pesquisa e seu resultado será importante para nós, pois teremos o privilégio de conhecer o real clima entre os funcionários dentro da organização. Não menos importante será para a sociedade pinheirense que será mais bem atendida com serviços prestados com mais qualidade com as mudanças que certamente acontecerão na organização. De igual modo para a ciência, será um momento ímpar para averiguar, pesquisar e descobrir sobre o causa a satisfação ou insatisfação aos funcionários da Câmara Municipal de João Pinheiro. Não encontrei uma apresentação do universo de pesquisa, ou seja, da Câmara Municipal nem do município de João Pinheiro sobre o assunto em tela.

2. DESENVOLVIMENTO

Aprendemos com Chiavenato que:

Os precursores da Administração Científica se basearam no conceito do homo economicus, pelo qual o homem é motivado e incentivado por estímulos salariais e elaboravam planos de incentivo salarial para elevar a eficiência e baixar os custos operacionais. Para a Teoria das Relações Humanas, a motivação econômica é secundária na determinação do rendimento do trabalhador. Para ela as pessoas são motivadas pela necessidade de “reconhecimento” de aprovação social” e “participação” nas atividades dos grupos sociais nos quais convivem. Daí o conceito de homem social. (CHIAVENATO, 2003, p.106).

A Teoria das Relações Humanas (que destacaremos nesta pesquisa), a motivação econômica é importante, mas não mais importante do que o reconhecimento, a atenção, respeito e valorização das pessoas.

Nos ensina ainda o mestre Chiavenato (2004, p. 5) que “não dá para se pensar no funcionamento de uma organização sem pessoas. É impossível separar o comportamento das pessoas e das organizações”. Estão intimamente ligadas.

Chiavenato nos traz um grande ensinamento:

A moderna gestão de pessoas se baseia em três aspectos fundamentais: a) As pessoas como seres humanos, b) As pessoas como ativadores inteligentes de recursos organizacionais e c) As pessoas como parceiros da organização, capazes de conduzi-la a excelência e ao sucesso. (CHIAVENATO, 2004, p.9).

Identificar o grau de satisfação e a motivação das pessoas nas organizações é o foco da pesquisa de Clima Organizacional. Antes de abordarmos mais profundamente esse tema, vamos entendê-lo um

pouco mais. O Clima Organizacional está diretamente ligado à maneira como o colaborador percebe a organização com a sua cultura, suas normas, seus usos e costumes, ou seja, é um conjunto de valores, atitudes e padrões de comportamento, formais e informais, existentes em uma organização.

Carvalho e Serafim (1995, p.10) enfatizam que “o Desenvolvimento Organizacional passa necessariamente pelo desenvolvimento e crescimento das pessoas, ênfase no indivíduo e no grupo”.

A excessiva importância dada à tecnologia está gerando um clima desumano nas organizações, com pressão das normas, a tensão aumenta. Por outro lado, há de se preocupar com o lado bom das situações, como a aceitação dos afetos sem descuidar das normas e do trabalho, gerando um clima de tranquilidade, confiança etc.

É bem verdade que são inúmeros os benefícios encontrados através da atitude da empresa em aplicar o conceito de Clima Organizacional. Podemos citar o alinhamento da cultura com as ações efetivas da organização, a integração dos diversos processos e áreas funcionais, otimização da comunicação, identificação das necessidades de treinamento e desenvolvimento, enfoque no cliente interno e externo, otimização das ações gerenciais, redução no índice de rotatividade, ambiente de trabalho seguro e identificação das satisfações e insatisfações do público interno.

A todos esses fatores devem-se apontar aspectos subjetivos que fazem parte do dia-a-dia da organização, identificam e compreendem os aspectos positivos e negativos que impactam no Clima Organizacional, além de orientar os planos de ação para melhoria do clima e da produtividade da empresa.

Pesquisa de Clima Organizacional é uma forma de mapear o ambiente interno e externo da empresa para assim atacar efetivamente os principais focos de problemas e melhorar o ambiente de trabalho. É a visão que os colaboradores (funcionários) têm da empresa, através de práticas, políticas, estrutura, processos e sistemas.

É de comprometimento da direção da empresa determinar, com o auxílio de especialistas na área de comportamento e relacionamento

social, além de técnicos da área de recursos humanos, um resultado padrão ideal da satisfação de seus colaboradores. Esse padrão ideal pode ser considerado como: aspirações pessoais, motivação, ambições funcionais, adequação da remuneração, horário de trabalho, relacionamento hierárquico e profissional, dentre outros fatores que podem ser acrescidos à pesquisa do Clima Organizacional. A grande maioria dos administradores precisa aprender a usar corretamente todo esse processo na administração.

Lacombe afirma que:

Quando alguém é admitido numa empresa, deixa de ser completamente livre para se comportar como bem lhe aprouver: precisa aceitar os valores, as políticas e as normas da empresa. Quanto maior o ajustamento das necessidades e valores das pessoas com os da empresa, tanto maior tende a ter a motivação e, em conseqüência, tanto melhor o clima organizacional. Se o clima organizacional é bom, as pessoas tendem a ser proativas, partilham conhecimentos, confiam nos chefes, colegas e subordinados, procuram inovar, ter iniciativas e agir com forte sentimento de “pertença”. Se for muito ruim, tendem a fazer o máximo indispensável para se manter no emprego, ou às vezes, nem isso, agindo com descrenças e revolta, aumentando a rotatividade e o absenteísmo, que, com freqüência, são sintomas de clima organizacional negativo. (LACOMBE, 2005, p. 236).

Fiorelli nos traz um importante ensinamento com a psicologia:

Os avanços em psicologia vem permitindo ações efetivas relacionadas a trabalhos com equipes, redução de conflitos, ajuste do profissional às condições de trabalho, seleção, adequação e desenvolvimento das pessoas etc. A psicologia adota uma visão holística do homem em seu ambiente, considerando aspectos socioculturais, além dos inerentes ao indivíduo, sua formação e seus valores. Essa visão processual e sistêmica, ajusta-se as modernas técnicas de gestão de pessoas, contribuindo para a eficiência e a eficácia das organizações. (FIORELLI, 2004, p. 34).

Sobre a importância da expectativa elevada entre os funcionários, Fiorelli nos traz ainda um ensinamento extraordinário:

Pessoas com expectativas elevadas, tendem a motivar-se para assumir riscos naturais das mudanças. Pessoas com expectativas limitadas conduzem à estabilização em torno de necessidades básicas, fixando-se nas tarefas para as quais o indivíduo percebe-se com mais aptidão. Limitações da organização em oferecer novas possibilidades para profissionais com elevadas expectativas conduzem a aumento indesejado na rotatividade dessas pessoas. A médio prazo, reduz-se a contratações de profissionais com este perfil e desenvolve-se estagnação na capacidade criativa da organização. (FIORELLI, 2004, p. 83).

Shimidt (2000, p.27) nos esclarece que das necessidades criadas por Maslow (Necessidades Fisiológicas, Necessidades de Segurança, Necessidades Sociais, Necessidades de Estima e Necessidade de Auto-Realização), a mais importante é a Necessidade de Estima, pois corresponde ao desejo da pessoa de desenvolver uma auto-imagem positiva e de receber atenção e reconhecimento dos outros, desde que tenham sido satisfeitas as necessidades sociais. A satisfação das necessidades provoca, por sua vez, sentimentos de auto-confiança, de prestígio, de poder e de ser útil e necessário a organização.

Nos dias hodiernos, há uma grande preocupação por parte de nossas organizações sejam elas públicas, privadas ou do terceiro setor em oferecer um ambiente laboral propício aos seus colaboradores, um ambiente humanizado para que estes se sintam bem, alegres, motivados, orgulhosos em trabalhar naquela empresa, o que certamente resultará em uma melhor produtividade e conseqüentemente um grande ganho para as organizações e seus *stakeholders*.

No caso específico da nossa pesquisa, este modesto pesquisador entende que os cidadãos contribuem com seus impostos e mantém em funcionamento os diversos órgãos públicos, o que não é diferente a Câmara Municipal de João Pinheiro, e em troca da receita oriunda

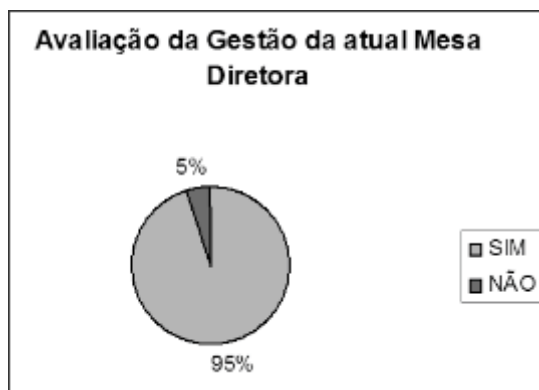
destes impostos pagos por estes cidadãos, entendemos que os mesmos merecem uma contrapartida sendo bem atendidos no serviço público. Daí a importância de uma pesquisa de Clima Organizacional, para estar melhorando este atendimento. Servidores mais satisfeitos e motivados evidentemente vão atender melhor as pessoas.

A Pesquisa aplicada aos colaboradores da Câmara Municipal se encontra ao final deste trabalho.

Como resultado da nossa pesquisa, a seguir o relatório na forma de análise e interpretação dos dados.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

a) Avaliação da Gestão da atual Mesa Diretora



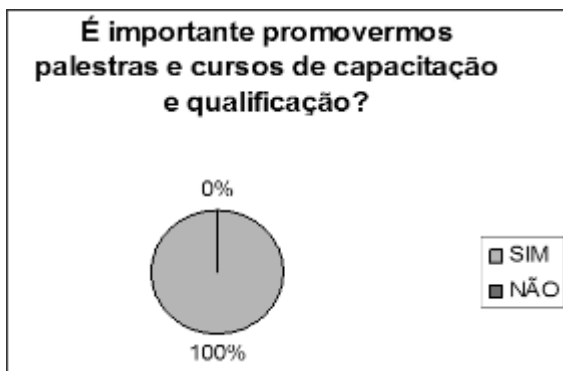
FONTE:
Pesquisa direta 2010

Nas respostas, como se vê no resultado da pesquisa, quase a totalidade dos funcionários fizeram uma avaliação positiva da gestão do atual Presidente pela forma que o mesmo vem administrando a Casa com Planejamento, equilíbrio orçamentário entre as receitas e despesas cumprindo a Lei 101/2000 (LeLei de Responsabilidade Fiscal), tendo atitudes louváveis como corte dos gastos com telefone, uso dos veículos oficiais da Câmara, diárias, patrocínios etc., e com esta economia, já está fazendo investimentos na aquisição de equipamentos novos para melhor atendimento aos gabinetes e setor administrativo,

bem como melhorando a infraestrutura do Legislativo. Atualmente o Presidente está mudando a fachada do prédio da Câmara, cujas obras já estão acontecendo. Para o segundo semestre de 2010 está previsto a construção de um novo Plenário no piso inferior (térreo) para facilitar o acesso a idosos e portadores de necessidades especiais, tendo em vista que atualmente o Plenário fica no piso superior do prédio, com uma escada com um declive muito acentuado.

b) Palestra e Treinamento para os funcionários sobre o funcionamento da Câmara Municipal e outras áreas para capacitação dos funcionários.

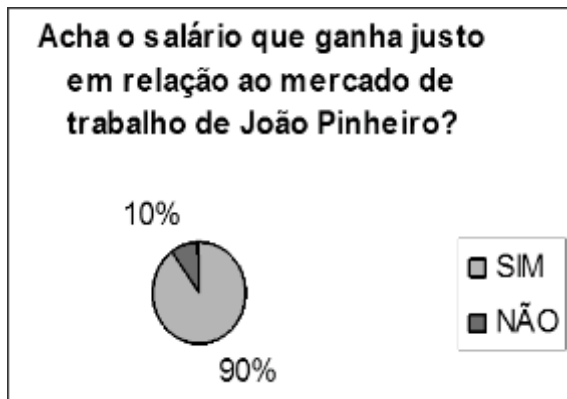
FONTE:
Pesquisa direta 2010



Todos os funcionários manifestaram na pesquisa o desejo que sejam oferecidos a eles cursos de treinamento e de capacitação profissional, como o funcionamento da Câmara Municipal, elaboração de projetos de leis, decretos, resoluções, requerimentos, ofícios, elaboração e execução do orçamento, cursos na área de motivação, atendimento entre outros para que possam prestar um melhor serviço para os cidadãos pinheirenses. Depois da pesquisa, já aconteceu dias atrás um curso ministrado pelo Professor e Administrador Sebastião Alves de Menezes da Pontual Consultoria sobre **motivação e atendimento** bem aceito e aprovado por todos os que participaram. Nos próximos dias, o Diretor Legislativo Sr. Osnir Martins Rodrigues irá ministrar palestras e cursos sobre os mais variados temas ligados ao

legislativo municipal e também a administração pública de um modo geral.

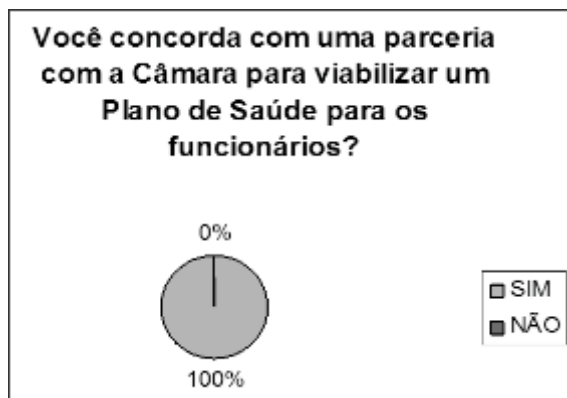
c) Satisfação com o salário que recebem



FONTE:
Pesquisa direta 2010

Em relação ao mercado de trabalho de João Pinheiro, e a média salarial que as empresas paga seus funcionários (70% ganham um salário mínimo), segundo a pesquisa, a grande maioria dos funcionários da Câmara estão satisfeitos com o salário, atualmente bem acima do salário mínimo.

d) Plano de Saúde

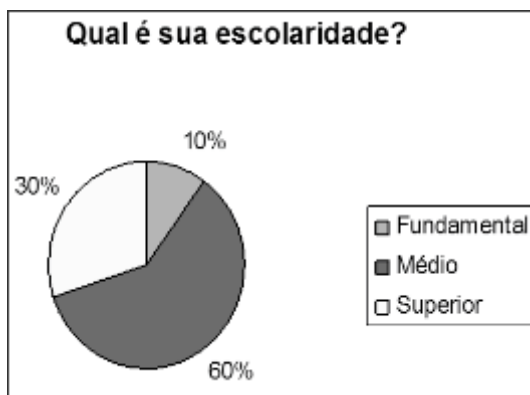


FONTE:
Pesquisa direta 2010

Como não poderia ser diferente, um Plano de Saúde hoje em dia é muito importante para qualquer funcionário ou para qualquer pessoa, pois o atendimento pelo SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE ainda é muito ineficiente no Brasil, e o atendimento particular de saúde, ainda é muito caro, inacessível para a grande maioria dos brasileiros. Segundo os funcionários, um convênio entre a Câmara, que poderia pagar por exemplo 80% do valor das mensalidades e eles entrariam com o restante 20%, seria um benefício importantíssimo para eles, até porque grande parte destes tem família. Ter um Plano de Saúde é um fator de segurança e também resulta em uma melhor satisfação dos funcionários no ambiente de trabalho.

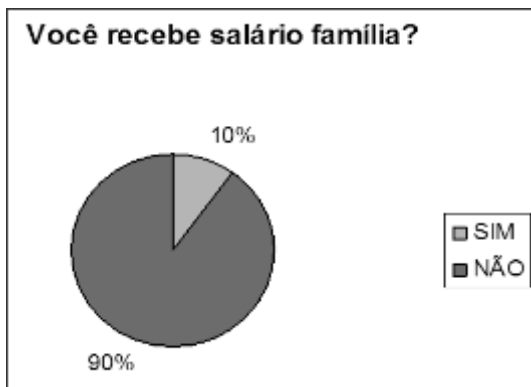
e) Nível de Escolaridade

FONTE:
Pesquisa direta 2010



Constatamos que um dos problemas da ineficiência de alguns funcionários é a falta de escolaridade, pois 60% não tem curso superior. Em um ambiente, um local em que é exigido do funcionário uma boa escrita, conhecimento de direito, sociologia, técnica legislativa e outros, faz muita falta uma graduação. O Presidente da Câmara já determinou contatos com as Faculdades da região para a formalização futura de convênios/parcerias, objetivando um desconto especial para os funcionários da Câmara para que os mesmos possam se matricular em um curso superior.

f) Salário Família



FONTE:
Pesquisa direta 2010

A Câmara Municipal não paga o salário família a seus funcionários não porque não queira, mas é porque 98% dos funcionários recebem por mês um vencimento acima do teto em que é obrigatório o pagamento deste benefício (de 1 a 2 salários mínimos), norma do Ministério da Previdência Social. Apenas um funcionário que trabalha na operação do som (somente às quintas feiras, dia de reuniões ordinárias) se enquadra para o recebimento deste benefício.

g) Horário para o lanche

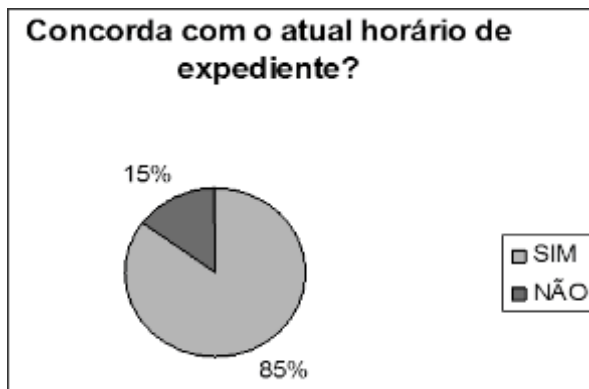


FONTE:
Pesquisa direta 2010

Os funcionários manifestaram favoravelmente que se mantenha o atual horário de lanche. De manhã de 8:00 às 8:15 horas e a tarde de 15:00 às 15:15 horas.

h) Horário do Expediente de trabalho

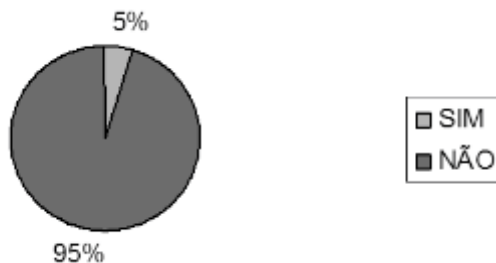
FONTE:
Pesquisa direta 2010



A grande maioria dos funcionários de posicionaram positivamente no sentido em que o horário de expediente continue como está ou seja de 8:00 às 11:00 (parte da manhã) e de 13:00 às 17:00 horas (parte da tarde). 15% dos funcionários gostariam que a Câmara Municipal funcionasse em um horário corrido de 8:00 às 13:00 horas ou de 12:00 às 17:00 horas. Não foi aceito a sugestão pelo Presidente, pois a grande maioria dos cidadãos pinheirenses não iriam conformar com este horário, se sentiriam prejudicados.

i) Espaço Físico dos Gabinetes

O espaço físico dos gabinetes atende as necessidades?



FONTE:
Pesquisa direta 2010

Quase a totalidade dos funcionários manifestaram insatisfeitos quando ao espaço físico dos gabinetes, pois não muito apertados. São 12m² (doze metros quadrados) para 02 (dois) gabinetes. Segundo o Presidente, há um projeto já aprovado para construção de novos gabinetes para os Vereadores ainda neste ano de 2010.

j) Reivindicações dos funcionários (tabela abaixo)

Principais reivindicações feitas pelos funcionários	
ITEM	Reivindicações
01	Iluminação, ventilação, pintura, limpeza e espaço para arquivos Secretaria Geral
02	Conversas paralelas nos corredores
03	Ventilação, limpeza, cadeira giratória simples - Gab. Vereador Eli Corrêa de Freitas
04	Ventilação - Gabinete do Vereador Derivaldo
05	Ventilação - Gabinete do Vereador Ronan Gomes Barbosa
06	Ventilação Gabinete do Vereador Miúdo e substituição do telefone
07	Computador novo e impressora para o Departamento de Contabilidade/Tesouraria
08	Isonomia do salário base com o salário do 1º escalão para cargos que exige curso superior
09	Impressora que tira Xerox e manutenção no computador - Gabinete Vereador Jandir Bernardino

Principais reivindicações feitas pelos funcionários

ITEM	Reivindicações
10	Concluir projeto de informatização da Casa e criar uma página de Internet
11	Manutenção do ventilador; limpeza no almoxarifado – Gab. Vereador Edinho
12	Mesinha p/ computador, impressora, cadeira giratório simples p/ o Diretor Legislativo
13	Melhorar o coleguismo entre os funcionários e Vereadores
14	Diária para os motoristas quanto estiverem em viagem
15	Flexibilizar o uso de telefone pelos gabinetes (controlar menos)
16	Linha de telefone exclusiva para o PROCON, melhorar a ventilação, bebedouro para o 1º piso do prédio, aquisição de livros de defesa dos direitos do consumidor
17	Manutenção dos computadores da Internet Popular e melhorar a ventilação
18	Fazer manutenção (formatação, limpeza, instalação anti-vírus) nos computadores mais antigos da Câmara
19	Aquisição de uma máquina de Xerox para a Câmara
20	Aquisição de novos computadores com monitor com LCD tela plana
21	Revisão do Regimento Interno da Câmara Municipal

FONTE: Pesquisa direta 2010

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se com esta Pesquisa de Clima Organizacional, medir e demonstrar o grau de satisfação e insatisfação dos colaboradores (funcionários) da Câmara Municipal de João Pinheiro. Foi identificado que a grande maioria dos colaboradores estão satisfeitos com o clima organizacional e com o ambiente laboral da Câmara Municipal de João Pinheiro. Funcionários motivados e satisfeitos, aumenta a produtividade, reduz drasticamente o absenteísmo e rotatividade e promove a cidadania organizacional. Conforme aprendemos com a “Pirâmide de Iceberg”, a alta direção (visível) representa a apenas 10% do sucesso da organização. Os outros 90% (invisível) é a parte mais importante, pois contribui diretamente para o sucesso da organização. Representada pelo lado afetivo, emocional e satisfação do funcionário no ambiente organizacional.

Conforme a análise e interpretação dos dados da pesquisa (relatório) apresentado neste trabalho, os colaboradores solicitam pequenas mudanças no local de trabalho, atendimento de algumas reivindicações justas como melhorar a ventilação da sala, aquisição de equipamentos novos para o trabalho, confraternização entre os funcionários, viabilização de cursos de

qualificação e capacitação profissional, alguns benefícios como plano de saúde, pagamento de salário família entre outros.

Já está marcado para o final do mês de abril de 2010 uma reunião entre o Presidente da Casa, Vereadores e os colaboradores onde será discutido o Relatório apresentado pelo Diretor Legislativo Sr. Osnir Martins Rodrigues. Será elaborado um Plano de ação com um cronograma com prazos definidos (meses de abril a dezembro de 2010) e segundo já determinou o Sr. Presidente, grande parte das reivindicações serão atendidas no decorrer do ano de 2010. Somente o fato de fazermos uma pesquisa com os colaboradores, ouvindo eles, colhendo sugestões, o grau de satisfação já melhorou consideravelmente, pois isto nunca havia acontecido antes.

Um curso sobre como atender bem o cidadão de uma forma humanizada já foi ministrado pelo Sr. Sebastião Alves de Menezes da Atual Consultoria, oportunidade em que houve várias dinâmicas com os colaboradores, resultando em uma ótica integração, confraternização e união entre ambos. Já está marcado a partir de maio de 2010 um programa de treinamento e capacitação de todos os colaboradores da organização.

A partir de julho de 2010 melhorias significativas já serão observadas no ambiente de trabalho e até o final de 2010 a realidade do clima organizacional será bastante diferente e positiva, inclusive com melhorias na cultura da referida organização, resultando assim em uma melhor satisfação dos colaboradores, flexibilidade, entusiasmo e motivação no trabalho, mais produtividade e eficiência no desempenho das atividades de cada um, e principalmente mais coleguismo, trabalho em equipe, e um melhor atendimento aos cidadãos com a desburocratização do serviço público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Antonio Vieira de; SERAFIM, Oziléa Clen Gomes. **Administração de Recursos Humanos**. São Paulo: PIONEIRA, 1995

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2003

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2004.

FIORELLI, José Osmir. **Psicologia para Administradores**. São Paulo: ATLAS, 2004.

LACOMBE, Francisco. **Recursos Humanos – Princípios e Tendências**. São Paulo: Saraiva, 2005

SCHMIDT, I.T. **Motivação no Trabalho: Teorias Contemporâneas**. São Paulo: Arte & Ciência, 2000

Importância de Clima Organizacional da Empresa .Disponível em:
<

<http://www.gestaoelideranca.com.br/gestaoelideranca/principal/conteudo.asp?id=5218>> Acesso em 28.mar.2010

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Marilda de Souza Almeida*

Raquel Fernandes da Silva Batista**

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a importância do ato de ler como um dos grandes desafios que as escolas enfrentam. Essa preocupação tem levado professores a refletirem sobre seus métodos exigindo uma busca incessante de estratégias que despertem na criança o desejo e interesse de ler. A família é essencial na responsabilidade e parceira no estímulo à leitura dos filhos. Esta pesquisa propõe um olhar sobre a Contribuição da Leitura para a Formação de Leitores no 3º ano do Ensino Fundamental I com a intenção de mostrar experiências em sala de aula, construídas por educadores e suas práticas utilizadas para incentivar a fluência e o desejo pela leitura. A justificativa desta pesquisa baseia-se nas experiências vivenciadas por alguns educadores, por não terem sido incentivados a ler quando crianças.

Palavras-chave: Alunos. Leitores. Formação. Educadores. Estratégias.

Abstract: This paper proposes a reflection about the importance of the reading act as one of the major challenges that schools face. This concern has led teachers reflect on their methods demanding a endless search of strategies that stimulate the child's interest and desire to read. The family is a essential partner in responsibility and encourage

* Graduação em Normal Superior - Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM. Especialização em Docência do Ensino Superior - Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Especialização em Psicopedagogia - Universidade Castelo Branco. Especialização em Supervisão Escolar - Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Especialização em Metodologia do Ensino e Tecnologia para Educação a Distância - Faculdade Cidade de João Pinheiro. Professora da Educação Básica - Séries Iniciais em afastamento preliminar para fins de aposentadoria; Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP).E-mail: professoramarildasouza@gmail.com

** Graduação em Pedagogia - Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP

reading in children. This research proposes a look at the contribution from the Meter read for Readers Training in the 3rd year of high school with the intention to show experience in the classroom, built by educators and their practices to encourage fluency and desire for reading. The justification of this research is based on the experiences lived deeply by some teachers, because they were not encouraged to read as children.

Keywords: Learners. Readers. Training. Educators. Strategies

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a contribuição da leitura para a formação de leitores no 3º ano do Ensino Fundamental I.

A justificativa deste trabalho surgiu a partir da necessidade do ato de ler, para a formação de professores. No curso superior a leitura exige uma postura mais rígida, crítica e subjetiva. São muitos livros, apostilas e artigos que precisam de uma leitura mais rigorosa e reflexiva. O não exercício do ato de ler provoca limitações e dificuldades na leitura, entendimento e interpretação do texto escrito.

Durante todo o Ensino Fundamental as pesquisadoras não se lembram em momento algum do incentivo à prática da leitura. De famílias humildes, pais quase sem estudo, família que não via a importância da leitura na formação do indivíduo como prática cognitiva, afetiva e social.

O marco inicial da pesquisa ocorreu em 2010, período em que uma das pesquisadoras iniciou a graduação em Pedagogia. Nesse momento, percebeu como a leitura diária se torna angustiante e essencial para a formação acadêmica. O marco final aconteceu no mês de dezembro de 2013, com o término do curso e a redação final do presente trabalho.

Na metodologia utilizou-se de revisão bibliográfica e de questionário aplicado aos educadores sobre a contribuição da leitura com as seguintes indagações: a quem você costuma atribuir a responsabilidade de incentivar a criança para o ato de ler? O que você

considera possibilitar ao educador melhores condições de realizar projetos de leitura nas escolas? O que causa no aluno o desinteresse por uma leitura frequente? Que medidas você sugere para melhorar a leitura? O que pode ser aconselhável para minimizar as dificuldades de leitura?

O objetivo primordial desta pesquisa é discutir a importância do ato de ler e indicar possíveis estratégias estimuladoras da leitura.

A hipótese inicial do projeto de pesquisa era de que, a leitura está mais relacionada ao fracasso que ao sucesso. A criança que não é motivada a ler não sente nenhum desejo pela leitura e quando a leitura é obrigatória, torna-se para ela, desanimadora.

A pesquisa alcançada neste trabalho é de caráter qualitativo e foi organizada em dois momentos: no primeiro, trabalhou-se a revisão de literatura que apresentou bibliograficamente um estudo sobre o papel da escola e da família no incentivo à criança para o ato de ler. No segundo momento abordou-se as funções da escola na prática educacional e apresentou-se propostas para que escola e família se unam com o objetivo de estimular a criança a encantar-se pela leitura.

1- leitura: construção acerca da prática social

O objetivo em foco é apresentar e analisar as possíveis causas sobre o fracasso e o sucesso do incentivo à leitura e apontar perspectivas pedagógicas.

Sabe-se que, o tema leitura é muito discutido nas universidades, seminários, simpósios, congressos, palestras, jornais, revistas e encontros pedagógicos. É um assunto debatido por grandes pesquisadores, por ser um instrumento poderoso que nos permite uma visão diferente de mundo, aberta, crítica e dinâmica.

A leitura é um processo socialmente construído e em tempos remotos não era para todos. Segundo Bamberger a leitura na antiguidade era vista da seguinte forma:

Nos tempos antigos, antes da invenção da imprensa, reservava-se a pouquíssimos o privilégio da leitura, e, mesmo depois do

século do Humanismo, ela só era acessível a uma elite culta. Só nestes últimos decênios, com o desenvolvimento tecnológico e econômico exigindo continuamente a colaboração intelectual da maioria das pessoas, surgiu a pergunta: Como poderá tornar-se realidade a extensão a todos o direito de ler? (BAMBERGER, 2006, p.09).

A partir da citação de Bamberger percebe-se que, a leitura era somente para uma pequena parcela da sociedade, mais especificamente destinada à classe burguesa. Porém, na caminhada histórica da humanidade, diante das novas tecnologias as classes foram se inserindo nesse processo e a trajetória pelo direito de ler vem se tornando um elemento importantíssimo no ambiente escolar e na sociedade como forma de aperfeiçoamento na construção de habilidades usuais.

Pode-se perceber que, a leitura hoje é considerada direção básica, meio de interação e tem exigido muito das pessoas como forma de comunicação e sobrevivência, sendo a escola o lócus principal para o desenvolvimento dessa habilidade. A figura do professor aparece como modelo e mediador nesse processo de criação e aquisição de conhecimentos.

Nas palavras de Soares (1998, p.18) “Nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e, sobretudo, levar os indivíduos crianças e adultos a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita”.

Nota-se que, há grandes dificuldades para motivar o aluno para o ato de ler. Formar leitores não é tarefa fácil, demanda muitas habilidades e compromisso por parte dos educadores. A leitura é um recurso que o professor precisa usar diariamente empregando vários gêneros narrativos para conquistar todos os alunos, despertando o anseio e o gosto pelo estudo.

O ato de ler não é ingênuo e simples, até porque existem vários tipos de leituras. Dentre elas, estão as literárias que são instrumentos de uma riqueza cultural bastante ampla e que proporcionam o exercício da criatividade, inserindo desde cedo a criança no mundo letrado.

Gêneros textuais, jornais, revistas, poesias e livros com diversas abordagens, também devem ser trabalhados diariamente como forma de incentivo, mostrando o grande número de textos que se apresentam cotidianamente.

Ensinar a ler é tarefa intensa, é reconhecer o que a criança já sabe, o que ela já domina e apresentar atividades e estratégias para ensinar a ler sem transformar a hora da leitura em um momento monótono e desinteressante.

Apresentar o livro à criança desde pequena contribuirá positivamente para sua formação na leitura e escrita. Segundo Renata Junqueira, coordenadora do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil Maria Betty Coelho Silva (CELLIJ) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Campus de Presidente Prudente,¹ "os livros são um ótimo caminho para ampliar o universo cultural dos pequenos porque permitem entrar em contato com situações desconhecidas".

Ao contemplar a riqueza das obras literárias, a criança é capaz de ir além do imaginário. A escolha certa de livros que apresentam textos ricos e bem escritos é o caminho para prender a atenção das crianças incentivando o hábito de ler.

Ouvir a opinião de cada criança é fundamental, sabendo que todas podem ter uma visão diferente sobre a obra trabalhada. Há também díspares formas de chamar a atenção dos pequenos, variando o jeito de incentivar a criança a ler e ouvir, deixando a criança pensar, imaginar o que vai acontecer, usando as estratégias de antecipação. Para Morais:

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados. (MORAIS, 1996, p.13).

¹Publicado Revista Nova Escola Edição 234, Agosto 2010. Título Original: Para começar, muitos livros.

Portanto, sabe-se que há várias leituras e estas estão presentes em todas as situações cotidianas da nossa vida e exigem uma ampla visão de compreensão. O texto apresenta a cada leitor individualmente vieses diferentes, capazes de estimular os sentimentos enriquecendo a escrita, o vocabulário e construindo um estilo cognitivo mais avançado.

A leitura é uma atividade primordial na construção do sujeito. O educador precisa colocar em prática sua criatividade, proporcionando um ambiente rico, agradável e facilitador, de forma a estimular o aluno a se interessar e se apaixonar pelo ato de ler através de algumas ações: comentando livros, poesias, promovendo coletânea de livros de contos e produções, invadindo a realidade dos alunos, deixando na sala de aula um acervo para que as crianças tenham contato na hora do conto e em outros momentos no decorrer da aula.

O educador que tem o hábito de ler com frequência é um grande facilitador dentro do espaço escolar atuando como mediador entre o estudante e as diversas dimensões do mundo da leitura fazendo o aluno viajar, criar e imaginar.

A família também é grande estimuladora da leitura de seus filhos.

Segundo Morais (1994, p.129) “É importante dizer também o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos ou folheiem com eles um álbum de literatura infantil, levando-as a dizerem o que imaginam que irá acontecer na página seguinte depois de virada”.

Portanto, sabe-se que os pais precisam estimular os filhos para o ato ler. Segundo Almeida, quando os pais têm a consciência de que a leitura é essencial para a formação cognitiva dos filhos, os resultados se mostram positivos:

É importante ressaltar que o interesse pela leitura advém muitas vezes do fato de se ter ouvido histórias. Pais que leem livros para seus filhos contribuem de forma visível para o desenvolvimento da leitura e da literatura, estimulando a linguagem e a tendência de criar o hábito de bom ouvinte. (ALMEIDA, 2013, p. 279).

Vale dizer ainda, que seria muito interessante que os pais apresentassem seus filhos com livros, em datas como aniversários e dia das crianças. Atitudes assim, dizem para a criança o valor atribuído aos pais para o ato de ler.

Pesquisas revelam que as possíveis causas dos filhos não terem o hábito de ler podem estar relacionadas à carência de estímulo dos pais que também não foram incentivados a esse hábito na infância. Baseada na pesquisa realizada em 2009 observa-se que:

Os pais brasileiros estão longe de figurar entre os mais participativos na rotina escolar. Enquanto nos países da OCDE (organização que reúne os países mais ricos) 64% deles se dizem atuantes, no Brasil esse dado costuma variar entre 20% e 30%, dependendo de quem dá o número. Parte do flagrante desinteresse se deve à baixa escolaridade de uma enorme parcela dos pais, que não permaneceu na escola tempo suficiente para aprender a ler, tampouco para consolidar o hábito do estudo de modo a passá-lo adiante. (REVISTA NOVA ESCOLA, ed.2124, AGOSTO 2009).

Percebe-se então, que, o desinteresse pela leitura ainda é muito grande no nosso meio devido à baixa escolaridade dos pais. Estes, com poucos conhecimentos, às vezes não acham necessário incentivar os filhos para o ato de ler causando-lhes o desinteresse pela leitura e assim fica delegado à escola, o papel de estimulador e orientador, para se criar no aluno o desejo e o gosto pela leitura e pelo estudo. Segundo Freire (1982, p. 59) “Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar, e não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário”.

Percebe-se que a tarefa de ler demanda muita disciplina e compromisso, é necessário que o leitor entenda e compreenda o que está escrito. Ler é fazer novas descobertas é perceber o sentido das coisas, é inteirar-se das coisas que circulam no mundo.

² O presente artigo publicado na Revista Veja Ed. 2124/05 de agosto de 2009. Título original: Educação, Lição de casa para pais, não possui número de página como pode ser observado no site: <http://vejaabril.com.br/050809/licao-casa-pais>.

É preciso que o aluno estabeleça horários de estudos, não como forma de obrigação, mas pelo interesse, pelo incentivo, tornando-se mais autônomo buscando entender melhor sua inclusão na sociedade. Essa temática requer que o docente tenha absoluta consciência do seu papel, buscando aperfeiçoamento e envolvimento que possibilitem a esses alunos o pleno desenvolvimento da leitura. Segundo Freire:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados. (FREIRE, 2003, p.5-6).

Importante esclarecer que é através do conhecimento e do diálogo em sociedade que a criança relaciona-se com o meio em que vive. Assim a criança já chega à escola portando informações, que são os conhecimentos que a criança traz de casa do seu convívio diário.

Cabe ao professor estimular o imaginário da criança, instigar o que a criança já sabe e usar esses conhecimentos para agregar novos.

Há uma série de competências que podem ser direcionadas para que a leitura seja compreendida pela criança usando os conhecimentos de mundo para entendê-la, buscando informações que sejam significativas, instigantes, que despertem emoção e que sejam atraentes.

A escola mostra os segredos da didática para a leitura ser fluente, incentiva a ler bonito, mas cabe também ao aluno exercitar a prática diária, uma vez que a leitura é uma habilidade, um exercício contínuo. Segundo Rozendo (1980, p.14). “Ninguém gosta de fazer o que lhe é difícil. Seguindo a lei do menor esforço, se a leitura nos for penosa, nós a deixamos de lado, procurando outras fontes de informação, o entretenimento.”

A leitura só será um prazer e só trará algum benefício para quem lê, se não for dura. Para uma criança a TV, a Internet, os jogos, são mais chamativos, e atraem mais que ficar sentado lendo livros.

Diante disso, é preciso que os pais determinem um horário para cada atividade dos filhos e uma delas é o horário de estudo. Se os horários forem planejados, se houver um combinado entre os pais e os filhos certamente a leitura não será tão árdua, porque vai haver também um horário para as atividades de entretenimento.

Hoje, o professor se depara cada vez mais com a grande quantidade de alunos que menos se interessam pela leitura e escrita e conseqüentemente apresentam uma enorme dificuldade na aprendizagem.

Em entrevista à Nova Escola, publicado em Fevereiro de 2000, Telma Weisz educadora e Doutora em Psicologia da Aprendizagem pela Universidade de São Paulo (USP), uma das criadoras dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª séries e consultora do MEC para projetos de formação de professores considera que:

Durante os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, a maioria dos professores continua alheia às mudanças previstas nos Parâmetros Curriculares. Eles não ensinam os alunos a ler diferentes tipos de texto só martelam a cartilha. A partir da 5ª série, no entanto, a adaptação está sendo mais rápida e a escolaridade já depende da capacidade do aluno de aprender a aprender. Na vida real, o que se vê é um professor de História da 6ª série, por exemplo, distribuir um texto em sala. Os alunos leem, mas não entendem nada, e alguns são reprovados. Daí cria-se um jogo de empurra. O professor de História acha que não é obrigação sua ensinar o menino a ler e culpa o de 1ª a 4ª. Esse, por sua vez, engana-se ao acreditar que não tem de ensinar a ler textos históricos. Enquanto isso, o pobre do estudante fica ao deus-dará. (REVISTA NOVA ESCOLA³, FEVEREIRO, 2000).

Diante dessa realidade percebe-se que, ainda existem escolas que continuam alfabetizando de maneira tradicionalista, e de certa

³ O presente artigo publicado em Nova Escola Fevereiro 2000, não possui número de página como pode ser observado no site a seguir: <http://www.revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/culpa-pelo-fracasso-nao-aluno-423526.shtml>

forma inadequada. Alguns professores ainda têm medo do novo, de mudanças e inovações, isso empobrece e desencanta o ensino.

Assim, o que se pode perceber na escola é um professor jogando para o outro as responsabilidades, procurando o culpado sem ter o compromisso de ajudar o aluno.

É evidente que diferentes tipos de textos precisam ser trabalhados em conjunto com as demais disciplinas fazendo uma contextualização. Isso tornaria o ensino mais prazeroso e eficaz, tentando resgatar o que o aluno não aprendeu no tempo determinado pela faixa etária.

Com base no que diz Telma, procurar o culpado do aluno não ter aprendido só irá causar mais constrangimentos e demora pra resgatar o que ele não aprendeu, como se ninguém se importasse com a aprendizagem desse aluno. Diante desse fato, pode-se perceber que o incentivo à prática da leitura desde a Educação Infantil é o maior motivador para que a criança se inclua de forma prazerosa no mundo dos livros, destacando que esse prazer é por toda a vida e em todas as áreas do conhecimento.

Há ainda um outro fator de peso que causa o desinteresse pela leitura, é o descompromisso do próprio professor. Uma das grandes dificuldades atualmente no incentivo à leitura no cotidiano brasileiro é a formação de profissionais que não são leitores assíduos. A maioria só lê o que lhes é interessante ou o que precisa ser trabalhado na sala de aula. Isso implica na formação negativa de crianças leitoras, uma vez que o maior incentivador dentro da escola é o professor. Contudo, como um professor pode estimular uma criança a ser leitora se ele próprio não gosta de ler? Segundo Maia (2007, p. 32). “A escola até consegue ensinar o povo a ler, porém não forma leitores”. Assim percebe-se que, é através da escola, da prática pedagógica que o docente ensina a ler e a escrever, mas são raros os que conseguem transformar seus alunos em verdadeiros leitores. Uma pesquisa realizada pela Nova Escola e Censo Escolar revelou que:

A cada dois anos, as escolas públicas de Educação Básica cadastradas no Censo Escolar recebem caixas de livros de literatura enviadas pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). No ano passado, foram contempladas as unidades de Ensino Infantil. Em 2013, serão as escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Cada segmento receberá 180 títulos. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2013, p.14).

Assim pode-se dizer que, o acervo literário é riquíssimo principalmente nas escolas públicas, onde é disponibilizada pelo governo, quase todos os anos, uma quantidade significativa de livros, não só didáticos, como também de clássicos literários. Isso desmistifica a pobreza das escolas quanto ao material didático de leitura. Sendo assim, cabe ao professor propiciar uma relação expressiva dos alunos, colocando-os em contato diário com os diferentes tipos de textos, utilizando de maneira adequada e disponibilizando-os de fácil acesso para todos. O professor precisa criar oportunidades de leitura, utilizando de portadores diversos, incluindo as narrativas encantadas. Em entrevista feita pela Nova Escola em Julho de 2008, Fanny Abramovich declara:

Contar histórias com paixão e não forçar a barra são formas de estimular a leitura. Muitos alunos meus, de 40 anos atrás, já me encontraram pela vida e ainda lembram do jeito como eu contava histórias. Eles não esquecem porque isso os marcou. Ler não pode ser hábito, tem de ser vício. E contar histórias, ler para as crianças, ajuda a "viciá-las". (REVISTA NOVA ESCOLA, 2008).

Segundo Abramovich, histórias precisam ser narradas diariamente. E deve ser feito com emoção, paixão para estimular o ato de ler tanto do contador quanto do ouvinte liberando suas emoções durante a leitura. Professores que são verdadeiros leitores e contadores de histórias fazem a diferença na vida de seus educandos. Tarefa essa, que segundo a autora, deve tornar-se mais que um hábito, mas envolver professores e alunos como um vício.

Para a autora, as crianças ainda gostam de ouvir boas histórias, porém a desmotivação maior é dos professores, que inclusive está lendo menos, e isso acaba contaminando o aluno a não gostar também de ler.

Somando-se à inércia do professor, atualmente não se faz como antigamente que se ouviam as histórias sentadas no chão ou saíam da sala para procurar um lugar ao ar livre. O encantamento foi se afastando e com ele o prazer de ler e ouvir.

Com os novos recursos que surgem através da tecnologia, vai se perdendo a simplicidade do que era a verdadeira contação de histórias, acredita-se, que a modernidade tem tirado um pouco a emoção que se tinha antes ao se ouvir uma boa narrativa.

É preciso buscar um novo viés para efetivar a prática da leitura, mas não basta somente isso, precisa acima de tudo, de educadores apaixonados pela leitura, que incentivem o aluno para o ato de ler.

Outro aspecto relevante para o ato de ler são os suportes oferecidos para uma leitura atrativa, cabe à escola promover recursos que facilitem o enriquecimento da leitura.

Como pode ser percebido por Maia (op.cit., p. 27). “Muito já se falou e escreveu sobre a importância da leitura na vida do homem, sobre causas e consequências da carência ou da ausência de leitura numa sociedade letrada e cada vez mais exigente no que se refere ao desempenho linguístico do falante.”

Entende-se que, a contribuição da leitura para a formação de leitores é fundamental como experiências para a prática diária, tanto para as crianças que estão começando a vida escolar no processo de alfabetização, quanto para os jovens e adultos que estão se inserindo no mundo do trabalho.

A sociedade busca cada dia mais pessoas capacitadas e dão maiores oportunidades àquelas cujo domínio linguístico é mais rico. Nos dias atuais exige-se o domínio e a compreensão da leitura. Pessoas que leem com maior frequência, conseqüentemente falam melhor, escrevem bem, se expressam com maior clareza e tem o nível de concentração mais elevado.

O professor como mediador na prática da leitura

A leitura é vista pelos educadores como um dos entraves para uma boa educação, devido ser algo que deve ser exercitado cotidianamente. A leitura precisa ser um exercício diário, que começa antes mesmo da escola com a leitura de mundo, dando continuidade na escola e se estendendo por toda a vida.

É fundamental trabalhar a leitura em todos os conteúdos, não se limitando apenas no Português e em Produções de Textos. O trabalho carece ser interdisciplinar abordando as outras disciplinas. A leitura precisa ser algo prazeroso e organizado, dessa forma compete ao professor criar estratégias que despertem a atenção do leitor, porque não satisfaz apenas ler é preciso compreender o que de fato se leu.

De acordo com Paulo Freire: “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE, 1991).

Segundo Freire é possível afirmar que, só depositar informações na cabeça da criança não é suficiente, é preciso que ela compreenda e vivencie o que leu. A leitura por memorização e a repetição de palavras soltas não leva a criança a compreender exatamente o que leu. É preciso criar vínculos entre professor, aluno e leitura estabelecendo a relação significativa e primordial no desenvolvimento da leitura.

Uma boa proposta para a prática da leitura é usar de métodos que envolvam conversas informais, extraíndo do vocabulário dos alunos palavras geradoras que envolvam a realidade das crianças. Isso configuraria num processo real para uma leitura fluente e significativa.

De acordo com Delaine Cafiero, com relação à leitura é indispensável perceber que:

Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e organizar o seu ensino. Se os sentidos não estão prontos no texto, é preciso contribuir para que os alunos criem boas estratégias para estabelecer relações necessárias à compreensão. Não adianta

mandar o aluno ler dizendo-lhe: “Leia porque a informação está aí”. Muito menos adianta mandar abrir o livro didático e copiar é mera atividade motora, não favorece o entendimento do texto. (CAFIERO, 2010, p.86).

Assim como foi dito por Cafiero, a leitura precisa ser interpretada de forma que o aluno se identifique com o texto, questione, levante hipóteses, sinta-se envolvido e consiga recontá-lo. E que não se torne um exercício motor de quem lê por ler e responde somente questionários sobre o que leu, mas é preciso interpretar e vivenciar o texto proposto.

Alguns alunos até conseguem interpretar o que leem, mas há outros que não conseguem questionar ou responder por que não processaram ou não assimilaram as relações contidas no texto. É nesse momento que entra a intervenção do professor, mobilizando e estimulando o aluno para relacionar e apreender as informações. Na citação a seguir, Cafiero propõe as seguintes indagações:

Por isso, ao planejar uma aula de leitura, é importante se questionar: o que o aluno já sabe sobre o texto a ser lido? Como posso contribuir para que ele mobilize os conhecimentos que já tem? Como contribuir para que construa um conjunto de conhecimentos importantes para a compreensão, como saber para que o texto foi escrito, quem o escreveu, em que época, com que intenções? (CAFIERO, op.cit., p.87).

Dessa forma percebemos que, o professor precisa se atualizar frequentemente e planejar suas aulas com excelência. E é imprescindível que atribua algumas investigações acerca de determinadas orientações sobre o que o aluno já sabe e o que precisa saber, o que precisa ser trabalhado para que ele absorva de forma significativa e que promova de fato um aprendizado satisfatório mediante o ato de ler. Refletir juntamente com o aluno o que o autor quis dizer com seu texto, delimitar a época, o tempo, o espaço, a sociedade, o gênero retratado, se é literatura, romance, crônica dentre outros. É preciso que o professor estimule o aluno a pensar, refletir e familiarizar-se com o que leu.

Não deixar que o aluno faça leituras aceleradas, ler simplesmente por que tem que ler, mas orientar de forma coerente para que haja uma compreensão satisfatória do que foi determinado. Ler para compreender melhor, para saber responder, para saber administrar o meio em que vive e saber que o que ele está lendo tem algum objetivo.

Percebe-se então que, o papel principal é do professor, de proporcionar alternativas e vínculos entre aluno e a leitura, quando esse aluno não tem contato direto com o livro em casa. Há crianças que chegam à escola e já têm contato com o livro desde muito pequenas, há, porém, outras, que chegam e a relação se estabelece nesse momento. Assim cabe ao professor o desafio de colocar essa criança em contato com o livro e com variados portadores de textos, mediando a sua formação de leitor eficiente.

A falta de incentivo, um dos obstáculos do fracasso na leitura

Na tarefa de estimular a leitura, é de fundamental importância que os professores sejam o maior exemplo dos alunos dentro da escola, O professor precisa ser referência de leitor frequente.

Os alunos percebem quando o professor não tem interesse e entusiasmo pela leitura, é necessário que na sala de aula, quando os alunos estão lendo o professor não faça outras tarefas, mas também leia juntamente com a turma, priorizando este momento. Segundo Lajolo:

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. E esse não é infelizmente, o perfil comum do professor. (LAJOLO, 1994, p.108).

Sem perfil de leitor o educador não contribuirá efetivamente para o exercício de ler. Como pode o professor incentivar o educando a realizar algo se nem ele mesmo gosta de fazê-lo? Um educador comprometido com a leitura e o letramento necessita apresentar feição de leitor ávido.

Dessa forma, pode-se entender que o professor que não gosta de ler tem mais chances de não formar alunos leitores. Em contrapartida, o professor que compreende o seu papel na formação de leitores, vai desempenhar função relevante na formação de alunos que leem com maior frequência, melhor fluência e maior entendimento.

Estratégias que possibilitam uma boa leitura

Segundo Cafiero (op.cit., p.96) “Estratégias são ferramentas cognitivas, mas que podem ser desenvolvidas por meio de atividades sistemáticas e bem planejadas. Bons leitores utilizam estratégias que lhes permitem ler tirando o máximo de proveito e economizando recursos cognitivos”.

Enquanto professor, uma das funções é criar e recriar oportunidades e estratégias de leitura para despertar na criança o gosto para o ato de ler. Auxiliando a fluência, na contextualização dos textos, tirando proveito daquilo que leu. Permitindo debates, partilhando trocas de ideias e opiniões para ver o ponto de vista de cada um. Esse momento de leitura pode ser coletivo ou individual.

Algumas estratégias de leitura são valiosas ferramentas na mão do professor. Dentre elas podemos sugerir que o educador ao conduzir o ato de ler faça perguntas sobre o texto; solicite a localização de informações explícitas e implícitas; organize táticas para que o aluno leia o texto até o fim; oriente o aluno a prestar atenção às saliências do texto, isto é, às aspas, negritos, itálicos; trabalhe textos lacuna dos para o aluno completar com seus conhecimentos prévios, leve o aluno a relacionar as imagens ao texto e identificar a finalidade do mesmo.

Assim, pode-se perceber uma grande variedade de estratégias a serem usadas no planejamento de atividades para a formação de leitores. O uso cotidiano destas estratégias no momento da leitura estabelece e proporciona uma relação mais clara e objetiva com a leitura.

Para Cafiero é imperioso que o professor:

Auxilie o aluno para que ele leia com fluência, sem gaguejar, sem escandir sílaba – seja você mesmo modelo de leitura para ele. Leia em voz alta para a turma; coloque os alunos para lerem uns para os outros, porque os próprios alunos são muito exigentes, mas são solidários e se ajudam mutuamente quando estimulados. Além disso, ler em voz alta é bom, mas o aluno não pode ser pego de surpresa. Ele tem de ter um tempo para preparar a leitura. (CAFIERO, op.cit., p.99).

Entende-se então, que o professor, no espaço da sala de aula precisa ser referencial de leitura para os alunos. Precisa também, ler em voz alta para que seus alunos percebam a fluência, a boa entonação e a própria emoção que envolve o ato de ler. O momento de leitura deve ser preparado com antecedência pelo professor. E o aluno precisa de um tempo para fazer sua leitura silenciosa, entender e analisar o que o texto está transmitindo, não pode ser pego de surpresa, como foi dito por Cafiero.

O aluno precisa de auxílio para ler e quem dá a direção é o professor. A leitura com fluência sem escandir, sem pequenos cortes, é primordial para que o aluno desenvolva suas potencialidades na linguagem e na escrita.

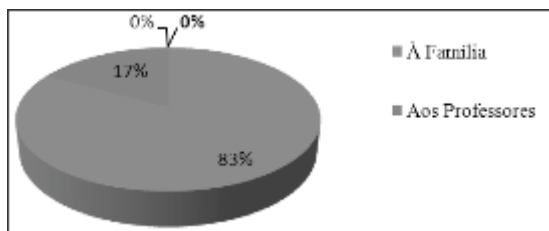
2- Um olhar sobre a pesquisa de campo: concepções sobre a contribuição da leitura para a formação de leitores

O objetivo da segunda abordagem é analisar a concepção de cada professor sobre a Contribuição da Leitura, bem como identificar conceitos e influências em seu trabalho de incentivar uma leitura fluente.

Análise e discussão dos resultados dos questionários aplicados aos professores

O atual estudo que consistiu na realização de uma pesquisa de campo é de modalidade qualitativa com alguns recursos quantitativos, o que permitiu analisar as contribuições da leitura nas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola X da rede pública Estadual na Cidade de João Pinheiro- MG, no ano de 2013.

Para melhor compreensão da amostragem do objeto de estudo, os resultados foram disponibilizados através de gráficos, o que possibilita uma melhor apreensão dos dados.



FONTE:
Pesquisa direta 2013.

De acordo com o gráfico 01, 83% dos professores pesquisados responderam que a responsabilidade de incentivar a criança para o ato de ler é dos pais e 17% dos professores responderam que a responsabilidades é dos professores. Assim percebe-se que o papel primeiro, de incentivador de crianças leitoras é dos pais.

A responsabilidade começa em casa, no entanto compreende-se que os pais estão transferindo todo o encargo da tarefa de incentivar a criança a ler para a escola. Essa situação vem apresentando implicações ao trabalho do educador, que tem se tornado mais complexo, pois são várias as competências e habilidade que ele precisa desenvolver nos educandos, somando-se a isso o de despertar o gosto pela leitura. Para Jolibert, a leitura em família deve ser algo natural.

Em contrapartida, ressaltamos o interesse do ler naturalmente com os filhos tudo que faz parte da vida familiar e responde a uma necessidade: as embalagens dos alimentos, os cartazes das lojas, os painéis na rua ou nas rodovias, as programações de televisão, a publicidade, etc. Os pais revelam o interesse em aceitar ter uma criança curiosa perto de si ou no colo quando folheiam o jornal diário ou uma revista semanal. (JOLIBERT, op.cit., p. 129).

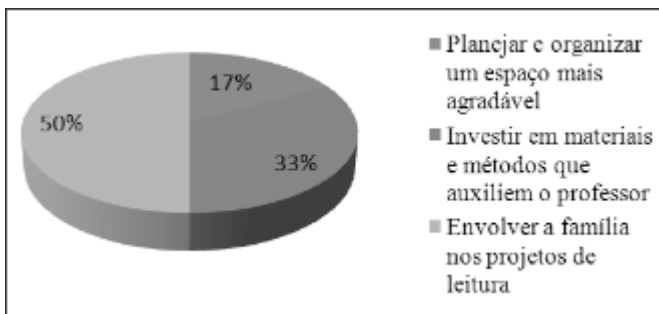
Pais que leem para os filhos fazem a diferença, pois exemplificam esse ato para as crianças. Mesmo quando a criança ainda não sabe ler é preciso que ela veja os pais lendo, se envolvendo com os livros, revistas, jornais ou até mesmo quando saem juntos à rua e se deparam com variados portadores de textos. As crianças são curiosas, principalmente quando estão aprendendo a ler, tudo que elas veem desperta nas mesmas o desejo de saber o que está escrito e começam a soletrar tentando descobrir o significado das palavras.

A família exerce grande influência na vida dos filhos, tanto para o que é bom quanto para o que é ruim, uma vez que a criança reflete o que vivência no seu dia a dia. Os pais tem o dever de incentivar os filhos na prática da leitura fazendo desse momento um hábito. Mostrando para os filhos que é prazeroso ler e não uma obrigação de todos os dias. É primordial que a escola construa uma boa relação com a família e que os pais sejam parceiros da escola. “Os pais são também nossos correspondentes privilegiados, nossos parceiros” Jolibert (op.cit., p.130).

Portanto, ainda que os dados obtidos na pesquisa revelem que à família compete a responsabilidade pelo estímulo ao ato de ler, entendemos que família e escola precisam andar juntas em benefício de uma construção sólida das práticas de leitura dos alunos.

GRÁFICO 02 – O que você considera possibilitar ao educador melhores condições de realizar projetos de leitura na escola?

Fonte:
Pesquisa Direta
2013.



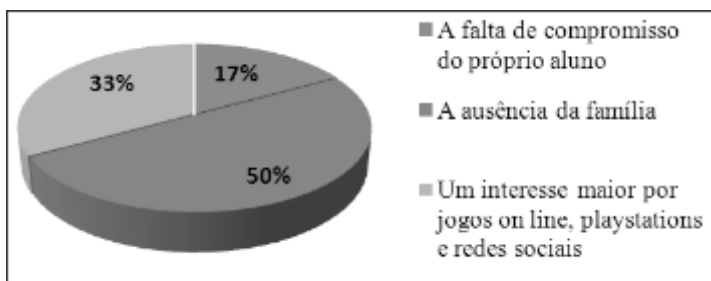
De acordo com o gráfico 02, 17% dos professores entrevistados responderam que planejar e organizar um espaço mais agradável na escola fornece ao educador melhores condições de realizar projetos de leitura e 33% responderam que investir em materiais e métodos que auxiliem o professor é mais importante para se realizar mais projetos. Porém, 50% dos professores pesquisados disseram que envolver a família nos projetos é primordial para o alcance dessa meta.

Se a família não colabora com a escola para a realização de projetos tudo fica mais difícil. Aqui mais uma vez se percebe que o apoio e o envolvimento da família são elementos necessários para a contribuição da construção de ideias e valores relativos à leitura.

É necessário que os pais participem de projetos de leitura na escola. Os filhos se sentem importantes e orgulhosos quando os pais chegam à escola para as apresentações de peças, oficinas, reuniões de pais e os projetos de leitura.

Destacamos que embora os percentuais tenham sido menores nos dois primeiros itens abordados, o ato de planejar boas estratégias de leitura, somado a uma boa metodologia e materiais adequados contribuem também efetivamente para a boa formação de crianças leitoras.

GRÁFICO 03 - O que causa no aluno o desinteresse por uma leitura frequente?



Fonte:
Pesquisa direta:
2013.

Conforme pode ser observado no gráfico 03, 17% dos professores entrevistados responderam que a falta de compromisso é do próprio aluno o que causa o desinteresse por uma leitura frequente. 33% responderam que os alunos têm um interesse maior por jogos on line, playstation e redes sociais. Mas 50% dos entrevistados responderam que a ausência da família é que causa no aluno a desmotivação para ler.

De acordo com a análise do gráfico as famílias devem participar mais da vida escolar dos filhos. Com a correria do dia a dia, as famílias andam muito ocupadas e não tiram tempo necessário para irem à escola ou até mesmo se envolverem com projetos, gerando nos filhos o desencanto até mesmo de irem à escola.

Alguns alunos têm enfrentado muitas dificuldades em realizar a leitura de forma satisfatória, tornando-se assim maus ouvintes, maus leitores e conseqüentemente maus escritores, às vezes até pelo fato de os recursos tecnológicos serem mais atrativos que as histórias e a própria leitura. De acordo com Almeida:

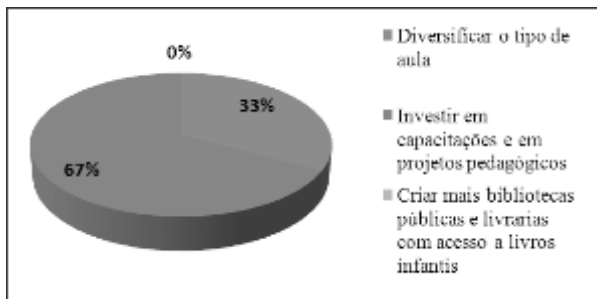
Em pleno século XXI, percebe-se uma grande lacuna, deixada pela falta de contadores de histórias. As pessoas, apressadas, não conseguem mais tempo para se dedicarem a tal ato. As crianças são estimuladas pela tecnologia a assistirem pela TV, computador e Internet, a outras atividades que, com o passar do tempo, foram tomando o lugar da história. O resultado é que crianças, jovens e adultos, tornaram-se maus ouvintes, maus leitores, maus escritores, maus oradores, incapazes de se expressarem claramente tanto na fala como na escrita. (ALMEIDA, op.cit., 262).

Assim, o envolvimento da família é fundamental em colocar horários específicos para o uso de recursos audio visuais modernos e para motivar seus filhos ao ato de ler, mas o apoio do professor juntamente com alguns métodos bem aplicados podem ajudar a motivar os alunos para a leitura.

Portanto, fica claro neste questionamento que embora o desinteresse pela leitura seja provocado em muitos casos pela falta de compromisso do próprio aluno e pela grande atração que jogos e redes sociais exercem sobre os mesmos, essa lacuna fica muitas vezes a ser

preenchida pela falta de dedicação e estímulo da família em priorizar os estudos e obviamente a leitura.

GRÁFICO 04- Que medidas você sugere para melhorar a leitura?



Fonte:
Pesquisa Direta
2013.

Conforme pode ser observado no gráfico 04, 33% dos entrevistados responderam que diversificar o paradigma da aula é a melhor maneira de chamar a atenção dos alunos e nenhum se posicionou favorável à criação de bibliotecas públicas e livrarias com acesso a livros infantis. Entretanto 67% sugerem que investir em capacitações e em projetos pedagógicos será, portanto o meio mais coerente de despertar um interesse maior pela leitura.

É função do professor conhecer os diferentes métodos de trabalho literário tornando-os motivadores e atraentes. É preciso ressaltar que toda leitura implica em uma postura que deve provocar no leitor uma reflexão, capaz de encantá-lo. Por isso o educador deve ter um bom planejamento que o auxilie a explorar a leitura com mais afinco.

O professor deve fazer um planejamento de sua ação para uma boa aula de leitura. É preciso antecipar situações que podem ocorrer, mediatizando com uma atuação positiva durante a leitura, para tornar esse momento mais proveitoso e eficiente. De acordo com Cafiero:

Em aula de leitura, não pode ter improviso. O professor, ao entrar na sala de aula, precisa saber que tipo de dificuldades os textos podem impor a seu aluno. Ao preparar o texto que será lido em classe, o professor prevê sua atuação como mediador: conhecendo seus

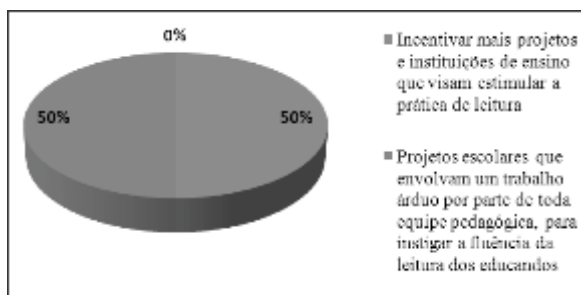
alunos e conhecendo o texto a ser lido, poderá propor estratégias de leitura que minimizam as dificuldades. (CAFIERO, op.cit., p.94)..

Nas palavras de Cafiero o planejamento é algo insubstituível, o professor jamais poderá ir para uma aula de leitura sem se preparar adequadamente. Alguns textos apresentam algumas dificuldades que o professor precisa conhecer antes de entrar na sala de aula. Caso ocorra dúvidas o professor já está preparado para lidar com as variadas situações tanto no texto quanto com alunos que apresentam dificuldades em compreender o que leu.

Através das respostas dos educadores entrevistados percebe-se que, investir em projetos e capacitações pode ajudar a melhorar o incentivo à leitura, uma vez que essas capacitações disponibilizarão recursos para tornar as aulas mais agradáveis e atrativas.

GRÁFICO 05 - A leitura é um processo contínuo e algumas crianças encontram dificuldades em decifrar textos estendendo até a fase adulta. O que pode ser aconselhável para minimizar essas dificuldades?

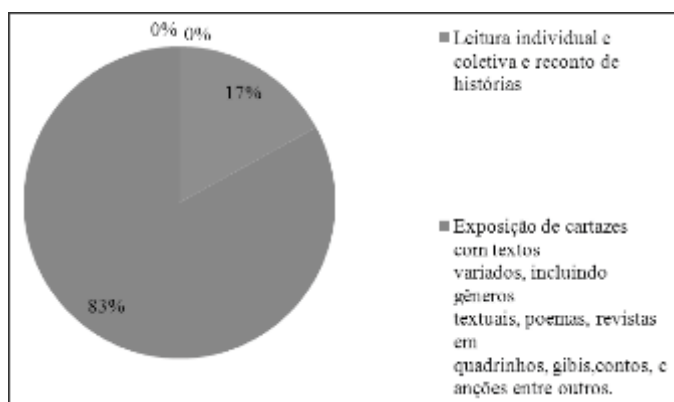
Fonte:
Pesquisa Direta
2013.



Segundo o gráfico 50% dos professores entrevistados responderam que incentivar mais projetos e instituições de ensino que visam estimular a prática da leitura é primordial para minimizar dificuldades que possam surgir nas crianças em decifrar textos. 50% dos entrevistados responderam que projetos escolares que envolvam um trabalho árduo por parte de toda equipe pedagógica, para instigar a fluência da leitura dos educandos é essencial para minimizar dificuldades que possam surgir até a fase adulta.

Portanto, tanto os projetos a nível institucional quanto os projetos a nível escolares, são fundamentais para trabalhar os aspectos que envolvem o ato de ler. É importante que cada agente escolar assuma com responsabilidade seu papel de estimulador da competência em leitura. Quando instituição, profissionais e família concretizam parcerias o resultado conseqüentemente será positivo.

GRÁFICO 6- Que práticas você costuma usar para desenvolver uma leitura mais compreensiva?



Fonte:
Pesquisa Direta
2013.

Analisando o gráfico 06, percebemos que 17% dos entrevistados responderam que a leitura individual e coletiva e reconto de histórias proporcionam ao aluno uma leitura mais compreensiva dos textos abordados.

Em contrapartida 83% dos entrevistados responderam que exposição de cartazes com textos variados, incluindo gêneros textuais, poemas, revistas em quadrinhos, gibis, contos letras de canções entre outros proporcionam ao aluno melhores condições de desenvolver uma leitura mais abrangente.

Sendo assim, percebe-se que para tornar o ato de ler mais eficiente é necessário dispor de textos variados. Nesse momento é imprescindível entender como os alunos lidam com a leitura de forma geral, como eles enfrentam os desafios que os textos apresentam, pois é a partir da leitura que o aluno se inclui na realidade em que está inserido. Dessa forma é necessário que essa prática seja trabalhada com mais tenacidade, proporcionando a criação de hábitos e habilidades linguísticas.

Fator interessante foi revelado pela nulidade da opção da leitura de memorização. O que pode ser entendido que para a educação contemporânea tem-se atribuído mais valor ao letramento do que à alfabetização propriamente dita.

Metodologias construídas pelos educadores da escola x para melhorar o interesse pela leitura em sala de aula

O objetivo deste subtema é analisar a questão aberta, o que possibilitou aos entrevistados a liberdade de expressão sobre as estratégias por eles utilizadas no incentivo à prática da leitura.

Descreva uma estratégia que você usa para levar a leitura para a sala de aula de forma atraente e prazerosa, capaz de transmitir ao aluno interesse por variados tipos de textos.

Entrevistado 1- *Tendo em vista o crescente desinteresse pela leitura e a falta de incentivo familiar é fundamental que o professor proporcione ao aluno um ambiente agradável para estimular a leitura, sem que o aluno sintam-se obrigado a ler. Existem várias estratégias capazes de estimular o aluno para tal processo: utilização de textos coloridos e com figuras, uso de revistinhas como Turma da Mônica, varais de leitura, etc.*

Entrevistado 2 - *Antes da leitura do texto, exploro bastante o título, uso objetos concretos que tenham haver com o assunto principal.*

Entrevistado 3 - *Buscar estratégias favoráveis para que o aluno tenha uma leitura prazerosa como um todo, visando à interação da equipe pedagógica para estimular o educando no desenvolvimento da leitura.*

Segundo os professores entrevistados existem várias formas para incentivar a criança para o ato de ler. Os variados tipos de textos, exploração do título, objetos concretos, figuras e interação são elementos favoráveis para incentivar a criança a ler textos diferenciados com prazer. As metodologias utilizadas pelos professores são muito importantes, pois são recursos usados para alcançar a motivação pelo ato de ler e conduzir o aluno para uma boa formação de leitores.

É através destas práticas que se constroem oportunidades para que os alunos reflitam seu esforço de aprenderem a ler com satisfação e descubram seu estilo e ler. Esses métodos são algumas possibilidades, um olhar mais atento dos professores, com o objetivo de sensibilizar os alunos para a leitura.

Entrevistado 4 - *Normalmente levo Literatura Infanto Juvenil, livro de acordo com a faixa etária de cada turma, reconto de histórias, paródias, tudo para levar o aluno a se interessar e ler bons livros, com o tempo eles tomam gosto pela leitura e levam como hábito para toda a vida.*

Entrevistado 5 - *Uma forma bastante prazerosa de leitura em sala de aula é através da elaboração de textos pelos alunos, neste momento eles tem uma facilidade muito grande para fazer reconto, neste momento pode ser preparado um ambiente agradável para a leitura de outros textos diferentes, às vezes até os textos dos próprios colegas. Um tipo de texto que sempre tem um resultado positivo são os gibis.*

Entrevistado 6 - *É importante levar para a sala de aula dando de preferência aos gêneros da esfera literária tais como: histórias, contos, fábulas poemas, lendas e outros podendo também*

incentivar outros gêneros da esfera social, tais como: notícias, anúncios, propagandas, avisos, bilhetes, cartas, e-mail, conforme o desejo do aluno. Trabalhar com a participação de todos os alunos com brincadeiras, bingo, músicas, teatro, exposição de cartazes, conto e reconto visitas à biblioteca da escola e biblioteca municipal, filmes, pesquisas, deleite e roda de conversa.

De acordo com os professores entrevistados, existem variados tipos de portadores de textos que podem ser levados para sala de aula para trabalhar com os alunos.

Tanto os portadores de textos da esfera literária quanto os da esfera social despertam uma grande satisfação nos alunos quando trabalhados com criatividade. Os da esfera social causam no aluno maior interesse porque trabalham com textos que eles estão em contato no dia a dia, como por exemplo, e-mail, anúncios, propagandas entre outros. Os literários possibilitam o prazer, o encantamento, estimulam a criatividade.

Outra forma é usar textos feitos por eles mesmos para serem trabalhados na sala de aula, isso causa uma motivação maior, porque eles se sentem importantes quando veem que os textos produzidos por eles mesmos estão sendo trabalhados com os colegas.

E assim, cada professor explora sua capacidade para desempenhar seu papel de forma significativa para motivar a criança a ler, escrever de forma adequada preparando-os para a vida. Os assuntos destacados pelos professores são variados, e fundamentais para proporcionar aos alunos à criatividade e a afetividade.

O repensar dos professores quanto aos métodos utilizados, é que em qualquer circunstância, o sucesso da leitura, a satisfação dos alunos e a construção de leitores se apresentam na mesma proporção da criatividade do professor.

Se o professor é criativo, ousado capaz de buscar estratégias inovadoras, participar de capacitações que aumente seus conhecimentos e atencioso quanto ao cumprimento de um trabalho eficiente, certamente contribuirá de forma satisfatória para a formação de leitores ávidos e letrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, o ato de ler é fundamental para a formação de leitores. Pessoas que leem com maior frequência tem mais facilidade para se expressar, falam melhor, entendem melhor, se relacionam positivamente com a própria vida.

Espera-se com expectativa que o presente estudo, possa de alguma forma despertar reflexões sobre atitudes a serem adotadas no processo de leitura.

Concluimos que o papel da família juntamente com a escola é essencial para essa construção positiva na formação de leitores fluentes e eficientes.

As crianças estão lendo cada vez menos e apresentam sérios problemas de interpretação. Grande parte dos alunos não conseguem produzir pequenos textos, devido à deficiência na leitura, e as consequências se refletem em altos índices de defasagem na aprendizagem.

Daí surge à necessidade de se criar projetos e estratégias que envolvam a criança de maneira prazerosa, para que ela alcance a leitura como algo admirável, envolvente e importante para a vida, fazendo da leitura um hábito constante.

É preciso que os pais sejam exemplo marcante de leitores, e instiguem os filhos para o ato de ler, colocando-os sempre em contato com os livros e que os professores busquem novas formas e estratégias de estimulação.

Nas reflexões abertas respondidas pelos professores foi possível analisar as estratégias mais usadas para incentivar a criança a ler. Percebe-se que, as maiores dificuldades enfrentadas por eles é a falta de compromisso da família em incentivar a criança para o ato de ler.

As práticas utilizadas pelos educadores para incentivar o gosto pela leitura esperam a participação dos pais, em contrapartida a família devolve para a escola a responsabilidade de incentivar a criança a ler. Dessa forma necessita-se urgentemente de uma ação planejada e conjunta entre família e escola, uma vez que o que se busca é a consolidação de uma prática de leitura fluente e criativa, capaz de suprir as necessidades cotidianas na sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marilda de Souza. ALTUS CIÊNCIAS - Revista Acadêmica Multidisciplinar da Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP, ano 1. n 1. v 1. Jan a Dez. 2013. **A Contribuição da Contação de Histórias para o Desenvolvimento Humano.** p. 261-294.

BAMBERGER, Richard, **Como incentivar o habito e leitura.** Ed. Ática, São Paulo, 2006.

CAFIERO, Delaine Bicalho, **Letramento e leitura: formando leitores críticos.** Língua Portuguesa: Ensino Fundamental. DF- BRASÍLIA: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** Ed. São Paulo: Cortez, 2003

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura.** São Paulo: Moderna, 2001.

MAIA, Joseane, **Literatura na formação de leitores e professores.** Ed. Paulinas, São Paulo: 2007.

MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

ROZENDO, Eli dos Santos. **Por que lemos mal e como ler e estudar melhor.** Ed. Ediouro, 1980.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica. 1998.

SIGNIFICADOS E SIGNIFICANTES NA CONSTITUIÇÃO COGNITIVA DO ALUNO, DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA PRIVADA NO MUNICÍPIO DE JOÃO PINHEIRO

Maria Conceição Ferreira*

Resumo: Este artigo trata-se dos significados e significantes na constituição cognitiva do aluno em Processo de Alfabetização, visto que é no lugar do outro que se desenrola a cadeia significante que nos determina, que fazem parte de todos nós e, em especial, da vida da criança, pois a linguagem é propulsora do desenvolvimento cognitivo dos alunos e está presente tanto no aspecto social como no escolar e propiciam novas experiências potencializando a aprendizagem. Sendo a escola um lugar de diversidades em todos os aspectos culturais, emocionais e socioeconômicos, a qualidade e a quantidade de significados e significantes vivenciados podem colaborar no desenvolvimento cognitivo da criança. Partindo desse pressuposto, procurou-se investigar e analisar como os signos, significados e significantes podem contribuir no processo do desenvolvimento da linguagem da criança do 1º ano de alfabetização de uma escola privada de João Pinheiro-MG nos anos de 2013/2014. Para a coleta de dados o método usado foi quali/quantitativo empregando como instrumento entrevistas com professores e pais dos alunos e da revisão bibliográfica como suporte teórico.

Palavras-chave: Linguagem. Significado e significante. Desenvolvimento cognitivo. Alfabetização infantil.

* Graduada em Pedagogia pela Faculdade Noroeste de Minas Gerais; Pós-Graduada em Psicopedagogia. Diretora do Centro Educacional Moranguinho Professora de Alfabetização e Letramento do Curso de Pedagogia da Faculdade cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail:

Abstract: This article is in the meanings and significant cognitive constitution of the student in Literacy Process as it is in place of the Other that unfolds signifying chain that determines us, part of us all and, in particular, the life of child, because language is propelling the cognitive development of students and is present in both social as in school and provide new experiences enhancing learning. Being the school a place of diversity in all cultural, emotional and socio-economic aspects, the quality and quantity of meanings and can collaborate experienced significant cognitive development of the child. Based on this assumption, we sought to investigate and analyze how signs, meanings and signifiers may contribute to language development of the child 's 1st year classes of a private school in João Pinheiro, Minas Gerais in the years 2013/2014 process. For the data collection method used was qualitative / quantitative instrument employing as interviews with teachers and parents of students and the literature review and theoretical support.

Keywords: Language. Signified and signifier. Cognitive development. Childhood literacy

1 Introdução

Desde quando a criança nasce são potencializados os laços sociais. Quanto maior for esses laços maior será o potencial de aprendizagem. Se, para Lacan, é no lugar do outro que se desenrola a cadeia significante que nos determina, esta varia de sujeito para sujeito que internaliza e carrega em sua bagagem todos os significantes experimentados. Por este viés, os pais são constituintes de importante papel na construção psíquica da criança, por que para que a criança tenha curiosidade sobre o mundo a sua volta, é fundamental a sua passagem pela castração, embora traumática, pois recalca o desejo incestuoso mas não aniquila o desejo de continuar querendo saber sobre a sexualidade ;e é esse desejo de saber que é o motor da construção do conhecimento. Alguma coisa é “significada para o sujeito”, como diz frequentemente Lacan. Mas o que lhe é significado, o

que se sujeita à lei do significante, ou seja, o significado do significante é o desejo e a castração. (JURANVILLE, 1987, p.47).

Sendo a escola um lugar de diversidades múltiplas, culturais, socioeconômicas, emocionais essas diversidades de significados e significantes podem colaborar ou atuar negativamente no desenvolvimento cognitivo da criança da educação infantil em processo de alfabetização.

Dentro destas perspectivas e observando os diferentes comportamentos das crianças ao ingressarem na vida escolar faz-se necessário entender e auxiliar às famílias através de orientações para direcionar o desenvolvimento de seus filhos motivando-os a buscar o conhecimento sem nenhum contratempo.

Assim sendo este artigo tem como objetivo refletir sobre a situação pedagógica em face de construção do sujeito no processo ensino/aprendizagem a partir dos conceitos psicanalíticos de identificação, transferência, desejo de saber e perversão; fundamentar junto ao corpo docente os conceitos psicanalíticos para potencializar a práxis educativa; investigar as causas que comprometem as funções cognitivas e as dificuldades advindas da criança frente ao histórico familiar; analisar os dados obtidos na pesquisa de campo atinentes às dificuldades de aprendizagem e minimizá-los, com propostas de intervenção junto aos profissionais da área.

1.1. A Constituição do Sujeito

A curiosidade e o desejo de conhecer fazem parte do processo da vida, pois a criança aprende desde o nascimento, no entanto, a aprendizagem, que parece tão natural no desenvolvimento, pode apresentar dificuldades quando é chegado o momento de entrar para a escola. Essa etapa nova para muitas crianças é tranquila e cheia de descobertas, mas para outras é um processo doloroso, levando muito tempo para se integrarem à vida social e apresentando dificuldades na aprendizagem.

Descreve Lacan *apud* Zimerman (2001, P. 397) que o sujeito (a pessoa) se sujeita à cultura e atinge a ordem simbólica se ele vier a aceitar e reconhecer a castração. Dessa forma a criança que demora mais tempo para adaptar-se ao novo atrasa o processo de desenvolvimento, pois o vínculo com o professor e com os colegas é imprescindível para o desenvolvimento integral do aluno.

Muitos são os fatores que podem levar a criança a ter dificuldades na aprendizagem, e estes devem ser sempre remetidos a sua história de vida e a sua relação familiar, pois o não aprender pode estar ligado a um não saber, atuando como um sintoma, e remetendo, portanto, a um conflito inconsciente.

Entendemos como inconsciente um modelo tradicional que o sujeito tem que se lembrar de algo que ficou esquecido ou encoberto, mas para a psicanálise o inconsciente se refere a algo que não consegue aparecer, àquilo que nunca consegue surgir na vida do sujeito. São os conteúdos, vivências que foram reprimidos devido à situações como grande dor, à culpa ou à vergonha e que, portanto têm seu acesso à mente consciente vedado, como uma defesa, para que o indivíduo não permaneça em sofrimento constante.

É a mente inconsciente, com suas necessidades, seus desejos, suas emoções, sentimentos e conteúdos reprimidos que direciona a grande maioria das emoções, determinações e ações da mente consciente. O inconsciente pode ser definido como uma cadeia de significantes que insiste. Esta concepção modifica a maneira tradicional de ver o sujeito como alguém que pensa por si mesmo.

Como aponta (LACAN, 1996, p.37):

Freud está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente. É a este lugar que ele chama, uma vez que lida com os outros, o eu penso pelo qual vai revelar-se o sujeito. Em suma, Freud está seguro de que este pensamento está lá, completamente sozinho de todo o seu eu sou. Descartes não sabia, a não ser que fosse o sujeito de uma certeza e rejeição de todo o saber anterior - mas nós, nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que isso pensa antes de entrar.

1.2 O inconsciente e a linguagem

O inconsciente se manifesta por meio da linguagem, quando se fala o que não se pretende, troca-se ou esquece-se nomes (ato falho), ou faz-se piadas e brincadeiras, aparentemente ingênuas, mas ofensivas ou de caráter sexual (chistes); manifesta-se também por meio de sintomas psíquicos (medos e fobias, tristeza, amor e ódio, todos injustificados), orgânicos (doenças psicossomáticas), comportamentais (vícios: limpar excessivamente, organizar e repetir atos compulsivamente) e, ainda, por meio dos sonhos, obedecendo, sempre, o constante deslizamento entre o metafórico e o metonímico.

A manifestação do inconsciente ocorre, de forma igual, nos sonhos, na hipnose e no método clínico criado por Freud e por ele denominado de associação livre, em que o paciente, em estado de relaxamento, fala o que o lhe ocorre à mente, sem sentir-se vigiado ou censurado.

O inconsciente é definido como discurso do outro, este é o conceito ampliado e resignificado que Lacan desenvolveu em relação ao de Freud, baseado na sua teoria do significante.

Considerando tanto o ponto de vista cartesiano, quanto o linguístico, o sujeito é um lugar vazio, para se significar precisa adquirir características, que são dependentes e constituídos de significados e significantes que adquirimos no decorrer da vida; somos constituídos no discurso do Outro, todos os nossos projetos e nossas concepções são originados de outro significante.

Lacan diz que somos produto daquilo que desejam que nos tornemos e atribui à linguagem, com as significações sucessivas dos discursos dos pais e dos valores culturais que é no campo do Outro (inconsciente) que os significantes, de modo independente fazem ligação uns aos outros tornando-nos simplesmente como efeito da cadeia significante.

De acordo com (LACAN, 2002, p. 139).

O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali

um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal.

O pensamento e a linguagem são diferentes, mas é na linguagem que encontramos as significações, mesmo precárias, que nos protegerão contra o excesso de realidade de um mundo que preexiste antes da linguagem.

No início, tudo nos é estranho e é só através da mediação simbólica da linguagem que a realidade terá algum sentido. A linguagem humana é diferente dos animais, sendo a dos animais um competente sistema de comunicação fechados e binários, comunicam-se um para um, cada sinal corresponde a um único significado e que é entendido por todos os animais.

A programação mental humana é incompleta e múltipla, o sistema de comunicação é aberto e a linguagem que inventamos contém falhas, ela se estrutura desordenadamente, há flutuações nos sentidos das palavras- equívocos, deslizes de sentidos, lapsos de línguas, chistes, atos falhos, jogos de palavras, repetições, rasuras, lacunas, erros, tropeços. Para preencher essa falta simbolizamos. Como nos relata Lacan:

Ainda de acordo com (LACAN, 1966, p.297)

A fala tem uma função simbolizadora, mesmo aquela dirigida a criança antes que ela possa falar. Ela entra no campo da fala, mesmo se ela ainda não fala, porque a estrutura da fala preexiste à entrada que cada sujeito nela realiza. Isto acontece porque existem outros sujeitos, os seus predecessores que a fazem nascer. Então, a fala "...em sua função simbolizadora, ela não faz nada menos do que transformar o sujeito a quem se dirige, através da ligação que estabelece com aquele que a emite, ou seja: introduzir um efeito significante.

Mesmo antes de nascer a criança já é objeto do discurso, das fantasias e do desejo de seus genitores que por sua vez também são sujeitos moldados às estruturas linguísticas, psicanalíticas e histórico-

sociais. Por meio da linguagem a família e a escola transmitirão para a criança os saberes, os costumes, os valores de uma determinada comunidade na qual o sujeito está inserido.

Lajonquiére (2007, p.153) entende que:

Entende-se que a mãe dessa criança não funciona como uma tábula rasa: nela está habitada a lei, o desejo, a linguagem, ou, a lei da linguagem. Essa mãe que espera um filho pode esperá-lo ansiosa, desejante, feliz, tristemente... A maneira como essa mãe, sujeito assujeitado às leis estabelecidas pela linguagem histórico-social e os costumes geridos por diferentes culturas é que vai nortear os cuidados que ela terá com a criança.

Inicialmente mãe e filho estão imersos numa totalidade imaginária, um completando o outro, imaginando não haver falta alguma. A criança acredita o centro do amor da mãe, o significante do desejo de sua genitora. Desde pequena seu inconsciente já começa a ser povoado de significantes, pois mesmo não conseguindo falar a criança já é ouvinte, constituindo-se como elementos chaves para o ingresso do sujeito na interação social.

De acordo com (COSTA,2009, p.119): Tem-se então, que o inconsciente da criança constitui-se por um enxame de significantes, entre os quais não há qualquer conexão, mesmo porque não há hiato que permita ou requeira o nexos entre eles, que poderiam ser comparados a fonemas dispersos.

Para Arrivé (1999, s/p) *apud* Nóbrega (2002a, p.228)

Em Lacan, embora haja, marginalmente, uma teoria do signo, [...] não há articulação entre ela e o significante, a ponto de ser impossível, por exemplo, na teoria lacaniana, dizer que o significante é um signo. Portanto, o signo lacaniano é fundamentalmente diferente do signo saussuriano.

Diz Lacan que o significante é o que engloba som e sentido, o que Saussure chamou de signo. O significante Lacaniano forma uma cadeia

resistente à significação; embora não se relacionem entre si, os significantes formam uma ligação onde o sentido insiste, ainda que nenhum dos significantes consista na significação da qual é capaz naquele momento, pois há um deslizamento (deslocamento) contínuo do significado sob o significante.

1.3. O Sistema Linguístico - signo, significado e o significante - Na Constituição Cognitiva No processo de Aprendizagem

O sistema linguístico é composto por signos, significante e significado. Estes possuem uma ligação arbitrária e só existem dentro do sistema linguístico; ou seja, não há um motivo a princípio para a ligação de um determinado significante e seu significado, a língua muda de país para país ou mesmo de região para região e é por existir essa arbitrariedade que permite que haja movimento no sistema. A língua passa então a ser observada dentro de uma concepção estrutural.

Segundo Saussure (1995, p.18) poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas. Para ele, a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração (SAUSSURE, 1995, p. 119).

Quanto ao signo linguístico, Saussure diz ser uma entidade psíquica de duas faces (SAUSSURE, 1995, p. 80) e para Fiorin, o signo linguístico é a união de um plano da expressão a um plano do conteúdo (FIORIN, 2002, p. 65).

Um significante é remetido a outro, de modo a comparar esse processo como o de decifração de uma carta enigmática ou de uma consulta de uma palavra no dicionário.

A princípio estes significantes não fazem ligação alguma, vão se instalando no inconsciente, vai remetendo um a outro até ser conceituado com algum significado; um exemplo é em uma articulação como do narcisismo com o complexo da castração edípica que em situações como separação de pais, doenças, ausências podendo

remeter o sujeito a uma primitiva sensação de desamparo colocando em perigo a autoestima e o sentimento de identidade do sujeito.

Para melhor compreender o sujeito e sua relação com a linguagem Lacan busca os conceitos linguísticos saussurianos. Explica Ferdinand de Saussure que um signo linguístico é composto de significante + significado. Diz ele: O que o signo linguístico une não é uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica (Saussure, 1972, p.80). Dessa forma pode-se colocar que a palavra escola do ponto de vista linguístico não remete à escola real, mas à ideia de escola (o significado) e a um som (o significante), que é pronunciado por meio de seis fonemas: e-s-c-o-l-a.

1.4 Metonímia e metáfora: relações sintagmáticas e associativas

Para Freud (1900) a linguagem dos sonhos é considerada uma das principais formas de expressão do inconsciente, através das representações simbólicas. Essa linguagem se dá por meio de dois mecanismos fundamentais: a condensação (de ideias) e o deslocamento (de uma ideia para outra). Lacan faz uma releitura das noções propostas por Freud, de deslocamento e condensação, e traça um paralelo com os conceitos trazidos pela Linguística, de metonímia e metáfora, estas duas últimas vindas do linguista russo Roman Jakobson (1956, p.35).

O eixo associativo da linguagem (sintagmática e associativa) criados por Ferdinand de Saussure (1916), foram de relevâncias cruciais sobre a perda de memória, afasias, para estudos de Jakobson.

No eixo associativo sintagmático saussuriano os vocábulos dispõem entre si, de acordo com sua correlação no discurso, portanto este eixo associativo corresponde à fala. Ao combinar tais elementos, eles recebem o nome de sintagma. Segundo SAUSSURE: A frase é o tipo por excelência de sintagma (1995, p. 144).

O eixo associativo ou paradigmático é referente à escolha de dados por associação e pertence ao sistema da língua. Segundo SAUSSURE (1916) por corresponder a um processo de associação mental, as relações não se dizem somente a algo que os dados

apresentem em comum, as relações associativas permitem as mais diversas possibilidades. No eixo associativo, as relações se estabelecem como afirma ARRIVÉ (1999) “fora do discurso”. “Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada.” (SAUSSURE, 1995, p. 146).

Percebe-se elementos metonímicos e metafóricos no texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” de Jakobson (1956) influenciado pelas considerações de Saussure como ações idênticas no funcionamento da linguagem. A alocação dentro das afasias, como também no funcionamento normal, de acordo com ele, desdobra-se em dois processamentos: o processo metafórico, cujo eixo correlaciona as das seleções. Nesse processamento, uma escolha entre elementos disponíveis supõe a possibilidade de substituição de um termo pelo outro, por similaridade, esse eixo equivale às relações de associação em Saussure, paradigma.

O segundo processamento refere-se à metonímia, o eixo das combinações. Jakobson (1995, p. 39) diz que todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos, assim sendo, é a relação de proximidade de elementos que caracterizam esse processo, sobre o qual diz respeito na teoria saussuriana às relações sintagmáticas, sintagma. Para Jakobson (1995, p.41), a linguagem em seus diferentes aspectos, utiliza os dois modos de relação.

O conceito desses dois eixos da linguagem admite observar sua importância para os conceitos da teoria lacaniana, ou seja, as construções metafóricas e metonímicas.

Foi através da aproximação feita por Lacan – entre a Psicanálise e a Linguística, que surge a ideia fundamental sobre a preeminência do significante e suas consequências no que diz respeito às formações do inconsciente.

Lacan (1958) afirma que o privilégio dado ao significante me permite usar da língua para dizer algo completamente diferente do que ela diz, assim ele deixa claro a importância do significante na

constituição do sujeito ao garantir que só poderá ter a possibilidade de transferência de sentido dentro de uma estruturação significante ; acontecendo a partir de uma articulação metonímica, dentro da cadeia significante que as transferências de sentido são possíveis de surgirem, o que ocasiona também a relevância maior do significante em relação ao significado.

A partir desses dois processos (metafóricos e metonímicos) se dá essa estruturação significante. Mesmo sendo de graus diferenciados é quando a metonímia aparece que possibilita o surgimento da metáfora.

Assim diz Lacan (1998, p. 506) sobre o significado e o significante:

Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante (...).

A estrutura metonímica, segundo Lacan (1957) parte do vínculo entre os significantes, permitindo que o significante preencha a falta do ser na sua relação de objeto. O desejo então ampara essa falta e permite que a cadeia significante prossiga. Daí resulta essa relação tão profunda da metonímia com o desejo, pois este é marcado pela falta.

Na estrutura metafórica, é ao substituir um significante por outro que permite a passagem do significante para o significado, um efeito de significação. Não comportando tudo a respeito do sujeito, sendo apenas um efeito de sentido, essa possibilidade de manifestação da significação pela metáfora não termina a cadeia sendo assim a metonímia segue incessantemente ativa.

Através dessa cadeia de significantes e significados, representados pela família, professor, ou das pessoas do convívio é que vai emergindo o sujeito e o seu desenvolvimento escolar, seja negativo ou positivo, está intrinsecamente ligado a essa trama.

1.5 – Paralelismo Conceitual: Significado, Significante e Desenvolvimento Cognitivo

Partindo da premissa que a morfologia cerebral se dá da mesma forma para todos e o que muda são os fatores ambientais, conclui-se que o desenvolvimento intelectual não é biológico, engloba fatores sociais, culturais, ambientais, familiares entre outros. Não há desenvolvimento cognitivo sem a linguagem, o que sustenta este processo é a experiência da comunicação da criança com as pessoas que a rodeiam. Como nos esclarece Vygotsky (1998, p.38):

A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

A escola é lugar de significados e significantes, nela, o professor detém a linguagem e esta faz circular os elementos constituintes para o desenvolvimento do sujeito, no entanto, o professor precisa saber as fases estruturais da linguagem humana, a ordem binária, ternária e unária que a criança está de acordo com sua idade para que possa intervir, pois segundo Lacan *apud* Longo (2011, p. 10) enquanto é linguagem humana, nunca há univocidade do símbolo (...) a linguagem não é feita para designar coisas (...) há um logro estrutural da linguagem humana, neste logro está fundada a verificação de toda a verdade.

Longo (2011, p. 10) define a fase Unária como:

Ordem unária é a do registro do inconsciente, tal como descrito por Freud: no inconsciente, tudo é possível, não existe contradição, é tautológico, não há diferença entre verdadeiro e falso; o

inconsciente conserva o termo que exclui, é auto-referencial e irrompe nas formações do inconsciente que aparecem no consciente (atos falhos, chistes, sonhos e sintoma). É na língua(gem) que ele se constitui como sujeito histórico e membro da cultura.

É a ordem que a criança ainda não sabe discernir, não faz ligação de significante para significante e assim não conseguindo alcançar o significado da linguagem ela fala as coisas desconexas, não consegue discernir o sim do não. Ouve e reproduz sem que tenha sentido para ela. E essa falta de significação emana para o inconsciente através das reações que a criança apresenta que não consegue ser entendido pelos outros.

Para a ordem binária Longo (2011, p.11) assim a conceitua:

a ordem binária evita o excesso, a desordem (a falta de causalidade) e o movimento — enfim, a dinâmica da própria existência. É a lógica do ser ou não ser, campo da con junção alternativa exclusiva, fato que exclui a contradição. (...)Esse é o campo do imaginário - da imagem que aparentemente se encaixa com a realidade — e dos nossos computadores, que funcionam binariamente: um sentido para cada sinal e vice-versa, eliminando a possibilidade de equívoco.

É nessa ordem que o professor vê a entrada para a aprendizagem, a criança consegue através da linguagem: imaginar, simbolizar o significante, encaixando-o com sua realidade, a criança está pronta para as representações e decodificações que a linguística coloca para a alfabetização. A criança tem que descobrir que há letras que não representam o som da fala, visto que a leitura alfabética associa um componente auditivo fonêmico a um componente visual gráfico, o que é denominado de correspondência grafonêmica.

Ainda o mesmo autor, Longo (2011, p.10) traz para a ordem ternária:

A ordem ternária é justamente a possibilidade de existência das

três pessoas do discurso (eu, tu, ele), que representam o liame social mínimo, pois sem o ternário não há socialização. Ele é a representação da ausência, a estrutura de rombo da linguagem, constituída pela comunidade de falantes. Graças a essa constituição a socialização dos homens pode ser feita entre acordos e organização de leis, direitos e deveres, que, no seu cumprimento, evita desavenças e discórdias.

Quando a criança começa a socializar-se, compreender os combinados, as regras dos jogos, quais são seus direitos e exerce seus deveres, e tem boa convivência, ela está na ordem ternária, ela consegue discernir o eu, o tu e o ele.

Linguagem e inconsciente se aplicam numa relação construtiva. O sujeito é construído pela linguagem; pois como afirma Fonseca (1996, p.359) esta constitui uma capacidade de organização e de ordenação na vida.

O homem, como totalidade inseparável do seu grupo social, amplia a sua experiência pessoal pelo contato e experiência dos outros. As observações e os conhecimentos de toda a humanidade podem ser propriedade de cada um graças à linguagem.(...) ação, objeto e sujeito assumem significado na linguagem, que se estabelece e inicialmente de uma forma emocional, polissemântica, pré-lógica e mágica, exatamente para dar resposta às necessidades vitais(...).

Assim como o homem primitivo, a criança passa por uma evolução da comunicação, baseada inicialmente em grifos difusos, grifos-apelo e grifos-chamada e depois em palavras-frase, em proposições e em categorias sintagmáticas, que levam à utilização da palavra como relação de uma situação.

A aprendizagem no âmbito escolar e afetivo deve conferir à criança realização, ao mesmo tempo em que deve respeitar os processos individuais de cada um na aquisição do conhecimento, isto é, aceitando as individualidades de cada um. A escola deve favorecer a relação entre crianças, pais e professores e, assim, permitir um papel decisivo na integração da criança à sua realidade social. Por este viés há

que se investigar o processo de desenvolvimento da criança e os fatores que vão potencializar esse desenvolvimento.

A família e a escola são potencializadoras de laços sociais, quanto maior a socialização maior o fator potencial de aprendizagem. Essa socialização está ligada à constituição materna, considerando que a priori o sujeito não é o eu, mas o sujeito do inconsciente sendo assim, formado pelo discurso do outro; e isso se dá através da linguagem, o inconsciente da criança se estrutura no deslizamento dos significantes, a criança ouve a fala dos outros sem entender muito bem; ou seja está alienado no sentido daquilo que diz.

O inconsciente segue as leis da linguagem, Lacan busca em Saussure o conceito de signo linguístico para formular sua teoria quando diz que o inconsciente é estruturado como uma linguagem; constituindo tanto o sujeito como o objeto em suas constantes transformações, transformações que se operam no interior desta mesma linguagem.

A linguagem tem primazia na formação e constituição do sujeito, pois a criança ouve milhares de significados, mas só irá conseguir atingir o sentido do significante em raros momentos. Daí a importância da família e da escola neste processo inicial.

Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem e é a linguagem que estrutura o sujeito pode-se supor que a qualidade dessa linguagem que a criança convive é que vai determinar positivamente ou negativamente o seu desenvolvimento.

Se para Lacan é o significante que determina o significado e este aparece de forma imprevisível pelas formações do inconsciente e o fato de colocar o significante acima do significado subtende-se que tal atitude é para teorizar de modo lógico, o vínculo entre o sujeito e o significante.

A linguagem é arbitrária, simbólica, podendo fazer acontecer a todo momento o deslizamento metonímico e a condensação metafórica; ou seja, tomemos como exemplo o significante “manga”, sua imagem acústica (significante), ou seu conjunto de letras associadas a determinados sons, é a mesma, mas o conceito formado pode ser “uma fruta” ou “uma parte da roupa” ou até mesmo “o nome de

uma cidade”. A criança ouve e não conseguindo compreender a flutuação de sentido seu inconsciente desliza de significantes para significantes.

É mais complicado para o inconsciente aceitar o negativo, ele é seduzido pela ternura da linguagem, a qualidade da linguagem, acompanhada de paciência, com tonalização carinhosa da voz é que define o inconsciente. A criança ouve um significante e não entende mais tendo a mãe, o professor ou outros para explicitarem e ajudando-o a formar um significado não ocorrerá o recalque e assim terá sentido. A tendência de como a linguagem é falada, proibida, distorcida é levar para o inconsciente e se tornar recalque.

O significado não é aquilo que se ouve, o que se ouve é que é significante. O que dá sentido à palavra é a sua ligação entre a linguagem acústica e a sua representação objeto. A letra é no real e o significante no simbólico. A criança quando nasce recebe um nome próprio, o seu significante, e o seu significado, este sim vai se constituir a partir das vivências, das experiências, dos estímulos projetados sobre ele pelo Outro....

É um processo contínuo de descobertas, pois desde que a criança descobre que tudo tem um nome, cada novo objeto que surge representa um problema que a criança resolve atribuindo-lhe um nome. Quando lhe falta o significante para nomear este novo objeto, a criança recorre ao adulto. Esses significados básicos de palavras assim adquiridos funcionarão como embriões para se desenvolver novos conceitos ainda mais complexos. (...) um problema deve surgir, que não possa ser solucionado a não ser que pela formação de um novo conceito (Vygotsky, 1962, p.55)

Quanto mais o significado for estruturado maior será a abertura com outros significantes. É o significante que determina o significado. O significante não é nada enquanto não entra na história do sujeito e essa entrada como aparelho de memória Freudiano dá-se com a leitura do escrito ou a transliteração, ou seja, a compreensão da linguagem.

É a linguagem que impulsiona o sujeito a avançar, pois o desejo do outro é manifestado por meio dela, é inconsciente como a pulsão é radicalmente inconsciente. Tudo se aninha no inconsciente do sujeito,

na verdade é o desejo do outro, nesse sentido entende-se que a pulsão, desejo, a falta que o sujeito sente é originário do Outro e se ele (sujeito) a tem, infatigável, é o efeito do Outro, impulsionando. Essas pulsões, podemos entendê-las como “cobranças” que estimulam a criança a avançar e desenvolver, tanto vindas da família como do professor. É o desejo do outro, projetado no sujeito que o faz seguir, é esse desejo projetado pelo Outro através da Linguagem que torna significados em significantes para a criança, pois de acordo com Lacan (1960 p.793) o desejo se esboça na margem, onde a demanda se desgarrar na necessidade. É aí a intervenção do professor, mostrar através da significação, do sentido o seu significante.

Também podemos perceber em Vygotsky (2001a, p.409), “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”. O pensamento se realiza na palavra constituída de significações. Ex.: O pensamento da criança se estabiliza e se torna mais ou menos constante quando a criança começa a utilizar a linguagem (Vygotsky, 1995, p. 278). Deixa de ser um caos (ordem unária) e passa a se organizar para formular juízos, a apontar identidades, causalidades; mas só fará isso se for provocado, quando houver um estranhamento em relação ao mundo, quando os dados reais mostrarem algum equívoco.

O que permite a intervenção na relação pensamento/ linguagem é o significado. O desenvolvimento da linguagem, produzida social e historicamente, e dos significados permite uma representação da realidade no pensamento. Significados e sentidos são momentos do processo de construção do real e do sujeito, não podem ser dissociados do processo de construção da subjetividade .

É a partir do que você cobra, direciona que se faz necessidade para a criança ir em busca do conhecimento. Para Piaget, as ações não se desencadeiam por impulsos internos, mas são engendradas por aquilo que ele mesmo chama de “seu ambiente social envolvente” (Piaget; Garcia,1987 p.228).

Então, torna-se imprescindível uma linguagem estimulada positivamente para o debate, o diálogo envolvendo uma ternurização verbal para seduzir o inconsciente do educando para , através do

desejo, dos anseios, dos exemplos projetados pelo Outro (professor, mãe, pai) seria a chave para a aprendizagem acontecer. É através da interação com o outro que a criança vai conhecendo novos signos que lhes são externos ao intelecto, dando sentido às palavras através de perguntas que faz ao adulto e através do contato com suportes textuais, passando a adquirir habilidades linguísticas superiores quando comparada sua estrutura mental com a dos animais.

2. Os métodos da investigação

Inicialmente o investigador procurou tomar conhecimento do objeto da investigação nos pareceres de Piaget, Erikson, Freud, Lacan, Saussure, Klein, Winnicott, entre outros.

Depois de feita as investigações bibliográficas, fez-se necessário a entrevista com os pais e professoras de uma escola privada do município de João Pinheiro-MG, pois esses são os primeiros educadores dos filhos, assim sendo deve-se ficar a par de como lidam com suas crianças, de que maneira é trabalhada a potencialização da linguagem no seio familiar. Para isso foi marcada uma reunião com os pais na própria escola para deixá-los cientes do objetivo da investigação.

Em outro momento foi marcada uma reunião com a professora dos alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental, anos iniciais, e em seguida com as demais professoras por terem atuado com os alunos nos anos anteriores.

Posteriormente fez a observação nas salas de aula que Matos (2001, p. 05) aponta:

Após este intensivo trabalho de observação, o desafio do pesquisador ou da pesquisadora é tentar organizar todos os dados como num quebra-cabeça. Partindo do contexto maior olhando a comunidade como um todo até poder destacar uma particularidade generalizável deste contexto que possa ser estudada microanaliticamente.

Sendo assim, foi observado a atuação dos professores no

ambiente da sala de aula e da escola, assim como, o comportamento e o desenvolvimento dos alunos do 1º ano de escolaridade, alvo da investigação.

3. Análise de Dados e Contribuição da Investigação

3.1 Entrevista Com a Família

A família e a escola são instituições que irão influenciar de maneira decisiva a formação do autoconceito das crianças. A família propicia à criança as suas experiências iniciais e por isso mesmo, as mais importantes e mais marcantes. Os primeiros sentimentos de adequação ou inadequação são determinados pelo tipo de relacionamento afetivo estabelecido entre a criança e sua família ou o substituto desta.

Sobre qual idade os filhos entraram para a escola, 16,67% dos pais disseram que a idade em que seus filhos começaram a formular frases foi com dois anos, 44,44% dos pais com três anos, e 27,77% com quatro anos de idade.

De acordo com Piaget (1975), a inteligência começa a se organizar por meio de uma lógica da ação apoiada sobre o biológico ,reflexos inatos do bebê, ou seja, para Piaget, os movimentos são atos de adaptação ao meio físico. Através de sua interação com o mundo a criança constitui sua inteligência utilizando-se de esquemas mentais que possibilitam apreender a realidade; ou seja, se ela chora a mãe logo amamenta e aí a criança começa a esquematizar que quando sentir fome é só chorar que será saciada. E assim se faz com a linguagem, a mãe fala, a criança ouve e começa a esquematizar suas primeiras palavras, mas só fará isso contextualizando com o objeto, simbolizando; ou seja, conseguindo dar significado ao significante colocado pelo Outro.

Conforme Jonckheere; Mandelbrot e Piaget (1958, p. 100), a constituição da função simbólica, no decorrer do segundo ano de vida da criança, se constitui como “o resultado da diferenciação entre os significantes e significados tornando possível a aquisição da linguagem, os esquemas sensório-motores são em parte internalizados

utilizando imagens e discurso”.

Podemos então constatar por meio das respostas dos pais, assim como pelos autores citados no parágrafos anteriores que não há uma idade pré-estabelecida. A criança é que tem que sentir a necessidade de começar a falar, pressupõe então que é através da estimulação feita pelas pessoas próximas que emerge o desejo da linguagem.

Quais atividades de lazer, cultura, você costuma realizar com seu filho?

Para Piaget (1982), é através de suas observações e experimentações que a criança vai criando seus conceitos ,se modificando internamente, em um processo de trocas. Obteve-se que 100% dos pais procuram assistir filmes juntos com os filhos e brincam com seus filhos diversificadas brincadeiras; 89% sempre fazem viagens turísticas, e fazem passeios pelas praças da cidade. Atividades essas que promovem interações no âmbito motor, afetivo, lúdico, cognitivo colocadas como lazer são exploradas sempre que possível por toda a família e que estas atividades possibilitam à criança com o acompanhamento dos pais avançar através da cultura que espontaneamente, em horas de lazer, vai conduzindo a criança a um mundo de descobertas ampliando seu léxico de informações.

Concentra-se, agora, em Wallon, cujas ideias interacionistas explicam o desenvolvimento do indivíduo mediante trocas dialéticas com o meio e coloca como traço marcante o entendimento de que a inteligência e a afetividade se influenciam mutuamente, ao longo do desenvolvimento infantil.

Na proposta educativa walloniana, a integração é um conceito fundamental na formação do educando, e é claramente descrito por Mahoney (2008, p. 15):

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que

qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela.

A criança é um ser em desenvolvimento, assim tem necessidade de uma estruturação onde o motor (brincadeiras, passeios), o cognitivo (experiências, observações, integração) e o afetivo (atenção, carinho, amor) devem andar juntos para preparar o caminho para a constituição do sujeito.

Quais os assuntos mais relevantes em hora familiar?. 72% disseram que os assuntos mais relevantes em família são diversos e 12% referem-se a assuntos escolares. Através do significante, a criança duplica o seu mundo, passando a representar os objetos através da palavra.

Para Vygotsky (1984), a criança usa a inteligência simbólica, pois possui uma função organizadora específica, na medida que invade o processo de aplicação no real e produz novos conhecimentos.

A criança ouve o significante, mas para que consiga o entendimento ela simboliza a palavra para tentar compreendê-la; ou seja, faz essa mediação através de signos (qualquer coisa que representa objetos, situações ou eventos) reproduz e cria seu significado. Diante dessas concepções, há que se refletir sobre os assuntos mais relevantes e de entendimento da criança a serem abordados, pois a relação entre significantes ainda não produz significações, toda fala é puro significante.

Ser sujeito da fala é ser sujeitado aos equívocos da linguagem, ou seja, um significante pode corresponder a mais de um sentido, dependendo do contexto, mas isso produz uma falha na linguagem, uma falta, um intervalo variável entre uma fala e sua significação

possível. E dessa forma o inconsciente vai se estruturando e os significados constituídos pelo inconsciente infantil é que determinarão seu desenvolvimento cognitivo.

Elogia e aprova o comportamento da criança quando correto?. 94% dos pais tecem elogios para o bom comportamento dos filhos. Oaklander (1980, p. 309) afirma que:

A forma que uma criança se sente em relação a si mesma depois de algum tempo é certamente determinada em grande medida pelas mensagens que recebe de seus pais acerca de si própria. Em última análise, porém, é a própria criança que traduz essas mensagens para si. A criança escolhe do ambiente qualquer coisa que reforce as mensagens parentais.

Sendo assim, quando nos momentos de interação familiar é elogiado o bom comportamentos, isso propiciará a criança a continuar praticá-los, mesmo que esse ainda não tenha se constituído subjetivamente, pois a criança sendo sujeito da relação de um significante ao outro tem o estatuto evanescente de uma formação do inconsciente, na medida em que é anunciado na fala, mas que não fala, ela apenas representa o desejo do outro, ou seja, ela representa o desejos dos pais de que ele seja bom. Enquanto o sujeito que detém a linguagem, como sujeito falante, este sim tem a alteridade que é possível a uma subjetividade, que sabe de si, conseqüentemente não se coloca na posição de assujeitado, então passa a comportar-se bem ou mal, no entanto ficará no seu inconsciente o elogio sobre o bom.

Para Piaget são essas situações exemplificadas e debatidas em casa, na escola que começam a estruturar a personalidade da criança. As relações grupais são importantes não só para a aprendizagem social, mas para a tomada de consciência de sua própria personalidade. É o debate, o confronto com o outro que permite à criança perceber que ela é apenas um entre os outros e que é ao mesmo tempo, diferente ou igual.

Repreende e reprova o comportamento da criança quando

incorreto?. Foi apontado que 94% dos pais repreendem o comportamento incorreto, assim como os 94% elogiam o bom comportamento, assim sendo concorda-se com Kupfer (1989, p.46) quando diz:

A educação da criança deve primar a dominação dos estímulos, uma vez que tem que inibir, proibir, reprimir. Sabe-se que a ausência de restrições e orientações pode deseducar em vez de promover uma educação saudável. As angústias são inevitáveis, mas a repressão excessiva dos impulsos pode originar distúrbios neuróticos. O problema, portanto, é encontrarem um equilíbrio em proibições e permissão – eis a questão fundamental da educação.

E para que esse conceito se constitua, os pais têm relevância no processo. Sabe-se que para viver em sociedade é preciso uma organização e isso requer a normalização de algumas regras, isso se faz necessário para que a ordem se estabeleça. Para a criança se enquadrar nessas regras que naturalmente são colocadas pela família para o bom funcionamento da vida é necessário refletir sobre a construção da autonomia, é necessário o equilíbrio entre o elogio e a repressão.

Quem acompanha a criança na hora do dever?. De acordo com as respostas que 99% são as mães quem mais auxilia nas tarefas escolares, ficando 1% para os pais o que revela que a participação da família é atuante.

A criança em fase de alfabetização recebe a interferência de fatores intelectuais, psicomotores, físicos, sociais e emocionais. A aprendizagem resulta não apenas da estimulação do ambiente sobre o indivíduo, mas também do ensino e dos hábitos formados, da afetividade e da assimilação de princípios e valores. A família exerce um papel fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem.

Para Vygotsky a aprendizagem só pode ocorrer em função do social, a partir da família, primeira intermediária entre a cultura e a criança. Ele salienta que aprendizagem tem um papel no curso do desenvolvimento ou maturação das funções ativadas durante o processo. O acompanhamento dos pais e do professor possibilita a

criança passar da ZDR, Zona de Desenvolvimento Real, para a ZDP, Zona de Desenvolvimento Proximal; como andar de bicicleta, no início a criança anda com rodinhas, depois alguém segura e logo estará andando sozinha.

Para Vygotsky (1984) essa distância entre o que a criança consegue realizar sozinha (real) se refere à capacidade de solução independente de problemas e o que ela consegue realizar sob a orientação de um adulto (proximal) é o que determina seu desenvolvimento. Se uma criança tem acompanhamento com profissionais capacitados para entender este processo estará sempre confrontando desafios e vivências pedagógicas que a ajudarão a não só construir o conhecimento, mas a desenvolver-se cognitivamente.

Elogia quando a criança enfrenta desafios e realiza as atividades sozinha?. De acordo com as respostas 88% há há incentivo quando seus filhos conseguem vencer desafios e a realização de atividades sozinhas, já 12% acham que é normal.

De acordo com (RABELLO, 2007, p. 6) temos que dosar as responsabilidades porque se a criança não conseguir resolver o que lhe for proposto sua autoestima irá baixar e se ela for pouco exigida se sentirá abandonada e insegura e mais, se for pouco amparada se sentirá exigida além das suas capacidades. O papel dos pais é usar da linguagem na hora certa para que a esta tenha significação para a criança.

Conforme Freud apud Longo (2006, p. 18) uma palavra corresponde a um complicado processo associativo no qual se reúnem elementos de origem visual, acústica e cenestésica (conjunto de sensações internas que produzem bem ou mal-estar). Uma palavra, contudo, adquire seu significado ligando-se à representação do objeto – que, por sua vez, é um complexo de associações formado por grande variedade de representações visuais, acústicas, táteis, cenestésicas e outras. Então as palavras tem um poder dependendo da forma que são pronunciadas, dependendo da situação a criança poderá sentir-se protegida, amada, ou insegura.

À medida que a palavra vai explicitando-se na criança, sua

personalidade começa a adquirir ondulações mais precisas (ARDUINI,1918,P.17). A forma como a linguagem chega à criança é o que confere segurança, otimismo , consistência para ir consolidando a identidade da criança.

Quando a criança faz uma pergunta mais complicada qual é seu procedimento?. 100% dos pais, vêm a necessidade de explicar detalhadamente uma resposta para que a criança alcance a compreensão e para isso é preciso antes entender o seu pensamento. Dessa forma, para compreender-se realmente o que diz um professor é necessário conhecer o seu pensamento e não só isso, com, é preciso ir além, pois só isso não é suficiente; precisa-se conhecer também a sua motivação, ou seja, entender o motivo que o levou a tal pensamento

Vygotsky (2000, p.130)

Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano.

É necessário observar o que a criança elaborou culturalmente e onde já encontra pronto o sistema de significações e também o que ela consegue elaborar individualmente, construindo e reconstruindo do real e de como se apropria do mundo; de acordo com essas considerações os significados da linguagem se transformam, pois são construídos ao longo da história.

Na questão discursiva que versa sobre a linguagem como fator importante para o desenvolvimento cognitivo, 98% dos pais responderam:

“Porque é através dela que a família se interage e sem diálogo não há interação”; “Ajuda-o no desenvolvimento e comunicação com a sociedade; e no seu auto desenvolvimento, uma vez que através da comunicação ele busca novos conhecimentos”; “Sim, pois primeiramente a criança demonstra suas opiniões, anseios,

satisfações, sonhos através da comunicação oral e quando está bem desenvolvida, facilitará facilmente o seu desenvolvimento cognitivo, principalmente o que envolverá leitura e escrita”.

Por meio das respostas discursivas observa-se os pais demonstram ter plena consciência da importância da linguagem para o desenvolvimento de seus filhos. A maioria são também educadores, sendo assim contribuem para o desenvolvimento da linguagem, dando oportunidades aos filhos de expressão. Os que têm outra profissão também não ficam aquém, visto que trabalham com o público e necessitam também da linguagem para seu desempenho profissional, dessa forma acompanham os filhos para que esses tenham bom desenvolvimento de comunicação, argumentação e criticidade no futuro.

Na segunda questão discursiva: Qual procedimento o Sr. (a) adota quando seu filho(a) tem dificuldade em transmitir suas ideias oralmente?. Os pais teve-se como respostas:

“Tento perguntar pra ela vários assuntos e depois de sua resposta, mostro a sua dificuldade”, “Eu o ajudo a expressar perguntando do que ele quer falar e dando sugestões de palavras; “Calma e incentivo que ele me explique o que quer dizer, sem pressões ou desânimo”; “Peço para ela pare, pense e formule a resposta”; “Conversando e fazendo que ele se explique mais detalhadamente, usando alguma coisa que ele já viu ou viveu”.

Mais uma vez, os pais demonstram que o auxílio dado aos seus filhos não é pronto e acabado. Eles são interventores, estimuladores no processo de aprendizagem das crianças no recinto do lar.

Fazendo uma análise geral da entrevista constata-se que a família na vida escolar das crianças é a base, ou seja, é na família que se determina fundamentos de vida afetiva, moral e ética.

E ainda, é fundamental que os pais ou responsáveis pelas crianças demonstrem interessados em tudo que diz respeito ao filho a escola frequenta para que ele desenvolva sua linguagem com propriedade.

3.2. Entrevista com os Professores

Na Educação Infantil, os professores precisam estar a par do desenvolvimento infantil, conhecendo as perspectivas que mais possam auxiliar nesse processo. Ele deve lançar mão de vários conhecimentos que internalizou em seu curso formação para atender às diversas necessidades das crianças e aos seus níveis de aprendizagem.

Nesse processo a linguagem está presente como propulsora das relações. As linguagens verbal e não-verbal são as primeiras expressões da criança, a qual deve ser trabalhada e valorizada até o momento em que a escrita começa a fazer parte do cotidiano escolar.

Kramer (2006, p. 85) afirma que:

A dinâmica do trabalho do professor é sustentada principalmente pelas relações que estão estabelecidas com as crianças e entre elas. Para que se construa um ambiente de confiança, cooperação e autonomia, as formas de agir dos professores precisam estar pautadas por firmeza, segurança e uma relação afetiva forte com as crianças.

Os educadores de educação infantil devem compreender que eles devem ser firmes com as crianças e ao mesmo tempo doce, eles precisam entender que, jamais poderão ser professores autoritários, e sim, usar de firmeza, de maneira tranquila, tornando-se assim, o porto seguro dos educandos.

Foi perguntado quais as estratégias elas usam para potencializar a linguagem dos seus alunos.

“Sempre uso os recursos audiovisuais, debates, brincadeiras, aulas-contextualizadas, a musicalidade, e trabalho também a literatura infanto-juvenil. (Professora do 1º Ano)”

; “Trabalho a literatura infanto-juvenil, aulas com recursos audiovisuais, músicas, aulas lúdicas. (Professora 2º Período)”;

“Sempre trabalho a contação de história, músicas, brincadeiras, (Professora Maternal)”;

“Além da aula de explorar a linguagem na interpretação de textos orais, conto histórias, canto com eles, passo filminhos, e brincadeiras que socializam. (Professora 2º Período)”

Ao descrever quais as estratégias usam para potencializar a linguagem dos seus alunos os professores demonstram estar em consonância com a proposta de Sampaio (2000, p. 61):

Embora seja indispensável que a criança tenha acesso à linguagem escrita, a escola tem de pensar que a criança vive num universo de linguagens. Ter acesso na escola [e na Educação Infantil] às diferentes linguagens - gráfica, gestual, plástica, cinestésica, musical, corporal, televisiva, informática etc. - é fundamental [...]. É imprescindível que a criança desenhe, não para desenvolver "habilidades", mas para ter acesso à linguagem pictórica; ao cantar, não é para, simplesmente, ocupar o tempo na pré-escola, e sim ter a possibilidade de acesso à linguagem musical; ao modelar, pintar, recortar e colar, ter acesso à linguagem plástica; ao liberar seus movimentos, está se expressando com todo o seu corpo e tendo acesso à linguagem corporal...

Percebe-se que os professores diferenciam suas estratégias na sala de aula, principalmente a professora do 1º Ano que usa o debate em suas aulas, estratégia fundamental para a potencialização da linguagem. Com relação a esse fator, foi observado que a professora instiga as crianças para diversos tipos de respostas, que opinem suas ideias sejam elas de acordo ou contrárias, entre ela e os alunos ou entre alunos.

Assim, tanto a proposta quanto os professores primam para a garantia do uso da linguagem de seus alunos.

Todas as seis (6) professoras responderam que elogiam e repreendem as crianças e para a questão, se eles confortam o aluno verbalmente com palavras carinhosas também foram todas afirmativas. Tais afirmações faz-se reportar a Cunha e Carvalho (2002, p.7).

Compreendido como uma atitude que envolve tanto aspectos afetivos/emocionais, quanto cognitivos como pensar, refletir, planejar; ou seja, quando se compreende o cuidar como uma ação racional, estamos considerando que é possível educar para o cuidado).

O que é comprovado com o que disseram oralmente: para educar tanto deve-se acarinhar quanto ser severas, ambas na medida certa, que coaduna com as respostas dadas pelos pais nas questões 10 e 11.

Você vê a linguagem como fator importante para o desenvolvimento cognitivo de aluno? Por quê?

“Sim. Alguns pela timidez ficam com dificuldade na expressão oral. Os que ainda mostram dificuldade por escrito é devido ao início da fase de alfabetização.

Sim. Porque é através da linguagem que a criança expressa seus sentimentos, seus anseios e seu conhecimento prévio a respeito de um determinado assunto”;

“Sim. Porque é através da linguagem que as crianças expressam seus sentimentos”; Sim, pois através da linguagem o aluno se expressa demonstrando seus anseios e ou dificuldades, podendo ter um domínio maior desse mesmo”.

A relação afetiva entre professor e aluno é, portanto, um componente essencial do sucesso do processo de ensino/aprendizagem. As Intervenções com o intuito de viabilizar e melhorar essas relações têm que ser experienciadas na ambiência escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Fundamentada na teoria Freudiana e Lacaniana a linguagem é condição do inconsciente , assim como é condição e fundamento da ciência e de toda construção cultural. Portanto, também condição de construção das instituições humanas como a família e a escola.

Atualmente a criança é ligada ao mundo escolar; pois essa lhe confere um lugar social e a inserção no social que é o que a constitui e lhe dá identidade.

Se há desenvolvimento na criança, o sujeito se constitui; e para que esse desenvolvimento aconteça a criança necessita do Outro para projetar nela o caminho, o desejo, para que essa estruturação psíquica, inerente ao corpo, organismo biológico se estabeleça; e essa estruturação acontece através da linguagem, esta, não apenas tem a alteridade de nomear algo, mas de constituir algo, de criá-lo quando o nomeia.

A linguagem constitui o sistema de mediação simbólica que funciona como instrumento de comunicação, planejamento e também como autorregularão, através do qual o Outro direciona essa constituição.

Dessa forma há que analisar qual a relação entre a linguagem e o desenvolvimento cognitivo das crianças e a investigação mostrou que as famílias, apesar da vida moderna, priorizam o acompanhamento das lições de casa, disponibilizam tempo para passeios, brincadeiras, interações que oportunizam novas experiências sociais e culturais além da consciência da importância da linguagem na infância. Pressupõe-se então que quanto maior for o diálogo e convívio social, maior será a possibilidade para que a linguagem se constitua de forma positiva e contínua.

Percebeu-se também que por meio das ações interativas dos pais e professora e através das estratégias metodológicas embasadas em práticas inovadoras torna-se mais fácil a aprendizagem, pois essa é potencializada com a união da família e escola através da linguagem clara, objetiva e esclarecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDUINI, Juvenal. **Destinação Antropológica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

COSTA, Domingos Barroso da. **A crise do supereu**. Curitiba: Ed: Juruá, 2009.

CUNHA, B. B. B., CARVALHO, L. F. **Cuidar de crianças em creches: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção**. In: ANPED. Caxambu, MG: 2002, CDROM 25 anos ANPED.

FONSECA, Vítor da. **Psicomotricidade: uma nova abordagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GARCIA, Vera C. G. **Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é Matemática? Porque Ensinar? Como se ensina e como se aprende?** In: Revista Educação. Vol. 32. nº 2. Porto Alegre, 2009.

JAKOBSON, Romam. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JURANVILLE, A. **Lacan e a filosofia**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos: Uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14 ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: psicanálise para o futuro**. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2007.

LACAN, J. **Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 297. (No original francês, Paris: Seuil, 1966. p.298.)

LACAN, Jacques. **O seminário. Livro 3: as psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimo crianças:** a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. 8. ed. São Paulo: Summus, 1980.

PIAGET, J. **O Nascimento da inteligência na criança.** 4. ed. São Paulo: LTC, 1982.

RABELLO, E. T. **Personalidade: estrutura, dinâmica e formação – um recorte eriksoniano.** Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro 2001. (monografia).

RABELLO, E.T. e PASSOS, J.S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento.** Disponível em no dia 15 de outubro de 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral.** 25.ed. Trad. Brás. Antônio Chelini et AL. São Paulo: Cultrix, 1995.

ZIMERMAN, David E. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

O PROCESSO (DES)MOTIVACIONAL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS COM ENSINO FUNDAMENTAL II/MÉDIO DA ZONA URBANA DE JOÃO PINHEIRO-MG NOS ANOS DE 2012 a 2013 NA AMBIÊNCIA EDUCACIONAL

Maria de Lourdes de A. Ferreira*

Resumo: Este estudo buscou elucidar os motivos que levam alguns professores a exercerem insatisfeitos à profissão, o porquê das reclamações de estresse, da ansiedade e da fuga à própria profissão; conhecer os fatores que (des)motivam professores da Rede Pública Estadual, diagnosticar aportes que apontam os fatores sociais e no ambiente escolar como propulsores do adoecimento psicossocial do Educador; as patologias geradoras do adoecimento em educadores; analisar as ressonâncias derivadas da desmotivação por meio da investigação e resultados com dados estatísticos. Para isso, a metodologia escolhida foi de cunho quali/quantitativo. Optou-se pela pesquisa bibliográfica, de campo e etnográfica. com professores das Escolas Estaduais do Ensino Fundamental II/Médio da Cidade de João Pinheiro que estiveram de licença devido a (des)motivação na ambiência escolar no período de 2012/2013. Com a investigação pôde-se concluir que a desmotivação sentida pelos professores resulta do desinteresse do aluno pela aprendizagem e com a possível pressão sofrida na ambiência educacional e ainda que haja a probabilidade do professor educador estar prestes a adquirir, ou estar na fase inicial da Síndrome de Burnout, posto visto que apresentam diversas reações físicas e psíquicas, tais como comportamento de ordem defensiva que

* Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina – FAFIDIA; Especialista em Letras pela Fundação Superior de Passos/ Faculdade de Filosofia de Passos; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Especialista em Metodologia do Ensino e Tecnologia par Educação a Distância pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP; Pós-graduanda em Revisão de Texto pela UNYLEYA. Professora e Ouvidora da Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP, Professora de Redação do Colégio Cenecista de João Pinheiro, Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: lurdinhaguiar@yahoo.com.br.

revelam em si, às vezes, atitude de isolamento social, sentimento de angústia, tristeza, sensação de perseguição, baixa autoestima, sonolência, estresse humor inconstante e ansiedade.

Palavras-chave: (Des) Motivação. Professores - Sintomatologia . Patologização .Distúrbios Psíquicos. Síndrome de Burnout

Abstract: This study sought to elucidate the reasons why some teachers to exercise the profession dissatisfied , why complaints of stress, anxiety and escape to the profession itself; know the factors that (mis) motivate teachers of public schools , diagnose contributions that link social and school environment factors as drivers of psychosocial illness Educator ; generating pathologies of the disease in educators ; analyze resonances of demotivation derived through research and results with statistical data . For this, the methodology chosen was qualitative nature / quantitative. We opted for the literature search , field and ethnographic . with teachers of the Secondary School / University City João Pinheiro state schools that were on leave due to (de) motivation on school ambience in the period 2012/2013 . Upon investigation it was concluded that the discouragement felt by teachers apparent disinterest in learning and the student with the possible pressures placed on the educational context and that there is the likelihood of the teacher educator be about to acquire, or be in the early stages of the syndrome Burnout , put since they exhibit different physical and psychological reactions, such as defensive behavior in order to reveal itself, sometimes attitude of social isolation, feelings of anxiety, sadness, feelings of persecution, low self-esteem, sleepiness, stress, mood swings and anxiety.

Keywords: (De) Motivation. Teachers. Symptomatology. Pathological .Psychic Disorders. Burnout Syndrome.

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em educar, fala-se no sentido amplo da palavra, o educar, polir, aperfeiçoar, desenvolver e ensinar. Todos esses sinônimos fazem parte do plano de curso do professor educador que escolheu por meio de sua profissão contribuir para a formação do sujeito. O polir no sentido de prepará-lo para adaptar-se a um determinado contexto e ser aceito por esse, aperfeiçoar o que já traz consigo, desenvolver suas habilidades e competências, ensinar o conteúdo, o conceito ainda não formado.

Para Rohden (1997, p.17) “Educar” vem do verbo latino *educare*, derivado de *educere*, que quer dizer “eduzir”, conduzir para fora. Educar não é injetar, impingir, mas sim eduzir e desenvolver o que já existe na alma do educando, assim como a luz solar desperta e desenvolve na semente a planta (...)

Ser educador, quando a profissão foi escolhida por prazer, por pensar que poderá contribuir para a formação do homem e do amanhã, é realizar-se no outro, pois ser educador é propiciar o crescimento humano ao outro.

É com essa visão que muitos educadores entram para o mundo da educação. Inicialmente vislumbrados pela escolha e pela oportunidade de colocar em prática suas ideias, suas inovações, seu conhecimento, sua cultura, enfim de poder partilhar o que aprendeu.

Se antes, o professor tinha esperança de ver o mundo mudar por meio de sua contribuição, de preparar profissionais competentes na sua e em outras áreas, de ver trocada uma sociedade elitizada por uma igualitária, essa esperança vem se dissipando com as transformações sociais e do sistema educacional.

2. O PROFESSOR EDUCADOR E SUA PROFISSÃO NA ATUALIDADE

Hoje, atribui-se ao professor a culpa do insucesso, da evasão escolar e da repetência, pois conserva ainda a prática de difundir informações usando a educação formal, uma educação que produzia a alienação do sujeito ao entregar-lhe tudo pronto e acabado, sem direito

ao direito de pensar e opinar, no entanto não se percebe, ou finge-se não perceber que tais práticas educacionais também são impostas ao professor.

Nesse sentido, não se deve esquecer que assim como a sociedade, a educação que dela faz parte é hierárquica, ou seja, o professor orienta-se primeiramente pelas Leis de Diretrizes e Bases, LDB, Ministério da Educação, MEC, pelos Sistemas Estaduais de Educação, SEE, por fim pelo Projeto Pedagógico Educacional.

Os alunos trazem consigo os reflexos da vida familiar e da sociedade. Do âmbito familiar, trazem o descaso da família, agressões físicas, agressões psicológicas; da sociedade a discriminação racial, discriminações hierárquicas, a discriminação cultural entre outras, e até mesmo a violência da escola com imposições do que se têm que fazer, do que estudar. Mediante a essas violações os alunos fingem não ouvir, burlam os combinados, arrastam e empurram as carteiras como manifestação de repulsa à escola ou ao professor.

Contudo, o professor educador já não pode mais chamar a atenção dos alunos, e caso o faça com mais severidade para ser ouvido o chamam de estressado, falam que irão processá-lo, filmam as algazaras da sala e postam nas redes sociais colocando a culpa nos professores e assim cientes que estão amparados em qualquer circunstância abusam e depois mostram as cartas que têm na mão.

As transformações sociais e o Sistema Educacional inverteram os papéis da narrativa escolar, o professor deixou de ser o intelectual respeitado por trazer consigo um conhecimento a ser transmitido, o profissional sóbrio a quem os pais confiavam os filhos e deles exigiam respeito e obediência passou a ser o vilão, o violentador da educação.

Moran (2000, p.17) salienta que (...) na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional (...). Muitos dos professores procuram educar sim para a vida, no entanto são vistos pelos alunos como intrusos, como alguém que não têm nada a ver com suas vidas para querer lhes ensinar como portar fora da escola.

Mas o professor educador é persistente, não apenas possibilita o conhecimento e passa a exercer um novo papel: o de pai, mãe, tem que abraçar o aluno como filho e dar-lhe desde a formação familiar à educação escolar. Não basta mais ter conhecimento, domínio de sua área de estudo. Agora, o professor educador deve ser conhecedor, na totalidade, de outras disciplinas, das quais não tem formação específica para que possa preparar seu aluno para o mundo, principalmente hoje em que temos excessivas informações divulgadas pela mídia, a inversão de valores que se tornam contraditórios e conturbam o relacionamento das gerações.

Mudanças é necessário, principalmente quando o mundo está em mudança e quando dentro desse está à humanização. Se é relevante que se forme “homens pensantes”, que a educação seja moldada pela filosofia socrática como nos mostra Platão (1949, p.86-87):

Sócrates — Então que educação há de ser? Será difícil achar uma que seja melhor do que a encontrada ao longo dos anos – a ginástica para o corpo e a música para a alma? Adimanto – Será efetivamente. (...) Sócrates – Ora tu sabes que, em qualquer empreendimento, o mais trabalhoso é o começo, sobretudo para quem for novo e tenro? Pois é sobretudo nessa altura que se é moldado, e se enterra a matriz que alguém queira imprimir numa pessoa?

Porém, inicialmente, toda mudança gera conflitos, rejeição até que se compreenda seu verdadeiro objetivo, e quais serão os resultados que virão. A profissão professor deixou de ser a querida, está deixando sequelas, como diz Freud (1930/1978, p. 144), a grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.

E não é diferente com aos professores, no entanto essa mudança quando é feita pensando ou priorizando apenas uma das partes, torna-se ainda mais conflituosa, como acontece com o profissional aqui descrito.

O ser professor educador está sendo uma tarefa árdua, não pelas atividades que se tem para executar, mas por ter que executá-la sobre pressão, por ter que aceitar atribuições que ferem sua identidade.

De acordo com Melo (1991, p. 107-108):

...passando pelas alternativas do 'se quiser ganhar' ou do 'se quiser continuar a jogar'. Parece que, na maioria dos casos, a opção é única e praticamente a do 'ter que continuar a jogar', principalmente levando-se em consideração as condições socioeconômicas brasileiras. Tal processo social se apoia, muitas vezes, sobre relações de poder que envolvem fenômenos de obediência e subordinação (...) [que] como práticas sociais, organizam-se referenciadas e através de práticas sociais dominantes e determinadas.

O professor, assim como outro profissional tem outras opções se não satisfeito com o trabalho, por exemplo, de exonerar o cargo, trocar de profissão, porém se o fizer está violentando a si mesmo, o seu sonho, desfazendo dos direitos adquiridos até então, principalmente quando comprova que a educação não faz parte ainda de nossa cultura, que se troca a leitura por redes sociais, livros por celulares de última geração.

Segundo Kenski (2001, p.103) o professor é o agente das inovações por excelência, ele aproxima o aprendiz das novidades, descobertas, informações e as notícias orientadas para a efetivação da aprendizagem. Os professores têm ciência que não tem como ensinar na contemporaneidade com as praxes de ontem, têm, ainda, ciência que deve se adequar à modernidade e o faz, pois não quer ver seu nome em jogo, não quer se sentir atrasado em relação aos acontecimentos e às novas teorias que surgem a cada dia, no entanto é grande a concorrência, pois os meios de comunicação já trazem as informações em tempo recorde, facilitam tanto suas vidas como a vida dos alunos entregando-lhes tudo pronto, sem precisar que esse pense, sem precisar de que use o raciocínio; prova disso são os resumos dos livros divulgados na internet, questões com respostas prontas entre outras facilidades.

Ainda para Kenski (2001, p.105) as tecnologias digitais permitem aos professores trabalhar na fronteira do conhecimento que pretende ensinar. Mais ainda, possibilitam que eles e seus alunos possam ir além e inovar, gerar informações novas não apenas no conteúdo, mas também na forma como são viabilizadas nos espaços das redes.

Realmente, as tecnologias digitais são excelentes ferramentas para o ensino aprendizagem do educador na atualidade, mas se esquecem de que nem todas as escolas têm aparelhos suficientes para todos os alunos, e quando as escolas os recebem, ficam por um curto período, logo são roubados e sem as tecnologias presentes em aulas, quando os alunos navegam em casa ou em “lan houses”, o professor tem como adversário os jogos, as redes sociais, os “messenger” e sites impróprios para sua idade e por mais que se qualifique, que busque atualizar-se para acompanhar o desenvolvimento fica impossível, pois depara com a liberdade excessiva dada pelos pais em troca de suas ausências.

De acordo com Alves (2001, p.40), durante seu preparo, o futuro professor se capacite para, em sua prática docente, compreender o universo cultural do aluno, a fim de que, juntos, a partir do que conhecem, venham a se debruçar sobre os desafios que o mundo lhes apresenta, procurando respondê-los, e nesse esforço, produzam novos saberes.

No sistema educacional o maior interessado em ver seu trabalho dar certo é o professor educador. É ele que está em contato direto com o educando, sabe do que é preciso para que o aluno, por isso busca diferenciadas estratégias que correspondam as suas expectativas e respondam aos interesses de seus alunos.

Para Gadotti (2000, p. 9) (...) o educador é um mediador do conhecimento (...) Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Não se discorda do que afirma Gadoti, pois o professor educador é comprometido com seu trabalho, participa de cursos, de pesquisas, transforma suas atividades conforme os desafios que lhes aparecem

não pensando somente em si, preocupa-se primeiro com o educando que está sob sua responsabilidade, com quem ele quer compartilhar e para quem dedica parte de sua vida, mas o que acontece muitas vezes é o não querer do aluno mesmo diante de várias estratégias usadas para tornar as aulas atrativas, diferenciadas.

O professor assim como o aluno é humano e como todo ser humano é impulsionado por diversos desejos, planeja sua vida alimentada por seus sonhos. Esses variam de ser para ser de acordo com sua família, sua situação econômica, sua cultura e sua profissão, cada um em busca de suas próprias realizações e de sua família, todos eles ligados intrinsecamente pela motivação. É a motivação que leva a satisfação profissional que, por conseguinte, possibilita alcançar tanto o objetivo profissional, quanto o pessoal desejado.

Quando se pensa em uma profissão, pensa-se em “algo que se relaciona com a realização pessoal, a felicidade, a alegria de viver, etc., como quer que isto seja entendido” e quando o envolvimento com esse “algo” deixa de resultar na realização pessoal, a tendência será, certamente, diminuir o envolvimento, diminuir os esforços (BOHOSLAVSKY, 1977, p. 23) . Dessa forma, ninguém procura realizar algo sem objetivo e para alcançá-lo é necessário que tenhamos perspectivas para sua realização, pois no íntimo não se faz apenas para si.

Entre o querer alcançar o objeto desejado está a satisfação de mostrar para outrem o sucesso obtido, já que a satisfação humana está em mostrar, primeiramente aos que consigo convivem, seu poder de execução, de superação, de capacidade de intervir e construir, e se assim não o fosse não seria válida a procura a transformação e a satisfação dos desejos.

E para garantir a satisfação é necessário que o sujeito tenha motivação diária, pois a sensação de reconhecimento é o que o levará a autoconfiança, a autorrealização, e conseqüentemente a produzir de acordo com suas potencialidades, ou superar-se cada vez mais para ter aprovação social e prestígio.

E não obstante, os professores são violentados pelo autoritarismo do sistema educacional que não lhes dão estabilidade. E o que se vê nas ambiências escolares? Violência gerando violência, fator que desmotiva o professor educador. Forma-se a tríade: professor, aluno e sistema educacional, e todos são violentados. Alunos violentam por serem obrigados a aceitar o que não querem, serem obrigados a permanecer na ambiência da escola com salas superlotadas, ou por trazerem os reflexos da sociedade. Por sua vez professores violentam os alunos obrigando-os a permanecerem na escola e sendo portadores do que o sistema educacional impõe em seus currículos e este por sua vez é violentado pelos dois primeiros.

Por outro lado temos o estado que a cada ano muda seus critérios de convocação, tira-lhe o que era garantido por lei e com novas leis o desestabiliza, que o fragiliza e o deixa inseguro todo início de ano sem saber se pode ou não contratar um funcionário para si, se poderá pagar uma faculdade para o filho ou até mesmo se poderá fazer um simples financiamento, deixando bem claro de quem é o poder.

Muitas vezes, o assédio moral hierárquico não é percebido por muitos, pois o veem como uma situação normal no trabalho, como uma simples chamada de atenção, no entanto por trás dessa “chamada de atenção” pode-se ter uma segunda intenção: a de colocar o colega de trabalho, o professor, em situação vexatória, humilhante perante aos demais colegas, mostrar-se superior.

A humilhação constitui um indicador importante na avaliação das condições de trabalho e saúde de trabalhadores e trabalhadoras, revelando uma das formas mais poderosas de violência sutil nas relações organizacionais e na sociedade (BARRETO, 2003, p. 197).

Tem-se por outro lado, aqueles que agredem sem ter a intenção de fazê-lo, o faz inconscientemente, no entanto o que sofre a agressão não a esquece, sente-se humilhado o que leva a riscos invisíveis, porém concretos em sua saúde.

Há casos de um professor ser mais popular, ter ideias inovadoras, que usam metodologias diversificadas, fatores esses que causam inveja, principalmente nos colegas com técnicas tradicionais, que pensam não valer a pena investir no novo e assim sendo, mesmo

estando fora da sala de aula, exercendo um cargo superior não conseguem digerir o sucesso do outro. Dessa forma, aproveitam o lado fraco do colega para depreciá-lo e auto afirmar-se.

Tais atos de violência constituem-se com assédio moral como é definido Hirigoyen (2006, p.36): toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se, sobretudo, por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade, ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa.

São vários os professores que são agredidos moralmente e calam-se para não serem penalizados nas avaliações de desempenho ou por medo de ao revelar a agressão sofrida a mesma ser compactuada pelo confidente. Dessa forma cai seu rendimento, o agredido fica sem ânimo para continuar suas tarefas e isolam-se, o que acarreta em confirmação do pensamento que foi verbalizado pelo agressor.

Essa violência, normalmente, aparece quando se muda de cargo, quando se passa para a direção. Não percebem que são percebidos pelos professores a mudança do discurso que passa a ser cópia fiel do que prega a instância maior: o estado.

Quando o professor não é agredido por ter que se calar, por ser obrigado a aceitar ações que vão contra sua linha de pensamento, são agredidos por sua simplicidade, por ser iniciante, por não pertencer à mesma classe social ou por sua cor.

Todas as expressões de violência aqui citadas, deixam determinados professores descrentes com a profissão escolhida, desmotivados com o sistema educacional, e é impossível que professores insatisfeitos, fragilizados, sem expectativas possam oferecer na ambiência escolar uma aprendizagem satisfatória, realmente de qualidade, em um ambiente que ele próprio tornou sua vida estática, de pronta servidão. Falta-lhe motivação, e a consequência é o adoecimento que o impossibilita de exercer sua real função, ou ausentar-se por motivos depressivos. Essa situação adversa vivida pela profissão já circula nos meios de comunicação como clichê na opinião pública que, entretanto, parece oscilar entre uma solidariedade passiva (...) e a aceitação de que a categoria é demasiadamente grevista e não se preocupa verdadeiramente com os seus estudantes, só sabem tirar

licença, não têm compromisso com a educação, violentos (GAWRYSZEWSKI, op. cit, p.1).

Como afirma Vasconcellos (2003, p.19) os meios de comunicação, implacáveis em sua ânsia de levar ao consumo a qualquer custo, exploram a imagem do professor como um ser anacrônico, sempre em situação de desvantagem em relação aos alunos.

Assim o papel professores educadores vem se desvalorizado dia após dia, uma vez que a própria classe parece desacreditar na sua eficiência para enfrentar os grandes desafios. Muitos perderam o sonho, a expectativa, a sensibilidade de contribuir com sua formação.

Geralmente, não se mostrado para a sociedade o que levou o professor a cometer atos violentos, mesmo que não justifique responder com violência. Não é mostrado que o aluno com sua bolsa escola, dá prioridade à compra de celulares, roupas, acessórios à compra do que lhe é necessário realmente para o estudo, em contra partida, o governo não equipa todas as escolas igualmente, ou seja, para algumas se tem muito, para outras quase nada, e crê que contribuindo com doações às famílias está tornando a educação igualitária, e aos professores ficam a culpa de um ensino retrógrado, a não aceitação do avanço tecnológico, e a violência gerada pela falta de emprego, da desestruturação familiar, da falta de valores. E toda essa propagação evidência a culpabilidade dos educadores.

Diante disso, percebe-se que o sentimento de desvalorização não acontece somente ante ao sistema, mas também por diversos outros fatores, dentre eles estão o perder a autonomia e o status, por outro lado temos a falta de comprometimento do aluno e da família que são subsidiados pelas leis que amparam o aluno tanto no que diz respeito ao aprendizado quanto aos seus limites comportamentais. Dessa forma, violentam e são violentados.

3. A Teoria de Maslow e a Realidade na Ambiência Educacional: O professor desmotivado

Maslow (2001) organizou as necessidades humanas em cinco categorias hierárquicas, conforme sua predominância e probabilidade, são elas: a necessidade fisiológica, a de segurança, de associação, de estima e de autorrealização como pode ser visto na figura 01:

Baseando-se em Maslow, parte-se para um paralelo entre a teoria de Maslow e a vivência dos



figura 01:

professores educadores na ambiência educacional e no contexto social, pois a partir da teoria apresentada pelo autor ter-se-á um entendimento maior dos enfrentamentos passados por aqueles.

A necessidade fisiológica que se concentra no horário de trabalho, intervalos de descanso e conforto físico está invertida. Professores se desdobram para conseguirem trabalhar com eficiência e cumprirem as incumbências exigidas pelo **Art. 13** da Lei de Diretrizes e bases- LDB/9.394/96 e a carga horária obrigatória expressa no Art.10 Conforme dispõe a Lei nº 20.592, de 28 de dezembro de 2012, do Diário Executivo, Minas Gerais.

Todo professor leva trabalho da escola para casa. Sua atividade não se esgota no ambiente físico da instituição de ensino. A aula dada em alguns minutos esconde várias horas de preparação, estudo, pesquisa, meditação, leitura, pois uma aula não termina no momento de sua execução.

O professor educador está sobrecarregado de atividades como pode ser comprovado nos Critérios de Designação 2013:

(...)a carga horária semanal de trabalho correspondente a um

cargo de Professor de Educação Básica com jornada de 24 (vinte e quatro) horas compreende: I – 16 (dezesseis) horas semanais destinadas à docência; II – 8 (oito) horas semanais destinadas a atividades extraclasse, observada a seguinte distribuição: a) 4 (quatro) horas semanais em local de livre escolha do professor; b) 4 (quatro) horas semanais na própria escola ou em local definido pela direção da escola, sendo até duas horas semanais dedicadas a reuniões.

Ao delimitar no inciso II alínea “a” quatro horas semanais em local de livre escolha, o governo subestima a capacidade de interpretação do professor educador, pois para um educador responsável não faria suas atividades fora de seu lar, visto que não sairia carregando pacotes de provas, exercícios e textos para correção para outro recinto.

Para o cumprimento das leis, o professor educador passa os finais de semana corrigindo provas, atividades e planejando suas aulas para a semana, ficando assim sem o seu descanso semanal. Assoberbado, o professor educador perde sua vida social, não tem tempo para a própria família, o que, muitas vezes também, repercute na vida escolar de seus próprios filhos. Em outros casos desfaz do casamento por não ter tempo para o marido, por falar em escola, pensar escola, alimentar-se de escola, perder sono por escola, enfim, viver escola pela responsabilidade que assumiu, pela responsabilidade de ser cooperador da sociedade entregando-lhe um cidadão responsável e crítico, por não ver seu nome “sujo” pela culpa da educação de má qualidade.

Ao delimitar quatro horas, não calculou adequadamente o tempo e o número de correções a fazer, pois se realmente tivesse calculado comprovaria que um professor que tem três turmas com 40 alunos cada, no mínimo gastará de 10 a 15 minutos para corrigir um texto, pois este deverá ser analisado dentro dos aspectos semânticos e linguísticos. Dessa forma, o tempo gasto será de 8 horas para cada turma o que dará 24 horas para as três. Isso em caso apenas de correção textual.

E as outras atividades? Assim também é para os professores educadores de outras disciplinas que priorizam a respostas discursivas como processo avaliador para auxiliar o poder de argumentação do seu educando. A atividade mais cansativa a qualquer professor é, justamente, a de corrigir provas e trabalhos escolares: além de consumir tempo, é uma atividade estressante, de profundo desgaste físico e mental. (LIMA, 2009, p. 68).

A necessidade de segurança que diz respeito ao trabalho seguro, remuneração e benefícios e a permanência no emprego é abalada pela desvalorização de seu salário, perda de benefícios adquiridos, perda da segurança que tem sua causalidade na violência social, da mídia, dos alunos, pais e do próprio Estado que deveria resguardá-lo.

Segundo a LEI Nº 18.975, DE 29 DE JUNHO DE 2010, Parágrafo único, Os valores dos subsídios das carreiras de que tratam os incisos I e II do caput são os constantes nos Anexos I e II desta lei, fixados em parcela única, é vedado o acréscimo de qualquer gratificação, adicional, abono, prêmio e verba de representação ou outra espécie remuneratória, ressalvado o disposto no art. 3. O que se ressalva no disposto do art. 3 não são as vantagens adquiridas.

Gawryszewski (2007, p.1) pondera que no cotidiano das escolas são comuns as reclamações dos professores a respeito dos baixos salários, das péssimas condições de trabalho, das amplas jornadas em sala de aula, do desinteresse dos alunos e da própria categoria docente.

Além dos professores educadores não receberem de acordo com suas responsabilidades, tiram do pouco que tem para compra de matérias e xeroxes para conseguirem dar uma aula diferenciada, para que o aluno tenha material adequado e consiga aprender com mais facilidade, todavia o que consegue é falta de reconhecimento de seu trabalho, tanto pelo Estado quanto pela sociedade.

Com relação à remuneração, o professor educador não tem direito de reivindicar melhor salário, se o faz por meio da Superintendência não é ouvido, caso escolha pelo direito de paradas ou greve é coagido, ameaçado por meio de circulares que chegam à escola. Ainda, não têm autonomia, têm que lidar com a indisciplina, com pais que não dão assistência aos filhos, cobranças do Estado e da sociedade

que os culpam pela evasão, e os demais problemas surgidos e trazidos pela vida em sociedade.

A necessidade social amparada pela amizade dos colegas, interação com clientes, chefe amigável, na realidade não acontece. O que se vê são colegas de trabalhos se indispondo uns com os outros, principalmente os efetivos e os efetivados pela LEI Complementar 100/2007, pela Avaliação de Desempenho Art. 2º Decreto 44559 de 2007).

O professor educador não é visto como profissional capaz, atribuem-lhe culpa de um processo que não depende apenas dele, mas de vários fatores sociais e ambientais como a falta de materiais necessários como computadores à disposição na sala de professores, xerox de acordo com suas necessidades para uma aula de qualidade como é exigido e é necessário, a violência simbólica por parte dos colegas de trabalho, da direção, do Estado e da mídia.

Da necessidade de Estima, na qual se espera o reconhecimento, responsabilidade, orgulho e reconhecimento, promoções, o que se vê é o não reconhecimento da importância do professor educador como profissional, necessário à sociedade, o que faz com que caia seu rendimento profissional, consecutivamente a aprendizagem do aluno, e a não auto realização do primeiro, o que fica claro a importância da ambiência escolar e da sociedade propiciarem condições para o educador desempenhar seu papel, contribuindo de fato para o crescimento cultural e social da comunidade escolar.

Perissé (2011, p.17) diz que o que mais desvaloriza e desmotiva um professor e pode fazer com que adoça de corpo e alma é Em primeiro lugar, não poder conectar-se com o valor de ensinar. Não perceber ao seu redor o clima favorável para exercer (como sonhou e concebeu) a sua profissão.

Maslow diz que “a satisfação da necessidade de autoestima conduz a sentimentos de autoconfiança, valor, força, capacidade e utilidade. Sua frustração traz sentimentos de inferioridade, fraqueza e desamparo” (apud MOSQUERA, 1985, p. 147). E é o que os professores sentem hoje com a incerteza desses sentimentos, sentem-se desmotivados.

O profissional docente com a estima elevada é condição essencial, não apenas para seu bem estar profissional, mas também para a qualidade do trabalho pedagógico que estes realizam dia após dia nas escolas, no entanto lhe é dado a incumbência de elevar a estima de seus alunos e abaixam a dele com ações que o desmoralizam perante os alunos e a sociedade.

Em suas investigações, Zaragoza (1999, p.35) afirma: Os professores percebem os problemas que se produzem no interior da sala de aula como inerentes a seu próprio trabalho (...) mas não têm capacidade de dominar.

Quando se trata de dificuldades com os alunos, muitas vezes, os professores educadores procuram compreender, procuram saber o contexto em que está inserido seu aluno para tentar ajudá-lo, porém quando se desdobra para alcançar seus objetivos, o Estado lança novas atividades sem preparar adequadamente os professores e exige eficácia imediata. Não obstante, alguns diretores, também exigidos e cobrados, coíbem, retalham seus colegas de trabalho, mesmo sabendo que esses têm razão, não lhes dão direito de escolha, ignoram os apelos de cumplicidade, cometem assédio moral, tornam-se irredutíveis em suas posturas.

Necessidade de Auto Realização encerra-se com o trabalho desafiante, diversidade e autonomia, participação nas decisões, crescimento profissional. O professor educador perdeu sua autonomia na sala de aula, sua autonomia está apenas no dar aulas. Ele tem que aceitar as palavras de baixo calão, os acenos obscenos e ficar calado para não “traumatizar” o aluno.

Sua participação em tomadas de decisão são para acatar as leis e tomar cuidado com o que fala, pois seu discurso pode virar-se contra ele.

Arduini (1989, p.121) em sua obra Destinação Antropológica afirma:

Vetar-lhe o dizer, é asfixiá-lo. Não poder manifestar-se sentido, é ser impedido de ser homem. A pessoa pode ser injustamente esmagada. (...) Quando o homem se faz logos hermético, ou é transformado em palavra proibida, então a tristeza amortalha os flancos da história, é desmotivá-lo.

Ao recusar a linguagem do professor educador, tiram-lhe o direito de defender-se, de contribuir para a melhoria da educação, impossibilitado de seu direito de expressar-se para o objetivo principal que se espera da mesma: “uma educação de qualidade”, é ir contra seus princípios e sua dignidade, é ferir sua autoestima, é negar-lhe o direito de autorrealizar-se.

Não tendo autonomia, privado de expressar-se, não podendo realizar seus sonhos de educar verdadeiramente, com sua autoestima baixa, o professor educador não vê perspectiva de crescimento profissional e sim nutre um desejo de largar tudo, “joga tudo para o alto”, no entanto é impossibilitado de fazê-lo, pois se o faz perde todos os direitos adquiridos, sai a deriva, com isso, vai suportando, esperando o momento de ser reconhecido ou a oportunidade de passar em outro concurso e deixar de lado a educação.

4. CAUSA DA PATOLOGIZAÇÃO DO PROFESSOR: A DESMOTIVAÇÃO

Diante das intensas cobranças internas pelas instituições educacionais, pela sociedade e pelo Estado, com as críticas feitas tanto por estudiosos da educação quanto pela sociedade, alguns professores presenciando seu nome e sua carreira tornarem-se alvo de deboches e descaso, os professores educadores sentem-se injustiçados perdem a motivação, desmotivam e entram em estado de adoecimento psíquico.

A palavra Motivação derivada do latim *motivus*, *move*, que significa mover, indica o processo pelo qual um conjunto de razões ou motivos explica, induz, incentiva, estimula ou provoca algum tipo e ação ou comportamento humano (MAXIMIANO, 2000).

Para Robbins (2005, p. 132) é o processo responsável pela intensidade, direção e persistência dos esforços de uma pessoa para o alcance de uma determinada meta. Se é a motivação a responsável pelo desenvolvimento psíquico/social, profissional e pessoal, é primordial que motivemos o professor para que ele não caia na mesmice, que não aja por obrigação, que sinta prazer por aquilo que faz.

Chiavenato (1992, p.166) conceitua motivação como o esforço e tenacidade exercidos pela pessoa para fazer algo ou alcançar algo.

Em Deese (1964, p. 404) Motivação: o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto com respeito a objetivos.

Krench e Crutchfield (apud Todorov 1959, p. 272) já definem motivação como uma necessidade ou desejo acoplado com a intenção de atingir um objetivo apropriado. E ainda para Ray (1964, p. 101) Um exame cuidadoso da palavra (motivo) e de seu uso revela que, em sua definição, deverá haver referência a três componentes: o comportamento de um sujeito; a condição biológica interna relacionada; e a circunstância externa relacionada.

Percebe-se que em todos os autores supracitados apresentam praticamente a mesma definição para “motivação”, assim sendo, não basta ao professor educador a condição interna, para se completar depende também da circunstância externa como afirma Maximiano (2000) Internos: são aqueles que surgem das próprias pessoas como, tais como aptidões, Interesses, Valores e Habilidades. Externos: são aqueles criados pela situação ou ambiente em que a pessoa se encontra. Não encontrando a motivação, o professor torna-se acuado a ponto de adoecer, por isso o crescente número de educadores com diversas sintomatologias patológicas.

5. SINTOMATOLOGIA DOS DISTÚRBIOS PSÍQUICOS DO DOCENTE

Constantemente, depara-se com educadores queixando-se de desânimo, dores corporais, perda de sono e falta de paciência, quadro esse tido como consequência da excessiva carga horária, pelo desinteresse dos alunos, pela inconstância dos planos de carreira, violência simbólica, desvalorização salarial entre outras queixas.

Zaragoza (2010, p.76) contribui:

Os professores, pelo conjunto de fatores sociais e psicológicos que analisamos, sofrem as consequências de estarem expostos a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho; e cuja dificuldade aumenta, fundamentalmente, pela fragmentação da atividade do professor e o aumento de responsabilidades que lhe são exigidas,

sem que lhes tenha dotado dos meios e condições necessárias para responder adequadamente.

Inicialmente, querendo se superar e demonstrar que os problemas educacionais não estão em si, tais profissionais demonstram uma capacidade de realização de suas tarefas além do que é possível em situações normais, como trabalhar durante a madrugada e ter a capacidade de realizar duas ou mais tarefas ao mesmo tempo. Algum tempo depois essa disponibilidade passa a ser realizada com cansaço, com sentimento de impotência, angústia, e com alteração de humor. Começam então a manifestar algumas sintomatologias tais como o estresse que ocorre com corre-corre diário, a necessidade de adequar-se as mudanças constantes e a dificuldade de adaptação, com o excesso de sua carga de trabalho para cumprirem o compromisso, para não serem vistos como irresponsáveis, o que os levam a ficar constantemente tensos.

Para Guimarães; Sigríst & Martins,(2004, p.74). O estresse ocupacional é definido uma situação de tensão crônica, na qual os trabalhadores são submetidos a uma carga de trabalho cumulativa de alto esforço, com baixa recompensa e baixo controle.

Zaragoza (2010 p.151) dá o conceito de estresse do professor, ao dizer que:

O estresse do professor foi definido como uma resposta do professor com efeitos negativos (tais como cólera, ansiedade ou depressão) acompanhada de mudanças fisiológicas potencialmente patogênicas (tais como aceleração cardíaca ou descarga de hormônios adenocorticotróficos na corrente sanguínea) como resultados das demandas feitas ao professor em tal papel.

Para Selye (1984), o estresse é uma síndrome caracterizada por um conjunto de reações que o organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que dele exija um esforço para se adaptar.

Para o mesmo autor, o estresse divide-se em três fases. A primeira: Fase de alerta, quando os estímulos estressores iniciam e o organismo responde rapidamente preparando para lutar ou fugir; a

segunda fase é a da resistência quando surgem os primeiros resultados mentais, físicos e emocionais, pois o organismo procura restaurar o equilíbrio interno para resistir ao estressor.

Com a continuidade dessa fase, podem aparecer patologias mais graves como a depressão, entre outras. Afirma Pervin (1968, p.61) que a adaptação, ou melhor, o encaixe do indivíduo ao ambiente se expressa por meio de alto desempenho, satisfação e pouco estresse no sistema, enquanto a falta de encaixe resulta em desempenho reduzido, insatisfação e estresse.

Mais uma vez, tem-se a comprovação de que insatisfeito o professor fica desmotivado, estressado, principalmente diante da globalização que exige de si, às vezes, muito mais do que pode oferecer; no entanto, se motivado desdobra-se, busca energia nos mínimos detalhes. Caso contrário fica introspectivo, alienado, não procura atualizar-se, para no tempo.

Perante a necessidade de se desdobrar para realizar-se pessoalmente no que diz respeito às necessidades exigidas hoje pela sociedade, tais como aprimorar-se profissionalmente, apresentar-se bem vestido, concretizar suas necessidades básicas como saúde de forma geral, fazem com que o professor com o salário insuficiente desdobre-se entre um cargo e outro, o que acarreta a exaustão, o estresse que o leva ao adoecimento psicossocial.

O stress também pode vir de fontes externas e internas como diz Lipp (1996, p.9) as fontes internas estão relacionadas com a maneira de ser do indivíduo, tipo de personalidade e seu modo típico de reagir à vida. Muitas vezes, não é o acontecimento em si que se torna estressante, mas a maneira como é interpretado pela pessoa.

Independente se externo ou interno, vivenciamos cada dia mais o estresse nos meios educacionais, e se partirmos da premissa que cada ser humano é único, tem suas limitações, que se porta de diferentes maneiras em determinadas situações, fica claro que é necessário o bem estar de cada um, que devemos respeitá-lo dentro de suas diversidades, pois diversas são suas atividades e as fontes que podem desestruturá-lo física e psicologicamente.

A ansiedade, também denominada fobia social, é a sensação da

falta de algo que abala uma pessoa tanto física quanto psicologicamente. A ansiedade, que é uma característica da profissão de professor, tende a agravar-se em locais de alto stress situacional, GALVÃO (et al. 2005p.152).

Na esfera física os sintomas são taquicardia, tensão nos músculos, suor intenso (sudorese), tremuras, enxaquecas. Já para o psicológico a pessoa vive com sonolência, falta de ânimo para levantar-se pela manhã e irritabilidade, apatia mental.

Segundo Picon Et. al (2004 p. 227) é um medo marcante e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, em que a pessoa sente-se exposta a desconhecidos ou a uma possível avaliação dos outros. O indivíduo teme agir de forma a demonstrar sua ansiedade (...)

É nato do ser humano a necessidade de reconhecimento, ninguém gosta de ser taxado como incapaz, como fracassado, por isso traça seus objetivos almejando o sucesso, não só para si. Sempre que se propõem a uma atividade visa-se ter merecimento, ou pela própria atividade em si, ou pelos outros, ou seja, um lavrador ao desempenhar suas tarefas de plantio o faz esperando uma boa colheita, um pai ao educar seu filho espera ser visto como um bom pai, um bom educador de famílias, assim também acontece em todos os seguimentos da sociedade e assim é com os professores educadores que já estão expostos na sociedade, por isso não querem o contrário: estar expostos à ridicularização.

No DSM-IV TR (2002, p. 420) encontra-se os seguintes tipos de transtorno de ansiedade Transtorno de pânico com agorafobia; transtorno de pânico sem agorafobia; agorafobia sem ataque de pânico; fobia simples; fobia social. Esta última acomete professores, advinda de várias sensações de instabilidade no âmbito educacional e das diversificadas denominações a eles designadas pela sociedade. Sentindo-se inicialmente com palpitações, com uma necessidade enorme de que o tempo passe rápido, o professor educador, procura esconder-se, esquivar-se das pessoas sem mesmo saber com qual objetivo os procuram, ou se são a eles a quem vão se dirigir o possível interlocutor.

Tais características são possíveis de identificar quando no meio

educacional presencia-se professores ansiosos para o término da aula, ou reclamando antes mesmo das aulas começarem que já deveriam estar acabando, em momentos de reuniões quando não gostam de manifestar-se e escondem para não serem vistos, quando à todo momento pensam que os exemplos que serão dados referem-se a eles. Ou ainda, se ouvem dizer que algo não vai bem, designa a si um provável erro já se desculpando, com medo da avaliação de outrem.

E ainda no DSM-IV TR (2002, p. 438) Os professores acometidos pela fobia social, mesmo em pequenos grupos de trabalho não conseguem expor seus argumentos, transferem atividades que lhe são incumbidas para outros, deixam transparecer no rosto o pânico sentido, suam exageradamente as axilas e as mãos, se o são obrigados a fazer, ficam embaraçados, atropelam as palavras, não organizam suas ideias e cometem “erros” com medo do erro.

A ansiedade antecipada gera o pânico. Os Ataques de Pânico, quando ocorrem, tomam a forma de ataques ligados a uma situação ou predispostos por uma situação (por ex., uma pessoa, com medo de sentir embaraço, ao falar em público tem Ataques de Pânico, apenas quando está falando em público ou em outras situações sociais). No DSM-IV TR (2002, p. 441) encontra-se que a esquiva de situações pelo medo de uma possível humilhação é altamente proeminente na Fobia Social, mas às vezes pode ocorrer no Transtorno de Pânico Com Agorafobia e na Agorafobia Sem História de Transtorno de Pânico.

Nesse caso, o indivíduo tem medo não apenas em situações sociais. Ele sente medo de estar sozinho em qualquer lugar, apresenta problemas de pressão arterial, taquicardia, apresenta “fora do ar”, dormência no rosto, mãos e pés, secura na boca e a sensação de que algo terrível irá acontecer.

O transtorno ciclotímico tem como característica a inconstância do humor. O indivíduo com essa abordagem manifesta-se ora com excessiva alegria, ora extremamente tristes, oscilando entre o riso e as lágrimas, muitas vezes esse comportamento quando não identificado traz conflitos, rejeição e causam danos vida social do sujeito.

Para ser considerado como transtorno ciclotímico é necessário

que o indivíduo tenha no mínimo uma mania ou depressivo plenos e com duração de dois anos de sintomas inconstantes.

De acordo com o DSM-IV(2002, p.391-2) os sintomas de humor da ciclotimia são amenos e os sintomas de depressão nesse transtorno nunca alcançam os critérios para depressão maior e o humor elevado jamais chega a acepção de mania, pois não ocorrem em quantidade suficiente para caracterizar-se respectivamente como mania ou depressão, no entanto vista constantemente como humor inconstante próprio do sujeito.

A Associação Psiquiátrica Americana, no DSM-IV, faz a seguinte classificação para os transtornos de humor bipolar: o Transtorno Bipolar I (296): é um curso clínico caracterizado pela ocorrência de um ou mais Episódios Maníacos ou Episódios Mistos e o acompanha três sintomas a mais tais como a autoestima elevada, insônia, falar, fuga de ideias, distração, mais envolvimento em atividades dirigidas a objetivos ou atividade psicomotora agitada, e envolvimento demasiado em atividades prazerosas;

Alguns professores ainda tentam resistir ao estado de desânimo, mas vendo que a situação não é revertida, ou seja, que não há melhora em sua profissão, entram em estado de anedonia, esta é a perda da capacidade de sentir prazer, é o processo de desinteresse em investir em si mesmo, qualquer roupa serve para ir trabalhar, não se importa com o modelo do calçado que usará, perde o interesse em arrumar os cabelos e fazer as unhas. Tem em mente apenas ir à escola, cumprir seu horário e retornar para casa. Perde o entusiasmo por si e pelo trabalho, deixa de ser um sujeito produtivo para tornar-se vegetativo, apático.

Depois de passar pelo estresse e pela ansiedade, ocorre a síndrome de Burnout que acomete profissionais, tais como os professores, devido à insatisfação pela tarefa realizada, local de trabalho, convivência com colegas de trabalhos, docentes entre outros fatores que o incomodam e o leva a exaustão que inicia dentro da ambiência do trabalho e se estende do âmbito familiar e ao convívio social, normalmente com uma carga emocional que compromete sua competência técnica e metodológica, pois é um profissional que requer

maior grau tolerância por lidar com diferentes culturas e diversidades socioeconômicas.

Gil-Monte & Peiró (1997, p.15) afirma que a Síndrome de Burnout é a exaustão como .a situação na qual os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos no nível afetivo. É uma situação de exaustão da energia ou dos recursos emocionais próprios.

Exausto com o trabalho, o professor não consegue perceber melhorias, não tem ânimo para atividade diárias, nem para novas que lhe são propostas. Sente-se desanimado para mudanças e não vê perspectiva no futuro profissional. Torna-se impaciente com as pessoas com quem convive.

De acordo com Benevides-Pereira (2009, p. 3927) a Exaustão Emocional refere-se à sensação de não se dispor de nem mais um resquício de energia, seja mental ou física, para levar adiante as atividades laborais. Esta dimensão traz consigo uma série de sintomas psicossomáticos.·

Apático o professor educador esconde em si, não consegue concatenar suas ideias, sente-se com o corpo pesado, fraco para a realização das tarefas, com dores por todo corpo e não sabe dizer ao certo o que tem e somente quer ficar longe do que vê como problema.

O professor estressado sente-se irritado quando algo o contraria, contudo é passageiro, assim que algo novo acontece, sente-se disposto e o momento de irritação passa, o que não ocorre quando está com a Síndrome de Burnout, nesse estado nada o faz animar-se, pelo contrário, tudo é penoso, nada terá resultado positivo.

Benevides- Pereira et al (2003.b, p. 45). diz que o Burnout é a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre pela cronificação deste, quando os métodos de enfrentamento falharam ou foram insuficientes. Enquanto o estresse pode apresentar aspectos positivos ou negativos.

Para Maslach (apud Dias, 2003 p.24) Burnout é uma síndrome de exaustão emocional, despersonalização e reduzido envolvimento pessoal que pode ocorrer entre indivíduos que por profissão se ocupam de pessoas.

O professor educador, insatisfeito com ou com sobrecarga de trabalho,

tem crise constante de insônia, acorda assustado, passa o dia insatisfeito e com sonolência e o que lhe vem à mente é somente ir embora e livra-se das atividades que se tornam pesadas diante da indisposição sentida.

Os professores, depois de passarem por situações de constrangimento como a indiferença do aluno, o descaso do Estado, as agressões verbais dos “superiores” da escola e agressões imagéticas divulgadas pelos meios de comunicação, sentem dificuldade na realização do seu trabalho, de relacionar com os alunos e colega, sentem-se abalados emocionalmente.

O horário de ir para a escola torna-se um martírio, chega no último momento e sai rapidamente para evitar o diálogo, o enfrentamento com o outro. Ao chegar à ambiência escolar, evita estar próximo ao colega, não vê a hora de terminar o horário e tudo que lhe é proposto torna-se inviável de ser realizado.

O professor acometido pela síndrome, denominado por Síndrome de Burnout, demonstra ser incapaz de criar, de projetar, faz questão de não opinar, não tem segurança para realizar o novo e sempre se diz incapaz “ não tenho dom para isso”, deixa de ser um sujeito ativo, torna-se apático.

Vasques-Menezes (apud Codo 2002, p.254) o Burnout é uma desistência de quem ainda está lá. Encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir.

São vários os momentos que o professor educador quer desistir de seu cargo, principalmente quando se sente inútil, quando vê sua luta ser em vão, mas não o faz para não perder o tempo já trabalhado, para não perder o plano de saúde, com isso, dia a após dia vai contando cada segundo de ver-se livre do que lhe aflige, persiste fisicamente, enquanto sua mente vagueia em busca de uma solução, de um novo emprego que lhe proporcione prazer, motivação para continuar sua vida.

A Síndrome de Burnout em professores educadores afetam o ambiente educacional, dificultando os objetivos pedagógicos, levando os profissionais a se renderem ao desânimo, desumanizar-se, tornando-se apáticos, adquirindo problemas de saúde, ausentando-se

das aulas, aumentando a probabilidade de abandono da profissão (CARLOTTO E PALAZZO 2006, p. 1018).

Assim, se consideramos que burnout é um fenômeno psicossocial relacionado diretamente ao espaço escolar, no qual o educador busca constituir-se como sujeito através do seu trabalho e o mesmo não motivado, não realizará um trabalho produtivo, nunca chegar-se-á a uma educação de qualidade.

6. O UNIVERSO PESQUISADO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para este estudo, foram feitas as pesquisas: bibliográfica, de campo e etnográfica e optou-se pelo cunho quali/quantitativo com professores das Escolas Estaduais do Ensino Fundamental/Médio da Cidade de João Pinheiro MG que estiveram de licença devido a (des)motivação na ambiência escolar no período de 2012/2013.

Inicialmente foi apresentado um questionário semiestruturado para coleta de dados de quantos professores educadores estavam ou tiraram licença de saúde ou estão em Adjunção Funcional no período investigado devido ao mal-estar docente.

De acordo com os dados fornecidos no questionário, apurou-se que as escolas investigadas contam no geral com 174 professores e segundo as informações seis tiraram licença no referido período, e apenas um estava em Adjunção Funcional.

No entanto, da amostra de 30 professores educadores de interesse do investigador, 28 participaram o que fez um total 93%, os demais alegaram querer contribuir, no entanto não dispunham de tempo.

86% dos professores indicaram ter dificuldade “nas relações entre alunos” e “Nas manifestações negativas dos demais professores” o que demonstra que na ambiência escolar a relação entre professores e alunos que deveria ser de interação está debilitada. A ambiência escolar é local de representações sociais, espaço para estabelecer interações inter-pessoais, no entanto ocorre o contrário, os professores demonstram negatividade para suas atividades o que demonstra a desmotivação.

Outro ponto relevante foi 100% dos professores indicarem que

a sobrecarga de trabalho, os debilitam, pois diante a tantas regras e cobranças e não vêm o resultado esperado, ficam sem iniciativa.

Com os dados obtidos, comprova-se o que preconiza Maslow, apud Stephens (2003, p. 259) Agora a pessoa sentirá intensamente como jamais sentiu, a ausência dos amigos, de uma namorada, da esposa, ou dos filhos. Ele ansiará por relações de afeto com as pessoas em geral, a saber, por um lugar em seu grupo

E completa Chiavenato (2002, p. 84) (...) são as necessidades relacionadas com a vida associativa do indivíduo junto a outras pessoas. São as necessidades de associação, de participação, de aceitação por parte dos colegas, de troca de amizade, de afeto e de amor (...).

A necessidade social é fundamental para a interação entre sujeitos, aqui, professores, alunos, a comunidade escolar como um todo. Caso falte a troca afetiva, a participação e aceitação entre as partes o ambiente fica pesado, incômodo para quem nele está e é o que está acontecendo nas escolas, nas quais trabalham os investigados, posto visto que a relação entre professores e alunos está debilitada.

O alto índice de pouco investimento das políticas públicas, foi indicado por 100% dos professores o que os propicia sentirem-se desvalorizados, pois a maior preocupação daquela está em investir na infraestrutura dos prédios escolares. Aqui é relevante salientar que na maioria das escolas a rede física está em constante reforma, está adequada para o ingresso de alunos com deficiência física, boa iluminação, arquitetura bem planejada e pouco investimento das políticas públicas para com eles, por isso o índice também de 100% na alternativa marcada.

Para Codo (2002, pág.277) a educação precisa do suporte social no trabalho para ser efetiva, precisa ser efetiva para ser livre, para que educadores e educandos coparticipem do seu próprio destino.

Outra preocupação dos 25%, dos professores, está em incluir alunos sem prepará-los e ainda em não cumprir com os planos de carreira adquiridos, em não pagar o salário de acordo com o piso salarial nacional, 29% sentem-se despreparados psicologicamente para as pressões impostas.

Observou-se no momento das escolhas das alternativas da questão

analisada a necessidade fisiológica abatida. Maslow, (apud Stephens 2003, p. 251), diz que as necessidades fisiológicas são consideradas como o ponto de partida para a teoria da motivação, são os chamados impulsos fisiológicos. Delas, depende-se a motivação para um bom trabalho, não sendo satisfeitas, tais necessidades, podem gerar absenteísmo, exatamente por ameaçar as condições mínimas de sobrevivência, o que se pode comprovar com os 25% que escolheram falta de estrutura para trabalhar.

Ao serem perguntados sobre quais fatores mais contribuem para a desmotivação docente ou sofrida pelos professores, de uma escala de 1 a 5, sendo 1 menor relevância e 5 maior relevância.

	1	2	3	4	5
1. Acúmulo de funções	0%	0%	0%	7,14%	92,85%
2. Impotência perante aos alunos	0%	0%	7,14%	10,71%	82,14%
3. A falta de interesse do aluno	0%	0%	0%	0%	100/%
4. Questão salarial	0%	0%	0%	100%	0%9
5. Violência simbólica	0%	0%	14,28%	71,40%	6,7%
6. Influência da mídia	0%	7,14%	7,14%	14,28%	71,40%
Tabela 01 – Fonte: Criada pelo investigador					

Obteve-se para 92,85% dos professores, o acúmulo de funções e 100% a falta de interesse dos alunos, 96% a violência simbólica contribuem de forma relevante. Eles têm que exercer vários postos, para os quais não estão preparados, visto que suas formações profissionais não são apenas uma, sendo assim tem dificuldade em executá-las, principalmente por não poder se negar a exercê-las. Outro fator é a falta de interesse dos alunos, pois os materiais que têm são aquém do que eles estão acostumados, acabam sofrendo violência simbólica, assim gera o mal estar, ficam ansiosos e depressivos.

Sobre sua permanência no ambiente escolar, a avaliação da frequência eu as atitudes a seguir podiam ser percebidas, ficou computado:

	Nunca	Muito pouco	Às vezes	Sempre
1.Maledicência (falar mal),xingamentos, insultos	3,57%	10,71%	14,28%	71,40%
2. Gritos ou ameaças	3,57%	7,14%	71,40%	21,42%
3. Isolamento social	3,57%	17,85%	57,12%	21,42%
4. Angústia	0%	0%	32,13%	64,83%
5. Tristeza	0%	3,57%	24,99%	71,40%
6. Perseguição	15,85%	14,28%	53,55%	7,14%
7. Baixa autoestima	0%	0%	14,28%	85,68%
8. Sonolência	3,57%	0%	0%	71,40
9. Estressado (a)	0%	0%	0%	100%
10. Humor inconstante	7,14%	10,71%	42,84%	32,13%
11. Ansioso(a)	0%	0%	35,7%	64,26%

Tabela 02 – Fonte: Criada pelo investigador

De acordo com as porcentagens apresentadas na tabela 02, abaixo, constata-se as sintomatologias sentidas pelos professores poderão estar relacionadas com algumas sintomatologia dos distúrbios psíquicos e a Síndrome de Burnout, visto que as maiores porcentagens, 64,83%, 71,40%, 85.68%, 100%, são sintomas da Síndrome de Burnout, constatação essa amparadas nos estudos do DSM-IV e nos autores citados anteriormente:

Carlotto (2002, p.24) discorre a relação entre a Síndrome de Burnout e sua tarefas profissionais: (...) o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos frequente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro.

A ansiedade, inicialmente, pode ser vista como uma sensação passageira, no entanto pode aumentar dividido ao grau de pressão sentida. Como a escola vive em constante mudanças, e mudanças repentinas que vão gerando ansiedade em alguns professores, pois não sabe o que esperar da aula ou do dia seguinte. E em outros a sensação de ansiedade, o medo das ameaças pode tornar-se fobia social.

Wisniewski & Gargiulo (apud Carlotto & Gobbi 1999, p.109) colaboram dizendo que geralmente níveis elevados de burnout fazem com que os indivíduos fiquem contando as horas para o dia de trabalho terminar, pensam, frequentemente, nas próximas férias e utilizam-se de inúmeros atestados médicos para aliviar o estresse, a tensão e a tristeza provenientes do trabalho.

Como foi visto na tabela 02, tanto a ansiedade quanto o estresse sentidos pelos professores interferem no seu fazer pedagógico o que ficou constatado na resposta de 71% dos profissionais que a falta iniciativa na ambiência escolar, que constantemente afeta os colegas de trabalho e os alunos, pois o professor perde a paciência, fica estressado e não os atende como deveria, não possibilita ao educando e ao professor educador atingirem seus objetivos escolares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A insatisfação dos professores com relação à profissão é um fato relevante, sobretudo, quanto à desvalorização de sua profissão, do descaso, do desrespeito, da falta de compromisso do aluno para o aproveitamento de seu aprendizado no dia a dia escolar.

Dessa forma, pode-se afirmar que o relacionamento vem gerando conflitos e insatisfações na ambiência escolar e, por conseguinte, desfazendo expectativas de uma “educação libertadora”, de troca, enfim de qualidade, posto visto que as relações interpessoais em qualquer instituição, principalmente a escolar devem ser condizentes com seu propósito: socialização, respeito mútuo, valores essenciais para a sobrevivência.

Com as expectativas e os sonhos multifacetados não excitam a curiosidade, não desenvolvem a criatividade, não propicia o saber e não elevam a auto estima do aluno, pelo contrário, o que sentem é medo, competitividade, frustração, sentimentos esses que provocam o adoecimento psíquico, físico, moral e ético que provavelmente contamina a sociedade.

Na busca de ver-se valorizado, os professores adotam posturas diversas que podem ir desde comportamentos agressivos, queixas constantes, críticas excessivas, isolar-se ou isolar o outro, direcionar-se apenas a alguns, evitar determinados espaços do ambiente escolar.

Torna-se perceptível que o trabalho, o ambiente não lhe é agradável, que a realização do seu trabalho não influencia em sua vida e não lhe é necessário, pois não o vê como colaborador para seu futuro, o futuro de sua família e de seus educandos. A não correspondência entre o real, o idealizado e o projetado bloqueiam a produção de vontade e esforço para manter os vínculos existentes.

À proporção que a percepção dessa não correspondência se expande, o enfraquecimento dos vínculos com a escola e com o trabalho cresce. o que explica a situação de muitos professores desmotivados e desesperançados, sendo assim a motivação docente parece ser o fator primordial ao seu bem-estar pessoal e interpessoal.

Enfim, a desmotivação sentida pelos professores, com o desinteresse do aluno pela aprendizagem e com a possível pressão sofrida na ambiência educacional, há a probabilidade do professor educador estar prestes a adquirir, ou estar na fase inicial da Síndrome de Burnout, posto visto que apresentam-se diversas reações físicas, psíquicas, tais como comportamento de ordem defensiva que revelam em si, às vezes, atitude de isolamento social, sentimento de angústia, tristeza, sensação de perseguição, baixa autoestima, sonolência, estresse humor inconstante e ansiedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda (org). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2001.

ARDUINI, Juvenal, **Destinação Antropológica**. SP. Edições Paulinas, 1989

BENEVIDES, Pereira, A.M.T. (2002). Burnout: o processo de adoecer pelo trabalho. In: Benevides-Pereira. A. M. T. (org.) (2002). **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BARRETO, Margarida Maria Silveira. **Uma jornada de humilhações**. 2000. 266f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC, São Paulo, 2000.

_____, Margarida Maria Silveira. **Violência, saúde, trabalho: uma jornada de humilhações**. São Paulo: EDVC ed. da PUC – São Paulo, 2003.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

CARLOTTO, M. S. & GOBBI, M. D. **Síndrome de Burnout: um problema do indivíduo ou do seu contexto de trabalho?** Aletheia, 1999.

CARLOTTO, M. S. e PALAZZO, L. S. **Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores**. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, Vol. 22, nº 5, maio 2006.

CHIAVENATO I. **Recursos humanos**. São Paulo (SP): Atlas; 2000.

_____. **Gerenciando pessoas. O passo decisivo para a administração participativa**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1992.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. 3 ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DSM-IV-TR, American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Texto Revisado - DSM - IV-TR**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GAWRYSZEWSKI B. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - Nº 105 - Febrero de 2007

GIL-MONTE, P. & Peiró, J.M. **Desgaste psíquico em eltrabajo: el síndrome de quemarse**. Madri, Síntesis. 1997.

GUIMARÃES, L.A.M.; SIGRIST, J. & MARTINS,D.A. **Modelo teórico de estresse ocupacional: desequilíbrio entre esforço – recompensa no trabalho (ERI)** In: Série Saúde Mental e Trabalho, ORG.: GUIMARÃES & GRUBITS vol.2 Casa do Psicólogo,2004.

HIRIGOYEN, Marie-France. **A violência perversa do cotidiano**. Tradução: Maria Helen Hhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KENSKI, V.M. **O papel do Professor na Sociedade Digital**. In: CASTRO, A. D. de CARVALHO, A.M.P. de (Org.). Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo; Ed. Pioneira Thompson Learning, 2001.

LDB 9394/96. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Promulgada em 20/12/1996. São Paulo: Editora do Brasil.

LEI Nº 18.975, DE 29 DE JUNHO DE 2010, GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Disponível em:<http://crv.educacao.mg.gov.br>, Acessado em 15/06/2013

Lei nº 20.592, de 28 de dezembro de 2012, do Diário Executivo, Minas Gerais. Disponível em www.jusbrasil.com.br/diarios/.../doemg-executivo Acessado em 15 de maio de 2013

LEI Complementar 100/2007, pela Avaliação de Desempenho Art. 2º Decreto 44559 de 2007). Disponível <https://www.portaldoservidor.mg.gov.br>. Acessado em 15 de maio de 2013

LIPP, M.E.N.; MALAGRIS, L.N. **O stress emocional e seu tratamento**. In: RANGE, B. (org). Psicoterapias Cognitivo comportamentais. Campinas: Psy II, 2001..

LIMA, Francisco Gérson Marques de (A). **O professor no Direito brasileiro**. São Paulo: Método, 2009.

MASLOW, Abraham h. **Maslow no Gerenciamento**. Traduzido por Eliana Casquilho. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

_____, A. H. (1975). **Uma teoria da motivação humana**. In: BALCÃO, Y; CORDEIRO, L. L. (org.). O comportamento humano na empresa Rio de Janeiro: FGV.

MAXIMIANO. A. C. A. **Introdução à administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas,, 2000.

MELO, M. C. O. L. **Estratégias do trabalhador informático nas relações de trabalho**. Belo Horizonte: UFMG/FACE, 1991.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2000.

MOSQUERA, Juan José Mourino. **A motivação humana na concepção de Abraham Harold Maslow**. In: MOREIRA, Marco Antonio et al. Aprendizagem: perspectivas teóricas. Porto Alegre: Editora da Universidade/PADES/UFRGS/PROGRAD. para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

RAY, W. S. (1964). **The Science of psychology: an introduction**. New York: MacMillan.

PERISSÉ, Gabriel. **O valor do professor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011

PERVIN, L. **Performance and satisfaction as a function of the individual- environment fit**. *Psychological Bulletin*, 1968.

PICON, P. , KNIJNIK, D. Z. Fobia Social. in. KNAPP, P. **Terapia cognitiva comportamental na prática psiquiátrica**. Porto Alegre. Artmed. 2004.

ROHDEN, Huberto. **Novos Rumos para a Educação**. 4.ed. São Paulo, Martin Claret, 1997.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. 11. ed. São Paulo: Editora Pearson, 2005.

SELYE, H. **The stress of life**. New York: McGraw Hill, 1984

STEPHENS, Deborah C. (org.). **O Diário de Negócios de Maslow**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

TODOROV, J. C., & Moreira, M. B. **Psicologia, comportamento, processos e interações. Psicologia: Reflexão e Crítica**. Santo André: ESETec. 2009..

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. 11ed. São Paulo: Libertad, 2003.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NO CONTEXTO SOCIAL

Mônica Abadia Rodrigues Teixeira^{*}

Saulo Gonçalves Pereira^{**}

Daniela Cristina Silva Borges^{***}

Resumo: O objetivo foi apresentar o histórico da educação no Brasil, além de descrever os principais momentos que influenciaram este processo educativo, dando ênfase aos principais responsáveis pela educação, salientando, dessa maneira, a importância, do governo, da família, dos professores e de toda a sociedade neste contexto. O texto faz menção ao analfabetismo, pois este vai além do saber ler e escrever é preciso interpretar e compreender o que se leu. Apresenta inferências que comprovam a realidade da educação brasileira. O artigo proporcionou constatar que as pessoas têm que cobrar dos governantes o direito da educação, fornecendo as mesmas oportunidades a todos sem distinção.

Palavras chaves: Educação formal. Educação brasileira. História da educação.

Abstract: This article has as its theme the importance of formal education in the social context. The survey had the purpose to present the record of the education in Brazil, beyond describing the main moments that influenced this educational process, emphasizing the principal responsible for education, pointing this way, the importance of the government, family, teachers and all the society in this context.

^{*} Graduada em Ciências Biológicas - FPM 2012. Pós-graduada em Docência do Ensino Superior - FPM 2014.

^{**} Professor orientador da FPM e FCJP. Biólogo, Especialista em Docência do Ensino Superior - FPM 2009, Mestre em Saúde Animal - UFU 2013. Doutorando em Saúde animal UFU 2014. E-mail: saulobiologo@yahoo.com.br

^{***} Professora e coordenadora da FCJP professora da FPM. Mestra em Saúde Animal - UFU 2013, Especialista em Docência do Ensino Superior - FPM 2009. Doutoranda em Saúde animal UFU 2014.

The text makes reference to the illiteracy, as it goes further than knowing how to read and write. It is necessary to interpret and understand what was read. It presents inferences that prove the reality of Brazilian education. The article provided verifying that people have to charge the government for the right of education, providing them better life quality and offering all the same opportunities, without distinction.

Keywords: Formal education. Brazilian education. History of Education.

INTRODUÇÃO

Educação formal é uma técnica de ampliação da competência intelectual das pessoas, toda educação que é ofertada na escola, que tenham um programa de currículo, graus e diplomas é conhecida como educação formal (CARUSO; BIANCONI, 2005). Já a educação informal é aquela que vem do aprendizado popular (BRASIL, 1996).

No Brasil, educação formal passa por problemas, como o analfabetismo que vai além do saber ler e escrever. É necessário que o indivíduo seja capaz de interpretar o que leu. Antigamente bastava que a pessoa soubesse assinar o nome, pois com isso já era capaz de votar, hoje é preciso perceber os sentidos das palavras em diferentes situações.

Ressalta-se que é dever do estado fornecer uma educação de qualidade, todavia, toda a sociedade deve estar envolvida, ajudando da forma que estiver ao seu alcance, proporcionando aos cidadãos o direito de exercer a cidadania. Existem programas criados pelo governo com intuito de incluir pessoas no âmbito educacional, como é o caso da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é destinada á jovens ou adultos que se evadiram da escola, ou não tiveram acesso a ela. Percebe-se que pessoas analfabetas não têm as mesmas condições que as demais, ficando em patamares desfavoráveis com relação à empregabilidade, e marginalizados na inserção social.

A convivência da autora com indivíduos que não tiveram acesso à educação formal mostrou que estes sofrem grandes consequências, os colocados em desvantagem em relação aos que tiveram acesso. Neste sentido, acredita-se que na atualidade a situação da educação formal no Brasil é insatisfatória pelo número de analfabetos que ainda existem.

Espera-se que as pessoas que tiverem acesso à educação tenham melhores condições de se desenvolver economicamente do que às daquelas que não tiveram. Supõe-se que os indivíduos que não tiveram oportunidade de estudar vivam em panoramas menos desfavoráveis podendo ser vítimas de exclusão. Presume-se que o caminho para que a educação melhore é um maior investimento, um maior interesse do governo para que haja uma transformação na educação formal do Brasil. Acredita-se que a família e toda a sociedade possam ajudar a melhorar a atual situação da educação formal participando de eventos que cobrem dos governos maior investimento para esta área.

Este trabalho foi realizado por meio de revisão de literatura de forma qualitativa. Os materiais publicados ou registrados foram preferencialmente do período de 2000 a 2012 e a consecução deste foi de fevereiro a outubro de 2012.

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FORMAL BRASILEIRA

A história da educação brasileira tem seu início já no ano de 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, não que os índios que residiam nestas terras não tivessem a sua própria forma de educar, mas os portugueses chegam trazendo um padrão educacional próprio da Europa; os Jesuítas trouxeram os então chamados métodos pedagógicos. Outro episódio que a educação brasileira teve em seu início, foi com a chegada da família real ao Brasil, porém, a educação nunca deixou de ser secundária, pois a realeza pouco fez pela educação. Até os dias atuais, muito se tem modificado no planejamento educacional. Um marco importante para a educação Brasileira foi a revolução de 1930, sendo que na constituição de 1934, pela primeira vez é colocado que a educação é direito de todos (BELLO, 2001).

Os humanos evoluíram rápido em curto espaço de tempo, esse fato se deve a uma grande descoberta: a escrita. Uma criança ao ser alfabetizada necessita um grande esforço, pois reproduz em um espaço pequeno de tempo a história da evolução da escrita. Quando os portugueses chegaram ao Brasil e os Jesuítas começaram a ensinar as crianças usaram uma metodologia baseada em jogos, brincadeiras, teatro e música, metodologia, esta, que deu certo, pois os Jesuítas se tornaram mais poderosos que o Rei de Portugal. Lisboa foi destruída por um terremoto e os Jesuítas foram expulsos do Brasil por Marques de Pombal, assim começou a faltar professores. A educação do Brasil que caminhava bem com fácil acesso a todos mudou de rumo, o letramento ficou restrito àqueles que podiam custear os estudos (RAMOS, 2010).

No Brasil Império o interesse dos nobres era que o ensino se limitasse apenas aqueles que tinham dinheiro, o ensino primário não era objetivo da corte. Nessa época as crianças tinham um pouco de noção da leitura do calculo e do catecismo, sendo que era um professor para cada 100 alunos. Este tipo de ensino prevaleceu por quinze anos no Brasil sendo que na Europa foi abandonado rapidamente (DANTAS, 2008).

O Brasil esperou até a proclamação da República em 1889 para que a alfabetização se tornasse obrigatória, com a constituição de 1891 o estado passou a oferecer ensino público gratuito a todos os cidadãos, a partir desse momento aconteceram vários debates sobre a educação especialmente em torno dos altos índices de analfabetismo. Os índices do analfabetismo começaram a cair, porém continuam dividindo a sociedade entre ricos e pobres. O analfabetismo, hoje, vai além do letramento é necessário saber interpretar textos e informações e conviver com as novas tecnologias, talvez por isso os altos índices de baixo desempenho dos estudantes brasileiros nos *ranking* que classificam o desenvolvimento educacional do mundo (RAMOS, 2010). Nesse sentido entende-se que muitas crianças não têm acesso à alfabetização.

A revolução de 1930 foi um movimento aonde a Primeira República do Brasil chega ao fim, tal movimento deu-se origem dentro

de uma crise econômica mundial incluindo a própria economia do Brasil. Em março de 1930 aconteceram as eleições no Brasil nesse período as políticas que dominavam o país (São Paulo e Minas Gerais) se desuniram, pois o então atual presidente Washington Luiz queria lançar a presidência o paulista Julio Prestes, dessa maneira, aconteceu a união dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, onde lançaram o nome do Getúlio Vargas para concorrer a presidência. As eleições que foram fraudadas elegendo Julio Prestes presidente (SANTIAGO, 2010).

Mesmo após as eleições a situação econômica continuava insustentável, associou-se a esse fato a assassinato do vice-presidente João Pessoa que esteve envolvido em lutas políticas, o governo que não era popular cai facilmente com a revolta militar e Getúlio Vargas assume o poder provisório em 03 de novembro de 1930 (SANTIAGO, 2010). Percebe-se que a história da educação no Brasil, está ligada aos movimentos políticos, e bem se sabe que o analfabetismo das pessoas muito tem haver com o direito ao voto.

Até o ano de 1930 inexistia uma política nacional de educação, o então ministro da educação Francisco Campos realizou reformas que alcançaram vários níveis do ensino em todo o país é a primeira vez que a educação brasileira passa por uma reforma. Em seus discursos Francisco Campos dizia que o Brasil não era mais um país de “Liberal”, mas, sim de “Produtores” e que era necessário adequar o país a nova realidade. Apesar da opinião do ministro de enfatizar como prioridade do Governo Federal o ensino primário, o governo manteve este ensino fora de sua responsabilidade (MORAES, 1992).

Tomando por base os últimos oitenta anos no Brasil, a prioridade da educação sustenta-se apenas por discursos retóricos, Muitos acreditavam que educação seria preferência após a constituição de 1988, o que não aconteceu. Enquanto países vizinhos ao Brasil resolveram a questão da educação na virada do século XIX, o Brasil ainda não conseguiu tamanho feito (FRIGOTTO, 2011). Todo esse descaso é percebido, também, no contexto do analfabetismo da população, desde então.

No ano de 1964, com o golpe militar as expectativas de transformar a educação brasileira são abortadas, pois tais tentativas eram vistas como revolucionárias. Neste período professores foram presos, universidades foram invadidas em confronto com a polícia, alunos foram presos, feridos e alguns mortos, os estudantes perderam o direito de manifestar, alunos e professores foram silenciados pela era da ditadura (TORRES, 2009).

Nesse período, os estudantes ficaram insatisfeitos com a realidade vivenciada pelo país, entretanto, os movimentos estudantis denominados União Nacional dos Estudantes (UNE), promoveram lutas em defesa da democracia. A sede da UNE chegou a ser metralhada. Esta organização tinha o objetivo de resistir ao golpe militar. O governo militar calou os estudantes. Os professores se juntaram aos estudantes e apoiaram as causas mostrando o seu descontentamento e tentado sensibilizar a opinião pública. Com o intuito de diminuir as pressões o governo criou o decreto nº 71.244 de 11 de outubro de 1972 (LIRA, 2010). Percebe-se que o regime militar, pouco contribuiu para o processo educacional do Brasil, tão pouco para a erradicação do analfabetismo.

Brasil (1972) na lei nº 71.244 em seu Artigo 1º apresenta que todos os professores do magistério especialistas ou não devem possuir o mesmo tratamento sem distinção assim como paridade em seus salários. Não podendo acontecer discriminação por matéria ministrada, proporcionando direitos e vantagens aos professores. A lei supracitada tende a valorizar a profissão do professor das séries iniciais, entende-se que pela data em que a mesma foi criada significou um grande avanço, que somente foi possível porque a classe dos professores se manteve unida.

Com o fim do regime militar assumiu-se um caráter político e passou-se a ponderar sobre questões relacionadas à escola com a sala de aula, a didática e as relações do professor com o aluno e profissionais de outras áreas assumem a educação. Do fim do regime militar até os dias atuais o trabalho do ex - ministro da educação Paulo Renato de Souza, foi marcante extinguiu o Conselho Federal da Educação e criou o Conselho Educacional da Educação associado ao Ministério da

Educação e Cultura que fez com que este conselho se tornasse menos burocrático, jamais houve execução de tantos programas da educação como nesta época (BELLO, 2001).

Nota-se que a educação brasileira passou por diversos momentos para se chegar ao patamar dos dias atuais, sendo que cada um desses momentos possui suas próprias características (SOUZA, 2011). A história da educação brasileira é marcada por problemas, junto a ela tem-se a história do analfabetismo, um dos grandes problemas sempre enfrentado no contexto da educação formal.

A questão do analfabetismo vivenciada pelo Brasil é efeito da incompetência dos governantes quanto da demora da melhoria da alfabetização. Quando se compara o Brasil com outros países em desenvolvimento, em relação à taxa de analfabetismo, este se encontra nas piores posições, essa situação não se limita apenas aos indivíduos idosos, mas, também às crianças, jovens e adultos, portanto com a morte de analfabetos idosos a taxa de redução de analfabetismo teria apenas uma pequena redução, pois a taxas elevadas de jovens analfabetos repõem o estoque (SOUZA, 1999).

Um momento significativo para a história da educação brasileira foi no ano de 1996, quando foi instituída a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), esta lei fornece as diretrizes e bases para a educação formal no Brasil. A lei por si só não é capaz de afetar a realidade da educação no Brasil, mas ela pode proporcionar efeitos sobre esta realidade (CARVALHO, 1998).

Uma boa reforma realizada foi o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2001, produzido em coletividade por professores, país e alunos. O PNE é uma reposta a LDB (VALENTE; ROMANO, 2002).

O PNE é capaz de proporcionar melhoria para a educação formal no Brasil, caso as metas que foram propostas se concretizem a educação irá melhorar a qualidade do ensino e proporcionará melhor qualidade de vida aos estudantes.

OS RESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo Thomaz (2009), para que o Brasil possa se desenvolver faz-se necessário a estruturação do modelo de ensino, pois desde sua descoberta ele sofre com a falta de investimento no que diz respeito à educação. Os métodos pedagógicos mais seguidos no país são a pedagogia tradicional (método fonético) e a escola nova (construtivismo). A escola tradicional é aquela que conduz e é empenhada, já a escola nova é a que se tem no Brasil, onde faz o indivíduo abrir as possibilidades de ser.

Krasilchick (2008) afirma que o construtivismo é um modelo que pressupõem que os alunos chegam à sala de aula com suas ideias, que muitas vezes são erradas, o que influencia e cria dificuldades para aprender o conteúdo, em tal modelo a responsabilidade de aprender é do aluno a ele compete a tarefa de estabelecer e avaliar determinadas ideias. O modelo de estudo prioriza a edificação do saber pois acontece no íntimo de casa pessoa, onde o resultado é obtido através da interação do indivíduo com o meio em que está inserido além da forma em que se age sobre o objeto que se deseja conhecer (RÊGO; CAMORIM, 2001).

Assim, entende-se que esta forma de estudo prevê uma escola que proporcione ao aluno prazer, além de incentivar e ajudá-lo na construção de seu conhecimento. O aluno consegue aprender por si só através do ambiente em que está inserido, assim o professor tem o papel de ser um orientador, auxiliando o aluno a se formar e ser protagonista do conhecimento adquirido.

Os estudantes necessitam de um mínimo de qualidade possível para permanência na escola, contudo, não se deve exigir da escola o que não é de seu contexto, por exemplo: existem dificuldades e problemas na escola que não são próprios de seu ambiente, entretanto estão nela. Nesse sentido, entender a situação da educação escolar são inícios metodológicos indispensáveis para um diagnóstico das políticas educacionais (CURY, 2002). A máxima supracitada pelo autor, muito exemplifica o contexto do analfabetismo no Brasil, tendo em vista que não é culpa só da escola, mas ele está inserido em seu cotidiano e cabe ao poder público tomar providências para que mude esta situação.

A constituição garante a educação básica a todas as pessoas, porém garantir tal educação significa proporcionar ensino infantil, fundamental e médio a todos os cidadãos, além disso, tem por obrigação garantir ao estudante formação para que possa exercer sua cidadania e lhe oferecer formas para continuar seus estudos posteriores fazendo com que o mesmo adquira conhecimentos, por exemplo, para conseguir um emprego (CURY, 2002).

Muitas são as políticas que tentam inserir os jovens no ensino superior, o Programa Universidade para todos (Pro Uni), por exemplo, tem como objetivo, reservar vagas no ensino superior para ex-alunos de escolas públicas, este programa é um meio de acesso ao ensino superior, porém, não garante a permanência estudante nesta modalidade.

O Pro-Uni oferta através de parcerias com instituições de ensino superior particulares bolsas de estudo parciais ou integrais, e ao mesmo tempo oferece as instituições reduções nos impostos. Para participar do programa é necessário que o aluno tenha completado o ensino médio em escola pública ou se cursou em particular ter sido através de bolsa integral. Existem também uma quantidade de cotas oferecidas a portadores de necessidades especiais, afrodescendentes, ou indígenas (SARAIVA; NUNES, 2011).

Os professores também são responsáveis pela educação da população brasileira tem que se convencer da importância de tais profissionais. Dessa forma, os professores terão condição de entusiasmar os seus alunos, dando – lhes uma educação de boa qualidade, mas para que isso aconteça é necessário que haja mais obras em prol da educação, afinal, a educação brasileira tem como melhorar, basta o envolvimento de todos (SOUSA, 2011).

Dentro da sala de aula acontecerá a interação entre os professores e os alunos tal fato se desencadeia, pois entre eles existe a ligação entre ensinar e aprender, o importante é que se tenha claro qual o papel do aluno nessa arte de aprendizagem afinal o professor entra com o conhecimento e o aluno com a vontade de aprender (ZABALA, 1998). Diante de tal afirmação, o aluno também tem que buscar construir o seu conhecimento. A força de vontade do aprendiz é

essencial, ele terá acesso à escola que será fornecida pelo governo, apoio da família e o conhecimento do professor.

Segundo Santos (2003), é dever do estado e da família oferecer educação ao cidadão, entretanto estes terão a colaboração da sociedade através organizações ou instituições sociais. Pinho (2011), afirma que o Brasil ficou no 88º lugar de 127 países, no ranking da educação feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) ficando no nível médio de desenvolvimento atrás de países como Chile, Argentina, Equador e Bolívia. Nessa pesquisa fica claro que o Brasil possui muitas crianças fora da escola e que o número pode aumentar se a inclusão não for acelerada.

Conforme menciona Pinho (2011), o número elevado de crianças fora da escola é fruto de uma falta de inclusão, dessa forma não há como um país se desenvolver, pois para que ele cresça é necessário que todas as crianças tenham acesso à educação formal. O futuro de cada pessoa começa na escola é neste lugar que principia a formação de cidadãos ativos e conscientes dentro de uma sociedade.

Cury (2002) relata que para que um cidadão exerça a cidadania o ler e escrever é indispensável, o objetivo da educação na infância é o de proporcionar perspectivas, para o adulto, o direito a educação deve ser entendido não como um direito da criança frequentar uma escola, mas, sim um direito do adulto de ter sido educado. O cidadão que não teve acesso à educação formal perde condições reais de escolher livremente as coisas, pois, a garantia do homem é a autonomia.

A educação tem a capacidade de garantir pessoas com mentes maduras e trabalhadores qualificados. A sociedade deve reconhecer que precisa de uma população educada, a educação é um meio de acesso aos bens sociais e também uma forma de emancipação do indivíduo. Quando acessível a todos a educação diminui a discriminação e as desigualdades sociais (CURY, 2002). Conforme, citado por esse autor, os indivíduos sem acesso à educação sofrem discriminação e acabam por não terem as mesmas oportunidades, que são oferecidas àqueles que puderam estudar.

A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Em seu artigo 2º, cita o seguinte:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p.08).

Segundo esta lei, o estado e a família devem garantir uma educação de qualidade aos indivíduos com o objetivo de que este possa se desenvolver como pessoa além de se portar como cidadão consciente e fornecendo-lhe subsídios para o trabalho. Grande parte da população brasileira, cerca de 1/3 é apenas analfabetas funcionais, ou seja, pessoas que sabem assinar o nome e fazer alguma leitura e que estiveram na escola por no máximo quatro anos (CURY, 2002).

Uma grande parcela dos jovens estudantes do Brasil não consegue retirar informações relevantes e explícitas de um texto, conseguem menos ainda manipular ou fazer comparações com outros dados. A concentração de renda e a desigualdade social interferem na educação, pois a população é escolarizada de forma desigual tanto em quantidade como em qualidade (HELENE; MATSUSHIGUE, 2011). Dessa forma, pode-se notar que muitas vezes as pessoas que tem melhores condições financeiras acabam por ter maior acesso a educação formal no Brasil.

O Programa para avaliação internacional de estudantes (PISA) acontece a cada três anos como forma de avaliar os jovens estudantes de até 15 anos matriculados em unidades de ensino, o Brasil, em 2009, teve uma melhora em relação a 2000, porém avançou bem menos do que precisava (HELENE; MATSUSHIGUE, 2011). Para que esta situação mude é necessário que primeiramente haja maior motivação dos professores com melhores salários, é necessário que melhore a infraestrutura das escolas com salas com menos alunos, laboratórios e bibliotecas que atendam a necessidade dos estudantes, dentre outros.

Portanto, a educação formal no Brasil e de responsabilidade da família, do estado, dos professores, e ela passa por muitos problemas e a solução desses problemas começa com o maior investimento

financeiro nesta área, através da união dos professores, com a família e apoiados pelos governantes. Dessa maneira, a educação formal no Brasil proporcionará uma melhor qualidade de vida aos cidadãos brasileiros.

EDUCAÇÃO FORMAL NO BRASIL UM DIREITO DE TODOS?

Para Freire (1979), é necessário que o homem reflita sobre a sua realidade dessa forma ele conseguirá projetar um futuro de acordo com seus sonhos, a educação está condicionada ao saber, pois quando a pessoa percebe que é ignorante ela vai a procura da sabedoria.

O governo usa a mídia para se promover, sendo que a notícia de que uma escola foi assaltada vale mais que toda repetência daquele ano, por exemplo. É necessário que se promova debates com o intuito de esclarecer a população fazendo com que esta não fique apegada a factoides (propaganda política mal intencionada), mas, conheça a verdadeira realidade da educação no Brasil (MELLO, 2003).

O índice da educação básica (IDEB), criado em 2007 atua como um indicador de qualidade dos ensinos públicos e particulares, leva em conta a quantidade de aprovação, reprovação e abandono naquele ano, assim como a prova Brasil. De acordo com IDEB, o Brasil conseguiu alcançar as metas que estão destacadas nas tabelas abaixo, colocadas pelo MEC (Ministério da Educação) em 2011 no ensino fundamental, nos anos iniciais e finais, sendo que no ensino médio apenas conseguiu igualar a meta proposta (BRASIL, 2012).

A seguir, seguem as tabelas que apresentam os dados da pesquisa, segundo o MEC.

TABELA 1: Anos Iniciais do ensino fundamental

IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.8	4.2	4.6	5.0	3.9	4.2	4.6	4.9	6.0
Dependência administrativa									
Pública	3.6	4.0	4.4	4.7	3.6	4.0	4.4	4.7	5.8
Estadual	3.9	4.3	4.9	5.1	4.0	4.3	4.7	5.0	6.1
Municipal	3.4	4.0	4.4	4.7	3.5	3.8	4.2	4.5	5.7
Privada	5.9	6.0	6.4	6.5	6.0	6.3	6.6	6.8	7.5

Fonte: BRASIL (2012, p. 1). Os dados em negrito significam as metas alcançadas.

TABELA 2: Anos Finais do Ensino Fundamental

IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	3.5	3.7	3.9	4.4	5.5
Dependência administrativa									
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	3.3	3.4	3.7	4.1	5.2
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	3.3	3.5	3.8	4.2	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.1	3.3	3.5	3.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.8	6.0	6.2	6.5	7.3

Fonte BRASIL (2012, p. 1). Os dados em negrito significam as metas alcançadas.

TABELA 3: Ensino Médio

IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.4	3.5	3.6	3.7	3.4	3.5	3.7	3.9	5.2
Dependência administrativa									
Pública	3.1	3.2	3.4	3.4	3.1	3.2	3.4	3.6	4.9
Estadual	3.0	3.2	3.4	3.4	3.1	3.2	3.3	3.6	4.9
Privada	5.6	5.6	5.6	5.7	5.6	5.7	5.8	6.0	7.0

Fonte BRASIL (2012, p. 1). Os dados em negrito significam as metas alcançadas.

Diante da análise das tabelas apresentadas, a educação conseguiu alcançar as metas propostas pelo MEC, um ponto positivo para a educação brasileira. Segundo os dados apresentados muitas vezes o que se ouve na mídia não é a realidade da educação formal no Brasil. De tal forma que para se promover com a população, o governo mostra o que lhe convêm, para saber a verdadeira realidade do ensino no Brasil é preciso mais do que apenas acreditar no que é publicado pelas propagandas políticas, é preciso observar e estar atento aos números apresentados nas pesquisas realizadas.

A educação apresenta-se como um direito e ao mesmo tempo como uma obrigação, pois a criança e os pais não podem dispensar-se desse direito, na constituição de 1934, de forma legal a educação se torna gratuita e de obrigatoriedade (HORTA, 1998).

A constituição de 1934 em seu artigo 149 cita que a educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos (BRASIL, 1934).

Dessa maneira, é garantido por esta constituição a educação como um direito a toda a população que esteja no país, mesmo sendo imigrantes, e esta deve ser ofertada pela família e pelo governo, ou seja, a educação no Brasil é um direito há muito tempo.

Além da constituição de 1988 existem outras leis que garantem o direito à educação aos brasileiros, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) em seu artigo 4 cita o seguinte que é dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de ensino fundamental, obrigatório e gratuito, progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; - atendimento educacional especializado gratuito, padrões mínimos de qualidade de ensino, dentre outros (BRASIL, 1996).

Todos têm direito à educação, direito é mais amplo que o simples fato de ir à escola, o processo de educação permeia a vida do cidadão por toda a vida. O problema é que o Brasil é um país marcado por desigualdades de recursos, oportunidades e direitos, onde uma pequena parte tem muito e uma grande maioria é excluída, não apenas na questão financeira, mas em outros direitos como: informação e oportunidade de aprendizagem (SACAVINO, 2006).

A educação acaba por oferecer grandes oportunidades aos cidadãos, ou seja, é uma grande riqueza, porém ser considerada não é suficiente para torná-la uma prioridade para os governantes e nem faz com que todos tenham acesso a ela. O cidadão tem que exigir os seus devidos direitos,

sendo assim, devem ser preparados para o exercício da cidadania. É preciso que sejam bastante instruídos, pois, isto os leva a serem eleitores conscientes e a exigirem o acesso aos serviços públicos que é direito de todos (GOLDEMBERG, 1993).

Segundo a máxima supracitada, os indivíduos que tem acesso à educação têm melhores oportunidades por toda uma vida, apesar da educação na forma teórica ser essencial na vida dos cidadãos isso nunca a tornou prioridade para o poder público, já que a educação é um direito constitucional as pessoas devem exigir que ela aconteça, pois a educação formal irá proporcionar uma melhor qualidade de vida, a quem tiver acesso.

Para que a população brasileira possa ter o direito a educação, que é garantido pela constituição federal, é preciso mudar a maneira de definir as políticas e práticas educacionais, distribuindo de forma mais igualitária os recursos. Faz-se necessário, também, uma sociedade fortalecida além de vontade política por parte dos governantes para que os cidadãos tenham voz e participem efetivamente do sistema educacional (SACAVINO, 2006). Acredita-se que o conhecimento traga, não somente o letramento às pessoas, a alfabetização leve o sujeito a ser cidadão, pensante e integrante do meio em que está inserido, ou seja, um ser liberto.

Goldenberg (1993) menciona, ainda, que para que se promova o desenvolvimento econômico do país e também diminua a desigualdade da distribuição de renda, não é só essencial, mas, também importante o direcionamento de recursos para as áreas da educação, assim como para os demais serviços públicos no geral, garantido, dessa maneira qualidade de vida para a população brasileira.

Assim sendo, espera-se que as pessoas que tenham acesso à educação sejam mais esclarecidas podendo, por exemplo, evitar doenças oportunistas, cuidando melhor de sua saúde, pois a educação formal garante aos indivíduos conhecimentos, por toda uma vida. A ausência da educação escolar representa uma grande lacuna para o indivíduo e uma perda enorme para a cidadania. Hoje, isso pode ser contornado devido a existir um nível de ensino que se dispõe a trabalhar com essas pessoas que interromperam sua atividade escolar, sendo conhecido como Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Muitos alunos que se inserem no EJA buscam uma forma de se agregar à sociedade letrada da qual pouco ele participa, pois não domina a escrita e a leitura. Muitas são as causas que levam os adultos a estudarem,

podem-se citar: concorrência no mercado de trabalho, contentamento pessoal, necessidade de vencer as barreiras da exclusão. A atual situação vivenciada pelo Brasil com relação à educação demonstra que ainda não se conseguiu proporcionar um ensino a todas as pessoas como garante a constituição (STRELHOW, 2010).

A constituição de outubro de 1988, em seu art.208, responsabilizou os poderes públicos a obrigatoriedade em fornecer o ensino fundamental gratuito aos jovens e adultos, em 1996 foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em que na emenda 14 alterou o texto do Art. 208 da constituição desobrigando jovens e adultos a frequentar a escola levando a interpretação de que o governo não era obrigado a ofertar ensino fundamental a essa faixa etária, portanto, e educação básica para jovens e adultos aos poucos está sendo transferida da responsabilidade governamental para a responsabilidade civil ocasionando uma grande perda (HADDAD; PIERRO, 2010).

A constituição garante que a educação seja um direito a todos os cidadãos, porém, nem todos tem acesso e ela, a mesma não é uma prioridade do poder público, o que pode ser o motivo de ainda existir o analfabetismo no Brasil. Programas existem para diminuir os prejuízos que a falta de educação formal traz para o cidadão, mas é necessário um maior investimento dos governantes para tais programas.

A exigência do direito a educação é uma arma não violenta para que haja diminuição das desigualdades e discriminações sociais, possibilitando dessa maneira, uma melhor qualidade de vida, quanto mais se multiplica tal processo melhor o crescimento da sociedade tornando-a mais humana e igualitária (CURY, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se constatar que a educação formal no Brasil, não foi a maior prioridade por parte do governo. Percebe-se que a educação formal é capaz de transformar a vidas dos cidadãos, pois pode fornecer a ele conhecimento para o exercício da cidadania, além disso, ela proporciona oportunidades em questões de melhorar a qualidade de vida, assim, como o de se desenvolver economicamente.

Concluiu-se que existem, ainda, muitos analfabetos no Brasil são pessoas que “assinam o nome”, ou seja, não são letradas nem tem

capacidade de pensar, criticar e posicionar-se diante da realidade. A verdadeira democracia tem que oferecer a todos o direito de ler e escrever de questionar e escolher. Para que isso aconteça faz-se necessário uma boa escola que é dever do estado. Para que a qualidade da educação formal no Brasil melhore é preciso que haja um maior investimento e um maior interesse por parte do governo. A família e toda a sociedade também são importantes para melhorar a educação formal no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLO, J. L. P. Educação no Brasil: a história das rupturas. **Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL, Poder Executivo. Decreto nº 71.244, de 11 de Outubro de 1972.

BRASIL, Ministério da Educação. **INEP**, Brasília, DF. 1996.

BRASIL, Poder Civil. **Constituição da república dos estados unidos do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 jul. 1934. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o34.htm>. Acesso em: 20 set. 2012.

BRASIL, Poder Executivo. **Decreto nº 71.244, de 11 de Outubro de 1972**, Brasília, DF, 11 out.1972.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação decênio 2010 -2020**. Brasília, DF, 2012.

CARVALHO, D. P. de. A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a formação de professores para a educação básica. **Ciênc. educ.** Bauru, v. 5, n. 2, p. 81-90, 1998.

CARUSO, F.; BIACONI, L. Apresentação Educação não Formal. Cienc. Cult. v.57, n. 4, out./ dez. 2005.

CURY, C. R. J. A Educação Básica no Brasil. **Educ. Soc.** Campinas, v, 23 n. 80, p. 168-200, set. 2002.

CURY, J. R. C. Direito à Educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cad. Pesqui.** São Paulo, n. 116, p. 245-262. jul 2002.

DANTAS, A. C. A Educação No Império. **Webartigos.** Set 2008. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/a-educacao-no-imperio/9670/>>. Acesso em: 03 abr.2012.

FREIRE, P. Educação e Mudança. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FRIGOTTO, G. O. Circuitos da História e o Balanço da Educação no Brasil na Primeira Década do Século XXI. **Revista Brasileira da Educação.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 235-254, jan./abr. 2011.

GOLDEMBERG, J. O repensar da educação no Brasil. **Estud. Av.** São Paulo, v. 7, n. 18, p. 65-137. maio/ago 1993.

HADDAD, S.; PIERRO, M. C. Aprendizagem de jovem e adulta Avaliação da década da educação para todos. São Paulo Perspec. São Paulo v. 14 s/n. jan./mar. 2000.

HELENE. O. MATSUSHIGUE, N. B. L. Como Vai a Educação Brasileira. Diplomatique Brasil, 43. ed. fev. 2011.

HORTA, J. S. B. Direito a educação e obrigatoriedade escolar. **Cad. Pesquisa.** São Paulo n. 104. p. 5-32. Jul. 1998.

KRASILCHICK, M. **Prática do Ensino de Biologia**. 4. ed. São Paulo: USP, 2008.

LIRA, N. T. A. **A legislação de educação no Brasil durante a ditadura militar (1964-1965): um espaço de disputas**. 2010. 359f. Tese (Doutorado em História Social.) - Universidade Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1265.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

MELLO, N. G. **Os 10 Maiores Problemas da Educação Básica no Brasil: e suas possíveis soluções**. Fátima Ali. ago. 2003.

MINAYO, M. C. S., 1982 O Desafio do Conhecimento. São Paulo: Hucitec.

MORAES, M. C. M. Educação e Política nos Anos 30: a presença de Francisco Campos. **Bras.Est. Pedag.** Brasília. v. 73, n. 17-4, p. 291-321, maio/ago. 1992.

PINHO, A. Brasil fica no 88º lugar em ranking de educação da UNESCO, **Folha.com**. Brasília, DF, mar. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/882676-brasil-fica-no-88-lugar-em-ranking-de-educacao-da-unesco.shtml>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

RAMOS, P. F. **História do Analfabetismo no Brasil**. Para entender a história. v. 10, n. 13. p. 01-16, dez 2010.

RÊGO, P. P.; CAMORIM, T. E. M. **O construtivismo no contexto da educação infantil: a visão de algumas educadoras**. 2001. 63 f. Monografia (Graduação em Magistério e Administração Escolar)- Universidade da Amazônia, Belém, 2001. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/CONSTRUTIVISMO.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2012.

SACAVINO, S. **Direito Humano na Educação No Brasil**: uma conquista para todos/a. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2006. 10f. Disponível em:
<http://www.dhnet.org.br/dados/livros/edh/br/fundamentos/27_c_ap_3_artigo_05.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.

SANTIAGO, E. **Revolução de 1930**. Infoescola. Jun 2010.

SANTOS, R. C. **Educação Escolar Brasileira**: estrutura administração legislação 2. ed. São Paulo: Eugênia Pessotti, 2003.

SARAIVA L. A. S.; NUNES, A. S. A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. **Rev. Adm. Pública** [online]. 2011, vol.45, n.4, p. 941-964.

SOUSA, M. L. A. **Educação de Jovens e Adultos**: desafios e propostas no ensino de biologia. 2011.46f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Faculdade Patos de Minas, Patos de Minas.

SOUZA, C. M. M. O Analfabetismo no Brasil sob o Enfoque Demográfico. **IPEA**. Brasília, DF abr. 1999.

STRELHOW, B. T. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista Histedbr On-line**. Campinas, n. 38, p. 49-59, jun. 2010. Disponível em:
<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2012.

THOMAZ, J. R. A Educação no Brasil nos Dias Atuais. **Veja**. São Paulo n. 23, jun. 2009.

TORRES, M. O. F. **Educação Brasileira: passado, presente e futuro o conhecimento através de uma abordagem estratégica.** Só Pedagogia. 2009. Disponível em:
<<http://www.pedagogia.com.br/artigos/educacaoobrasil/>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

VALENTE, I. ; ROMANO, R. PNE: plano nacional de educação ou carta de intenção? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 96-107, set. 2002.

ZABALA. A. **A Prática Educativa Como Ensinar.** Porto Alegre: Artemed, 1998.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DOS PROFESSORES DE ENSINO SUPERIOR

Rosângela Soares Braga Indelécio*

Resumo: A figura do (a) professor (a) tem sido alvo crescente de estudos produzidos no âmbito das ciências da educação, especialmente se considerarmos o aumento deliberado de pesquisas sobre processos das construções identitárias dos profissionais de educação e as influências que este processo exerce no dia a dia e no fazer pedagógico desse professor e na sua formação. Paralelamente a estas contribuições, sem desconsiderar as discussões políticas, filosóficas e sociais que giram em torno do assunto, não tornando esta uma questão individual, mas também coletiva de professores/as. O presente trabalho surge a partir de um recorte investigativo sobre os processos das construções identitárias dos profissionais de educação de curso superior sob uma visão bibliográfica. Intento, aqui, discutir a docência, observando sua tessitura no mundo contemporâneo, através do movimento vivo e dinâmico de (re) construção identitária dos (as) professor (as). Como cerne da questão, na tentativa de polemizar a concepção de um único perfil e ou identidade fixa para um novo profissional, buscamos a experiência docente, cujas histórias de vida e subjetividade são marcas presentes e não menos importantes, enquanto uma possibilidade potencializadora no exercício de sua prática. O aporte teórico-metodológico ancorado nas contribuições de alguns autores que compõem o referencial teórico. São eles: BENJAMIN (1987); CASTELLS, (1998); FREIRE (2002); Hall (2001 e NÓVOA (1992,1995)

Palavras-chave: Identidade docente. Professor. Ensino superior

* Graduação em Estudos Sociais (1997), e em História (1998). Especialista em História do Brasil pela PUC –MINAS. Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela FCJP – Faculdade Cidade de João Pinheiro (2008), professora da FCJP – Faculdade Cidade de João Pinheiro. E-mail: tutoriajp-rosangela@hotmail.com.

Abstract: The figure of (a) teacher (a) has been increasing focus of studies produced within the educational sciences , especially considering the deliberate increase of research on processes of identity constructions of professional education and the influences that this process carries on the day and in the pedagogical teacher and do this in their training. In addition to these contributions , without disregarding the political , social and philosophical discussions that revolve around the subject , making this not an individual matter , but also collective teacher / the . This paper arises from a cut on the investigative processes of identity construction professionals of college graduates in a bibliographic vision education. Intention here to discuss the teaching, observing its texture in the contemporary world , through the living and dynamic movement (re) construction of (the) teacher (s) . How crux of the matter in an attempt to argue the design of a single or fixed profile and identity for a new business , we seek teaching experience , whose stories of life and subjectivity are trademarks gifts and no less important , while giving new opportunity in the exercise of their practice . The theoretical and methodological support anchored contributions of some authors that make up the theoretical framework . They are : Benjamin (1987); Castells (1998); Freire (2002); Hall (2001 and NÓVOA (1992.1995).

Keywords: Teacher identity. Teacher. Higher education

1. Introdução

O presente trabalho pretende lançar um olhar sobre o processo das construções identitárias e as influências que este processo exerce no dia a dia e no fazer pedagógico desse professor.

Ao longo da escrita, faremos algumas abordagens com base na literatura, reafirmando o papel identitário do professor em seus variados aspectos, desde a sua própria construção, as mudanças que se fazem necessárias em seu cotidiano ao fazer pedagógico até as novas habilidades que exigem o exercício docente na atualidade, sempre confrontando com a sua identidade única.

Como relevância social, este estudo busca perceber os significados da identidade do professor, pois quando pensamos sobre cultura e identidade nos vêm à mente a questão dos valores do sujeito e o papel social do educador. Conjectura-se que, dentre os mesmos, a identidade é o que sinaliza, inexoravelmente, para a questão do valor e seus significados.

O docente universitário como agente principal no ensino superior aponta para a questão da identidade amplamente discutida na teoria social. Sabendo-se que é parte de um processo de mudanças variadas, nos perguntamos: qual a identidade deste docente? Qual o percurso histórico na construção da identidade do professor, qual a importância da identidade na sociedade e para as pessoas?

As exigências impostas pelo contexto da realidade, na qual está inserido definem novas demandas referentes ao docente universitário. Trata-se de agentes de formação diferenciada e individualmente varia de acordo com a sua especialização, sua formação didática, alguns da experiência profissional ou não. Os fatos nos levam averiguar se o docente universitário possui uma identidade profissional a ser construída. A identidade um dom inato ou uma aptidão?

A hipótese deste estudo assenta-se na idéia de que a construção dos processos identitários dos indivíduos de uma sociedade moderna são comparadas às realidades da sociedade biotecnológica. Agora mais do que nunca, a questão da identidade aparece em nossas vidas, adentrando nosso mundo particular ao levantar questionamentos, até então, como tradicionais e invioláveis.

O objetivo da pesquisa é reconhecer as influências da identidade do professor no seu fazer pedagógico no momento atual.

É importante destacar não apenas as relações de poder que envolvem a questão da identidade, mas o julgamento de valor feito constantemente ao nos depararmos com uma realidade diferente da nossa. Segundo Sodré (1999, p.15), não basta assim afirmar a evidência da multiplicidade humana. A percepção da diversidade vai além do mero registro da variedade das aparências, pois atribui um valor e, claro, determinada orientação de conduta.

O problema de pesquisa foi abordado de forma qualitativa, realizada por meio de revisão da literatura em livros e artigos, sites da internet, pesquisa documental da legislação e ainda pesquisa empírica, com o objetivo de analisar de que maneira o processo identitário faz-se presente no fazer cotidiano dos professores de Ensino Superior.

Dependendo do contexto histórico ou do momento, a profissão de professor assume características bastante ímpares. Sendo uma profissão dinâmica, permite-nos acompanhar o movimento constante dos saberes.

Uma identidade profissional, com base na significação social da profissão vai sendo construída na justa medida do envolvimento do professor com o meio social; e este envolvimento terá significados especiais. Será baseada também na reafirmação de práticas aproveitadas culturalmente e que permanecem expressivas.

Pimenta e Anastasiou (2002 p.77) afirmam:

A identidade profissional é bastante particular, adquire significados em razão do valor e comprometimento que cada professor confere à docência, seu modo de situar-se no mundo, suas representações, suas angústias e seus anseios. Neste processo, sobressai-se como fundamental o significado social que os professores conferem ao seu trabalho.

A identidade tem sua origem inicialmente em Roma, onde a identidade de quem lhe pertencia era o cidadão e os considerados não romanos eram os bárbaros. Desde então, a evolução e transformações ocorridas na humanidade deram novos rumos ao termo identidade. Hoje, para se compreender uma identidade de maneira mais completa, é preciso enfocar outros aspectos que enfatizam o significado de identidade, o que na verdade, significa um jogo de identificações, permitindo a um determinado grupo reconhecer e ser reconhecido pelas características que o identificam e que o distinguem dos demais.

Segundo essas categorias ele se identifica, e é pelos outros identificado, é nesse jogo de espelhos que a sociedade permanentemente inventa e reinventa novas identidades. Mesmo

sabendo que uma identidade é sempre re-significada em outro meio. Esse fato só será possível porque os elementos que compõem uma identidade não são aleatórios: eles estão em nossa bagagem social, histórica e cultural.

Não se leva tudo, mas muitos são escolhidos como fundamentais no novo contexto.

A discussão sob vários enfoques teóricos referentes a identidade social do professor vem acontecendo no Brasil e demais localidades:

Maurice Tardif discorre a respeito dos saberes docentes e a sua relação com a formação profissional dos professores e ainda com o próprio exercício da docência. Destaca, a partir de pesquisas realizadas com o propósito de compreender o que pensam os professores sobre os seus saberes, que o saber docente é um “saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana” (p.54). Partindo dessa ideia de pluralidade, o autor discute que a possibilidade de uma classificação coerente dos saberes docentes só existe quando associada à natureza diversa de suas origens, às diferentes fontes de sua aquisição e as relações que os professores estabelecem entre os seus saberes e com os seus saberes.

No exercício cotidiano de sua função os professores vivem situações concretas a partir das quais se faz necessário habilidade, capacidade de interpretação e improvisação, assim como segurança para decidir qual a melhor estratégia diante do evento apresentado. Cada situação não é exatamente igual à outra, Tardif (2002), mas guardam entre si certas proximidades que permitem ao professor, então, transformar algumas das suas estratégias de sucesso em alternativas prévias para a solução de episódios semelhantes, no sentido de desenvolver um *habitus* específico a sua profissão.

Sendo assim, por mais que o autor especifique que os saberes docentes podem ser provenientes do conhecimento a respeito das ciências da educação e de métodos e técnicas pedagógicas (saberes da formação profissional), do domínio do conhecimento específico a ser ensinado (saberes disciplinares), da apropriação de uma forma

“escolar” de tratar os conhecimentos que serão objeto de ensino (saberes curriculares) ou da própria vivência diária da tarefa de ensinar (saberes experienciais), ao mesmo tempo reconhece que “existe um saber específico que é o resultado da junção de todos esses outros e que se fundamenta e se legitima no fazer cotidiano da profissão”. (TARDIF, 2002, p.78).

O saber profissional dos professores é, portanto, na interpretação de Tardif (2002), um amálgama de diferentes saberes, provenientes de fontes diversas, que são construídos, relacionados e mobilizados pelos professores de acordo com as exigências de sua atividade profissional. Há que se ponderar, segundo a lógica do autor, todos esses critérios em conjunto e problematizar principalmente as relações existentes entre eles para, somente dessa forma, produzir um modelo válido de compreensão e análise para os saberes dos professores.

2 -A Identidade do Professor Universitário

Ao estabelecermos como objeto de estudo a identidade do professor, precisamos pensar no papel desse profissional da educação responsável pela formação de diversos profissionais que atuam no mercado de trabalho em suas mais distintas áreas de atuação. Quando pensamos no seu campo de atuação, percebemos ser o ensino superior um espaço amplo no que diz respeito à formação e ao papel do professor, levando em consideração ser um espaço de atuação onde atuam profissionais de diversas áreas e que não possuem, muitas vezes, o magistério em sua base de formação, ou seja, são profissionais de diversas áreas que se tornam professores no ensino superior para lecionar as disciplinas de cunho específico nos diferentes cursos de formação.

Ao pensar em identidade, devemos levar em consideração diferentes questões que a ela se relacionam, por isto é necessário observar o próprio conceito de identidade que precisa ser analisado. O conceito pode receber uma análise de diferentes campos do saber: sociológico, antropológico, filosófico e psicológico. Assim, ao estudar

sobre a identidade do professor que atua no ensino Superior, não podemos fazê-lo isoladamente, desvinculado do seu contexto social, pois a identidade é dinâmica, sendo construída ao longo do tempo.

Segundo Silva (2000. p.96),

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas relações com as relações de poder.

A "Identidade" do professor tem sido um foco central de debates em face às mudanças epistemológicas e sociais cada vez mais exigentes no âmbito da universidade. Não por acaso, muito do que tem sido escrito sobre a identidade, durante esse período, procura deslegitimar o conceito em si, revelando suas limitações ontológicas, epistemológicas e políticas. Nesse ínterim deve ser considerada também a identidade cultural do professor.

Silva (2007, p.79) ressalta:

Ao se pensar em identidade, é imprescindível que se fale em história, pois identidade é estreitamente relacionada à história. A história é a maneira pela qual as pessoas criam as identidades. É construção, sendo construída/reconstruída a cada momento no decorrer do tempo.

Segundo a autora, é imprescindível enfatizar que a identidade trata-se de um processo de construção pelo qual o sujeito está historicamente situado. No decorrer da história várias profissões surgiram, transformaram-se ou desapareceram; assim também surge o professor em um dado momento histórico. Em decorrência da

necessidade social, esse profissional assimilando novas características responde ao imperativo da sociedade.

Em relação a esta opinião, SILVA (2007 p.80) completa:

As identidades são múltiplas, estamos constantemente mudando, transformando nossa forma de ser, pensar e agir, identificar. Talvez essa seja a grande beleza. Essa movência da identidade. O fato de não estarmos prontos. A possibilidade de podermos mudar. A identidade constitui-se a partir da visão que temos de nós mesmos e pela forma que o outro nos vê.

Entende-se nas palavras da autora que o significado atribuído pelo professor à sua atividade docente no cotidiano, com base nos seus valores, história de vida, representações pessoais e anseios é que emerge em grande parte o significado que tem em sua vida ser professor.

É muito importante o significado social que os professores atribuem a si mesmos, sendo, portanto, uma mediação reflexiva relacionando a atividade de aprender e ensinar dos educandos aos conhecimentos que permeiam a sociedade.

A estrutura das operações universitárias, de modo geral, gira quase sempre em torno do eixo individual - turma, pesquisa, publicações, formação, etc. Com a formação ocorreu algo semelhante, uma vez que, tradicionalmente, a formação dos professores universitários foi considerada incumbência deles próprios e tem ficado em suas mãos a decisão de buscá-la, com relação ao tipo e em que momento isso ocorrerá.

A consequência imediata disso é que, quando existe, a formação está direcionada à resolução de necessidades individuais dos professores ou a seus interesses particulares. Sendo assim, esse é um estilo de formação que cada professor faz parte se o quiser e está centrada no que cada professor deseja.

No outro polo, estão as necessidades da universidade. Como instituição, esta precisa de profissionais capazes de enfrentar os novos desafios que vão se apresentando, assim surge um grande dilema entre

uma formação para o desenvolvimento pessoal ou uma formação para a resolução das necessidades da instituição. Para (RIVAS, 2007, 48). Pode-se, no entanto buscar uma fórmula intermediária neste processo de formação, na qual se estabeleça um equilíbrio entre as necessidades individuais e institucionais.

O docente universitário como agente de grande relevância no ensino superior aponta para a questão da identidade amplamente discutida na teoria social. Sabendo-se que é parte de um processo de mudanças variadas, perguntamo-nos: qual a identidade deste docente? As exigências impostas pelo contexto da realidade na qual está inserido definem novas demandas referentes a ele. Trata-se de agentes de formação diferenciada e individualmente varia de acordo com a sua especialização, sua formação didática; alguns da experiência profissional ou não.

Os fatos nos levam averiguar se o docente universitário possui uma identidade profissional construída e reconstruída ao longo do tempo.

Segundo Nóvoa (1992 p. 16)

Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa humana. Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre dois, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber de mais, nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais)

Em geral, a maioria dos professores é estigmatizada pela maneira como a sociedade os veem e, torna-se ponto pacífico que o professor é mensurado a partir do seu desempenho, refletindo também no salário que recebe. Nesse sentido, Reicher (2003, p 45) afirma que:

Na maioria dos países, os professores recebem salários baixos em comparação com os salários de outros profissionais com igual ou inferior escolaridade - fato este que obriga grande parte dos profissionais da educação a terem que acumular duas ou mais atividades profissionais para sobreviverem com o mínimo de conforto. Possivelmente, essa falta de reconhecimento financeiro do professor seja um dos fatores que prejudica a imagem que o próprio professor tem da sua profissão e conseqüentemente de si próprio.

As discussões em torno da identidade do professor não são recentes. O conceito vem sendo estudado há algum tempo e adquire contornos bastante atuais seguindo as mudanças históricas e comportamentais que ocorrem no âmbito educacional. Aspectos múltiplos, a observar-se, devem ser considerados, entre eles o aspecto cultural. A identificação cultural pode ser compreendida, inicialmente, como um conjunto de características comuns pelas quais os grupos sociais constroem sentido de pertencimento, pois a identidade é constituída, dinamicamente, nas relações sociais, pelos grupos humanos.

Na atual circunstância, as análises sobre a prática estão apontando novas perspectivas e aberturas para a formação docente. Entre as discussões encontra-se a identidade profissional do professor, embasados em suporte teórico-metodológico, a questão dos conhecimentos que compõem a docência e a ampliação dos processos de reflexão docente sobre a prática.

O caminho segue em busca de ressignificar os procedimentos formativos a partir da reconstrução dos conhecimentos imprescindíveis à docência, destacando a prática pedagógica e docente como elemento de análise.

Para Denys Cuche (2002, p.32), a cultura pode existir sem a consciência de identidade e as estratégias de identidade, construída pelos grupos sociais e/ou estado, podem manipular e até modificar uma dada cultura. A cultura depende, em grande parte, de processos inconscientes, no entanto a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente.

Stuart Hall (1999, p.7), ao discorrer sobre as interpretações do conceito de identidade, revela as mudanças de sentido ao longo da história, causados pelo que ele considera uma crise originada pela ação conjunta de um duplo deslocamento: a descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos.

Para Castells (1999, p.58) identidade pode ser entendida como o processo de construção de significado, com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado, um ator coletivo e pode haver identidades múltiplas. Assim sendo, construção social da identidade ocorre em um contexto marcado por relações de poder, propondo uma distinção em três formas e origens de construções de identidades:

- a) legitimadora:- introduzida pelas instituições dominantes da sociedade para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;
- b) de resistência- criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizados pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos;
- c) de projeto - quando os atores sociais utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, e, ao fazê-lo busca a transformação de toda estrutura social. Esse é o caso do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo e, assim, a toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabelecem.

A questão da identidade aparece em nossas vidas, adentrando nosso mundo particular ao levantar questionamentos até então como tradicionais e invioláveis, por isso é importante destacar não apenas as relações de poder que envolvem a questão da identidade, mas o julgamento de valor feito constantemente ao depararmos com uma realidade diferente da nossa. Segundo SODRÉ (1999, p.15), não basta assim afirmar a evidência da multiplicidade humana. A percepção da diversidade vai além do mero registro da variedade das aparências, pois atribui um valor e, claro, determinada orientação de conduta.

Tardiff nos assegura que os conhecimentos profissionais são construídos segundo as dificuldades deparadas, em síntese, o profissional constrói e reconstrói seu conhecimento segundo a situação que se depara, determinando a adequação e a percepção de improvisar e se adequar a dessemelhantes situações.

Quanto ao conhecimento profissional mesmo reconhecendo e desenvolvendo sua argumentação no sentido de afirmar que há diversos saberes relacionados ao fazer dos professores, o autor chama a atenção para a posição de destaque ocupada pelos saberes experienciais em relação aos demais saberes dos professores. Essa posição de destaque se justifica principalmente pela relação de exterioridade que os professores mantêm com os demais saberes, pois não controlam sua produção e sua circulação.

Sendo assim, por mais que o autor especifique que os saberes docentes podem ser provenientes do conhecimento a respeito das ciências da educação e de métodos e técnicas pedagógicas (saberes da formação profissional), do domínio do conhecimento específico a ser ensinado (saberes disciplinares), da apropriação de uma forma “escolar” de tratar os conhecimentos que serão objeto de ensino (saberes curriculares) ou da própria vivência diária da tarefa de ensinar (saberes experienciais), ao mesmo tempo reconhece que “existe um saber específico que é o resultado da junção de todos esses outros e que se fundamenta e se legitima no fazer cotidiano da profissão”. (TARDIF, 2002, p.78).

O saber profissional dos professores é, portanto, na interpretação de Tardif um amálgama de diferentes saberes,

provenientes de fontes diversas, que são construídos, relacionados e mobilizados pelos professores de acordo com as exigências de sua atividade profissional. Essa é a justificativa apresentada pelo autor para que se considerem inúteis às tentativas no sentido de conceber uma classificação para os saberes docentes de acordo com critérios que considerem isoladamente a sua origem, seu uso ou ainda as suas condições de apropriação e construção. Há que se ponderar, segundo a lógica do autor, todos esses critérios em conjunto e problematizar principalmente as relações existentes entre eles para, somente dessa forma, produzir um modelo válido de compreensão e análise para os saberes dos professores.

O segredo a respeito do fazer dos professores é colocado por Tardif como um empecilho à profissionalização do ensino. Faz-se necessário, então, que o saber dos professores, esse saber que é da prática e produzido e resignificado por meio da prática, seja estudado, divulgado e validado pelos pesquisadores das ciências da educação e também pelos próprios professores.

Não devemos confundir formar e forma-se. Formar significa gente pensante, com senso crítico aguçado, capaz de perceber e combater as injustiças, que lute por seus direitos e tenha consciência social para argumentar criticamente (NÓVOA, 1992. p.24).

Pensar na nossa prática de cada dia é sempre um momento difícil, contextualizar o conteúdo que se pretende ensinar, pode ser uma tarefa complicada se considerarmos as particularidades de cada turma em que o professor atua. Como equacionar então essa peculiaridade? É parte da própria formação do professor, a necessidade de buscar informações e de estar sempre atualizado. Para acompanhar este movimento o professor deve ter curiosidade, Freire (1997) em seu livro *A Pedagogia da Autonomia-saberes necessários à prática educativa* nos diz: “curiosidade deve ser uma inquietação indagadora e motivadora na busca de criatividade, acrescentando sempre algo novo em tudo o que se faz.

Os saberes de maneira geral já estão sistematizados nos livros, enciclopédias, na internet. Dada à mudança constante do mundo, os saberes mudam em frações de minutos. Cabe aos professores instrumentalizar os alunos para descobrir o que sua curiosidade pede.

O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem. Vale dizer: “fazer aprender” e de seu projeto de vida de continuar aprendendo.

Gadotti (2003, p 13) nos afiança:

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade buscam um mundo mais justo, mais produtivo e saudável para todos.),

A respeito do que se escuta, principalmente, com o advento das aulas virtuais, o professor não está morrendo, sua função não está desaparecendo, seu papel é insubstituível na transmissão de opiniões e de incentivar os alunos a perceberem o mundo em seus detalhes indefinidos.

As mudanças ocorridas no meio político, econômico, tecnológico e social trazem a necessidade de repensar a função social da escola, onde princípios democráticos de cidadania, inclusão, participação e respeito à diversidade são enfatizados nos paradigmas atuais da educação.

1.2 Ensinar, Educar: caminho de intervenção no mundo.

O ato de ensinar não se resume apenas em dar a conhecer as primeiras letras ou seguir corretamente um currículo escolar, é fazer ver ao aluno que ele vive num mundo onde há disparidades culturais e, que, de uma maneira ou de outra, elas influem em sua vida diária e no seu futuro como pessoa.

Nóvoa (1992, p, 24) afirma:

O educador não deve se fechar no seu mundo, mas que abra as portas do futuro ao educando fazendo-o vivenciar o presente da melhor forma possível, que possa distinguir o bem do mal, considerar os conflitos sociais e até tentar resolvê-los, vivenciando a mais bela missão de educador: "educar para a vida."

O ato de ensinar pressupõe um treino e a reflexão crítica das práticas cotidianas docentes. É necessário que o professor seja conscientizado desde o seu processo de formação, aprimorando constantemente os seus conhecimentos, buscando novos saberes e fazeres, apreendendo novas estratégias de ensino e os mecanismos necessários para alcançar os objetivos.

E prossegue Nóvoa (1997, p. 26):

Ensinar é algo de profundo e dinâmico onde a questão de identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial à "prática educativa progressista". Portanto, imprescindível. "solidariedade social e política para se evitar um ensino elitista e autoritário como quem tem o exclusivo do "saber articulado". E de novo, Freire salienta, constantemente, que educar não é a meratransferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia.

A prática educacional deve sensibilizar os alunos e orientá-los no sentido de trilhar caminhos solidários, posto que se encontra em relação direta com a sociedade e está sujeito às suas consequências, seja na distribuição desigual dos benefícios, nas oportunidades ou mesmo na ascensão social. Em quanto cidadão deve compreender o mundo em que vive e escolha mudá-lo, não somente em benefício próprio, mas de toda uma comunidade, cidade ou país.

A abertura para que isso ocorra é o comprometimento e o conhecimento; a interação entre aluno e professor, como eles se veem e como os vejo, vai tornar o trabalho mais simples ou mais complicado.

Nóvoa, (1992, p.45) afirma que:

o educando é o primeiro agente do processo educativo. é ele quem se educa a si mesmo; ao educador compete apenas estimular e ordenar inteligentemente esse processo, de maneira que não seja anulada a espontaneidade e criatividade do educando; pelo contrário, deve chegar a expressar em forma autenticamente pessoal o seu conteúdo".

Para alcançar este patamar, torna-se necessário que o professor tome conhecimento dele próprio, conheça seus limites e possibilidades e isto será possível através do autoconhecimento pessoal, profissional e até mesmo interpessoal. Conhecer sua identidade como algo que o torna único.

Segundo (CALLAI 2011, p.43) a formação do professor deve estar *centrada na escola porém de maneira* a desenvolver na prática, modelos de educação colaborativa e participativa envolvendo os profissionais da educação, mas nem sempre isso acontece. O diálogo entre profissionais da educação pode promover à reconstrução de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógico da escola. O professor necessita repensar também o seu projeto educativo. Desta feita, cremos que a comunicação escolar e as relações poderiam ser bastante diferentes.

Algumas aflições dos profissionais da educação, poderia ser evitadas desde a sua formação inicial, se aprendesse menos técnicas e mais atitudes, hábitos, valores se a formação estivesse voltada também á questões eminentes das salas de aula. Callai (2011, p.57). Ao final do curso, antes de se perguntar o que deve saber para ensinar, o professor deveria estar preparado a responder a pergunta: por que ensinar e como deve ser para ensinar. O professor precisa aprender também a organizar o seu trabalho e o trabalho de seus alunos, aprender a sistematizar e avaliar seus conteúdos de forma a buscar respostas, ao aprender desde cedo no formato cooperativo, visto que o individualismo da profissão leva a ansiedade e angústia, ao sofrimento e à desistência daquele que perdeu a esperança.

É fácil confundir competência com habilidade, ter competência não é forçosamente ter habilidade, o professor pode ser competente, ter conhecimentos profundos de uma determinada disciplina e não ter habilidades práticas para o ensino. A educação não é só ciência, mas é também arte. O ato de educar é complexo. Poucos se dão conta disso.

É Nóvoa (1992) quem afirma:

Em sua caminhada e na busca por formação, o professor deve ser capaz de perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e as relações sociais, políticas, econômicas, psicológicas, históricas, culturais, entre outras, em meio ao qual o processo educacional ocorre. Tornando-se assim, capaz de com suas ações atuar como agente de transformações nessa realidade a qual faz parte, assumindo o seu papel social e o seu compromisso com a sociedade. (NÓVOA, 1992, p 35).

Devemos ressaltar que as mudanças nas práticas docentes só se efetivaram na medida em que o professor desenvolva a consciência sobre sua própria prática, conscientize-se da realidade de sua sala de aula, da escola e sobre a sociedade.

O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem. Vale dizer: “fazer aprender” e de seu projeto de vida de continuar aprendendo.

Com o advento das aulas virtuais, fala-se que o professor está fadado a desaparecer, que sua função pode estar sendo substituída, ledô engano, ela está sendo transformada, adquirindo nova roupagem. E isso não é novo, a cada geração de professores, uma nova identidade se constitui de acordo com o contexto em que vive. No momento, o contexto é de um mundo globalizado.

Há de perceber que a docência, no sentido amplo da aprendizagem das relações, reflete um profissional especial, em um tempo no qual, aprender é conviver com a incerteza. Trazendo a tona à

necessidade de reflexão a propósito do novo papel do professor suas exigências da profissão docente, principalmente no que se refere à formação continuada do professor.

Muitos insistem em afirmar que a profissão docente deve mudar, sobretudo em função da complexidade da nova sociedade, mas não se diz como, nem por que e para onde devemos mudar. (GADOTTI, 2003, p. 27). Francisco Imbernón(2002, p. 18), afirmam “não é de admirar que nos últimos tempos não apenas o professor, mas também as instituições educacionais passem uma sensação de desorientação que faz parte da confusão que envolve o futuro da escola e do grupo profissional”. Onde há desorientação, há falta de sentido.

A construção da identidade profissional se dá a partir de vários referenciais entre as quais podemos pensar no significado social da profissão; reflexão crítica sobre a prática pedagógica, pesquisa, formação continuada, criatividade, criticidade, respeito ao saber dos alunos. É uma identidade que se constrói no embate cotidiano entre teorias e práticas, na análise e constituição de novas teorias.

O professor constrói no dia a dia a sua identidade a partir do significado que ele atribui à sua atividade docente que desempenha ao longo do tempo. Esta construção é feita mediante seus valores, visão de mundo, história de vida, representações pessoais, aflições e aspirações. Esses valores pessoais e profissionais são sempre confrontados com seus pares e com relação aos outros professores.

Em relação à construção da identidade do professor é relevante pensar o significado social que atribuem a si mesmos e ao seu papel. É importante pensar no papel que desempenham e na instituição em que atuam, observando como se veem no processo ensino-aprendizagem e na formação de seus alunos. Precisam se perceber na mediação reflexiva do conhecimento e relacionar a atividade de aprender dos alunos aos saberes que permeiam a sociedade.

Nessa perspectiva, ser professor significa ir além, buscar saberes individualizados, deve-se ter conhecimento de como planejar e organizar o currículo. O professor atuante pesquisa e estabelece

estratégias para formar grupos, para resolver problemas. Tenta relacionar-se com a comunidade e exercer atividades sócio-antropológicas desde que a escola possua projetos nesse sentido.

Uma das grandes preocupações em relação a identidade está a forma como veem seu trabalho, sendo a qualidade do seu fazer importante. Moacir Gadotti (2003, p.39) escreveu sobre a noção de qualidade e competência profissional.

A noção de qualidade precisa mudar profundamente: a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente em estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que na sua capacidade de “passar conteúdos”. A prática pedagógica em si expressa às atividades rotineiras que são desenvolvidas no cenário escolar. Podem ser atividades planejadas com o intuito de possibilitar a transformação ou podem ser atividades bancárias, tendo a dimensão do depósito de conteúdo como característica central.

Esta noção de qualidade e competência profissional está estreitamente ligada ao educando.

Os saberes dos professores são construídos ao longo da sua vida, em sua trajetória acadêmica, e por isso mesmo são vivos e mutáveis de acordo com as experiências que carrega. Trata-se de conhecimentos diversificados e que serão escritos a partir da sua história pessoal, do meio em que vive e se relaciona e dificilmente será organizado, sistematizado ou conceituado.

Nóvoa (2008, p.78) por seu lado destaca:

O professor: tem uma dimensão teórica, mas não é apenas teórico; há uma dimensão empírica, mas não unanimemente produzido pela experiência. Deparamos-nos com um conjunto de aptidões, saberes e maneiras imperativas à educação. Existe até certa pressão quanto à importância desse conhecimento, entretanto, há um número bastante extenso de dificuldades na sua formulação e

na sua conceituação. O professor não se apropria dos conhecimentos finalizados e estáveis nos bancos da Universidade ou no exercício da sua prática profissional.

Paulo Freire (1998, p. 25) diz que:

Ensinar não é transferir conhecimento”, a competência deve ir além do repasse automático de conteúdos. Dimensões científicas, políticas, éticas, estéticas e técnicas conferem a dimensão social comprometida com as melhoras da sociedade. É preciso que se tenha clareza de que neste processo de ensinar e aprender, “vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma e forma-se no ser formado.”

O docente universitário encerra responsabilidades múltiplas e implicações as mais variadas. (PAULO FREIRE 1998, p. 27) quando nos conclama à “reflexão sobre as exigências da docência, aos seus saberes fundamentais”, lembra-se de que estamos tratando de seres humanos inconclusos e como docentes, faz-se necessário permanecer inseridos num constante movimento de procura, de redescoberta, na intenção de se superar a curiosidade ingênua para a crítica e epistemológica.

Assim, a docência universitária exige a compreensão de que “não há docência sem discência”, diz (FREIRE 1998, p.27). (É aqui se coloca a questão: o que significa ensinar; o que compreende por aprender; qual o papel do professor e do aluno neste processo? Parte-se do pressuposto de que o ensinar implica que os alunos aprendam, que todos aprendam num processo construtivo do conhecimento, que ultrapasse os limites mínimos da memorização para alcançarem patamares mais elevados de compreensão, análise, síntese, problematização, criticidade, contextualização, avaliação e aplicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num espaço de formação de docentes, levando em consideração que a construção identitária depende de requisitos mínimos como outras identidades dos atores professores, dos seus contextos interacionais e de suas possibilidades de interação. Isso nos permite sugerir que tais atores sociais, inseridos em contextos distintos, não percebem da mesma forma a estrutura das situações que vivenciam, levando-os à construção de distintas perspectivas em relação aos seus futuros.

Ao longo da trajetória de nossa investigação, pudemos identificar elementos relativos à construção de identidades sociais implícitas no indivíduo (denominado também de ator). Assim, entende-se que as representações sociais a partir de seu caráter relacional, pode perceber como “pesam” essas expectativas que os “outros” projetam sobre a figura do professor. Dessa forma, é natural que seu discurso seja permeado por sentidos de compromisso e de responsabilidade social, que muitas vezes não são realizados por absoluta falta de condições objetivas no exercício cotidiano da profissão.

A construção da identidade do professor da Educação Superior acontece no dia a dia do profissional, cada indivíduo tem sua identidade e pode buscar aprimoramento nos cursos de formação continuada ou em outras fontes; não deve apenas ficar esperando que a instituição em que atua proporcione atividades ou lhe cobre mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. São Paulo: Artmed., 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. In: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**.

Brasília. Ministério da Educação Secretaria de Educação a Distância (2003). Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=62&Itemid=191>>. Acesso em: 10 nov. 2006.

CALAI, H. C. **O Ensino em Estudos Sociais.** Santa Catarina : Unijui. 25 de junho de 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** São Paulo: EDUSC, 1999

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia: diálogo e conflito.** São Paulo: Cortez, 1985

_____. **Perspectivas Atuais da Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido,** São Paulo: WTC Editora, 2007.

STUART Hall. **A identidade cultural da nós-modernidade.** 10a ed. , 1987.

NÓVOA, A. **Profissão Professor.** 2 ed. Porto: Porto Editorial, 1992.

_____. **Os professores e suas histórias de vida.** In: Nóvoa, A. *Vidas de professores.* Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, A. **Profissão Professor.** 2 Ed. Porto: Porto Editorial, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G. **Docência no ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RIVAS, N. P. P. . **Novas perspectivas na formação do professor da educação básica: o novo programa de formação de professores da USP**. In: Maria Inez Oliveira Araujo; Luiz Eduardo Oliveira. (Org.). **Desafios da Formação de Professores para o Século XXI: O que deve ser ensinado? O que deve ser aprendido?**. Aracaju: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2008, v. 1, p. 199-214.

SILVA, Giselda Shirley da. **Um cotidiano partilhado entre práticas e representações de benzedeiros e raizeiros: remanescentes de quilombo de Santana da Caatinga - MG/1999-2007**. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, João Pinheiro, 2007

SILVA, V. N. **A importância dos saberes pedagógicos na prática dos professores da educação superior** In: XV ENDIPE Encontro Nacional da Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), 2010.

SILVA, Tomaz T. Da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros – identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TARDIF, M. **O trabalho docente, a pedagogia e o ensino: Interações humanas, tecnologias e dilemas**. Cadernos de Educação, 10. Pelotas, jan./jun., p. 15-47.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA

Giselda Shirley da Silva^{*}
Maria Célia da Silva Gonçalves^{**}

Resumo: Este estudo consiste em uma breve incursão sobre a educação étnico-racial estabelecendo como recorte de trabalho alguns termos e conceitos importantes usados na contemporaneidade. É importante que tenhamos ciência dos mesmos para podermos atuar de forma mais significativa no nosso espaço de vivência contribuindo para minimizar o racismo e discriminação racial em nossa sociedade. O estudo procurou responder aos questionamentos: O que é identidade? Raça? Racismo? Etnia? Discriminação racial? Preconceito? Como o conhecimento desses conceitos pode contribuir para proporcionar mudanças no âmbito educacional? Objetivou compreender como alguns conceitos são historicamente construídos e o significado dos mesmos para a efetivação ou não, de uma sociedade racista. A narrativa constituiu-se em uma revisão da literatura relacionada à educação antirracista relacionando teórica e os discursos produzidos por intelectuais que se debruçam sobre a temática. A Pesquisa desvelou que estes conceitos possuem historicidade e são carregados de sentidos, possuindo grande relevância para a mudança da mentalidade.

Palavras chave: Conceito. Educação. Étnico racial.

Abstract: This study consists of an abbreviation incursion about the ethnic-racial education establishing as work cutting some used terms and important concepts used in the moment. It is important that we

^{*} Mestre em História pela Universidade de Brasília. Especialista em História do Brasil pela PUC-Minas. Especialista em Educação a Distância. Professora do Ensino Superior. Historiadora e pesquisadora de cultura; religiosidade popular; história local e regional. Responsável pelo Setor de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e Responsável pelo Arquivo Público Genésio José Ribeiro. Membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural. E-mail: giseldashyrley@hotmail.com

^{**} Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília - UnB. Professora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e coordenadora do Núcleo de Iniciação à Pesquisa na Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). Membro Laboratório Transdisciplinar de Estudos da Performance (TRANSE) SOL/UnB. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

have science of the same ones for us to act in a more significant way in our existence space contributing to minimize the racism and racial discrimination in our society. The study tried to answer the questions: What is identity? Race? Racism? Etnia? Racial discrimination? Prejudice? How can the knowledge of those concepts contribute to provide changes in the education extent? Its aimed at to understand as some concepts are built historically and the meaning of the same ones for the construction or no, of a society racist. The narrative was constituted in a revision of the literature related to the education anti-racist relating theoretical and the speeches produced by intellectuals that lean over on the theme. The Research revealed that these concepts possess historicity and they are loaded of senses, possessing great relevance for the change of the mentality.

Keywords: Concept. Education. Ethnic racial.

Introdução

Neste texto dedicamos a refletir sobre questões conceituais sobre a questão étnico racial no Brasil. Temos ciência de que isto se constitui em uma tarefa difícil levando-se em consideração a diversidade de termos e conceitos existentes em nosso cotidiano e que remetem a questão racial, sendo muitos desses conceitos alvo de acirrados debates e reflexões. Assim, nesse empreendimento intelectual, procuramos trazer a baila alguns desses conceitos com o objetivo de compreender melhor sua utilização embasando em teóricos que estudam e trazem contribuições para pensarmos e repensarmos a questão racial no Brasil.

Nas ultimas décadas, os debates sobre a questão racial no Brasil são constantes e alvo de muitas reflexões e calorosos debates. Uma delas é a questão da produção do conhecimento e como a educação pode contribuir para pensar/repensar as relações raciais no Brasil e a própria identidade nacional, justificamos assim, as inquietações e interesse por realizar essa breve incursão sobre alguns conceitos que são importantes na contemporaneidade e um desafio para nós,

educadores, fazer a sua divulgação. Ao perceber a necessidade de conhecer um pouco mais sobre as reflexões que permeiam o pensar a questão racial no Brasil, identidade, racismo e preconceito, surgiu o interesse por conhecer como que, palavras que usamos no nosso cotidiano constituem-se em conceitos carregadas de sentidos e sumamente importantes no contexto educacional.

O objetivo foi compreender como alguns conceitos utilizados no cotidiano são historicamente construídos e o significado dos mesmos para a efetivação ou não, de uma sociedade racista. Especificamente objetivamos conhecer para entender, respeitar e integrar, acolhendo as contribuições das diferentes culturas, provenientes das múltiplas matizes culturais existentes na sociedade brasileira.

O estudo partiu de diversas inquietações que nortearam a tessitura narrativa deste texto. O que esses conceitos significam? Como foram construídos? De que forma o conhecimento destes conceitos podem contribuir de maneira significativa para minimizar os problemas relacionados ao racismo e preconceito na sociedade brasileira e motivar nossas ações como cidadãos conscientes de nosso papel e agentes de transformação? Como o conhecimento desses conceitos pode contribuir para proporcionar mudanças no âmbito educacional?

Ao longo deste texto, foram realizadas algumas reflexões sobre: identidade, etnia, raça, negro, mestiçagem, preconceito racial, discriminação racial e racismo.

Pensar sobre essa conceituação é fundamental para atuarmos de forma positiva para a divulgação de ideias e das ações afirmativas contra o racismo. Assim, faz-se necessário buscarmos conhecimentos e adquirir maturidade intelectual para que possamos agir de forma positiva com ações que valorizem os afro-descendentes e sua cultura, sendo a educação a força que move as ações. Nesse sentido, ressaltamos o papel do professor e sua prática pedagógica para agir positivamente em prol da igualdade racial, abrindo caminhos para o diálogo entre o direito a igualdade e a diferença.

Não é nosso objetivo substituir uma cultura ou visão por outra, mas percebemos nosso papel como educadores como divulgadores das

contribuições das diferentes culturas, valorizando e respeitando os diversos atores sociais, que fazem parte desta grande nação. Por isso, pensamos nas ideias divulgadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's -, que se referem à pluralidade cultural como sinônimo de diversidade, perpassando pelas peculiares étnicas e culturais dos diversos grupos sociais que coexistem no território brasileiro.

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica, entendendo-a como fundamental para a construção/reconstrução de saberes necessários a formação do indivíduo.

A tessitura narrativa deu-se por meio do diálogo estabelecido com diversos pensadores que se debruçam sobre a educação das relações raciais no Brasil e que nos possibilitam conhecer um pouco mais sobre as questões que permeiam a temática, permitindo o entrecruzar da teoria, política e o papel da educação no campo das relações raciais.

O papel da teoria e sua contribuição para compreendermos um pouco das questões étnico-raciais no Brasil.

A realização de reflexões sobre a estruturação da sociedade e forma como concebemos os diferentes atores sociais que compõem a sociedade brasileira são relevantes para a formação do profissional que atua diretamente na educação, pois precisamos ter ciência dos mesmos e inserir na prática cotidiana ações que valorizem a diversidade étnica e a pluralidade cultural. Nesse sentido, ressaltamos o papel da escola como um lugar de fundamental importância no combate ao racismo e a discriminação racial.

Precisamos repensar sobre o significado que atribuímos aos conceitos de identidade, etnia, raça, negro, mestiçagem, afro-descendente, afro-brasileiro, pluralidade, preconceito racial, discriminação racial, racismo. Ao consultar o dicionário, percebemos que o significado da expressão conceito relaciona-se à forma pela qual inserimos definição ou sentido a uma ideia, a uma expressão, a fatos, as ações ou objetos. Ao compreendermos o que está sendo repassado pelo professor, o

sentido/significado dos conteúdos estudados ganham novas configurações.

Iniciamos nossas reflexões pensando sobre os conceitos de **identidade e raça**.

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que desgasta
Sou pólen sem inseto
E areia sustentando
O sexo das arvores
Existo, assim, onde me desconheço
Aguardando pelo meu passado
Receando a esperança do futuro
No mundo que combato
Morro
No mundo porque luto
Nasço (Mia Couto)¹

Nas palavras de Mia Couto podemos perceber questões relacionadas à identidade e raça. Estas são palavras que encontramos no nosso cotidiano e que muitas vezes, desconhecemos o significado das mesmas, pois, vão muito além de palavras, são conceitos sumamente importantes para serem conhecidos e compreendidos.

O poema nos permite pensar na questão da identidade e diferença. Todavia, o que significa identidade? Como conceituá-la e compreender os diferentes sentidos a ela atribuídos?

A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nasce com uma definição biológica, ou seja, homens

¹ Mia Couto nasceu em Beira, Moçambique, em 1951. A partir de 1974 ingressa no Jornalismo, deixando os estudos de Medicina. Trabalhou na Agência de Informação de Moçambique. Foi diretora da revista **Tempo**, onde teve colaboração poética. Esse fragmento de texto encontra-se na Revista Palmares - Cultura Afro-Brasileira - Ano II - Numero 3_Dezembro2006, p.21.

ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos, homens e mulheres, negros e brancos. (CARNEIRO, 1993, p. 03).

Nas reflexões de Carneiro, podemos perceber a ligação peculiar às condições em que se vive. Nesse sentido, a identidade é o resultado de um processo estabelecido a partir de elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos. Solano Trindade registrou em versos a identidade negra no poema “Sou negro”², o qual nos incita a pensar na questão identitária e nos elementos que a compõem.

Sou negro
Meus avós foram queimados pelo sol da África
Minh’alma recebeu o batismo dos tambores
Atabaques, gonguês e agogôs.

Contaram-me que meus avós vieram de Luanda
Como mercadoria de preço baixo
Plantaram cana pro senhor do Engenho Novo
E fundaram o primeiro maracatu

Depois meu avô brigou com um danado
Nas terras de Zumbi
Era valente como o quê
Na capoeira ou na faca
Escreveu não leu o pau comeu
Não foi um pai João humilde e manso

² Solano Trindade, In; Suplemento literário do Jornal “O Estado de Minas Gerais”. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, n: 1098. 7 maio 1988, p. 24

Mesmo vovó
Não foi brincadeira
Na guerra dos malês ela se destacou.

Na minh'alma ficou
O samba, o batuque, o bamboleio.
e o desejo de libertação

Ao pensarmos sobre identidade, referimos ao sentimento de pertencimento a uma história, a um povo e um lugar. “Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento”. (PESAVENTO, 2003, p. 89) Esse pertencimento a um povo, lugar, história, remete ao passado, ao presente, mas também ao futuro. Nas palavras do poeta percebemos a retomada a ancestralidade, a forma como se vê e o que deseja. O poeta apresenta o legado dos ancestrais e o “desejo de libertação”.

Ao se discorrer sobre questões identitárias, é imprescindível que se fale em história, pois identidade é estreitamente relacionada à História. Hall diz que “a identidade é construída historicamente, não biologicamente (HALL, 2000, p.13)”. A história é um referencial. Não é possível estabelecer uma construção identitária desprovida de referencial.

A história é a maneira pela quais as pessoas criam as identidades. É construção, sendo construída/reconstruída a cada momento no decorrer do tempo. Ela é pautada na identidade na diferença. Na relação entre o “eu e o outro”, sendo um processo contínuo e inacabado, a partir daquilo que identifica a pessoa, mas que também a diferencia do outro. A constituição identitária se dá na interação social com as outras pessoas, sendo fruto da sociedade e da história. Ela não é estática e definitiva, por isso, é influenciada pela interação social, pela consciência individual e coletiva e pela estrutura social.

Ao refletirmos sobre a identidade negra no Brasil podemos observar que ela foi construída e reconstruída a partir da diferença.

Muitas vezes, ao referirmos a diáspora africana e a escravização do negro no Brasil ao longo de sua história, associamos a eles figura semelhante, muitas vezes homogênea, sem levar em consideração os diversos povos existentes naquele continente como mostram as figuras 06 e 07:



1. Monjolo; 2. Mina; 3, 4, 8, 9. Moçambique; 5,6. Benguela; 7. Calava

Figura 1: Pintura de Debret - Diferentes nações negras de escravos no Brasil.

Fonte: MELLO (2013).



Figura 2: Pintura de Debret - Diferentes etnias negras no Brasil. Fonte: MELLO (2013).

Nas imagens acima, podemos observar o esforço do pintor Debret para representar as diferentes nações de negros e negras que vieram para o Brasil por meio diáspora forçada pela escravidão. Ela nos incita a refletir a diversidade de negros e negras que vieram para esta nação, sendo um equívoco unificá-los em uma identidade única. Ao pensarmos sobre a diversidade dos negros que foram trazidos para esta terra e como a trajetória desses negros foram se reconstruindo ao longo da história, somos obrigados a admitir que é impossível enquadrar os negros brasileiros em uma identidade homogênea e única. Somos instigados a pensar em pluralidade e pensar a identidade em uma construção que se faz em uma sociedade contraditória e plural.

Hall reflete que “como num processo, a identificação opera por meio da diferença, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteiras’”. (HALL, 2000, p.13).

A identidade é construída. O indivíduo não nasce com uma identidade pronta, mas, ela vai sendo forjada ao longo da existência.

Luiz Antônio Paquetti, citado por Silva (2010) reflete sobre a questão identitária e pondera que:

A identidade fornece a coesão e articula a percepção sobre o mundo em que as pessoas vivem. Isso significa que a identidade é sempre uma reconstrução num espaço social em que as intenções, desejos e necessidade de um grupo ou de indivíduos se relacionam, sejam pelo próprio olhar que constrói uma imagem própria ou o olhar dos outros, o que faz com que a identidade seja também uma condição atribuída tanto pelo julgamento interno quanto pelo externo. (PASQUETE, apud SILVA, 2010, p.126).

Identidade relaciona-se a diversos fatores entre eles o sentimento de pertencimento a um território, uma cultura e história. Apresenta elementos culturais que se anunciam questões ligadas à língua, rituais, religiosidade, comportamentos e tradições populares que fazem parte dos costumes e modos de ser, ver, e sentir o mundo.

A identidade possui também relação com o território. Rafael Sanzio dos Anjos refletiu sobre esta questão e pondera que:

O território é uma condição essencial porque define o grupo humano que o ocupa e justifica sua localização em determinado espaço. A terra, o terreiro, não significam apenas uma dimensão física, mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que têm os registros da história, da experiência pessoal e coletiva do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente. (ANJOS, 2006, p. 49).

Silva (2010) relaciona a questão da identidade do território, mas também com a história. Ele apresenta a narrativa de um narrador e analisa esta questão presente em sua fala, demonstrando que o fato de ser negro pode ser visto de forma positiva, mas também negativa.

É um orgulho para a gente ser negro! Mas só que por a gente ser negro, a gente é muito discriminado e recusado dos brancos. (...) eles recusam a raça negra hoje. Mas para mim é uma honra, porque o Brasil começou de quê? Dos negros! Do trabalho dos negros! [...] Então a imagem de negro para mim é uma honra. É uma honra ser negro. Eu respeito muito a cor dos brancos, mas eu acho que os brancos deveriam respeitar a cor dos negros, igual os negros respeita a dos brancos. É isso aí que a gente sente. (SILVA, op. cit, p.135).

Vandeir José da Silva cita a narrativa e afirma que este sentimento de identificação relaciona-se com aquilo que identifica, mas também diferencia, sendo muitas vezes um fator que possibilita a discriminação e o preconceito. O autor pauta-se em Woodward (2000, p. 9) quando afirma que a “[a] identidade é, assim, marcada pela diferença”.

Partindo das entrevistas realizadas, Silva procurou desvelar o sentido de ser negro para alguns membros de uma comunidade remanescente de quilombo de Minas Gerais, buscando perceber o significado da titularização emitida pela Fundação Palmares como

remanescente de quilombo, como se vêem e as representações que eles veiculam acerca do preconceito sofrido. Ele mencionou a narrativa de um dos entrevistados e como situações de preconceito sofridas acabaram interferindo na forma de se ver.

Outro aspecto que chama atenção na narrativa é a substituição do nome do narrador pelo estereótipo de “negão”. Esse apelido lhe foi dado enquanto criança, marcando sua fase de criança até os dias atuais. Recordo o narrador que esse codinome foi o pontapé inicial para discriminação e sofrimento, que o levou a se esconder das pessoas que chegavam a sua casa quando essas não eram negras. Dessa maneira, o estigma sofrido torna-se sobremaneira tão perverso que leva o negro muitas vezes a rejeitar a própria cor em sinal do sentimento de inferioridade, o que leva à destruição de sua auto-estima. (SILVA, op. cit, p.135)

Silva reflete ainda sobre o preconceito e como isto interfere no sentimento de pertencimento, identidade e na relação que se estabelece com o outro. Nesse sentido, percebemos que a identidade é construída/reconstruída a partir da diferença e da relação com o outro. Campelo (2006, p. 143) afirmou que “[a] identidade negra é inevitavelmente marcada pelo confronto com o outro e pelo próprio reconhecimento da diferença”, sendo esta relacional e estando em constante movimento.

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social. Enquanto sujeitos sociais é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma

interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser então, rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural. (LOURO, 1999, p.12)

Para esta Nilma Lino Gomes, da mesma forma que os outros processos identitários, a identidade negra é uma construção simbólica e gradativa, envolvendo diversas variáveis, causas e efeitos, que abrangem desde as primeiras relações constituídas no grupo social mais próximo, onde as relações pessoais são estabelecidas permeadas de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo.

Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). (GOMES, op. cit, p.43).

Ela nos incita a diversos questionamentos acerca da questão: leva-nos a problematizar acerca do nosso papel enquanto profissionais da educação, se na nossa prática cotidiana, estamos atentos a essa questão. Se nós incorporamos essa realidade de forma consciente e responsável, ao abordarmos, nos processos de formação de

professores (as), acerca da diversidade cultural. Ela salienta que para compreender a construção identitária negra no território brasileiro faz-se mister considerar a sua dimensão subjetiva, simbólica e política. Busca respaldo nas palavras de Munanga quando ele relaciona a

*A tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil. É necessário também avançar na compreensão do que significa **raça** na sociedade brasileira. Esta, ora assume o sentido e a ressignificação política dada pelos próprios sujeitos negros, principalmente os adeptos das mais diversas formas de militância, ora é uma categoria social de exclusão social e, por que não dizer, de homicídio (MUNANGA, 1994, p. 187).*

Segundo Kabengele Munanga, esse entendimento poderá nos ajudar a desvendar a especificidade do racismo em nosso país e compreender melhor os próprios discursos antirracistas, que reúnem tanto os pensadores da chamada direita quanto os da esquerda. Os de direita acusam os negros em busca da afirmação da sua identidade de criar falsos problemas ao falar de identidade negra numa sociedade culturalmente mestiça; os de esquerda muitas vezes os acusam de dividir a luta de todos os oprimidos cuja identidade numa sociedade capitalista deveria ser a mesma de todo e qualquer oprimido.

Na perspectiva desse autor, não é possível conciliar esses dois discursos. Para analisá-los faz-se necessário ter coragem de encarar e de analisar o Brasil tal como ele é, de fato, sociologicamente e culturalmente, e não nos atermos a uma projeção ideológica do país, presa nas malhas do mito da democracia racial: sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços, institucionais ou não, nos quais circulam,

Gomes (2005) conclui suas reflexões sobre identidade negra mostrando que ela é construída também ao longo da caminhada educacional escolar, ressaltando como a escola possui

responsabilidade social e educativa de conhecê-la, entendê-la e respeitá-la, da mesma forma que as demais presentes no processo educativo escolar.

Pensando na questão da identidade, observamos que muitas vezes ela está estreitamente ligada a raça, fazendo-se necessário refletir sobre este conceito alvo também de muitos debates e discussões.

Nilma Lino Gomes (2005) buscou trazer à tona a discussão sobre relações raciais no Brasil. Em seu artigo intitulado “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” traz contribuições significativas sobre os termos e conceitos, o que, segundo ela, revelam não somente a teorização sobre a temática racial, mas também as diferentes interpretações realizadas a respeito da temática. Para esta autora,

Do Darwinismo Social adotou-se a suposta diferença entre as raças humanas e sua natural hierarquização sem que se problematizassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e aperfeiçoamento, obliterando-se a ideia de que a humanidade era una. (SCHWARCZ, 1993, p.18).

Ela salienta que a utilização do termo “raça” para se mencionar aos negros sempre foi alvo de calorosos debates no campo das Ciências Sociais e de modo mais abrangente no dia-a-dia do brasileiro.

O Dicionário contemporâneo da língua portuguesa (2004) define **raça** como um “grupo de pessoas com determinadas características físicas hereditárias comuns. Geração ou gerações de indivíduos de um desses grupos.” Nesse sentido, percebemos que esse é um conceito quase biológico.

Historicamente o conceito de raça nos remete a forma de atribuição feita àqueles que são da própria espécie, diferenciando-se dos que não são. Banton escreveu que antes do século XV alguns povos

mencionaram considerações de ordem racial. Remete a idéia de que a virada do século XVIII para o XIX constitui-se em um tempo de mudança no significado do termo.

O termo foi utilizado primeiramente no sentido de linhagem; as diferenças entre raças derivam das circunstâncias da sua história e, embora se mantivessem através das gerações, não eram fixas. [...] Os outros povos passaram a ser vistos como biologicamente diferentes. Embora a definição continuasse incerta, as pessoas começaram a se pensar que a humanidade estava dividida em raças. O novo uso da palavra raça fazia dela uma categoria física. Levou a negligenciar o modo como o termo era socialmente utilizado como categoria para organizar a percepção que as pessoas tinham da população do mundo. (BANTON, 1977, p.29-30)

Martins ao refletir sobre o uso do termo raça escreveu que na genealogia que traça o racismo moderno há a existência de duas fases específicas:

A primeira está relacionada ao papel da estética clássica e das normas culturais da legitimação da supremacia branca. Também a ciência serviu como instrumento nessa operação. Raça, denotando principalmente a cor da pele, foi empregada pela primeira vez como um meio de classificar os seres humanos por um físico francês chamado François Bernier, em 1684. A segunda fase, é possibilitada por desdobramentos na Antropologia, valorizando aspectos estéticos e defendendo a superioridade da raça branca. A espécie humana seria única, mas as variações seriam causadas por três fatores: clima, estados da sociedade e hábitos de vida. O iluminismo através de vários de seus expoentes deu guarida a essas ideias e as legitimou. (MARTINS, 2005, p.182).

O autor mostra como foi se estabelecendo as diferenças e o termo raça foi ganhando nova configuração possibilitando a hierarquização social e supremacia de um povo sobre o outro. Ele diz que no século XVIII nos termos científicos europeus a palavra raça já é

usada para dar nome e explicar algumas diferenças fenotípicas entre as pessoas. Segundo ele, no século XIX predomina a teoria da “raça”, sendo que, na população mundial existia um número de raças distintas, sendo que, para o seu desenvolvimento cultural dependeriam da sua capacidade determinada biologicamente. Ele mostra que no século XX, com o advento do nazismo, surgem diversas críticas em relação a essa atribuição de sentidos da raça e salienta que no âmbito teórico passaram refutar a hierarquização das raças sob a perspectiva biológica.

Com base nas reflexões apresentadas acima, é possível relacionar raça a uma construção pautada na ideologia, constituindo-se no resultado de interesses estabelecidos ao longo do tempo.

Pensando nesta questão no Brasil e analisando a sua trajetória histórica, Gomes (2005) traz à baila a questão da dificuldade de identificação que muitos brasileiros encontram ao serem questionados sobre sua raça e a resposta, em muitos momentos, torna-se momento de constrangimento. Ela menciona esta questão e diz que a forma como recebemos e reagimos a essa pergunta depende de modo especial da compreensão e percepção da questão identitária.

A autora nos incita a pensar na relação do termo “raça” usado para nomear, identificar as pessoas negras, remetendo muitas vezes ao racismo, ao legado da escravidão negra e concepção que temos em relação à imagem do branco e do negro no imaginário do brasileiro.

*Na realidade, o termo **raça** ainda é o que consegue dar a dimensão mais próxima da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo, que afeta as pessoas negras da nossa sociedade. Mas é preciso compreender o que se quer dizer quando se fala em **raça**, quem fala e quando fala. Ao ouvirmos alguém se referir ao termo **raça** para falar sobre a realidade dos negros, dos brancos, dos amarelos e dos indígenas no Brasil ou em outros lugares do mundo, devemos ficar atentos para perceber o sentido em que esse termo está sendo usado, qual o significado a ele atribuído e em que contexto ele surge. O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo **raça**, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era*

usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (GOMES, op. cit, p. 45).

A autora continua suas reflexões e salienta que infelizmente no Brasil o racismo se estabelece e se afirma através da sua própria negação. Ela justifica que vivemos um racismo ambíguo, pois é alicerçado em contradições, pois, negamos a existência do racismo e do preconceito racial, mesmo ele estando presente em nosso cotidiano, no contexto educacional, no trabalho.

Os militantes e intelectuais que adotam o termo raça não o adotam no sentido biológico, pelo contrário, todos sabem e concordam com os atuais estudos da genética de que não existem raças humanas. Na realidade eles trabalham o termo raça atribuindo-lhe um significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete. Por isso, muitas vezes, alguns intelectuais, ao se referirem ao segmento negro utilizam o termo Étnico-Racial, demonstrando que estão considerando uma multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil. (GOMES, op. cit, p.47).

Para Antônio Sérgio Guimarães (1999).

Raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que se denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza como algo endodeterminado. A realidade

das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de 'raça' permite, ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos-, tal conceito tem uma realidade social plena e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite.

Podemos compreender que as raças são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam um dado da natureza.

André Ricardo Nunes Martins (2005) ponderou que nos últimos anos, o conceito de raça atribuído aos seres humanos evoluiu de uma categoria científica evocada na legitimação do racismo para uma categoria científica de valor instrumental a serviço da luta contra o racismo. A mudança na perspectiva relaciona-se com os desdobramentos oriundos das ciências sociais.

É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos na cultura e na sociedade a perceber as diferenças, a comparar e a classificar.

Quando não refletimos sobre essa situação e, quando a sociedade não constrói formas, ações e políticas na tentativa de criar oportunidades iguais para negros e brancos, entre outros grupos raciais, nos mais diversos setores, estamos contribuindo para a reprodução do racismo.

Dessa forma, se queremos lutar contra o racismo, precisamos reeducar a nós mesmos, às nossas famílias, às escolas, às (aos) profissionais da educação e à sociedade como um todo. Para isso, precisamos estudar realizar pesquisas e compreender mais sobre a História da África e da Cultura Afro-Brasileira e aprender a respeitar a

ancestralidade das diferentes matizes que compõem a sociedade brasileira.

O conceito de etnia é muito usado na contemporaneidade. Gomes diz que esse termo é usado muitas vezes para referir-se a negros e negros, entre outros grupos sociais, divergindo do termo raça. Ao lançarem mão deste termo, muitos estudiosos acreditam que ao usar o termo raça ficamos presos as questões biológicas e hierarquização das raças. Como exemplo, ela citou o caso da Alemanha nazista que lançou mão da ideia de superioridade racial para justificar sua tentativa de dominação política e cultural sobre outros povos. Nesse contexto, a ideia de raça, no sentido biológico, foi vista como inaceitável, sendo utilizado desde então, o termo etnia para referir a outros povos diferentes, enfatizando que os grupos humanos não eram marcados por características biológicas herdadas dos seus pais, mães e ancestrais, mas, sim, por processos históricos e culturais.

O termo etnia é usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade. Cashmore ponderou que:

Um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas (CASHMORE, 2000, p.196).

Ou, ainda: “um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios” (BOBBIO, 1992, p. 449).

No decorrer do processo histórico, no contexto das diversas culturas, as diferenças e semelhanças foram ganhando sentidos e significados diversificados.

Ao refletirmos sobre o **racismo**, podemos perceber que se constitui em uma das palavras muito usadas no nosso cotidiano, sendo uma questão extremamente complexa, exigindo de nós um olhar cuidadoso e atento.

O termo trata-se do pressuposto de que existem raças superiores e outras inferiores, acarretando assim, a opressão de um grupo em detrimento de outro, corroborando com as desigualdades sociais, econômicas e acadêmicas. Podemos perceber que o Racismo consiste em uma ação que resulta do sentimento de aversão em relação a pessoas que têm relação de pertença a alguns grupos, entre os quais podemos mencionar: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele resulta também da pretensão de se estabelecer uma verdade ou um modo de ver individual, estabelecendo-a verdadeira.

Segundo Hélio Santos (2001, p. 85), o Racismo parte do pressuposto da “superioridade de um grupo racial sobre outro” assim como da “crença de que determinado grupo possui defeitos de ordem moral e intelectual que lhe são próprios”.

Borges, Medeiros e d'Adesky (2002) estudam esta questão e ponderam que este comportamento racista está presente na trajetória histórica da humanidade, expressando-se de diversas maneiras, em diferentes tempos e locais. Podemos analisar, por exemplo, o preconceito e discriminação que sofre o povo judeu ao longo da história.

O racismo pode se apresentar de forma mais individualizada quando adotamos atos discriminatórios contra outros indivíduos. Pode existir também de forma institucional que se constitui por um conjunto de ações discriminatórias e sistemáticas promovidas ou apoiadas pelo Estado.

Para o professor Marcelo Paixão,³ uma das formas de minimizar o problema do racismo constitui-se também em uma tarefa de promoção da igualdade racial como um dos eixos centrais para o que haja mudanças na forma de ver o negro no Brasil, sendo este, um trabalho a ser desenvolvido em longo prazo no Brasil. Para este autor, é preciso analisar a situação do negro na contemporaneidade no Brasil e perceber como o racismo e o preconceito ainda persistem, Ele salienta que, essa questão se assenta na ideia de que, o racismo e a

³ Professor da UFRJ e coordenador do Observatório Afro-Brasileiro. Adaptado da tese Guia Completo para a 1ª Conferência de Promoção da Igualdade Racial. “Desigualdade nas questões racial e social”. Projeto a Cor da Cultura. Caderno: Modos de Ver. Páginas 21 a 35.

discriminação racial, ainda existentes no Brasil, constituem um alicerce da própria estrutura social pautada na desigualdade. Ele apresenta dados numéricos mostrando que, são os negros os que formam a maior parcela da população hoje privada do acesso aos serviços públicos e aos empregos de melhor qualidade, sendo também a maioria dos pobres e indigentes, analfabetos e que ocupam subempregos. Ele pondera ainda que:

O modelo brasileiro de relações raciais consagra e eterniza as disparidades entre brancos, negros e indígenas em nosso país. Em segundo lugar, as demandas da população negra, na verdade, transcende em muito esse estrito setor de nossa sociedade. A causa dos negros aponta para uma mudança no patamar de relacionamentos entre todos os grupos raciais, que, ao contrário do que prevalece nos dias atuais, deve ser regido por parâmetros justos, éticos e solidários. Por essa razão, temos plena consciência de que a luta contra o racismo, a discriminação racial e todas as formas de intolerância em relação às diferenças devem ser assumidas como uma causa de todos os brasileiros e brasileiras, que de um modo ou de outro acabam sendo prejudicados pela persistência de relações sociorraciais fundadas em alicerces sumamente assimétricos. (PAIXÃO, 2006, p. 22)

O autor salienta sobre a constituição do modelo brasileiro e como as relações raciais são pautadas no legado da escravidão e na visão discriminatória e preconceituosa em relação ao negro. Afetando diretamente a questão da identidade e cidadania da população afro-brasileira. Sabemos que o racismo e a ignorância são intimamente ligados, por isso, constitui-se em um dever de cada um de nós rompermos com os estereótipos e ideias pré-concebidas que garantem a permanência de uma sociedade racista e preconceituosa. Nesse sentido, é preciso que tenhamos iniciativa e procuremos ampliar nossos conhecimentos acerca do que é o preconceito e como ele se impregna no nosso cotidiano e às vezes nem temos ciência pelo fato de não realizarmos reflexões sobre nossa postura e posicionamentos.

Ao pensarmos nesta questão, faz-se necessário refletirmos também sobre o preconceito, principalmente o racial, estreitamente ligado ao racismo e a discriminação.

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial que pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. (GOMES, op, cit, p. 54).

Nas palavras dessa autora, percebemos que o preconceito é um julgamento negativo que a pessoa faz previamente em relação aos componentes de um grupo racial, de uma etnia ou de uma religião. Esse julgamento feito previamente possibilita a intolerância.

Ainda refletindo sobre as palavras da autora, observamos que se trata de uma definição ou apreciação formada a priori, desprovido de ponderação ou informação dos fatos. É uma ideia pré-concebida e inclui a relação entre pessoas e grupo, ficando impregnado do entendimento que o indivíduo tem de si e do outro.

O preconceito como atitude não é inato. Ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e se prolonga até a inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto. As atitudes raciais de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que a criança vai convivendo em um mundo que a coloca constantemente diante do trato negativo dos negros, dos índios, das mulheres, dos homossexuais, dos idosos e das pessoas de baixa renda. (GOMES, op. cit, p. 54)

Eliane Cavalleiro (2001) salienta que devemos estar atentos para a organização de uma sociedade antirracista, que exclua os mecanismos estruturados de preconceito e discriminação racial que ainda persistem na sociedade brasileira. Já para Rose (1960),

Os preconceitos fazem parte de uma tradição cultural que se transmite, por assim dizer, espontaneamente: as crianças adquirem-nos pelo contato com os seus professores, colegas, mestres da escola dominical (religiosa) e, sobretudo, com seus pais. Entre estes últimos, alguns não querem que suas crianças tenham preconceitos; outros, pelo contrário, inculcam-nos nelas, porque eles próprios foram educados na convicção de que é conveniente e natural tê-los. Eles o fazem agindo de certa maneira, exprimindo certas aversões, opondo-se a certas relações, formulando certas opiniões e comentários, deixando entender que é ridículo ou vergonhoso fazer isto ou aquilo, etc. Acontece mesmo que os adultos fazem trocas das crianças para melhor lhes despertar certos preconceitos. Mas, na maior parte dos casos, os adultos não têm consciência de que inculcam preconceitos nas crianças.

De acordo com o dicionário Aurélio contemporâneo da Língua portuguesa, o termo **discriminação** deriva do verbo discriminar, que nos remete a palavra 'distinguir', 'diferençar'. Sendo um tratamento diferenciado dado a uma pessoa a partir de suas características raciais, sociais, entre outras. Nesse sentido, discriminar alguém por suas características, seja ela, físicas ou não, significa, estabelecer diferenças. A discriminação racial em nosso país pode ser entendida como efetivação do racismo e preconceito, sendo estes, intimamente relacionados ao modo de ver o outro, sendo a discriminação a prática dessa visão e crença.

Para Teixeira (1992, p.22), a discriminação racial pode ser ocasionada de processos sociais, políticos e psicológicos presentes no seio da sociedade brasileira e denotam o preconceito dos indivíduos, mas também, da coletividade.

Podemos perceber que discriminação e preconceito racial

caminham lado a lado. É preciso conhecer e ter consciência do nosso papel para a efetivação de uma Educação Antirracista e para acabar com o preconceito e discriminação racial. Precisamos repensar nossos conceitos e preconceitos e como, no cotidiano, somos agentes que possibilitam a propagação ou minimizamos situações de discriminação das pessoas pela sua cor, etnia, cultura, condição social e entre outras. Nesse sentido, é nosso papel possibilitar a divulgação de valores, crenças e procedimentos racistas às novas gerações.

Nessa perspectiva podemos afirmar que o preconceito é construído /reconstruído no bojo da sociedade historicamente racista, hierarquizada e desigual. É preciso admitir que o preconceito racial ainda se faz presente no nosso cotidiano, sendo nosso papel, principalmente como enquanto educadores, contribuir para minimizar o preconceito e o racismo na nossa sociedade.

Nessa tentativa refletirmos sobre alguns conceitos nesta unidade de ensino, percebemos que a expressão **afrodescendente** é utilizada muitas vezes no cotidiano educacional, estando presente nos livros e artigos relacionados aos descendentes de negros no Brasil.

O termo afrodescendente se refere aos/às descendentes de africanos (as) na diáspora, em contexto de aproximação política e cultural, e é utilizado como correlato de negros (as) (ou, às vezes “pretos”) nos países de língua portuguesa, como o Brasil, de african american, na língua inglesa, em países como os Estados Unidos (onde também se usa o termo black) (BRASIL, 2006, p.215)

Este termo ou expressão deve fazer parte do nosso vocabulário no cotidiano, principalmente, quem atua no contexto educacional e faz-se necessário conhecer e refletir sobre o seu significado para fortalecer as ações antirracistas.

Outro termo muito usado na contemporaneidade tem sido o da **mestiçagem**. Para refletirmos sobre ele, convidamos a pensar sobre o poema abaixo.

Nasci do negro e do branco
E quem olhar para mim
É como se olhasse
Para um tabuleiro de xadrez:
A vista passando depressa
Fica baralhando cor
No olho alumbrado de quem me ver: Mestiço!

E tenho no peito uma alma grande
Uma alma feita de adição
Foi por isso que um dia,
O branco cheio de raiva
Contou os dedos das mãos
Fez uma tabuada e falou grosso:
-Mestiço! A tua conta está errada.
Teu lugar é ao pé do negro.
Ah!

Mas eu não me danei...
E muito calminho
Arrepanhei o meu cabelo para traz
Fiz saltar fumo do cigarro
Cantei alto
A minha gargalhada livre que encheu o branco
De calor!...
Mestiço!
Quando amo a branca
Sou branco...
Quando amo a negra
Sou negro.
Pois é⁴.

4 Francisco José de Vasquez Tenreiro nasceu no Rio do Outro, São Tomé em 1921; Faleceu em Lisboa no ano de 1963. Autor das obras: Ilha de Nome Santo (1942); Poética de Francisco José Tenreiro (1967); Coração em África (1967); Poesia negra de expressão portuguesa (1953); (Caderno organizado com Mário Pinto de Andrade). Esse fragmento de poema está disponível na Revista Palmares - Cultura Afro-brasileira - Ano II - Numero 3_Dezembro2006, p.32.

A Canção do Mestiço escrita pelo poeta Francisco José Vasquez nos permite perceber a representação poética da figura do mestiço, na hibridização de raças e culturas. Pensando no caso brasileiro, percebemos a relevância das palavras de Silvio Romero (1851- 1914) quando disse que “todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias.” O autor fala da hibridização do brasileiro, incitando-nos a pensar sobre as questões identitária e sobre a identidade dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, rompendo com a ideia de unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas breves incursões sobre as definições aqui apresentadas, destacamos que estes foram apenas pequenos olhares sobre uma temática tão rica e contraditória, todavia, sumamente importantes. Resultou dos recortes realizados e da forma como foram “lidos e interpretados” os textos que nos permitiram conhecer um pouco da temática.

Vimos brevemente alguns conceitos indispensáveis para o entendimento da temática racial e compreendermos acerca da exclusão da população negra na nossa sociedade. Esses termos e conceitos significam a atribuição de sentidos dados a temática ao longo do tempo e nos possibilitou perceber que os conceitos precisam ser também historicizados, sendo ligados também a questões ideológicas e modos de ver.

Sabemos que a constituição da sociedade brasileira se assenta em uma diversidade e pluralidade cultural fundada nas diferentes matizes da sociedade brasileira. Todavia, faz-se mister pensar que ao longo do tempo foram sendo forjados discursos que nos instigam a pensar sobre identidade e diferença, raça, etnia, racismo, pluralidade cultural, dentre outros aspectos que são alvos de muitos debates na contemporaneidade. Essa discussão é permeada por uma série de termos e conceitos muitos dos quais foram forjados ao longo do tempo e que ainda são alvo de muitos debates e reflexões. Neste sentido, o objetivo foi trazer a baila essas definições, cujas palavras são usadas

com frequência no cotidiano de muitas pessoas que desconhecem o seu significado e importância. Admitimos nossa pequenez ao se tratar de um tema tão rico e que carece de mais estudos que nos permitam caminhar pelas trilhas da ciência, contribuindo para se repensar nossas ações políticas e educacionais. Ao tecer as considerações finais deste artigo, calço as sandálias da humildade para afirmar que, muitas inquietações ainda permanecem, uma vez que ao abordar o campo conceitual, temos que levar em consideração que não são conceitos fechados e engessados, ao contrário, eles são dinâmicos e que precisam ser vistos dentro de seu contexto.

Salientamos assim, a necessidade da pesquisa e da indagação para continuar a busca pelo saber.

Percebemos o estudo nos permite rever o nosso próprio posicionamento e modo de ver e sentir a questão étnico-racial no Brasil, perpassando também pela questão da identidade. A construção/reconstrução da identidade relaciona-se a forma como a pessoa se vê e como ela é vista, sendo necessário que enquanto educadores nós tenhamos a preocupação em atuarmos em prol de uma prática educacional, que minimize o preconceito e o racismo na escola, estando sempre atentos aos elementos negativos, os estereótipos e as situações de discriminação que ocorrem ainda no cotidiano. Sabemos que este se constitui em uma luta isolada, destacamos a importância da luta do Movimento Negro em prol das mudanças que vem ocorrendo no âmbito das políticas públicas em relação à questão do negro no Brasil, permitindo o (re) pensar do próprio conhecimento em relação à questão étnico racial, possibilitando mudanças no modo de ver a questão.

Salientamos o papel da educação na construção/reconstrução dos diferentes discursos construídos e como a mesma tem contribuído para minimizar o racismo, a discriminação e o preconceito racial. Entendemos que romper com os estereótipos historicamente construídos no nosso cotidiano deve ser um dos diversos papéis do profissional da educação como uma das alternativas para visibilizar mudanças na forma de ver a questão étnica, cultural, racial e social no Brasil. O conhecimento é um instrumento rico para possibilitar que

haja mudanças nas práticas cotidianas no contexto educacional, possibilitando romper com o estigma da desigualdade e do preconceito, principalmente no que se refere ao preconceito racial e as intolerâncias tão comuns em nosso dia-a-dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasília** - Primeira Configuração Espacial. 2. ed. Brasília: Mapas – Editora & Consultoria, 2000.

BANTON, M. **A ideia de raça**. Trad. A. M. Bessa. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 1992.

BORGES, Edson, MEDEIROS, Carlos Alberto e d ADESKY, Jaques. (org) **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 20 fev. 2014

CAMPELO, Marilu Márcia. Cultura, Religiosidade Afro-brasileira e Educação formal no Pará – Os Valores Culturais Afro-brasileiros Chegam às Salas de Aula? In. Braga, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileusa Penha de; PINTO, Ana Flávia Magalhães (Org). **Dimensão da Inclusão no Ensino Médio: Mercado de trabalho, Religiosidade e Educado Quilombola**. – Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

CARNEIRO, S. Identidade feminina. In: SILVA, Nilza Iraci. **Mulher Negra**. Cadernos Geledés n° 4, São Paulo, 1993.

CAVALLEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação Racial na Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

FARIA, André Ricardo Nunes. Racismo e imprensa: Argumentação no Discurso sobre as cotas para os negros nas Universidades. In: **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. SANTOS, Sales Augusto dos. (Org). - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: Cabelo e a cor da pele. In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **De preto a afro-descendente: trajetórias de pesquisas sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos, UFSCar/Brasília, UNESCO, 2003, p. 137-150.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org): **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2.000

MARTINS, Ricardo Nunes. **Racismo e imprensa. Argumentação no discurso sobre as cotas para negros nas Universidades**. In:

SANTOS, Sales Augusto dos (Org). Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas Organizador. – **Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.**

MELLO, Bruno César Euphrasio de. E o negro na arquitetura brasileira? **Disponível em:**

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4372>. **Acesso em: 24 fev. 2014**

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. Identidade, cidadania e democracia:algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

PESAVENTO, Sandra J. **História &História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSE, A. **El Origen de los Prejuicios.** Buenos Aires: Humanitas, 1970.

SANTOS, Marcelo. **Desigualdade nas questões racial e social.** Projeto a Cor da Cultura. Caderno: Modos de Ver. Páginas 21 a 35.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 18.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 190-207.

SILVA, Vandeir José da. **São Domingos: história e identidade étnica 1980-2010.** 2010. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília -UnB, Brasília, 2010.

TEIXEIRA, Maria Aparecida Silva Bento. **Resgatando a minha bisavó: discriminação racial no trabalho e resistência na voz dos trabalhadores negros.** Dissertação, Mestrado em Psicologia Social, 135 p. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992,

TRINDADE, Solano. **Sou Negro.** In; Suplemento literário do Jornal “O Estado de Minas Gerais”. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, n: 1098. 7 maio 1988.

OODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL IMATERIAL: IDENTIDADE/ ALTERIDADE, NA ESCOLA SEBASTIÃO SIMÃO DE MELO 2013

Vandeir José da Silva*

Resumo: O objetivo deste trabalho é partilhar o resultado da experiência pesquisada com a comunidade escolar e moradores de Cana Brava. Esta comunidade é um dos distritos da cidade de João Pinheiro MG. Justificamos o interesse da pesquisa **por compreender que** há pouca produção de trabalhos científicos que envolvam a participação sobre Educação Patrimonial no Noroeste Mineiro. Acreditamos ser necessário ampliar discussões e debates que envolvam história/memória como processo de afirmação da identidade por meio da Educação Patrimonial. Uma das hipóteses da pesquisa é que não havia trabalhos que envolvessem comunidade escolar e moradores locais. Algumas perguntas fazem parte desse trabalho sendo elas: É realizado trabalho de educação patrimonial na Escola Estadual Sebastião Simão de Melo em Cana Brava? De que maneira é possível envolver a comunidade escolar e sociedade civil com trabalho de Educação Patrimonial? Qual significado o trabalho de Educação Patrimonial tem para os profissionais da Educação? A metodologia utilizada na produção desse trabalho foi a qualitativa.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Alunos/professores. Patrimônio imaterial. Tradição. etnografia.

Abstract: The objective of this work is to share the result of the

* Possui Mestrado em História Cultural pela Universidade de Brasília-UnB (2010), graduação em História pela Faculdade Noroeste de Minas (1999), graduação em Estudos Sociais pela Faculdade Noroeste de Minas (1998), Especialista em História do Brasil pela PUC-MINAS (2002). Atualmente trabalha como professor na Instituição de curso superior. Integrante do grupo de pesquisa (TRANSE) laboratório Transdisciplinar de Estudos Sobre a Performance (Sol/UnB). Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de João Pinheiro Minas Gerais. Tem experiência na área de História e Sociologia, com ênfase em: Quilombo, identidade étnica, cultura popular - festa de São João, performance, espetacularidade, memória e representação social. E-mail: vandeirj@hotmail.com

experience researched with the school community and residents of Angry Cane. This community is one of the districts of João Pinheiro MG city. We justified the interest of the research for understanding that there is little production of scientific works that involve the participation about Patrimonial Education in the Noroeste Mineiro. We believed to be necessary to enlarge discussions and debates to involve history memory as process of statement of the identity through the Patrimonial Education. One of the hypotheses of the research is that there were not works to involve school community and local residents. Some questions make part of that work being them: Is work of patrimonial education accomplished at the State School Sebastião Simão de Melo in Angry Cane? That it sorts things out is possible to involve the school community and civil society with work of Patrimonial Education? Which meaning does the work of Patrimonial Education have for the professionals of the Education? The methodology used in the production of that work was the qualitative.

Keywords: Patrimonial education. Students/teachers. immaterial Patrimony. Tradition. Ethnography.

Introdução

Entendemos patrimônio nesse texto como definiu Pelegrini & Funari (2008, p. 46) ao afirmarem que:

O Patrimônio imaterial transmitido de geração em geração é conceituado a partir da perspectiva da alteridade. Ele é considerado alvo de constante “recriações” decorrentes das mutações entre as comunidades e os grupos que convivem num dado espaço social, do meio ambiente, das interações com a natureza e da própria história dessas populações – aspectos fundamentais para o enraizamento ou o sentido de pertença que favorece “o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”.

Como podemos perceber nas reflexões dos autores, patrimônio imaterial é o ato de significado que as pessoas atribuem àquilo que eles entendem ser importante para eles como as festas, suas histórias, o “saber fazer”, como dançar, cozinhar, sentir, repassar as novas gerações aquilo que não deve cair no esquecimento assegurando a história, memória e a identidade coletiva. Nesse sentido essa realidade provoca o ato de pensar a condição da cidadania e da identidade que de acordo com Silva (2014, p. 132).

Essa condição de repassar o saber amplia-se à medida que encontra interesse na sociedade da qual participa. Cria “identidade” da própria pessoa e do coletivo. Posiciona-se com seu presente e tem condições de pensar o futuro a partir da realidade vivida.

Podemos perceber que a relação de patrimônio está ligada ao processo de construção da própria história de uma sociedade. Justificamos a escrita desse texto por compreendermos ser necessárias reflexões sobre Educação Patrimonial em escolas públicas no noroeste¹ de Minas Gerais. Para o trabalho de campo foram realizados os seguintes questionamentos. É realizado trabalho de educação patrimonial na Escola Estadual Sebastião Simão de Melo em Cana Brava? De que maneira é possível envolver a comunidade escolar e sociedade civil com trabalho de Educação Patrimonial? Qual significado o trabalho de Educação Patrimonial tem para os profissionais da Educação?

O objetivo da pesquisa foi de contribuir com produção sobre trabalhos de Educação Patrimonial em Minas Gerais.

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa acreditando em obter maiores resultados a partir da mesma.

A hipótese do trabalho se assenta na ideia de que embora as

1 Noroeste mineiro é composto de 19 municípios divididos em duas microrregiões: microrregião de Paracatu, que corresponde a Paracatu, Brasilândia de Minas, Guarda-Mor, João Pinheiro, Lagamar, Lagoa Grande, São Gonçalo do Abaeté, Varjão, Vazante de Minas; e macrorregião de Unai, correspondente a Unai, Arinos, Bonfinópolis, Buritis, Cabeceira Grande, Dom Bosco, Formoso, Natalândia, Uruana de Minas e Riachinho.

pessoas entrevistadas não soubessem definir o que era patrimônio imaterial, elas repassam através de sua vivencia cotidiana.

A relevância do trabalho aconteceu com a entrega de uma cópia do artigo para a comunidade estudada. A relevância do trabalho é no sentido de provocar a pesquisadores e acadêmicos com essa leitura na construção de novas reflexões.

PLURALIDADE CULTURAL, IDENTIDADE E ALTERIDADE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO COTIDIANO DA ESCOLA

Esse texto tem como finalidade apresentar algumas sugestões que podem ser trabalhadas na cultura escolar através do método antropológico. A temática desenvolvida nesse texto foi **“Educação Patrimonial”** com alunos da Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental I, de 1º ao 5º ano, Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano e Ensino Médio na Escola Estadual Sebastião Simão de Melo.

O trabalho abaixo é uma pesquisa de campo e está subdividido em diferentes modalidades. Não queremos dizer que esse é o único caminho, mas uma possibilidade para pesquisadores possam refletir sobre Educação Patrimonial em outras localidades.

Salientamos que os projetos pedagógicos enriquecem o ambiente escolar e favorecem o aprendizado dos conteúdos curriculares. É interessante refletir as propostas de trabalho, que tem acontecido a partir da nova legislação brasileira com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

(...) Inovação e projeto pedagógico estão articulados, integrando o processo com o produto porque o resultado final não é só um processo consolidado de inovação metodológica no interior de um projeto político pedagógico construído, desenvolvido e avaliado coletivamente, mas é um produto inovador que provocará também rupturas epistemológicas. Não podemos separar processo de produto. Sob esta ótica, o projeto é um meio de engajamento coletivo para integrar ações dispersas, criar sinergias no sentido de buscar soluções alternativas para diferentes momentos do trabalho pedagógico - administrativo (VEIGA, 2003, p. 275).

Os PCNs possibilitaram condições de construção de projetos escolares e têm sido elaborados pela comunidade escolar em que discute e determina as metas, objetivos, conteúdos, metodologias e critérios de avaliações. A construção/execução de projetos afirma a concretização do currículo em sala de aula, levando em conta que o educador combina a proposta pedagógica ao seu planejamento de ensino.

Antropologia e Patrimônio: a educação escolar e a identidade na Escola Estadual Sebastião Simão de Melo em Cana Brava, distrito de João Pinheiro/MG

Compreendemos identidade aqui como descreve Silva (2000, p. 89): “a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído”. Nesse sentido, entendemos que a relação de identidade pode ser também percebida no compartilhar social. Ela está relacionada aos elementos materiais, imateriais e naturais.

Patrimônio é entendido aqui como resultado do sentimento de interesse atribuído de forma coletiva por uma sociedade. Patrimônio está ligado à memória, ele nos faz ter recordações, nos leva a rememorar o passado. Como testemunho de um tempo, religa passado e presente. É uma evocação que aciona a história e memória elementos vivos da história local. Ele é uma realidade construída socialmente na coletividade que se desenvolve através do sentimento de pertença da história de um grupo que se reconhece como portadores da mesma historicidade local. (MARTINS, 2011).

Neste sentido, para Moraes (2011, p. 10) patrimônio é uma ação que vem “fortalecendo a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social”. Percebemos dessa maneira que os pressupostos que determinam valor de patrimônio para uma sociedade está ligado aos bens que foram produzidos, selecionados historicamente, constituindo esses em bens materiais, imateriais e naturais. Essa tríade é carregada de valores que se diferenciam de acordo com o sujeito social. É neste contexto que percebemos que o **patrimônio é também uma maneira de expressão identitária, ação viva da cidadania que**

converge à história cotidiana. Ele é uma ponte que liga passado e presente como herança da cultura local, vai sendo repassado de geração em geração. Pensamos que trabalhos que refletem sobre identidades são importantes e necessários. Neste texto, procuramos estabelecer a relação com identidade cultural, patrimônio e memória e de que maneira esses, estão interligados como motores da ação cidadã na sociedade de Cana Brava, distrito de João Pinheiro/MG.

O texto a seguir é resultado do projeto que foi elaborado e executado pelos historiadores e professores Msc. Vandeir José da Silva e Msc. Giselda Shirley da Silva, em parceria com a Escola Estadual Sebastião Simão de Melo e Escola Municipal Jovino Silveira no distrito de Cana Brava, que podem ser identificadas nas imagens.



Imagens: 01 e 02 Escola Estadual Sebastião Simão de Melo e Escola Municipal Jovino Silveira. Educandário inserido no Projeto de Educação Patrimonial. Seu público alvo é composto de alunos da área urbana e rural do distrito. 12 de agosto de 2013. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

A **primeira fase** do trabalho constituiu-se na realização do projeto intitulado **“Em Busca de Nossas Raízes”**. Inicialmente foi realizado um encontro com a diretora e pedagogos apresentando a proposta e objetivos do projeto a ser desenvolvido. Reflexões foram realizadas. Entendendo que a comunidade escolar teria a oportunidade de inteirar-se com pais, avós, avôs entre outros sujeitos sociais da localidade, houve permissão para pôr em prática o projeto.

O passo seguinte foi conversar com os professores de história, geografia e literatura. Foi explicada a importância do trabalho e a necessidade da interdisciplinaridade para o sucesso do resultado almejado.

Compreendemos que essa atividade traria oportunidade de aproximar a realidade cotidiana entre escola/direção/professores, alunos e a sociedade local. Dessa maneira, o resultado da partilha seria o conhecimento entre as diferentes partes.

O projeto teve como uma das finalidades interagir o processo sociocultural de conhecimento da realidade dos alunos e compreender suas expectativas com relação à educação.

No segundo momento foram confeccionadas duas apostilas, que foram entregues aos professores. Uma com teor conceitual enfatizando conceitos básicos de patrimônio cultural, cultura, memória, história, identidade, preservação e cidadania. A outra apostila teve em seu teor de suporte de atividades a serem desenvolvidas pelos professores. Dessa maneira, os docentes teriam oportunidade de conhecer a respeito da temática de patrimônio, contextualizando a possibilidade de trabalharem com seus alunos a história local do distrito de Cana Brava/MG.

Com a realização do projeto, intencionamos também o trabalho interdisciplinar entre diferentes áreas do saber e ver quais seriam os resultados desse trabalho em equipe, sendo que os objetivos propostos aos professores foram:

- Envolver os alunos com pesquisa local sobre Patrimônio Material, Imaterial e Natural;
- Refletir sobre a importância de conhecer sobre o patrimônio cultural para preservar a história local;
- Oferecer à sociedade local através da pesquisa realizada pela comunidade escolar, condições de reapropriar de seu patrimônio cultural, promovendo seu (re) conhecimento, sua proteção e sua valorização;
- Incentivar o interesse na preservação dos bens patrimoniais;
- Oferecer suporte conceitual às atividades das novas etapas, capacitando professores e público-alvo acerca da preservação da memória e valorização do patrimônio cultural;
- Discutir e aprofundar a metodologia da educação patrimonial na interação entre professores e instituição escolar;
- Estimular o interesse pelo patrimônio cultural e suas interfaces

com a história, a cultura e a vida contemporânea como espaço de vivência e aprendizagem escolar;

- Promover a ampliação do repertório cultural dos participantes por meio de atividades culturais e oficinas.

Com esses objetivos, os professores contribuam também no planejamento conjunto das atividades que foram desenvolvidas posteriormente.

Na **segunda fase** do trabalho realizada pelos pesquisadores deu-se por meio de pesquisas locais através de documentos e entrevistas orais. Foram realizados registros fotográficos e pesquisadas informações sobre o patrimônio cultural da localidade, sendo organizados esses materiais em slides e exibidos nas palestras realizadas nas escolas para professores, alunos, diretora e pedagogos. Para suporte do trabalho, foi confeccionado um folder com elementos da história e cultura local, sendo este utilizado como meio de permitir conhecimentos preliminares antes das apresentações das palestras.

O período de execução do projeto pelos estudiosos foram os meses de março a novembro do ano de 2013. Na seqüência, os professores davam continuidade ao trabalho em sala de aula incentivando os alunos, através de debates, a falarem de suas realidades, pesquisarem sobre a história local e, em seguida, fazerem produções de textos sobre o objeto refletido. Essas experiências que foram compartilhadas nos oito meses de trabalho permitiram o envolvimento com diferentes grupos sociais. A interação permitiu aos estudiosos reconhecerem a diversidade a despeito das singularidades existentes na sociedade da cultura escolar.

Para trabalhar com oralidade e memória, é necessário compreender sobre memória coletiva. Nesse sentido, recorreremos a Halbwachs (2006, p. 78-79) ao escrever que:

Nossa memória não se apóia na história apreendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto.

De acordo com o autor, podemos perceber que nosso envolvimento com a própria história nos possibilita a compreensão dos elementos constitutivos da **memória social**. Ela nos permite vivenciar a história da qual fazemos parte.

6.2. Educação Patrimonial e identidade escolar: da sala de aula a prática cultural/social

Para a concretização deste trabalho escolar foram desenvolvidas atividades de campo com os alunos e professores. A cada etapa do trabalho realizado entre pesquisadores, professores e alunos uma atividade de campo foi estabelecida.

Faz-se mister destacar a diversidade religiosa e étnica do público-alvo, despertando para a realização de reflexões importantes, como por exemplo, a valorização da diversidade e pluralidade cultural de nossa gente, principalmente em Cana Brava, cujo bem cultural escolhido para visitação e estudo mais detalhado foi a Capela de Nossa Senhora da Conceição, datada do início do século XIX. Esse é o primeiro bem tombado como patrimônio cultural do município da cidade de João Pinheiro/ MG. Como plano de observa o, uma das propostas foi uma visita guiada a referida igreja.

De acordo com os relatos dos alunos, alguns não a conheciam por dentro pelo fato de serem de famílias protestantes. Foram ocasionados debates sobre as religiões locais, o que nos possibilitou diálogos interessantes. A partir desses, os professores estabeleceram com seus alunos pesquisas sobre a Igreja Nossa Senhora da Conceição com moradores da localidade. Após esse trabalho os pesquisadores realizaram visitas guiada a referida Igreja com alunos e professores como pode ser nas imagens 03 e 04 a seguir:



Imagem 03: Capela de Nossa Senhora da Conceição, datada do início do século XIX. Imagem 04: Alunos em visita guiada. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Como podemos observar, os alunos foram conduzidos pelos professores na companhia de historiadores, que teve como finalidade descrever o bem material, símbolo do interesse católico coletivo da população canabravence, que segundo informações locais, a igreja data do século XIX, pelo fato de haver uma inscrição gravada na madeira da nave da Igreja.

As imagens 05 e 06 permitem perceber momentos da visitação.



Imagem 05: Trabalho de visita guiada com a professora Giselda. O cenário é o largo da Igreja, uma vista que hoje não é muito comum. Durante esse período foi explorado a realidade local e a importância do distrito possuir um dos bens mais antigos com estilo colonial. Ao fundo da imagem, veja a casa de farinha. Imagem 06: Morador local contando sobre a história da Igreja.

Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Um dos moradores mais antigos, Sr. Sócrates Veloso, contou que a história da construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição foi realizada por iniciativa de uma senhora chamada Augustinha. Neste sentido ele narrou que:

A Igreja sempre foi motivo de orgulho para nós. Ela conta nossa história. Aqui eu casei, batizei meus filhos. Nos dias de festas de Nossa Senhora da Conceição vinha gente de todo canto. A festa era muito boa. Enchia de gente. A Igreja é muito importante pra nós. Ela não pode cair de jeito nenhum! (Entrevista concedida no dia 12/05/2013)

É possível observar o sentimento de pertencimento a religião e a valorização do templo religioso presentes nas palavras do recordador. Quando ele afirma que o prédio não pode “cair” (grifo nosso), percebermos sua preocupação em decorrência do estado físico precário do prédio, como aponta a imagem 07:



Imagem 07 Telhado da igreja. Várias telhas desceram permitindo passagem da iluminação do sol como pode ser observado.
Fonte: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Como pode ser observado na imagem 07, a capela necessita de reparos urgentes em sua estrutura física, desde o teto, até paredes e piso. No telhado, muitas telhas desceram, acentuando a ação do sereno, chuva e sol. Outro fator são as rachaduras nas paredes separando o corpo da igreja de sua nave.

A interação entre comunidade escolar e moradores foi oportuna para debates sobre a realidade local. Alguns alunos mesmo sendo da religião católica desconheciam a realidade do estado físico do templo religioso. Outros nunca haviam entrado na igreja.

Retomando o contexto da participação do Sr Sócrates, ele puxou pelo fio da memória suas recordações e desenhava com as mãos gestos

mímicos para explicar o que sua memória captava em um outro tempo e dava sentido a sua presença ali falando para alunos, professores, diretor, pedagogo e historiadores. Sua narrativa permeava o sentido de uma função social, latente em suas recordações.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (BOSI, 1998, p.81).

Refletindo as palavras da autora percebemos a importância de ouvirmos as pessoas idosas. Elas são fontes, testemunhas das mudanças que ocorreram capazes de apontar interferências e permanências. Na maneira de contar do Sr. Sócrates nasciam possibilidades de repensar o espaço sagrado sobre outro tempo. Tempo partilhado em suas narrativas que foram ligando os personagens que fizeram parte da história da igreja e da sociedade local. Ao apontar o sino suspenso no lado superior direito da parede, trouxe - o em suas lembranças para que tomássemos conhecimento do tocador do sino. Performatizou com as mãos a maneira simbólica que ele utilizava: repicando o sino para avisar a comunidade dos acontecimentos. De acordo com o narrador: “O sino era tocado de maneira diferente, para cada ocasião. Quando ele era tocado nós entendíamos o que sua batida queria dizer. Com ele era avisado missa, festa e morte. Para cada uma dessas situações mudava a quantidade de batida e a maneira de ser tocado”.

À medida que as histórias afloravam sobre as recordações, era possível perceber as interferências que aconteceram durante o trajeto da história da igreja. As pausas serviam para que os alunos fizessem perguntas ao recordador.

‘Após os diálogos foi permitido que os alunos, em companhia dos

professores, explorassem o ambiente interno da igreja, como pode ser vistos nas imagens 08 e 09:



Imagens 08 e 09: Alunos em companhia dos professores e diretor para conhecerem a parte interna da igreja. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Esse trabalho desenvolvido é uma experiência realizada por meio etnográfico antropológico partindo da experiência e vivência dos alunos e moradores locais.

O referido trabalho de Educação Patrimonial desenvolvido com alunos e professores foi uma ferramenta pedagógica, que procurou explorar os aspectos do conhecimento individual transformando-os em coletivo. Observamos que a Educação Patrimonial possibilita a mediação entre a cultura escolar e os bens culturais possibilitando à promoção da cidadania interligada a conduta, que deve ser repensada nos currículos escolares.

A educação patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema. (ORÍÁ, 2005, p. 15).

Nas reflexões do autor é possível perceber a importância de possibilitar ao aluno o acesso ao conhecimento sobre questões relacionadas ao patrimônio. Reflete ainda que esse conhecimento deve ser parte integrante da sociedade escolar e da sociedade geral para que haja trocas de experiências.

Na sequência da visita guiada, os alunos foram direcionados para a casa de farinha, local onde o feito é uma tradição como pode ser observado nas imagens 10 e 11 a seguir:



Imagem 10: Alunos presenciando o processo de preparo da mandioca. Imagem 11: Observe um aluno cascando a mandioca. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

É importante percebermos que a tradição é realizada através da oralidade e observação, base fundamental do repasse do saber. Nas imagens 58 e 59 apresentadas a você o que queremos instigá-lo a refletir é que, embora haja alunos que não tenha vínculo de parentesco com as pessoas que estão trabalhando na casa de farinha, logo que chegaram, sentaram-se e iniciaram o processo de cascar a mandioca. Eles contaram que os pais também trabalham com essa atividade da qual eles participam ajudando.

O repasse da tradição é uma mola propulsora que garante a comunicação, estabelecendo relações sociais entre as gerações. As trocas vão recriando significados entre as pessoas mais velhas e os jovens uma perspectiva de cultura que atribui sentido e importância para quem transmite e para quem recebe a tradição. (SILVA, 2010, p. 181).

Podemos perceber de acordo com o autor que **a tradição está permeada de significados**. Retomando a reflexão anterior com o comportamento dos alunos que mesmo fazendo parte da atividade de visita guiada, ou seja, momento em que eles estavam em trabalho de campo através de observações o impulso por realizar o trabalho foi algo natural.

Nas imagens 12 e 13, o trabalho realizado de maneira coletiva:



Imagem12: Trabalho desenvolvido em grupo. Imagem 13: Preparo da mandioca para ser ralada.
Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Em entrevista oral, todos os participantes do trabalho coletivo disseram que aprenderam o trabalho com os pais. Afirmaram que hoje as condições para trabalharem são melhores do que no tempo de meninos e adolescentes. Podemos perceber dessa maneira que esse é um trabalho desenvolvido a partir do saber fazer, ele é uma tradição e, na sequência, podemos notar o produto final feito com a mandioca representado nas imagens 14 e 15:



Imagens 14e 15: Torrefação da massa de mandioca sendo transformada em farinha.
Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Esse conhecimento consiste em patrimônio imaterial, ou seja, o saber fazer. De acordo com a senhora que estava torrando a farinha, esse é um processo que ela aprendeu ainda menina orientada pela mãe. Após o trabalho de torrefação terminado pelos integrantes, a farinha é dividida entre os trabalhadores. A observação do processo durou dois dias.

Ao findar essa parte de pesquisa de campo juntamente com os alunos direcionamos a outra atividade de conhecimento imaterial. Dessa vez, com o morador conhecido pelos moradores de Cana Brava como Pedro do Doce.

Ao rememorar a situação que o levou a iniciar essa atividade, ele nos contou que:

Eu via minha mãe fazendo doce em casa, mas eu trabalhava como tratorista. Essa era uma de minhas profissões. Um dia, na véspera do dia de todos os santos, eu pedi para um companheiro dizer para o meu patrão que eu não iria trabalhar nos dias santos porque na minha família nós tínhamos o costume de “guardar” esse dia. Quando meu companheiro passou o recado para o meu patrão, ele mandou me dizer que se eu não fosse trabalhar não precisava voltar mais para o serviço. Aí, eu fui ao serviço só para pegar minhas coisas e desde então, comecei a trabalhar como servente de pedreiro. Um dia eu disse para minha mãe. Mãe, eu vou fazer um tacho de doce. Fiz e sai a tarde vendendo o doce e vendi tudo bem rápido. De lá para cá eu faço sempre doce. Vendo aqui, em Brasilândia, João Pinheiro. Para vender fora eu levo minhas vasilhas e a bicicleta. (Entrevista concedida no dia 12/05/2013)

De acordo com o narrador, sua atividade foi iniciada observando sua mãe desde criança a fazer doce. A atividade desenvolvida por Pedro é um elemento da memória que ele aprendeu através da observação. Mais tarde, por necessidade, ele desempenha o que antes era somente um ato de observar e ajudar sua mãe quando havia necessidade. Nesse sentido foi possível sentir a sensibilidade tanto no ato de rememorar como na maneira expressiva com que a história e memória foram associadas pelo entrevistado, isso nos faz compartilhar com a historiadora Costa (2002, p.146) ao afirmar que:

Nesse sentido tanto as comunidades como os indivíduos tentam, constantemente, atualizar os elementos culturais de sua identidade coletiva, geradora da ressignificação da memória. Indivíduos e grupos recorrem indistintamente a todo um conjunto de técnicas capazes de ajudá-los na reconstituição e na significação de seu passado, pois disso depende, em grande medida, o seu futuro.

Percebemos na reflexão da autora que o ato de lembrar traz do passado sentidos que explicam o presente. Assim podemos notar que Pedro ao lembrar o trabalho de sua mãe presenciado por ele desde criança até a fase adulta é o elemento que estava ancorada na memória e que o serviu quando tomou a iniciativa de iniciar a atividade como fazedor de doce. Podemos perceber nesse contexto que passado e presente tomam forma através das recordações e dão condições do saber fazer, ato imaterial, um conhecimento do qual o doceiro recorre para sua manutenção econômica.

Segundo Pedro, hoje ele é o maior doceiro de seu distrito e conta com diversas pessoas para auxiliá-lo nesse trabalho como aponta as imagens 17 e 18 abaixo:



Imagens 17 e 18: Pedro, sua mãe, irmão e uma ajudante contratada. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

As imagens 17 e 18 têm por finalidade demonstrar a reunião da família e o repasse da tradição do conhecimento imaterial.

Desde sua atividade inicial segundo Pedro, ele teve sempre a preocupação em fazer um doce que atendesse seus clientes. Dessa maneira, ele afirmou que procura fazer do seu produto algo saudável, equilibrando a quantidade de açúcar, tornando seus doces desejados a partir da primeira venda. Nesse sentido, ele contou que “eu preocupo com a saúde de meus clientes. Eu preciso dele sempre, por isso eu preparo um doce de qualidade”. De acordo com o narrador, é pelo fato de sua preocupação em ter uma mercadoria de qualidade que sua venda aumentou. Essa condição trouxe nova necessidade: contratar uma ajudante para auxiliá-lo. Dessa maneira, passou a ensiná-la a mexer o leite, a caloria que o mesmo deveria atingir enquanto se dirige a fazenda para buscar uma nova remessa de leite, sendo o transporte feito com uma bicicleta cargueira. Na sua ausência sua colaboradora segue os passos que ele a ensinou sendo auxiliado também pela mãe.

Pedro do Doce disse que a atividade de fazer doce exige paciência, dedicação e criatividade. Assim, pensando em atender bem a sua clientela, atrair e fidelizar os clientes, o doceiro resolveu misturar também nos seus doces o coco, amendoim e mamão, visando com estes novos ingredientes proporcionar novos sabores. Dessa maneira, segundo o narrador, ele conseguiu atender uma clientela mais exigente, que pode se identificada nas imagens 19 a 20:



Imagens 19 e 20: Doces produzidos pelo Pedro do Doce. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva. Imagens 21 e 22: Doces produzidos pelo Pedro do Doce. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Toda essa dinâmica demonstra um saber pautado na manifestação que liga a diversidade de um patrimônio cultural imaterial. Atividades como essa são contemporaneamente motivo de debates e reflexões da política do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN). O saber fazer é uma maneira que expressa à realidade histórico - social de determinadas sociedades. Essa reflexão demonstra um saber imaterial, que possibilita estabelecer diálogos com a educação formal.

Acreditamos que trabalhar Educação Patrimonial é uma forma de conhecer a história e semear ideias, despertando interesse em trabalhar questões voltadas pela preservação do patrimônio, sendo de grande relevância o interesse da própria comunidade, a qual compete decidir sobre sua destinação no exercício pleno de sua autonomia e cidadania.

Em um mundo cada vez mais individualizado, faz-se necessário que os gestores e responsáveis pelas instituições educacionais se preocupem com a formação sócio/cultural das crianças e jovens. Assim, o trabalho realizado objetivou trabalhar no sentido de que os sujeitos sociais precisam conhecer/valorizar o patrimônio local a fim de assentar em bases sólidas a identidade cultural com apropriação e valorização de heranças culturais, pois a interação dos estudantes com esses bens é fator de construção/reconstrução da afirmação de identidade. Foi possível perceber que, após esse trabalho, os alunos demonstravam maior interesse pela sua realidade, fortalecendo assim sua herança cultural.

A cada visita guiada acontecia um relacionamento que, segundo os moradores, não havia por parte dos alunos. Sendo assim, acreditamos que os educandos se viam como importantes protagonistas desse projeto, pois o mesmo trabalhava com sua realidade e das pessoas que eles conheciam. De acordo com Eni, diretora da Escola Estadual Sebastião Simão de Melo: “esse conhecimento que estamos trabalhando nos leva a perceber o nosso valor e passamos a ser responsáveis a valorizar e preservar o que é nosso”. Essas palavras foram proferidas no momento em que acontecia uma das palestras, como pode ser observado na imagem 23:



Imagens 23: Participação da diretora Eni da Escola Estadual Sebastião Simão de Melo. Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Compreendemos que **a valorização da cultura no ambiente escolar fortalece o sentimento de cidadania**. O aluno, como demonstrou a realidade vivenciada no projeto, se percebe como agente da própria realidade, fazendo sentir-se importante na sociedade escolar, pois a atenção está voltada para a sociedade da qual ele está inserido.

Partindo da concepção de que o conhecimento é fundamental para preservar, as ações propostas e desenvolvidas ao longo do ano de 2013 visaram despertar/fortalecer o sentimento de pertencimento e valorização a história, memória e a cultura entrelaçados na realidade escolar.

Uma das atividades que foi realizada na escola foi o **“chá da vovó”**. Essa teve por finalidade levar os avós à escola para que eles contassem suas histórias e causos da localidade. Foi organizado dentro da própria escola um local para recebê-las na presença dos alunos. À medida que uma das avós contava a trajetória de sua história e localizava a reapropriação do espaço urbano, outros avôs retomavam acrescentando situações não pontuados ou reforçavam experiências vivenciadas na mesma época. Os alunos sempre atentos acompanhavam curiosos e às vezes fazendo perguntas, como apontam as imagens 24 e 25:



Imagens 24: Apresentação das avós para os alunos. Momento de incursão da história pessoal e coletiva. Fonte: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva. Imagem 25: Avós e alunos compartilhando de histórias e contos locais. Fonte: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Esse foi um momento rico, não havia alunos ou professores anotando o que os avós contavam, mas a força da narrativa cumpriu o papel de guardar de cor, guardar com o coração, como acreditavam os gregos intitulado Minemozine como deusa da memória. Costa (2002, p. 146) a esse respeito escreveu que “indivíduos e grupos recorrem indistintamente a todo um conjunto de técnicas capazes de ajudá-los na reconstituição e na significação de seu passado, pois disso depende, em grande medida, o seu futuro”. Nas reflexões da historiadora é possível perceber que **rememorar é tecer fios através das lembranças permitindo que os ouvidos atentos compartilhem de um tempo revivido somente através da memória.**

Após a interação entre avós, estudantes, professores, diretora, supervisores e historiadores, o nome do evento trouxe seu sentido. Diferentes pratos foram preparados por professores e após o evento aconteceu um momento de socialização entre as partes através de chá, biscoitos de queijo, biscoito fofo, pão de queijo, bolos variados, biscoitos fritos de doce, pudim e rosquinhas como pode ser visualizado nas imagens 26 e 27:



Imagem 26 e 27: Diferentes biscoitos e chá para ser servido na confraternização. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Resultados do projeto: culminância das atividades realizadas e o concurso de poemas

Para finalizar o projeto, a partir das experiências vivenciadas pelos alunos, foram realizadas redações com todas as séries envolvidas. Os professores fizeram uma seleção anteriormente dos melhores poemas redigidos pelos alunos e levaram para serem avaliados e julgados a partir da apresentação dos alunos em público.

A culminância do projeto aconteceu a partir do encontro da sociedade escolar e moradores de Cana Brava. O local foi ornamentado com criatividade por professores, alunos e direção. Cada turma orientada pelos professores trouxe um tipo de prato para degustação após o encerramento. Foram programadas apresentações onde os próprios alunos decidiram o que queriam expor. A sequência de imagens 28 a 29 permite visualizar a organização dos momentos finais desse projeto:



Imagem 28: Alunos apresentando o Hino de Cana Brava. Imagem 29: Professores e alunos assistindo a apresentação. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Imagem 30: Mesa composta para julgamento dos poemas. Imagem 31: Alunos apresentando poemas. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.



Imagem 32: Apresentação de alunos ritmo dançante. Imagem 33: Alunos assistindo a apresentação. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva. Imagem 34 e 35: Iguarias preparadas para ser servida após a premiação dos vencedores no concurso de poemas. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.



Imagem 36 e 37: Comida típica preparada para ser servida após a premiação dos vencedores no concurso de poemas. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva. Imagens 38 e 39: Doces, Mandioca e pelotinhas de carne moída preparados para serem servidos após a premiação dos vencedores no concurso de poemas. Fontes: Acervo dos pesquisadores Vandeir José da Silva e Giselda Shirley da Silva.

Após as apresentações dos números artísticos realizados pelos alunos, quatro jurados compuseram a mesa para o julgamento dos poemas, que foram lidos pelos alunos. De cada série foram selecionados dois poemas. Com a apuração do resultado, os ganhadores foram premiados do terceiro para o primeiro lugar. Encerrando esta atividade, os professores serviram alunos e convidados com a gastronomia preparada especialmente para o encerramento desse projeto. Nesta perspectiva, as ações desenvolvidas possibilitaram reflexões entre a comunidade escolar e sociedade canabravence. Com o resultado da pesquisa e do trabalho desenvolvido, professores e alunos perceberam a necessidade de se recuperar a história da localidade, uma vez que se trabalhou no viés da história local e regional. Nas reflexões da diretora Eni, ela relatou que:

Eu sou educadora a mais de vinte anos e nunca participei de um projeto que envolvesse com tamanha amplitude nossos professores, alunos e inserindo a sociedade de pais, avós, tios enfim a nossa sociedade. Nessa última semana havia um alvoroço na escola.

Tivemos que ficar por conta do projeto. Os alunos queriam dar o melhor deles. Os professores saíram para a rua com eles para darem o toque final no que faltava. Nunca vi nada igual. O resultado desses meses de trabalho foi de sucesso. A nossa educação trabalhou de verdade com a realidade dos nossos alunos. Eu quero que no ano que vem vocês apresentem novas proposta para nossa escola. Todos nós crescemos com esse projeto. (Entrevista concedida no dia 12/05/2013)

Refletindo as palavras da diretora, convidamos você a criar novos meios de projetos que trabalhem a cultura escolar e a Antropologia na sua cidade, distrito, vila ou comunidade. O que apresentamos aqui são apenas sugestões que desvelaram no percurso da atividade demonstrando que uma sociedade deve conhecer sua história e memória. Se muitas vezes há silêncio social, há também vozes guardadas que esperam ouvidos atentos para compartilharem do ontem. Elas são o porvir, quando alguém dispõe do seu tempo para escutar. Um sino no alto de uma Igreja é somente um sino. Mas ele desperta o sentimento social de uma comunidade quando alguém o toca. Ele é um símbolo de sentido e sentimento da construção social que a partir de badaladas, marcam ações de vivência comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do projeto executado podemos afirmar, que a relevância deste trabalho estimulou a comunidade a pensar no seu patrimônio cultural como parte do seu cotidiano e da sua própria existência, pensando na sua cultura como um item de valor, inserida no seu contexto de vida. O trabalho de Educação Patrimonial consistiu também em provocar situações de aprendizado sobre suas tradições, cultura, seus lugares de memória e despertou nos alunos o interesse por conhecer e preservar seus bens culturais.

Acreditamos que ao término dessa leitura muitas indagações surgiram por você caro leitor. Assim, esperamos que diante de sua experiência, novas possibilidades reflexivas nascerão dando-o condições de construir outras temáticas, pois não temos palavras finais

para este trabalho. Convidamos você a dar outras contribuições, pois muito tem a se fazer nesse campo aparentemente novo que é o “Trabalho de Educação Patrimonial”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos**. 5ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COSTA, Cléria Botelho da. **Um passeio com Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2.006.

MARTINS, Sara; D. Teixeira. **A Memória de um lugar: Discursos e Práticas Identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa**. Dissertação de mestrado em Antropologia. ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa. 2011.

MORAES, Allana Pessanha de. Educação Patrimonial nas Escolas: **Aprendendo a resgatar o patrimônio Cultural**. 2011. Disponível em: http://www.Cereja.Org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf. Acesso em: 02/de maio 2014.

ORÍÁ, Ricardo. **Educação Patrimonial: Conhecer para Preservar**. 2005. Disponível em www.Minc.gov.br. Acesso em: 10 de maio de 2014.

PELEGRINI, Sandra. C. A & FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SILVA, Vandeir José da. **Guia de Estudos. Antropologia.** Paracatu, 2014.

VEIGA, Renato Gomes (org). **Educação, Cultura e Sociedade: Abordagens Críticas da Escola.** São Paulo: Germinal, 1996.

POR UMA DEFINIÇÃO PEDAGÓGICA DE COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA

Marcelo Marques Araújo*
Rafael Duarte Oliveira Venancio**

RESUMO

O artigo pretende definir a ideia de comunicação multimídia que atenda tanto os arcabouços teóricos da Pedagogia como da Comunicação Social. Partindo de uma investigação dentro do campo da Linguagem, a busca por essa definição partirá de duas palavras-chaves: bricolagem e interatividade. Com isso, há aqui a concepção de uma ideia de multimídia que seja adequada para aplicação, por exemplo, na formação de professores, instrutores e facilitadores, bem como o seu uso pela Educação à Distância.

Palavras-chave: Pedagogia, Comunicação Social, Multimídia, Bricolagem, Interatividade

Introdução

Cada vez mais instrutores, professores e facilitadores estão utilizando a multimídia para mediar as suas ações de ensino-aprendizagem. A multimídia dá a estes profissionais da educação acesso instantâneo a uma variedade de recursos tais como slides, vídeos, trilhas sonoras, animações e até planejamento de lições. Estes materiais facilmente acessíveis via Internet, podem ser utilizados como suporte às atividades em sala de aula ou como recursos para aprendizagem cooperativa, desenvolvimento do pensamento crítico, discussões,

*Doutor em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Adjunto II no Curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

**Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo. Professor no Curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia

sessões de perguntas e respostas, como material para revisão, resolução de problemas, ou auto-estudo.

Seja através de merchandising utilizando *kiosks* multimídia interativos, seja pela utilização de sistemas de treinamento corporativo online (também conhecido pelo nome em inglês “e-Learning”) ou mesmo videoconferência permitindo reuniões face a face sem a necessidade de viagens, a multimídia vem revolucionando a maneira como o mundo corporativo e as indústrias em geral estão se relacionando com seus funcionários, clientes, parceiros, e fornecedores. A rede multimídia global está tornando possível a disponibilização de serviços e capacitação a qualquer hora e em qualquer lugar.

Muito da inovação na área de som, imagem e animação é originada pela indústria do entretenimento digital. Existe uma intensa competição entre os produtores de jogos para disponibilizar recursos e efeitos cada vez mais sofisticados e engajantes aos seus usuários. Pesquisas e desenvolvimentos em realidade virtual estão fornecendo novas possibilidades de visualização, movimentação e interação transmitindo aos usuários a sensação de estarem interagindo com uma realidade virtual mas sim com um ambiente real.

A comunicação multimídia, talvez, seja a ferramenta mais importante para a Educação à Distância. Afinal de contas, a própria ideia de ambiente virtual é multimidiática por vocação.

Segundo o Glossário de Termos da EaD³, produzido pela equipe de Ensino a Distância do Centro de Computação da Unicamp, o termo **multimídia** é definido com o breve enunciado, “meios múltiplos utilizados em combinação para apresentar uma mensagem”. Vamos caminhar um pouco mais para observarmos outros horizontes.

Uma outra definição⁴, extraída do Manual “Multimídia Aplicada a Educação”, da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, registrou o termo **multimídia** da seguinte forma: “o recurso do uso de

3 Disponível em: <http://www.iaar.unicamp.br/lab/luz/ld/Gloss%E1rios/Gloss%E1rio%20EAD.pdf>

4 Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000014211.pdf>

computadores para apresentar e combinar texto, imagem, áudio e vídeo com conexões (links) e ferramentas que permitam a navegação, interação, criação e comunicação”. Esta definição contém quatro componentes essenciais da multimídia. Primeiro, temos que ter um computador para coordenar a apresentação das mídias com as quais vamos interagir. Nesta mesma linha, Pádua (2011), afirma que multimídia é uma maneira de se criar documentos, usando um computador, onde pode-se combinar texto, gráfico, animação, vídeo, som e qualquer outra mídia que venha a ser desenvolvida. No segundo componente, temos que ter conexões (links) entre as informações. Terceiro, temos que ter ferramentas de navegação que nos permitam movimentar pelas telas/cenários e ativar os diversos recursos. Finalmente, considerando que a multimídia não é um evento passivo, deve se propiciar meios para reunir, comunicar e compartilhar informações e ideias.

A multimídia, assim como a leitura, está se tornando uma habilidade básica na nossa vida neste século vinte um. Aliás, a multimídia está mudando nosso próprio processo de leitura. Ao invés de limitarmos o processo de apresentação e leitura de textos a um formato linear, como impresso nos livros, a multimídia oferece a possibilidade de ampliar a dimensão e importância das palavras de um texto. Além de trazerem um significado, as palavras num ambiente multimídia servem como um gatilho que os leitores podem usar para expandir o texto com o objetivo de aprender mais sobre um tópico.

As atividades digitais multimídia, na sua maioria, possuem grande apelo visual, acabam encantando pelo layout com cores vibrantes, som e movimento e fascinando até a todos que se impressionam com a interface colorida, o áudio e os vídeos.

Tendo isso em mente, no presente artigo, analisaremos como podemos pensar o multimídia dentro de uma noção pedagógica. Primeiramente, vamos desvelá-lo enquanto mecanismo de bricolagem linguística. Depois, vamos falar de sua condição interativa enquanto ferramenta pedagógica. Por fim, apresentaremos uma definição de multimídia que atenda tanto o arcabouço da Pedagogia como da Comunicação Social.

Multimídia como mecanismo de bricolagem

Com a facilidade posta pela web e pelo barateamento do dispositivo de produção audiovisual, a tendência para internet é termos, tal como colocam autores como Newcomb e Hirsch, realizadores hipermidiáticos que agem como *bricoleurs culturais*. Aqui, a comunicação é vista

como um processo de reconstrução e de renegociação da realidade e consideram os produtores como bricoleurs culturais. Uma qualidade que os citados autores também atribuem ao espectador, ao homologar sua projeção nos textos ou sua identificação com os personagens televisivos com a aspiração de muitos produtores de introduzir em seus programas ideias próprias ou de utilizar a televisão como um meio de expressão pessoal (LACALLE, 2010, p. 86).

Para esses *bricoleurs*, o ciberespaço é o ambiente ideal para tais construções:

O conceito de bricoleur cultural de Newcomb e Hirsch parece-nos útil para definir, na atualidade, a crescente atividade de um espectador transformado em usuário, que se multiplica na Rede e introduz na interpretação retalhos de sua realidade cotidiana, inclusive de sua própria biografia. Um espectador transformado em uma constante fonte de inspiração para os responsáveis das diferentes produções, cujo feedback através da Internet (chat, fóruns, blogs, redes sociais etc.) configura uma viagem circular, de ida e volta desde a produção até a recepção, que engloba o paratexto (Genette) no texto, e a construção de significação na produção dos programas (LACALLE, 2010, p. 86-87).

Com isso, não há mais as antigas fronteiras. Uma das principais características dos computadores multimídia é a capacidade de manipular os mais diversos de tipos de mídia. Estes podem ser agrupados em cinco itens básicos: texto, som, imagem, animação e vídeo.

O texto é a forma mais básica e simples de se representar dados em um computador. Um texto em um computador pode estar em dois formatos. No formato ASCII, o texto não possui nenhum tipo de formatação, enquanto num formato estruturado (Word, Wordperfect, HTML) é possível apresentar os textos formatados, tornando a leitura mais agradável.

No entanto, há a sua evolução, o hipertexto. É a forma mais comum de representação da hipermídia. O texto é apresentado na tela do computador de uma maneira diferente da representação sequencial (como a de um livro, por exemplo) usando "link" onde o usuário pode navegar entre pedaços de textos relacionados.

As imagens, ou o gráfico, são digitais. E a maioria das imagens é armazenada na forma de mapa de bits, mas alguns aplicativos mais sofisticados utilizam imagens vetoriais que são formadas a partir de primitivas gráficas (ponto, reta e círculo).

No campo sonoro, a principal característica que o som apresenta e que não encontramos no texto e nas imagens é que o som possui característica temporal. Os formatos de som podem ser: WAV, AIFF, SND, MP3 estes armazenam a informação sonora na forma de sua respectiva onda. Já o formato MIDI, mais indicado para armazenar informações sonoras oriundas de instrumentos musicais armazena uma sequência de notas equivalente a que é tocada no instrumento.

Por fim, no campo audiovisual, o vídeo digital é a forma mais rica de se apresentar um conteúdo. Num computador, o vídeo é armazenado de forma muito parecida com a de um rolo de filme, ou seja, uma sequência de quadros. Os formatos de vídeo digital podem ser: AVI, MPEG, MOV.

Com esse amplo universo de trabalho de bricolagem da linguagem, o multimídia se abre enquanto um espaço para o diálogo. Assim, para continuar sua definição, precisamos pensar na interatividade. Como queremos aqui pensar em uma condição pedagógica, é interessante nos lembrar da dicotomia posta por Paulo Freire entre educação bancária e o educador-educando.

UMA PEDAGOGIA DA INTERAÇÃO

Porém, o que é a educação “bancária”? Ela é uma teoria de ação antidialógica, ou seja, não há interação entre as duas pontas da mediação. O conhecimento, através do educador bancário, se resume em meros “comunicados” e não diálogo. Esses depósitos constituem “a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 2005, p. 66).

Seria, então, um processo didático feito unilateralmente. Não se pesquisaria e pensaria acerca da condição do *habitus*. Ora, tal como Bourdieu (2000) e Wacquant (2011) afirmam, o *habitus* é a fonte de produção de práticas individuais e coletivas. É uma fonte histórica cujos esquemas práticos são engendrados pela presença ativa das experiências passadas, depositadas em cada organismo em forma de esquemas de pensamento e ação, pondo regras formais e normas explícitas para garantir a conformidade das práticas e sua constância durante o tempo.

Wacquant (2011, p. 85-6) vai além e delimita quatro propriedades do *habitus*: (1) o *habitus* é um conjunto adquirido de disposições; (2) na dimensão do *habitus*, a expertise prática opera abaixo do nível de consciência e discurso; (3) o *habitus* varia pela localização social e trajetória e; (4) o *habitus* é um resultado de um *trabalho pedagógico*.

Assim, o *habitus* se torna o bilhete de ingresso e de permanência em um determinado *campo*, conceito igualmente bourdiano. Ele é a dimensão prática dentro do escopo teórico posto pelo último. O *habitus* é a performatividade, a ação linguística, a *práxis social*. Ele é o resultado da atuação de uma linguagem específica enquanto ferramenta social, consideração essa que Bourdieu compartilha tanto com Chomsky como com Wittgenstein.

Na educação de adultos, segundo Paulo Freire, “não interessa a esta visão 'bancária' propor aos educandos o desvelamento do mundo, mas, pelo contrário, pergunta-lhes se 'Ada deu o dedo ao urubu', para depois dizer-lhes enfaticamente, que não, que 'Ada deu o dedo à arara'” (FREIRE, 2005, p. 70).

O antimodelo freireano nos alerta, primeiramente, para uma situação de concentração do saber que implica, no limite, uma opressão daqueles que não sabem. No bancarismo, o “saber” é doado dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber, fundando-se nas

manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca (FREIRE, 2005, p. 67).

Essa rigidez de posições implica a cristalização da opressão e da difusão de conhecimento. Com isso, podemos pensar tanto a escola quanto o curso universitário de jornalismo. Freire, para aprofundar sua reflexão, traçou um decálogo das condições bancárias. Nela:

(a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; (b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; (c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; (d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; (f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; (h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele; (i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; e (j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 2005, p. 68).

As conseqüências não ficam apenas na relação de difusão. O conhecimento em si é afetado, tornando-se o que Sartre chama “de concepção 'digestiva' ou 'alimentícia' do saber. Este é como se fosse o 'alimento' que o educador vai introduzindo nos educandos, numa espécie de tratamento de engorda” (FREIRE, 2005, p. 72).

Assim, uma didática “bancário”, posto por protocolos e sem o exercício da vivência, transforma a iniciação no *habitus* em “lavagem de porco”, ou seja, algo que o aluno precisa saber porque precisa saber tal qual o porco que precisa comer porque sua função é ficar gordo para o abate. Com isso, a educação superior se coloca em condição análoga à situação de alfabetização de o Brasil vivia (e vive até hoje) na época de Paulo Freire, que produzia alfabetizados funcionais e não “sujeitos do processo”, seja ele escolar ou social.

Para termos alunos que sejam sujeitos do processo social, há necessidade de colocarmos o professor, tal como nos compele Paulo Freire, enquanto um educador-educando. Ou seja, uma situação de ensino onde “educando e educador estão ambos em posição de trocar conhecimentos, gerando um contexto de aprendizagem e ensino onde um ensinará ao outro aquilo que conhece” (VASCONCELOS & BRITO, 2006, p. 94). Freire explica que essa relação educacional envolve a superação do “bancarismo”, o diálogo e a mediação do conteúdo. Ela provoca um novo termo:

não mais educador, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (...). Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 2005, p. 78-9).

Na condição de Educador-educando, o docente favorece uma nova dinâmica de iniciação ao *habitus*. Ao invés de serem iniciados nos constrangimentos do poder econômico e a formatação de acordo com regras internas, os alunos podem entrar no *habitus* jornalístico de maneira crítica e criativa enquanto sujeitos desse processo social. E é apenas como sujeitos, e não sujeitados, que essas gerações futuras poderão renovar a importância e a legitimidade da educação perante o público. E o multimídia será uma ferramenta importante nisso. Afinal, a bricolagem com esse tipo de interatividade é o ideal para o Educador-educando.

MULTIMÍDIA: UMA DEFINIÇÃO

Tradicionalmente, o campo do multimídia é dividido em multimídia, crossmídia e transmídia. Todos são cunhados enquanto conceitos formulados como formas de se contar uma história com uso combinado de diferentes plataformas de mediação.

O multimídia, nessa concepção, é uma história contada através de diferentes mídias simultaneamente, com sua narrativa apoiada por artefatos espalhadas por vários tipos de mídia. Nenhum desses artefatos pode contar a história por conta própria e a narrativa não pode ser entendida se faltar um desses elementos.

Já no crossmídia, uma história é interpretada de forma independente em diferentes mídias, de modo que consumir a história em um meio pode reforçar sua compreensão em outros. A interpretação da história em cada meio individual é auto-suficiente. Exemplos comuns são adaptações cinematográficas de livros (Harry Potter).

Por fim, no transmídia, várias histórias compõem um único universo, mas cada uma é contada através de diferentes meios de forma autônoma, e se complementam para dar forma a uma só grande narrativa. Exemplos são trilologias de cinema, quadrinhos e mundo virtual, todos eles sendo auto-suficientes, mas ao mesmo tempo reforçando uns aos outros (Matrix).

Claro que a tradição conceitual nos diz que estas abordagens não são mutuamente exclusivas. Combinando esses gêneros, é possível conceber, por exemplo, trans-narrativas multimídias (Lost, com TV, ARG, game, jogo de tabuleiro, romances e outros artefatos). No entanto, é isso que queremos de um multimídia com bricolagem e interatividade.

Para isso devemos pensar o multimídia de forma diferente. Com tudo que refletimos no presente artigo, podemos dizer a seguinte definição. O multimídia é um exercício de bricolagem das diversas formas de linguagem verbal e não-verbal realizada em ambiente digital e/ou internético, possibilitando a interação através do diálogo, fazendo que os conteúdos, sob as diversas formas linguísticas, se torne um mecanismo de criatividade e crítica por via de sua recepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Seuil, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LACALLE, C. As novas narrativas da ficção televisiva e a Internet. *Matrizes*, v 3, n. 2, p. 79-102, jan./jul. 2010.

PÁDUA, W. *Multimídia: conceitos e aplicações*. 2ª Ed. São Paulo: LTC, 2011.

VASCONCELOS, M. L. M. C. & BRITO, R. H. P. de. *Conceitos de educação em Paulo Freire*. Petrópolis: Vozes, 2006.

WACQUANT, L. *Body and Soul*. Oxford: OUP, 2006.

WACQUANT, L. "Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter". *Qualitative Research in Psychology*. vol. 8. London: Routledge, 2011.

CADERNO DE RESENHAS

A BUROCRATIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Resenhado por / *Reviewed by*: Rosa Jussara Bonfim da Silva*

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação Básica**: política e gestão da escola. Brasília-DF: Liber Livro, 2009, 219 p.

Este texto de Sofia Lerche Vieira (2009) discute e amplia a discussão em torno das legislações e da política educacional brasileira e a sua extensão efetivamente comentada no conjunto dos temas deste livro, na prática da gestão dos sistemas e, principalmente, das escolas, elencando um conjunto de aspectos, sobretudo aqueles que indicam a precisa avaliação de resultados e planejamentos mais abertos no tocante às políticas públicas arrojadas.

Do ponto de vista da autora, a educação brasileira precisa de um plano mais vigoroso e preocupações com a gestão compartilhada, onde cada escola dirá o que deve ser ponto de realização ou não. Os projetos provenientes de nova visão promoverão as realidades pontuais de cada região desse imenso País. Sendo assim, este livro em sua Introdução oferece uma contribuição singular à questão de gestão da escola, cuja experiência da autora como docente nos passa sua visão problematizadora das situações deste nível da educação escolar no Brasil.

Nesta resenha, pretendo seguir e compartilhar algumas ideias de Vieira quanto as suas reflexões, de forma a compreender a importância desse tema. As fontes de informações são muito ricas e criam em torno dessa temática um componente essencial para os que devem realizar os seus trabalhos e tarefas na gestão pública ou privada nas escolas de ensino básico.

Vieira elucida que os pesquisadores da educação não podem

*Mestre pela Universidade Católica de Brasília (UCB) em Educação/Ensino e Aprendizagem, bolsista pela Capes. Professora da Secretaria Municipal de Educação de João Pinheiro (MG). E-mail: rosa.jsilva@catolica.edu.br

furtar-se ao enfrentamento de tais conteúdos que, muitas vezes, tendem a ser simplificados por especialistas em outros campos do saber. Magistralmente, a autora coloca a importância da manifestação da identidade docente nos aspectos das políticas públicas. E, assim compreendemos que é apenas uma questão de ajuste epistemológico com relação à temática de utilização dos recursos ao longo dessa série de construção de percentuais no orçamento da União para atendimento de certas 'necessidades' das políticas e gestão das escolas públicas do Brasil.

A obra destaca a importância da legislação para o conhecimento da Estrutura e Funcionamento do Ensino, faremos uma pequena incursão à Constituição Federal de 1988 e ao texto da LDB (Lei nº. 9394/96) como mera formalidade na construção deste texto.

DOS CAPÍTULOS ANALISADOS

Capítulo 1 - “Definindo conceitos”

Neste capítulo introdutório, na sua concepção, discute os conceitos da Estrutura e Funcionamento do Ensino. É um capítulo de grande esclarecimento quanto à forma como a autora vê sua aplicabilidade no campo educacional. Há, segundo a autora, uma ampla e necessária articulação de duas vias, quando uma escola estruturada pode oferecer uma educação de qualidade e se manter atuante durante certo período como modelo a ser seguido.

As ideias sobre gestão educacional e gestão escolar, diante a legislação brasileira são apenas citadas, mediante as maneiras como a estrutura estatal trata as questões nacionais. Órgãos como o MEC – Ministério da Educação, o SEB – Secretaria de Educação Básica e FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação correspondem às instâncias que relevam essas proposições legais e regulamentam qualquer dado a ser considerado válido nas suas atuações em base de dados regulamentares.

Estes órgãos dispõem nas suas bases de dados, um quadro bem nítido sobre a distribuição de recursos em diversas áreas do complexo conjunto organizacional do governo federal e instâncias outras em diversos níveis de poder público, diante de políticas públicas concebidas no afã de contribuir com a qualidade da educação.

Capítulo 2 – “Base Legal”

A legislação educacional é fruto de uma reflexão histórica e tão somente uma breve reconstrução do caminho pelos quais as leis de reforma da educação no país tomaram outros rumos. A Constituição Federal de 1988 e a Lei nº. 9394/96 – a famosa LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira, cujos assuntos destacados são o direito à educação e o dever do Estado, a forma como a educação se apresenta em níveis e modalidades de ensino, os profissionais da educação e as gestões – educacional escolar e democrática.

Nas páginas 46-48, deste compêndio, são apresentadas as considerações finais, quanto aos anos já passados da efetiva implementação desses aspectos relacionados à educação, onde Vieira coloca a comparação com indicadores educacionais de outros países, e deixa claro que não estamos logrando êxito em equacionar questões que há muito deveríamos ter superado, tais como a qualidade em nossos planejamentos, nossa infra-estrutura escolar e outras condições que nos elevam à categoria de um país como Burkina Fasso, na África Ocidental, a uma escola dos Povos Pueblos, no Novo México, e enfim, confunde-se a política pública com gestão governamental. Somos responsáveis dessa sintomática situação onde prevalece os parâmetros de uma qualidade a ser alcançada, mas as nossas rodas são feitas, e conservadas, de barro original há quase 76 anos de educação pública, ou seja, escola pública no Brasil.

(Parte I – Unidade 2 – Financiamento da Educação)

Capítulo 3 – “Receitas Ordinárias”

Como afirma Vieira, na abertura desta Unidade, o financiamento e um dos fatores determinantes para a operacionalização da política e da gestão da educação. O que entendemos da complexa máquina do Estado (Setor Público), na sua melhor representação burocrática e gestora dos recursos advindos de um orçamento cujo índice de apropriação chega em torno de 7% do PIB – Produto Interno Bruto, que são produtos, serviços, objetos, que são produzidos num país ao final de um ano, neste caso, no Brasil. (Vide artigos 212 da CF/88 e 69 da LDB). O que dizer, então, do financiamento do setor privado? Temos dados importantes que formalizam a construção de recursos e sua aplicação neste setor, via poder público, sob o manto da responsabilidade social, como o “Sistema S” – Sesi, Senai e Sesc.

Destacamos ainda, neste texto, o FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, constituído na ocasião da promulgação da LDB, instituído pela EC nº. 14/96, sendo de caráter contábil e vigência até 2006 (1996-2006). Como as suas atribuições e convenientes situações modeladas na batuta do Congresso Nacional, no dia 19 de dezembro de 2006, foi criado o FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação, através da EC nº. 53/06, substituindo assim o FUNDEF, sendo que a partir daqui a subvinculação das receitas dos impostos e transferências dos Estados, Distrito Federal e Municípios passará gradativamente para 20%, sendo ampliada para toda a Educação Básica (p.61).

Dentro dos Programas que estariam na esteira dessas “subvinculações das receitas” temos: o Salário-Educação; Programas Federais – PNAE, PNLD, PNLEM, PNLA, PNBE, PNATE e PDDE, todos gerenciados pelo FNDE, dentre os que têm natureza direta e outros indiretamente, ou seja, os que recebem repasses orçamentários ('dinheiro vivo') e outros de natureza de consumo, como o PNLD – Plano Nacional do Livro Didático; todos atendem um dispositivo constitucional (Art. 208, VII da CF/88; LDB, Art. 4º, VIII, e Arts. 70 e 71).

Por ser um tema de complexidade pontual – aqui o denominamos desta forma por requerer leituras mais aprofundadas ao

tema em questão. Por ser um assunto de grande importância, acreditamos que todos os professores que tenham compromisso e espírito de vigilância ao trato da coisa pública, eles deveriam se informar. Os gestores públicos têm por atribuição constitucional divulgar esses dados ao público interessado, e saber como são gastos os impostos pagos ao Estado por todos. O Estado, por sua vez, é responsável de atuar nesta arena de problemas que é tratar de recursos para a educação.

Os contingenciamentos verificados na figura de cortes orçamentários que atualmente atingiram a educação e a saúde, com o decréscimo orçamentário de 7 bilhões de reais, orçamento atual do governo Dilma Roussef, aprovado pelo Congresso Nacional.

Este montante o governo faz 'superávit fiscal' para os seus outros compromissos, tais como pagamento dos juros da dívida pública e os investimentos externos que aplicam uma 'bolada' nas bolsas de São Paulo e não trazem empregos, moradias e nem ajudam a investir na educação brasileira, nesta roda viva financeira internacional, na qual o Brasil faz parte, porque afinal somos todos globalizados por esta intencionalidade de nos fazer 'iguais diante muitos desiguais'.

Capítulo 4 – “Outras receitas”

O Capítulo de tema muito sugestivo. Nele são comentados e analisados outras formas de investir em educação, tais como os recursos advindos de famílias, empresas privadas e institutos que procuram estabelecer o princípio de uma responsabilidade social, ditada no Capítulo anterior.

O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2008, à luz do Relatório de um GT – Grupo de Trabalho criado no âmbito do MEC, entre os anos de 1995-1996, de uma maneira geral, as famílias brasileiras gastam menos em educação do que em lazer, alimentação, transportes e compra de bens de consumo não duráveis. Esses dados serviram com subsídios para a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), que calcula em termos de percentual. Naqueles anos, o gasto em educação por família, em 11 regiões metropolitanas do Brasil, chegou a 3,49%.

O Grupo de Institutos, Federações e Empresas (GIFE) e a Rede GIFE de investimentos privados, em dez anos aumentaram cerca de 208%, cerca de 101 investidores sociais, isto tem aumentado consideravelmente. Mas a pecha de dizer que investimentos sociais privados são formas de uma assistência social desvinculada totalmente de outras ações do Estado traz em sua crítica porque tenta dizer à sociedade, de forma cuidadosa, que parecem tomar ou desobrigar o Estado de algumas obrigações constitucionais, e isso tem dificultado o entendimento sobre os trabalhos de uma Fundação Bradesco ou Fundação Banco do Brasil e o Sistema S – Sesi, Senai e Sesc, por exemplo.

(Parte 2 – Números e Práticas – Unidade 3- Indicadores da Educação Básica)

Capítulo 5 - “Indicadores de acesso: a conquista da quantidade”

O que as Metas do Milênio para a educação (ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), nos diz que devem ser alcançadas até 2015, e dentre os signatários temos o Brasil com as suas mazelas e problemas que sequer poderão vislumbrar melhorias significativas daqui a duas gerações – com raríssimas exceções -, mediante um conjunto de medidas com um viés eminentemente formalista, diante as realidades tomadas para um dos países membros da ONU, daí temos: 1) erradicar a fome e a miséria; 2) atingir o ensino básico universal; 3) promover a igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres; 4) reduzir a mortalidade infantil; 5) melhorar a saúde materna; 6) combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; 7) garantir a sustentabilidade ambiental; e 8) estabelecer uma parceria mundial par o desenvolvimento. Tornando a nossa crítica uma parte de sustentação da tese formulada nas primeiras linhas, os problemas que estão relacionados, a maioria, persistem em países cujas populações vivem abaixo da 'linha da pobreza', segundo a ONU, ou seja, vivem com menos de US\$ 1,00 (um dólar) por dia.

A qualidade de programas federais e ações que desvinculam orçamentos federais e regionais na possibilidade de atendimento a este grupo de itens dessa Meta Mundial é o que vem sendo realizado no Brasil. Por exemplo, o programa Bolsa Família (Acesso: www.mdsprogramas/bolsafamilia@gov.br, em 23/03/2014), é considerado o maior Programa de vinculação orçamentária direta à população carente deste País.

Segundo dados do Ministério da Fazenda, cerca de 20 milhões de pessoas 'passaram' ou foram inseridos num outro patamar econômico-social, com este Programa. Cidades do interior do Brasil vivem uma verdadeira revolução econômica, mas quais os verdadeiros resultados gerados e impactos dessa aplicação orçamentária na população? Os índices de analfabetos, crianças natimortos e igualdade entre gêneros, e, também, doenças tropicais foram erradicadas em nosso País, resultado da boa aplicação desses recursos? São perguntas que sempre fazemos quando o governo federal anuncia 'progressos' nesses índices vistos de sua população.

No Capítulo 5 – Indicadores de acesso: a conquista da qualidade, fazendo uma comparação desde o surgimento da escola pública em nosso País e os índices de acesso aos dados da Educação Básica, trata-se de um capítulo de qualificação a dados obtidos por meio do acesso aos formatados pelo IPEA, salvo engano, e distingue a natureza de composição do perfil da população brasileira, que tem acesso à matrícula na Educação Básica, constatando um importante vetor para pesquisas futuras, dentre eles relacionamos os índices de acesso de jovens e adultos a este nível ainda fica aquém do desejado. Salvando-se, entretanto, o aumento considerável das matrículas na Educação Básica, destaque o Ensino Médio (1995-2005), cerca de 6.000.000 de matrículas, e em termos gerais a sua contraditória redistribuição e não universalização nos segmentos dos Ensinos Infantil e Fundamental (p. 98-99).

O Capítulo 6 - Indicadores de sucesso: a construção da qualidade, visou os dados formatados no que tange a taxas de rendimento e a sistemas de avaliação – SAEB, Prova Brasil, ANA, ENEM, IDEB, considerando-os todos importantes instrumentos de avaliação

atualmente relacionados às Metas do Milênio já referenciadas acima.

E, também, não podemos esquecer do PISA criado pela OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que vem juntamente que esses outros sistemas de avaliação surpreender as planilhas de custos dos economistas porque se distanciam e qualificam, pontualmente, uma amostra 'semi-direta' de algumas boas escolas; por serem dados estatísticos servem para mascarar os índices de insucessos e/ou sucessos em disciplinas que averiguam, por uma didática unilateral e pontual, progressos distintos de classes de crianças e jovens munidos de pouca cultura geral e pegos de surpresa quando de sua aplicação e formalista eficácia dos seus resultados.

Luiz Fernando Dourado, em seu *paper* para a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Recife-PE, Brasil, ano de 2010, fazendo um diagnóstico sobre o PNE – Plano Nacional de Educação, no seu primeiro decênio (2001–2009), disse com muita propriedade, as relações do Estado com os agentes geradores e formalizadores da educação e políticas educacionais advindas deste enfrentamento histórico, nos vários processos de assimilação burocrática, sobrepõem às formas ideológicas privilegiadas das elites dominantes em suas visões de mundo e coisas, parafraseando A. Gramsci, “A Concepção dialética da história”. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1986)¹.

A partir deste ponto, se nos permitirem, e achando a necessidade de construir outra visão desde que não haja um argumento de maior valor para conceber este entendimento sobre políticas públicas voltadas à educação que nós queremos, expresso as impressões de Dourado (2010), com a intenção de destacar uma lacuna no texto de Vieira, no que diz respeito a forma de totalizar e enxergar a questão de política e gestão da escola. É válido relativizar uma opinião crítica à luz desta avaliação do PNE, porque buscará o futuro debate para próximo PNE que está sendo discutido “eternamente” no Congresso Nacional.

O estudioso avalia o PNE nos anos de 2001 a 2009, enquanto política pública, propondo uma visão condensada entre a sua natureza epistemológica e política primeira, e as subjetividades e objetividades tornadas com efeitos pelas condições sociais vistas numa população

atendida por essas políticas públicas que, por sua vez, são os seus reflexos, não obstante tornar as formas de avaliação acadêmica válidas por este debate; o autor deste texto começa a sua caminhada pela discussão do termo ciência como produtora de conhecimento social e sua inatingível camada de representação da verdade que nos cerca: o conhecimento pleno.

O que ele propõe? Abaixo, pontuamos 8 (oito) itens de que a Educação Brasileira deve se pautar; a construção de um Estado-nação forte e autônomo, deverá atender a essas exigências mínimas para a formulação do próximo PNE, a ser debatido com a sociedade civil articulada e atuante. São eles:

- 1º)** uma análise do PNE no campo das políticas públicas;
- 2º)** a participação da sociedade na composição deste Plano;
- 3º)** a relação entre os agentes públicos-políticos versus atores sociais na dinâmica de controle social (KROEBER, 1978 a, 1980 b)- na eterna dialética marxista de classes sociais e ações do Estado (capital e trabalho)- verificada na balança dos conflitos sociais e outros papéis assumidos pelas classes dominantes e suas justificativas para se manterem efetivamente no poder;
- 4º)** compreender as políticas públicas de Estado como único caminho a ser visto, e por assim estabelecer o papel de cada um no sistema, cuja relação sociedade e educação não se perca apenas por parecer definida na construção de um cotidiano revelador a todos;
- 5º)** o contexto político se faz sócio-cultural/sócio-político pelas condições que lhes são apresentadas, bem como na regulamentação da sociedade, já encontrada institucionalizada e revestida dum direito social à educação, às dinâmicas organizacionais refletidas nas políticas de acesso, gestão e permanência, empurrando o processo histórico de exploração verificada em nossa história da formação da sociedade brasileira – o *ethos*, o início, o ser gerador desta desigualdade educacional; fruto de um modelo perverso de sociedade escravagista e patronal político-societário, visto desde o Brasil Colônia e adentrando-se no Brasil Republicano (Eduardo Bueno, “Brasil: Terra à vista!”. São Paulo. L&PM, 2003);
- 6º)** a educação é entendida, segundo a sua análise, como 'direito social

fundamental' (ob. cit., p.680); a sua caracterização é demandada por enormes disputas de posições políticas – é um ato político que expressa diferentes concepções e é traduzida em políticas educacionais, porque falta-lhe algo maior que é o planejamento escolar, proposto por aquele grupo social que organiza; reafirmando que não há a intenção de implantá-la por inteira porque há interesses contraditórios na sua plena efetivação e reforçam as desigualdades estruturais;

7º) a relação entre a sociedade e educação tensionada na forma como se estrutura e planeja a construção de um limite institucionalizado, dar-se-á por uma dinâmica organizativa mais ampla: o PNE avaliado pelo autor procura a otimização desses componentes estruturais e relacionais, em vista dos processos mais dinâmicos e aplicáveis, dado em conta as realidades justapostas, em diferentes níveis de modalidades da educação nacional, isto é, uma educação mais democrática, com qualidade e um direito social comum a todos, sem desbancar os primores da sociabilidade capitalista específica do nosso país; e, por fim,

8º) as dificuldades de se avaliar as políticas públicas em nosso país, porque se constituem um fator de tensão permanente entre aquilo que os técnicos acreditam que 'vai dar certo' e a política de Estado/governo que, por sua vez, testificam os vários interesses políticos que dão aval à sua aplicação e conseqüente aplicabilidade, ou seja, quando um governo começa a implementar a sua 'política educacional/ensino etc.', o tempo é fator de descontinuidade para o próximo que assume os poderes local, regional e/ou nacional, pois há carência de um planejamento sólido e contínuo na seqüência de quem assume o governo, numa sucessão de tradição republicana que denominamos governos ou Eras – Vargas, JK, FHC, Lula, Dilma etc. , por exemplo.

E traduzindo, mas dentro desta ótica da busca de uma política pública que passe pelos crivos da observação e análise contributiva da sociedade brasileira, o autor do texto quis dizer que a sua análise se compreenderá por meio do histórico relacional – ideológico, político e social -, duma realidade adversa e imposta pelos afazeres burocráticos diretos do Estado, de viés coercitivo e controlador das políticas

educacionais vigentes, e sem a participação ampla da sociedade; a lógica do Estado está na segurança em que se manifesta nos seus rigorosos e analíticos vetos aos artigos e itens que comporão (ou comporam) a feitura numa edição deste Plano Nacional de Educação, no período de 2001 a 2009.

Também, a materialização das políticas educacionais (entendemos que há argumentos na sua fala por não apenas citar 'políticas de ensino', estrato mais amplo na cadeia de processos de ensino e aprendizagem aos níveis local, regional e nacional), mas poderá indicar um conjunto de potencialidades que sequer chegarão a ser alcançadas, dada a 'ciranda descontínua' de quem está no poder. Não há manifesta continuidade de políticas públicas, e isso não é novidade no sistema político brasileiro onde cada um que assume o poder de decisão, especificamente na área de educação, tem 'grandes planos e projetos para a educação'.

Mas, voltando ao nosso texto, vamos finalizar comentando os dois últimos Capítulos – 7 e 8: o primeiro nos chama atenção sobre 'coisas que já sabemos', como “Uma nação se faz com homens e livros” (Monteiro Lobato), e sob a batuta dos grandes pilares da UNESCO – aprender a ser; aprender a conhecer; aprender a conviver; e aprender a fazer (1999), este capítulo não nos mostra nada de novo, a não ser a fórmula mais recente de ocupar as preocupações dos professores para os novos cenários que se apresentam diante a sua nova realidade escolar: a gestão escolar. Como gerar conhecimento sem planejamento adequado? Uma escola é boa porque é cara, ou é boa porque os seus professores estão comprometidos com os planejamentos e o plano político pedagógico da escola? Estas perguntas giram em torno de uma mesma resposta: não se faz política pública apenas visando índices de aproveitamento. O profissional da área de educação é tradicionalmente mal remunerado em nosso País. As estatísticas e estudos de grandes firmas de consultoria já apontavam para isto!

A impressão que nos dá é que existe uma grande órbita onde giram em torno grandes falácias sobre a condução da educação num país cujas dimensões geográficas são continentais.

Os censos escolares descolam índices – e isto já é assunto do

Capítulo 8, e final, sobre crianças matriculadas no ano de 2006, superaram as estimativas oficiais diante de um quadro político preparado para o crescimento vertiginoso, como o crescimento do PIB em torno de 4,5% e, após quatro anos, um crescimento econômico de 7%, refletindo no tipo de política pública que queremos para educação.

Reconhecida como espaço onde tudo pode acontecer, as escolas brasileiras estão permanentemente fora dos alcances das implicantas políticas públicas e nelas há um espaço para constantes debates sobre qualidade, quantidade e sua importância no cenário político profissional e civil. Ainda conhecidas como instâncias puras de significados humanizados construídos a duras penas, a escola terá sempre o seu lugar na sociedade humana, pois ela tem o poder de disseminar culturas, difundir conceitos e influenciar modos de vida.

Ao término desta despretensiosa Resenha, buscamos tentar estabelecer uma compreensão sistemática sobre os temas referenciados no livro de Sofia Lerche Vieira (2009). O texto de Vieira, como foi já comentado na Introdução, discutiu e ampliou a discussão em torno das legislações e da política educacional brasileira e a sua extensão efetivamente comentada no conjunto dos temas deste livro.

Na prática da gestão dos sistemas e, principalmente, das escolas, elencando um conjunto de aspectos, sobretudo aqueles que indicam a precisa avaliação de resultados e planejamentos mais abertos no tocante às políticas públicas arrojadas e, também, diante de um quadro bem definido e propositado por nós: a educação brasileira precisa de um plano mais vigoroso e preocupações com a gestão compartilhada, onde cada escola dirá o que deve ser ponto de realização ou não, entendemos que repassados os pontos de convergência das políticas públicas, até então advindas das discussões aqui levantadas, basta uma releitura mais apropriada para sentirmos uma pequena falha em seu texto. Acreditamos que isto seja possível, uma vez que tivemos a oportunidade de percebê-lo, daí o 'parênteses' em Luiz Fernando Dourado (p.8-10), no seu *paper* sobre Avaliação do PNE 2001-2009, campo de embates atuais no Congresso Nacional e que se delonga por mais este ano de 2014.

CUIDAR DA VIDA, SAÚDE, EDUCAÇÃO: CONDIÇÃO PARA PROMOVER A SUSTENTABILIDADE E A CONTINUIDADE DA TERRA

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 296 p. ISBN 978-85-326-4388-9

Resenhado por/*Reviewed by*: Bárbara Donnária da Silva Gonçalves*
Maria Célia da Silva Gonçalves**
Maria Rita Ferreira Dias de Souza***

Leonardo Boff é formado em Teologia e Filosofia, somando em seu currículo hoje a autoria de mais de oitenta livros nas mais diversas áreas de humanidades, sendo que a maior parte de sua obra foi publicada pela Editora Vozes. Desde a década de oitenta vem se dedicando intensivamente às questões ligadas à ecologia, contribuindo assim, para a formação de uma ecoteologia da libertação. Foi ativista político e religioso, o que lhe valeu severas perseguições e punições durante a Ditadura Militar brasileira. Entre os livros de sucesso poderíamos citar *“A águia e a Galinha”* publicado pela Editora Saraiva e lido por milhões de pessoas. Em *“O cuidado Necessário”* o autor prolonga e aprofunda o assunto tratado no livro anterior *“Saber Cuidar”* livro que vendeu mais de dois milhões de exemplares.

Na introdução o autor diz que é de bom-tom falar em sustentabilidade, porém ele alerta que esse é um termo utilizado para esconder verdades, com engodo. Ele ainda explica que o conceito

* Acadêmica do sexto período de Medicina da Faculdade Brasileira. E-Mail: barbaradonnaria@hotmail.com

** Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília - UnB. Professora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e coordenadora do Núcleo de Iniciação à Pesquisa na Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). Membro Laboratório Transdisciplinar de Estudos da Performance (TRANSE) SOL/UnB. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

*** Coordenadora de Relações Institucionais, Coordenadora Adjunta do Curso de Pedagogia, professora de Literatura Brasileira, e do curso de Pedagogia da Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP. E-mail: mritafsouza@yahoo.com.br.

geralmente é utilizado como engodo no sentido de adjetivo e não de substantivo.

[...] como adjetivo, a expressão sustentabilidade é agregada a qualquer coisa sem mudar a natureza desta. Posso diminuir a poluição química de uma fábrica colocando filtros melhores em suas chaminés que expelem gases. Mas a maneira pela qual a empresa se relaciona com a natureza, de onde extrai os materiais de produção, não muda; ela continua devastando; os lucros têm que ser garantidos, e a competição não pode perder força. Portanto, a sustentabilidade é apenas adjetiva, de acomodação, e não substantiva de mudança. (p.09).

O autor ainda afirma que “sustentabilidade como subjetivo exige uma mudança de relação para como o sistema-natureza, sistema-vida e o sistema-terra”. (p.09) A mudança só é efetiva quando começa com outra forma de ver a realidade. É necessário perceber que a Terra está viva e “nós somos uma porção consciente e inteligente. Não estamos fora e nem em cima dela, mas participamos de uma relação que envolva todos os seres para o bem e para o mal”. (p.10)

Quando assumimos a posição de protagonistas e de agentes da preservação da vitalidade e da integridade dos ecossistemas, quando nos percebemos como cuidadores da Casa Comum, estamos praticando a sustentabilidade como subjetivo, o autor atenta que: 'a Terra está ficando cada vez mais pobre de florestas, de águas, de solos férteis, do ar limpo e de biodiversidade. E o que é mais grave: mais empobrecida de gente com solidariedade, com compaixão, com respeito, com cuidado e com amor entre todos. (p.10)

Para Boff a sustentabilidade como substantivo só será alcançada no momento em que o ser humano mudar a sua maneira de produzir e distribuir, de consumir e de tratar os dejetos, de habitar a Terra, nossa grande mãe. Para que isto aconteça é necessário: “aprender a ser mais com menos e a satisfazer nossas necessidades com sentido de solidariedade para com os milhões que passam fome e com o futuro de nossos filhos e netos. Ou mudamos ou vamos ao encontro de previsíveis

tragédias ecológicas e humanitárias.” (p.11)

Boff faz uma severa crítica às empresas que só assumem a responsabilidade socioambiental na medida em que seus lucros não sejam prejudicados e sua competitividade não seja reduzida, partindo desse debate o livro **“O cuidado Necessário”** tem o propósito de aprofundar o anterior **“Saber Cuidar”**, demonstrando assim a sua preocupação em alertar a humanidade, pois se não contarmos com o cuidado essencial nunca alcançaremos a sustentabilidade-substantivo nos mais diversos âmbitos da realidade, porque para ele,

Cuidado e sustentabilidade caminham juntos, amparando-se mutuamente. Se não houver cuidado, dificilmente se alcançará uma sustentabilidade que se mantém a médio e a longos prazos. São duas pilastras básicas, não as únicas, que vão sustentar uma necessária transformação do nosso estar na Terra. (p.13)

O teólogo é categórico em afirmar que “ sustentabilidade e cuidado, por sua vez, não se consolidam se não vierem acompanhados de uma revolução espiritual [...] para ser espiritual não precisamos necessariamente estar filiados a uma confissão religiosa ou rezar em uma igreja” (p.13) Para ele ser espiritual é fazer nascer a dimensão mais profunda contida em cada ser humano e que nos torna sensíveis “à solidariedade, à cooperação, à compaixão, à fraternidade universal, à justiça para com todos, à veneração e ao amor incondicional. É controlar seus Contrários.” (p.13)

Boff ressalta que a espiritualidade serve para nos tirar da solidão, que nos faz sentirmos perdidos no mundo e sem raízes, sem saberemos a quem pertencemos ou para onde vamos. “A espiritualidade nos re-reconecta com todas as coisas, abre-nos à experiência de pertença ao Grande Todo, fortalece-nos na esperança de que o sentido é mais forte do que o absurdo e que a luz tem mais direito que as trevas” (p.14)

Para ele:

Nenhuma mudança de paradigma ocorreu na história que não fosse acompanhada pela irrupção de uma nova experiência do Ser e de uma nova forma de vivenciar e de nomear Deus. E agora não será diferente. “Sem a áurea da espiritualidade não há ética, nem sustentabilidade, nem cuidado que se sustentem por muito tempo.” (p.14)

O autor alerta que o livro enfatizará a espiritualidade não pelo fato dele ter formação na Teologia, mas pelo fato de como ser humano ele perceber a urgência do cuidado de tudo, de todas as coisas, da vida e da Terra, sobremaneira de nossa espiritualidade, pois segundo ele “sem essa água cristalina a semente não germina e a mais bela flor não floresce.” (p.15)

O teólogo ainda enfatiza que:

Contou uma fábula antiga que a essência do humano reside no cuidado e uma divindade cuida de cada um de nós. De mais a mais, todos somos filhos e filhas do infinito cuidado que nossas mães tiveram ao nos gerar e ao nos acolher neste mundo. E será simples e essencial cuidado que ainda vai salvar vida, proteger a Terra e nos fazer singelamente humanos. (p.15)

Nesse livro o autor pondera sobre a natureza, a importância, e as decorrências do cuidado, nos relacionamentos humanos (saúde, afetos, educação, etc.), na espiritualidade, e na relação com a Terra como um todo (natureza, criação, universo), para ele

A crise de nosso tempo possui uma singularidade que não era dada nas crises paradigmáticas anteriores. Nestas se pressupunha a integridade do planeta Terra e a subsistência da vida humana como algo garantido e evidente em si mesmo. Na atual, não se pode mais sustentar semelhante pressuposição. A espécie humana pode desaparecer e a Terra ficar gravemente ferida. (p.16)

Partindo dessa premissa o autor reforça a urgência do cuidado, pois segundo ele “está em curso uma sistemática agressão à natureza que já começou nos albores da Modernidade no século XVII e que se acelerou enormemente nas últimas décadas devido às novas tecnologias”. (p.16) Boff é enfático ao afirmar que “ou cuidamos da vida em todas as suas formas, especialmente da vida humana, e de nossa Casa Comum, a Terra, ou poderemos pôr em risco a nossa presença neste planeta.” (p.19)

Para a saída da crise Boff reforça a ideia de que apenas uma coalizão de forças ao redor de alguns valores imprescindíveis nos poderá garantir um horizonte com futuro. Ele elege dois valores como sendo axiais, verdadeiras pilastras que poderão sustentar um novo ensaio civilizatório, a saber: Sustentabilidade e o cuidado.

De acordo com o autor o cuidado representa

Uma relação amorosa, respeitosa e não agressiva para com a realidade e, por isso não destrutiva. Ela pressupõe que os seres humanos são parte da natureza e membros da comunidade biótica e cósmica com a responsabilidade de protegê-la, regenerá-la e dela cuidar. Mais que uma técnica, o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a Terra e para com os seres humanos. (p.21)

Para quem conhece a militância do autor, era de se esperar que uma das palavras mais importantes nesta obra fosse *sustentabilidade*. Boff apresenta sustentabilidade em relação ao *cuidado*.

Se a sustentabilidade representa o lado objetivo, ambiental, econômico e social da gestão dos bens naturais e de sua distribuição, o cuidado denota seu lado subjetivo, as atitudes, os valores éticos e espirituais que acompanham todo esse processo, sem os quais a própria sustentabilidade não se realiza adequadamente (p.21).

Sustentabilidade “significa o uso racional dos recursos escassos da Terra, sem prejuízo do capital natural, mantido em condições de sua reprodução e de sua coevolução, considerando ainda as gerações futuras que também têm direito a um planeta habitável” (p. 20). Para o autor o tema “cuidado é recorrente na reflexão cultural nos últimos tempos [...] Primeiramente ele foi veiculado à medicina e à enfermagem, pois apresenta a ética natural dessas atividades.” (p.22)

Para tanto Boff reforça a ideia de que o cuidado não deve ser inerente apenas a medicina e a enfermagem, mas que “se faz presente também em nível social e pessoal. Ele está presente em duas pontas da vida: no nascimento e na morte. A criança sem o cuidado não existe; o moribundo precisa do cuidado para sair descentemente desta vida”. (p.26)

O cuidado se torna extremamente necessário quando alguém apresenta alguma crise de saúde que exige hospitalização e nesse momento “ele é colocado em ação por parte dos médicos, dos enfermeiros, decidindo sobre os procedimentos a serem feitos e o aparato clínico mais indicado para curar e devolver o paciente à sua família e aos seus afazeres.” (p.27)

É importante ressaltar que o cuidado é exigido em quase todas as esferas da existência humana, desde coisas mais simples, como o cuidado com o corpo, com os alimentos, com a espiritualidade, com atravessar uma rua movimentada. “Como já observava o poeta romano Horácio, o cuidado é aquela sombra que sempre nos acompanha e nunca nos abandona porque somos feitos a partir dele”. (p.27)

O autor ainda elenca figuras humanas seminais no cuidado:

Francisco de Assis, Gandhi, Arnold Leopold, Albert Schweitzer, Madre Teresa de Calcutá Dona Zilda Arns, Dom Helder Camara e Chico Mendes, entre tantos e tantas, a começar pelos mestres das escolas, operadores da saúde como médicos e médicas, enfermeiros e enfermeiras, treinados por nossos pais e mães, avós e avós. São arquétipos que inspiram o caminho da cura e do salvamento da vida e da proteção da Mãe Terra. (p.27)

Para Boff o cuidado não se esgota num ato que começa e acaba em si mesmo. É uma atitude, fonte permanente de atos e atitudes que se deriva da natureza do ser humano. Para ele duas significações são preponderantes no cuidado enquanto atitude:

A primeira designa o desvelo, a solicitude, a atenção, a diligência e o zelo que se devota a uma pessoa ou a um grupo ou a algum objeto de estimação. O cuidado mostra que o outro tem importância porque se sente envolvido com sua vida e com o seu destino. O segundo sentido deriva do primeiro. Por causa deste envolvimento afetivo, o cuidado passa a significar: a preocupação, a inquietação, a perturbação e até o sobressalto pela pessoa amada ou com a qual se está ligado por laços de parentescos, amizade, proximidade, afeto e amor. O cuidado faz do outro uma realidade preciosa como, por exemplo, nossos filhos e filhas e nossos enfermos. (p.28-29)

O autor se pergunta por que dar importância ao cuidado e à sustentabilidade? Ele considera a resposta muito simples: “ou fazemos uma aliança global para cuidar uns dos outros e da Terra, ou corremos o risco de nossa autodestruição e da devastação da diversidade da vida”. Para ele , “o cuidado se impõe para garantirmos a vida e sua continuidade” (p. 38).

Boff inicia a definição do cuidado como “uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a Terra e para com os seres humanos” (p. 21). Porém o sentido de cuidado será explanado ao longo de toda a obra. “Cuidado é uma atitude de relação amorosa, suave, amigável, harmoniosa e protetora para com a realidade pessoal, social e ambiental” (p. 35).

O autor se propõe a conceituar o cuidado, para ele

- *“Cuidado é uma atitude de relação amorosa, suave, amigável, harmoniosa e protetora para com a realidade, pessoal, social e ambiental”.*
- *“O cuidado é todo tipo de preocupação, inquietação,*

desassossego, incômodo, estresse, temor e até medo face a pessoa e a realidades com as quais estamos efetivamente envolvido e por isso nos são preciosas”. “Cuidado é a vivência da relação entre a necessidade de ser cuidado e a vontade e a predisposição de cuidar, criando um conjunto de apoio e proteções (holding) que se torna possível esta relação Indissociável, em nível pessoal, social e com todos os seres vivos.”

· Cuidado-precaução-prevenção constituem aquelas atitudes e comportamentos que devem ser evitados por causa das consequências danosas previsíveis (prevenção) e aquelas imprevisíveis pela insegurança dos dados científicos e pela imprevisibilidade dos efeitos prejudiciais ao sistema-vida e ao sistema –Terra (precaução).(p.35-36)

Sem, no entanto perder de vista a

Preocupação com aquilo ou com quem nos sentimos ligados afetivamente; o cuidado como precaução e prevenção diante do futuro que pode nos trazer surpresas desagradáveis e efeitos danosos; e, por fim, o cuidado como holding, aquele conjunto de medidas e suportes que garantem segurança e paz (p. 127-128).

E ainda:

Cuidar consiste em uma forma de viver, de ser, de se expressar; é uma postura ética e estética frente ao mundo; é um compromisso com o estar-no-mundo e contribuir com o bem-estar geral, na preservação da natureza, na promoção das potencialidades, da dignidade humana e da nossa espiritualidade; é contribuir na construção da história, do conhecimento da vida (p. 227).

Boff cita o pediatra e pensador Winnicott, com sua teoria de base, o *holding*, que se traduz pelo:

Conjunto de dispositivos de apoio, sustentação e proteção, sem os quais o ser humano não vive. É da essência humana [...] a care (o cuidado), que se expressa nestes dois movimentos indissociáveis: a vontade de cuidar e a necessidade de ser cuidado. Isso é patente na relação mãe/bebê. Este precisa de cuidado sem o qual não vive e

subsiste. E a mãe sente vontade, e tem a predisposição de cuidar” (p.30).

Ele ainda reafirma que por um lado, importa cuidar no sentido de sarar feridas passadas e impedir o surgimento de novas, isso implica na preservação com amor das espécies ameaçadas e de assumir com responsabilidade a conservação do ecossistema e da vida da Mãe Terra, buscando replantar as florestas, combater a erosão, controlando a utilização dos agrotóxicos para que não se contamine os mananciais e aquíferos e conseqüentemente que aniquile a biodiversidade.

Com outras palavras ele chama atenção para a urgência de cuidar no sentido de “nos preocuparmos pelo desinteresse dos poderes públicos, pelo tipo de crescimento que extenua os recursos escassos, tolera os desmatamentos (p.39)

O autor atenta durante toda obra que o cuidado é necessário no nível individual (cuidar de si e do outro) e no nível social e geral (cuidar da comunidade e da Terra), conforme a exposição do capítulo seis. Pois para ele:

As águas do rio caudaloso são bem representadas pelo afeto, pelas paixões e pelo coração. Mas são as margens e os limites- portanto, a razão- que lhes constroem o curso e garantem que as águas cheguem ao mar. Ambas as realidades, cabeça e coração, são necessárias e complementares, mas a singularidade do cuidado reside nas águas abundantes e correntes. Sem elas, as margens e os limites perderiam a importância. Estes existem por causa das águas e para servi-las. (p.45)

Preocupado com a vida e o futuro da Terra, Boff desafia e incentiva ações urgentes de precaução e prevenção. Na precaução se revê o que se está fazendo e que ameaça a terra, e na prevenção se estuda antecipadamente, determinadas ações, a fim de sequer iniciar algo que possa prejudicar as condições de vida das próximas gerações.

Um momento de grande profundidade mas reflexões do autor é quando ele cita Martin Heidegger em seu clássico *Ser e tempo* (1929) lembrando que para aquele filósofo a trajetória do pensamento ocidental reflete sobre o cuidado, e esse pensador se inspirou por essa

grande tradição conferindo-lhe, uma centralidade que ainda não existia dele.

O livro parte para a conceituação do cuidado na filosofia. Em Heidegger, segundo Boff,

a verdadeira tarefa da filosofia deve se orientar pelo cuidado de si. Para ele (Heidegger), a realidade somente ganha seu sentido original quando interpretada como cuidado e como preocupação inquieta de si mesmo. [...] Do estudo de Santo Agostinho tira o conceito que vai aparecer em Ser e tempo acerca do “cuidado autêntico”. É aquele que cuida de si e, na liberdade realiza as possibilidades de se auto ajudar (numa perspectiva de futuro). Também deriva dele o “cuidado inautêntico”, que é cuidar de si de maneira obsessionada, ocupando-se de tudo e menos de si mesmo, ou cuidando do outro de modo a torná-lo dependente e até submisso (p. 49).

Através do estudo das cartas de São Paulo, Heidegger dá vida à expressão “o cuidado angustiante” e “a preocupação angustiada”. Jesus disse: não vos preocupei [cuideis] dizendo: “o que haveremos de comer e vestir? Não vos preocupei [cuideis] com o dia de amanhã” (Mt 6:34-35). Com isso, Heidegger não está dizendo que é totalmente ilícito preocupar-se. Ele está pontuando que o ser humano por si mesmo (com suas próprias forças) não consegue livrar-se da inquietação e preocupação diante do futuro. Sua única chance é fazer do Reino de Deus sua preocupação primeira, então as demais preocupações e cuidados quanto às incertezas do futuro (a ansiedade e o cuidado angustiante) serão superadas. A fé do cristão lhe lembra que sua vida está na palma da mão de Deus. Por que se angustiar?

Estudando Aristóteles, Heidegger vai adiante e diz que o cuidado é a condição primeira do ser humano em relação ao mundo. O cuidado

é a fonte prévia de todos os comportamentos possíveis, sejam práticos, teóricos, conscientes ou inconscientes. Pelo fato de o ser humano ser portador de cuidado essencial, cria-se a condição para ele sentir-se conscientemente como um ser-no-mundo. [...] É,

portanto, mais que uma mera inquietação; é a estrutura originária do Dasein, da existência humana, no tempo e no mundo. Ser homem/mulher é ser constituído de cuidado (p. 53).

A fundamentação da argumentação de Boff em favor da Terra é fundamentada por meio do conceito de terra como Mãe Terra e Gaia, isto é, “um superorganismo vivo, que se autorregula e auto-organiza, respeitando seus ciclos” (p. 33), e da qual fazemos parte indissociavelmente. O homem é filho da Mãe Terra. O autor ainda afirma que “Heidegger sustenta que não se trata de invalidar o cuidado e a preocupação diante do futuro, mas de suscitar a fé de que o ser humano não pode, pelas próprias forças, livrar-se da insegurança fundamental”. (p.51

Conforme Leonardo Boff devemos ter cuidado como:

[...] sair da vida com dignidade e com sentimento de gratidão por tudo que o universo ou o Ser nos proporcionou viver e nos concedeu desfrutar, dando-nos coragem para enfrentar obstáculos, resiliência para suportar fracassos, alegria para celebrar os sucessos e a capacidade para amadurecer rumo à nossa plena identidade humana. (p.63)

Caracterizando para ele que “o cuidado é uma forma de amor, e o amor é a concretização do cuidado essencial”. (p.64) Para ele o ser humano para superar a condição humana necessitar ser cuidado, e assim garantir a sua humanidade. Para ele ser também necessita cuidar do outro para se humanizar e, ao exercer sua liberdade, evidencia as possibilidades que esconde dentro de si.

“Desta compreensão do cuidado, enquanto natureza do ser humano no mundo e na história, enquanto dimensão ética que não se deriva do cuidado. O próprio cuidado é sinônimo de ética.” (p.65) e o autor afirma que “somente com esse cuidado teremos condições concretas de salvar a vida, proteger a Terra e garantir o futuro promissor para o projeto planetário humano”. (p.65)

O autor embrenha-se pelo reconhecimento da dignidade

intrínseca da Terra, pois assim, “poderá ser iniciado um novo tempo, o da biocivilização, na qual a Terra e a humanidade reconhecem a recíproca, a origem e o destino comuns” (p. 88). Segundo ele 'o bem humano encontra sua plenitude participando da construção da comunidade e da sociedade'. (p.119) Enfatiza que 'a vida ética e feliz consiste na prática da justiça em nível pessoa (com virtude) e em nível social (com princípios ordenador) com toda corrente de virtudes que a acompanha". (p.121)

Nas suas palavras:

Justiça e cuidado são pilastras sobre as quais se sustenta a morada humana (ethos em grego) e que produzem a possível felicidade e o suficiente bem-estar para todos. A biocivilização que queremos deverá sustentar-se nesse tipo de ética, boa para com o homem e amigável para com a natureza.. (p.136)

O cuidado assume a forma de preocupação consigo mesmo quando nos esforçamos para identifica o nosso centro, que é o nosso arquétipo de base. “O valor de uma se vida de mede pelas grandezas de seus sonhos e pelo empenho contra ventos e tempestades, de realizá-los. E nada resiste à esperança teimosa e perseverante. A vida é sempre generosa. Aos que insistem e persistem ela acabará por dar-lhe a chance necessária para concretizar o sonho”. (p,145) Então irrompe o sentimento de realização, que é mais do que a felicidade, momentânea e fugaz. “A realização é fruto de uma vida, de uma perseverança, de uma luta nunca abandonada de quem viveu a sabedoria pregada por Dom Quixote[...].” (p.145)

Assim, toda a violência que praticamos contra a Terra, praticamos contra nós mesmos. Para materializar tal argumentação, Boff faz a seguinte leitura científica da vida:

Como Terra existimos já há 4,44 bilhões de anos, uma floração feliz de um processo evolucionário que começou há 13,7 bilhões de anos, quando surgiu o universo que conhecemos. Há 3,8 bilhões de anos irrompeu, de algum pântano ou mar primevo, a vida. Há 125

milhões de anos emergiram os mamíferos, a cujo gênero pertencemos, e com eles nos veio o afeto, o carinho e o amor. Há uns 70 milhões de anos emergiu nosso ancestral, que vivia na copa das árvores para escapar da voracidade dos dinossauros. Há 17 milhões de anos já nos separávamos dos primatas e nos fizemos antropóides, com traços que apontavam para a futura humanidade. Há 7 milhões de anos já éramos humanos, portadores de consciência e inteligência. E há 100 mil anos somos plenamente humanos, com um cérebro extremamente complexo, capaz de suportar um espírito cujo voo não se limita a este mundo, mas alcança as estrelas e se abre ao Infinito (p.256).

Diante disso, sem se preocupar com a tradição da teologia bíblica, Leonardo Boff mostra que o homem veio da Terra, do Universo, e, portanto é parte dele – responsável e cúmplice – é filho e hóspede, e não senhor e dono. Tendo evoluído dos mamíferos, possui a razão cordial: o sentimento, o afeto e o carinho. No decorrer da evolução adquiriu também a inteligência intelectual e racional. É, portanto, o único ser vivo, filho da Mãe Terra, capaz de cuidar da natureza, dos seres vivos e de si mesmo (p. 79), através da razão cordial (coração) [*pathos – anima*] e da intelectual [*logos – animus*] (p. 83-84). Suprimir uma em detrimento da outra é um erro. Exemplo disso é que a humanidade iniciou a maior onda de violência contra o sistema-Terra quando exaltou a Razão soberanamente sobre o coração. Nesta fase da história Boff diz que imperou o paradigma da conquista, o qual precisa ser urgentemente substituído pelo paradigma do cuidado, que por sua vez também oferece oportunidades de avanço e crescimento – porém de uma forma nobre e responsável.

Saindo da filosofia e partindo para uma área mais prática, com base no que já expôs, Boff pergunta: O que é preciso fazer para cuidar da Mãe Terra? Sua resposta baseada na *Carta da Terra* é: respeitar, reduzir, reutilizar e reciclar tudo o que é consumido. Rejeitar propagandas que incentivem o consumo insano e reflorestar o máximo possível os muitos estragos já feitos (p. 98). Além disso, trabalhar na produção de produtos orgânicos – excluindo transgenia e agrotóxicos. Outra iniciativa é o *extrativismo*, isto é, extrair solidariamente sem derrubar a

floresta, aproveitando e preservando seus frutos, substâncias, óleos e outros ingredientes para cosméticos. São medidas práticas com vistas ao *bem-viver*, uma ética de visão holística do ser humano na grande comunidade terrenal, sustentada sobre a decência e a suficiência para toda a comunidade, e não apenas e egoisticamente para o indivíduo ou minorias privilegiadas. O *bem-viver* busca um caminho de equilíbrio e “uma profunda comunhão com a Pacha Mama (Terra), com as energias do universo e com Deus” (p. 105) – conceito extraído da sabedoria dos andinos.

Boff afirma que “a primeira determinação do humano não é, pois, o cartesiano *penso, logo existo*, mas o *sinto, logo existo* da visão originária.” (p.131)

Ainda falando sobre a organização da vida em sociedade, segundo o paradigma do cuidado, as observações do capítulo onze são necessárias. Boff salienta a importância da educação. Apressadamente, discerne quatro momentos no processo educativo do mundo ocidental: a educação na idade da razão – crítica; na idade técnica – criatividade; na idade das opressões – libertação; na idade da Terra – cuidado. O processo pedagógico nos legou a necessária coragem e capacidade de criticar, a arte de criar, a humildade de transpor a barreira professor/aluno, maior/menor, superior/inferior, libertando assim os oprimidos e fazendo-os participantes da construção do saber; mas, finalmente, resta a pergunta: onde ficou o cuidado? Na era em que estamos vivendo, a necessidade maior é a de inserir, ou melhor, discernir a presença e a importância do cuidado na educação. É preciso aprender e ensinar a cuidar (p. 254). É momento de quebrar as paredes das salas de aulas e ensinar ao ar livre, deixando que os alunos contemplem a natureza, estreitando seus laços com ela no campo das ideias (resgatando a razão sensível e cordial – p. 262). E o próprio campo das ideias, por sua vez, revelará que já existe uma ligação íntima entre humanidade a Mãe Terra. A sociedade que surgirá disso será diferente. Será cuidadora. Promoverá e respeitará a dignidade integral de cada elemento do Todo, e do Todo de cada elemento.

Cultivar e compreender a espiritualidade do homem é de suma importância para o cuidado, pois é através dela, a espiritualidade, que o

homem conhece sua conexão com o Todo. “O extraordinário do homem-espírito é poder entrar em comunhão com Deus” (p. 190), desenvolver a capacidade de amar e perdoar (p.193), e de compadecer-se (p. 194) do outro e da Casa comum – a Mãe terra. Espiritualidade é abrir-se ao mistério do mundo e ao mistério maior, que é a Última Realidade, ou Deus (p. 199).

Falando sobre o cuidado na medicina e na enfermagem, Boff desenvolve um conceito de saúde que vai além da concepção biológica. Tal conceito ele chama de equilíbrio de corpo-mente-espírito-natureza (p. 205). Em suma, a saúde do homem só pode ser plena se ele estiver de bem com a Terra e se ela estiver bem. Se a Terra está doente, o homem está doente, e vice-versa. O cuidado na medicina e na enfermagem é indispensável porque o ser humano, “o doente”, é um corpo-espírito e espírito-corpo. Tem dignidade. Precisa ser tratado, ou melhor, cuidado como tal. É o que o autor chama de “visão de totalidade” – homem-corpo-espírito-Terra. Na visão da totalidade, a doença é vista como “uma fratura dessa totalidade e a cura como uma reintegração nela” (p. 218). Além disso, o ser humano é, por natureza, frágil. Prova incontestável de sua fragilidade intrínseca é a impossibilidade humana de livrar-se do luto. Cedo ou tarde, ele acontece (e no luto também é necessário um cuidado especial – p. 212-215). Neste sentido, ser saudável não consiste em estar livre de toda e qualquer fraqueza e sofrimento, “mas em poder conviver com eles com autonomia, crescer com eles, e se tornar mais plenamente humano” (p. 211).

O autor conclui a obra defendendo-se preventivamente das críticas, dizendo: “Não são poucos os que, ao término da leitura deste livro, dirão: há nele coisas belas e até profundas, mas se trata de uma utopia”. Porém, Boff afirma que:

Seguramente, há nele muito de utopia, mas de uma utopia necessária. Desta vez, ou a utopia se transforma em utopia, concretizando-se de verdade, ou então nosso futuro comum, da vida e da civilização, estará em grave risco. Temos que tentar tudo para não chegarmos tarde demais ao verdadeiro caminho que nos poderá salvar. E esse caminho passa pelo cuidado e pela sustentabilidade (p.269).

Trata-se de um livro suave e muito pertinente para os tempos de desesperança que vivemos. Uma obra de valor inestimável quando se trata de debater o cuidado necessário à vida humano e a manutenção do planeta Terra. Extremamente destinados a todos os que se preocupam com o cuidar da vida, médicos, enfermeiros, professores e demais profissionais que conseguem enxergar a pertinência da arte do cuidado.

O autor termina o livro afirmando que

*Se na porta do inferno de Dante Aligieri estava escrito: “Abandonai toda a esperança” vós que entrais na porta da Nova Gêneses, na era da Terra e do mundo planetizado, estará escrito em todas as línguas que existem no mundo: **“Não abandonais jamais a esperança, vos que entrais”** (p.272)*

Por tudo isso é uma leitura que vale a pena, se não valesse por toda a obra já valeria pelas suas últimas palavras. “Não abandone jamais a esperança, o sonho e a utopia. O futuro passa por aí” (p. 272).

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os trabalhos para publicação deverão ser apresentados em CD (devidamente etiquetado, com título do texto, nome do autor e e-mail; editor Word for Windows 6.0 ou superior), acompanhados de duas cópias impressas. A identificação do autor e da instituição deverá constar apenas no *arquivo* em CD, que deverá apresentar claramente o título do trabalho científico. Os artigos devem ter entre 15 e 20 laudas e os ensaios entre 20 e 30 páginas (Times New Roman tamanho 12, folha A4), com espaçamento entrelinhas de 1,5. As resenhas e sínteses não devem ultrapassar a 5 laudas. Os trabalhos científicos devem ser normatizados da seguinte forma:

- 1) Título com as letras maiúsculas, centralizado, tamanho 12, em português e inglês;
- 2) Identificação do autor logo abaixo do título, tamanho 12;
- 3) Identificação e endereço da Instituição a qual pertence(m) completos. Todas as notas deverão constar no rodapé.
- 4) Resumo em português, tamanho 12 e espaço simples, no máximo de 10 linhas;
- 5) Palavras – chave (máximo de cinco);
- 6) Abstract, tamanho 12 e espaço simples, reproduzindo o resumo em português;
- 7) Keywords;
- 8) Texto de acordo com as normas da ABNT, sem numeração nos subtítulos. A diagramação dos textos obedecerá às normas da Revista ALTUS CIENCIA. As citações devem ser feitas no corpo do texto: (SOBRENOME DO AUTOR, data) ou (SOBRENOME DO AUTOR, data, página). Ex.: (SAQUET, 2000) ou (SAQUET, 2000, p.31). Caso o nome do autor esteja sendo mencionado no texto, indicar somente a data. Ex.: “Desta forma, Santos (1997), mostra elementos da...”.
- 9) Referências Bibliográficas conforme a ABNT. Bibliografia: deve constar no final do trabalho científico e em ordem alfabética. a) Livros: SOBRENOME, Nome. Título da obra. Local de publicação: Editora, data. Ex.: CORRÊA, Roberto. A

rede urbana. São Paulo: Ática, 1989.; b) Capítulo de livro: SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (Org). Título do livro. Local de publicação: Editora, data. Página inicial-final. Ex.: IANNI, Octavio. Dilemas da integração regional. In: SOUZA, Álvaro (Org). Paisagem território região: em busca da identidade. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. p.133-136.; c) Artigo em periódico: SOBRENOME, Nome. Título do artigo. Título do periódico, local de publicação, volume, número, página inicial-final, mês(es). Ano. Ex.: MACHADO, Lucy. Cognição ambiental, processo educativo e sociedades sustentáveis. Faz Ciência, Francisco Beltrão, vol. 5, n.1, p.131-146, dezembro, 2003.; d) Dissertações e teses: SOBRENOME, Nome. Título da tese (dissertação). Local: Instituição em que foi defendida, data. Número de páginas. (Categoria, grau e área de concentração). Ex.: RIBAS, Alexandre. Gestão político-territorial dos assentamentos, no Pontal do Paranapanema (SP): uma leitura a partir da COCAMP. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2002. 224p. (Dissertação, mestrado em Geografia).

- 10)** Os textos deverão ser enviados após a revisão gramatical e ortográfica.

